

Um Milionário em Lisboa.

Autor: José Rodrigues dos Santos.

Dados da Edição: Gradiva, Lisboa, 13.

Género: Romance.

OBRAS DO AUTOR

ENSAIO

Comunicação, Difusão Cultural, 1992; Prefácio, 01.

Crónicas de Guerra I - Da Crimeia a Dachau, Gradiva, 01.

Crónicas de Guerra II - De Saigão a Bagdade, Gradiva, 02.

A Verdade da Guerra, Gradiva, 02; Círculo de Leitores, 03.

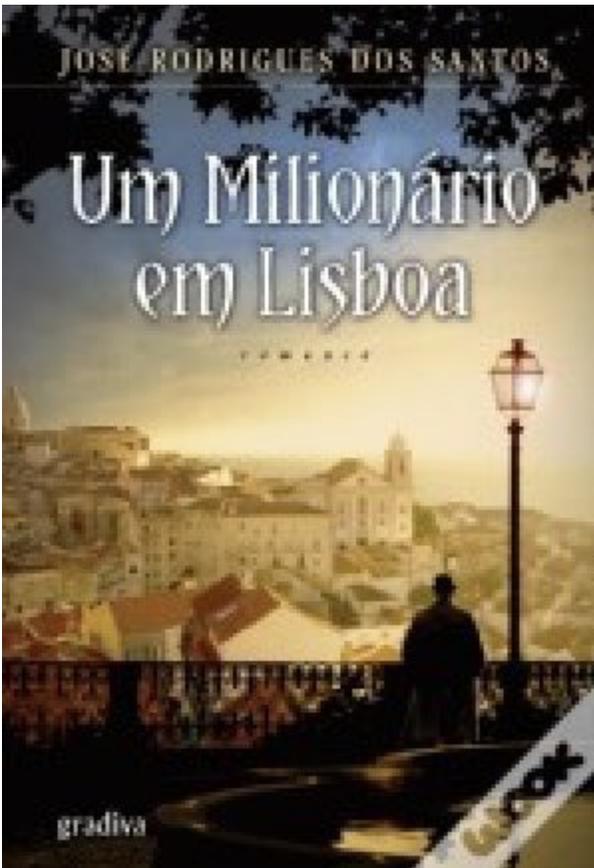
Conversas de Escritores - Diálogos com os Grandes Autores da Literatura Contemporânea, Gradiva/RTP, 10.

A Última Entrevista de José Saramago, Usina de Letras, Rio de Janeiro, 10; Gradiva/RTP, 11.

Novas Conversas de Escritores - Diálogos com os Grandes Autores da Literatura Contemporânea II, Gradiva/RTP, 12.

FICÇÃO

A Ilha das Trevas, Temas & Debates, 02; Gradiva, 07.



Um Milionário em Lisboa.

Autor: José Rodrigues dos Santos.

Dados da Edição: Gradiva, Lisboa, 13.

Género: Romance.

OBRAS DO AUTOR

ENSAIO

Comunicação, Difusão Cultural, 1992; Prefácio, 01.

Crónicas de Guerra I - Da Crimeia a Dachau, Gradiva, 01.

Crónicas de Guerra II - De Saigão a Bagdade, Gradiva, 02.

A Verdade da Guerra, Gradiva, 02; Círculo de Leitores, 03.

Conversas de Escritores - Diálogos com os Grandes Autores da

Literatura Contemporânea, Gradiva/RTP, 10.

A Última Entrevista de José Saramago, Usina de Letras, Rio de

Janeiro, 10; Gradiva/RTP, 11.

Novas Conversas de Escritores - Diálogos com os Grandes Autores da

Literatura Contemporânea II,

Gradiva/RTP, 12.

FICÇÃO

A Ilha das Trevas, Temas & Debates, 02; Gradiva, 07.

A Filha do Capitão, Gradiva, 04.

O Codex 632, Gradiva, 05.

A Fórmula de Deus, Gradiva, 06.

O Sétimo Selo, Gradiva, 07.

A Vida Num Sopro, Gradiva, 08.

Fúria Divina, Gradiva, 09.

O Anjo Branco, Gradiva, 10.

O Último Segredo, Gradiva, 11.

A Mão do Diabo, Gradiva, 12.

O Homem de Constantinopla, Gradiva, 13.

Um Milionário em Lisboa, Gradiva, 13.

CONTACTO com O AUTOR

Se desejar entrar em contacto com o autor para comentar o romance

Um Milionário em Lisboa, escreva para o e-mail

jrsnovels@gmail.com.

com

O autor terá o maior gosto em responder a qualquer leitor que se

lhe dirija a propósito desta obra.

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

Um Milionário em Lisboa

romance

José Rodrigues dos Santos/Gradiva Publicações, S.A.

Revisão de texto Helena Ramos

Imagem da capa Armando Lopes

(concepção gráfica)/A editora não conseguiu identificar o autor ou os proprietários dos direitos da

imagem da capa

Sobre capa Armando Lopes (concepção gráfica)/(c)
Corbis/VMI (imagem)

Fotocomposição, impressão e acabamento Multitipo-Artes
Gráficas, L.

da

Reservados os direitos para Portugal por Gradiva
Publicações, S. A.

Rua Almeida e Sousa, 21- r/c esq.

-1399-041 Lisboa

Telef.

213933760 -Fax



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



213953471

Dep.

comercial Telefs.

21 3974067/8 -Fax 213971411

geral@gradiva.

mail.

pt/www.gradiva.pt

1. a edição Novembro de 13

Depósito legal 365 815/ 13

ISBN 978-989-616-559-8

Este livro foi impresso em Coral Book Ivory (Torraspapel)

gradiva

Editor: GUILHERME VALENTE

Visite-nos na internet [www.](http://www.gradiva.pt)

gradiva.

pt

Adoramos a perfeição, porque não a podemos ter;

repugná-la-íamos, se a tivéssemos.

O perfeito é desumano, porque o humano é imperfeito.

Fernando Pessoa

A Calouste Gulbenkian, por ter escolhido Portugal

Embora

uma

obra

de

ficção,este

romance

é

inspirado

em

acontecimentos verídicos.

Prólogo

Um grito lancinante rompeu a noite.

Ainda mal tinha começado a folhear o segundo manuscrito do meu pai

quando fui surpreendido pelo terrível bramido, longo e prolongado,

como o uivar de um lobo.

O som vinha do corredor e, passado o susto inicial, percebi que era

a voz de madame Duprés.

Alarmado, pulei da cama, atirando as folhas pelo ar e deixando-as

espalharem-se pelo chão, e ainda de pijama saí disparado do quarto.

Apercebi-me de que uma porta estava entreaberta, era a suíte D.

Filipa de Lencastre, onde o meu pai residia, a luz do interior recortada num rectângulo amarelado que se desenhava pelo chão.

Corri para o quarto.

Ao entrar deparei-me com a velha senhora de joelhos no chão,

curvada sobre si mesma e a tremer, prostrada aos pés da cama, onde

ele permanecia deitado.

"Que se passa?", perguntei.

"O que aconteceu?"

Um gemido de dor foi a única resposta.

Levantei os olhos para a cama e,

presentindo o pior, percorri com o olhar o vulto imóvel sob os lençóis.

Precipitei-me sobre o meu pai e a primeira impressão que tive foi

que repousava com serenidade, alheio ao bulício histérico que se

desencadeara em seu redor.

Senti-me momentaneamente aliviado, mas foi apenas um instante

porque de imediato notei que ele tinha as pálpebras entreabertas de

um modo estranho, com as pupilas

vidradas num ponto indeterminado

do tecto; era como se olhassem sem ver.

Foi nesse momento preciso que senti o baque.

"Pai!"

Tenho uma vaga lembrança do turbilhão de sensações e de

acontecimentos que se atropelaram de seguida numa espécie de sonho

letárgico, formando uma amálgama

confusa de imagens, impressões,

emoções e vozes.

Recordo-me de o ter abraçado e de só o largar quando as enfermeiras

me arrancaram dele e me atiraram para um sofá junto à janela antes

de lhe dedicarem toda a sua atenção.

Ali sentado, abatido e despojado, vi com impotência instalar-se um

corrupio de gente a entrar e a sair da suíte.

Primeiro foram apenas as enfermeiras numa azáfama de moscas em

torno da cama, depois surgiram os empregados do hotel, outros

hóspedes espreitaram da porta, veio o

próprio gerente, apareceu o médico, dois polícias passaram por ali e mais tarde o advogado e um

pároco católico.

Logo que se tornou evidente que nada havia realmente a fazer, tudo

acalmou e a roda-viva deu lugar a uma tranquilidade feita de

sussurros lúgubres.

Apresentaram-me as condolências, alguém disse "perdeu-se um grande

homem", o médico afirmou que "a ciência nada mais podia fazer por

ele", o pároco observou que se havia

consumado "a vontade do Senhor" e, no meio de tudo aquilo, o advogado mencionou

o testamento, sublinhando ser "de toda a conveniência ler o seu

conteúdo o mais depressa possível".

Achei a observação desadequada e até impertinente, dadas as

circunstâncias, mas nada disse; virei-lhe as costas e afastei-me.

O corpo permaneceu nessa manhã na suíte do hotel, onde decorreu o

tradicional

dan

gark

arménio,

período

durante

o

qual

as

solicitações se avolumaram ao ponto de me forçarem a sair da minha

letargia para lhes dar resposta e pôr em marcha os preparativos

para o funeral.

Isso fez-me bem, porque me deu um propósito.

A certa altura comecei até a comportar-me como um general, emitindo

ordens em todas as direcções.

Mandei vir o bispo da Igreja Arménia de Londres para conduzir a

liturgia fúnebre, uma vez que não queria uma cerimónia católica, e

pus-me em contacto com uma agência funerária.

O problema mais inesperado ocorreu quando o cangalheiro me

questionou sobre o cemitério onde iria

decorrer o enterro.

O sujeito deu-me a escolher entre o dos Prazeres, nome que me

pareceu incompreensível para um espaço dessa natureza, e o do Alto

de São João.

"Não vai haver enterro", esclareci.

"Ele será cremado.

"

O homenzinho arregalou os olhos.

"Cremado? Onde?"

"Num qualquer crematório, ora essa!", retorqui, encolhendo os

ombros com impaciência.

"Já só cá faltava pedirem-me também para escolher o local onde o

meu pai irá ser..."

"O senhor não compreendeu", atalhou o cangalheiro, cujo casaco

exalava um enjoativo odor a formol.

"Não há crematórios em Portugal!"

A declaração era de tal modo inverosímil que por momentos pensei

que o indivíduo da funerária inventava desculpas esfarrapadas para

forçar o enterro, quiçá por esta solução ser mais rentável.

"Ora que disparate!"

"Portugal é um país católico, senhor Sarkisian", justificou-se ele com tal embaraço que me fez ver que estava a ser sincero.

"Nós não cremamos pessoas, por isso não existem crematórios no nosso país.

Receio bem que o seu pai tenha mesmo de ser enterrado.

"

Consultei madame Duprés sobre o assunto e, após alguma discussão e

uns quantos telefonemas, ficou decidido

que, a seguir à missa fúnebre, que eu entretanto havia marcado para o dia seguinte, o

corpo seria trasladado para a Suíça, onde existiam crematórios

adequados.

Logo que essa decisão foi tomada e os preparativos postos em

marcha, o proprietário do hotel puxou-me para um canto discreto e,

com olhar conspirativo e a voz carregada de subentendidos, informou-me que havia para mim um telefonema "que é de todo o

interesse atender".

Quando lhe perguntei quem era, limitou-se a soprar-me ao ouvido,

sempre dando-se ares de grande

confidencialidade, que a chamada

requeria "enorme discrição" e que "o melhor era ir para o quarto".

Não percebi nada, mas assim fiz.

No momento em que peguei no telefone pousado sobre a minha mesinha-de-cabeceira, uma voz pediu-me que aguardasse um instante.

Ouviu-se um clique na linha e a chamada emudeceu; presumivelmente

estava a ser transferida.

"Alô?", chamou um segundo interlocutor em francês, quebrando o

mutismo da linha.

"M'sieur Krikor Sarkisian?"

Arregalei os olhos no momento em que identifiquei o autor da

chamada; só havia em Portugal uma pessoa com uma voz assim

aflautada.

"Senhor presidente do Conselho!", exclamei.

"Sim, sou eu.

Como está vossa excelência?"

16

"Menos bem, depois da triste notícia que me deram esta manhã.

Achei que lhe devia ligar para, em nome da nação portuguesa, lhe

comunicar os meus sinceros pêsames pelo falecimento do senhor seu

pai.

Creia que é uma grande perda para Portugal.

"

"Obrigado, senhor presidente do Conselho.

"

"Queira desculpar a minha ignorância, mas que idade tinha ele?"

Fiz num ápice as contas de cabeça.

Se o meu pai tinha nascido em 1869 e se estávamos em 1955, isso

significava que ele teria... ele teria...

"Oitenta e seis anos, senhor presidente do Conselho.

"

"Viveu a vida em pleno", foi a sentença emitida do outro lado da

linha, em jeito de consolação.

"Sabe, tive o grato privilégio de conversar com ele em algumas

ocasiões e devo dizer que era um homem verdadeiramente notável.

Aliás, tão notável que faço questão de lhe prestar a derradeira

homenagem num lugar de distinção

inigualável.

Dei por isso instruções para que se reserve o solo mais sagrado que

existe em Portugal, de modo a que os seus restos mortais sejam aí

depositados em câmara ardente.

Espero que não veja inconveniente nesta

minha singela iniciativa.

"

"De modo nenhum, senhor presidente do Conselho.

" Hesitei.

"Perdoe-me o atrevimento, a que local se está a referir

exactamente?"

A voz do ditador português ganhou vigor e orgulho quando identificou o "solo sagrado" que reservara para as exéquias.

"O Mosteiro dos Jerónimos.

"

A trasladação do Aviz para os Jerónimos decorreu nessa mesma tarde,

mas havia tanta papelada e formalidades a despachar e tantos

telegramas a enviar para Londres, Paris 17

e outras capitais que só me desloquei à igreja na manhã seguinte,

uma hora antes do início da missa fúnebre.

Esperava-me uma surpresa.

Desde o princípio que tinha em mente uma cerimónia pequena, coisa

privada reservada à família, aos amigos e a um punhado de

convidados e dignitários do estado português e do corpo diplomático

acreditado em Lisboa.

Quando cheguei à igreja do mosteiro, todavia, deparei-me com uma

multidão a fazer fila à porta.

"Que se passa?", perguntei, abrindo caminho pela massa compacta de

gente.

"Aconteceu alguma coisa?"

"Zut alors!", exclamou madame Duprés, que vinha comigo e se

mostrava tão admirada quanto eu.

"Não faço a mínima ideia.

"

Para meu grande espanto, o santuário estava aberto ao público e

milhares de portugueses haviam acorrido para prestar os seus

respeitos.

Admito que esse facto me tenha

sensibilizado, no fim de contas

homenageavam o meu pai e isso não me podia deixar indiferente, mas

mesmo assim preferia que a cerimónia decorresse à porta fechada,

até porque ele era um homem que em vida sempre cultivara a

discrição.

Parecia-me que a mesma reserva o deveria preservar na morte.

Expressei por isso o meu ponto de vista ao responsável dos Jerónimos, dando-lhe conta da minha vontade de fazer uma cerimónia

à porta fechada.

"Receio que isso não seja possível, senhor Sarkisian", respondeu-me

o padre com uma expressão irritantemente beatífica.

"A nossa tradição é esta.

Além do mais, a igreja já está cheia, como vê.

Não podemos pôr-nos agora a expulsar as pessoas, não lhe parece?"

O santuário de facto abarrotava de gente e a missa estava prestes a

começar, pelo que não me pareceu

razoável insistir

18

na minha objecção.

Acabei por ceder, embora não tenha a certeza de ter procedido bem.

A tradição arménia requer que o caixão
permaneça fechado, mas ali se encontrava o meu pai em
uma aberta diante do altar, vestido com
o seu fato matinal, o lenço branco no bolso exterior do
blazer, o
rosto pálido à vista de todos.

Pior do que isso, quando a missa terminou e me aproximei
do caixão

para a última despedida, não o fiz em privado, como seria
natural

em momento tão íntimo entre o filho de luto e o pai no
caixão, mas

à frente de uma multidão de desconhecidos e sob uma
tempestade de

flashes de câmaras fotográficas, exposto à devassa pública
de uma

forma que me pareceu indecorosa.

Terminada a cerimónia, o caixão foi transportado para o
aeroporto,

onde nos aguardava outra multidão e nova bateria de
fotógrafos.

A presença destes não me surpreendeu, afinal tinha morrido
o homem

mais rico do planeta e isso inevitavelmente atrairia as
atenções da

imprensa, mas o facto de tantos portugueses mais uma vez terem ocorrido não deixou de me abismar; não fazia a menor ideia de que o meu pai era assim tão popular neste pequeno país.

Aliás, e para ser sincero, decerto que ele próprio teria ficado igualmente admirado.

Logo que o avião dos Transportes Aéreos Portugueses descolou rumo a

Zurique, saí do aeroporto com ideia de regressar ao Aviz.

Meti-me no automóvel com madame

Duprés.

Quando o motorista se aprestava a arrancar, contudo, a porta abriu-

se e o advogado do meu pai introduziu-se inesperadamente na

viatura.

"Espero que não se importe de me dar uma boleia", desculpou-se

Azevedo Passarão, acomodando-se ao meu lado.

"Temos assuntos urgentes a tratar.

"

"Deveras? O quê?"

19

O advogado português do meu pai passou as costas da mão pela testa

transpirada e indicou a pasta que depositara sobre o regaço.

"O testamento.

"

Respirei fundo, esforçando-me por conter a irritação.

"Por amor de Deus!", exclamei, já no limite da paciência; as últimas vinte e quatro horas haviam sido duras e o homem mexia-me

com os nervos com as suas preocupações mesquinhas.

"Francamente, não me parece que seja o momento mais adequado!"

"Peço desculpa, senhor Sarkisian, mas precisamos de o fazer o mais

depressa possível!"

"Porquê? Qual é a urgência?"

Uma multidão de repórteres cercara já o automóvel numa algazarra,

as câmaras fotográficas coladas ao vidro da viatura para captarem

clichés do interior como se algo de tremendamente importante ali se

passasse.

"O seu pai deixou decisões testamentárias referentes a uma instituição em nome dele", explicou o

doutor Passarão.

"Trata-se de uma fundação que ele queria criar para as artes.

" Indicou com o polegar os fotógrafos que nos rodeavam.

"Temos de aproveitar a presença da imprensa internacional para

anunciar ao mundo as suas últimas vontades.

Se deixarmos passar demasiado tempo, os jornalistas começarão a

abandonar Lisboa e..."

Foi a gota de água.

Num gesto quase reflexo, abri a porta

traseira do carro e aponte para o exterior.

"Rua!", ordenei, a paciência esgotada.

"Saia daqui!"

"Mas... senhor Sarkisian..."

"Rua!"

Atarantado com a minha reacção

intempestiva, e provavelmente também porque eu o empurrava, o advogado cambaleou

para fora do automóvel.

Fechei a porta com estrondo e, acto contínuo, fiz um sinal ao

motorista.

A viatura arrancou e furou por entre a barreira de repórteres,

metendo pelas ruas soalheiras de Lisboa em direcção ao hotel.

Acordei às quatro da manhã.

Na véspera sentira-me de tal modo fatigado que me tinha ido deitar

aí pelas oito da noite, logo a seguir ao jantar.

O despertar madrugador era o preço a pagar pela alteração dos

horários de sono.

Tentei voltar a adormecer mas não

consegui.

Ao fim de uma vintena de minutos, resignado, levantei-me e

arrastei-me até à janela.

Estava escuro no exterior do Aviz e apenas o luar pálido e as lâmpadas amareladas dos postes públicos afagavam os contornos dos

edifícios, das árvores e da rua,

imprimindo-lhes um suave anélito

de luz, doce e melancólico.

Voltei para a cama com a mente a

revoltear pelos acontecimentos

dos últimos dias.

Lembrei-me do encontro que tinha marcado para o Pêra Palace de

Istambul na segunda-feira e pensei que, agora que o meu pai tinha

morrido, nada me prendia a Lisboa.

Havia, claro, a questão do testamento para ler.

Talvez o doutor Passarão tivesse afinal razão.

Urgia de facto despachar esse assunto.

Liguei o candeeiro, ajeitei a almofada e acomodei-me.

A realidade é que o meu pai morrera e tinha agora de conhecer as

suas últimas vontades.

O advogado mencionara uma fundação dedicada às artes e
isso, para

ser sincero, não me surpreendia nada.

No fim de contas, não fora essa a *raison d'être* do meu pai?
Kaloust

Sarkisian, o arquitecto dos negócios e Senhor Cinco por
Cento, era

também o artista, o coleccionador de arte, o amante da
estética.

Relembrei os instantes em que com ele conversei quando
saiu pela

última vez do coma, apenas alguns dias antes.

As suas derradeiras 21

palavras, agora que pensava nelas, pareceram-me
encapsular o

sentido da sua existência.

"O que é a beleza?"

Murmurei a interrogação no tom que ele usara quando
nessa última

vez formulou a pergunta que o assombrara a vida inteira.

Sim, o que é a beleza? De algum modo era esse o tema de
fundo do

primeiro tomo da sua biografia.

Desviei os olhos para a mesinha-de-cabeceira e pousei-os sobre o

calhamaço intitulado O Homem de

Constantinopla, que eu lera de um fôlego duas noites antes.

A história terminara no momento em que me separei de Marjan na

Alemanha.

Caramba, quanto tempo se tinha passado desde esse dia longínquo de

1914! Dava até a sensação de que tudo aquilo havia acontecido num

outro tempo, com outras pessoas, numa outra vida...

Desviei a atenção para as folhas que havia atirado pelo chão do

quarto e que a empregada amontoara sobre uma cadeira, as do segundo

tomo da biografia.

Fora justamente no momento em que me preparava para começar a lê-

las que, dois dias antes, tinha sido interrompido pelo grito de

madame Duprés e pela descoberta de que o meu pai morrera.

Como era evidente, depois disso não houve tempo nem disponibilidade

para voltar a pôr os olhos no texto.

Contudo, o funeral já tinha decorrido e ali estava eu às quatro da

manhã, acordado e sem sono, sem nada para fazer e o manuscrito à

minha disposição.

Para mais, ardia de curiosidade por saber o que se encontrava lá

escrito.

Cheguei-me à borda da cama e,

inclinando-me para a cadeira, recolhi as folhas do manuscrito e alinhei-as por ordem.

Quando concluí a tarefa, voltei a sentar-me na cama e passei o

olhar pelo título.

Não pude deixar de sentir um frémito de impaciência percorrer-me o

corpo, já que a vontade de devorar o livro se apossara de mim.

Não era afinal aqui que

o meu pai relatava o que aconteceu depois de me separar de Marjan?

Não era neste segundo volume que falava sobre os trágicos

acontecimentos da Grande Guerra e descrevia como manipulara as

grandes petrolíferas para se tornar o

homem mais rico do planeta?

Além disso, estas páginas encerravam o segredo da sua decisão de

vir para Lisboa e aqui ficar até ao dia em que morreu.

Como não sentir curiosidade pela maneira como narrava esses eventos

fatídicos?

Arrulhando de prazer, encostei-me às almofadas e, já confortável,

como quem se abalança para uma viagem aventureira, iniciei enfim a

leitura de Um Milionário em Lisboa.

23

24

Parte Um

Horrores

Onde está, ó morte, A tua vitória?

PAULO

25

26

I

Atravessar Unter den Linden revelava-se naquele instante
empresa

impossível.

Plantado na borda do passeio, Krikor

percorreu com o olhar inquieto a multidão compacta que se
aglomerava na grande alameda de Berlim

empunhando ao vento bandeiras trémulas e altivas do Reich
enquanto

entoava em coro Die Wacht am Rhein, num apelo às armas
tão ardente

e emotivo que até a pele do estrangeiro se eriçou.

£5 braust ein Ruf wie Donnerhall, wie Schwertgeklirr und
Wogenprall: Zum Rhein, zum Rhein, zum deutschen Rhein,

wer will dès Stromes Húter sein?

Atraído pela explosão de nacionalismo arrebatado, o jovem
arménio

acompanhou a mole humana ao longo da grande avenida
até os

manifestantes chegarem junto do cordão que a polícia formara nas

redondezas do Hotel Bristol para

27

proteger a embaixada da Rússia.

Os alemães lançaram uma chuva de

insultos na direcção da bandeira

do czar - como era possível que a Rússia tivesse ido em socorro dos

sérvios assassinos?, como se explicava que

os autores do miserável crime de Sarajevo gozassem de tamanha impunidade? -, mas nenhum

incidente sério ocorreu e a massa de gente prosseguiu pela Unter

den Linden num clima de grande animação até desaguar diante do

palácio do imperador.

O Berliner Stadtschloss encontrava-se às escuras, sinal de que o

Kaiser estava ausente, mas os

manifestantes não desarmaram.

Num coro vibrante trocaram o Die Wacht am Rhein pelo Heil dir im

Siegerkranz, o hino imperial, numa mostra de apoio incondicional a

Guilherme II naquela hora de suprema gravidade.

Quando as últimas estrofes chegaram ao fim, sucederam-se as

saudações em uníssono a louvar os imperadores da Alemanha e do

Império

Austro-Húngaro,

aliados

na

guerra

à

beira

de

se

desencadear.

"Der Deutsche Kaiser lebe hoch!", gritou uma voz rouca, dando vivas

ao Kaiser alemão.

"Hoch! Hoch! Hoch!", apoiou a multidão em coro.

"Der österreichische Kaiser lebe hoch!"

Os vivas dirigiam-se já ao imperador austríaco.

"Hoch! Hoch! Hoch!"

Pregado ao passeio junto a um poste de iluminação, Krikor observava

estarecido o entusiasmo com que aquela gente encarava as

hostilidades iminentes, como se tudo aquilo não passasse de uma

enorme festa de exaltação nacional.

Viera a Berlim apanhar o comboio para Paris antes que o conflito se

iniciasse e percebeu nesse instante que não saía cedo de mais.

O clima na capital alemã era

verdadeiramente efervescente e, a

acreditar nos telegramas insistentes que o pai lhe remetera nas

últimas semanas a ordenar-lhe o regresso 28

urgente ao Reino Unido, a mesma febre percorria as ruas de Londres

e de Paris.

"O que vale", murmurou para si mesmo, "é que serão apenas algumas

semanas.

"

O jovem arménio deu meia volta e iniciou o caminho em direcção à

Hauptbahnhof, a estação central, onde apanharia o comboio até

Paris.

Para evitar surpresas, o pai havia movido influências na embaixada

otomana em Londres, para a qual

continuava a trabalhar como

conselheiro financeiro, e arranjava-lhe um passaporte otomano;

sempre era mais seguro viajar pela Alemanha com a nacionalidade de

um país neutral, embora esse documento já não viesse a ser

necessário, tendo em conta que se

preparava para regressar antes do desencadear formal das hostilidades.

Krikor meteu-se no comboio e partiu rumo a França.

Enquanto a composição ia atravessando o perímetro urbano de Berlim,

o estudante foi contemplando o casario apumado e as ruas impecavelmente ordeiras da capital alemã e não pôde deixar de

pensar que em breve estaria de volta para completar os estudos.

Sim, a guerra seria curta.

A eclosão do conflito, algumas semanas

mais tarde, apanhou Krikor já em segurança em Londres.

Como pressentia havia algum tempo, embora ver fosse sempre mais

chocante do que saber, encontrou

Inglaterra mergulhada no mesmo

clima exaltado que fervia na Alemanha.

Uma onda de entusiasmo eléctrico

percorria o país, com os

Britânicos a encararem as hostilidades como se de um mero evento

desportivo se tratasse; todos queriam participar antes que

acabasse, já que ninguém duvidava que os

canhões se calariam até ao Natal.

29

Arrebatado pela onda de entusiasmo contagiante, e complexado por

ver os amigos e conhecidos alistarem-se em levadas sucessivas, todos

ansiosos por irem para a guerra dar um pontapé no rabo do good old

jerry,

o

herdeiro

dos

Sarkisian

começou

a

contemplar

a

possibilidade de pedir a sua incorporação e também participar no

magnífico evento.

Por que razão haveria ele de ficar de fora?

"Nem pensar!", vociferou o pai quando lhe mencionou o assunto.

"Estás parvo ou quê?"

"Mas, senhor", argumentou o rapaz, "todos os meus amigos estão a

alistar-se.

Até o Roger!"

"Eles que se alistem e se deixem todos matar, se isso lhes dá

prazer!", retorquiu Kaloust com um esgar de sarcasmo.

"Mas não vejo que utilidade terá para Inglaterra a tua morte ou

mutilação.

" Ergueu o dedo.

"À frente dos teus caprichos infantis estão os teus deveres, rapaz.

Os primeiros dos quais dizem respeito à família!"

"E ao país..."

"Isso é conversa para tolos! A tua família tem precedência sobre

tudo o resto! Investi muito em ti, fiz o que podia para te ajudar,

dei-te a melhor educação que um jovem pode ter, e o que queres tu

fazer com isso? Imolar-te na guerra! Uma coisa dessas faz
algun

sentido?" Abanou a cabeça com veemência.

"Não! Não te deixarei desperdiçar a vida

de modo tão fútil! Era o que mais faltava!"

Enquanto alimentava as dúvidas sobre o que fazer em
relação à

guerra, se deveria enfrentar a ira do pai ou o olhar
reprovador dos

amigos, Krikor ia trocando

correspondência com Marjan.

A

sua

apaixonada

arménia

instalara-se

com

os

país

em

Constantinopla, onde Hagop decidira permanecer uns tempos para

tentar um tratamento oriental recomendado por um médico persa muito

reputado, e a

30

situação revelou-se conveniente para que mantivessem o contacto.

Apesar de frequentes, contudo, as cartas

trocadas entre ambos continham mensagens mais ou menos inócuas.

O rapaz não ignorava que as missivas para lá e para cá passavam

pelo crivo perscrutador e censor de Arshalous antes de partirem e

depois de chegarem às mãos da sua amada, pelo que manifestava o

maior cuidado com o que escrevia, ciente de que o mesmo fazia ela;

os dois pombinhos sabiam que teriam de dizer o que queriam, e

tentar perceber o que o outro queria dizer,

sempre nas entrelinhas.

Aconteceram, no entanto, duas coisas que no final de Outubro

interromperam

este

fluxo

intenso

de

correio

discretamente

sentimental.

A primeira foi o fim do tratamento persa

de Hagop em Constantinopla e a conseqüente partida dos Kinosian para o aconchego da sua

Kayseri natal, onde o serviço postal funcionava com arreliaadoras

lacunas; e a segunda, facto aborrecido e decerto de maior

consequência, foi a entrada do Império Otomano na guerra ao lado da

Alemanha e do Império Austro-Húngaro, após um ataque desferido aos

portos russos no mar Negro.

"Estes Turcos são sempre os mesmos!", rosnou Kaloust quando recebeu

a notícia logo pela manhã.

"Viram os Alemães ganhar as primeiras batalhas e... pimba!, puseram-se logo do lado dos vencedores!"

"Isto vai afectar os seus negócios?", quis saber o filho.

"Claro que sim! O que vale é que, graças a Salim Bey, consegui há

algumas semanas uma carta do grão-vizir Said Paxá a conceder à

Turkish Petroleum os campos de petróleo por descobrir nos vilayets

de Bagdade e de Mossul.

" Bufou, como se libertasse tensão

acumulada no corpo.

"Ufa, já não era sem tempo! Até agora só havia promessas verbais,

mas finalmente

31

temos a coisa por escrito.

Valha-nos isso!" Era um triunfo, e não ocultou um sorriso.

"Até já celebrei e tudo!"

"O quê? Não me diga que comprou mais um quadro..."

Kaloust ergueu-se com inesperada

agilidade e, com um

gesto dramático, retirou o véu que cobria uma tela encostada

à parede, deixando ver o retrato pintado de uma rapariga de chapéu largo na cabeça.

"Chama-se Miss Constable e foi pintado por Romney", anunciou,

embevecido.

"Uma maravilha, não achas?"

No meio do caos, Kaloust continuava centrado no petróleo e na arte,

enquanto o filho permanecia obcecado pela sua apaixonada.

É certo que a inclinação de Krikor era para

jamais questionar o pai; desde pequeno que a figura do chefe da família, com o seu

olhar hipnótico e as suas barbas densas, o aterrorizava, mais ainda

porque a presença do patriarca dos Sarkisian parecia intimidar

todos os que o rodeavam.

Porém, e apesar desse respeito quase instintivo, o corte de comunicações com Marjan revelou-se um golpe mais duro do que o rapaz era capaz de suportar.

De cabeça perdida, e obedecendo a um impulso do momento, Krikor apanhou o comboio até Cambridge e inscreveu-se no Officer's Training Corps.

Que melhor antídoto para uma desilusão do amor que a loucura da

guerra? Quando os exercícios de instrução militar começaram,

todavia, o jovem recruta descobriu que não sabia de quem tinha mais

medo, se do pai, que talvez o deserdasse quando soubesse da sua

desobediência, se do sargento que berrava toda a manhã para o

preparar, a ele e aos outros candidatos, para as realidades da

guerra.

E o problema é que, naquele regime de noites mal dormidas e

refeições mal comidas, mais os exercícios e a gritaria constante,

começou

32

a chegar à conclusão de que talvez não estivesse talhado para

semelhantes cavalgadas.

A sorte é que a instrução não durou muito.

Quando chegou a hora de se sentar diante do oficial de recrutamento

e preencher o formulário para se

candidatar a uma comissão de

serviço nas forças armadas, Krikor deu de caras com uma pergunta

tão inconveniente quanto inultrapassável.

"O senhor é de origem puramente europeia?", perguntou o oficial, levantando o sobrolho alourado e

perscrutando-o com um toque de

ironia.

"Da parte do pai e da mãe?"

O candidato passou a mão pelo cabelo

negro e baixou o olhar para o questionário.

"Essa pergunta está aí escrita?"

"É a pergunta vinte e sete.

"

O candidato massajou o queixo, contemplando as opções perante tão inesperada questão.

"E se a resposta for negativa?"

"Nesse caso, receio ter de o mandar para casa.

"

O questionário terminou ali e Krikor voltou para Londres com

dificuldade em ocultar um certo

sentimento de alívio.

Oferecera-se como voluntário para defender o seu país e que culpa

lhe poderia ser assacada por não preencher todos os requisitos

raciais previstos na legislação militar britânica? Mas isso pouco

consolou o pai, que se mostrou

ostensivamente agastado com as

opções, e em particular a insubordinação do seu rapaz.

"E se te tivessem aceitado?", indignou-se o chefe da família.

"Ias atirar-te para aquele matadouro em França? Assim, sem mais nem

menos? Só para provares aos teus amigos que não tinhas medo? És

parvo ou quê?"

O filho vacilou.

"Foi... foi pela pátria", titubeou.

"É meu dever..."

33

com um gesto de enfado, Kaloust quase bufou de irritação e voltou-

lhe as costas.

"Não brinques comigo!"

A entrada do Império Otomano na guerra e a retirada das respectivas

legações de Londres e de Paris obrigou Kaloust a suspender os

contactos permanentes com

Constantinopla por causa da Turkish Petroleum Company, embora continuasse a viajar com frequência entre

o Reino Unido e França.

A guerra irritava-o por perturbar os negócios e também por quase

lhe ter desviado o filho.

Desagradado com a desobediência do rapaz, Kaloust manteve-o de

quarentena durante longas semanas.

Quando o via evitava a conversa e mostrava com ele uma frieza quase cruel, atitude que considerava

imprescindível para lhe mostrar que a desobediência ao poder paternal tinha consequências.

Nestes dias difíceis, Krikor agarrou-se sobretudo à memória dos

bons momentos vividos em Bona, em particular os passados com os

Kinosian.

Mais saboroso que as baclavas de Arshalous era o olhar castanho de Marjan, tão doce e melancólico que só a lembrança o arrastou para

um

estado

de

permanente

nostalgia,

derramada

em

suspiros

intermináveis durante os longos dias de ócio no número 38 de Hyde

Park Gardens.

Enlanguescia tardes inteiras no quarto ou na sala, o olhar vidrado

e a vontade entorpecida, na vaga esperança de que a situação

evoluísse e a sua vida desbloqueasse.

Mantido a uma distância punitiva pelo pai, rejeitado pelas forças

armadas e com o contacto com a

apaixonada cortado, o rapaz sentiu no seu isolamento a saudade de Marjan tornar-se insuportável.

Passou assim o Natal e entrou em 1915.

Desfazendo as expectativas iniciais, não só a guerra não acabou

como o conflito começou até a dar sinais perturbadores de que se

iria

34

prolongar muito mais do que se pensara, sobretudo depois de ambos

os lados se terem entrincheirado da Flandres à Suíça para um longo

combate de desgaste.

Sem ver solução à vista e incapaz de esperar mais, Krikor percebeu

em meados de Fevereiro que precisava de agir; sufocava naquela

inacção e não se sentia capaz de aguentar as coisas para além do

ponto em que elas se encontravam.

O ardor rompeu por fim o véu anestésico da melancolia.

Sem dizer nada a ninguém, certa manhã pegou nos seus dois

passaportes, o britânico e o otomano, que o pai preventivamente lhe

tinha enviado para Bona para o caso de ele ser apanhado na Alemanha

depois de a guerra eclodir, reuniu um valor

razoável em libras e apanhou o comboio para Paris.

Dali seguiu até Genebra, onde deitou ao correio uma carta

endereçada aos pais a explicar os motivos que o levavam a visitar o

Império Otomano e a prometer que regressaria logo que possível.

Uma vez cumprido o seu dever de filho, aproveitou o facto de a

Suíça ser um país convenientemente neutral e cruzou a fronteira com

o Império Austro-Húngaro.

Foi até Viena tomar a ligação ferroviária

que, para lá dos Balcãs, o levou por fim ao seu destino.

Os funcionários aduaneiros turcos de serviço à estação de Sirkeci,

ponto terminal do Expresso do Oriente em Constantinopla, franziram

o sobrolho quando lhe inspeccionaram o passaporte otomano.

No nome Sarkisian o importante para eles era a terminação ian,

indício claro da etnia do recém-chegado.

"O senhor é arménio?"

"De facto", disse, preocupado com omitir que também era um súbdito

do rei de Inglaterra, país naquele momento inimigo dos Otomanos.

"Nasci aqui em Constantinopla, effendi.

"

35

Os dois funcionários reviraram o

passaporte de um lado para o

outro, claramente à procura de um pretexto para implicarem com ele.

"De onde vem o senhor?"

O tom da pergunta encerrava uma

hostilidade latente.

Dadas as circunstâncias, Krikor percebeu que estava fora de questão

indicar que apanhara o comboio em Londres; teria de ser cuidadoso e dizer-lhes apenas o que queriam ouvir.

"De Bona", afirmou, contornando a pergunta.

"Passei os últimos anos a estudar Engenharia na Alemanha.

"

Ao escutar a referência ao seu aliado, os turcos pareceram animar-se um pouco.

"Ah, a Alemanha.

Grande país, não é verdade?"

A

pergunta

constituía

um

teste

e

o

viajante

percebeu-o

instantaneamente.

"Magnífico!", exclamou com fingido entusiasmo.

"Eles vão ganhar a guerra, sem dúvida alguma! São inteligentes,

organizados e fortes.

O Império Otomano não poderia ter escolhido melhores aliados! com

os Alemães ao nosso lado, nada nos pode bater! Venham Ingleses e

Russos, venha quem vier, os Alemães vão acabar por se impor.

Ainda noutro dia, em Berlim, os vi a darem apoio ao Kaiser.

Ah, que determinação! Como o meu
coração se encheu de júbilo ao
observá-los tão fortes e decididos! Eles
vão ganhar, effendi! Que ninguém ouse duvidar!"

Os funcionários entreolharam-se, primeiro surpreendidos e
depois

agradados, acabando por abrir os rostos num sorriso.

"Folgo em ouvi-lo dizer isso, caro amigo", soltou um deles
com

súbita jovialidade.

"Penso até que deveria expressar esses seus pontos de
vista aos

seus patrícios arménios.

Sabe, eles têm opiniões bem contrárias às suas.

Quando os Russos ganham uma batalha, bem vejo os
arménios por aí!

36

a sorrirem.

Quando perdem, parecem tristes.

Uma vergonha! O senhor deveria meter-lhes algum juízo
naquelas

cabeças.

Se continuarem assim, a coisa ainda vai acabar mal!"

Não foi sem receios que Krikor abandonou a estação e saiu à rua.

Pela amostra da conversa, parecia-lhe evidente que o fosso entre

Turcos e Arménios se estava a alargar e que os seus conterrâneos

deveriam ter maior cuidado na forma como expressavam os seus

sentimentos.

O rapaz ainda pensou em dar meia volta e regressar a casa; sabia

que o seu plano era louco.

Louco, imprudente e impulsivo.

Mas a saudade de Marjan fê-lo vencer a hesitação e, com renovada

resolução, seguiu em frente, consciente de que tinha já cruzado um

limiar.

Não havia caminho de retorno.

37

38

II

O mordomo aproximou-se do dono da casa com um sobrescrito pousado

sobre a bandeja de prata.

Bateu com os tacões dos sapatos um no outro, à maneira militar, e

esboçou uma ligeira vénia, estendendo a bandeja ao patrão.

"Acabou de chegar, senhor", anunciou.

"Foi trazida pelo carteiro.

"

De facto, Kaloust havia escutado um minuto antes a sineta da porta,

decerto o momento em que chegava o correio.

Era manhã cedo e tinha acabado o seu banho matinal em água

arrefecida a um grau Celsius.

Envolto numa toalha turca, pegou no envelope e sentou-se numa

cadeira à porta do quarto de banho.

"Finalmente!", exclamou num tom triunfal ao reconhecer a letra e o

nome do remetente.

"Finalmente!"

As exclamações atraíram a atenção de Nunuphar, que saiu disparada

do quarto para ir ter com o marido.

"O quê?", perguntou com ansiedade.

"Que se passa? Porque estás assim? Há novidades?"

39

Kaloust ergueu o sobrescrito bem alto, como se exibisse um trofeu

de caça.

"É o nosso rapaz!", anunciou.

"Finalmente dignou-se a dar-nos notícias,

o estafermo!"

A mulher levou a mão ao peito, aliviada.

"Ai, graças a Deus, graças a Deus!", exclamou, virando os olhos

para cima num agradecimento aos céus.

"Já estava que nem podia! Graças a Deus que ele escreveu!"

Antes de o abrir, Kaloust pousou mais uma vez a atenção no envelope

e leu de novo a identidade do remetente e a seguir a morada por

baixo do nome.

"Ora esta!", constatou.

"Já viste por onde o moço anda?"

Nunuphar arregalou os olhos, horrorizada com a perspectiva de o

filho andar a deambular, Deus o

protegesse!, em zonas próximas da guerra.

E para ela a zona de guerra começava no canal da Mancha.

"Onde? Onde? Em... em Paris?"

O marido abanou a cabeça, intrigado.

"Genebra.

"

"O quê?"

Kaloust rasgou a borda do sobrescrito e extraiu a folha delicada

que estava dobrada no interior.

com a mulher a espreitar sobre o ombro, desdobrou a missiva e

soltou um "oh!" decepcionado quando percebeu que Krikor apenas

redigira umas quantas linhas.

"Queridos pais", leu em voz alta.

"Lamento a pressa com que parti e ter-vos deixado em cuidados.

Mas compreendam que há razões que pertencem ao foro do coração e

que se revelaram mais fortes.

Vim até Constantinopla, a terra onde nasci, e depois vou seguir

para a província para procurar aquela que amo.

Ficarei por cá algum tempo, mas nada temam porque estou bem.

Planeio voltar depois do

40

Verão, quem sabe se já com uma linda filha para vos dar.

Um beijo respeitoso do vosso Krikor.

'''

Kaloust levantou os olhos da carta e virou-se para a mulher.

"Está louco!"

Nunuphar sorriu, terna e embevecida.

"Não está louco, tonto", disse com um toque suave de repreensão.

"O teu filho está apaixonado e foi ter com a sua amada.

" Suspirou.

"Ah, como é romântico o nosso Krikor..."

O marido olhou-a como se não a reconhecesse.

"Endoideceste, mulher?"

"Ora essa!", escandalizou-se ela.

"Então o rapaz não pode apaixonar-se e ir atrás da sua amada? Qual é o mal?"

Kaloust sacudiu a cabeça de forma peremptória e dobrou a carta com

gestos bruscos.

"Tu não sabes o que dizes", resmungou.

"Então não tens consciência de que o Império Otomano está em guerra

connosco? E ignoras que os Turcos odeiam os Arménios? O teu filho,

menina, foi meter-se na boca do lobo!"

Acenou com a carta, de modo

a enfatizar a ideia.

"Na boca do lobo!"

III

A noite caíra sobre Kayseri e as pessoas começaram a convergir para

casa e a aglomerar-se em torno do tonir, cujas labaredas bailavam a

um ritmo inquieto, pareciam línguas trémulas no centro da sala.

Havia já algum tempo que Krikor, a atracção principal na residência

dos Kinosian, varria o compartimento com o olhar em busca de

Marjan, mas ela ainda não aparecera.

"Jantar!", anunciou Arshalous, entrando na sala com um grande

tabuleiro cheio de comida.

"Toda a gente aos seus lugares! A comida está pronta!"

A atenção do convidado convergiu de imediato para a porta que dava

para a cozinha.

Sabia que Marjan ia surgir a todo o momento.

Tentou ser discreto, mas as duas irmãs mais novas da rapariga,

maliciosas no fulgor dos seus nove e dez

anos, não tiravam os olhos dele e desataram a guinchar com

risadinhas juvenis.

43

"Marjan!", chamou Khenarig, a mais atrevidota das duas.

"Anda depressa! O Krikor está à tua espera!"

"Meninas!", repreendeu-as a mãe.

"Que modos são esses? Caluda! Não se metam com a vossa irmã!"

As duas retomaram as gargalhadas, as mãos a taparem a cara, os

esgares marotos por entre os dedos para o

convidado.

Krikor corou e, sentindo-se observado, virou-se para o lume que

crepitava no tonir.

Perdeu, por isso, a entrada de Marjan na sala.

A rapariga, que conhecia as irmãs e o resto da família melhor do

que a si própria, estava perfeitamente consciente das conversas às

escondidas a propósito do namorico.

Evitou por isso olhar para Krikor; a última coisa que desejava era

alimentar ainda mais as línguas afiadas.

"Ponham o cobertor", disse Hagop, tossindo de imediato.

"Estou cá com uma larica!"

As mulheres da casa lançaram uma grande manta sobre o tonir.

Acto contínuo, toda a gente se acomodou sobre as almofadas deitadas

ao longo dos tapetes e abrigou-se no interior da manta, aquecendo

os pés com o calor da chama do tonir.

Desde que Krikor ali chegara, todas as noites o ritual se repetia,

mas a cada vez era como se fosse uma novidade.

O jovem vivia aqueles costumes com uma intensidade que a ele

próprio surpreendia, incapaz de reprimir uma sensação de intenso

encantamento, como se uma voz ancestral na sua alma de arménio o

chamasse para aquele lugar e aquele tempo.

O tonir, pensava ele enquanto se instalava por baixo da manta, era

uma invenção extraordinária.

Naquela lareira circular, que se afundava alguns decímetros no

solo, centrava-se o coração da residência.

Ficava no meio da sala principal e a sua chama era alimentada

incessantemente, de modo a garantir que nunca se apagava.

Durante o dia servia para

44

fazer pão e outros alimentos, mas era à noite que ganhava uma

dimensão social inesperada e engenhosa.

"Agora a paparoca.

"

As mulheres da casa espalharam passas e outros frutos secos sobre a

manta, ao mesmo tempo que distribuíam pão e carne que tinham sido

cozinhados durante a tarde no tonir.

A

família

disposta

circularmente

pôs-se

a

comer

enquanto

conversava, usando o enorme pão redondo

quase como se fosse um prato.

Começaram por falar sobre a gravidez de Arshalous, cujo ventre dava

os primeiros sinais de vida, mas o assunto já não constituía grande

novidade e depressa passaram ao tema do momento, o iminente

casamento do filho de Baghdasar, um amigo da família.

Toda a gente atirou ideias sobre como seria a noiva.

"Espero que seja bonita", disse Hagop.

"Aquele rapaz nunca teve muita sorte na vida.

Talvez desta vez acerte..."

"Aposto que é vesga!", vaticinou a pequena Khenarig com uma

gargalhada traquina.

"Depois de casar, quando lhe vir a cara, vai matar-se!"

"Cale-se!", repreendeu-a de novo a mãe.

"Não diga disparates!" Abanou a cabeça e suspirou.

"Ai, está mesmo na idade da parvoeira..."

Apesar da repreensão, a observação desencadeou uma casquinada de

risos à volta do tonir.

Toda a gente tinha uma opinião sobre como seria a noiva e Hagop

sugeriu mesmo que fizessem apostas.

A conversa era acompanhada por Krikor com um interesse moderado;

bem vistas as coisas não conhecia o filho do amigo em causa e

achava estranho o costume de os homens só conhecerem as noivas no

dia do casamento.

A atenção do visitante começou por isso a vaguear pelo interior da

sala.

A mobília era escassa.

Não havia cadeiras, apenas um tear, uns móveis com estantes e uns

jarros de água.

45

A moradia tinha poucas janelas e apenas quatro divisões no primeiro

andar, com o rés-do-chão entregue aos animais domésticos, incluindo

porcos, duas mulas e uma mão-cheia de galinhas, e o telhado pegava

com o da casa vizinha.

Na verdade, não era possível imaginar vida mais diferente da de

Londres que aquela que encontrou na casa dos Kinosian no bairro de

Dicharechar, em Kayseri.

Em vez do grande luxo a que se habituara no número 38 de Hyde Park

Gardens, Krikor viu-se metido numa casa relativamente pequena e

onde as pessoas eram tantas que por vezes tinha a impressão que se

enfiara numa praça pública rodeada de paredes privadas.

E a liberdade da capital britânica contrastava com as limitações

daquela terriola perdida no meio do

Império Otomano, onde os Arménios eram uma minoria e tinham de viver segundo as regras dos

Turcos; não lhes era sequer permitido falar a sua língua e as

mulheres só podiam sair à rua de cara coberta e acompanhadas por um

homem, para não ofender os muçulmanos.

Ah, que mentalidade!, pensou.

Não admirava que o Império Otomano fosse o pedinte da Europa!

O plano que o trouxera a Kayseri, improvisado ao sabor dos acontecimentos

e

dos

seus

humores

e

condicionado

pelas

circunstâncias que foi encontrando, não tinha contornos bem

definidos.

Em Londres consumira-se de saudades de Marjan e a interrupção da

correspondência com ela havia sido um golpe de tal modo duro que o

impulsionara à acção.

Mas, agora que ali estava, o que faria a seguir? Tinha plena

consciência de que partira sem o

conhecimento e até ao arrepio da

vontade do pai, a quem não podia

contactar devido ao envolvimento

do Império Otomano na guerra.

Não que isso o incomodasse

particularmente, uma vez que, como parecia óbvio, não poderia permanecer muito tempo em Kayseri.

A sua vida não era aquela.

46

"Hagop!"

Um primo da família entrou de repente na sala a chamar pelo dono da

casa.

Hagop levantou-se e foi ter com ele.

O homem parecia agitado e puxou o anfitrião para o corredor de modo a conversarem mais à vontade, embora o diálogo morno da família em

torno do tonir tivesse prosseguido, já não a propósito do casamento

do filho de Baghdasar mas de volta à recente gravidez de Arshalous.

O assunto parecia galvanizar toda a gente excepto Krikor, cuja

mente deambulava pelos seus vagos projectos em relação ao futuro.

Os Kinosian haviam-no acolhido como a um filho, mas isso não o

surpreendera.

Além de ter estabelecido boas relações com eles em Bona, qual o

arménio que desdenharia do interesse de um Berberian numa filha

sua? Além do mais, sentia-se bem;

parecia-lhe que integrava uma família genuína, bem diferente da sua.

Decidiu por isso permanecer ali em Kayseri até ao Verão, tempo

suficiente para ver até onde poderia chegar a sua relação com

Marjan.

Para já, estava a ir longe.

Aproveitando uma pausa na atenção das duas irmãs, momentaneamente

distraídas com o mexerico, atirou um olhar melancólico na direcção

da sua apaixonada.

A rapariga, sempre consciente da presença dele, notou-o e sorriu

antes de baixar as pálpebras com o recato que se esperava de quem

era de boas famílias.

Sim, correndo tudo bem, voltaria a Londres, via Suíça, e levá-la-ia

com ele para o casamento.

"Vamo-nos deitar!", ordenou de repente Hagop, voltando à sala

depois de se despedir do visitante.

"Já se faz tarde! Ala, tudo a dormir!"

Os familiares reagiram com resmungos de desagrado perante a ordem

súbita.

O avô Sisag, pai de Arshalous, foi até quem mais protestou, mas

todos acabaram por obedecer.

Depois de retirarem a comida que sobrara e sacudirem a manta,

47

estenderam-se por baixo dela em torno do tonir e as luzes foram

apagadas.

Apesar de serem relativamente abastados, os Kinosian mantinham os

hábitos tradicionais arménios, por isso não havia camas.

Habitado aos colchões e aos lençóis de seda, Krikor tivera no

início alguma dificuldade em adaptar-se a este estilo de vida.

Mas em menos de uma semana já não estranhava o sistema e dormia

junto ao tonir como se sempre o tivesse feito.

Um murmúrio agitado despertou Krikor da letargia do sono.

Olhou em redor e percebeu que ainda era noite, mas viu a silhueta

de um homem ao seu lado a segredar para alguém que estava deitado.

Fez um esforço de concentração e percebeu que era Hagop a sussurrar para uma mulher com uma ligeira

protuberância no ventre; só podia ser Arshalous.

Preocupado com não se imiscuir na intimidade do casal, o visitante

virou-se para o outro lado e deixou-se de novo deslizar para o

sono.

"Achas que estamos em segurança?"

A voz de Arshalous, talvez um pouco alta de mais para o que ela

própria tencionava, irrompeu a

despropósito num sonho de Krikor, fazendo-o despertar de novo.

Tentou enquadrar-se na escuridão, confuso e momentaneamente

desorientado.

Teria efabulado aquelas palavras ou ouvira-as mesmo? Ao fim de

alguns segundos conseguiu concentrar-se e pôs-se à escuta das vozes

do casal que ainda discutia em sussurros ao lado dele;
percebeu

então que a pergunta do sonho tinha mesmo vindo da boca
da sua

anfitriã.

Desta vez, todavia, não evitou ouvir a conversa; esforçou-se
antes

por captar despidoradamente o que marido e mulher
confidenciavam um

ao outro.

A conversa ao lado prosseguia com murmúrios nervosos,
mas apenas

conseguia captar uma ou outra palavra.

Entre elas

48

ouviu um "achas que vão matá-los?" de Arshalous e um
"tudo é

possível" em resposta que o deixaram perturbado.

Percebendo que algo se passava, ergueu-se um pouco e
voltou-se para

o casal, que se calara ao sentir que alguém havia
despertado.

"Aconteceu alguma coisa?"

A pergunta foi inicialmente acolhida por marido e mulher com um

silêncio apreensivo.

"Chiu!", sussurrou por fim Hagop.

"Durma, está tudo bem.

"

Krikor quase acreditou e esteve prestes a seguir o conselho, mas

recuperou mentalmente as palavras que tinha escutado e pressentiu

que estavam a tentar esconder-lhe alguma coisa, a ele e ao resto da

família.

Percebendo que para os seus anfitriões a confidencialidade era

importante, sobretudo por causa das filhas, deu um jeito na manta e

arrastou-se para junto deles.

"Não, passa-se alguma coisa", devolveu em voz muito baixa.

"Quem é que vai matar quem?"

Marido e mulher entreolharam-se na

escuridão, tentando decidir o que fazer.

Deveriam falar ou manter-se calados?

Consciente de que o convidado

escutara de mais, Hagop suspirou e rendeu-se.

"Oiça, nem uma palavra às nossas filhas, entendeu?", pediu.

"Este assunto fica entre nós.

"

"Esteja descansado.

"

"Nem à Marjan, ouviu?"

O pedido fez Krikor hesitar; não gostava de manter segredos para a

sua apaixonada.

Contudo, a curiosidade impôs-se e acabou por condescender.

"Está bem", concordou.

"Que aconteceu?"

Os anfitriões trocaram um olhar, como se se questionassem mutuamente sobre se seria sensato confiar no convidado.

Chegados àquele ponto, no entanto, perceberam que poderia

haver mais vantagens do que inconvenientes em exporem o assunto que os preocupava.

"Há pouco recebemos uma visita", disse Hagop, "não sei se reparou..."

"Claro, o vosso primo.

"

"Pois.

Ele tem ligações à igreja arménia.

Acontece que chegou esta tarde a Kayseri um eclesiástico do

patriarcado de Constantinopla com notícias perturbadoras.

Parece que os Turcos estão a prender arménios lá na capital.

"

Fez-se um breve silêncio durante o qual Krikor procurou digerir a

informação.

"Bem... suponho que haja razões para isso", sugeriu com prudência.

"Serão decerto criminosos.

"

O anfitrião abanou a cabeça com veemência.

"Não, de modo nenhum!", exclamou num tom intenso.

"Estamos a falar de médicos, banqueiros, escritores, jornalistas,

deputados,

advogados,

religiosos,

professores,

arquitectos,

músicos, poetas... a fina-flor da comunidade arménia.

Ao que parece, detiveram mais de

duzentos dos nossos notáveis.

"

"O quê?"

Hagop balançou pesadamente a cabeça, como se ele próprio só então

estivesse a tomar consciência da

enormidade do que acabara de

dizer.

"Decapitaram a comunidade arménia da sua liderança", concluiu.

Engoliu em seco, a face recortada de perfil pelo clarão avermelhado

emitido pelo tonir.

"Só me pergunto porquê.

"

Porquê?

A pergunta ressoou na mente dos arménios notáveis de Kayseri nos

dias seguintes, sobretudo à medida que iam chegando novas

informações sobre os inquietantes acontecimentos

50

em Constantinopla.

Foi um corrupio na casa dos Kinosian, com os adultos a sussurrarem

conspirativamente pelos cantos da casa para que as crianças não

ouvissem as conversas.

"Que se passa?", perguntou Marjan, intrigada com tantos murmúrios.

"Porque anda toda a gente a falar às escondidas? Há bocado entrei

na cozinha e dei com os meus pais a conversarem aos segredinhos.

Quando me viram puseram-se de repente a falar sobre o tempo.

Achas normal?"

Krikor hesitou, na dúvida sobre o que poderia ou deveria dizer.

Achava que a rapariga também tinha de ser informada do que se

passava, mas, por outro lado, sentia-se obrigado ao silêncio pela

promessa feita aos pais.

"Não é nada", acabou por lhe dizer.

"São coisas lá da vida deles, não te apoquentes.

"

O

tempo

passava

e

cada

vez

mais

informações

vinham

de

Constantinopla.

la-se tornando evidente que alguma coisa de muito grave estava em

gestação.

Alguém disse que os Turcos tinham detido o banqueiro Mihran

Aghajanian, outra informação falava em Dikran Allahverdi, membro de

diferentes conselhos patriarcais, enquanto uma terceira fonte

jurava pela vida das filhas que no lote dos detidos estava Krikor

Zohrab, o famoso escritor e deputado do parlamento otomano, figura

de tal modo importante que a notícia deixou incrédulos todos os que

dela tiveram conhecimento.

"Se eles se atrevem a tocar em Zohrab", murmurou o avô Sisag com

uma expressão de estupefacção, "ninguém está a salvo!"

Circularam dados desencontrados sobre o

paradeiro de toda esta gente.

Uns garantiam que os detidos se

encontravam na Prisão Central de

Constantinopla, mas logo alguém apareceu a dizer que toda a gente

tinha sido deportada em

51

comboios para várias regiões; falava-se sobretudo de Ancara.

Quanto ao que lhes estava reservado, as versões eram as mais

variadas.

Uns diziam que os detidos haviam sido apanhados em conspirações e

iam ser julgados, enquanto os mais radicais aventavam a hipótese de

todos serem executados sumariamente.

Achou-se que esta informação era

exagerada e a maioria assentou na ideia de que se tratava de uma acção preventiva em tempo de guerra,

pelo que ninguém se deveria preocupar em demasia.

"No fim de contas", concluiu Hagop,

"quando terminarem as

hostilidades na Europa e após os Aliados

vencerem, que Deus os proteja, os Arménios ver-se-ão livres da bota dos Turcos.

" Ergueu o copo de cognac arménio.

"E nessa altura, meus caros, seremos um país livre!"

52

IV

Havia já algum tempo que Kaloust sentia um rumor mudo crescer-lhe

no peito.

Não sabia dizer o que era, apenas que se tratava de uma espécie de

fúria, misturada com frustração, desalento e ralação, um cocktail

corrosivo que lhe fermentava nas

entranhas e o devorava por dentro.

Aquele estado de espírito tornava-o ainda mais irritável e

picuinhas que o habitual, pondo em polvorosa todo o pessoal em

redor dele, dos empregados aos sócios mais respeitados.

Como durante aquele almoço no Carlton, quando perdeu as estribeiras

só porque o empregado se atrasara um minuto no atendimento.

"Tens de te acalmar, meu velho", aconselhou-o Hendryk nessa

ocasião, incomodado com a cena a que acabara de assistir.

"Andas com os nervos em franja e precisas de resolver isso.

" Franziu o sobrolho, como se acabasse de ter uma ideia.

"Olha lá, porque não tiras umas férias? Se calhar fazia-te bem..."

53

Mas não era de férias que Kaloust precisava.

Em vez de se recolher à sua suíte no Ritz

de Piccadilly, como fazia habitualmente, nessa tarde decidiu ir direito a casa.

Sabia que Nunuphar era uma mulher intuitiva e, reconhecendo a

inquietação que dele se apossara havia algum tempo, Kaloust

considerou que talvez ela o pudesse ajudar a pensar na melhor forma

de lidar com o que o atormentava.

Quando chegou ao número 38 de Hyde Park Gardens, porém, a mulher

não estava em casa.

"Milady foi ao Harrods, sir", informou-o o

mordomo com todos os maneirismos típicos de um butler inglês.

"Mas não deve tardar nada porque me solicitou que tivesse pronto às

cinco um chá com um farrapo de creme e os scones.

"

Habitualmente os trejeitos de lorde a que Humphrey se dava

divertiam-no, era até talvez por isso que pagava tão bem para o ter

ao seu serviço, mas naquelas

circunstâncias não sentia outra coisa que não fosse irritação.

Mandou-o embora com um gesto impaciente e um grunhido mal-encarado e andou uma hora às voltas na sala, a fazer tempo e a matutar no

problema, incapaz de se sentar.

Quando a mulher por fim chegou a casa, acolheu-a com modos

acusatórios.

"Por onde andaste tu?", perguntou Kaloust, sabendo muito bem qual a

resposta.

"Isto são horas de andar na rua?"

Nunuphar pousou os sacos no átrio.

"Mas... mas todas as tardes dou um passeio", disse.

"Que se passa? Aconteceu alguma coisa?"

O marido respirou fundo, sentindo a fúria arder-lhe no peito e sem

saber como libertá-la.

"Anda tudo a correr mal, é o que se passa!", exclamou com irritação.

"Esta maldita guerra está a dar cabo da nossa vida! Os negócios

pararam e já nem a Paris é seguro ir!

54

Pior que isso, os Otomanos são agora formalmente nossos inimigos e

os Alemães estão a preparar-se para ficar com todo o petróleo da

Mesopotâmia! O governo britânico

confiscou as acções alemãs na

Turkish Petroleum Company e essa

empresa, que criei com tanto

esforço, está abandonada pela AngloPersian, que se recusa a pagar

as contas.

" Indicou um retrato do filho assente num aparador da sala.

"E depois... e depois há isto do Krikor! O

rapaz está doido! Doido!

Como é que um arménio de nacionalidade britânica decide ir para o

Império Otomano num momento como

este? Será que não tem a noção de nada? Estará cansado de viver? Mas que disparate é este? Que coisa

má lhe passou pela cabeça?"

Vendo-o possesso, a mulher aproximou-se dele e pousou-lhe a mão no

rosto, acalmando-o instantaneamente.

"É esse o verdadeiro problema, não é?", murmurou.

"Estás ralado com o Krikor.

"

Só ela verdadeiramente o compreendia, confirmou.

O

toque

gentil

com

a

mão

e

as

palavras

suaves

domaram

momentaneamente o monstro que o

transtornava.

Encaminhou-se para o sofá ao pé da lareira e, pela primeira vez

nessa tarde, conseguiu sentar-se e permanecer quieto por alguns

momentos.

"Sim, ando muito incomodado com o Krikor", admitiu.

"O rapaz não tem a menor noção do que foi fazer, percebes? Ele não

conhece os Turcos como nós conhecemos

e deve achar que a sua educação britânica lhe confere imunidade perante a história.

Mas o passado apanha-nos sempre,

sobretudo em tempos difíceis como este.

"

Intrigada com estas palavras, Nunuphar permaneceu plantada na sala

a olhá-lo fixamente, pressentindo de repente que o marido não lhe

havia ainda contado tudo.

55

"Mas qual é exactamente o problema?", quis saber.

"Porque andas tão ralado com o Krikor?

Que sabes tu que ainda não

me disseste?"

com um gesto de impotência e um longo suspiro, Kaloust ergueu as

mãos, vencido.

"Apenas sei o que Salim Bey me contou em 1913, logo depois de o

Império Otomano ter perdido a Guerra dos Balcãs", desabafou.

"Aconselhou-me a evitar Constantinopla por uns tempos porque o

sentimento dominante entre a gente dele, e vou usar a expressão que

ele usou, é de vingança.

"

"Vingança? Vingança de quê?"

"Os Turcos ficaram doidos com a perda completa da Rumélia para os

Búlgaros, os Sérvios, os Montenegrinos e os Gregos.

Encararam isso como uma humilhação, percebes? É por isso que querem

vingança.

Depois da derrota na Guerra dos Balcãs, deixaram cair o conceito de

otomanismo e passaram a concentrar-se no turquismo.

Salim Bey contou-me que o ministro do Interior, Talat Pasha,

começou a dizer abertamente que era preciso extirpar o país dos

cristãos, que considerou 'tumores internos'

que tinham de ser

'limpos'.

"

"Isso é a conversa do costume..."

"Não é apenas conversa!", exclamou ele.

"Li no jornal que os Turcos prenderam em Constantinopla centenas de

intelectuais arménios e os deportaram para a província.

Só Deus sabe o que lhes vai acontecer..."

com uma ruga de desassossego a formar-se na testa,
Nunuphar

encaminhou-se em passo ligeiro para o maple ao lado do marido,

descalçou os sapatos e acomodou-se com as pernas encolhidas.

"Meu Deus!", exclamou, percebendo por fim em toda a plenitude a

preocupação do marido.

"Se assim é, tens razão.

56

Aquilo é um barril de pólvora.

" Mordeu o lábio.

"E agora? O que vamos fazer?"

"Não sei.

O que achas?"

"Temos de falar com o Krikor, é evidente.

"

"Isso é muito bonito de dizer", contrapôs Kaloust.

"Mas onde anda ele? A única coisa que nos mandou foi aquela carta

de Genebra a dizer que ia para

Constantinopla e depois para a

província atrás de um assunto de saias.

Mas para onde foi ele na província?" Fitou a mulher.

"Disse-te alguma coisa?"

Nunuphar abanou a cabeça.

"Claro que não", assegurou.

"Há, no entanto, uma maneira de descobrirmos..."

"Qual?"

A mulher mergulhou o indicador no cabelo e começou a rodá-lo

distraidamente, compondo caracóis com as pontas, como fazia sempre

que avaliava um problema.

"Não

te

esqueças

de

que

tens

excelentes

contactos

em

Constantinopla", lembrou.

"Porque não consultas Salim Bey?"

Ao escutar a sugestão, Kaloust endireitou-se na cadeira e, acto

contínuo, pôs-se de pé; estava cansado de preocupações e ansiava

por acção.

"Boa ideia!", exclamou.

"vou escrever-lhe!"

57

58

v

A cidade de Kayseri estendia-se por um vale coberto de salgueiros,

as casas encostadas umas às outras ao longo de ruas de terra

batida, a maior parte das vezes lamacentas; eram edifícios pobres,

as paredes decrepitas, as fachadas por pintar.

Havia algo nela, porém, que seduzia Krikor.

Talvez isso se devesse ao facto de a sua família ser dali

originária, ou se calhar seria por causa dos picos nevados das

montanhas Erciyas que adornavam o horizonte, ou quem sabe se se

tratava simplesmente da presença mágica de Marjan, a doçura arménia

que o enfeitiçava e o fazia ver beleza numa terra onde ela não

existia.

Naquela manhã, no entanto, Kayseri exibiu pela primeira vez uma

imagem que o visitante dela não tinha.

Krikor fora dar um passeio até à casa dos Berberian; estava fechada, tal como a dos Sarkisian, uma vez que todos tinham

decidido abandonar a cidade quando a guerra rebentou e instalar-se

em Constantinopla ou no Egipto.

As famílias

59

abastadas eram prudentes e usavam os seus recursos para se afastar

no momento em que sentiam que a

situação se poderia deteriorar.

Na volta do passeio, quando regressava com uns cravos exuberantes

que adquirira a uma vendedora grega, deparou-se com um grupo de

soldados turcos a marchar apressadamente na rua e seguido por uma

multidão de mirones.

Observou de relance os soldados e percebeu que rodeavam um homem de fez vermelho, portanto um arménio, que caminhava com as mãos atadas

atrás das costas.

A turba parecia muito excitada e o visitante, talvez com imprudência, mas movido pela curiosidade natural dos jovens que

tudo querem aprender da vida,

acompanhou a multidão.

Alguns soldados empurravam o prisioneiro com os canos das

espingardas.

O homem caminhava de cabeça baixa, de tal modo que não era possível

ver-lhe o rosto, mas Krikor constatou que ele murmurava umas

palavras.

Abeirou-se um pouco mais e apercebeu-se de que rezava o pai-nosso

em arménio, língua proibida por aquelas paragens.

De repente o prisioneiro ergueu a cabeça e os seus olhos cruzaram-se com os de Krikor.

Era um olhar nublado, como o de alguém entorpecido por um sonho, as

pernas trôpegas num andar de sonâmbulo.

A face borbulhenta denunciava um

adolescente, decerto nem dezoito
anos teria.

"Que fez ele?", perguntou a um mirone.

"É arménio", foi a resposta excitada do turco.

"Insultou um soldado.

"

Perante a resposta, Krikor teve vontade de abandonar a
turba.

Que lhe interessava ver um rapaz ser conduzido à prisão?
Mas a

efervescência na rua era contagiante e, com a manhã
desocupada, o

visitante deu consigo ainda preso à multidão.

Viraram a esquina e entraram na praça.

Krikor

60

achou que não estava ali a fazer nada e forçou-se a si
mesmo a

arrepisar caminho e voltar para casa, mas nesse preciso
momento

reparou numa grande estrutura de madeira erguida no meio
da praça e

deixou-se levar mais alguns passos.

Havia três postes no centro e cada um culminava no alto num

triângulo de onde pendiam cordas grossas envoltas num laço.

"Meu Deus!", murmurou, horrorizado, estacando alguns metros depois

da esquina que dava acesso à praça.

"Estes tipos são loucos!"

O clamor da multidão amainou quando o prisioneiro foi empurrado

para a estrutura.

As pessoas tinham começado a falar em sussurros.

O rapaz com as mãos atadas atrás das

costas tentou parar, os soldados empurraram-no novamente e ele tombou no chão.

Três homens de uniforme pegaram-lhe pelos braços e arrastaram-no

pelos degraus até o encostarem ao poste do meio.

Um dos soldados pegou na corda e

enlaçou-a ao pescoço do

prisioneiro, apertando o nó.

Os homens de uniforme deram um passo atrás.

Fez-se um silêncio absoluto na praça.

"Asvadzeem!", gritou o condenado, lívido

no instante em que encarava a morte, como se com aquele grito dirigido ao Criador

conseguisse afugentar o medo que o paralisava.

"Meu Deus!"

Acto contínuo, o alçapão abriu-se e o corpo caiu e ficou pendurado

no ar, a espernear e a pontapear o vazio.

Krikor observava a cena como se estivesse hipnotizado, querendo

fugir e ao mesmo tempo incapaz de desviar a atenção, como se o

centro do universo irradiasse luz naquela

sinistra plataforma de madeira.

com a corda a estrangulá-lo, os olhos do condenado ficaram

esbugalhados e a face tornou-se vermelha e depois arroxeada.

Desferiu mais uns pontapés no ar, 61

sempre sem emitir um som que fosse, até que por fim ficou

imobilizado, os olhos vidrados e a língua roxa ao canto da boca.

Um soldado turco aproximou-se do corpo e, com uma faca, desferiu um

golpe na barriga e rasgou-lhe o ventre de um lado ao outro.

Os intestinos saltaram do corpo e, com um som oco, espalharam-se

pelo chão numa massa branca e

ensanguentada.

Foi só nesse instante que Krikor conseguiu desviar o olhar

horrorizado.

Deixou cair os cravos, dobrou os joelhos, inclinou-se para a frente

e, incapaz já de se dominar, vomitou.

Quando ao final da manhã chegou a casa dos Kinosian, Krikor

deparou-se com um ambiente pesado.

Os anfitriões conversavam na sala em voz baixa com familiares de

visita e Marjan tinha lágrimas nos olhos, evidentemente já

consciente do que se passava.

Nem os cravos que o pretendente lhe estendeu com as pétalas sujas

de terra, lhe arrancaram mais que um sorriso ténue.

"Devemos abandonar Kayseri enquanto podemos",
aconselhou Hagop

depois de o convidado ter entrado na sala.

"Daqui para a frente será só a piorar.

"

"Abandonar Kayseri?", protestou o avô Sisag, a mão que
segurava a

bengala a tremer.

"E vamos para onde? Disseram-me que em Sivas e em
Yozgat os

enforcamentos já duram há uma semana.

E parece que lá na Anatólia as coisas estão muito pior!..."

"É esta maldita guerra", disse um dos primos que aparecera
de

visita.

"Os Turcos acusam-nos de estarmos a alistar-nos no exército
russo

para combater os Otomanos e querem vingar-se em nós.

Anda para aí uma boataria de que os arménios de Van já
pegaram em

armas para se defenderem.

"

62

"Se calhar é o que também devíamos fazer", aventou o anfitrião.

"Se não podemos fugir, ao menos defendemo-nos, como os de Van.

"

"Que disparate, Hagop!", admoestou-o o avô Sisag.

"Como nos podemos defender? Isso só iria dar mais pretextos aos

Turcos para enforcarem toda a gente.

"

"Os arménios de Van estão a defender-se..."

"Van fica perto da fronteira com a Rússia", argumentou o ancião.

"Se aquilo der para o pior, como decerto vai dar, eles podem sempre

fugir para o outro lado da fronteira.

Além disso, parece que o exército russo não anda longe.

Mas nós não.

Se os Turcos caem em cima de nós, não temos para onde fugir.

Por isso não lhes podemos dar o menor pretexto.

"

"E o que dizem os nossos líderes? O que dizem de Constantinopla?

Quais são as ordens?"

"Quais líderes? Quais ordens? Foi toda a gente presa! Não há

ninguém para nos guiar!"

Calaram-se todos enquanto tomavam consciência em toda a sua

plenitude do verdadeiro alcance das

detenções de toda a elite arménia em Constantinopla.

Quem os protegeria naquele momento?

Quem os representaria? Quem os

guiaria?

"Ouvi dizer", murmurou Hagop, "que há pessoal que anda a guardar

armas e explosivos.

"

"Onde? Aqui em Kayseri?"

O anfitrião apontou para a janela.

"Nas aldeias a leste de Kayseri.

"

"É isso mesmo que os Turcos querem!", exclamou o avô Sisag, que

todos escutavam com especial atenção devido à longa experiência de

sobrevivência aos sucessivos pogrons turcos contra os cristãos em

geral e os Arménios em particular.

63

"Se os tipos descobrem, vão usar o exemplo dessas aldeias para nos

massacrarem a todos.

" Ergueu o dedo, à laia de alerta.

"Temos de ter muito cuidado, ouviram?

Não lhes podemos dar o menor

pretexto.

"

O callor debaixo da manta aquecida pelo tonir era reconfortante e

Krikor enroscou-se ainda mais, mas o sono foi brutalmente interrompido por um barulho infernal à porta de casa.

Não eram toques de visitantes, mas verdadeiros murros desferidos

contra a madeira.

"O que é isto?", perguntou Hagop com irritação, levantando-se para ir abrir.

"Esta gente não tem maneiras?", resmungou enquanto caminhava de

pijama para a entrada.

"Onde é que já se viu bater desta maneira à porta a uma hora

destas? Está tudo louco!"

com o anfitrião já de pé para pôr fim à barulheira, Krikor virou-se

para o outro lado e deslizou de novo para o sono.

Ainda estava escuro e as pálpebras pesavam-lhe.

Mas a entrada brusca de pessoas na sala, aos gritos e sem o menor

respeito por quem dormia, fê-lo despertar de novo.

Tal como o resto da família, levantou a cabeça e, com uma expressão

estremunhada, tentou perceber o que se passava.

Foi então que viu os soldados.

A sala estava cheia de homens de uniforme e espingardas na mão a

gritar ordens em turco.

Toda a gente se pôs em pé, Krikor incluído, sem perceber o que se

passava.

"Fiquem onde estão!", ordenou um homem com uma espada à cintura,

presumivelmente o oficial encarregado daqueles homens.

"Estamos a passar esta casa em revista! Se forem encontradas armas,

serão executados sumariamente!"

Hagop, de pijama e cabelo despenteado, olhava-o com estupefacção.

64

"Mas, effendi, esta casa é pacífica", disse num tom apropriadamente

submisso.

"Aqui não há armas.

Somos bons cidadãos otomanos e

respeitamos a lei.

"

"É o que veremos!", retorquiu o oficial com um esgar de desdém.

"Quero toda a gente fechada nesta sala, e em silêncio, enquanto

procedemos às buscas.

"

"Como desejar, effendi", concedeu o anfitrião, "embora gostasse de lhe pedir que..."

"Em silêncio, disse eu!"

A ordem foi de tal modo peremptória que Hagop não pronunciou mais

nenhuma palavra e arrastou-se, cabisbaixo, até junto de Arshalous.

As mulheres tremiam de medo, em

particular Marjan e as duas irmãs mais novas, pelo que Krikor se aproximou delas e, com um sorriso

tranquilizador, se esforçou por acalmá-las.

O rapaz não se sentia verdadeiramente impressionado com o que se

passava,

talvez

porque

não

era

dali

e

não

acreditasse

verdadeiramente que alguém se atrevesse a tocar-lhe, e a sua

tranquilidade acabou por reconfortá-las.

A barulheira estendera-se por toda a casa.

Os soldados percorreram as divisões e de

toda a parte chegava barulho de portas a abrir e fechar e gavetas a serem vasculhadas.

Krikor espreitou pela janela para o exterior e apercebeu-se de que

havia vários destacamentos de soldados na rua e quase todas as

casas do bairro estavam igualmente a ser vasculhadas.

De certo modo isso consolou-o ainda mais, talvez porque constituía

a prova de que os Turcos não visavam especificamente os Kinosian.

Sentou-se junto ao tonir e descontraíu.

"O que é isto?"

Voltaram-se todos na direcção da voz que fizera a pergunta.

As buscas feitas pelos soldados duravam já havia quase uma

65

hora e viram nesse instante o oficial que comandava o pelotão

entrar na sala com dois facalhões nas mãos.

"São facas de cozinha", explicou Hagop.

"A minha mulher usa-as para cortar a carne.

"

O oficial ergueu as facas e contemplou as lâminas mais de perto.

"Isto são armas.

"

"Não, effendi, são utensílios de cozinha", insistiu o dono da casa,

alarmado com a conclusão perigosa a que o turco queria chegar.

"Sem facas desse tamanho é muito difícil cortar a..."

"Facas destas só podem ser armas", atalhou o oficial de um modo

seco e definitivo.

"Vão ser confiscadas.

"

Do mal o menos, pensaram os Kinosian em simultâneo, os suspiros de

alívio quase audíveis.

A confiscação era bem melhor que uma detenção por posse ilegal de

armas, considerando sobretudo que esse crime era sujeito a julgamento sumário e punível com a pena de morte.

"Sim, effendi.

"

O oficial entregou as facas a um

subordinado e aproximou-se de

Hagop, que enlaçava com o braço a mulher grávida.

"Onde estão as armas de fogo?"

O anfitrião arregalou os olhos e abanou a cabeça, sem compreender a

pergunta.

"Quais armas de fogo, effendit"

"Tu sabes muito bem", disse o turco num tom sibilante.

"As espingardas, as munições.

Onde as escondeste?"

"Mas, effendi... não tenho essas coisas.

Sou um otomano pacífico e cumpridor da lei.

Não possuo armas nenhuma
nem..."

O oficial desferiu um soco repentino no estômago de Hagop, calando-o e forçando-o a dobrar-se de dor.

A seguir deu-lhe uma joelhada brutal no rosto inclinado para a

frente, fazendo

66

o dono da casa estatelar-se no chão.

As mulheres gritaram de horror e

Arshalous fez tentativas de ajudar o

marido, mas um soldado agarrou-a e arrastou-a para o outro lado da

sala.

As filhas gritavam, o pânico nos olhos, e Krikor, sentindo-se

impotente para ajudar Hagop, abraçou-as para tentar acalmá-las.

Estendido no chão, o dono da casa tinha a mão no rosto e os dedos

sujos de sangue.

O oficial deu dois passos na sua direcção e acocorou-se diante

dele.

"Diz-me onde tens as armas de fogo

escondidas", ordenou o turco num registo sereno, quase amigável.

"Senão, vou ser forçado a prender-te e aplicar-te um tratamento que

te fará falar.

"

"Effendi, juro pela minha família que não tenho armas de fogo

escondidas em parte nenhuma", retorquiu o anfitrião, ainda deitado

no soalho.

"Não posso entregar o que não tenho.

"

"Assim forças-me a deter-te.

"

Hagop fez um esforço para se levantar e sentou-se no chão, as mãos

a limparem o sangue que lhe escorria pelo nariz, onde levara a

joelhada.

"Mas porquê, effendi? Se tivesse armas, prendia-me.

Uma vez que não tenho, prende-me na mesma.

Que posso eu fazer?"

O oficial endireitou-se e fez sinal aos soldados, que pegaram em

Hagop e o arrastaram para fora de casa.

Lavadas em lágrimas e quase histéricas, Arshalous e as filhas

gritaram por ele, mas os intrusos fizeram uma barreira e não as

deixaram passar.

Constatando que elas não estavam em condições de ouvir uma palavra

que fosse, o turco encarou o avô Sisag, que a tudo assistia com

mutismo resignado.

"Temos uma quota de armas de fogo por preencher", disse.

"A bem do vosso familiar, espero que as entreguem.

"

com um movimento brusco, voltou as costas e saiu de casa, levando

os seus homens consigo.

67

68

VI

Uma chuva miúda cobria Hyde Park como um véu prateado naquela manhã

de brumas; parecia que uma fina cortina de humidade se abatera

sobre o parque, a luz metálica emanada

das nuvens de chumbo a espriar-se pela cidade e a reflectir-se até nas pétalas molhadas

das flores.

De cartola na cabeça e bengala na mão a tiquetaquear no piso com a

ponta, Kaloust perfazia o seu

"constitucional" ao ritmo do costume.

Não desgostava daquele clima melancólico nem do orvalho que

humedecia o chão; pelo contrário, a frescura matinal tinha o condão

de o revigorar.

"Sir!", chamou uma voz.

"Um minuto, sir/"

Deteve-se no caminho que serpenteava pelo relvado e virou-se para

ver quem o interpelava.

Era o mordomo.

"Aconteceu alguma coisa, Humphrey?"

O butler vinha impecável na sua gabardina clara e chapéu de coco

negro, elegante como um gentleman.

Manteve a pose imperial até quando mergulhou acidentalmente o pé

69

esquerdo numa poça de lama que se

atravessava no caminho e que o salpicou até ao joelho.

"Ligaram do escritório, sir", anunciou Humphrey, impassível apesar

da perna enlameada.

"Chegou um telegrama para o senhor.

"

"Telegrama? De quem?"

"De Genebra, sir.

Creio que o senhor tinha a máxima urgência no assunto e por isso

vim eu mesmo informá-lo.

"

Um telegrama de Genebra, sabia Kaloust, só podia ter sido remetido

por Salim Bey.

com o início da guerra, as comunicações entre Londres e

Constantinopla haviam sido interrompidas e sempre que queria

comunicar com o seu velho amigo turco usava um contacto otomano na

cidade suíça.

Fora o que, de resto, fizera quando semanas antes escrevera a Salim

Bey.

Mas porque lhe havia respondido o ministro otomano das Finanças com um telegrama e não com uma carta?

Haveria novidades? E de que tipo?

Sem perder mais tempo, Kaloust

interrompeu o constitucional e

voltou de imediato para casa.

Chamou o chauffeur e, em alguns minutos, já se encontrava a bordo

do seu elegante Delaunay Belleville Landaulette a caminho do

escritório em St Helen's Place.

"O telegrama?", foi a primeira coisa que perguntou quando entrou no

escritório, os olhos a dardejarem em todas as direcções na ânsia de

saber notícias do filho.

"Onde está ele?"

"No seu escritório, sir", informou-o o seu assistente, Robert Cook.

"Deixei-o sobre a secretária.

"

Logo que penetrou no gabinete deparou-se de facto com o envelope do

Royal Post Office no lugar onde Cook disse que ele estaria.

Atirou a cartola para o cabide e, com um leve tremor de nervosismo

a agitar-lhe as mãos, precipitou-se 70

sobre a mesa, pegou no sobrescrito e rasgou a faixa lateral, extraindo o telegrama.

RECEBI CARTA STOP PRECISAMOS

DE FALAR STOP

ENCONTRO NO GRAND HOTEL

INTERLAKEN STOP

PRÓXIMO DIA 12 AS 14HOO STOP

SALIM BEY

Interlaken? Porquê um encontro em Interlaken? Por que motivo o seu

amigo não lhe respondia por simples

carta? Para quê dar-se a tanto trabalho? O que se passava?

Sentiu uma presença à porta do escritório.

"Alguma coisa importante, sír?"

Era Robert Cook, o jovem advogado que contratara quando abriu o

escritório e que ainda se encontrava ao seu serviço.

O patrão desviou o rosto para a janela e despejou o olhar nos

inúmeros guarda-chuvas que deslizavam pelo piso molhado dos

passeios.

"É o meu filho", murmurou.

"Salim Bey pediu-me um encontro urgente em Interlaken.

Deve haver novidades.

"

"Se me permite perguntar, boas ou más?"

Uma boa pergunta, pensou Kaloust.

O facto é que Salim Bey tinha algo para dizer e não se atrevia a

pô-lo por carta, decerto com medo de que a espionagem nos correios

otomanos lhe interceptasse a missiva.

Girou na cadeira e cravou os olhos escuros

nos azuis do seu funcionário.

"Provavelmente más.

"

E voltou-se de novo para a janela, pensativo e abatido.

71

72

VII

A detenção de Hagop deixou a família Kinosian mergulhada num estado

de absoluta confusão.

Após uma hora de aturdimento, Arshalous deitou um xaile pelos

ombros e saiu em passo determinado em direcção à casa de um

vizinho, um arménio abastado que tinha assento na associação de

comerciantes da cidade e estava habituado ao contacto com as

autoridades turcas.

A ideia era implorar-lhe ajuda e conseguir a sua intervenção para

libertar o marido o mais depressa possível, mas pouco depois

regressou com uma expressão desorientada

na face.

"Também o prenderam", murmurou, tentando digerir o significado do que se estava a passar.

"Meu Deus! Ele tem amigos na administração e mesmo assim prenderam-no! Se lhe fizeram isso a ele, quem acudirá ao Hagop? Quem nos

acudirá a nós?"

A todo o instante chegavam notícias de pessoas que viviam no bairro

e que também haviam sido levadas pelos soldados;

73

tratava-se invariavelmente de homens, e quase sempre chefes de

família.

Os vizinhos começaram no final da manhã a juntar-se na rua em busca

de ideias para resolver o problema, mas a impotência era geral e o

mais que conseguiram foi reconfortar-se uns aos outros.

A situação ultrapassava Krikor, embora o visitante estivesse

convicto de que uma dificuldade daquela natureza tinha uma solução

evidente.

"Porque não apela à justiça?", perguntou, expondo o que lhe

parecia o caminho a seguir.

"Não se pode entrar na casa de uma pessoa assim sem mais nem menos,

sem um mandato do juiz e espancando e detendo as pessoas sem o

menor sinal de que tenham cometido um crime! Isso é um abuso!"

As mulheres pareciam de cabeça perdida e não se encontravam em

estado de responder ou sequer de

raciocinar, tão habituadas estavam a que os homens se encarregassem daquele

tipo de problemas, pelo que foi o avô Sisag a tomar a palavra.

"Isto não é a Inglaterra, jovem", disse o velho, a mão que segurava

a bengala sempre a tremer.

"Sabes qual a lei que se aplica por aqui?"

Kurd der vourar.

"

Krikor contraiu a cara numa careta.

"Kurd... quê?"

O avô Sisag puxou-o pelo braço e afastou-o das mulheres para poder

falar mais à vontade.

"Quando um não muçulmano é acusado de um crime na Turquia, rapaz, é

considerado culpado até prova em

contrário", explicou.

"Se fugir e não o encontrarem, a polícia deterá um homem da

família, o pai, o irmão, o filho ou até o primo.

Se não houver homens na família,

prendem o chefe da comunidade e

maltratam-no até que o suspeito se entregue às autoridades.

"

74

"Eles não podem fazer isso!"

"Mas fazem! Neste país, se um muçulmano matar um cristão acredita que prestou um serviço a Deus e assegurou um lugar no paraíso de

Alá.

Mas se um cristão matar um muçulmano, mesmo que em autodefesa, é o

fim do mundo.

Sofre o cristão e sofre a família.

"

"Então e os tribunais? Para que servem?"

O avô Sisag fungou e escarrou para o
chão.

"É aqui que entra o Kurd der vourar", disse, esfregando o pé
sobre

o escarro para o cobrir com terra.

"Conta-se que uma vez um chefe curdo muçulmano
comprou uma bela

espada.

Quando ia com os amigos pela estrada, o curdo cruzou-se
com um

arménio que caminhava com a ajuda de um cajado.

Vendo o arménio, o curdo constatou que estava ali uma bela
ocasião

para testar a espada e, sem mais,

despenhou a lâmina sobre a cabeça do cristão.

Num gesto instintivo de defesa, o arménio ergueu o cajado
e, com a

brutalidade do impacto, a espada partiu-se.

Furioso, o curdo pegou no desgraçado e levou-o ao juiz, exigindo

que o arménio o indemnizasse por lhe ter quebrado a lâmina.

O arménio alegou que nada mais tinha feito que proteger-se, mas o

juiz não teve contemplações.

Perguntou-lhe se não sabia que havia sido um muçulmano que o

atacara e disse-lhe que não tinha o direito de destruir um objecto

que pertencesse a um muçulmano.

Resultado? O arménio teve de pagar a espada partida.

Nasceu assim a expressão Kurd der vourar.

É o curdo que ataca.

"

Krikor fez um esgar, intrigado.

"Essa história é verdadeira?"

"Dizem que sim.

Terá acontecido em Agantz.

" O velho encolheu os ombros.

"Que importa isso? O facto é que Kurd der vourar reflecte com

precisão os nossos direitos no Império Otomano.

"

75

"Mas então... o que podemos fazer?"

com um gesto impotente, o avô Sisag ergueu a bengala trémula e

apontou-a para o fundo da rua, onde os soldados tinham desaparecido

com Hagop e os restantes prisioneiros, e suspirou com resignação.

"Rezar.

"

Apesar de não passar de uma rapariguinha indefesa, Marjan libertou-se do torpor que a paralisou durante toda a manhã e, logo depois do

almoço, aproximou-se da mãe com a decisão já tomada.

"vou à cadeia ver o pai!"

Arshalous arregalou os olhos de horror.

"Estás doida? Tu? A meteres-te ali, no meio daqueles... daquela

gente? Nem penses nisso!"

"Tenho de ver o pai!", insistiu Marjan, determinada a levar até ao

fim o projecto.

"Não podemos ficar aqui sem fazer nada!"

"Mas... mas não vêes que é pior ires ali?", argumentou a mãe.

"Aqueles homens, aqueles animais...

quando te virem, filha, dão

cabo de ti!"

A

rapariga

ainda

hesitou,

uma

vez

que

o

raciocínio

era

fundamentado; ninguém sabia tão bem quanto ela como os homens

reagiam à sua presença.

Mas se ninguém fosse à cadeia e tentasse fazer alguma coisa como

poderiam ajudar o pai? Deixá-lo-iam abandonado aos Turcos? Não,

isso não podia ser! com um gesto resolutivo, Marjan virou as costas e

pôs-se a caminho.

"Já venho.

"

A rapariga cruzou a porta e saiu para a rua.

Estupefacta, a mãe assomou à porta e viu-a afastar-se em direcção

ao fundo da rua.

76

"Marjan!", gritou.

"Volta! Por amor de Deus, volta! Não faças nenhuma loucura!"

Mas a decisão estava tomada e a filha seguiu o seu caminho sem

sequer lançar um olhar para trás.

Apesar da insensatez encerrada naquele acto, era impossível não lhe

admirar a coragem.

Vendo-a caminhar com passos tão

decididos, e apesar de se sentir

cada vez mais assustado com o evoluir de uma situação que não

dominava e mal compreendia, Krikor teve vergonha do medo que o

tolhia e correu para junto dela.

"vou contigo", disse-lhe quando alinhou o

passo ao lado da rapariga.

"Alguém tem de te proteger.

"

Marjan esboçou um sorriso frágil, mas não proferiu palavra.

Caminharam por isso em silêncio,

esmagados pelo tumulto em que se

havam transformado as suas vidas, o medo a ordenar-lhes que

fizessem meia volta, o amor a impor-lhes que seguissem em frente,

ela pelo pai, ele por ela.

Uma

estranha

calma

abatera-se

sobre

o

bairro

arménio

de

Dicharechar.

As lojas estavam fechadas, as janelas também, e viam-se pequenos

grupos a cochichar junto de uma ou outra porta com cara de caso,

atirando olhares amedrontados para o ocasional turco que por ali

passava.

A notícia de que os soldados tinham detido quase todos os chefes de

família de uma das ruas ia-se espalhando pelo bairro.

Os dois jovens saíram dos quarteirões arménios e, como se tivessem

penetrado noutra mundo, tudo mudou.

A vida parecia prosseguir com absoluta normalidade no resto de

Kayseri; dava até a impressão de que o que sucedera em Dicharechar

não passava de um acontecimento de rotina na justa luta das

autoridades contra os malfeitores.

Os vendedores ambulantes grelhavam carne no carvão, viam-se

mulheres de véu e lenço na cabeça a expor tecidos pelos passeios,

as

77

ruas enchiam-se de carroças, burros e cavalos e dos minaretes

jorravam vozes melódicas a louvar a

grandeza de Alá e a chamar os fiéis à oração.

A meio de uma rua passou por eles uma carroça enquadrada por

soldados turcos e alguns populares.

Espreitaram para o interior e viram um aglomerado caótico de

corpos, um braço para aqui, uma perna voltada para fora, uma

colecção de rostos roxos e inchados, os olhos vidrados e as línguas

púrpura de fora; pareciam bonecos sujos, mas eram os enforcados da

manhã.

Marjan e Krikor desviaram o olhar, agoniados, embora não pudessem

deixar de ver e de ouvir a turba turca que acompanhava a carroça e

que se apercebera de que ambos eram também arménios.

"Em breve será a vossa vez, inch'Allah!", sorriu um homem

desdentado, passando o dedo pelo pescoço num gesto de significado

inequívoco.

"A Turquia é para os Turcos.

"

Chegaram por fim à cadeia, à frente da

qual se aglomerava uma pequena multidão, a maior parte homens de fez vermelho na cabeça.

Sempre com Krikor colado a ela, Marjan furou pela massa inquieta de

gente angustiada e tentou forçar a entrada, mas dois soldados

bloquearam-lhe o caminho com maus modos.

"Onde pensas tu que vais?", perguntou um deles, lançando-lhe uma

mirada dos pés à cabeça.

"Os teus serviços só são requeridos fora das horas de expediente!"

Soltou uma risada lasciva.

"Deves ser fresca, debes..."

"Quero ver o meu pai.

"

O soldado empurrou-a.

"Fora daqui, meretriz!"

A rapariga lançou um olhar de impotência a Krikor, como se lhe

pedisse ajuda.

Vendo-se interpelado por aquela súplica silenciosa, o seu protector

meteu a mão ao bolso e retirou

uma nota.

78

"Deixem-nos entrar", pediu, estendendo o dinheiro aos guardas.

"É só para esclarecer um equívoco.

"

Os soldados pegaram na nota e, voltando-se de costas para fingir

que nada viam, fizeram-lhes sinal com a cabeça para passarem.

O casalinho esgueirou-se pelo portão e penetrou no perímetro da

prisão municipal, encaminhando-se directamente para o edifício

central.

Uma vez lá dentro, dirigiram-se à secretaria.

Marjan apresentou o caso ao balcão, mas o funcionário entediado nem

a deixou terminar a exposição do que a trouxera ali.

"Esse caso está a ser coordenado pela Organização Especial", disse.

"Não me meto nisso.

"

"Que Organização Especial, effendi?"

O turco abanou a cabeça com impaciência.

"Ordens de Constantinopla.

Não posso ajudar.

"

Os dois visitantes entreolharam-se e Krikor percebeu que tinha mais

uma vez de intervir.

Havia quase um mês que estava em

Kayseri e começara já a entender

como algumas coisas funcionavam por ali, pelo que voltou a deitar a

mão ao bolso e extraiu mais uma nota.

"Oiça, se libertar o senhor Kinosian tenho aqui uma oferta muito...

digamos, generosa.

"

O homem atrás do balcão voltou a atenção para o dinheiro e um

brilho fugaz de cobiça faiscou-lhe nos olhos negros, acicatando-lhe

o interesse no caso.

"Não tenho poderes para tanto, receio bem", disse.

"Mas, a troco dessa quantia, posso explicar-vos o que devem fazer

para atingirem o resultado que pretendem..."

Krikor hesitou.

Não confiava muito no seu interlocutor.

"Dar-lhe-ei esta nota", prometeu, acenando com o dinheiro, "se o

seu conselho for bom e conduzir aos resultados que desejamos.

"

79

O funcionário olhou em redor,

evidentemente preocupado com manter-se discreto, e inclinou-se para o visitante.

"Temos de preencher uma quota de apreensão de armas de fogo", murmurou.

"Arranjem umas espingardas e tragam-nas cá.

com uma pequena ajuda de bakshish, isso bastará para fazer a coisa.

"

80

VIII

O ar rarefeito da montanha conferia uma qualidade cristalina à

manhã.

As cores eram mais vivas, os pormenores pareciam ampliados, a luz

brilhava com intensidade especial.

A paisagem diante do Grand Hotel de Interlaken arrebatava Kaloust

com a sua orgia cromática e harmonia de formas.

O verde dos vales derramava-se pelo azul dos lagos e os cumes

leitosos das montanhas reluziam ao sol numa desconcertante sinfonia

visual, como se a natureza fosse pura arte.

Ou pelo menos foi o que o novo cliente pensou quando, depois de

entrar na suíte do hotel, saiu para a varanda e os seus sentidos

foram inundados pelo panorama

exuberante que o cercava.

A montanha Jungfrau escalava o céu em picos sucessivos, como os

dentes de uma serra monumental, e de olhar extasiado a contemplar

aquele recanto dos Alpes suíços o recém-chegado pensou que artista

alguém seria capaz de criar, ou sequer captar, tamanha perfeição.

"Magnífico!", murmurou.

"Simplesmente magnífico!"

81

Mas depressa a lembrança do que ali o trouxera lhe nublou o olhar.

Como era possível que o mesmo Deus que criara tão deslumbrante

maravilha fosse o mesmo que autorizava a guerra que devastava a

Europa e fazia dos Turcos os eternos carrascos dos Arménios e ainda

deixava que o seu filho se fosse meter naquele inferno?

Sentou-se pela uma da tarde no restaurante do Grand Hotel, os olhos

a vaguearem pelo magnífico vulto

esbranquiçado da Jungfrau que se

erguia entre tufos de nuvens.

Parecia que às encostas se colavam

algodões, a montanha a pairar com majestade sobre os glaciares alpinos e o sopé viçoso.

"M'sieur", interpelou-o o empregado de lápis e bloco de notas na

mão.

"O que deseja para o almoço?"

Como se despertasse de um sonho, Kaloust pousou a atenção na ementa

e pensou que deveria experimentar uma especialidade suíça.

"Porque não um fondue de queijo?"

Quando o garçon se afastou, os olhos do arménio desviaram-se para

um homem loiro e baixo de gravata às cornucópias que se sentava na

mesa ao lado.

Conhecia-o de algum lado, embora não o conseguisse situar com

exactidão, e percebeu por uma breve troca de olhares que ele também

o reconhecera.

Perguntou a si mesmo se não seria alguém relacionado com Salim Bey,

mas o encontro com o seu velho amigo turco só estava marcado para o

dia seguinte e não lhe parecia que ele tivesse mandado batedores.

Além do mais, aquele homem era evidentemente europeu, o que o

retirava da órbita de Constantinopla.

Depois do almoço, e para ajudar a digestão, fez um constitucional.

Desceu até ao lago Thun e apreciou o seu aspecto de cratera

elegante, rodeada por montanhas.

À noite voltou

82

ao restaurante para o jantar e foi aí que o homem da gravata às

cornucópias venceu o pudor e se

aproximou da sua mesa.

"Dá-me licença?", perguntou, obsequioso, em francês.

"Peço desculpa pela intrusão, mas m'sieur é Kaloust Sarkisian, não

é verdade?"

"De facto, sou.

"

O desconhecido sorriu.

"O meu nome é Jean-Marc Hertault", apresentou-se.

"Sou senador na Assembleia Nacional e presido à Comissão de

Relações Exteriores do Senado.

Dá-me licença que me sente à sua mesa?"

Conhecia aquele rosto dos jornais, compreendeu Kaloust.

E o francês identificara o arménio por causa das responsabilidades

que assumira no parlamento e que tinham relevância na área

energética.

Ao longo da refeição o senador Hertault revelou-se um homem

conversador, com uma visão grandiosa da França que começou a expor

e que Kaloust depressa interrompeu para repudiar com um enfático

gesto de discordância.

"Nenhum país é grande se não dominar o negócio do petróleo",

argumentou.

"Tanto quanto sei a França está fora deste negócio, não é verdade?"

Então não pode aspirar à grandeza.

"

"Que quer dizer com isso? Está fora do negócio?! Nós temos a

Industrie Nationale de Raffinage..."

"Uma associação monopolista de merceeiros!", exclamou Kaloust com

um esgar de desdém.

"Acumulam lucros enormes à custa da especulação de preços e sem

qualquer estratégia de interesse nacional!

Sabe como trabalham

eles? Compram aos Americanos e à Royal Dutch Shell petróleo já

refinado, ao qual é acrescentado lixo químico de propósito para

evitar taxas de importação.

Uma vez em França, os merceeiros da 83

Industrie Nationale removem esse lixo nas suas refinarias.

E é a isso que chamam refinação!"

Esboçou uma careta.

"Um embuste, chamo-lhe eu!"

O senador corou.

"Bem... enfim..."

"com o início da guerra", acrescentou o arménio sem
abrandar o

ataque, "como está a França a abastecer-se de petróleo?"

"Pois... com dificuldade.

"

"E sabe porquê? Porque não possui uma única participação
em poços

de petróleo.

" Arrebitou o indicador, para sublinhar a ideia.

"Uma única! Claro que, numa situação de crise como a que
vivemos, o

país fica sujeito à boa vontade de quem realmente possui o

petróleo, como os Estados Unidos e a Grã-

Bretanha.

É assim que a França pensa manter a sua grandeza? A
pedinchar

petróleo aos outros?"

O embaraço de Jean-Marc Hertault parecia neste ponto não conhecer

limites.

"Quer dizer...", atrapalhou-se, "enfim, o que sugere o senhor que

façamos?"

A pergunta apanhou Kaloust de surpresa.

O que sugeria ele que os Franceses fizessem? O arménio ponderou o

assunto por um momento e apercebeu-se de que, de uma forma

inesperada, se abria ali uma curiosa oportunidade.

E se...? Não havia planeado o encontro, mas decidiu tirar dele todo

o proveito possível.

Endireitou-se no assento e, ordenando os pensamentos, desviou

momentaneamente o olhar para a Jungfrau e admirou mais uma vez os

picos que serravam os montículos de nuvens.

"Proponho que a França entre no negócio mundial de petróleo",

sentenciou.

"Nem mais nem menos.

"

O senador francês parecia esgazeado, inebriado com a visão que

deste modo inesperado lhe era

apresentada.

84

"O negócio mundial? Mas... mas como?"

Os dedos do armênio saltitaram sobre a mesa, à maneira de um

pianista a atacar o teclado, como se trabalhassem a solução para o

problema.

"Existe uma forma", disse.

"Mas gostaria que a França, caso eu lhe resolva essa dificuldade,

se torne minha eterna aliada neste negócio.

Que lhe parece?"

O senador Hertault pestanejou.

"Não sei se... se estou em condições de lhe dar essa garantia.

"

"Eu explico-lhe o plano que tenho em mente", disse Kaloust.

"Se achar bem, o senhor arranjar-me-á depois as garantias necessárias junto do seu governo e dos seus colegas da Assembleia

Nacional, incluindo da oposição.

De acordo?"

O seu interlocutor ponderou a proposta por alguns instantes.

"Porque não?"

Era a luz verde de que Kaloust precisava.

Consciente de que estava perante uma grande oportunidade, esfregou

as mãos e encarou o seu parceiro de mesa.

"Tenho neste momento uma participação de cinco por cento numa

empresa chamada Turkish Petroleum Company, que detém os direitos

exclusivos para a exploração de todo o petróleo existente no

Império Otomano", revelou.

"Os outros accionistas são o Deutsche Bank, a Royal Dutch Shell e a

Anglo-Persian.

com o início da guerra, porém, o governo britânico confiscou as

ações do Deutsche Bank e a AngloPersian deixou de pagar as

despesas da Turkish Petroleum Company, que só se mantém viva porque

eu e a Royal Dutch Shell estamos a cobrir as despesas correntes.

"

"Que estranho", observou o francês.

"Por que razão está a Anglo-Persian a boicotar a sua própria empresa?"

85

O arménio baixou a voz, assumindo uma postura quase conspirativa.

"O Primeiro Lorde do Almirantado, Winston Churchill, encontra-se

por detrás de tudo", murmurou.

"Creio que o governo britânico faz o que pode para entregar à

AngloPersian o exclusivo do petróleo do Império Otomano depois da

guerra.

" Retomou o tom normal, tornando-se até assertivo.

"Mas enganam-se! Os nossos direitos são legais e, na altura própria, saberemos fazê-los respeitar.

"

O senador sacudiu a cabeça, sem entender nada.

"Isso é muito interessante", disse, evidentemente a pensar o contrário.

"Mas qual a relevância desse assunto para a França?"

"A participação alemã", retorquiu Kaloust com um brilho arguto nos olhos.

"Os Britânicos confiscaram as acções do Deutsche Bank, não é

verdade? Se e quando os Aliados

ganharem a guerra, o que vai

suceder a essas acções? Não faria sentido que elas fossem parar às

mãos de um dos vencedores do conflito?"

No momento em que enfim entendeu onde o seu interlocutor queria

chegar, o senador Hertault abriu a boca de espanto.

"Está a sugerir que... que essas acções vão para a França?"

A pergunta extraiu um sorriso malicioso ao arménio.

"Voilà!"

86

IX

O conselho dado pelo homem da secretaria da cadeia coincidia com as

palavras de despedida do oficial que detivera Hagop, pelo que no

dia seguinte o avô Sisag foi ter com uns caçadores curdos que

frequentavam o mercado de Kayseri e comprou-lhes uma velha

espingarda a troco de dez moedas de ouro.

Acompanhado por Krikor e por Marjan, o idoso dirigiu-se ao

princípio da tarde à cadeia e, juntamente com uma quantidade

agradável de bakshish, os três entregaram a arma a um oficial que o

turco da secretaria lhes indicou.

"Aguardem aqui.

"

Instalaram-se no átrio junto à entrada e ficaram à espera.

Uma hora depois, um vulto esfarrapado apareceu a coxear no átrio, o

corpo vacilante recortado à meia-luz.

"Pai!", gritou Marjan, a primeira a aperceber-se da identidade do

vulto.

"Paizinho!"

com um andar trôpego e dorido, era claro que Hagop havia passado um

mau bocado nos calabouços; vinha

87

combalido, com o rosto e o tronco cobertos de equimoses e os pés

envolvidos em panos sujos.

Vendo-o naquele estado, e depois de recompensar o homem da

secretaria, Krikor saiu à rua e alugou uma carroça, onde

depositaram o chefe da família Kinosian e o levaram imediatamente

para casa.

O regresso de Hagop foi acolhido com as lágrimas, os sorrisos, a

preocupação e os mil cuidados de

Arshalous, que pôs de imediato

água ao lume e, quando ela começou a ferver, misturou-a com água

fria e despejou-a na banheira de ferro, onde o marido se meteu.

O momento mais sensível ocorreu quando

teve de retirar os panos que envolviam os pés.

Hagop gemeu de dor e por baixo

emergiram dedos ensanguentados e com as extremidades em carne viva.

"Que horror!", exclamou a mulher, agoniada com o que via.

"Que te fizeram eles, meu Deus?"

"Espetaram-me pregos nas unhas", disse o marido, as pálpebras a

humedecerem e o queixo a tremer no limiar do colapso emocional.

"Fizeram-me isso a mim e a outros.

Queriam saber onde escondíamos as armas.

"

O avô Sisag foi chamado a inspeccionar as feridas.

Sem dizer uma palavra, saiu de casa e desapareceu na direcção do

mercado.

Voltou uma hora depois com uma cabra, que levou para o quintal e

matou.

Arrancou-lhe a pele e, ainda húmida de sangue, cortou-a em tiras.

Levou as tiras para o quarto onde

repousava o genro e, uma a uma, assentou-as sobre as chagas como se fossem pensos.

"Pronto!", exclamou quando acabou o trabalho.

"Isto vai ajudar a cicatrizar.

"

Ao longo da semana que se seguiu mais alguns vizinhos regressaram a

casa depois de as famílias terem entregue 88

armas de fogo e bakshish para que os libertassem.

Todos eles apareceram com mazelas mais ou menos graves, como foi o

caso de Aris, que voltou com três dedos amputados, e de Bohjalian,

o merceeiro, que trazia as costas marcadas a sangue pelas vergastadas dos chicotes, além de outros homens a quem foram

arrancadas as unhas.

Os arménios de Kayseri, como de resto todos os arménios do Império

Otomano, regressaram então ao velho hábito de vigiar as mesquitas

no final das orações de sexta-feira.

Foram colocados homens às esquinas diante dos santuários islâmicos

com a missão de observar os muçulmanos que saíam das orações.

Se aparecessem bem-dispostos era porque o imã tinha proferido

palavras tranquilas; se surgissem com cara de caso para os

Arménios, com toda a certeza o sermão desse dia tinha versado os

giavour, os infiéis, de um modo

desagradável.

Isso daria sinal de que se avizinhavam mais problemas para a

comunidade.

Os observadores nas mesquitas traziam por esses dias notícias

alarmantes: os Turcos mostravam-se muito agressivos para com os

Arménios depois da oração das sextas-feiras.

Em breve a agressividade se traduziu numa nova vaga de detenções,

só que desta vez as autoridades não se limitaram a prender os

chefes de família, também levaram outros homens e rapazes.

Nalguns casos foram buscá-los a casa,

como aconteceu com o mesmo Bohjalian, noutros mandaram-nos

apresentar-se na polícia, o que

sucedeu a vários jovens da vizinhança.

Questionado pelo chefe da igreja arménia de Kayseri, o chefe da

polícia alegou que as medidas eram necessárias porque se havia

descoberto que os arménios da cidade estavam envolvidos numa

conspiração traiçoeira.

Quando lhe pediram provas, o responsável turco apresentou um

pequeno monte

89

de armas que haviam sido encontradas nas últimas semanas em casa de

armênios.

"As armas que eles apresentaram são aquelas que tivemos de lhes

entregar", constatou o avô Sisag com uma expressão de perplexidade.

"Ah, que gente!" Abanou a cabeça e respirou fundo.

"Estes Turcos são mestres na arte da duplicidade! Obrigam-nos a

comprar armas de fogo para lhes entregar, alegando que têm uma

quota a preencher, e depois apresentam essas armas como se fossem a

prova de que conspirávamos contra eles..."

As famílias voltaram a concentrar-se à porta da cadeia para pagar o

bakshish que libertaria os prisioneiros, mas dessa feita o resultado foi diferente.

Depois de subornarem os guardas,
depararam-se com as celas vazias e foram informados de
que os homens detidos haviam sido todos
deportados.

O paradeiro dos presos permaneceu
desconhecido durante dois dias, ao fim dos quais a mulher
de Bohjalian apareceu na casa dos
Kinosian com o rosto molhado de
lágrimas.

"Já ouviu as notícias?", perguntou, o terror impresso nos
olhos.

"Dizem que foram levados para fora da cidade e... e...
mortos!"

Arshalous enlaçou-a com o braço.

"Quem disse isso?"

"O meu sobrinho, o Boghos.

"

"Ele viu-os?"

A mulher de Bohjalian abanou a cabeça.

"Alguém lhe contou.

"

A anfitriã apertou a vizinha contra ela, procurando serená-la e

reconfortá-la.

"São só boatos", disse.

"Os Turcos não nos dizem nada e pomo-nos a imaginar coisas.

Fique descansada.

O seu homem está bem.

"

90

"Mas porque andam a fazer isto?", interrogou-se ela.

"Que mal lhes fizemos nós?"

"Ora, já sabemos como são os Turcos.

Além do mais, andam nervosos com a guerra.

Mas quando os Aliados vencerem vamos ver-nos livres desta gente

toda, vai ver.

E o seu marido estará de regresso a casa, não se preocupe.

"

Os boatos revelaram-se porém

persistentes.

Todos os arménios em Kayseri conheciam alguém que conhecia uma

pessoa que, ao passar neste ou naquele local, vira cadáveres de

homens amontoados na berma das estradas e aves de rapina a debicá-

los como se fossem petiscos.

Algumas pessoas quiseram confirmar as notícias e tentaram ir aos

sítios mencionados, mas viram o caminho barrado pelos postos de

controlo instalados pelos gendarmes nas saídas da cidade.

"A autorização de deslocação?", perguntavam invariavelmente os

responsáveis desses postos.

"Como sabem, e desde que a guerra começou, é necessária permissão

por escrito das autoridades militares para sair da cidade e circular nas estradas.

Onde está ela?"

Naqueles tempos nenhum arménio recebia tal autorização, pelo que os

esforços para confirmar as notícias foram

infrutíferos.

As informações, no entanto, não paravam de circular, sempre

mencionando que "alguém disse que alguém viu", e o assunto tornou-se de tal modo assustador e obsessivo que Hagop se cansou e, ainda

de cama em convalescença, proibiu que lá em casa se falasse no

mistério do paradeiro dos vizinhos.

"Nem mais uma palavra", sentenciou em tom enfático.

"Ainda atraí azar..."

Os soldados apareceram mais uma vez

sem aviso a meio da noite.

Dessa vez, porém, não foi para revistar a casa.

91

com o olhar de quem sabia o que

procurava, dirigiram-se primeiro à sala e depois ao quarto, onde arrancaram Hagop da cama para depois

o arrastarem até à porta.

Arshalous tentou impedi-los mas foi brutalmente afastada e o mesmo

aconteceu às três filhas, que se agarraram ao pai enquanto ele era

levado pelos turcos.

"Pai!"

O vulto de Hagop fundiu-se com a noite, como se a escuridão o

tivesse engolido, e dele apenas ouviram as últimas palavras atiradas enquanto era levado pelos soldados.

"Fiquem aí, meninas.

Cuidem da vossa mãe!"

Na manhã seguinte, Krikor subornou um guarda da cadeia para saber

onde podia encontrar o chefe da família Kinosian e como o poderia

libertar.

O turco guardou o dinheiro e disse-lhe que a única coisa que podia

fazer era dar uma informação.

Os prisioneiros recolhidos durante a noite iam ser deportados ao

meio-dia.

"Para onde?"

O homem encolheu os ombros.

"Só Alá sabe", disse num tom fatalista.

"Alá e a Organização Especial, claro.

"

Quando Krikor regressou a casa com a notícia,
desencadeou-se um

frenesim.

A primeira reacção de Arshalous e Marjan foi recomeçar a
chorar,

mas o rapaz convenceu-as a recuperarem a compostura
com o argumento

de que tinham de ir para a saída da cidade para ver o
cortejo dos

deportados e animar Hagop; quem sabe até se não o
poderiam ajudar

dando-lhe mantimentos e roupas.

O argumento convenceu-as e sobretudo sugeriu-lhes um
propósito.

Arshalous meteu-se na cozinha a preparar comida enquanto
Marjan foi

cozer pão no tonir e Krikor e o avô Sisag se dedicaram ao
vestuário, localizando e arrumando 92

calças e camisas lavadas que embrulharam num pano.

Perto do meio-dia toda a família saiu apressadamente de
casa e

posicionou-se na rua que dava acesso à estrada.

O cortejo apareceu por volta da uma da tarde, mas ver os deportados

deixou-os em choque.

Caminhavam aos pares, com as pernas

acorrentadas, como servos de outras eras.

Viam-se adultos e adolescentes, homens abastados e indigentes,

cultos e ignorantes, todos reduzidos à expressão mínima da sua

dignidade, vulgares escravos que os turcos encaminhavam a golpes de

chicote pelas ruas de Kayseri.

Uma multidão ululante de mulheres e velhos arménios aglomerou-se

nos passeios, todos em bicos de pés a tentar identificar um pai, um

marido, um irmão, um filho, um neto até.

As mulheres gritavam sempre que reconheciam quem buscavam, os nomes cruzavam o ar, largavam-se sucessivos adeuses, um beijo, muitas

lágrimas, uma corrida em direcção ao homem deportado interrompida

pela coronha de uma espingarda, um derradeiro aceno que se perdia

em toda a confusão, um suspiro que se transformava numa eterna

despedida.

No meio daquela fileira triste e miserável de homens acorrentados,

Marjan reconheceu aquele que procurava.

"Pai?", gritou,

dando

saltos

no

passeio

e

gesticulando

vigorosamente.

"Pai!"

A mãe e as irmãs mais novas voltaram-se angustiadas na mesma

direcção.

"Hagop!"

"Pai!"

Arshalous pegou no cesto com o farnel e no saco com a roupa e

largou na direcção do marido, mas um chicote estalou-lhe nas costas

e travou-a.

Os guardas turcos estavam determinados a não permitir o contacto

dos deportados com

93

as famílias, pelo que os Kinosian se

limitaram a ver Hagop passar ao longe, a coxear, o olhar angustiado preso na família que dele se

despedia.

O cortejo desapareceu enfim para além das portas da cidade,

deixando atrás um coro de lamentos.

No rescaldo daquela visão descoroçoante, Arshalous e as filhas

ficaram inconsoláveis e Krikor, com a ajuda débil do avô Sisag,

teve de amparar umas e outras no penoso caminho de regresso

a casa.

Nos dias seguintes avolumaram-se os rumores sobre a matança de

homens à saída de Kayseri, mas Arshalous e Marjan recusavam-se a

aceitá-los;

pareciam-lhes

demasiado

inverosímeis

para

ser

verdadeiros.

Além do mais, para quê tanta encenação?

Se os quisessem matar, não

o teriam feito os turcos quando eles se encontravam detidos? No

íntimo, todavia, alimentavam a

permanente angústia sobre a

veracidade dos boatos.

E se houvesse um fundo de verdade?

Foi a prima Meghrouni quem lhes trouxe a primeira informação

concreta sobre o assunto.

Três dias depois do triste cortejo, apareceu em casa dos Kinosian

com o rosto fechado e só quando se sentou junto ao tonir é que

explicou ao que vinha.

"O homem que abastece a minha loja é o Nikias, o grego de Aleppo",

começou por dizer.

"Ele chegou ontem e disse que viu as margens do rio pejudadas de

corpos de homens.

" Fez uma pausa e engoliu em seco, ganhando coragem para expor o

resto.

"Entre eles havia muitas cruzes arménias espalhadas pelo chão.

"

"Ele... ele identificou o meu marido?"

A prima Meghrouni baixou a cabeça e sacudiu-a negativamente com um

movimento quase imperceptível.

94

"Não viu o Hagop especificamente", disse.

"Mas também não o procurou.

Observou as margens do rio cobertas de cadáveres.

" Levantou os olhos e fitou a anfitriã.

"O que se está a passar é evidente.

Eles levam os nossos homens para fora da cidade e matam-nos.

"

Arshalous quase se indignou.

"Como podes dizer isso, prima?"

"O Nikias falou com um curdo que vive nas redondezas e que

testemunhou o que ali aconteceu", revelou.

"O curdo disse que viu os turcos trazerem revoadas de homens e

mandá-los sentarem-se à beira do rio.

Deram-lhes ordens para rezar e depois atacaram-nos com foices,

machados e martelos.

" Suspirou, duas grossas lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto

pálido.

"Temos de encarar os factos, prima.

Eles estão a matá-los a todos.

"

95

96

x

O belo Hispano-Suiza Alfonso XIII azul-turquesa cruzou o portão com

grande aparato e imobilizou-se diante da porta principal do Grand

Hotel de Interlaken.

O porteiro, um homem imponente que ostentava uma garbosa farda

branca repleta de enfeites e fios dourados, estava tão medalhado

que parecia um almirante.

Abriu a porta com um floreado e da viatura desceu a figura franzina

e elegante de um homem de barba

pontiaguda e roupas tradicionais

otomanas.

"Salim Bey!", saudou Kaloust, que foi direito ao recém-chegado de

braços abertos.

"Há quanto tempo!"

O encontro decorreu nas escadarias do hotel.

Acompanhado por um séquito para o assessorar ou simplesmente lhe

carregar as malas, o ministro otomano das Finanças estreitou o seu

protegido arménio entre os braços.

Trocaram cumprimentos e palavras de circunstância, até que entraram

no átrio e o recém-chegado se dirigiu ao balcão.

Depois de

97

receber a chave da sua suíte, afastou-se

para se instalar nos aposentos.

"Já volto!", prometeu com um aceno de mão lançado da escadaria.

"Vá encomendendo um café.

"

O governante turco reapareceu meia hora mais tarde, com roupa

informal e aspecto mais descontraído.

Deu algumas instruções aos seus

assessores e, uma vez resolvidas as questões de trabalho, dirigiu-se para Kaloust.

Foram os dois para o terraço, onde o café os esperava já.

O arménio aproveitou para cobrir o amigo de agradecimentos pela

gentileza que revelara ao marcar encontro em local tão longínquo de

Constantinopla.

"Oh, não custou nada", retorquiu o governante otomano.

"Sabe, tive de ir a Berlim negociar financiamentos para o esforço

de guerra.

Vinha agora de regresso e fiz um desvio pela Suíça com a ideia de

negociar o pagamento de juros de empréstimos que nos foram

concedidos pelos bancos suíços.

" Bufou, como se tivesse acabado uma corrida.

"Enfim, uma canseira! Aproveitei para tirar uns diazitos para descansar aqui em Interlaken e, já agora, ter dois dedos de conversa consigo.

"

"Foi muita amabilidade da sua parte.

"

O semblante de Kaloust aparentava grande tranquilidade, mas Salim

Bey conhecia-o bem e sabia que aquela máscara escondia uma profunda

ansiedade.

Que pai ficaria indiferente aos perigos que o seu filho corria em

tempos tão incertos?

"Oiça lá, que ideia foi essa de mandar o seu rapaz para o Império

Otomano?", perguntou de chofre, entrando directamente no assunto.

"Quando li a sua carta nem queria acreditar! Tem a noção do que foi

fazer?"

O arménio esboçou um gesto impotente.

"Acredite que eu não sabia de nada", retorquiu.

"O rapaz apaixonou-se por uma rapariga qualquer e, sem dizer nada

98

a ninguém, partiu para Constantinopla e só nos informou quando já

ia a caminho.

"

"Onde está ele agora?"

"Não sei", disse Kaloust, o olhar pela primeira vez a trair a angústia que o perturbava.

"Acha que... que ele corre perigo?"

A pergunta tinha ido certa ao alvo, pensou Salim Bey.

O governante otomano respirou fundo, como se ganhasse embalo para

começar a falar e inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos

na mesinha.

"Desde a derrota nas Guerras Balcânicas, em 1913, que alguns

elementos do meu governo andam

obcecados com a ideia de pôr fim ao

otomanismo e instituir o turquismo, eliminando as etnias cristãs do

império.

"

"Sim, já me falou nisso há uns tempos", recordou Kaloust.

"Os Turcos querem vingança por terem perdido os territórios na

Europa.

"

"Exacto", confirmou o turco.

"O problema é que as potências europeias sempre impediram que

houvesse uma perseguição aberta aos cristãos otomanos.

Por isso o meu governo criou uma

entidade chamada Organização

Especial, cuja função é liquidar as concentrações de populações que

não sejam muçulmanas.

Foram formados chefes, constituídos por bandos de criminosos

libertados das cadeias, aos quais se juntaram refugiados turcos da

Rumélia e aldeãos curdos, usados para fingir que o governo não tem

nada a ver com essas perseguições.

Na verdade, os comandantes dos chetes são oficiais da Organização

Especial.

"

O arménio fixou os olhos no seu

interlocutor, com medo de formular a pergunta que se impunha mas sentindo que não podia continuar a

ignorá-la.

"O senhor é membro desse governo", disse.

"Também estive envolvido no assunto?"

99

Salim Bey abanou a cabeça.

"Tudo isto foi decidido por um núcleo duro em reuniões secretas",

revelou.

"Os outros membros do governo, incluindo eu, não foram informados.

Muito do que lhe vou contar resulta de informações que me chegaram

por outros canais.

"

"Ah, entendo.

"

"Os chetes desataram a lançar operações

contra as populações cristãs, sobretudo gregas e arménias, mas sempre às escondidas para

não ofender os europeus.

com o envolvimento do Império Otomano na guerra, contudo, as coisas

mudaram.

A opinião das potências ocidentais deixou de ter qualquer valor,

uma vez que se tornaram nossas inimigas.

E a opinião dos nossos aliados, a Alemanha e o Império Austro-Húngaro, foi moderada pela necessidade de se manter uma frente

unida.

Daí que o meu governo, ou os elementos mais poderosos do meu

governo, se sintam com as mãos livres para proceder como entenderem.

" Fez uma expressão interrogativa.

"E o que acha que eles decidiram fazer?"

A resposta parecia evidente a Kaloust.

"Recomeçaram a perseguir os Arménios.

"

"Pior do que isso.

"

"Pior?"

Salim Bey abanou a cabeça, como se ainda lhe custasse acreditar no

que ele próprio ia dizer.

"Começou a turquização da Anatólia", anunciou.

"O problema é que a Anatólia é ocupada pela Arménia.

Qual é a solução? Apagar a Arménia do mapa.

"

As palavras eram de tal modo radicais que Kaloust esboçou uma

careta de incompreensão.

"Mas

como

se

faz

uma

coisa

dessas?

Querem

declarar

administrativamente que a Arménia não existe?"

100

com um gesto deliberadamente lento, Salim Bey pousou um grande

envelope sobre a mesa e extraiu do interior uma folha que parecia a

página de um relatório.

"Este memorando está assinado por Talat Paxá, o nosso ministro do

Interior, e é endereçado aos nossos aliados alemães a pedir que

calem o seu embaixador a propósito das perseguições aos Arménios",

explicou, pousando os olhos no texto.

"Escreveu Talat Paxá: 'O que é preciso

fazer tem de ser feito agora; depois da guerra será demasiado tarde.

'''

"Então é o que estou a dizer", argumentou o seu interlocutor.

"Eles querem perseguir os Arménios.

"

"É mais do que isso, já lhe disse", insistiu o ministro otomano.

"Os meus colegas do governo falam abertamente em conseguir 'unidade islâmica e turca' no império.

com o desembarque dos Aliados em Gallipoli e a derrota em Sarikamis, o processo foi acelerado.

O governo emitiu uma lei de deportação e foram presos centenas de

intelectuais arménios.

As perseguições já decorrem e houve até uma revolta arménia em Van.

"

"Sim, isso foi noticiado nos nossos jornais.

"

"O que não sabe, e os vossos jornais não noticiaram, é o que essas

deportações realmente significam.

"

Kaloust cofiou a barba.

"Bem, presumo que queiram tirar as populações arménias de um lado e

mandá-las para outro.

Não é isso uma deportação?"

O governante otomano voltou a abanar a cabeça; tornara-se talvez o

seu gesto mais frequente em toda a conversa.

Voltou a atenção para o envelope e extraiu mais um papel.

"Isto é uma carta do nosso grão-vizir ao ministro do Interior",

disse, concentrando-se nas linhas escritas em caracteres árabes.

"É datada de 26 de Maio de 1915, como vê.

Tem

101

apenas uns dias.

" Apontou para uma linha em particular redigida em caracteres

árabes.

"Ele diz que as deportações são necessárias para que a questão

arménia seja, e cito, esâsli bir suretde hal vê fash ile kulliyen

izâlesi.

" Ergueu os olhos.

"Não sei como está o seu turco, mas esta frase significa..."

"... levada até ao fim de uma forma global e absoluta", traduziu

Kaloust.

O seu semblante era inquisitivo.

"O que diabo quer isso dizer?"

"Não é evidente? Falei há dias com o director-adjunto do Gabinete

para a Reinstalação de Tribos e Refugiados, Nuri Bey, que me disse, e com estas palavras, que a intenção por detrás das deportações é o

puro e simples extermínio.

E o..."

"Meu Deus!"

"... comandante do Terceiro Exército, Kamil Paxá, garantiu-me que

depois da guerra não haverá questão arménia, o que me foi confirmado pelo director da polícia de Constantinopla, Ismail

Canpolat, que esclareceu que o que está

em questão é a eliminação pura e simples dos Arménios.

Isto bate certo com declarações do próprio ministro da Guerra,

Enver Paxá, que há uns tempos afirmou abertamente que, à primeira

oportunidade, iria exterminar toda a raça.

" Deixou os ombros descair.

"Pelos vistos, essa oportunidade já chegou.

"

Por uma vez, Kaloust tinha dificuldade em absorver a informação.

"Extermínio? Mas... mas... não pode ser!

Deve haver um engano.

Isso é retórica, só pode ser!"

"No entanto, a lei da deportação foi aprovada e estão a começar a

ser afixados cartazes em todas as cidades do império com ordens

para deslocar as populações arménias.

E os chetes andam à solta nas estradas.

O que pensa que vai acontecer?"

Por esta altura na mente do seu

interlocutor havia uma ideia e uma apenas: o filho.

102

"Krikor!", exclamou, pousando os dedos das mãos diante da boca, o

alarme estampado na face.

"Meu Deus, o que vou fazer?"

Salim Bey manteve os olhos fixos no amigo, ciente de que este por

fim apreendera plenamente a gravidade da situação.

"Temos pouco tempo para agir", disse num tom sereno, esforçando-se

por transmitir ao seu protegido a necessidade de manter a calma.

"Diga-me para onde ele foi e eu arranjarei maneira de o ir buscar.

"

Mas o pânico já começara a apossar-se de Kaloust.

Empalidecera e as mãos tremiam-lhe.

"Não sei! Ele não me disse para onde foi!"

"Não sabe o nome da cidade nem nada?"

O arménio baixou o olhar, derrotado e perdido.

"Não sei nada de nada.

"

A brisa gelada da Jungfrau levantou-se nesse instante e esbofeteou

os dois amigos.

Apesar disso, nenhum sentiu outra coisa que não fosse angústia, a

do pai que percebe estar à beira de perder o filho sem nada poder

fazer, a do homem que vê o amigo

enfrentar o abismo e nada pode

dizer para o consolar a não ser sussurrar-lhe que, naquelas

condições, o destino do filho estava entregue à misericórdia de

Alá.

XI

Desde o desaparecimento de Hagop que o ambiente na residência dos

Kinosian se tornara insuportavelmente pesado.

Krikor fez o seu melhor para consolar Marjan e as restantes mulheres da família, oferecendo-lhes doces e enchendo a casa de

flores que ia buscar ao mercado, mas não tinha modo de resolver a

questão que mais os preocupava a todos.

O que lhes poderia dizer sobre Hagop?

Que estava bem? Que voltaria?

Chegou em certa ocasião a afirmar-se

seguro disso, mas disse-o com tanta falta de convicção que depressa se calou e não voltou a tocar

no assunto.

Os rumores não paravam em Dicharechar e cruzavam-se com os

múltiplos boatos provenientes dos outros bairros arménios de

Kayseri, como Bahjebache, Kechy Kapou e Jawikyou Malacy.

O último chegou pela boca da mulher do merceiro Bohjalian, que

havia sido chicoteado na prisão.

"Já ouviram o que por aí se diz?",

perguntou ela quando nessa manhã fez uma visita a casa dos Kinosian.

"Parece que os Turcos têm um plano secreto qualquer.

"

105

"Que plano?"

"Querem deportar-nos para a Síria.

"

A mulher e as filhas de Hagop

entreolharam-se, surpreendidas com a notícia.

"Para a Síria?", perguntou Marjan, uma faísca de esperança a

iluminar-lhe o rosto.

"Quer dizer que o pai está... está vivo?"

A vizinha fez um estalo de impaciência com a língua.

"Não é aos homens", retorquiu.

"Esses já cá não estão, coitados.

" Desviou o olhar para Krikor e para o avô Sisag.

"Sem ofensa para os presentes, tão homens como os outros.

" Virou-se para Arshalous.

"Querem deportar-nos a nós.

"

"A nós, quem? As mulheres?"

"Mulheres, crianças, velhos... todos os armênios que cá ficaram",

disse.

"Tudo para o deserto! Dizem que é esse o plano que anda a ser

congeminado.

"

Fez-se silêncio, preenchido ao fim de alguns instantes por um

profundo suspiro de Arshalous.

"Não posso dizer que esteja surpreendida", confessou.

"O rumo que as coisas estão a tomar leva-me a recear o pior.

Corre por aí que, em várias partes da Anatólia, os Turcos apanham

os Arménios nas igrejas, trancam as portas e pegam fogo aos

edifícios.

"

"Ah, já ouvi falar nisso!", exclamou a vizinha.

"Que horror! Será verdade? Parece tão incrível que custa a acreditar!"

"É o que dizem..."

"Mas os turcos com quem falei garantiram-me que é tudo imaginação nossa.

"

"E a senhora acredita? Não os vê a deterem os nossos homens e a

levá-los sabe Deus para onde? Não vê os enforcamentos todos os dias

na praça? Acha que não passa tudo de imaginação? Os nossos olhos

mentem, o nosso raciocínio engana-nos?"

106

"Pois sim, tem razão", concedeu Arshalous, rendendo-se à evidência.

"Mas o que podemos fazer?"

Discutiram como proceder perante o agravamento da situação.

Uns achavam que deviam lutar, "como fizeram em Van", outros que era melhor manterem-se quietos, "para não atihar os Turcos ainda mais", e à boa maneira arménia no final ninguém decidiu nada e deixaram as

coisas entregues ao destino; era essa a sina de um povo que havia

séculos não se governava, acatava as decisões de outros.

Após aquela discussão longa e

inconclusiva, a mulher de Bohjalian levantou-se por fim e despediu-se porque tinha de ir tratar do

almoço.

Quando chegou à porta, contudo, voltou-se para trás e, esfregando

as mãos no avental, encarou Krikor.

"O senhor só escapou até agora porque, como veio do estrangeiro,

não está registado aqui com as autoridades turcas", disse.

"Mas se fosse a si tinha cuidado.

Saia à rua de véu e tente passar por mulher, ouviu? Quando não

restarem mais homens, e olhe que já sobram muito poucos, o senhor

vai tornar-se notado.

Nessa altura terá o destino dos outros.

"

O céu abria-se num azul esplendoroso que enchia a manhã de cor

quando a notícia se espalhou pelo bairro de Dicharechar como fogo

ateado em palha seca.

"Os Turcos afixaram um édito!", gritou uma vizinha que corria pela

rua como se ela própria fugisse do incêndio.

"Venham ver, os Turcos afixaram um édito!"

As cabeças espreitaram pelas portas, pelas janelas, pelas varandas,

seguindo a mulher com o olhar.

"Onde está isso?"

"Na praça! Na praça!"

com medo de se aventurarem sozinhas pela cidade, as mulheres

arménias de Dicharechar juntaram-se

diante das

casas e convergiram em grupos para o centro de Kayseri.

Por esta altura já Krikor se habituara a usar véu sempre que saía à

rua, e mesmo dentro de casa, não fossem os soldados aparecer de

repente em mais uma rusga de surpresa.

Foi assim que as acompanhou até à praça.

Quando chegaram à parede dos editais, deram de facto com novas

folhas pregadas na madeira.

Estavam escritas em turco com caracteres árabes, mas as mulheres

que sabiam ler, como Arshalous e Marjan, não tiveram a menor

dificuldade em entender a mensagem impressa no édito.

EDITAL

Por ordem superior, todos os arménios de Kayseri

devem preparar-se para abandonar a cidade.

Fechem as casas, as lojas e os negócios.

As vossas portas serão seladas

com selos especiais cedidos pela

municipalidade.

façam uma lista de tudo o que possuem e entreguem-na
ao funcionário da câmara encarregado do vosso bairro.

Têm três dias para cumprir este ultimato.

A desobediência é punível com a morte.

"Três dias?"

A perplexidade dominava os olhares dos arménios que liam
o édito,

siderados com o modo como os

acontecimentos se precipitavam.

Da comunidade arménia de Kayseri só restavam mulheres,
velhos e

crianças, eles e elas impotentes para lidar com uma coisa
daquelas.

"Como é que só nos dão três dias?", indignou-se uma
mulher.

"Como vamos fazer isto em três dias se nem sequer temos
cá os

nossos homens? Os Turcos

enlouqueceram?"

108

Um coro de vozes ergueu-se da multidão e foi crescendo à
medida que

a notícia se espalhava.

Como era possível uma ordem daquelas?

Que mal tinham feito as

mulheres, as crianças e os velhos? com que direito os deportavam da

sua cidade?

Os ânimos exaltaram-se e os que ali estavam encaminharam-se todos

para a câmara.

Estavam furiosos e indignados e exaltados, mas quando chegaram diante

do edifício e viram um punhado de gendarmes fortemente armados e

com cara de poucos amigos a fúria diluiu-se no medo.

"Queremos falar com um responsável da edilidade, effendi", disse a

mais atrevida das mulheres do grupo num tom submisso.

"Será que teria a amabilidade de o chamar?"

O chefe dos gendarmes fumava e atirou ao grupo um olhar de desdém e

desprezo.

"Qual é o assunto?"

A mulher indicou com o polegar o painel dos éditos,
instalado do

outro lado da praça.

"É por causa da ordem de deportação, effendi.

Gostaríamos de obter um esclarecimento,

se não for muito incómodo.

"

O turco fez com a cabeça sinal a um dos seus homens, que
abandonou

o posto e desapareceu no interior do edifício.

O grupo permaneceu plantado na rua, intimidado a
espreitar os

homens armados e as espingardas que eles acariciavam.

Minutos mais tarde o gendarme regressou, acompanhado
de um

funcionário do município, um homem careca e de barriga
proeminente.

"Que se passa?", quis saber o recém-chegado.

"O que é isto? Quem autorizou este ajuntamento?"

As mulheres e os velhos entreolharam-se, todos com falta
de coragem

para enfrentar o olhar altivo do

funcionário.

109

"É a ordem de deportação, effendi", murmurou a mulher que assumira

a liderança do grupo, os olhos baixos quase como se estivesse

arrependida de incomodar tão distinta

autoridade.

"Gostaríamos de saber porque foi ela emitida, effendi.

" À medida que falava ia ganhando atrevimento e por fim conseguiu

levantar os olhos e fitar o seu interlocutor.

"Que mal fizemos nós para receber esta ordem de abandonar as nossas

casas e sair da cidade?"

"É a guerra", sentenciou o turco com um gesto de impotência.

"O inimigo está próximo e tivemos de tomar medidas.

É para vossa protecção.

"

Os arménios, mulheres e velhos, voltaram a entreolhar-se, desta

feita com expressões que variavam entre o espanto e a intimidação.

"O inimigo, effendi", perguntou uma voz masculina vinda lá de

trás.

"Que inimigo?"

"Ora, o inimigo", retorquiu o funcionário com o esgar de quem dizia

uma coisa tão evidente que nem requeria explicação.

"Não sabem que estamos em guerra?"

"Mas nós vivemos em Kayseri, effendi", argumentou a mesma voz,

evidentemente de um velho.

"A fronteira russa é muito longe.

E os Dardanelos, onde estão os Ingleses e os Australianos, também.

Onde se encontra esse inimigo que ameaça a nossa cidade?"

O turco fez um gesto impaciente com uma mão.

"Vocês não percebem nada do que se passa nesta guerra", exclamou.

"As autoridades emitiram uma ordem para o vosso próprio bem.

Façam o favor de a cumprir.

Vão para casa e comecem a preparar as vossas coisas.

Daqui a três dias os gendarmes irão aos vossos bairros para vos

recolher e acompanhar até ao vosso destino.

"

"Para onde vamos exactamente?", perguntou uma mulher.

110

"Saberão em devido tempo.

"

"E os nossos homens?", quis saber outra, um pouco mais atrás.

"Para onde os levaram?"

"Estão a caminho do vosso destino.

Quando vocês lá chegarem vão encontrá-

los, fiquem descansadas.

" Bateu palmas, como um pastor a espantar o rebanho.

"Agora voltem para casa e cumpram as ordens.

Não quero mais ajuntamentos.

Vamos! Toda a gente daqui para fora!"

Quando a porta de casa se fechou, o avô Sisag mandou as duas

raparigas mais novas irem brincar para o quintal e chamou Arshalous, Marjan e Krikor para a sala.

Os quatro instalaram-se em torno do tonir para conferenciar e tomar

decisões.

"Não tenho de vos explicar que a situação é de uma grande gravidade", disse o patriarca, cujo tremor de mão se acentuara nos

últimos dias.

"Parece que os Turcos nos querem enviar para o deserto da Síria.

A viagem é muito longa e cheia de perigos.

Não sei se sobreviveremos.

Temos, por isso, de avaliar as nossas opções.

"

"Que opções?", admirou-se Arshalous.

"Não leu o édito? Se não saírmos da cidade, eles executam-nos por

desobediência.

Não temos alternativa a sair.

"

O velho abanou a cabeça.

"Há outras possibilidades", observou ele em tom pausado.

"Estive a falar com uns turcos que me disseram que a coisa se

resolve se nos convertermos ao islão.

"

"O quê!?", indignou-se a filha.

"O que está o pai a dizer? Quer que nos convertamos ao islão?"

"Não quero nem deixo de querer", retorquiu o avô Sisag.

"Limito-me a expor as alternativas que temos diante de nós.

Os Turcos garantem que se nos

convertermos podemos

111

ficar.

" Pousou a mão no peito.

"Eu, pela minha parte, não me converto.

Prefiro morrer em Cristo a viver como apóstata.

Tive uma longa vida e estou disposto a enfrentar o que o Senhor me

reservar.

" Suspirou e os seus olhos dançaram entre a filha e a neta.

"Mas vocês são jovens e esta viagem parece-me uma loucura.

Uma vez na estrada, não tenho a menor possibilidade de vos

proteger.

Faltam-me as forças e a minha alma apaga-se a cada novo dia.

Talvez a conversão seja uma possibilidade a considerarem.

"

O ancião calou-se e encarou as duas mulheres, sangue do seu sangue,

dividido entre a esperança e o medo de que elas fossem razoáveis.

Queria-as muçulmanas para que

sobrevivessem, mas ao mesmo tempo receava que se convertessem e renegassem assim as suas origens e a

sua identidade.

Acabou por ser a dona da casa, como de resto lhe competia, quem

falou primeiro.

"Deus sabe como me repugna essa ideia", disse Arshalous, voltando-se para a filha.

"Mas talvez seja a única solução..."

com os olhares pousados nela, como se lhe coubesse a decisão final,

Marjan permaneceu hirta durante alguns segundos, a mente e o

coração a debaterem-se, dilacerada pelo dilema: renegar a sua

identidade para sobreviver ou viver como arménia e talvez morrer?

"Não há dúvida de que seria a solução mais fácil", considerou, a

voz hesitante.

"Mas... e o pai? O que dirá ele disto?"

"O teu pai não está aqui, minha filha.

Não sabemos sequer se ele ainda é vivo..."

Marjan respirou fundo, angustiada com a decisão que tinha de tomar

e incapaz de o fazer.

"Não sei", acabou por murmurar.

"Mas converter-me parece-me uma humilhação e uma derrota.

Estes muçulmanos prenderam e
maltrataram o pai, maltratam-nos a nós,

112

humilham-nos e expulsam-nos das nossas casas e... e nós
vamos dar-lhes a satisfação de nos convertermos à religião
deles?" Fez uma

careta e abanou a cabeça.

"Não sei se serei capaz..."

"Seria só uma fachada", argumentou Arshalous, esforçando-
se por se

habituar à ideia.

"Diríamos aos Turcos que nos tornamos muçulmanas.

" Pousou a palma da mão sobre o peito.

"Mas o coração permaneceria cristão.

"

A filha voltou a sacudir a cabeça.

"Não sei se seria capaz.

"

Arshalous acariciou o seu ventre dilatado.

"E há a questão deste filho que aqui trago dentro", disse.

"Será possível fazer uma viagem dessas nestas condições?"

Instalou-se um silêncio indeciso na sala, com toda a família dividida quanto ao caminho a seguir, e acabou por ser o avô Sisag

quem voltou a falar.

"Então talvez seja melhor adiarmos esta escolha", propôs.

"Sugiro que comecemos a preparar a nossa partida.

Ainda temos três dias para tomar uma decisão.

" Desviou o olhar para Krikor.

"E tu, rapaz? Que vais fazer tu?"

O visitante encolheu os ombros e abriu os braços, num gesto de

impotência e ignorância.

"Para dizer com franqueza, não sei", confessou.

"Não posso usar o meu passaporte britânico para sair daqui porque a Grã-Bretanha agora é inimiga do Império Otomano.

Além do mais, quando cheguei a Kayseri descobri que todos os meus

familiares distantes, sejam eles Berberian sejam Sarkisian,

abandonaram a cidade quando a guerra começou, por isso também não

posso contar com a ajuda da minha família.

Para piorar as coisas, o correio está bloqueado e não tenho modo de

entrar em contacto com o meu pai em Londres.

Nestas condições, o que posso eu fazer?"

113

"É imperativo que os Turcos não te identifiquem", recomendou o avô Sisag.

"Como vieste do estrangeiro, o teu nome não consta das listas de que eles dispõem.

Há por isso que ter o maior cuidado.

Parece-me evidente que, se te descobrirem, matam-te.

Nenhum homem arménio entre os catorze e os setenta anos ficou na

cidade, à excepção de ti.

Terás de continuar disfarçado de mulher e escondido por nós.

" Apontou para a filha e para a neta.

"Se elas decidirem não se converter, terás de vir connosco.

Se elas se converterem, ficarás aqui escondido até esta maldita

guerra acabar ou o teu pai arranjar maneira de te vir buscar.

" Sentado junto ao tonir, o velho terminou a sua argumentação e

pousou as mãos sobre os joelhos.

"O que te parece?"

O olhar de Krikor desviou-se para Marjan, como se a rapariga fosse

o farol que o guiava.

"Estarei onde ela estiver.

"

114

XII

O ambiente em casa dos Sarkisian tornara-se insuportavelmente

lúgubre.

Nunuphar passava dias inteiros encerrada no quarto, de onde por

vezes vinha um choro descontrolado.

As notícias que Kaloust trouxera de Interlaken não podiam ter sido

piores e ele próprio tornara-se ainda mais taciturno que o habitual.

A sua vida reduzia-se nesta altura ao constitucional da manhã, a

uma breve visita ao escritório e a uma passagem pelo Ritz de

Piccadilly.

Ao fim de alguns dias, e após matutar incessantemente no problema,

a visão de um livro de Sherlock Holmes na montra de uma livraria de

Piccadilly, a velha Hatchard's, deu-lhe a ideia de contratar um

detective.

Consultou Philip Blake sobre o assunto e foi aconselhado a dirigir-

se à Burns Agency, uma reputada agência de Chicago que dois anos

antes abrira escritórios em Londres.

"Um caso pouco vulgar", observou mister Mills, o detective com quem

falou na Burns.

"Mas não sei como o possa ajudar.

115

Não dispomos de agentes no Império Otomano, receio bem, pelo que

não temos maneira de ir lá investigar as coisas.

"

"Mas... não haverá outra forma?"

com os pés displicentemente pousados sobre a secretária, o detective Mills tirou os óculos, soprou vapor para as lentes e pôs-se a esfregá-las com um paninho.

"Talvez o melhor caminho seja seguir o rasto do cio.

"

"Perdão?"

"Só uma fêmea com um cio muito poderoso é capaz de enlouquecer um homem dessa forma", argumentou.

"Temos de descobrir quem é o pedaço de saia que deixou o seu rapaz

embeijado.

Será a presa que nos levará ao caçador, entende?"

Não era o tipo de linguagem que Kaloust mais apreciasse, sobretudo

em referência ao seu próprio filho, mas naquelas circunstâncias não

se podia dar ao luxo de prestar atenção a minudências.

As prioridades eram outras.

"O problema é que ele nunca me falou de mulher nenhuma.

Não faço a menor ideia de quem seja a senhora em causa.

"

Depois de se certificar de que as lentes haviam ficado limpas, o

operacional da Burns Agency voltou a empinar os óculos no nariz.

"Onde costumava o seu filho guardar a correspondência?"

"Bem... no quarto, acho eu.

"

com um movimento subitamente

energético, o detective pôs-se de pé e foi ao cabide buscar o chapéu de coco.

"Então é justamente por aí que vamos começar!"

Seguiram para o número 38 de Hyde Park Gardens no Delaunay

Belleville Landaulette do cliente.

Uma vez chegados à mansão dos

Sarkisian, Kaloust levou mister Mills directamente para o quarto de Krikor.

O detective vasculhou nos papéis que o rapaz guardara, folheou as

cartas, os cadernos e os livros.

Começou por tudo o que estava escrito em inglês,

116

mas como não encontrou nada de relevante pediu a ajuda do anfitrião

para lhe explicar que língua era aquela em que estava redigida a

restante correspondência.

"Arménio", esclareceu Kaloust.

"É um alfabeto criado no século v pelo Santo Mesrop Mashtots

para....

"

"Não vim aqui para aprender história", atalhou o detective Mills

com um estalido impaciente da língua.

"Leia-me o nome dos remetentes dessas cartas, se faz favor.

"

O dono da casa consultou o canto superior esquerdo das quatro

missivas redigidas em arménio.

"São todas da mesma pessoa", constatou.

"Uma tal Marjan Kinosian.

"

"Tem aí o endereço?"

O olhar de Kaloust desceu de novo para os sobrescritos.

"Kayseri.

"

Exibindo uma fileira de dentes amarelados ou já apodrecidos, o

detective Mills esboçou o seu primeiro sorriso do dia.

"Foi nesse covil de fêmeas com cio que se escondeu o seu rapaz.

"

117

118

XIII

A prioridade nos preparativos para a viagem foi arranjar animais

que carregassem os bens de que os Kinosian necessitavam.

O prazo de três dias era muito curto e desencadeou uma corrida

desenfreada aos cavalos de carga.

A consequência imediata foi uma súbita carência, e o consequente

aumento do preço dos animais de

transporte para valores absurdos.

A palavra aksor, ou deportação, percorria a boca de todos os

armênios e tornara-se uma obsessão que subjugava tudo, provocando

uma procura de bens necessários para a

viagem que também contribuiu para inflacionar os preços.

O avô Sisag teve uma vez mais de se valer dos seus conhecimentos

para conseguir adquirir duas mulas, essenciais para transportarem

os poucos bens que poderiam levar.

Resolvido este problema, tiveram de enfrentar outra questão

crucial, que era determinar o local onde iriam guardar o dinheiro.

Os Kinosian eram relativamente

abastados; de outro modo nunca

poderiam ter ido à Alemanha consultar

médicos.

Também Krikor dispunha ainda de um bom pé-de-meia.

Que sítio seria suficientemente seguro para poderem esconder toda

aquela quantia?

Depois de muito ponderar o assunto e discuti-lo com Marjan,

Arshalous seleccionou as duas colchas mais velhas que encontrou em

casa, ambas muito coçadas pelo uso e com alguns buracos no tecido

exterior, e forrou-as por dentro com as

notas.

Só um ladrão desesperado roubaria colchas naquele estado.

Durante a viagem seriam usadas para assentar nas mulas e serviriam

de colchão durante as noites, embora a sua verdadeira função fosse

de cofre-forte.

Depois Arshalous e a filha mais velha pegaram em duas fronhas de

almofadas e encheram-nas com as

melhores roupas, algumas notas e as jóias, que envolveram em algodão para as amaciar ao toque.

Na véspera da partida, as autoridades turcas plantaram tabuletas à

entrada das ruas a assinalar a hora a que todos os moradores

deveriam estar prontos para começar a viagem.

No caso da rua dos Kinosian, seria às dez da manhã.

"Decidi converter-me ao islão", confessou a mulher de Bohjalian

quando, depois de ver a tabuleta, caminhava de regresso a casa na

companhia de Marjan e Krikor.

"Vocês deviam fazer o mesmo.

"

"Mas, vizinha, os turcos chicotearam o seu marido na prisão e

depois levaram-no", argumentou a rapariga.

"Isso não a incomoda?"

"Claro que incomoda!", reconheceu a mulher.

"Mas o que posso fazer? Tenho filhos pequenos e eles não sobreviveriam a uma viagem dessas.

Mais vale ser um muçulmano vivo do que um cristão morto.

" Calou-se por um instante e acrescentou:

"Além do mais, no meu íntimo manter-me-ei sempre cristã.

Os Turcos conquistam-me o corpo, mas jamais a alma.

"

1

Nessa noite as igrejas arménias encheram-se de mulheres, crianças e

velhos, os que ficaram depois do

desaparecimento da população

masculina.

Os padres eram os únicos homens adultos que restavam na comunidade

arménia de Kayseri, embora também eles tivessem recebido ordem para

ser deportados no dia seguinte.

O serviço religioso foi feito à luz das velas, com algumas mulheres

a vigiarem as portas para o caso de aparecerem soldados turcos.

Dizia-se que em certas povoações os muçulmanos tinham trancado as

portas das igrejas arménias com as congregações lá dentro e pegado

fogo aos edifícios.

A informação parecera incrível a todos.

Como era possível semelhante selvajaria?

No entanto, considerando tudo o que se passava, já ninguém queria correr riscos.

A missa decorreu, por isso, rodeada de mil cautelas e medidas de

segurança.

A cerimónia religiosa foi pontuada por erupções de choro entre os

fiéis, sobretudo durante os cânticos e a homilia.

A leitura escolhida para a ocasião foi o Êxodo e o padre sublinhou

o versículo em que Moisés se dirige a Deus e Lhe faz uma pergunta

com profundas ressonâncias naquela ocasião.

"Por que razão, Senhor, fizestes mal a este povo?"

com voz pesarosa, o padre formulou a pergunta duas vezes, embora no

texto bíblico ela constasse uma única, e um grande lamento emergiu

nesse instante da congregação, pungente e sentido.

Os gemidos tornaram-se choro aberto.

Não importava que a pergunta de Moisés se referisse aos judeus.

Para todos os que se apertavam naquela

igreja para a derradeira missa em Kayseri, eram os Arménios o objecto da súplica do profeta.

Os Kinosian, como aliás a generalidade dos fiéis, abandonaram a

igreja em silêncio e foram directamente para casa,

121

onde ultimaram os preparativos para a viagem.

Os bens e o dinheiro encontravam-se devidamente escondidos nas

colchas e nas almofadas e as cestas estavam repletas dos alimentos

que duravam mais, como carne seca, fruta seca ou cristalizada,

amêndoas, nozes e biscoitos, além de jarros com água.

Havia também carne fresca, legumes, fruta, iogurtes, leite e pão

para consumir nos primeiros dois dias.

O resto teriam de arranjar durante a viagem.

Quando tudo ficou pronto e a família se reuniu em torno do tonir

para passar a última noite em casa, Arshalous voltou-se para Marjan

e quebrou o prolongado mutismo a que se haviam remetido desde a missa.

"Então, filha?", perguntou.

"Já te resignaste ao islão? Alguns dos nossos vizinhos vão converter-se..."

"É verdade.

Mas a maioria não.

"

A mãe abanou a cabeça.

"A viagem é uma loucura.

" Acariciou o seu ventre dilatado.

"Não te esqueças de que estou grávida.

" Respirou fundo, tentando assim libertar-se da angústia que a

oprimia.

"Ai, se ao menos tivéssemos aqui o teu pai, ainda vá que não vá.

Mas agora sem ele..."

Marjan indicou o avô Sisag.

"E o que sugere, mãe? Deixamos o avô seguir sozinho?"

O ancião fez um gesto peremptório com a mão trémula.

"O que quer que decidam, decidam sem mim", estabeleceu.

"Eu já vivi a minha vida e, uma vez que sempre fui arménio e outra

coisa não me imagino, decidi morrer enquanto tal.

" Apontou para os familiares que o rodeavam.

"Mas vocês têm a vida pela frente.

Não prendam o vosso destino ao meu.

"

Os membros da família entreolharam-se com gravidade.

Era chegado o momento da grande decisão e até as duas irmãs mais

novas, Khenarig e Caroun, apesar dos seus

imatuross

122

doze e onze anos, intuíaam a importância do que se passava.

As labaredas do tonir dançavam com estalidos inquietos, pareciam

pulsar ao ritmo dos corações, as faces da família a reflectirem os

lampejos como se espelhassem as chamas do próprio Inferno.

Marjan começou por olhar para Krikor, dava a impressão de querer

envolver o pretendente na decisão, mas depois encarou o avô, as

irmãs e finalmente a mãe.

A escolha estava feita.

"Os Turcos levaram-nos o pai", disse.

"Converter-me ao islão seria premiá-los por este crime.

Matem-me se quiserem, mas a minha alma permanecerá arménia.

"

A mãe suspirou, vencida.

"Seja o que Deus quiser", sentenciou.

"Esta família não se separará.

Amanhã partimos todos.

"

Abraçaram-se e beijaram-se nas faces, a respiração sufocada pelo

alívio e pelo terror.

Depois estenderam-se sobre as almofadas, puxaram a manta, e,

acolhendo o calor retemperador do tonir, fecharam os olhos e

esforçaram-se por vencer a inquietação e dormir em paz essa

derradeira noite na sua casa de Kayseri.

A porta tremeu com o impacto insistente das batidas sucessivas.

Marjan foi ver quem era e deu com três

soldados armados e aparentemente com pressa.

"Toda a gente na rua!", exclamou um deles.

"Ya'Allah! Ya'Allah! Vamos lá para fora!

Está na hora!"

"Está na hora?", admirou-se a rapariga.

"Mas o aviso de ontem à entrada da rua dizia que teríamos de sair

às dez da manhã e ainda são oito.

Qual é a pressa?"

"Toda a gente na rua!", insistiu o turco, um rapaz da mesma idade

de Marjan, os primeiros pêlos a despontarem-lhe no rosto ainda

imberbe, mas impregnado da autoridade que

123

a longa espingarda lhe conferia.

"Às dez é para se porem em marcha.

Queremos toda a gente na rua

imediatamente para se começar a formar a fila e organizarmos tudo.

"

"Ah, não pode ser!", devolveu Marjan com um trejeito de irritação.

"Ainda não estamos prontos.

Tenham paciência, vamos precisar de pelo menos mais uma hora!"

O soldado soltou uma gargalhada forçada.

"Uma hora? Era o que mais faltava!"

Baixou o cano da espingarda e

tornou-se ameaçador, exemplo logo seguido pelos companheiros.

"É para sair e é já! Ya'Allah! Quem ficar para trás será fuzilado.

Toda a gente lá para fora!"

A saída de casa foi apressada pela impaciência dos jovens soldados,

que insistentemente ameaçaram de morte

os Kinosian, com as espingardas e por palavras.

O que lhes valeu foi já terem praticamente tudo preparado.

Apesar da atrapalhação provocada pelos intrusos, conseguiram

retirar em cerca de dez minutos.

As duas raparigas mais novas, Khenarig e Caroun, estavam muito

excitadas.

Para as tranquilizar, Marjan e Krikor haviam-lhes dito que iam

viver uma grande aventura e fazer uma viagem inesquecível.

Nada disso era mentira, claro.

Ambos se limitaram a apresentar a deportação nos tons mais

interessantes que conseguiram e as duas irmãs viviam aqueles

momentos com um entusiasmo

inconsciente.

Já os adultos sabiam ao que iam, ou pensavam saber, mas ocultavam a

preocupação que lhes pesava no peito.

Para quê fazer daquilo um drama se o que tinha de acontecer iria

acontecer? Estavam nas mãos do destino e enfrentá-lo-iam com todas

as consequências.

Sendo cristãos, acreditavam que a cruz era muito mais que um fardo.

"Não sei o que nos reserva o futuro", disse o avô Sisag um instante

antes de saírem de casa.

"Somos uma família.

"

124

Indicou Krikor com a cabeça.

"Tu incluído, meu rapaz.

Já fazes parte desta família.

" Encarou os restantes.

"Se algum de nós morrer, algo em nós morrerá também.

Se apenas um de nós sobreviver, alguma parte de todos viverá nele.

Entreguemos o destino a Deus, mas assumamos a responsabilidade de

fazer os possíveis para superar esta provação e sobreviver.

Que o Senhor, na Sua misericórdia infinita, nos proteja.

"

Foi com angústia que saíram à rua, mas ao verem a multidão que os

soldados arrancavam à força das casas e que se aglomerava num caos

mais ou menos organizado de carroças, cavalos, mulas, sacos e tudo

o mais que podiam levar, sentiram um estranho conforto.

O que quer que estivesse para acontecer aconteceria a todos; não

estavam sozinhos naquela terrível prova.

com eles seguia a Arménia inteira.

O longo e triste cortejo serpenteava por toda a rua que desaguava

na estrada para sul, juntando milhares de pessoas com cestos,

sacos, crianças, a multidão enquadrada entre uma e outra carroça e

os muitos animais de transporte.

Os gendarmes turcos flanqueavam a massa de gente, indicando o

caminho e vigiando as alas, esforçando-se por evitar os contactos

com o resto da população.

Muitos turcos, porém, haviam-se

aglomerado nos passeios para

assistir à partida do que restava da sua comunidade arménia.

Uma importante parte observava em silêncio, mas a maioria sorria e

acenava com acinte, lançando graçolas.

"Vão e não voltem!"

"Que Alá vos guie até ao Inferno, cães giavour!"

As mulheres e os velhos arménios

ignoraram os chistes.

A sua relação com a maioria muçulmana nunca fora fácil, e ali

estava a prova.

Era verdade que toda a gente tinha 125

um amigo ou um conhecido turco, mas a maior parte dos contactos

decorriam dentro da comunidade arménia.

Apesar de partilharem as mesmas cidades e aldeias, muçulmanos e

cristãos viviam existências separadas, uns dominadores e outros

dominados, mas cada um a crer-se superior ao outro, capaz de passar

longos períodos, às vezes meses, sem trocar uma palavra com uma

pessoa da outra religião.

Era como se uns fossem fantasmas dos outros; estavam lá e era como

se não estivessem, ocupavam o mesmo espaço mas não se viam uns aos

outros, meras assombrações que faziam uma aparição fugaz e logo se

imaterializavam e tornavam espectros de novo.

"Cobre a cara, Krikor", recomendou Marjan depois de lançar uma

olhada ao seu pretendente.

"Eles estão a observar-nos e, se percebem que és homem, vai haver

problemas.

"

O pedido foi prontamente acolhido por Krikor, que ajeitou o véu de

modo a melhor ocultar a cara; a última

coisa de que precisava naquele momento era de ser

desmascarado.

Os Kinosian seguiam próximo da cauda do cortejo.

O avô Sisag ia à frente, apoiando-se sempre no seu cajado e a

segurar a rédea de uma mula; depois seguiam Marjan e Krikor, este a

puxar a outra mula, com Arshalous atrás, o ventre dilatado pela

gravidez, a acompanhar as duas meninas mais novas, a traquina

Khenarig e a tranquila Caroun.

O cortejo cruzou por fim a porta sul de Kayseri e abandonou a

cidade, movendo-se com lentidão ao longo da estrada, como uma

extensa lombriga a ondular pelo vale, os picos lácteos das

montanhas Erciyas a rodearem a massa de gente como
testemunhas

silenciosas do drama que decorria a seus pés.

À saída da cidade via-se uma e outra casa de adobe,
propriedade de

agricultores humildes, alguns deles plantados à

126

beira da estrada a observar a procissão.

Entre os camponeses destacou-se o vulto frágil de uma
velha turca

com a cabeça coberta por um véu, que se aproximou de um
gendarme a

cavalo e brandiu o punho fechado.

"Malditos sejais, por fazerdes isto a esta pobre gente!",
vociferou

a muçulmana.

"Que Alá para sempre vos puna por esta vil cobardia! Este
mundo é

dos oportunistas e de canalhas sem escrúpulos.

Mas, lembrai-vos, o que fizerdes a esta gente é o que o
inimigo vos

fará quando aqui chegar!" Voltou-se para os arménios que a
olhavam

ao passar.

"Ide com Alá, meus filhos.

Que Ele vos proteja!"

Foi a única turca que Krikor viu a insurgir-se contra a deportação.

O gendarme olhou para ela, soltou uma gargalhada e deu um golpe no

cavalo com as esporas das botas.

"Está xexé, a velhota!"

E arrancou a galope.

127

128

XIV

O pianista do Carlton dedilhava as notas melodiosas de Clair de

lune, o terceiro movimento da Suite bergamasque de Debussy, mas

Kaloust e Hendryk estavam de tal modo embrenhados na conversa que

não prestavam atenção à música nem sequer aos pratos que os

empregados momentos antes lhes haviam posto à frente.

Os negócios, e apenas os negócios, pareciam interessá-
lhes.

"Sarkisian, francamente!", exclamou o homem-forte da
Royal Dutch

Shell com uma pitada de repreensão na voz, "não acha que
existe já gente a mais na Turkish Petroleum Company?"

"Sim e não.

"

Hendryk esboçou uma careta, desagradado com a réplica.

"Isso não é resposta!"

"É a que tenho para lhe dar.

"

"Oiça", insistiu o holandês, "para que precisamos nós dos
Franceses? Isso é um disparate!"

129

Evitando responder a quente, o arménio preferiu dedicar
pela

primeira vez atenção ao prato diante dele.

Tratava-se de um bife tártaro aux champignons de aspecto
suculento

e que começou a dilacerar com

movimentos lentos.

É certo que vivia ainda ansioso com o problema do filho,
mas desde

que descobrira que o rapaz tinha ido para Kayseri, e depois
de

avisar Salim Bey, sentia-se mais tranquilo; decerto o seu
amigo

turco tinha poderes para resolver a questão sem mais
delongas.

com esse problema em vias de resolução, sentiu-se mais
livre para

voltar a ocupar-se dos negócios e preparar o mundo
petrolífero do

pós-guerra.

Um bom investidor, sabia, era aquele que estava sempre à
frente do

seu tempo e se antecipava às tendências.

"Você tem de entender que precisamos dos Franceses como
aliados",

disse, sem tirar os olhos do bife que retalhava.

"A Turkish tem o exclusivo do petróleo do Império Otomano,
mas os

Alemães estão fora de acção e a AngloPersian, com o apoio
de

mister Churchill, anda apostada em dar-nos uma facada nas
costas e

ficar depois da guerra com toda a exploração petrolífera otomana.

Para derrotar essa frente hostil, precisamos de um aliado de peso.

A França é perfeita.

Já sugeri a Philip Blake que influenciasse o governo britânico no

sentido de apoiar a entrada dos Franceses no capital da Turkish,

ocupando o lugar dos Alemães.

Se conseguirmos fazer tudo isto sem mister Churchill e a AngloPersian saberem, metemos na Turkish um aliado que fortalecerá

consideravelmente a nossa posição.

" Alçou enfim o olhar para o seu interlocutor.

"Percebe agora o meu plano?"

Hendryk fitava-o com uma expressão indecisa, como se avaliasse os

prós e os contras da ideia.

"Como sabe você que os Franceses serão sempre nossos aliados?"

"Podemos confiar nessa gente?"

"Acho que sim e por vários motivos", devolveu Kaloust, metendo à

boca o primeiro pedaço de carne.

"A França está no grau zero da exploração petrolífera e precisa de

quem a ajude.

Sugiro que a Royal Dutch Shell me nomeie seu representante para

auxiliar os Franceses a reorganizarem a sua indústria.

Isso aumentará o meu envolvimento com eles e melhorará os níveis de

confiança entre as duas partes.

"

"Muito bem, está nomeado.

E mais?"

"Em segundo lugar, o senador Jean-Marc Hertault é o presidente da

Comissão de Relações Externas do Senado e já me assegurou que tem o

acordo do seu governo, do seu presidente e dos seus colegas

senadores e deputados para nos apoiar nas decisões da Turkish em

troca de os ajudarmos a entrarem na empresa.

"

"As promessas dos políticos não costumam valer muito", observou

Hendryk com azedume.

"Ao primeiro contratempo, esse senador, como qualquer político,

esquecerá tudo o que nos jurou e só fará o que lhe convier nesse

momento.

"

Sempre a mastigar, o arménio abanou a cabeça.

"Não creio", disse com grande segurança.

"Adquiri um belo chateau na terra natal do senador, na Bretanha, e

aluguei-lho a troco de uma renda

ridiculamente baixa.

" O vestígio de um sorriso iluminou-lhe o rosto.

"Como sabe, habituamo-nos depressa às coisas boas, não é verdade?"

Não acredito que o nosso amigo queira pôr

em perigo semelhante regalia.

"

O presidente da Royal Dutch Shell riu-se.

"Você é tramado, Kaloust!", exclamou com uma gargalhada.

"Se assim é, que venham os Franceses! Por mim não haverá objecções!

Além do mais..."

Um vulto materializou-se junto à mesa com tal brusquidão que

provocou um sobressalto aos comensais; ambos se voltaram de

imediatamente para o recém-chegado.

131

"Robert!", identificou Kaloust.

"Que susto, homem!" Recuperou de imediato a compostura e encarou o recém-chegado com um esgar de

estranheza.

"Que se passa? Aconteceu alguma coisa?"

Era Robert Cook, o advogado que geria o escritório do arménio em St

Helen's Place e que trazia na mão um sobrescrito com o selo do

Royal Post Office.

"Telegrama, mister Sarkisian!", disse, estendendo-o ao patrão.

"Acabou de chegar.

Foi expedido de Genebra!"

Só podiam ser novidades de Salim Bey, percebeu Kaloust.

Dera instruções ao seu subordinado para que qualquer novidade lhe

fosse imediatamente comunicada,

interrompendo-se o que se tivesse de interromper, e era isso que Cook acabava de fazer.

com os dedos subitamente trémulos, o arménio pegou no envelope e

abriu-o.

A seguir retirou a folha do telegrama e desdobrou-a.

RECEBI INFORMAÇÃO SUA STOP

AJUDANTE MEU PARTIU HOJE PARA

KAYSERI

com SALVO-CONDUTO STOP

DAREI BOAS NOTÍCIAS LOGO QUE

AS TENHA STOP SALIM BEY

Kaloust parecia flutuar e a face abria-se num sorriso beatífico.

"São novidades de Constantinopla!", exclamou com alegria.

"O meu filho está à beira de ser resgatado!"

Para celebrar mandou vir uma garrafa de champagne.

132

XV

O cortejo abandonara Kayseri havia já três horas quando, da encosta

das montanhas Erciyas, por onde

ziguezagueava a estrada, se ergueu um clamor.

Quase sem pensar, Krikor e as Kinosian voltaram a cara naquela

direcção e depararam-se com uma turba de homens de aspecto feroz e

armados com facas, machados, foices e paus a descer num tropel para

a estrada, a pé ou a cavalo, as gargantas a lançarem urros pavorosos e gritos de "Allah u akbar!"

Eram curdos.

A confusão instalou-se na longa caravana.

A massa humana recuou, preparando-se para o impacto, até que os

primeiros curdos, os que vinham a cavalo, mergulharam na multidão a

cortar o ar com as suas lâminas e a gritar ameaças.

"Fujam!", gritou uma voz em pânico.

"Jesus, eles vão matar-nos! Saiam daqui!"

O berro impulsionou as Kinosian a agir.

Marjan tentou escapar-se, mas escorregou e caiu.

Krikor puxou-a e procurou

133

arrastá-la para fora da estrada no meio do maior caos, a fuga

travada por um cavalo que se atravessou diante deles e derrubou uma

mulher mesmo ao lado.

Ambos ouviram os ossos dela a partirem-se; parecia o barulho de uma

noz a quebrar-se, mas mais sonoro e horripilante.

com a escapatória cortada naquela direcção e sentindo-se vulnerável por todos os lados, Krikor virou-se para a direita e, quase sem

pensar, mergulhou para baixo de uma carroça, sempre a puxar Marjan.

Sentindo as costas mais protegidas, olhou em redor e viu um idoso

escondido atrás da roda, a segurar a mão de uma mulher, o corpo

dela estendido ao lado sem a cabeça.

"A mamã?", balbuciou Marjan de olhos

perdidos naquela imensa confusão, atordoada com os acontecimentos inesperados.

"O avô? As manas? Onde estão elas?"

"Tem calma", murmurou Krikor na voz mais serena de que foi capaz.

"Já vamos à procura delas.

Agora temos de nos manter vivos,

percebes?"

Havia corpos a rolar por toda a parte, sobretudo de mulheres e de

idosos.

Alguns curdos já tinham desistido de matar.

A sua atenção voltara-se para a carga das carroças e o saque dos

bens dos deportados.

Ouviam-se gritos por toda a parte, misturados com o relinchar

enervado dos cavalos.

"Os gendarmes?", perguntou Marjan.

"Onde estão eles? Não deviam proteger-nos?"

O seu companheiro apontou para a direita.

"Olha para ali!"

A rapariga voltou-se na direcção indicada e vislumbrou dois

gendarmes a conversar com uns curdos que seguravam machados

ensanguentados e outros gendarmes que vasculhavam nos sacos dos

deportados, metendo no bolso tudo o que encontravam de valor.

A imagem era eloquente e Marjan

134

nem sequer a comentou.

Tornara-se evidente que os seus

protectores eram também eles os

predadores.

"Deus nos acuda", limitou-se ela a sussurrar.

"Estamos entregues aos lobos.

"

Os gritos recrudesceram do outro lado e os dois viraram para ali os

rostos.

Dois gendarmes agarravam duas arménias jovens pelo cabelo e

puxaram-nas até que elas, e apesar dos urros, não tiveram outro

remédio que não fosse empoleirarem-se nas montadas.

Nessa altura os cavaleiros deram um golpe com as esporas e partiram

para longe com as suas presas dobradas

sobre as selas, quase como se não passassem de sacos de batatas.

"Marjan!"

Ao ouvir o seu nome, a rapariga voltou-se para trás e viu a mãe a

espreitar para baixo da carroça.

Trazia Khenarig pelo braço, mas a mais nova não estava ali.

"Mãe!", exclamou Marjan.

"A Caroun? O avô?"

"Não sei.

la perguntar-te o mesmo.

Não os viste?"

"Não.

Temos estado aqui escondidos..."

Ouviram-se novos gritos e olharam nessa direcção.

Eram mais duas raparigas arménias que um gendarme e um curdo

arrastavam para os cavalos.

Atiçada por aquela comoção renovada, Arshalous gatinhou para

debaixo da carroça com Khenarig atrás e chegou-se junto da filha

mais velha.

"A tua beleza é uma maldição", constatou.

"Temos de fazer com que ninguém te queira.

Senão, serás levada por estes animais.

"

Segurou na cabeça de Marjan pelos cabelos, pegou numa pedra aguçada que encontrou no chão e, com gestos rápidos, esfregou-a na cara da

filha, arranhando-a.

A rapariga gritou de dor e tentou libertar-se, mas a mãe, que já

esperava aquela reacção, manteve o pulso firme e desferiu-lhe mais

dois golpes.

135

Depois afastou-a para a contemplar e pareceu satisfeita com o que

viu; não eram feridas profundas, apenas arranhões.

Arshalous meteu então a mão ao bolso e extraiu um dente de alho,

que esfregou sobre os arranhões

ensanguentados.

De seguida, mergulhou as mãos na lama que se aglomerava por baixo

da carroça e espalhou-a pela face da filha.

Depois desta curta operação, Marjan ficou

irreconhecível.

As linhas simétricas e delicadas do rosto desapareceram de um

momento para o outro, substituídas por uma amálgama assustadora.

A face inchou rapidamente, dos arranhões e do alho cru, e a lama

conferiu-lhe um aspecto de maltrapilha.

Seria difícil algum homem desejá-la naquelas condições e mesmo

Krikor teve de fazer um esforço para não se sentir repellido e

manter presente que aquela rapariga desfigurada era de facto a sua

Marjan.

Uma estranha calma instalou-se na estrada depois de os curdos

partirem.

Ouviam-se choros, nuns casos com a voz de mulheres, noutros de

crianças, mas uma tranquilidade de aparência irreal envolveu aquele

lugar de morte.

Ao fim de cinco minutos, e após uma pausa para se certificarem de

que o ataque tinha efectivamente cessado, as pessoas saíram dos

esconderijos e começaram a agrupar-se na

estrada à procura dos seus entes queridos.

"Shaké!", chamava alguém.

"Aghavni!"

Seguindo o exemplo dos que

reapareceram, Krikor e as três Kinosian que com ele se encontravam escondidas por baixo da carroça

deslizaram para a estrada e começaram à procura dos dois elementos

da família que haviam desaparecido.

"Caroun!"

"Avô Sisag!"

136

Aqui e ali irrompiam prantos de desespero, num timbre pungente e

com um tom inconsolável; eram pessoas que encontravam os corpos

mutilados dos seus familiares, tombados quando do ataque dos

curdos.

Para esses, a busca cessara.

O avô Sisag apareceu dez minutos mais tarde.

Vinha a coxear, sempre apoiado no seu cajado, e tinha uma ferida a

sangrar-lhe por baixo do sobrolho direito.

"Apanhei um encontrão de um cavalo e caí numa moita", explicou

enquanto limpava a ferida com um lenço.

"Vocês estão todas bem?"

"Sim, graças a Deus", devolveu Arshalous, lançando novas miradas em

redor.

"A Caroun? Sabe dela?"

O pai abanou a cabeça.

"A única coisa que vi foi os curdos a saltarem para cima de nós",

devolveu ele.

"Fugi ali para o fundo e... e caí na moita.

Ela não ficou convosco?"

A ansiedade apossara-se de Arshalous.

"Não... não sei por onde anda", titubeou de ar perdido, os olhos a

procurarem em todas as direcções.

"Quando foi do ataque peguei nas mãos da Khenarig e da Caroun, mas,

no meio daquela confusão toda, a mais pequena foi tomada pelo

pânico e pôs-se a correr.

Tentei ir atrás dela, só que a Khenarig prendeu-me.

Agora... agora não sei da Caroun.

" Começou a chorar.

"Quero a minha filhinha! Onde está ela?

Onde está a minha Caroun?

Por favor, tragam-ma para o pé de mim!"

A busca foi renovada, com as Kinosian a espalharem-se pela estrada

e pelas áreas circundantes à procura da mais nova da família.

A busca só foi interrompida quinze minutos mais tarde, quando

Krikor se deparou com o corpo inerte de uma menina deitado atrás de

uma rocha, o vestido amarelo igual ao de Caroun.

Debruçou-se sobre ela e espreitou-lhe o rosto.

Era mesmo a irmã de Marjan.

A menina tinha os olhos vidrados numa expressão inerte e um fio de

sangue seco saía-lhe de uma orelha.

Tomou-lhe o pulso e não sentiu nada.

Estaria a pressionar o dedo no sítio errado ou teria ela...?
Não se

atreveu a concluir o pensamento.

Angustiado, colou o ouvido ao lado esquerdo do peito e escutou o

coração.

Nada.

A pior possibilidade tomava forma, como a treva que devagar e

inexoravelmente tudo abraça depois de o Sol mergulhar no horizonte.

Desesperado, e sem saber já o que fazer, encostou a palma da mão à

boca entreaberta e tentou sentir-lhe a respiração.

Ao fim de alguns segundos, tão demorados que pareceram minutos,

teve de se entregar à terrível evidência.

Levantou-se com um movimento

deliberadamente lento e varreu a estrada com o olhar toldado.

"Marjan!", chamou, primeiro em voz baixa, depois elevando-a.

"Marjan!"

A rapariga embrenhara-se nuns arbustos à procura da irmã mais nova

e espreitou entre os ramos.

"O que é?"

Krikor respirou fundo, tentando ganhar coragem mas detestando ser o

arauto de notícia tão devastadora, e apontou para o cadáver atrás

da rocha.

"Aqui", disse com desânimo, a voz a falhar-lhe, os ombros descaídos

numa postura de derrota.

"Ela está aqui.

"

A caravana acampou nessa noite junto ao rio Ahi e os deportados

deixaram-se cair na berma da estrada de exaustão e choque

emocional.

Desde a descoberta do corpo de Caroun, que Krikor enterrou

apressadamente num buraco que conseguira abrir apesar dos gritos dos gendarmes para que recomeçassem a marcha, as Kinosian

caminhavam como sonâmbulas, abaladas pelo impacto destrutivo

daquela morte

138

inesperada.

Arshalous estava inconsolável, os olhos vermelhos de choro e o

corpo alquebrado, os lábios a repetirem a mesma pergunta entre os

gemidos, numa ladainha incessante.

"Porquê, meu Deus? Porquê?", choramingava, destroçada no desespero de uma mãe que perdeu a filha.

"O que Te fez a minha Caroun para a levares assim? Porquê, meu

Deus? Porquê?"

O avô Sisag mergulhara no mutismo mais completo e caminhava à

frente, os olhos fixos no caminho, o espírito com a neta que

acabara de perder.

A única que tentava consolar Arshalous era a filha mais velha,

embora as palavras faltassem a Marjan

para responder às perguntas, que em boa verdade não tinham resposta.

Sim, porquê Caroun? Que mal fizera ela aos Curdos para a matarem

assim? E porque estavam os Turcos a tratá-

los daquela maneira? Não

bastava terem-lhes levado o pai? Para quê matar a pequena e meiga

Caroun, tão doce em vida, tão serena na morte? Que sentido fazia

aquela perda?

Para tanta dor não encontrava Krikor resposta.

Que poderia fazer para aplacar o

sofrimento de uma mãe, de um avô e de duas irmãs que tinham perdido a sua mais nova? Que palavras

haveria a proferir numa ocasião tão penosa? Ocorriam-lhe coisas que

se dizem em circunstâncias destas, como

"Deus o quis" ou "está melhor assim do que neste calvário" ou outras do gênero, mas achou-as de tal modo estúpidas e sem sentido que preferiu manter-se

calado.

Acabou por pegar na pequena Khenarig e transportá-la ao colo,

murmurando-lhe ao ouvido "a mana está agora no céu".

Chorosa, Khenarig perguntou-lhe se achava que Caroun os via nesse

momento, questão a que o rapaz respondeu dizendo que sim, e que

Jesus se encontrava de mão dada com ela também a olhar para todos

eles, observação

139

que tranquilizou e enfim calou a menina.

De cabeça encostada ao ombro de Krikor, Khenarig foi fechando e

abrindo as pálpebras, sempre muito

devagar e em movimentos cada vez mais espaçados, até que adormeceu por completo.

A paragem na berma da estrada para pernoitar trouxe as primeiras

palavras desde a morte de Caroun, embora as frases que atirassem

uns aos outros se limitassem a banalidades inconsequentes como

"onde está a água?" e "passa-me o pão".

Ninguém se olhava nos olhos; parecia que todos se haviam encerrado

numa concha onde apenas existia lugar para a menina que nessa tarde

fora morta.

Comeram quase sem pronunciar uma

palavra, a atenção perdida num

ponto infinito na noite, e depois foram preparar as coisas para

dormir.

Moviam-se como autómatos, os

movimentos mecânicos e o olhar baço, e foi dessa forma que pegaram nas duas colchas amarradas ao dorso das

mulas e as estenderam no chão, uma ao lado da outra, como se fossem

um vasto colchão.

Deitaram-se sobre as colchas e fecharam

os olhos.

Arshalous tinha previsto que ficariam muito apertados sobre as

colchas, sempre eram seis pessoas e apenas duas colchas, mas na

verdade eram só cinco, uma vez que Caroun já ali não estava, e a

simples constatação de que havia mais espaço arrastou Arshalous e

Marjan para um novo pranto, um gemido silencioso que foi crescendo

até acabar por morrer.

Soavam choros por todo o acampamento.

Grande parte das pessoas havia perdido

alguém naquele ataque, mas com as horas as vozes foram-se calando, gradualmente vencidas pelo

cansaço.

Um barulho despertou Krikor.

Todos dormiam à sua volta, à excepção de Arshalous, que não pregara

olho no seu luto pela filha mais nova e que 140

tinha agora a atenção fixada num ponto do acampamento.

Krikor ergueu a cabeça e espreitou na mesma direcção.

Apercebeu-se de que havia homens a deambular pela caravana

adormecida, inclinando-se aqui e

espreitando ali, e seguiu-os com a respiração suspensa.

Quem seriam e o que queriam? Ouviu-os trocar palavras e percebeu

que falavam turco.

Um dos desconhecidos debruçou-se sobre um punhado de arménias que

dormiam por baixo de uma árvore e inspeccionou os rostos de cada

uma delas.

Encontrando o que queria, esbracejou a

chamar alguns dos comparsas.

Uma vez juntos, os turcos pegaram numa pessoa que dormia naquele

grupo e arrastaram-na para fora dali.

A vítima começou a gritar, pela voz percebia-se que se tratava de

uma rapariga jovem, provavelmente bonita.

As mulheres da família despertaram e ergueram-se num salto para a

defender, mas os turcos enfrentaram-nas com as
espingardas em riste

e impediram que socorressem a vítima.

"O que é isto?", murmurou Marjan, que
acordara com os gritos.

"Que se passa?"

"Chiu!", recomendou Krikor, colando o indicador aos lábios.

"Está quieta! Eles que não te vejam!"

Novos gritos eclodiram do outro lado, e outros mais adiante.

Grupos de turcos e de curdos vasculhavam furtivamente o
acampamento

em busca de raparigas, como salteadores na noite,
arrastando-as à

força e reprimindo a reacção dos
familiares.

As Kinosian, já todas de olhos abertos e
coração aos saltos, estavam paralisadas de terror.

E se os desconhecidos viessem ter com elas?

Os receios tornaram-se realidade minutos depois.

Dois turcos que inspeccionavam as arménias naquela zona
com um

candeeiro a petróleo pendurado numa mão, aproximaram-se do canto

onde se aconchegavam Krikor e a família Kinosian,

141

que fecharam os olhos e fingiram dormir, e

debruçaram-se sobre elas, perscrutando-lhes o rosto.

Fizeram uma careta quando viram o rosto de Krikor, talvez lhes

parecesse demasiado masculino para o seu gosto, e abanaram a cabeça

com Arshalous, demasiado velha, e Khenarig, demasiado nova.

Marjan interessou-os momentaneamente.

Fizeram incidir mais prolongadamente a luz do candeeiro na cara

dela, mas a rapariga tinha as linhas distorcidas pelo inchaço e,

vencendo uma última hesitação, acabaram

por achar que não valia o trabalho e afastaram-se.

Quando as sentiu irem-se embora, Krikor entreabriu um olho e

certificou-se de que já estavam em segurança.

Viu os dois turcos debruçados sobre outra família a estudar rostos,

a luz azulada do candeeiro a bailar-lhes nas mãos, e suspirou de

alívio.

"Já se foram embora", sussurrou.

"Está tudo bem.

" O que não disse, mas pensou, é que não lhe parecia possível que,

de todos os turcos que vissem Marjan, nenhum se apercebesse de que

estava perante uma beleza rara.

Chegaria o dia em que alguém a levaria também.

O que faria quando isso acontecesse?

142

XVI

Ding-dong.

O toque da sineta anunciou que alguém se encontrava à porta.

Sentado na sala a ler o The Times dessa manhã, terminado que estava

já o constitucional e o banho da ordem, Kaloust deixou-se ficar

estendido no sofá.

Sabia que Nunuphar não estava em casa, tinha ido dar um passeio a

Covent Garden, mas como sempre a criadação ocupar-se-ia do assunto.

Escutou o clique-claque de tacões de sapatos a reverberarem no

mármore até à entrada, ouviu a porta abrir-se, apercebeu-se de um

murmúrio

distante

e

sentiu

novos

passos,

desta

feita

em

aproximação.

"Dá licença, sir?"

Era o mordomo.

"O que é, Humphrey?", perguntou o dono da casa sem levantar os

olhos do jornal.

"Se é para mim, diga que não estou.

"

143

O butler tossiu baixinho, por cortesia e não por necessidade fisiológica, sugerindo assim que, perante as circunstâncias, tal

resposta poderia não ser a mais adequada.

"Peço desculpa, sir, mas creio que poderá ser conveniente abrir uma

exceção para este caso.

"

Então sim, Kaloust espreitou por cima do jornal, uma expressão de

desagrado e impaciência a colorir-lhe o rosto.

"Que se passa?"

"É um enviado de mister Salim Bey, sir.

"

O dono da casa deu um salto no sofá e arrumou apressadamente o

jornal por baixo da mesa de sala.

"Então do que está à espera, Humphrey?",
perguntou, ajeitando o colarinho.

"Ele que entre, valha-me Deus! Ele que entre!"

O

mordomo

voltou

à

porta

e,

instantes

depois,

reapareceu

acompanhado de um homem magro, de cara chupada e
olhos nervosos.

O anfitrião tinha voltado a sentar-se, encenando
descontracção, e

levantou-se de novo para acolher o visitante.

"Mister Ihsan Bey", anunciou Humphrey com pompa.

"Ah, muito prazer!", exclamou Kaloust, estendendo as mãos
ao recém-chegado.

"Seja bem-vindo à minha humilde casa!"

"O prazer é meu.

"

"Sente-se, sente-se!"

Desdobraram-se ambos em gentilezas, um fez uma vénia, o outro

devolveu-a e acrescentou-lhe um gesto floreado, o primeiro respondeu com um movimento arrebicado.

Seguiu-se um duelo de cortesias para ver quem se sentava primeiro,

"faça o favor", "não, por quem sois!", "ora essa, o senhor é o dono

da casa", "mas o senhor é a visita", "quem sou eu perante tão

ilustre personalidade?", "por amor de

Deus, faça como se estivesse em sua casa".

As amabilidades pareciam não ter fim mas terminaram quando o recém-chegado

144

cedeu e se acomodou primeiro.

A seguir veio o ritual da bebida, "quer um chá?", "não obrigado",

"e um café, vai?", "é muito gentil da sua parte, mas não se incomode", "oh, não incomoda nada, é com muito gosto!", "então está

bem, um cafezinho até ia", "café turco?",

"se tiver, seria muita

bondade da sua parte", nova cedência que culminou com ordens a

Humphrey para trazer um café turco ao

"distinto visitante".

Apesar dos intermináveis salamaleques próprios da etiqueta otomana,

Kaloust manteve-se sempre atento às expressões do enviado de Salim

Bey, tentando ler-lhe o rosto.

Estaria satisfeito ou constrangido? A fisionomia dir-lhe-ia se as

notícias eram boas ou más, mas, como

bom otomano que parecia, Ihsan Bey tinha um ar insondável.

"Tenho uma carta para si", disse o recém-chegado, estendendo um

envelope.

"É de Salim Bey.

"

Muitas cartas e telegramas andava ultimamente a trocar com o seu

amigo turco, pensou o anfitrião enquanto encetava mais aquele

sobrescrito.

Mas talvez nenhum fosse tão importante

quanto esse.

com o coração de novo aos saltos no peito, como sempre lhe sucedia

quando se preparava para saber novidades do filho, retirou uma

pequena folha do envelope e devorou o seu conteúdo.

Meu caro amigo,

Receio que as notícias não sejam boas.

Enviei Ihsen Bey a Kayseri para localizar o seu filho.

Infelizmente o meu ajudante chegou tarde de mais, uma vez que a

deportação dos arménios da cidade já tinha

sido feita.

Como Ihsen Bey, apesar de turco, é filho de mãe grega e por isso

dispõe também de passaporte grego, pedi-lhe que fosse pessoalmente

a Londres explicar-lhe os esforços que envidamos

145

Não o quero iludir quanto às

possibilidades de rever o seu rapaz, que não são muitas se souber extrair do meu enviado toda a

informação relevante, mas peço-lhe que não perca a coragem.

Que Alá, o Misericordioso, nos proteja a todos nestes momentos tão

difíceis.

O seu amigo,

Salin Bey

Com a impressão de que os pulmões se contraíam no seu peito e a

respiração de repente mais pesada, como se tivesse o peito cheio de

chumbo, Kaloust leu o texto três vezes, sempre a lançar miradas

breves ao visitante sentado ao lado dele, como se buscasse confirmação.

Depois dobrou a carta e encarou Ihsen Bey.

"O senhor esteve em Kayseri?"

O seu interlocutor assentiu.

"Salim Bey enviou-me logo que recebeu o seu telegrama a informá-lo

do paradeiro do seu filho", disse.

"Arranjámos um salvo-conduto em nome do rapaz e, sem perda de

tempo, segui de comboio para Kayseri.

Quando cheguei lá, no entanto, era demasiado tarde.

As ordens de deportação já haviam sido executadas.

"

"Mas... mas... porque não foi atrás deles?

Decerto os encontraria

na estrada.

"

"A eles, não", corrigiu em voz baixa.

"A elas.

"

"A elas? Como a elas?"

"Os homens dos doze aos sessenta anos já haviam sido feitos

prisioneiros nas semanas anteriores às deportações.

Tanto quanto fui informado, foram metidos na estrada e... e..."

Calou-se, talvez na esperança de que a sua relutância em completar

a frase fosse suficiente para tornar evidente o que lhes sucedera.

146

"Se estão na estrada", insistiu Kaloust sem compreender, ou talvez

sem querer compreender aquela hesitação,

"porque não foi atrás

deles?"

Ihsen Bey engoliu em seco; teria mesmo de explicar tudo até ao fim.

"Eles foram... executados à saída da cidade.

" Disse a palavra executados num sopro, quase fazendo votos de que

o seu interlocutor não a ouvisse.

"Só restaram as mulheres, os velhos e as crianças, que acabaram por

ser deportados.

"

Fez-se um silêncio de estupefacção na sala.

Kaloust fitava o seu visitante e não queria acreditar.

"Eles executaram os homens? Executaram mesmo? Deram-lhes um tiro?"

Ihsen Bey baixou os olhos, incapaz já de encarar aquele pai desesperado.

"Foi a golpes de machado e picareta, receio bem.

"

A informação fez o anfitrião tremer, como se ele próprio tivesse

sido atingido por aquelas armas de gente bruta.

"E... e o meu Krikor?", perguntou, receando a resposta como nunca

receara nada na vida.

"Ele também... ele também foi?"

O emissário de Salim Bey curvou os lábios, num sinal de ignorância.

"Não sei", disse.

"Indaguei por ele, como deve calcular.

Exigi até ao governador de Kayseri que me desse informações sobre o

seu paradeiro, mas nada foi encontrado.

O nome do seu filho não consta em qualquer registo.

"

Considerando a alternativa, a resposta constituiu um alívio para

Kaloust.

"Isso não é necessariamente mau..."

"Oiça, não quero alimentar falsas esperanças", afirmou o visitante com súbita firmeza.

"O facto é que os homens

147

arménios de Kayseri foram executados ao longo das semanas que

precederam as deportações.

Não existe razão nenhuma para acreditar que o seu filho tenha sido

poupado.

Assim sendo, temos de esperar o melhor...

mas preparar-nos para o

pior.

"

O silêncio regressou à sala, carregado de maus augúrios.

A mente de Kaloust fervilhava de ideias, buscava saídas, procurava

explicações alternativas que lhe

permitted sustentar a esperança que apesar de tudo não o largava.

Se ninguém vira o filho morto, como poderia dá-lo por perdido?

"Tudo isso custa a aceitar", observou.

"Como podemos ter a certeza de que estão a... a executar os

deportados?"

"Acredite, eu sei.

"

"Mas sabe, como?"

O enviado de Salim Bey bebericou um trago do café que Humphrey

servira momentos antes, ganhando tempo para decidir se devia ou não

roubar as últimas esperanças ao seu interlocutor.

Quem era ele para assegurar a um pai que o filho estava morto se

ele próprio não lhe vira o corpo? Por outro lado, não era seu dever

esclarecê-lo quanto às circunstâncias do que realmente se passava?

Que direito tinha de lhe negar ao menos o luto?

"Neste preciso momento, infelizmente, a matança de arménios é

generalizada no Império Otomano", disse, tomando a decisão de não

mascarar a verdade; afinal fora por isso que atravessara meia

Europa.

"Tenho amigos que trabalham para o

Departamento de Segurança Pública e que me contaram como tudo se processa.

O Ministério do Interior envia para as províncias ordens para que

se deportem os Arménios e que eles sejam tratados com humanidade.

Mas isto é apenas para que fique registado, uma espécie de álibi

para o caso de vir a ser necessário quando mais tarde

148

se pedirem contas.

Na realidade, ao mesmo tempo que as ordens oficiais são remetidas, uma entidade chamada Organização Especial envia emissários para falarem com os governadores e os chefes das polícias locais e dá-lhes ordens verbais para que chacinem todos os arménios deportados ou os entreguem aos chefes para a matança.

Tanto quanto sei, existem até pontos específicos das estradas onde essas chacinas são levadas a cabo.

"

"Essa ordem é verbal?", estranhou Kaloust.

"Isso não tem nenhum valor!"

"Depende de quem a dá", argumentou Ihsen Bey.

"Muitas vezes é o próprio director da Organização Especial, Bahaettin Sakir, que vai à província distribuir ordens.

Outras vezes são emissários devidamente autorizados, em geral um secretário do partido.

Seja quem for, nenhum governador tem dúvidas de que essas ordens

emanam do governo.

"

"E... e eles acatam-nas?"

"A maior parte sim, alguns não.

O governador de Ancara não aceitou, nem os governadores de

Kastamonu, Yozgat, Esmirna, Malatya, Erzurum e Aleppo.

Todos eles foram demitidos e substituídos por pessoas mais cooperantes.

O presidente da Câmara de Lice, que se recusou obedecer a uma ordem

verbal e exigiu que as instruções lhe fossem entregues por escrito,

foi demitido e chamado a Diyarbakir.

Assassinaram-no no caminho.

"

"E as populações turcas? Ninguém faz nada? As pessoas aceitam o que

se está a passar?"

Ihsen Bey voltou a baixar a cabeça.

"Receio bem que sim", murmurou.

"Em algumas áreas os Turcos protegeram os Arménios, como aconteceu

em Trebizonda e em Yozgat, mas não na maior parte dos casos.

Os meus concidadãos parecem em geral

aprovar as deportações 149

e muita gente junta-se às pilhagens e às matanças.

" Abanou a cabeça.

"É uma desgraça! O pior é que, no início, encorajavam-se os

Arménios a converterem-se ao islão para se salvarem, mas agora já

nem isso é aceite.

A ideia é avançar para o extermínio total.

E quem quiser ajudar os Arménios arrisca a própria pele.

O comandante do Terceiro Exército, general Kâmil, emitiu uma ordem

a dizer que 'um muçulmano que proteja um arménio será executado

diante da sua casa e a casa será queimada'.

Como é evidente, isto dissuade a maior parte das pessoas que

queiram prestar auxílio.

"

Kaloust permaneceu calado um longo minuto.

Lutou contra a vontade de chorar e teve de buscar forças que não

sabia ter para manter o semblante

impassível e não dar parte de fraco perante ninguém.

Mas já não alimentava grandes dúvidas sobre a sorte do seu filho.

Tivesse Krikor sido executado ou

deportado, a verdade é que tudo o que escutara lhe mostrava que não havia muitas possibilidades de

voltar a vê-lo vivo.

Tinha de se render à evidência, por mais penosa que ela fosse.

"Senhor Ihsen Bey", disse, pondo-se de repente de pé e estendendo a

mão ao seu visitante, "agradeço todos os

seus esforços e também a gentileza que teve por atravessar a Europa para me vir expor

pessoalmente esses tristes acontecimentos.

"

O enviado de Salim Bey percebeu que o anfitrião já nada precisava

que não fosse ficar sozinho e apertou a mão que lhe era estendida.

"Era o mínimo que poderia fazer", disse o visitante.

"Lamento, porém, não ter sido portador de melhores notícias.

"

Kaloust começou a encaminhá-lo para a porta, que já fora aberta

pelo sempre atento Humphrey.

"É melhor ter más notícias do que notícias nenhuma", ditou o

anfitrião.

"Prefiro enfrentar a realidade mais dura a 150
viver na ilusão mais enganadora.

A incerteza é insuportável.

Ao menos assim sei com o que posso contar.

"

"com certeza.

"

Chegaram à porta e, com um gesto final, Kaloust voltou a apertar a

mão do visitante.

"Enderece, por favor, os meus cumprimentos e agradecimentos a Salim Bey.

"

Humphrey fechou a porta e o dono da casa voltou as costas e subiu

ao primeiro andar para se fechar no quarto.

Começara o luto pela morte do filho.

151

152

XVII

A caravana dos deportados de Kayseri parecia estar gradualmente a

degenerar num cortejo de mendigos esfarrapados, tal era o grau de

deterioração geral a que o grupo começava a chegar.

Havia um mês que os arménios estavam em marcha; apenas paravam para

pernoitar quando os gendarmes faziam sinal.

Os viajantes eram atacados quase todas as

noites por populações curdas emboscadas na estrada e por bandos de turcos, sempre perante

a passividade, e até com a cumplicidade e a participação activa,

dos gendarmes que ali estavam

alegadamente para os proteger.

"São chetes", disse alguém, espalhando a informação pela caravana.

"Os chetes estão emboscados por toda a parte.

"

Ninguém sabia o que eram exactamente os chetes, à parte os rumores

de que se tratava de criminosos que os Turcos haviam soltado das

cadeias.

Os ataques nocturnos, e até alguns lançados à luz do dia, pareciam

incidir sobretudo na dianteira e na retaguarda do cortejo.

Krikor e a família

153

Kinosian faziam por isso os possíveis por se manterem na zona

central da comprida fila, uma área onde os agressores hesitavam

mais em entrar por receio de qualquer

acção de flanco das arménias desesperadas.

Para que iriam os atacantes correr riscos se as duas extremidades

da caravana pareciam mais vulneráveis?

Havia já quarenta e oito horas que a reserva alimentar da família

Kinosian se esgotara.

Os produtos frescos tinham desaparecido em apenas dois dias e os

secos ou salgados foram-se aos poucos na semana seguinte.

Depois foi a vez de matarem uma mula para a comerem, mas já não

puderam fazer o mesmo com o outro animal de carga porque ele acabou por ser roubado pelos curdos.

Perdeu-se essa mula e a respectiva colcha com o dinheiro forrado no

interior.

Restava uma colcha, mas era demasiado pesada para ser transportada

por uma pessoa e acabaram por se desfazer dela depois de extraírem

as jóias e o dinheiro escondido.

Os derradeiros biscoitos do grupo tinham sido reservados para a

pequena Khenarig, dois dias antes, e desde

então apenas comiam iogurtes e pão que ao longo do caminho iam comprando a aldeãos

turcos que ocasionalmente apareciam à beira da estrada.

Era, porém, raro vê-los porque os gendarmes pareciam escolher de

propósito percursos que evitavam as zonas habitadas e sobretudo os

grandes centros populacionais.

"Avô?", chamou Marjan, voltando-se para trás.

"O senhor está bem? Consegue andar?"

O avô Sisag era o elemento da família que

enfrentava maiores dificuldades naquela provação.

Os setenta anos pesavam-lhe no corpo a cada passo e a marcha

incessante, a uma média de progressão de quarenta quilómetros por

dia através de montanhas e vales, estava a ser um verdadeiro

suplício, mais a mais desde que deixara de comer com regularidade.

"vou fazendo o que posso, minha filha", murmurou ele enquanto se

apoiava no cajado e após respirar fundo

duas vezes consecutivas.

"Mas a idade não perdoa, menina.

" Sacudiu a cabeça.

"Não sei se vou conseguir caminhar muito mais tempo..."

"Consegue, avô, consegue" devolveu-lhe a neta, esforçando-se por

encorajá-lo.

"Que remédio!"

Após dois dias sem se alimentarem, já ninguém do grupo sentia fome.

Era estranho verificá-lo, mas a vontade de meter comida na boca,

desejo obsessivo que os torturava desde que a comida começara a

escassear, desaparecera quase por completo quarenta e oito horas

depois de as provisões se terem esgotado.

Parecia que o corpo se recusava a desejar o que não estava ao seu

alcance.

Passaram a meio dessa tarde pelos restos abandonados de um

acampamento pejado de cadáveres de mulheres e de crianças,

dizimadas pelas doenças e pelos múltiplos ataques nocturnos às

caravanas.

Os elementos do cortejo de Kayseri pegaram nas cruzes que traziam

nos colares ao pescoço e, voltando-as para os corpos, benzeram-se.

"Que horror!", exclamou Marjan depois de levar a mão à boca.

"Meu Deus, é isto que nos espera..."

"Não fales assim", repreendeu-a Krikor.

"Não nos vai acontecer nada disto, ouviste? Não deixarei.

"

Passaram ao lado do corpo inchado de um cavalo, para onde

convergiara uma mão-cheia de deportados do cortejo que mordiam

aquela carne quase putrefacta, como moscas em torno da imundice

mais abjecta, mas a família

155

Kinosian olhou em frente e seguiu caminho.

Ninguém tinha fome.

Apenas sede.

A última vez que tinham bebido água fora na véspera e graças a um

aguaceiro providencial.

Na ocasião puseram os copos e uma panela à chuva e, depois de

beberem a água que aí se acumulara, espremeram as roupas e todos os

tecidos molhados para extrair o líquido que os empapava.

Essa água vinha suja, até porque todos os tecidos estavam já

imundos para além de qualquer descrição, mas sorveram-na como se

tivesse vindo da mais pura das fontes de montanha.

Isso ocorrera vinte e quatro horas antes.

Nesse momento já não havia água para ninguém e o céu limpo nada prometia, além de mais calor e transpiração.

Tinham, por isso, a língua seca e a ideia de encontrarem água não

lhes saía da cabeça.

Talvez fosse essa a razão de terem ignorado a carne do cavalo morto

junto à estrada; quem sabe se

inconscientemente tivessem receado que a comida lhes desse ainda mais vontade de beber.

"Poço!", gritou uma voz em turco; era evidentemente um gendarme

quem falava.

"Está aqui um poço!"

Um clamor aliviado ergueu-se do meio dos deportados e as pessoas

começaram a correr num movimento

desordenado, cada uma a tentar

chegar antes das outras para mais depressa poder satisfazer a sede.

A massa de gente avançava num tropel entre a poeira erguida por

milhares de pés; até o avô Sisag, que caminhava com dificuldade

crescente, pareceu ganhar um novo fôlego e, apoiando-se no cajado,

quase correu no meio dos seus companheiros de infortúnio.

Soou um tiro e depois mais dois.

"Alto!", berrou a mesma voz turca.

"Nem mais um passo, ouviram? Todos quietos!"

156

A multidão imobilizou-se e um súbito silêncio abateu-se sobre o

lugar.

Em bicos de pés, Krikor espreitou para a dianteira e viu dois

corpos caídos no chão; eram duas

mulheres, uma poça de sangue a

nascer-lhes por baixo das cabeças destroçadas.

Os tiros, pelos vistos, não haviam sido disparados para o ar, mas

para as deportadas que seguiam à frente naquela corrida de desespero.

Uns metros adiante dos cadáveres estavam dois gendarmes armados e

uma estrutura com um balde empinado e guardada por outro turco.

Devia ser ali o poço.

"Quem quiser beber", anunciou um dos gendarmes armados, "tem de

pagar.

"

Um alarido de protesto percorreu a multidão desidratada, formando

uma cacofonia de vozes a contestar a decisão.

Os gendarmes aguardaram pacientemente e um deles, o que estava

junto ao poço, pegou no balde a

transbordar de água e, num gesto de suprema provocação, despejou-o sobre a sua própria cabeça, como

quem dizia que se sentia de tal modo saciado que nem queria beber.

Os deportados ficaram boquiabertos, estupefactos por verem alguém

desperdiçar daquela maneira e em tais circunstâncias um bem tão

precioso.

Percebendo que tinha a clientela na mão, o gendarme que falara

ergueu dois dedos.

"São dois gourouch", anunciou, com dois dedos erguidos e voltando-se para um e outro lado, de modo que todos os vissem bem.

"Quem quiser beber um copo terá de nos pagar dois gourouch.

Quem quiser dois copos, são quatro gourouch.

E assim por diante.

Entenderam?"

Resignado ao inevitável, Krikor meteu a mão ao bolso e começou a

contar as moedas.

Se cada uma das pessoas do seu grupo bebesse cinco copos de água,

teria de pagar

157

cinquenta gourouch.

Mas, com a sede que sentiam, teriam

decerto de investir em dez copos.

Ou mais.

O ataque da noite veio um pouco mais cedo que de costume.

O sol avermelhado beijava ainda as colinas que recortavam
o

horizonte, projectando uma luz quente na copa das árvores
e

rasgando o céu de tonalidades escarlate e violeta, quando
foram

disparados os primeiros tiros e um bando de curdos invadiu
a

caravana.

Já não havia carroças onde a família Kinosian se pudesse
proteger,

uma vez que os animais que as puxavam tinham sido já
todos roubados

nos sucessivos assaltos ou mortos e comidos pelos próprios
proprietários esfaimados.

Krikor,

que

planificara

uma

reacção

naquela

eventualidade,

encaminhou o seu grupo para a encosta do vale.

"Aqui! Escondam-se aqui!"

Mantiveram-se ocultos entre moitas plantadas na margem da estrada,

de onde assistiram aos esfaqueamentos e à subsequente pilhagem do

pouco que restava na posse dos

deportados.

A longa caravana que partira de Kayseri, com mais de duas mil

pessoas de uma ponta à outra, estava reduzida a um bando com uns

setecentos refugiados.

Os restantes haviam sido mortos ao longo do caminho, vítimas das

sucessivas emboscadas e da fome.

As Kinosian podiam dar-se por contentes porque apenas haviam

sofrido uma baixa, a de Caroun, logo no primeiro dia, porque se

concentraram sempre no meio da

caravana, onde, guiadas pelo ágil Krikor, logravam encontrar a tempo refúgios adequados durante os

ataques.

"Chiu", soprou Marjan enquanto tapava a boca da pequena Khanerig, que quase começara a chorar.

"Nem um som.

"

A ordem era desnecessária porque já todos sabiam que ninguém podia

falar durante os ataques.

Deitada no chão

158

e abrigada pelas folhas que mascaravam a sua presença, a família

Kinosian nem sequer se atrevia a mexer-se.

O grupo liderado por Krikor descobrira que a imobilidade era a sua

melhor arma; se algum atacante avistasse qualquer elemento da

família, muito provavelmente pensaria que estava morto e deixá-lo-ia em paz.

Depois deste último assalto e de os curdos se terem retirado para

regressar às suas aldeias, os gendarmes deram sinal de paragem.

As Kinosian levantaram-se devagar e foram instalar-se junto a um

arbusto, como sempre quando chegava a

hora de acamparem.

O avô Sisag aproveitou para ir vasculhar nalguns cadáveres que

jaziam no meio da estrada, em busca das sobras da pilhagem dos

curdos.

"Khenarig!", chamou ele após limpar os bolsos do casaco de uma

idosa com o peito ensanguentado.

"Olha o que encontrei.

" Estendeu a mão na direcção da neta.

"Queres?"

A rapariga viu umas amêndoas na palma

da mão do avô e, com um gesto sôfrego, pegou nelas e meteu-as à boca.

Foi a primeira comida adequada que mastigou em dois dias, mas não

lhe chegava.

Juntou-se por isso ao resto da família e esgravatou raízes que

Marjan havia encontrado nas redondezas.

A noite assentou sobre a estrada e, como sempre àquela hora, o

grupo estendeu-se sobre as colchas e preparou-se para dormir.

Os curdos não voltaram a atacar, talvez até o tivessem feito mais

cedo para estarem de regresso a casa à hora do jantar.

Para compensar, o sono das Kinosian foi interrompido por duas mãos

que de repente apareceram do meio da escuridão e agarraram Marjan.

"Que é isto?", gritou ela, despertando abruptamente e tentando

libertar-se.

"Largue-me!"

Viu a puxá-la um velho turco malcheiroso, de aspecto imundo e com

uma barba comprida.

159

"Vem comigo, miúda estúpida", disse o velho sem a largar.

"Se ficares aqui vais morrer.

Vem comigo!"

"Largue-me!"

Krikor, que toda aquela confusão acabara por acordar, levou um

longo instante a digerir a situação.

Quando por fim percebeu o que se

passava, ergueu-se de um salto e, em fúria, desferiu um soco no estômago do desconhecido.

"Vai-te embora!", rugiu.

"Fora daqui!"

O velho turco cambaleou para trás, curvado sobre a barriga, e

lançou um olhar perplexo para a arménia que o enfrentara.

Nunca tinha visto uma mulher esmurrar tão bem nem com uma voz tão

masculina, mas percebeu que seria desaconselhável insistir e, aos

tropeções, desapareceu de vez na treva densa, como se a noite o

tivesse devorado.

As dificuldades de locomoção do avô Sisag agravaram-se na manhã

seguinte.

Como de costume, a caravana retomou a marcha pouco depois do nascer

do Sol, mas o coxear permanente do patriarca dos Kinosian começou a

atrasar a família.

A meio da manhã já o grupo se viu na retaguarda do cortejo, um

lugar

demasiado

arriscado

devido

aos

consecutivos

ataques

desferidos pelos curdos.

"Pai", insistiu Arshalous, perfeitamente consciente de que ali corriam um tremendo perigo.

"Tem de se apressar, não podemos ficar na cauda da coluna!"

O corpo do idoso tremia com o esforço e a sua marcha tornara-se

vacilante.

"Faço o que posso", retorquiu ele entre golfadas de ar ruidosas.

"Faço o que posso.

"

Vendo que a situação se agravava, Krikor pousou Khenarig, que

habitualmente transportava ao colo, e foi com Marjan ajudar o avô

Sisag.

Ambos lhe passaram os braços

160

sob os ombros e carregaram-no assim durante algum tempo.

Ao fim de uma hora, contudo, estavam exaustos e tiveram de o

largar.

"Avô!", implorou Marjan, arquejante com o esforço.

"Mais um bocadinho, vamos.

"

O ancião recomeçou a marcha, mas cambaleava mais do que caminhava.

A grávida Arshalous foi ajudá-lo, embora se tivesse visto forçada a

desistir ao fim de apenas quinze minutos, tão extenuada ficou.

Os gendarmes percorriam a caravana a cavalo, para a frente e para

trás, certificando-se de que ninguém fugia

ou ficava para trás.

Vendo a família Kinosian perder terreno, um deles galopou até à

retaguarda e, ao chegar junto do grupo, fez gestos peremptórios a

apontar para o cortejo lá adiante.

"Mais depressa!", ordenou.

"Ya'Allah! Mais depressa!"

"É o meu pai, effendi", disse Arshalous num registo submisso,

tentando arrancar do turco alguma compaixão.

"Já mal consegue andar, coitado.

" Respirou fundo, a ganhar coragem para fazer o pedido.

"Será que vossa excelência o podia levar no seu cavalo?"

"Estás doida, mulher?", escandalizou-se o gendarme.

"Pensas que sou alguma diligência?"

Apontou com a espingarda para a
coluna à frente.

"Vamos mas é a despachar, ouviste? Não quero ninguém
para trás!

Ya'Allah!"

A família apressou o passo, empurrada pelo cavaleiro turco.

O avô Sisag galgou mais uns metros, mas foi nesse preciso
instante

que parou e, as pernas enfim a darem de si, se deixou cair
no chão.

"Não posso mais!", anunciou com um suspiro de exaustão.

"Uf!" Vendo toda a gente a olhar para ele, fez um gesto com
a mão.

"Ide! Ide! Eu fico aqui!"

161

"Mas, pai...", argumentou Arshalous,

"mais um esforço!"

O velho abanou a cabeça.

"Não posso", desabafou ele na rendição
final.

"Não posso, filha.

O meu corpo não tem mais nada para dar.

É o fim da linha.

"

"Pai!"

"Avô!"

As Kinosian e Krikor fizeram tentações de se dirigir ao avô Sisag,

mas o cavaleiro turco interpôs-se entre eles e apontou-lhes a

espingarda num gesto ameaçador.

"Vão! Vão!", ordenou, indicando a caravana já a distanciar-se na

estrada.

"Ya'Allah!"

"Por favor, effendi, ele está..."

"Cala-te, mulher, e anda!", vociferou o gendarme.

Voltou para Arshalous o cano da arma.

"Se voltas a questionar uma ordem minha, levas uma bala entre os

olhos, ouviste?" Virou a espingarda para os restantes.

"E vocês também, suas miseráveis! Toda a gente a caminhar!

Ya'Allah! Quem não começar a andar dentro de cinco segundos leva um

tiro!"

O grupo entreolhou-se, o desespero estampado nos rostos.

O que poderiam fazer? O gendarme

mantinha a espingarda apontada.

Para mostrar que não estava a brincar, armou o gatilho com um

clique e preparou o disparo.

"Mas, effendi..."Um...", começou o turco a contar.

"Dois... três..."

As Kinosian perceberam que não havia

alternativa, tinham mesmo de obedecer.

Começaram a andar com relutância, a cabeça voltada para trás, os

olhos fixos no patriarca, que permanecia sentado no meio da

estrada.

"Avô!", implorou Marjan, os olhos marejados de lágrimas, a voz a

quebrar-se de emoção.

"Levante-se e ande! Vá, só mais um esforço! Por favor!"

162

Incapaz já de mexer as pernas, o avô Sisag ergueu uma mão no ar e

desenhou uma cruz em direcção à família que se afastava.

"Ide com Deus, minhas filhas! Que o Senhor vos acolha e proteja na

Sua misericórdia infinita.

"

O gendarme a cavalo aproximou-se então do velho.

Alheio à família que tudo observava, levantou a arma o mais alto

que pôde e, com um movimento rápido, desferiu-lhe na cabeça uma

coronhada brutal.

Um som oco ressoou pelo ar, como o de uma melancia a abrir-se no

chão.

Acto contínuo, ergueram-se repuxos de sangue como de uma fonte e o

corpo do avô Sisag tombou de costas, parecia um saco largado na

terra, o pé esquerdo a tremer num derradeiro estertor, a poeira a

cobri-lo como o véu fino de uma mortalha.

"Avô!"

163

164

XVIII

Os gendarmes que ocupavam a dianteira da caravana ergueram os

braços para ordenar a paragem e as poucas centenas de arménios que

havam sobrevivido até ali imobilizaram-se e sentaram-se no chão.

Ao lado da estrada estendia-se a curva estreita de um rio, onde a

corrente límpida era particularmente forte e acelerava entre as

pedras com um som fresco e borbulhante.

Mas a atenção dos recém-chegados fixou-

se sobretudo no que os cercava.

Por toda a parte se acumulavam os detritos de um acampamento

anterior.

Espalhavam-se pelos arredores dezenas de cadáveres e alguns

deportados esqueléticos, os ossos apenas envolvidos pelas peles, os

rostos macilentos com malares

protuberantes e os olhos encovados em largas olheiras sombrias.

Havia já quatro meses que deambulavam pelas estradas, subindo e

descendo montes, suportando consecutivos ataques das populações

curdas e dos chetes e dos gendarmes turcos.

165

O cortejo fora sucessivamente dizimado pelas emboscadas ou pelas

doenças desencadeadas pela má nutrição.

Desde a morte do avô Sisag que Krikor e as três Kinosian

sobreviventes se alimentavam apenas de raízes e de uma mistura de

iogurte e pão que iam intermitentemente adquirindo aos raros

aldeãos turcos com quem se cruzavam.

Vendo os deportados cadavéricos que encontraram naquele ponto da

estrada, os recém-chegados não deixaram de se interrogar sobre se

seria aquilo que lhes reservava o futuro.

Krikor sabia que perdera muito peso e estava com um aspecto ossudo,

tal como as três Kinosian que o

acompanhavam, mas, apesar de tudo, ainda não atingira aquele ponto.

Chegaria lá?

A pequena Khenarig apontou para o rio.

"Olha ali! Olha ali!"

Todos se viraram para a corrente líquida e viram vultos a deslizar

pela água, uma perna aqui, um braço ali, uma cabeça acolá; eram

cadáveres de arménios que o rio arrastava, uma imagem que se

tornara comum nos últimos meses mas que os impressionava sempre.

Sabiam que a maior parte daquelas pessoas tinham sido mortas pelos

Turcos, mas muitas, em particular raparigas, eram suicidas.

Alguém lhes dissera semanas antes que

tinha visto um grupo de raparigas desesperadas darem as mãos e lançarem-se juntas ao rio,

preferindo a morte rápida à execução lenta a que estavam a ser

sujeitas.

"Já viram aquelas miúdas?", perguntou Marjan, apontando para outro

lado.

"Coitadas.

"

A atenção de Krikor desviou-se para ali.

Uma idosa a uns meros cinco metros de

distância cuidava de duas moças com a pose esfíngica das estátuas; tinham o olhar nublado e a

expressão inerte dos sonâmbulos.

Não passariam dos quinze

166

anos de idade; eram deportadas do campo onde a caravana de Kayseri

desaguara.

Os rostos das raparigas mostravam-se inexpressivos; pareciam ambas

alheadas de tudo.

Intrigado, o rapaz aproximou-se delas.

"Que se passa?", perguntou à mulher que cuidava delas.

"Precisa de ajuda?"

A velha atirou-lhe um olhar cansado.

Sem parar o que estava a fazer, abanou a cabeça.

"De ajuda precisamos, claro", assentiu num tom neutro.

"Quem não precisa de ajuda nos tempos que correm?"

Espreitou-o de

soslaio e fez uma careta.

"Mas você não a pode dar.

"

"Então?", insistiu Krikor, indicando as duas raparigas que a mulher

cuidava.

"O que têm elas?"

A idosa fez um gesto na direcção dos gendarmes que se encontravam

um pouco mais adiante.

"As minhas meninas são todas as noites levadas pelos turcos",

disse, recomeçando a penteá-las.

"Eles fazem o que querem com elas e não há nada que os impeça.

" Baixou o tom, a voz a estrangulá-la de raiva.

"São uns animais! Uns animais!

Aquelas palavras fizeram Krikor vacilar.

Estudou as raparigas, que mantinham a expressão perdida e

anestesiada, e recuou.

Não havia de facto nada que pudesse fazer por elas.

Podia até dar-se por muito satisfeito por nada de semelhante ter

ainda sucedido a Marjan.

Conseguiria suportar uma situação dessas com ela? E se aquela por

quem estava apaixonado fosse sujeita a isso? Como aguentaria?

Quando voltou para junto das duas Kinosian deu com elas a conversarem com um grupo de deportadas que haviam encontrado.

Marjan explicou-lhe que elas eram de Sivas e

faziam parte de um grupo que havia sido destruído por um ataque

particularmente feroz dos Curdos.

Apenas duas dezenas de pessoas tinham sobrevivido à matança.

"As coisas mais para a frente são um horror!", balbuciou uma delas, o olhar assustado a espreitar na direcção dos gendarmes como se

fossem eles os algozes.

"Falámos com um grupo de pessoas que escaparam de Aleppo e..."

"O governador turco de Aleppo recusou-se a executar a ordem de

deportação e foi demitido", precisou uma outra, preocupada com

mostrar a relevância de se tratar de arménios de Aleppo.

"Enquanto não abandonava funções avisou

os arménios da cidade e muitos conseguiram escapar a tempo.

Foram apanhados, claro, mas ainda assim viram muita coisa que os

Turcos não queriam que soubéssemos.

"

"Pois, é isso", disse a primeira, retomando a narrativa.

"Falámos com arménios de Aleppo que nos disseram que as estradas

para a Síria são um inferno.

Aquilo está cheio de mulheres e de crianças e de velhas a morrerem

de fome e de sede.

Ninguém lhes acode, ninguém lhes dá nada.

Até parece que os Turcos estão a fazer de propósito!"

Marjan e Krikor entreolharam-se.

"É para o deserto?", perguntou a rapariga.

"É para lá que nos estão a levar?"

As interlocutoras acenaram

afirmativamente.

"Os poucos que sobrevivem a esta viagem estão a ser conduzidos para

o deserto da Síria", confirmou a mais assustada.

"As pessoas com quem falámos disseram que viram caravanas de

mulheres a atravessar o deserto.

São atacadas por bandidos chamados yeneze, que as matam, violam,

raptam e roubam.

As que sobrevivem andam seminuas.

Parece que os yeneze até a roupa interior lhes levam.

E toda aquela zona

168

é um mar de cadáveres esqueléticos, pasto para os abutres que

enxameiam o céu.

"

"Mas para quê o deserto? Porque nos querem aí?"

A mulher de Sivas baixou a cabeça.

"Estão a levar-nos para duas povoações onde se passam coisas

terríveis.

"

"Que povoações?"

O grupo que tinha falado com os fugitivos de Aleppo calou-se, como

se o próprio nome do destino fosse

impronunciável.

Acabou por ser uma outra, que até então tinha permanecido calada,

que a medo identificou os dois locais para onde todos os arménios

do império convergiam sem o saberem.

"Der Zor e Ras-al-Ayn.

"

Krikor carregou as sobrancelhas.

"Der Zor e Ras-al-Ayn?", perguntou com uma careta; nunca ouvira

falar em tais lugares.

"Que é isso?"

As mulheres de Sivas olharam em redor, assustadas.

Dava a impressão que soletrar os nomes daquelas povoações tinha o

poder de invocar o próprio Diabo.

"São os matadouros de Arménios.

"

A noite envolveu a caravana e os

gendarmes começaram a deambular

pelo

campo,

dirigindo-se

aos

grupos

de

deportados

que

se

aglomeravam ao longo da estrada.

Um deles chegou ao pé de Arshalous e estendeu-lhe a mão com a palma

voltada para cima.

"Dá-me uma moeda de ouro", ordenou.

"É para as balas.

"

A mulher esboçou uma careta inquisitiva.

"Balas? Que balas?"

"As que gastámos para vos proteger.

" Sacudiu a mão estendida, para reforçar o pedido.

"Quero uma moeda de ouro.

"

"Mas vocês... vocês não fizeram nada!", protestou ela.

"Pior, juntaram-se aos bandidos e andaram em conluio com eles! Além

do mais, mataram o meu pai e deixaram

que matassem a minha filhinha, a minha Caroun, coitadinha, que... que..."

Já não conseguiu terminar a frase porque o olhar se embaciou e a

voz morreu na lembrança do sucedido.

"Paguem pelas balas!", insistiu o turco, a voz a tornar-se ameaçadora.

"Uma moeda de ouro!"

Percebendo que não tinha alternativa, Krikor meteu a mão ao bolso e

extraiu o dinheiro exigido.

O gendarme fechou-a no punho, lançou um olhar demorado aos quatro e

afastou-se para extorquir mais dinheiro ao grupo seguinte.

"Bandidos", murmurou Marjan entre dentes.

"Assassinos! Ladrões! Já viram que novos esquemas estes animais

arranjaram para nos sacar as moedas?

Porque não nos tiram logo o

dinheiro em vez de virem com esta conversa?"

"Para fingirem que é tudo legal", explicou Arshalous.

"Eles não roubam, somos nós que lhes pagamos pelo serviço.

Ah, que gente mais desprezível!"

Krikor lançou uma olhadela

desconfortável em redor, para se

certificar de que não havia mais

gendarmes a aproximarem-se.

Viam-se alguns à distância, a saltar de grupo em grupo com a

conversa

das

balas

que

era

necessário

pagar,

mas

estavam

suficientemente distantes para não os poderem ouvir.

"Esta ideia deve-lhes ter sido sugerida pelos outros gendarmes que

aqui encontraram", disse ele, ajeitando o lenço que lhe cobria o

rosto masculino.

"A mim, confesso, o que me preocupa

verdadeiramente não é a extorsão do dinheiro.

"

"Então o que é?"

170

A atenção do rapaz voltou-se para os vultos das moças violadas e da

respectiva mãe.

Pareciam espectros ociosos de vida que a luz fria da Lua recortava na

penumbra.

"É o olhar que o tipo nos lançou.

"

Os gendarmes voltaram a meio da noite e, plantando-se em círculo em

torno das Kinosian, agarraram em Marjan e içaram-na para cima de um

deles, um homem alto e corpulento, quase como se ela não passasse

de um saco de batatas.

"Ya'Allah, giavour!", exclamou o turco possante, apalpando-lhe as

nádegas empoleiradas sobre o seu ombro.

"Hoje é a tua vez, miúda.

Vais gozar até te fartares, verás!"

Já totalmente desperta, e apercebendo-se do que a esperava, a

rapariga começou a gritar e a espernear, tomada pela loucura do

desespero, mas um dos gendarmes

esbofeteou-a com força e ela calou-se, atordoada com a violência da estalada.

Impotentes perante o que sucedia diante delas, Arshalous e Khenarig

puseram-se a gemer e a implorar que libertassem Marjan, os braços

estendidos num gesto de súplica, mas os gendarmes arredaram-nas com

um pontapé e afastaram-se

despreocupadamente em direcção à sua tenda.

Recuperando a noção do que lhe sucedia, a vítima
recomeçou a

espernear e a gritar, pedindo socorro e exigindo aos turcos
que a

largassem, o que os distraiu por momentos.

"Calem-me essa puta!"

Foi nesse instante que Krikor, que permanecera quieto e
calado no

seu lugar, como se dormisse, se ergueu de rompante e, com
uma força

de que não se sabia capaz, se atirou sobre o gendarme
robusto que

carregava Marjan.

Apesar da sua estrutura compacta, o homem cambaleou e
quase caiu,

cedendo

momentaneamente

à

força

do

impacto,

mas

conseguiu

equilibrar-se e manter a presa segura entre os braços.

171

"O que é isto?", admirou-se o turco.

"Esta tipa pensa que é um cruzado ou quê?"

Reagindo de pronto, três gendarmes agarraram Krikor e esmurraram-no

sucessivamente no estômago e no rosto.

O rapaz caiu no chão, onde começou a ser pontapeado pelos três

agressores.

Encolheu-se em posição fetal e protegeu a cabeça com as mãos, mas

os turcos batiam com a ponta das botas e só pararam quando

perceberam que Krikor deixara de se mexer.

"Incríveis estas arménias", observou um dos gendarmes enquanto se

afastava.

"Damos-lhes o privilégio de serem montadas por um verdadeiro homem

e ainda protestam! Já viram isto?"

Sucederam-se as gargalhadas enquanto se afastavam, mas um deles

ainda olhou para trás e contemplou o vulto imóvel de Krikor.

"Se aquela gaja sobreviver à porrada que acabou de levar", disse

enquanto passava a língua lasciva pelos lábios, "ainda venho cá

buscá-la para a comer.

"

172

XIX

O corpo emaciado de Krikor estava coberto de equimoses, mas a sova

infligida pelos gendarmes não provocara lesões graves e o rapaz

mostrava-se perfeitamente consciente quando Marjan regressou do seu

calvário às mãos dos turcos.

A rapariga apareceu a cambalear, o cabelo emaranhado, o rosto

apático numa expressão de choque, manchas de sangue a sujarem-lhe

as pernas.

"Minha filha, minha filha!", choramingou Arshalous, acolhendo-a nos

seus braços.

"O que te fizeram eles, minha menina? O

que te fizeram eles, meu

Deus?"

A recém-chegada trazia os olhos vidrados num esgar de horror

anestesiado, como se a alma se tivesse recolhido do corpo,

protegendo-se numa concha escondida algures no seu âmago.

Mas os beijos e as carícias da mãe e as mãos da irmã a abraçá-la

pelos costas derrubaram as muralhas que Marjan erguera dentro dela

para se proteger e em breve as lágrimas começaram a rolar-lhe dos

olhos negros, primeiro hesitantes, 173

uma gota aqui e outra ali.

Depois a boca contraiu-se-lhe numa careta

de dor e ela pôs-se a gemer baixinho, os olhos embaciados numa corrente incessante e o

gemido tornou-se um uivo prolongado, pungente, doloroso.

Marjan começara o luto.

Vendo-a naquele estado de desamparo, Krikor voltou-se para o lado e

chorou em silêncio.

Sentia vergonha dele mesmo, de ter sido incapaz de a proteger, de

ter permitido que lhe fizessem a ela o que haviam feito, a ela que

era a alegria dos seus olhos, a pessoa por

quem a tudo se

submetera, até àquela marcha de morte que decerto os ceifaria a

todos.

Como se odiava Krikor pelo sofrimento de Marjan.

As três Kinosian permaneceram longos minutos abraçadas, num pranto

desamparado.

O choro atingiu um auge de intensidade e começou a desfalecer,

transformando-se numa sucessão de soluços entrecortados por gemidos e pelas primeiras palavras que Marjan

logrou enfim balbuciar.

"Foi horrível, horrível!", tartamudeou nas pausas do prolongado

gemido, a boca babada de saliva, os olhos inchados de lágrimas.

"Eles... eles eram muitos e... e... fizeram à vez.

Prenderam-me os braços e as pernas e...

fizeram à vez.

" O choro ganhou força.

"Primeiro um, depois outro, depois outro, depois..."

Falava como se expulsasse cada palavra do corpo e assim se

expurgasse.

O simples facto de se expressar ajudava-a a arrumar na mente a

terrível experiência que vivera, a tentar encontrar um sentido, a

digerir o que sucedera e a conferir-lhe alguma ordem, por ténue que

fosse.

"Pronto, minha filha, pronto", sussurrou-lhe a mãe ao ouvido,

tentando acalmá-la.

"Chiu! Já passou, já passou!"

Mas Marjan não se calava; sentia uma necessidade imperiosa de

articular por palavras o que lhe acontecera.

Era

174

a única forma que conhecia de interpretar a experiência e tentar

extrair dela um significado, uma qualquer razão que de alguma forma

a justificasse ou explicasse.

"Foram dez homens... ou quinze, não sei", disse quando recuperou de

mais uma vaga de choro.

"Eram muitos, meu Deus.

Muitos.

Não paravam.

Primeiro um, depois outro, depois outro, depois outro.

" Fez nova pausa para recuperar o fôlego.

"Doía-me tudo, eu gritava, eu chorava, eu... sei lá! E eles... e

eles não paravam.

Riam-se e não paravam..."

"Pronto, pronto.

"

Interrompendo a narração apenas para curtas pausas de choro, Marjan

descreveu o que lhe acontecera uma e

outra vez, repetindo os pormenores, insistindo que eles eram muitos e que não paravam,

sempre um atrás do outro, num suplício interminável, em fila e à

vez, eles a riram-se e ela a gritar, a berrar até que a voz lhe

faltou e se rendeu e se tornou uma boneca inerte às mãos dos

torcionários.

Deitado ao lado, horrorizado e

envergonhado, Krikor sentia-se no limite da resistência e voltou-se de costas, tapou os ouvidos e

fechou os olhos, de volta à posição fetal.

Aquelas palavras eram adagas que Marjan lhe cravava no coração,

sova mais violenta do que aquela não existia; mil vezes antes os

pontapés dos turcos que o relato incessante do que lhe haviam feito

a ela.

Mantiveram-se assim durante mais de uma hora, as Kinosian

abraçadas, Krikor encolhido na posição fetal a tapar os ouvidos,

Marjan a repetir por palavras o que se passara por actos, Arshalous

a segredar-lhe "pronto, pronto" e "já passou, minha filha",

Khenarig agarrada à irmã sem nada dizer mas sentindo tudo.

com o tempo, porém, as palavras foram morrendo, devagar, até que se

desfizeram por fim num silêncio inquieto, quando o cansaço

175

se sobrepôs a tudo o mais e, sem darem por isso, elas e ele deslizaram para o sono.

A marcha no dia seguinte foi

particularmente penosa para os quatro.

Ao longo dos últimos dois meses só tinham comido iogurte, pão e

raízes colhidas nos campos, e havia já quase quarenta e oito horas

que nada punham à boca.

com tudo isto, a debilidade física do grupo agravara-se, a exemplo

do que sucedia em toda a caravana.

O ventre de Arshalous dilatara-se muito e, ao torná-la tão pesada

num corpo a definhar, dificultava-lhe a marcha.

Já Khenarig mostrava-se de tal modo franzina que as pernas não

passavam de palitos com aspecto quebradiço, e arrastava-se pela

estrada a ansiar por um colo que ninguém lhe poderia dar.

Mas pior estavam a passar Marjan e Krikor.

A rapariga sentia dores entre as pernas, tão lancinantes que experimentava grande dificuldade em caminhar, enquanto o seu

pretendente tinha o corpo de tal modo moído de pancada que marchava

igualmente em passos incertos.

Seguiam afastados um do outro, a moça

um pouco à frente, como se o que havia sucedido na noite anterior tivesse erguido um muro

invisível entre eles, Krikor atrás a querer juntar-se-lhe e falar-lhe,

ter

uma

palavra

meiga,

mas

a

sentir

uma

vergonha

inultrapassável.

O que lhe diria? Fingiria que nada se tinha passado? Ou far-lhe-ia

perguntas sobre o que sucedera? O que precisava ela que ele

fizesse? O que seria ele capaz de fazer?

Conseguiria encará-la nos

olhos?

A sede era permanente entre os deportados e a fraqueza também.

Os gendarmes faziam-se sempre pagar pelo acesso à água, por imunda

que ela fosse, e Krikor já havia visto deportados esqueléticos

morrerem de sede na berma da

176

estrada, o corpo como carne seca, simplesmente porque já não

possuíam um punhado de gourouch para comprar um simples copo.

Apesar disso, nesse dia a mente de Krikor não ruminava a obsessão

por beber, como acontecia habitualmente.

Não naquele dia.

Tinha antes a cabeça a transbordar de imagens e emoções da noite

anterior; por mais que se esforçasse por pensar noutra coisa

acabava sempre por imaginar Marjan a ser usada pelos gendarmes,

todos em fila a tirarem partido dela, como se a rapariga não

passasse de um instrumento.

O pensamento tornou-se de tal modo obsessivo que começou a duvidar

que alguma vez conseguisse voltar a olhar para ela sem se lembrar

do que vira e imaginar o que não vira.

Ao princípio da tarde, Marjan começou de repente a andar mais

devagar até que se deixou apanhar por Krikor.

Nessa altura retomou o ritmo normal e manteve a passada paralela ao

rapaz, tornando claro que desejava acompanhá-lo.

"Já não me queres?"

Marjan fez a pergunta com o rosto voltado para a frente e os olhos

mergulhados ao longe na estrada, as palavras proferidas numa

corrente, como se as tivesse havia algum

tempo encravadas na garganta e só então as conseguisse tossir.

A ouvi-la, Krikor olhou pela primeira vez directamente para ela e

sentiu uma vontade quase irresistível de a abraçar e beijar e

dizer-lhe que a amava.

Mas não seria adequado, não ali, não perante toda aquela gente, não

na sua cultura.

"Como podes dizer isso?"

Ela baixou o olhar para o chão.

"Porque... porque já não estou intacta",

murmurou, lutando por conter as lágrimas.

"Os homens querem as mulheres puras no dia do casamento e eu estou

manchada.

"

177

A conversa tornava-se íntima e Krikor desviou a atenção para a

estrada, demasiado intimidado para manter os olhos nela.

Era a primeira vez que falavam

abertamente sobre a sua relação e em

particular sobre o casamento.

Até então todos os contactos entre eles se tinham reduzido a

olhares, sorrisos e subentendidos.

"Não para mim", disse o rapaz.

"Não foi a tua alma que pecou.

Nem sequer o teu... o teu corpo.

Para mim permaneces pura.

"

"Muitos homens já não me quereriam..."

Era verdade e Krikor sabia-o.

Na província a mentalidade era

conservadora e um homem honrado jamais casaria com
uma mulher

desvirginada e usada por um exército.

Mas ele não era nenhum provinciano.

Nascera em Constantinopla e fora educado em Londres,
passava férias

em Paris e estudara em Bona.

Tornara-se por isso um homem do mundo.

Como poderia ser contaminado pela mentalidade tacanha
da província?

Esboçou um sorriso triste e, aproximando-se dela, deu-lhe
um

pequeno
encontrão
com
os
ombros,
num
gesto
inesperado
de
brincadeira.

"Eu sou diferente.

"

Os gendarmes voltaram nessa noite e levaram Marjan com eles.

Dessa vez não houve luta nem gritos, apenas as risadas alegres dos

turcos, os gemidos angustiados de Arshalous e de Khenarig a

implorarem misericórdia, o silêncio envergonhado de Krikor e a

resignação muda da vítima, que seguiu para o seu calvário sem olhar

para trás, a vontade quebrada, como se estivesse
mentalizada para o

inevitável e quisesse que tudo passasse depressa.

As duas horas seguintes foram terríveis.

Ficaram os três sentados em silêncio no canto onde haviam
assentado,

178

entregues à sua miséria, a escutar as gargalhadas distantes dos

gendarmes enquanto se divertiam com Marjan.

A noite sem lua envolvia o campo, escura e impenetrável, e
apenas

se destrinchava o clarão bruxuleante da fogueira ateadada à
porta da

tenda dos guardas turcos, de onde vinham

os sons do deboche.

Evitaram olhar para lá, como se a luz dali emanada os
queimasse.

Num instante em que o barulho pareceu acalmar, contudo,
Krikor não

resistiu e lançou uma espreitadela medrosa naquela
direcção,

esperançado de que tudo tivesse já terminado.

Viu os fogachos trémulos da chama dançarem sobre a tenda, altivos e irrequietos, e através dos panos no contraste com a luz vislumbrou

a silhueta recortada dos homens, todos

aglomerados em torno de uma mesa onde se estendia um vulto de mulher; pareciam ratazanas num

festim.

Foi apenas um relance, coisa de olhar e de imediato virar a cara,

mas suficiente para imprimir na mente com a intensidade indelével

do ferro em brasa, o cliché eterno de uma cena que para sempre

desejaria nunca ter presenciado.

"Virgem santíssima!", murmurou, sentindo-se sufocar de revolta e de impotência e de vergonha e benzendo-se

sem parar.

"Deus nos acuda!"

O banzé da orgia atingiu um pico de urros e suspiros e risadas e

gemidos, até que foi gradualmente esmorecendo, à medida que os

homens enfim saciados iam abandonando a tenda, as gargalhadas a

perderem-se na noite.

A certa altura, sem aviso, a escuridão vomitou Marjan.

A rapariga apareceu junto da família em passos cambaleantes, o

rosto pálido e o cabelo despenteado, como

uma louca, as mãos a tremarem descontroladamente e uma expressão ausente nos olhos.

Largou um punhado de amêndoas e duas maçãs na direcção da irmã,

ofertas decerto dos violadores, e 179

deixou-se cair no chão, desamparada, como uma marioneta que o seu

manipulador de repente soltara.

"Marjan!"

A mãe gatinhou até ela para lhe acudir, mas a rapariga repeliu-a

com o braço e ficou deitada em silêncio, voltando-se de costas para

a família e para Krikor, os olhos vitrificados na noite cerrada, o

corpo a sacudir-se em espasmos

incontroláveis.

O único som era o do uivo baixo e prolongado da mãe na
agonia da

dor sem remédio.

"Minha filha, minha querida filhinha", gemeu Arshalous ao
abandono.

"O que te fizeram eles, meu Deus? O que te fizeram eles?
Como é

isto possível?"

Tornara-se evidente para todos que o sucedido na véspera
não

constituía uma excepção, como

ingenuamente haviam pensado, e

sobretudo desejado, mas o princípio de um procedimento de
rotina,

um processo penoso que só acabaria com a morte de
Marjan da forma

mais aviltante possível.

180

XX

A marcha do dia seguinte foi feita em silêncio total.

A paisagem tornara-se deslumbrante.

A estrada atravessava um vale verdejante repleto de pontos

ricamente coloridos; rosas carmesim, campânulas brancas, tulipas

gemadas e outras flores azuis, roxas e lilás decoravam as bermas,

quase como se prestassem homenagem aos deportados.

Havia laranjeiras carregadas de fruto a perder de vista e a natureza vibrava de vida.

Mas na estrada ninguém falava.

Marjan caminhava muda.

Parecia um espectro com os olhos

encovados e mortiços e uma expressão anestesiada no rosto que a fome tornara ossudo e

macilento.

Arshalous ia esboçando esgares de dor e acariciando o ventre cada

vez mais inchado no corpo esquelético, enquanto Khenarig cambaleava

pela berma, igualmente cadavérica, demasiado exausta para pedir

sequer que a ajudassem.

Apesar da sua magreza, apenas Krikor dispunha de alguma reserva de

energia, mas

181

não parecia interessado em usá-la senão para raspar a
ponta de um

ramo que recolhera de uma árvore.

Dir-se-ia que o aguçava numa obsessão demente.

A caravana transformara-se num cortejo fantasmagórico
pejado de

esqueletos seminus ambulantes, os pés descalços, a pele
encarvoada

pelo

sol

e

os

cabelos

desgrenhados

como

arames

sujos

e

desordenados, todas as pessoas já irreconhecíveis,
demasiado

fatigadas e esfaimadas para serem capazes de produzir outros sons

que não fossem lamúrias débeis.

Caminhavam dia e noite havia já três meses, como se o mundo não

tivesse fim e para além de uma estrada houvesse sempre outra e

outra ainda.

Por vezes alguém caía, uma mulher, um idoso ou até uma criança, os

gendarmes acorriam como aves de rapina, afugentavam os familiares

desesperados e impediam-nos de socorrer o retardatário, ficando à

vontade para acabar com ele à coronhada, como haviam procedido com

o avô Sisag e continuariam a fazer até que

tudo atingisse o amargo fim.

Fazia calor e por volta do meio-dia os gendarmes ergueram os braços

e mandaram parar a caravana para

almoçar, isto é, para os polícias almoçarem, claro, porque os arménios por esta altura já nada tinham

que comer.

Os deportados estenderam-se pela berma da estrada,
dando descanso

às pernas fatigadas, e foi justamente nessa altura, quando
se

sentou atrás de uma moita, que Arshalous

começou a gemer de dores e a contorcer-se.

Em breve os gemidos transformaram-se em vagidos cada
vez mais

ruidosos.

"Chiu!", ordenou uma mulher que seguia à frente das
Kinosian,

alarmada com o barulho que não parava de crescer.

"Calem-na ou os gendarmes vêm aí!"

"Mas calamo-la como?", perguntou Krikor, sem saber como
lidar com

aquela situação.

"Ela está com dores na barriga!"

182

A mulher aproximou-se e perscrutou Arshalous com um
olhar

conhecedor.

"Não admira, entrou em trabalho de parto", constatou ao
sentir o

movimento no ventre e medir a dilatação da vagina.

"As mulheres da família que venham aqui ajudar, se faz favor.

"

Krikor fez sinal com a cabeça a indicar Marjan e Khenarig.

"São elas.

"

A mulher voltou-se para as duas e examinou-as.

A rapariga tinha o olhar vazio de quem se encontrava em estado de

choque, evidentemente alheia ao que se passava com a mãe.

A irmã mais nova estendera-se no chão, descarnada e zonza, e

parecia meio adormecida de fraqueza.

A situação era clara.

"Está bem," suspirou a mulher, resignando-se ao inevitável.

"Vamos nós fazer isto!" Começou a arregaçar as mangas no momento em que uma nova onda de dores arrancou mais uma sucessão de gritos da

parturiente.

"Amordace-a!", ordenou, alarmada.

"Não podemos atrair a atenção dos turcos!"

Sem perder tempo, Krikor tapou a boca de Arshalous com a mão e

abafou-lhe os gritos.

"Já está.

"

A mulher que viera acudir ao parto ajeitou o corpo da paciente,

mantendo-a de pernas abertas, e começou a massajar-lhe o ventre.

As ondas de dores tornaram-se

gradualmente mais próximas umas das outras até que atingiram intervalos de apenas algumas dezenas de

segundos.

lam e vinham sem cessar.

"Força!", exortou a mulher, mergulhando as mãos na vagina dilatada.

"Força na barriga! Isso! Faça como se estivesse a fazer coco, ouviu? Força, força! Não desista! Vamos!

Isso, isso!" Espreitou

para a racha.

"Já aí vem! Mais um pouco! Vamos lá, um último esforço!
Força,

força! Isso! Força!"

183

com a face coberta de transpiração e as veias a pulsarem
de esforço

no pescoço e nas têmporas, Arshalous cerrava os dentes e
fazia toda

a força que o seu corpo já não possuía, fez força e mais
força até

que, de repente, sentiu um alívio enorme,

como se a dor deslizesse para fora e fosse
instantaneamente substituída por uma brandura

serena.

"Já nasceu!", anunciou Krikor, destapando a boca da
parturiente.

"Já nasceu!"

Arshalous abriu enfim os olhos e, exausta mas aplacada, o
peito

ofegante e as pernas dormentes,

contemplou o pequeno ser quente e ensanguentado que a
parteira lhe pousara sobre o corpo.

Era menino.

Os gendarmes deram ordem de partida meia hora depois e a caravana

alinhou-se na estrada.

Era este o momento mais temido por Krikor, que sentia as Kinosian

desmoronarem-se sem que ele tivesse capacidade para acorrer a todas

as frentes.

Marjan permanecia em estado de torpor, embora se tivesse erguido em

obediência cega quando Krikor lhe deu ordem de marcha.

Depois voltou-se para Khenarig.

Não foi fácil acordá-la, devido ao seu

estado de absoluta debilidade, e só à custa de duas bofetadas conseguiu pô-la de pé.

Restavam Arshalous e o recém-nascido.

A mãe de Marjan permanecia deitada na berma da estrada, demasiado

fraca para se erguer.

Não admirava, considerando o tremendo esforço a que fora sujeita

até trinta minutos antes em condições de fraqueza e de cansaço

extremo, mas estava fora de questão deixá-la ali.

"Levante-se!", implorou Krikor, puxando-a pelo braço.

"Vamos, levante-se!"

"Deixem-me", murmurou Arshalous, a voz entaramelada e os olhos

pesados, esboçando um gesto lânguido com a mão.

"Deixem-me aqui com o meu menino e vão andando.

"

184

"Não pode ser", contrapôs ele com sentido de urgência.

"Se ficar para trás, os gendarmes matam-na à coronhada.

A si e ao bebé.

" Puxou-a de novo pelo braço.

"Vá, levante-se!"

A mãe de Marjan já testemunhara muitos exemplos do que os guardas

turcos faziam aos que ficavam para trás, o seu próprio pai fora

vítima do procedimento.

Não tinha a menor dúvida de que Krikor dizia a verdade.

Levantou a mão débil e estendeu-a na direcção do rapaz.

"Ajude-me.

"

Krikor pegou nela pelo braço e puxou-a.

"Upa!"

Ainda com a criança ao colo, Arshalous ergueu-se por fim.

Acto contínuo vacilou e quase caiu; sentia as pernas dormentes e

todos os músculos do corpo a implorarem por repouso.

Krikor correu a ampará-la.

Depois de uma pausa, ela mobilizou as derradeiras reservas de

energia e conseguiu equilibrar-se.

Recomeçaram a marcha.

Era cada vez mais claro que a situação das Kinosian se deteriorara

gravemente.

As três cambaleavam pela estrada, pareciam dormentes e inertes, e o próprio Krikor sentia que, com a fome, a sede e a exaustão, em

breve também estaria assim.

O bebê chorava ininterruptamente, embora a voz não passasse de um

miado fraco, e a mãe empurrava-lhe o seio seco para a boca.

"Não tenho leite", constatou com desespero.

"O que vou fazer para o alimentar, meu Deus, se nem sequer tenho

leite?"

Ao fim de três horas, Arshalous caiu no chão.

"Já não posso mais.

"

Embora o bebê fosse muito magro e pesasse apenas uns dois quilos,

naquele estado de fraqueza extrema a verdade é que ela já não o

aguentava.

Dois quilos, por muito pouco 185

que fossem, eram demasiado para as poucas forças que lhe restavam.

Uma hora antes transferira a criança para as mãos de Krikor, mas

depressa descobriu que o maior problema não era o peso,
mas o

choro.

A criança não parava de chorar, esfaimada, e ela
desesperava na

angústia de não conseguir alimentar.

Pedira-a por isso de volta, na esperança de conseguir extrair
algumas gotas de leite do seu seio seco e enfim calá-la, mas
fracassou.

Por fim desistiu.

"Levante-se!", encorajou-a Krikor, estendendo-lhe a mão
para a

puxar.

"Vamos, levante-se!"

Arshalous abanou a cabeça.

"Não consigo, não consigo!"

O bebê miava na sua vizinha frágil e ela olhava-o no
desespero mais

completo, enlouquecida por aquele choro

ininterrupto, por saber o que ele significava e por não ter
meios de o silenciar.

A parteira que os ajudara, talvez por se sentir responsável, voltou

para trás para ir ter com eles.

"Que se passa?"

"Ela está exausta, não tem leite, a criança ainda não comeu e ela

não suporta ouvi-la chorar.

"

A parteira pôs as mãos à cintura enquanto avaliava o caso, e

respirou fundo quando chegou a uma conclusão.

"Oiça", disse ela para Arshalous.

"Só há uma maneira de resolver isto.

Não é fácil e requer grande determinação, mas não vejo outra saída.

"

A mulher sentada no chão com o recém-nascido ergueu para a parteira

o olhar esperançado, como se dela esperasse um milagre.

"O quê? O que devo fazer?"

A parteira indicou o bebé.

"Você não tem maneira de o alimentar", constatou.

"Lamento, mas a morte dele é inevitável.

Nenhum bebê sobrevive nestas condições, percebe?"

Arshalous acariciou o recém-nascido.

"Tenho os seios secos", murmurou.

"O meu menino tem fome e eu tenho os seios secos.

"

A parteira acocorou-se diante dela e, perfeitamente ciente da

gravidade do que ia recomendar, fitou-a nos olhos com intensidade.

"Tem de o deixar na estrada.

"

A sugestão deixou Arshalous boquiaberta.

Esperava desta mulher a salvação, não aquilo.

Aquilo.

"Está louca?" Abanou a cabeça, recusando a sugestão.

"Não posso abandonar o meu menino!"

"Tem de compreender que ele vai morrer", insistiu a parteira.

"Sei que é duro, muito duro, mas não há escolha.

Se quiser sobreviver, tem de deixar o menino na estrada.

Não há outra solução.

"

Arshalous não parava de sacudir a cabeça.

"Não posso, não posso, não posso.

"

"Já muitas deportadas nas suas circunstâncias o fizeram", disse.

"Não viu no último mês tantos bebês deitados na berma da estrada?

Quem pensa que os deixou lá? Foram as mães.

A situação tornou-se de tal modo desesperada que elas tiveram de começar a largar os bebês.

"

"Não posso abandonar o meu menino!"

"Então como vai fazer? Deixa-se ficar aqui e..."

Uma bota interpôs-se entre a parteira e Krikor de um lado e Arshalous e o recém-nascido do outro, interrompendo a conversa.

Era um gendarme com a sua Mauser.

"Que se passa aqui?", perguntou o turco com desconfiança.

"Porque estão paradas?"

187

As duas mulheres baixaram as cabeças e Krikor afastou-se um passo,

receando que o gendarme se apercebesse de que ele era um homem.

"É o meu bebé, effendi», explicou Arshalous.

"Estou muito fraca e não o consigo alimentar.

"

O guarda apontou para a caravana.

"Toca a levantar e a caminhar!", ordenou.

"Não quero cá desculpas! Ya'Allah!

Vamos!"

com a ajuda da parteira, Arshalous ergueu-se e recomeçou a marcha,

sempre na retaguarda.

Já habituado a situações semelhantes, o gendarme percebeu que o

problema não estava resolvido e, com a argúcia e a paciência de um

abutre, manteve a mulher e a criança sob vigilância apertada.

Uma hora depois, e como o bebê não cessara de chorar, Arshalous

caiu novamente.

Desta vez o gendarme, que as trazia debaixo de olho, não deixou

ninguém aproximar-se.

Depois de afugentar a' parteira e Krikor, aproximou-se da mãe e

deu-lhe um leve pontapé nas pernas.

"Levanta-te!"

Arshalous encontrava-se no limite da força física e anímica.

Dera à luz ao início da tarde e meia hora depois já estava a andar.

Caminhara durante várias horas ao sol com um recém-nascido nos

braços a chorar de fome e sem que ela tivesse maneira de o saciar.

Que pessoa conseguiria resistir mais do que ela já resistira?

"Não consigo, effendi..."

O turco deu um jeito à espingarda, preparando-a para o golpe com a

coronha.

"Levanta-te, já te disse.

"

188

A tudo isto Krikor e Marjan assistiam à distância.

A rapariga saíra do estado catatónico em que mergulhara e começara

a aperceber-se da gravidade da situação.

"Mãe!", gritou.

"Levanta-te!"

"Deixe a criança e salve-se!", lançou a parteira, que também ali

permanecia.

"Vamos!"

"Não desista", disse Krikor com uma voz de falsete para dissimular

a sua masculinidade.

"Não abandone as suas duas filhas! Elas

precisam de si!"

Foi este último argumento, e só este último argumento, que por fim

convenceu Arshalous.

Observou a sua pequena Khenarig a cambalear um pouco à frente,

esfaimada e desidratada, e viu Marjan a olhá-la com angústia, a sua

Marjan que os turcos todas as noites desonravam e maltratavam, e

percebeu que não tinha o direito de desistir e de as deixar entregues a elas mesmas.

Havia-se esforçado para além do que

imaginava possível, tinha ido até ao limite e até para além dele, mas a realidade impunha-se.

Chegara o momento da terrível escolha.

Pegou no pequeno ser que afagava ao colo e depositou-o no chão.

Beijou-o na testa e depois nos lábios.

A seguir ergueu-se e começou a caminhar, os olhos marejados de

lágrimas, o nariz coberto de ranho e a boca a pingar saliva,

caminhou a arrastar as pernas sem se voltar uma única vez para

trás, para o filho que abandonava no meio

da estrada, para aquele pedaço dela que com o menino morria.

Nem uma hora passou quando chegou a vez de Khenarig cair.

Não se pode dizer que fosse uma surpresa, considerando os múltiplos

sinais de fraqueza e esgotamento que a menina vinha dando nos

últimos dias, e em particular nas derradeiras vinte e quatro horas, mas nada disso impedia que houvesse um novo problema para resolver.

189

"Vamos, Khenarig!", ordenou-lhe a mãe.

"Levanta-te, filha.

"

A menina estava prostrada e não respondeu aos incentivos.

Krikor ajoelhou-se junto dela e deu-lhe uma estalada e outra ainda,

mas Khenarig permaneceu inerte, os olhos semicerrados com um esgar

de indiferença e a respiração leve.

"Já não reage.

"

Ao ver a filha naquele estado, Arshalous deitou as mãos à cabeça e

esfregou o cabelo num gesto que parecia de louca mas que se resumia

a absoluta impotência; apenas a impressão de que tudo aquilo era

tão mau que só podia ser um pesadelo a impedia de verdadeiramente

enlouquecer.

"O que vamos fazer, meu Deus?", desesperou.

"Ela não pode ficar aqui!"

Consciente de que era ainda a única pessoa realmente válida do

grupo, e apesar da crescente debilidade que lhe tomava conta do

corpo, Krikor pôs os braços por baixo de Khenarig e, com o que lhe

pareceu um esforço titânico, ergueu-a.

A fome persistente reduzira a menina a um esqueleto ambulante, mas

mesmo assim, e também porque ele se transformara igualmente numa

carcaça de ossos, o peso dela parecia-lhe insuportável.

Andou cem metros com grande esforço, mas acabou por cair exausto na

estrada.

"Não posso mais", desabafou estendido no chão de barriga para cima,

a respiração ofegante e os estreitos músculos que lhe restavam

reduzidos a um peso morto.

"Não consigo, não consigo..."

Arshalous e Marjan arrastaram-se até eles.

"Então?"

"Não consigo", devolveu Krikor entre golfadas de ar, a abanar a

cabeça pousada no chão.

"Já não tenho força e não consigo..."

190

A mãe da criança lançou um olhar aflito para a caravana que se

começava a afastar.

"Os gendarmes vão-nos ver, meu Deus!", exclamou com alarme.

"O que vamos fazer? Como vamos transportar a Khenarig?"

Estendido no chão, o rapaz ainda

recuperava o fôlego.

"Não consigo.

"

Arshalous atirou uma nova mirada aos gendarmes.

Eles ainda não haviam reparado neste novo atraso, talvez porque

havia mais deportados retardatários e as

Kinosian não se tinham ainda destacado, mas em breve os guardas apareceriam e, como

ninguém estava já capaz de transportar Khenarig, eles matá-la-iam à

coronhada.

O que fazer?

No seu desespero, a mãe olhou em redor e reparou numa casa rústica

à sombra de uma árvore.

Viu uma mulher a pendurar roupa para secar e percebeu que era a

última hipótese de que dispunha.

Certificou-se de que os gendarmes não estavam a ver e cambaleou até

lá.

"Tem pão?", perguntou à aldeã quando chegou ao pé dela.

"Tem alguma coisa que se coma?"

A turca lançou-lhe um olhar desconfiado e ergueu os dedos,

esfregando o polegar ao indicador.

"Como tenciona pagar?"

Arshalous abanou a cabeça.

"Os chetes roubaram-me tudo", disse.

Voltou-se para trás e apontou para a estrada.

"Mas tenho a minha filha, que é muito bonita.

Pode ficar com ela.

"

A aldeã lançou o olhar na direcção do corpo estendido na estrada,

junto ao qual estavam Krikor e Marjan.

"Ela está morta.

"

"Não, não está morta.

Mas morrerá se ninguém tomar conta dela.

" Fez-lhe sinal com a mão, convidando-a a confirmar com os seus

próprios olhos.

"Venha ver.

"

191

Revelando

uma

agilidade

que

contrastava

com

os

movimentos

entorpecidos dos deportados, a aldeã turca aligeirou o passo e foi

ter com Khenarig.

Baixou-se sobre ela e estudou-lhe o rosto.

Convencida, pegou na criança e levou-a nos braços até à sua cabana.

Entregou pão e iogurte a Arshalous e apontou-lhe para a estrada.

"A tua filha é agora minha", disse.

"Vai-te!"

A arménia não obedeceu de imediato.

Aproximou-se de Khenarig, ajoelhou-se como se fosse rezar, fez-lhe

o sinal da cruz e, com carinho, beijou-a suavemente na testa.

"Asvafz, atchigees azadey", sussurrou-lhe ao ouvido.

"Deus, salva a minha menina.

"

Depois levantou-se e, caminhando num torpor, cambaleou até à

estrada com a comida nos braços.

Quis chorar, mas já não lhe restavam lágrimas nos olhos.

192

XXI

Como era habitual, os gendarmes vieram nessa noite após o jantar.

Apareceram três numa algazarra de risadas e chistes, excitados pela

perspectiva de mais umas horas de folia e embrutecidos pelo desejo.

Traziam um candeeiro a petróleo a balouçar nas mãos, o que lhes

permitia alumiar o caminho por entre os grupos de arménias estendidas no chão.

Ao chegarem junto de Marjan, fizeram incidir a luz azulada do

candeeiro no rosto dela para se certificarem de que se tratava

mesmo da rapariga que procuravam.

"Hoje vais levar mais", exclamou um deles ao reconhecê-la, largando

uma gargalhada boçal.

"Já amansaste, hem?" Piscou o olho cúmplice aos parceiros.

"Acho até que estás pronta para umas novidades no servicinho.

"

"Vais estrear-te com a boca", completou o outro, dando saltos de

impaciência.

"Ah, mal posso esperar! vou meter-to até bem lá ao fundinho da

garganta!"

193

"Vê lá, Emre, não a sufoques", recomendou o primeiro.

"Deixa um bocadinho para os outros, ouviste?"

Entre uma nova vaga de cachinadas e ignorando os dois acompanhantes

da rapariga, a mãe e Krikor, os turcos pegaram nela pelos ombros e

arrastaram-na na direcção da sua tenda.

Consideravam as pessoas que integravam a

caravana propriedade sua e serviam-se como entendiam.

Quem os iria travar?

Foi por isso que se viram colhidos de surpresa quando, sem aviso,

um vulto saltou da noite para as costas de um deles e o feriu no

dorso.

O gendarme urrou de dor e contorceu-se com violência, tentando a

todo o custo libertar-se do fardo inesperado, mas não conseguiu.

"Tirem-me isto daqui!", gritou para os companheiros.

"Ai, está a magoar-me!"

Passada a surpresa inicial, os outros dois homens largaram Marjan,

pousaram o candeeiro no chão e foram acudir o camarada de armas,

agarrando-se ao vulto que, à meia-luz, parecia golpear o dorso do

gendarme

com

movimentos

sucessivos,

como

se

lhe

espetasse

repetidamente uma faca.

Os quatro debateram-se por alguns segundos, um murro aqui e um

pontapé ali, alguém gemeu e um turco gritou, "não é aqui, é ali".

Pelos vistos alguém tinha batido na pessoa errada mas depressa

corrigiu o alvo até que conseguiram arrancar o atacante das costas

do companheiro e por fim o imobilizaram no solo.

Um dos gendarmes pegou no candeeiro a

petróleo e aproximou-o do desconhecido, tentando identificá-lo.

A luz bateu em cheio no rosto de Krikor.

"É a gaja que anda com a nossa miúda", constatou o turco que pegara

na lanterna.

Soltou uma gargalhada.

"Deve andar contrariada por não a termos escolhido!"

194

"Pudera!", observou outro gendarme.

"É feia que nem um boi! Olha para isto, até tem pêlos pretos na

cara! Quem quer comer uma coisa destas?

Agh, que horror! Só se lhe

tapássemos as ruças!"

O companheiro que havia sido atacado gemeu de dor.

"Essa tipa ia-me matando!", protestou.

Aproximou-se de Krikor e arrancou-lhe da mão um pau aguçado com a

ponta ensanguentada.

"Estão a ver isto? Espetou-me esta porcaria nas costas, a grande

cabra!" Exibiu o pau.

"Estão a ver?"

Os olhares dos outros dois convergiram para o pau.

"Ena! Estava mesmo furiosa por não ter sido escolhida, hem?"

Um deles inclinou-se sobre Krikor e colou-lhe a boca ao ouvido.

"Ó filha, se estavas com ciúmes era só dizer", segredou-lhe.

"Temos lá muitos rapazes que, apesar da tua carantonha feia, são

meninos para te tirar esses calores.

Ora deixa cá ver!" com um movimento inesperado, afundou o braço

entre as pernas de Krikor e apertou-lhe os órgãos genitais.

Ficou um instante paralisado e, caindo em si, deu um salto e recuou.

"É um gajo!"

Os outros riram-se.

"Sim, sim.

com essa cara, até parece!"

"Vocês não estão a perceber", insistiu o primeiro, apontando para

Krikor com veemência.

"Isto é um gajo! Tem tomates e tudo! Está disfarçado de mulher,

percebem? Mas é um homem!"

Dessa vez todos entenderam.

Passada a surpresa, os três turcos agarraram Krikor pelo cabelo e

puseram-no de pé.

De seguida arrancaram-lhe as calças esfarrapadas e expuseram a sua

nudez, confirmando assim que se tratava de facto de um homem.

195

"E esta?"

De imediato um dos gendarmes artilhou o gatilho da espingarda e

colou a arma à testa do jovem arménio.

"Vamos despachá-lo!"

O turco ferido nas costas, no entanto, pousou a mão no cano da

Mauser e baixou-a antes que disparasse.

"Tem calma, isso assim é fácil de mais", observou.

"Não te esqueças de que este cabrão me espetou um pau aguçado nas

costas! Um cão arménio não me faz uma coisa destas para depois ter

uma morte doce.

"

"Mas o que lhe queres tu fazer?"

O ferido contemplou Krikor com um esgar de ódio, no que era

retribuído pelo olhar intenso do inimigo subjugado.

"Sei lá! Cortá-lo às postas com ele consciente e a ver, por exemplo.

Isso seria um tratamento adequado..."

"Estás louco, Recip? Se nos pomos com isso, nunca mais daqui

saímos!" Lançou um olhar em redor, tentando localizar Marjan; a

rapariga entretanto desaparecera e ainda

havia que procurá-la.

"Quero comer a gaja, homem! Temos de o aviar depressa para ir

buscar a tipa e a levarmos ao castigo!"

"Mas matá-lo com um tiro é demasiado bom para ele!", protestou

Recip, o turco ferido.

"O cão magoou-me.

Tem de sofrer!"

O companheiro olhou de novo em volta.

O silêncio mais absoluto abatera-se sobre o campo, apenas

interrompido pelo choro fraco de uma

criança e pelo fragor gorgolejante da corrente de água que
acelerava no rio mesmo ali ao

pé.

"Tive uma ideia", exclamou.

"Vamos asfixiá-lo!"

"Excelente!", concordou Recip.

"Mas como? com as mãos?"

"Estás parvo? Isso dá uma trabalhadeira infernal e o gajo
caga-se

todo.

Queres voltar para a tenda com merda a sujar-te a farda?
Não, há um

método mais fácil e mais limpo.

"

"Qual?", perguntou o turco ferido, desconfiado.

"Olha que faço questão de que o tipo passe um mau bocado!"

O companheiro apontou na direcção do barulho da corrente.

"Atiramo-lo ao rio! Haverá melhor maneira de o despachar que um

belo afogamento? Dizem que não tem graça nenhuma sentir a água a

entrar nos pulmões..."

A ideia foi acolhida com agrado pelo turco que havia ficado ferido.

Claro que ele preferia um tratamento mais lento e doloroso, mas,

considerando as circunstâncias e a pressa dos camaradas, a solução

parecia-lhe aceitável.

Sem perder tempo, até porque queriam mulher e não se esqueciam de

que teriam ainda de procurar Marjan às escuras pelo acampamento,

ataram as mãos de Krikor atrás das costas e empurraram-no até ao

rio.

Apesar das dores no dorso ferido, Recip foi recolher uns

pedregulhos e meteu-os numa cesta que atou aos pés da vítima.

Das águas apenas se via uma mancha negra e uns reflexos fugidios à

luz fria da Lua.

Uma névoa de irrealidade embotava o raciocínio de Krikor na

vertigem do momento da morte.

Sentiu um empurrão pelas costas e desequilibrou-se para a frente,

mergulhando no rio.

"Boa viagem, giavour!"

A primeira coisa que a vítima experimentou foi o manto gelado da água a envolver-lhe o corpo com violência inesperada.

A segunda foi a cesta a arrastá-lo para o fundo.

A morte que aguardava Krikor era

sobretudo silenciosa.

Debaixo de água, o corpo dorido e entorpecido pelo frio, as mãos

atadas atrás das costas e o peso nos pés a puxá-lo para o fundo, o

rapaz deu consigo a pensar como era absurdo e

197

abrupto aquele fim, como nada daquilo fazia sentido, como a viagem

da sua vida acabava interrompida de forma tão estúpida e inglória.

Fora para aquilo que tinha nascido e vivido? Para aquilo?

Suspendeu a respiração e deixou-se invadir por uma estranha

serenidade, mas sabia que a sensação não duraria.

Em breve precisaria de respirar e não conseguiria manter-se isolado

do que o rodeava, uma concha fechada ao mundo.

Quando o ar lhe faltasse nos pulmões teria de abrir a boca e o

nariz e inspirar fundo, buscar oxigênio renovado, mas o que viria

não seria ar.

Seria água.

E aí tudo mudaria.

À efémera tranquilidade do instante suceder-se-ia a turbulência do

momento seguinte, é certo que também efémero, porém mil vezes

doloroso.

Ouviu chapinhar a água e estremeceu, surpreendido.

Deu consigo com a cabeça fora de água.

Não sabia como, mas o que o rodeava era ar.

Respirou fundo, ávido de oxigénio, e recuperou o fôlego.

Abriu os olhos e nada viu para além da treva; apenas escutava o som

límpido da água em movimento e sentia o corpo balouçar ao ritmo da

corrente, embora permanecesse atado a um ponto fixo, como se uma

âncora o prendesse ao fundo do rio.

Apercebeu-se então do que tinha acontecido.

A cesta repleta de pedregulhos plantara-o no leito, mas sucedia que

naquele ponto o rio não era profundo e a corrente arrastava-o com

força, puxando-o para cima na direcção contrária à da corda que

tinha atada aos pés, o que lhe permitia esticar a cabeça para a

superfície e respirar.

Precisava de lutar, é certo, até porque as mãos se mantinham presas

atrás das costas, mas conseguia respirar.

Pelo menos enquanto a corrente o ajudasse e ele tivesse forças para

se impelir para cima e manter-se à tona da água, não asfixiaria.

198

O esforço, porém, era enorme e a energia já lhe começava a faltar.

Precisava de agir depressa, sob pena de se afogar devido à fadiga.

Tentou libertar as mãos e não conseguiu.

"Pensa, Krikor", murmurou para si mesmo, a água glacial a esbofetear-lhe o rosto em ondas sucessivas.

"Como é que saio daqui?"

Contorceu-se e, como por artes mágicas embora decerto devido à

acção das correntes, as mãos soltaram-se e ficaram livres para o

ajudar a manter-se à superfície.

Aquele êxito inesperado encorajou-o.

A força das águas amolecera as cordas e os seus braços delgados,

emagrecidos pela dieta forçada, fizeram o resto.

Faltavam só os pés.

Respirou fundo e mergulhou, encolhendo-se até as mãos chegarem à

corda que lhe atava os pés à cesta dos pedregulhos.

Não conseguiu à primeira, mas à segunda lá logrou desfazer o nó e,

de repente, sem aviso, sentiu o corpo libertar-se e começar a ser

arrastado pela corrente.

A força do rio chicoteou-o com brutalidade de um lado para o outro,

atirando-o em todas as direcções como se ele não passasse de um

boneco, um mero brinquedo dos caprichos da corrente.

Tentou ver para onde o rio o arrastava, mas

tudo permanecia escuro.

A água jogava com ele, lançando-o ao sabor do acaso para onde

entendia, e Krikor sempre às cegas, incapaz de prever se ia embater

numa rocha ou ser puxado para uma falésia, se engolido por um

remoinho ou sovado por uns rápidos.

Ah, como era estúpido morrer assim!

Conseguira libertar-se das

cordas, mas agora era o rio que o encarcerava num abraço letal,

brincando com a sua vida, dando-a num momento e retirando-a no

seguinte, como se a corrente fosse Deus e ele não passasse de uma

folha à Sua mercê.

Sentiu as costas embaterem numa superfície áspera.

Rodopiou na água, completou uma cambalhota e, quando deu por

199

si, tinha metade do corpo assente em erva, embora a água lhe

embalasse ainda as pernas.

Ouviu um coaxar ruidoso e deu um salto de susto.

com espanto e alívio, e depois de

perscrutar a noite opaca que o cegava, apercebeu-se de que uma rã o espreitava a um palmo do

nariz.

Havia desaguado na margem do rio.

0

XXII

Só quando o Sol despontou e o dia se acendeu começou a formar uma

ideia do lugar para onde a corrente o havia atirado.

Tinha a roupa húmida, tiritava de frio e espirrava sem parar, o

nariz congestionado e os olhos inchados.

O corpo doía-lhe dos pés à cabeça e as pernas fraquejavam, como se

fossem de gelatina, mas o facto é que estava vivo.

Vivo.

Passeou os olhos pelo cenário em volta dele, absorvendo o espaço

que o cercava.

O rio corria tranquilo e ao lado estendia-se a estrada poeirenta

por onde havia passado na véspera com Marjan, Arshalous e Khenarig.

Vislumbrou à distância, junto à berma, o

cadáver de uma criança emaciada, a boca entreaberta num esgar despojado, e perdidos pelo

caminho avistavam-se vários trapos, os únicos sinais de que a

estrada fora percorrida por uma caravana da morte.

O que deveria fazer? O seu primeiro instinto foi meter pela estrada

e apressar o passo até encontrar o cortejo de

1

Kayseri e juntar-se a Marjan.

Alguém tinha de a proteger, a ela e à mãe.

E não deveriam estar muito longe, a corrente não podia tê-lo

arrastado muito mais que uns mil metros.

Mas logo que se começou a mexer deteve-se.

Na verdade, o que aconteceria quando chegasse à caravana? O que

fariam os gendarmes que tinham tentado matá-lo quando o vissem de

novo? A ideia travou-lhe o impulso.

Juntar-se à coluna seria um suicídio; fugir era na verdade a única

opção.

A constatação da óbvia impossibilidade de

ir no encalço da caravana deixou-o aterrado.

Quem protegeria Marjan e Arshalous? A pergunta martelou-o sem

cessar, mas teve de se render à evidência.

As Kinosian estavam para além do seu amparo, e em particular a

rapariga que ele amava.

Que protecção, na verdade, lhe dera ele nestes últimos dias, quando

os turcos a vinham buscar? Nenhuma.

Tentara ajudá-la, Deus era disso

testemunha, mas feitas as contas o

que resultara daí? Nada.

O facto, a terrível e inescapável verdade, é que fora impotente

para defender Marjan.

Para esse fim, estar ou não estar na caravana conduzia literalmente

ao mesmo resultado.

Teria pois de se centrar no prioritário.

E o que se poderia considerar prioritário naquelas circunstâncias?

Sobreviver, parecia-lhe evidente.

Para tal, a primeira coisa a fazer era evitar as estradas.

Ao longo da interminável viagem desde Kayseri haviam-se cruzado

amiúde com postos de controlo turcos, queurgia agora evitar e

contornar.

Claro que tinha também de resolver um problema ainda mais urgente.

A comida.

E onde poderia encontrá-la por ali?

Varreu de novo a paisagem que o rodeava, agora com os olhos de quem

precisava de a conquistar.

Onde se escondiam as ameaças? Onde se encontravam as oportunidades?

De um lado estendia-se um prado, do outro nascia um pinhal que

2

coloria as encostas das montanhas.

Após reflexão, pareceu-lhe evidente que, se queria esquivar-se das

estradas e manter-se invisível, e ao mesmo tempo encontrar alguma

coisa para comer, o melhor seria cortar caminho entre os pinheiros.

Debruçou-se sobre o rio e preparou-se para beber, mas travou o

movimento ao aperceber-se nesse instante de que a corrente

arrastava vários cadáveres.

Viu-lhes os braços e as pernas e os cabelos e constatou que se

tratava de raparigas.

Sabia que metade tinham sido atiradas ao rio pelos gendarmes, mas

que a outra metade eram moças que se lançavam à água de livre

vontade, para escapar às sevícias dos seus carcereiros.

Perguntou a si mesmo se Marjan não deveria fazer o mesmo, pensou

que talvez já o tivesse até feito e que um daqueles corpos poderia

bem ser o dela, mas sabia que não se podia torturar mais e expulsou

o pensamento da cabeça.

A sua prioridade imediata era sobreviver.

Alheio aos corpos que iam aparecendo, inclinou-se sobre o rio e

bebeu enfim até se sentir totalmente saciado.

A seguir recolheu da margem uns seixos que lhe pareceram úteis como

ferramentas e encaminhou-se para o pinhal.

A floresta enchia-se de uma musicalidade retemperadora, graças

sobretudo

ao

zinzilular

melodioso

das

andorinhas

que

se

empoleiravam nos galhos mais altos.

A melodia encheu-o de uma serena

determinação.

Se, com tudo o que se passava, os pássaros

continuavam a chilrear, algo no mundo, nem que fosse apenas a natureza, se mantinha sã e

imutável.

Quando penetrou o bastante na floresta para deixar de ver a

estrada, e sobretudo suficientemente longe para não poder ser

avistado por quem nela passasse, pôs-se a apanhar as pinhas

espalhadas pelo chão.

Depois sentou-se diante de uma grande rocha pregada ao chão e

quebrou-as com os seixos.

3

Passou duas horas à volta dos frutos dos pinheiros, labor que se

revelou compensador porque conseguiu obter duas mãos-cheias de

pinhões.

Começou então a mastigá-los um a um, preocupado com assegurar que a

refeição iria conservar-lhe as forças o mais tempo possível.

Em circunstâncias normais, num passado não muito remoto, um repasto

daqueles deixá-lo-ia profundamente insatisfeito.

O seu metabolismo, contudo, tornara-se muito mais lento devido às

provações por que passara nos últimos meses, de modo que já se

contentava com a frugalidade a que as circunstâncias o obrigavam.

Bastou-lhe mastigar uns pinhões

minúsculos para começar a sentir

uma sensação de enfartamento, pelo que guardou o resto no bolso do

farrapo que lhe servia de camisa e levantou-se.

Seguiu

caminho

pelo

pinhal,
embrenhando-se
em
direcção
às
montanhas.

Onde estaria ele? Presumiu que a serra que via à sua frente fosse a

cordilheira das Amanos, uma vez que não se encontrava já muito

longe de Aleppo.

Ou então estaria nas Taurus, um pouco mais a noroeste.

Fosse como fosse, teria de cortar por elas para se aproximar do seu

destino, a cidade cujo nome ia

murmurando repetidamente, num

esforço para interiorizar a ideia de que não podia falhar.

" Constantinopla..."

Uma linha férrea.

Caminhava havia quinze horas quando, no sopé de uma montanha, o seu

caminho foi atravessado por duas barras paralelas de ferro.

Imobilizou-se junto a uma árvore e, coçando a barba rala que lhe

crescia aos caracóis, ficou a contemplar os carris e a avaliar a

situação.

Deveria tirar partido da linha de caminhos-de-ferro ou ignorar a

novidade e seguir em frente?

4

A indecisão levou apenas alguns segundos.

Krikor sentia-se exausto com a solidão do pinhal e ansiava já por

contacto humano.

Além disso, mais cedo ou mais tarde teria de sair da floresta e

enfrentar o mundo dos homens.

Porque não arriscar ali? Pôs-se a percorrer a linha em direcção a

noroeste, até porque o caminho ali havia sido aplanado e a progressão era mais rápida.

Marchou assim durante duas horas e só se deteve quando o véu negro

da noite se abateu sobre a floresta e, com a ajuda das copas das

árvores que bloqueavam a luz do luar, deixou o percurso completamente invisível.

Dormiu ao lado dos carris, enroscado sobre ele mesmo a tiritar de

frio depois de um jantar de pinhões.

Aos primeiros raios da aurora, logo que a luz lhe permitiu ver,

pôs-se de novo a caminho.

Andou assim mais três horas, parando apenas duas vezes, uma para

apanhar mais pinhas e extrair delas outra mão-cheia de pinhões, a

segunda junto a uma fonte que caía das montanhas com um farfalhar

alegre e fresco, e na qual saciou a sede.

Um tilintar súbito dos carris paralisou-o.

"O que é isto?"

Fixou os olhos nas duas fileiras paralelas de ferro e percebeu de

imediatamente que um comboio se aproximava.

Subitamente excitado, o coração aos pulos de expectativa,
esperança

e medo, olhou para uma e outra

extremidade da linha e apercebeu-se de uma coluna de
fumo preto a

movimentar-se sobre as copas, a

sudeste.

Vinha aí uma composição, percebeu, e seguia na direcção
para a qual

ele caminhava, sudeste-noroeste.

Chegara o momento de agir.

Afastou-se três passos e, prudente, escondeu-se atrás de
um

pinheiro.

Um rumor ritmado começou a crescer ao longe até se
transformar num

fragor infernal quando a composição negra de ferro lhe
apareceu à

frente, a chaminé a expelir densas 5

baforadas escuras, os carris a cantarem taque-taque, taque-
taque,

uma máquina em fúria que rugia pela floresta e espantava
as

andorinhas.

O viajante em fuga sabia que tinha pouco tempo para se decidir e

devorou com os olhos o comboio diante dele, procurando qualquer

indício que o ajudasse.

A locomotiva puxava uma sequência de carruagens de caixa aberta,

todas elas repletas de caixotes.

Era sem dúvida um comboio de

mercadorias.

Perfeito.

Sem perder tempo, até porque eram apenas quatro vagões e a janela

de oportunidade se fechava ao ritmo veloz da passagem do comboio,

Krikor desatou a correr ao longo da linha e, com um movimento

audaz, agarrou-se a um manípulo metálico e pendurou-se no último

vagão.

Quando tinha visto a composição à distância, a velocidade a que ela vinha parecera-lhe acessível, mas agora que ali estava, pendurado

na parte exterior do vagão em movimento

deixou de ter a certeza de que o plano fosse sensato.

Daquela perspectiva a velocidade parecia-lhe estonteante, mas era

tarde para se arrepender.

Inclinou-se e, ganhando balanço e recorrendo às suas derradeiras

energias, conseguiu enfim içar-se para o interior do comboio.

"Uf!"

Estava lá dentro.

Parado.

Ao fim de apenas uma hora de viagem, o

comboio immobilizara-se junto a um edifício de dois pisos com fachada de madeira.

As vozes no exterior forçaram Krikor a proceder com a maior

cautela, levando-o a esconder-se entre os caixotes do vagão; não se

atrevia sequer a espreitar para fora.

6

Em vez disso apurou o ouvido, de modo a tentar perceber o que

diziam as vozes.

A língua turca não era a sua especialidade, mas desde que viera

passar férias a Kayseri que a desenvolvera imenso.

Esforçou-se por isso por destringer as palavras que as vozes articulavam.

"Togher eger em", cantarolou despreocupadamente a pessoa mais

próxima, "miulkerus oo aikis.

"

Krikor arregalou os olhos ao entender as palavras.

"Deixei os meus campos e os meus pomares e caminhei", entoara a voz.

Seria possível? Aquilo era... era...

"Arménio!?"

Vencendo o medo, esticou devagar a cabeça, embora sempre com mil

cuidados para não se tornar notado, e espreitou pela borda da placa

que protegia o vagão.

Viu homens com fezes vermelhas a

descarregarem os caixotes do vagão da frente; era um desses homens que cantava na língua da sua gente.

Encorajado e ainda surpreendido,
percorreu o espaço com o olhar e
percebeu que a composição se imobilizara
numa pequena estação.

Notou que havia um soldado turco à distância e viu um europeu de
barba loira e fato claro à porta do edifício, a contemplar o
trabalho dos arménios.

Voltou a observar o descarregamento dos caixotes, que
eram

empilhados no cais ao lado do comboio, e constatou que
tinham

impressas na madeira as palavras

Holzmann

- Frankfurt.

Não teria melhor oportunidade do que
aquela, concluiu.

Encostou-se do outro lado do vagão, de onde não o podiam
ver do

edifício da estação, e com movimentos furtivos deslizou para terra

firme.

A floresta colava-se ainda à linha férrea, até porque se tratava de

uma pequena estação, quase um mero apeadeiro, pelo que em três

saltos encontrou refúgio por detrás das árvores e ali se deixou

estar.

7

Uma vez terminado o descarregamento dos caixotes, o comboio retomou

viagem e a azáfama na estação deu lugar a uma placidez quase

bucólica.

Os pássaros chilreavam descontraidamente e as copas arfavam ao

sabor da brisa.

Espreitando por entre as árvores, Krikor foi estudando as pessoas e

as rotinas naquele espaço entretanto esvaziado.

Viu apenas dois soldados turcos, ambos de sentinela num ponto

afastado.

Todas as outras pessoas que por ali circulavam tinham aspecto

uropeu

ou

arménio,

o

que,

embora

não

deixasse

de

ser

surpreendente, de certo modo o

tranquilizava.

Ponderou o caminho a tomar.

Difícilmente encontraria melhor ocasião para estabelecer contacto e

encontrar uma saída para a sua situação.

Os

uropeus

eram

provavelmente

alemães,

como

indicavam

os

caracteres góticos nos caixotes a dizer Frankfurt, e parecia-lhe

evidente que estavam a conceder algum tipo de protecção aos

arménios que ali trabalhavam.

Ao lado do edifício principal erguia-se um longo barracão.

Depois de duas horas a observar, percebeu que esta construção era

frequentada sobretudo pelos homens de fez vermelho, pelo que

percebeu que era por ali que teria de começar.

Internou-se por isso na floresta e caminhou de modo a contornar a

estação e chegar-se o mais perto possível do barracão.

Uma vez ali, sentou-se aos pés de uma árvore e aguardou.

Até que apareceu um vulto.

8

XXIII

"Psst!"

O homem de fez vermelho estacou,

hesitante, e voltou-se numa e

noutra direcção, tentando determinar a origem do chamamento que o

interpelara.

"Psst!", soprou de novo Krikor, afastando-se a medo da árvore atrás

da qual se protegera para se dar finalmente a ver.

"Aqui!"

Apercebendo-se do movimento, o

desconhecido localizou-o.

Atirou-lhe um olhar interrogativo, receoso, talvez por pensar que,

se o homem diante dele se rodeava de tantas cautelas, decerto seria

porque havia razões para isso.

"Quem é o senhor?", perguntou em turco, recuando um passo numa

postura defensiva.

"Que deseja?"

Aquele passo atrás do seu interlocutor perturbou Krikor.

Será que se enganara? Deveria ter permanecido escondido mais tempo, a estudar o comportamento das pessoas da estação? E se os arménios

que ali viviam se revelassem uns

9

traidores e o entregassem aos Turcos?

Todavia, era tarde de mais

para arrependimentos.

Tinha saído do esconderijo e a sua presença tornara-se conhecida,

situação que não podia de modo algum desfazer.

Assim sendo, teria de correr o risco e sujeitar-se ao que o destino

lhe reservara.

"O senhor é arménio?"

O homem do fez vermelho, que dera outro passo atrás, deteve-se e,

inclinando a cabeça, encarou-o com outros

olhos.

"O senhor é um fugitivo?"

Tantas perguntas e nenhuma resposta, pensou Krikor.

Nenhum dos dois parecia interessado em abrir o jogo, tão grandes

eram as preocupações defensivas de ambos naqueles tempos difíceis,

mas alguém teria de ceder, não era possível alimentar um diálogo

apenas com interrogações.

Se fora ele quem assumira primeiro o risco, teria de ser ele a

levar as coisas até ao fim.

"Sim, escapei de uma caravana de deportados", admitiu, rezando intimamente para que tudo corresse bem.

"Os Turcos atiraram-me ao rio para me matarem, mas salvei-me.

" O coração rufava-lhe no peito, receando o extremo perigo a que se

expunha com estas revelações diante de um homem que não conhecia.

"O senhor é arménio?"

Passado o instante de surpresa, o seu interlocutor abriu o rosto

numa expressão amigável e deu dois passos em frente, os braços

abertos num gesto de acolhimento.

"Ah, desgraçado!", exclamou.

"Deve estar esfomeado, coitado!" Olhou para trás, de modo a

certificar-se de que ninguém os tinha visto.

"Venha aqui! vou dar-lhe de comer!"

Estas palavras arrancaram de Krikor um suspiro de alívio.

O fugitivo aproximou-se do homem do fez vermelho e apertou-lhe

efusivamente as mãos.

210

"Obrigado! Obrigado!", disse, fazendo uma vénia a cada palavra.

"Nem sei como agradecer-lhe!"

O interior do barracão estava deserto.

O homem do fez vermelho mandou-o

sentar-se numa cadeira e foi

buscar pão, queijo e uma garrafa de vinho tinto.

Pôs tudo numa travessa e depositou-a sobre a mesa.

"Chamo-me Nishan", identificou-se o anfitrião ao instalar-se numa

cadeira diante do seu convidado.

"Sou prospector da Holzmann, a companhia alemã que está encarregada

de construir o troço da Linha de Caminhos-de-Ferro da Anatólia

através das montanhas Amanos.

"

"Estamos nas Amanos?"

"Sim, não sabia? Esta é a estação de Baghche, responsável pela

décima segunda secção do projecto de construção em Ayran, na

segunda divisão de Adana.

"

A divisão administrativa do projecto de construção da via férrea

até Bagdade nada dizia a Krikor.

A sua dúvida

era outra.

"O senhor tem a noção do que estão a fazer aos Arménios neste

país?", perguntou em tom retórico.

"Como é possível que os Turcos o deixem trabalhar aqui?"

Nishan arqueou as sobrancelhas.

"Imperativos de guerra", retorquiu.

"Os Alemães e os Turcos precisam de movimentar depressa tropas

entre o Oeste e o Leste do Império

Otomano.

O problema é que, quando as hostilidades começaram na Europa, as

obras da Linha de Caminhos-de-Ferro da Anatólia só haviam chegado a

Bozanti.

As cordilheiras das Taurus e das Amanos impedem a ligação entre

Adana e Aleppo, e eles têm necessidade de enviar rapidamente armas,

munições e soldados para acudir às frentes na Palestina e na

Mesopotâmia, ambas ameaçadas

211

pelos Ingleses, e de incitar os muçulmanos da Índia a revoltar-se.

Mas estas montanhas atravessaram-se no caminho.

Para as passar, os Alemães projectaram túneis e precisam de mão-de-obra, parte da qual tem de ser qualificada.

Ora os Turcos, os Curdos e os Árabes não possuem qualificações

nenhumas, como bem sabe.

Por

isso

o

general

von

Sanders

conseguiu

autorização

de

Constantinopla para empregar nestes trabalhos quem quer que lhe

apareça.

"

Krikor sorriu pela primeira vez em muito tempo ao perceber o fim a

que esta explicação conduzia.

"Ou seja, os Arménios!"

O seu interlocutor juntou-se-lhe no sorriso.

"Nem mais!", exclamou.

"Os engenheiros alemães puseram-se a arrebanhar deportados arménios

e meteram-nos nos trabalhos de construção de túneis.

Procuram sobretudo artesãos, de que estamos bem guarnecidos, mas

qualquer outra mão-de-obra é bem-vinda.

Incluindo crianças.

Apenas cinco por cento dos nossos

trabalhadores são europeus, quase todos engenheiros.

Os restantes são sobretudo arménios: carpinteiros, ferreiros, alfaiates e toda a espécie de artesãos.

"

"Nesta estação também?"

"Claro", assentiu Nisham.

"Baghche é a sede administrativa dos trabalhos neste sector.

Somos, ao todo, sete arménios e temos um capataz búlgaro.

O chefe é Herr Zeitz, o engenheiro que

superintende estas obras.

bom homem.

"

"Sete arménios não parece lá muita gente..."

"Isso é aqui na estação.

Ao longo das obras na cordilheira das Amanos temos uns dez mil

trabalhadores arménios.

Todos eles, sem excepção, são pessoas que conseguiram escapar das

marchas da morte.

"

"Como eu.

"

212

"E eu também! Vim deportado de Ayash e, depois de uma viagem em que

os Turcos e os Curdos mataram dois terços das pessoas da minha

caravana, consegui fugir em Konya, onde os muçulmanos sufis são

mais pacíficos e me facilitaram a vida.

Tentei escapar-me para Aleppo, porque me disseram que o governador

turco da cidade se opunha às deportações, mas acabei por encontrar

refúgio aqui.

"

Os olhos de Krikor brilharam de

esperança.

"Acha que... que também me poderei refugiar neste sítio?"

com gestos deliberadamente lentos, Nisham cruzou os braços e fitou-o com um semblante assustadoramente grave.

"Terei de falar com Herr Zeitz", disse de forma pausada.

"A decisão pertence-lhe a ele.

"

O fugitivo colou as palmas das mãos ao rosto, afogado de ansiedade.

"Acha que ele me aceitará?"

Vendo a aflição estampada na cara do seu interlocutor, Nisham

curvou enfim os lábios e assumiu uma expressão benigna.

"Não vejo porque não.

"

O homem de fato claro e barba loira estava sentado de perna cruzada

no terraço da estação de Baghche, embrenhado na leitura de um

livro.

Ao lado tinha uma mesinha com um bule a fumar e uma chávena de

chá quente.

Sempre no encalço de Nisham, Krikor subiu ao terraço e chegou ao pé

dele, detendo a atenção no título da obra.

Der kleine Herr Friedemann, de Thomas Mann.

Sentindo a presença intrusiva dos recém-chegados, o superintendente

local da Holzmann ergueu o olhar do livro para Nisham e depois para

o desconhecido de aspecto miserável que o seu adjunto lhe trouxera.

213

"Herr Zeitz, trago-lhe aqui um arménio que acabou de escapar de uma

caravana", anunciou Nisham em francês com uma franqueza que

espantou o seu companheiro.

"Acha que se poderá arranjar alguma coisa para ele fazer?"

Os olhos azuis do engenheiro Zeitz fixaram-se inquisitivamente em

Krikor.

"C'est qui?", perguntou.

"Quem é ele?"

Antes que Nisham respondesse, o recém-chegado deu um passo em

frente e bateu os calcanhares, como vira os militares fazerem na

Alemanha.

"Guten Tag, Herr Zeitz", cumprimentou em alemão, fazendo uma curta

vénia com a cabeça.

"Ich heisse Krikor.

Wie geht es Ihnen?"

Ao ouvir aquele arménio maltrapilho falar a sua língua com um

sotaque aceitável, o engenheiro Zeitz abriu e fechou a boca, como

um peixe, embasbacado.

Como era possível um homem de aspecto tão lastimoso falar com tanta

fineza e educação?

"Ach, so!", acabou por exclamar, recuperando da surpresa.

"Sprechen Sie Deutsch?"

"Jawohl, Herr Zeitz", retorquiu Krikor, confirmando que falava de

facto alemão.

"Aprendi na Universidade de Bona, onde estive no ano passado a

estudar Engenharia.

"

O seu interlocutor ergueu-se de pronto e deu-lhe um aperto de mão

entusiástico.

"Estudou na Alemanha? E Engenharia, ainda por cima?" Fez um gesto arrebatado.

"Ausgezeichnet!"

"Não me diga que Bona foi também a sua universidade..."

Herr Zeitz corou.

"Ah, não!", disse.

"Eu estudei em Linz.

" Afinou a voz, como se se preparasse para fazer uma confissão.

"Sabe, na

214

verdade não sou alemão.

" Arqueou as sobrancelhas.

"Nasci na Áustria.

"

A

informação

levou

Krikor

a

cruzar

um

olhar

levemente

desassossegado com Nisham.

Considerando as circunstâncias, ser austríaco era bom ou mau? A

expressão despreocupada do prospector arménio tranquilizou-o,

apesar de Nisham provavelmente nada ter entendido daquela troca de

palavras em alemão.

"Passei há meses por Viena", disse o recém-chegado, esforçando-se

por mostrar familiaridade com a Áustria.

"Belíssima cidade! Fui lá apanhar o comboio para Constantinopla,

mas, confesso-lhe, tive vontade de lá ficar..."

"Viena é bonita", acedeu Herr Zeitz com um esgar vagamente

contrariado, como se pensasse o contrário do que acabara de dizer.

"Mas havia de ver Linz! A minha terra é que é um encanto!"

"Estou certo que sim!"

Trocaram mais algumas amabilidades em alemão, com considerações

sobre a Áustria e em particular as belezas do Tirol.

Depois o engenheiro austríaco fez-lhe algumas perguntas específicas

sobre os seus estudos em Bona e as competências técnicas que

adquirira e quis conhecer as circunstâncias que o haviam ali levado.

Krikor respondeu a tudo, embora evitando revelar o seu apelido

Sarkisian e a identidade britânica; sabia

que o pai era um adversário do Deutsche Bank na luta pela concessão petrolífera da

Mesopotâmia, apesar da recente aliança entre as duas partes na

Turkish Petroleum Company, e achou prudente omitir esse pormenor.

Além do mais, a Grã-Bretanha era inimiga do Império Austro-Húngaro,

o que formalmente fazia dele inimigo de Herr Zeitz.

Não valia por isso a pena correr riscos desnecessários.

215

"Grande aventura, a sua!", exclamou o anfitrião depois de escutar o

relato devidamente expurgado dos

pormenores inconvenientes para as circunstâncias.

"Infelizmente parece-me que essa história se tornou comum por estes

dias, hem? Os nossos aliados turcos estão a fazer coisas

inaceitáveis ao vosso povo..."

"Ainda bem que diz isso.

Por vezes receamos que o mundo ignore o que se está a passar.

"

"Ignorar, não ignora.

Parece que têm saído muitas notícias na América e nos países

ocidentais.

Mas talvez nós, os Austríacos, e ainda os Alemães, estejamos a

fingir que nada se passa.

Sabe como é, o Império Otomano é nosso aliado e isso torna tudo

mais delicado.

" Respirou fundo, dando sinal de que já dissera o suficiente sobre

o assunto e não podia ir mais longe.

"Enfim, é a porca da política! Mas, diga-me, meu caro Herr Krikor:

em que posso ajudá-lo?"

O recém-chegado desviou os olhos para os carris desertos diante da

estação, sonhando com os horizontes que eles cruzavam.

"Sabe, Herr Zeitz, o que eu gostaria mesmo era de saber se tem

maneira de me pôr em Constantinopla..."

O pedido fez o austríaco arregalar os olhos.

"Em Constantinopla?" Soltou uma gargalhada.

"Pensa que sou o Kaiser ou quê?" Abanou a cabeça.

"Receio bem que os meus poderes se confinem a este recanto perdido

das montanhas Amanos.

"Indicou com um gesto o espaço em torno da estação ferroviária.

"Tenho autoridade aqui em Baghche, claro, mas não muito além.

"

"É melhor que nada", sorriu Krikor, sem se deixar desencorajar.

"Nesse caso, acha que me pode arranjar trabalho?"

216

"A um arménio que fala alemão e que tem um curso de Engenharia

tirado na Alemanha?", perguntou o austríaco num registo irónico.

"Até lhe pago salário e tudo!"

"Está a falar a sério?"

"Vinte piastras por dia, a que deduzimos o custo da alimentação.

Que lhe parece?"

Quase com medo de que Herr Zeitz

retirasse a oferta, o recém-

chegado estendeu de imediato o braço e apertou vigorosamente a mão

do seu novo chefe.

"Negócio fechado.

"

217

218

XXIV

A estação de Baghche escondia-se num vale verdejante das Amanos,

rodeada pela cordilheira e isolada da povoação que lhe dava o nome.

Para chegar a Baghche tinha de se caminhar durante meia hora, o que garantia

um

isolamento

muito

conveniente

aos

arménios

que

trabalhavam na sede administrativa local da Holzmann.

"Quando mais longe da vista dos Turcos", observou Nisham, "melhor

para todos!"

Devido aos seus conhecimentos de alemão e de engenharia, Krikor foi

nomeado técnico de ligação entre os engenheiros europeus e os

trabalhadores arménios e instalado num quarto do primeiro andar do

principal edifício da estação, estatuto de que apenas outro

arménio, Nisham justamente, gozava.

Não que o recém-chegado planeasse permanecer ali durante muito

tempo.

Nas primeiras semanas a sua prioridade foi encontrar maneira de

contactar o pai para lhe dar a conhecer o seu paradeiro.

Sabia que ele era um homem influente em 219

Constantinopla, naturalmente por via da Turkish Petroleum Company e

da sua amizade com o ministro Salim Bey, pelo que não tinha dúvidas

de que arranjará uma forma de o tirar dali.

Mas sair daquele inferno era apenas a primeira etapa.

O mais importante, e decerto mais difícil, seria encontrar Marjan.

O melhor era abalar dali o mais depressa

possível, porque não sabia quanto tempo ela e a mãe conseguiriam sobreviver à marcha e aos

gendarmes; além disso, havia que resgatar a irmã que fora vendida à

aldeã turca.

O tempo urgia.

Depois de muito reflectir e de ponderar as alternativas, concluiu

que os correios seriam a via mais adequada para chegar ao pai.

Num final de tarde, quando o Sol
avermelhava já na sua corrida
inexorável para o horizonte, pegou numa
resma de papel de correspondência e recolheu-se ao terraço
para redigir a carta.

Acontece que Nisham passava por ali naquela altura e, ao
dar com

ele a garatujar a missiva com tanto afinco, adivinhou-lhe os
pensamentos.

"Olha lá, o que andas tu a fazer?"

"Ora, não é evidente?", retorquiu Krikor sem levantar a
cabeça.

"Estou a escrever uma carta.

"

O colega arregalou os olhos, alarmado.

"E como planeias remetê-la?"

"Pelos correios, claro.

Porquê?"

"Estás doido?" Apontou-lhe o dedo com a firmeza de um
aviso.

"Nem penses em usar os correios, ouviste?"

Quando ouviu a advertência, Krikor suspendeu no ar a pena com a

ponta molhada de tinta e ergueu o rosto.

"Há algum problema?"

"Seria a melhor maneira de os Turcos te deitarem a unha.

" Fez um gesto a indicar o espaço que os cercava.

"E atrás de ti íamos nós todos.

Não pode ser!"

2

"Que queres dizer com isso?"

"Os tipos controlam toda a correspondência, Krikor.

Se meteres nos correios uma carta dirigida a quem quer que seja,

podes ter a certeza de que será interceptada e lida.

Quando virem que foi escrita por um arménio, e ainda por cima a

indicar o teu paradeiro e tudo, estás tramado.

Tu e nós todos!"

"Então não posso usar os correios?"

"Não, não podes.

Aliás, nem os correios, nem emissários, nem coisa nenhuma! Tens de

te remeter ao silêncio total.

É absolutamente imperativo que os Turcos não dêem por nós, que nos

esqueçam, de preferência.

Se mandares uma carta para o exterior, mesmo pela mão de uma pessoa

de confiança, corres o risco de ela ser interceptada.

Se isso acontecer, não serás apenas tu quem ficará em causa.

Serão os vinte mil arménios que aqui vivem e trabalham, percebes?

Não tens o direito de nos pôr a todos em maior risco do que já

estamos.

Por isso quero-te quieto e calado.

"

A mensagem não podia ser mais clara.

Tomando enfim plena consciência dos riscos que corria e em que

deixava também os seus conterrâneos, Krikor arrancou a folha da

resma e, a alma pesada e a esperança de um desenlace rápido

reduzida

a

cinzas,

amarfanhou-a

até

a

transformar

numa

insignificante bola de papel.

Foi nessa altura que se apercebeu de que, embora se tratasse

aparentemente de um mero apeadeiro, Baghche seria para ele uma

estação de longa permanência.

E, pior do que tudo, muito pior, para Marjan tratava-se do fim da

linha.

Os meses seguintes foram passados nas obras da Linha de Caminhos-de-Ferro da Anatólia.

Obcecado com tentar não pensar em Marjan e esquecer a sua absoluta

e

221

vergonhosa incapacidade de a proteger, dedicou ao trabalho todo o

tempo em que estava acordado.

Enquanto estivesse absorto nas suas tarefas, percebeu, a dor

permaneceria em segundo plano.

O pior acontecia quando se deitava ou acordava, alturas em que o

seu último e primeiro pensamentos iam para ela, invadindo-o de uma

tristeza profunda e lassa.

Os próprios sonhos eram povoados por imagens de violações de

Marjan, sempre com ele no papel do espectador impotente; ela a

gritar, ele amordaçado, ela a sofrer, ele paralisado.

Quando esses sonhos se tornavam

insuportáveis, Krikor despertava em sobressalto, ofegante e transpirado, a seguir aliviado por

descobrir que tudo não passara de um pesadelo, depressa abatido por

saber que nada daquilo era na verdade uma

fantasia.

O trabalho libertava-o, como um

anestésico que lhe entorpecia os

sentidos e lhe embotava as emoções, pelo que se dedicava às suas

funções com toda a energia.

Esforçando-se por manter a mente

ocupada, saía com frequência para inspeccionar os túneis que estavam a ser abertos nas montanhas.

Aproveitava sempre a ocasião para visitar as tendas onde os

trabalhadores arménios haviam sido alojados; eram locais pobres e

deprimentes, com mantas espalhadas pelo chão e bebês esqueléticos e

chorosos confinados a uma cerca,

abandonados durante horas pelas

mães que se viam forçadas a ir trabalhar para as obras.

Os túneis formigavam de arménios.

As crianças até doze anos recebiam cinco piastras por dia,
as

mulheres dez e os homens quinze,

enquanto os artesãos podiam chegar às trinta.

Os pagamentos eram miseráveis, mas ninguém parecia importar-se.

Realmente importante era encontrarem-se todos ao abrigo dos Turcos.

222

De resto, os engenheiros europeus protegiam-nos com tenacidade.

Alemães, austro-húngaros ou suíços faziam os possíveis por manter

os Turcos afastados dos arménios.

Para provocar os Turcos baptizavam os seus cães com nomes

muçulmanos, como Mehmet, Abdullah, Ahmed e outros chegavam mesmo a

invocar o nome do Profeta em termos insultuosos.

"Os tipos ficam furiosos quando nos ouvem chamar os cães", riu-se um engenheiro alemão quando Krikor fez uma observação sobre o

assunto.

"Nós adoramos os cães e eles detestam-nos.

Vieram até pedir-me que pelo menos não baptizássemos nenhum com o

nome de Maomé.

Pois sabe o que fizemos? Ora veja!"

Emparedou a boca com as mãos,

como se tivesse um altifalante, e gritou:

"Maomé! Maomé! Anda cá!"

Ouviram-se de imediato uns latidos e um pastor alemão apareceu aos

saltos, a cauda a abanar com entusiasmo, até o animal se imobilizar

diante do dono, a arfar e de língua de fora.

As tarefas de Krikor envolviam o contacto com os engenheiros que

faziam a manutenção de uma linha de bitola estreita entre a estação

de Mamure e Islahiye, usada para

transportar tropas e munições

pelas montanhas Amanos.

A maior parte dessas forças eram alemãs e austro-húngaras, enviadas

para reforçar as frentes da Palestina e da Mesopotâmia, de modo que

Krikor se via frequentemente envolvido em contactos com oficiais

desses exércitos.

Os austro-húngaros pareciam-lhe afáveis e compassivos, sempre com

um doce, ou no mínimo uma palavra delicada, para as crianças

arménias, mas os militares alemães, e ao contrário dos engenheiros

da mesma nacionalidade, deixaram-lhe a pior impressão possível.

"Estes arménios têm de ser tratados com a

maior dureza", era um comentário frequente entre os oficiais alemães.

"São

223

traidores ao seu país e querem apunhalar os Turcos pelas costas.

Bem fazem os Turcos em esmagar esses vermes!"

Estes comentários eram proferidos diante de Krikor na ignorância de

que ele era de origem arménia.

Herr Zeitz decidira manter confidencial a sua identidade e Krikor

já percebera porquê.

Como aliados leais, os militares alemães só viam virtudes nos

Turcos e defeitos em qualquer inimigo, a começar pelos Arménios.

As observações revelaram-se de tal modo insensíveis que certa vez,

após um oficial ter gracejado quando passaram acidentalmente por

uma estrada pejada de cadáveres de arménios, Krikor não se conteve.

"Mesmo que haja traidores entre os Arménios, que povo no mundo mata

mulheres e crianças por causa de um

punhado de culpados?", explodiu.

"Acha normal isto que se está a passar?"

O oficial levantou as sobrancelhas, apanhado de surpresa pelo

ímpeto daquela reacção intempestiva.

"Não sabia que era arménio..."

"E não sou", retorquiu Krikor sem faltar à verdade.

De facto, a sua verdadeira nacionalidade era britânica,
pormenor

que teve naturalmente o cuidado de omitir.

"Mas também não sou cego nem ando
iludido.

Pergunto-me que justificação encontra o senhor coronel
para que se

matem crianças e mulheres à fome ou à paulada e à
machadada?"

O oficial desviou o olhar para o troço já longínquo da
estrada onde

ambos haviam visto os cadáveres.

"É verdade que os Turcos estarão a exagerar um
bocadinho",

concedeu.

"Mas temos de aceitar que, em tempos tão caóticos e
exigentes como

estes, é difícil separar o trigo do joio e

acabam por levar todos pela medida grande.

"

Quando o oficial olhou de novo para o seu interlocutor,
descobriu

que ele já não se encontrava a seu lado.

Krikor

224

afastara-se e, de costas, fingia que inspeccionava a linha;
não se

sentia com disposição para escutar as justificações do
alemão e

temia pela sua própria reacção.

Mais valia ser mal-educado do que acabar ao estalo com o
coronel.

Naquele dia, ao chegar à estação de Baghche depois de
mais uma

jornada nas montanhas, Krikor deu com Nisham mergulhado
num estado

de grande nervosismo.

"Já ouviste as novidades?", atirou-lhe o amigo logo que o
viu.

"Sabes o que aconteceu?"

"Não.

O que foi?"

"O ministro da Guerra, o Enver Paxá, passou aqui pelas
Amanos a

caminho de uma inspecção às frentes da Palestina e da
Mesopotâmia.

Pedi para ver a construção dos túneis.

Quando lá chegou, ficou tão surpreendido por ver tantos arménios a

trabalhar nas obras que fez um comentário em voz alta.

«Não se dizia que já não havia Arménios na província?
Olhem para

esta vergonha! Olhem para a quantidade de Arménios que
para aqui se

vieram esconder!»"

Krikor carregou as sobrancelhas, numa expressão incrédula.

"Ele disse isso?"

"Disse!"

"Mas ouviste-o?"

"Eu? Eu não, claro.

Mas ouviu-o Herr Zeitz, que ia na comitiva e que me veio
contar.

"

Calaram-se ambos, um abatido com o que acabara de
relatar, o outro

ainda a digerir a notícia.

Havia quase um ano que Krikor se

instalara em Baghche e a sensação de segurança que ali sentia era tal que lhe

custava a crer que ela pudesse de algum modo ser posta em causa.

Não estava aquele espaço entregue à Holzmann? Não se viam ali quase

225

só pessoas com trajes europeus? Não se haviam submetido os Turcos

aos imperativos da construção dos túneis?

"bom... paciência", acabou por dizer.

"Pelos vistos o Enver Paxá não sabia que havia muitos arménios a

trabalhar aqui nos túneis das Amanos.

Agora já sabe.

" Encolheu os ombros, quase com indiferença.

"E depois? Qual é o mal?"

"Qual é o mal?", quase se indignou Nisham, levantando a voz.

"Estás cego ou finges-te?! O homem não se vai deixar ficar, Krikor.

Agora que percebeu que milhares de arménios sobreviveram às marchas

da morte, vai fazer alguma coisa! O quê ainda não sei, mas não é

difícil imaginar, pois não?" Deitou as mãos à cabeça, desvairado e

desorientado.

"Oh, é o fim! O fim!"

com o prato da sopa numa mão e o bloco de notas e um lápis na

outra, o oficial turco que aparecera dias antes na estação sentou-se à mesa.

Chamava-se Súleyman, era capitão, e sorriu calorosamente a Krikor.

"Ouvi dizer que você é arménio!", exclamou com jovialidade.

"Confirma, não é verdade?"

A pergunta, feita de modo tão directo, deixou o seu interlocutor na

defensiva.

O que deveria responder? Diria que não, e sujeitava-se a que lhe

pedissem

os

documentos,

onde

constava

a

sua

nacionalidade

britânica, transformando-o de imediato

num espião? Ou admitiria que sim e jogava a cartada do ingénuo?

"Pois, de facto assim é", retorquiu Krikor, vencendo a hesitação

que dele se apossara enquanto decidia o melhor caminho a tomar

perante a questão.

"Porque pergunta?"

"Oh, por nada!", devolveu o oficial turco.

"Começámos agora a fazer o

recenseamento de todos os trabalhadores 226

que a Holzmann contratou para a

construção do túnel e precisava de confirmar esse pormenor.

"

"Um recenseamento? Para quê?"

"Por questões administrativas, claro.

Convém sempre saber quem está onde, não lhe parece? Há as questões

do contrato entre o estado otomano e a Holzmann para tratar, mais

os impostos e toda a papelada que nos inferniza a vida.

Enfim, a burocracia persegue-nos.

"

Krikor desviou o olhar para o bloco de notas e o lápis que o oficial turco pousara ao lado do seu prato de sopa.

"É isso que anda a registar nos seus papéis? Quer os nossos nomes e

etnias para o recenseamento?"

A referência ao bloco de notas extraiu uma expressão exageradamente

surpreendida ao capitão Súleyman.

"O quê? Isto?", perguntou de modo teatral.

"Não, isto é outra coisa.

Sabe, ando a preparar um livrinho sobre a história e os costumes

dos Arménios e vou tomando notas no meu caderninho.

" Fez um ar embevecido.

"É um povo admirável, sem dúvida! Gente empreendedora e grandiosa,

cujos costumes merecem ser registados para que todos os conheçam.

" Inclinou-se para diante, como se buscasse cumplicidade.

"Não se importa de me ajudar, pois não?"

A desconfiança tornara-se parte integrante da vida dos Arménios no

Império Otomano.

Krikor havia já percebido que não podia

aceitar nada como se apresentava à vista desarmada e devia sempre procurar as intenções

que se escondiam por detrás das fachadas.

E que intenções eram as do turco que se sentara diante dele?

Na verdade, e agora que pensava nisso, notava que o capitão

Súleyman havia aparecido em Baghche três semanas após a passagem

ameaçadora do ministro da Guerra pelas 227

Amanos.

Seria coincidência? Por outro lado, para que queriam os Turcos

recensear os trabalhadores da Holzmann?

Por causa dos impostos? De

facto, e raciocinando ainda melhor, aquele estudo parecia-lhe

suspeito.

Que desejaria um turco saber sobre os Arménios? Não seria tudo

aquilo antes um pretexto para determinar quais os arménios mais

instruídos, e conseqüentemente mais perigosos, que trabalhavam para

a empresa de Frankfurt?

"Terei muito gosto em ajudá-lo", devolveu Krikor com um esgar de

indiferença simulada.

"O problema é que nada sei sobre esse assunto.

Não ligo às coisas arménias.

"

"Oh, não acredito!", exclamou o oficial ainda com a sua expressão

teatral.

"Não me diga que não sente uma pontinha de orgulho pelo vosso

glorioso passado..."

"A minha etnia arménia não passa de um acidente", disse Krikor

enquanto mergulhava a colher na sopa, aparentemente alheado.

"Na verdade, sou otomano... e com muito orgulho.

Não me interessa a política nem a religião nem essas confusões que

para aí andam.

A única coisa que me preocupa é ganhar dinheiro para viver o dia-adia.

"

O capitão Súleyman testou-o durante mais

alguns minutos, sempre com perguntas sobre a história e a cultura dos Arménios, mas as

respostas do seu interlocutor reduziram-se ao mesmo discurso de

quem não queria saber do passado nem das tradições nem do

cristianismo, e não tinha particular interesse pelas coisas dos

Arménios.

Quando acabou a sopa, e vendo que daquela fonte nada jorrava, o

oficial pediu licença e, sempre de bloco de notas na mão, foi juntar-se a outros arménios que se encontravam na cantina dos

estaleiros da Holzmann e a quem

presumivelmente endereçou as mesmas perguntas.

Krikor fingiu ignorá-lo e afastou-se da cantina para verificar o

andamento das obras.

Porém, a chegada do capitão

228

Súleyman e as suas perguntas encheram-no de perplexidade e

contribuíram para que se fosse cimentando uma ideia na cabeça, uma

ideia tão perturbadora que nessa noite a partilhou com Nisham.

"Os Turcos andam a preparar alguma.

"

Primeiro passaram pequenos

destacamentos da polícia.

Sentado no terraço da estação, Krikor viu-os a percorrer a estrada

de Baghche e a internar-se nas montanhas.

De início não pensou nada de especial sobre o assunto, tudo aquilo

lhe parecia perfeitamente normal num país em guerra.

Ao fim de três dias, porém, e depois de

contabilizar a passagem de quatro destes destacamentos e sempre na mesma direcção, achou que

deveria interrogar Nisham a esse

propósito.

"Quatro destacamentos da polícia?", admirou-se o colega.

"Tens a certeza?"

"Vi-os com os meus próprios olhos.

"

A informação deixou Nisham intrigado.

O responsável pelo pessoal arménio da Holzmann ficou atento ao que

se passava na estrada e, ao fim de algumas horas, lá viu passar

mais um pequeno destacamento de

gendarmes.

Já alarmado, esperou que Herr Zeitz regressasse essa noite de uma

volta pelos trabalhos em curso para o interrogar sobre o assunto.

O austríaco desconhecia o que se passava, mas prometeu que iria

inquirir os escritórios da empresa em Constantinopla.

As notícias vieram uma semana depois, quando um técnico da Holzmann

apareceu de surpresa em Baghche.

Logo que tomou conhecimento das

novidades, Nisham correu até Krikor em estado de frenesim.

"Os Turcos exigiram ao director-geral da Holtzmann que despedisse

os arménios que trabalham aqui nas Amanos", anunciou.

Falava tão rapidamente e com tanto nervosismo

229

que, na atrapalhação, acabou por engolir boa parte das sílabas.

"Querem toda a gente na estrada!"

A notícia era alarmante.

"O quê?", assustou-se Krikor.

"Eles vão despedir-nos?"

"Foi o que os Turcos lhes disseram que fizessem",
confirmou.

"Mas parece que o director-geral se recusou, alegando que
sem os

arménios as obras nos túneis irão parar.

"

"Ah, grande homem!"

"O problema é que os Turcos exigiram que se substituíssem
os

trabalhadores arménios por muçulmanos.

Perante isto, o director-geral terá dito que não há mão-de-
obra

mais qualificada que a arménia e que tinha muita pena mas
não podia

prescindir de nós.

" O vestígio de um sorriso perpassou-lhe pela face.

"Boa resposta, não?"

Apesar da ginástica argumentativa dos responsáveis da
Holzmann,

depressa se tornou evidente que as revelações trazidas pelo
emissário acabado de chegar de

Constantinopla nada auguravam de

bom.

Pressentindo

que

os

acontecimentos

estavam

à

beira

de

se

precipitar, Krikor esfregou a cabeça com a ponta dos dedos, como se

esperasse que a massagem o ajudasse a ver mais claro.

"É preciso ter calma", disse, mais para si próprio do que para o

amigo.

"O director-geral está a defender-nos e isso é um bom sinal.

Temos de confiar nele.

"

"Mas durante quanto tempo, Krikor?", questionou Nisham, de novo à

beira do pânico.

"Achas que o director-geral tem força suficiente para enfrentar os

Turcos até que esta maldita guerra acabe?"

Era uma boa pergunta.

"Tens razão.

Isto ainda vai terminar mal..."

Nisham respirou fundo, tentando dominar o nervosismo.

"E não te contei tudo.

"

230

"Há mais?"

O olhar de Nisham desviou-se para a estrada que passava ao lado da

estação.

"Lembras-te dos destacamentos da polícia que passaram por aqui?",

perguntou.

"Herr Zeitz foi agora informado de que estão quatrocentos gendarmes

em operações nas Amanos e de que o comandante da polícia de Adana

acabou de estabelecer o seu quartel-general aqui em Baghche.

Chegaram ainda informações de que foram instalados postos de

controlo militar em todas as estradas que conduzem à cordilheira.

" Fitou o seu interlocutor com intensidade, a gravidade da situação

limpidamente exposta pela simples apresentação dos factos; bastava

ligar cada um desses pedaços de

informação aos outros para perceber o quadro.

"Sabes o que isso significa, não sabes?"

Krikor assentiu com uma expressão lúgubre.

"Estamos cercados.

"

Os ombros de Nisham descaíram, como se se tivessem vergado ao peso

do medo que se lhe entranhara no corpo, a cabeça a balouçar

afirmativamente no gesto de quem ia a cada movimento caindo em si e

na realidade.

"Pois estamos", confirmou com uma voz triste.

"Os Turcos decidiram mesmo acabar connosco.

"

231

232

XXV

Visto de longe, parecia que um exército enchia a estrada.

No entanto, à medida que a massa humana se aproximava, os mirones

foram-se apercebendo de que não estavam diante de militares em

formação, mas de uma multidão

desordenada de civis.

"Krikor!", chamou Nisham com a urgência a modular-lhe a voz.

"Vem cá depressa! Anda ver o que está a acontecer!"

Às voltas com o arranjo da fechadura de uma porta da estação de

Baghche, Krikor demorou a acorrer.

Só quando deu o trabalho por terminado é que se ergueu e se dirigiu

a uma das janelas, onde os engenheiros se apertavam para observar o

estranho espectáculo que se desenrolava lá fora.

A multidão passava- já diante do edifício e o que viu deixou-

arrepiado, a memória tomada de assalto pela dolorosa experiência

que ele próprio vivera ainda no ano anterior naquelas mesmas

estradas.

Mulheres andrajosas e crianças seminuas, algumas delas a cambalear,

caminhavam

233

enquadradas por gendarmes com Mausers de baioneta pregada na ponta

dos canos.

Um silêncio pesado abatera-se sobre a estrada, apenas quebrado por

gemidos e pelo choro ocasional de um bebé e pelas ordens dos

guardas turcos.

"São as mulheres e os filhos dos nossos arménios", murmurou um

engenheiro alemão, impressionado com o cortejo.

"O nosso pessoal conseguiu impedir que os Turcos os levassem da

primeira vez que tentaram, mas os tipos vieram depois em massa e já

não se conseguiu travar isto.

É horrível!"

Mesmo à frente da janela da estação de Baghche um menino com uns

cinco anos começou a choramingar e, acto contínuo, levou na nuca

uma coronhada que o estendeu no chão.

A imagem não constituía novidade para

nenhum dos arménios que observavam a cena a partir do edifício, mas era a primeira vez que

os engenheiros europeus da Holzmann e as suas famílias viam tal

coisa com os seus próprios olhos.

"Como se atrevem?", rugiu Herr Zeitz, também ele a assistir da

janela à passagem da caravana.

"Viram isto?"

"Uns brutos", observou outro engenheiro.

"Uns animais!"

O responsável local da Holzmann, até ali

esmagado e paralisado diante da multidão que inesperadamente aparecera na estrada,

animou-se de indignação no instante em que viu o gendarme maltratar

a criança.

Decidido a não permanecer alheio ao que se passava, largou a janela

e em alguns passos saiu para a rua e chegou junto do turco que

havia desferido a coronhada no menino.

"Não tem vergonha? Desde quando é que bate assim em crianças

indefesas?"

Encorajados pelo exemplo do seu superior hierárquico, outros

engenheiros, alemães e austríacos, acorreram de imediato à estrada

para ajudar Herr Zeitz a enfrentar os guardas.

234

"Não!", disse o gendarme, tentando impedir que assistissem a

vítima.

"Não podem interferir!"

Herr Zeitz, que se acocorara para auxiliar o menino, ergueu-se de

um salto e, num gesto repentino e violento,

vergastou o rosto do polícia com a sua cana.

"Cale-se, sua besta! Cale-se!"

Surpreendido, o gendarme recuou um passo, a mão pousada na face

incendiada pela flagelação, e os

engenheiros ficaram com o caminho livre para prestar socorro à criança.

com uma voz tensa, Herr Zeitz virou-se para os seus subordinados.

"Vão imediatamente à cozinha buscar comida", ordenou.

"Quero que limpem a dispensa se for preciso! Tragam tudo o que lá

houver e dêem-no a esta gente!"

Alguns minutos depois já os engenheiros europeus e as suas famílias

distribuía pão, presunto, salsichas, fruta e água aos arménios que

cambaleavam pela estrada, perante a estupefacção dos
polícias

turcos e os guinchos aliviados dos deportados.

O capitão Súleyman apareceu meia hora mais tarde no
local,

evidentemente alertado pelos seus homens.

Vinha com cara de poucos amigos e dirigiu-se em passos
largos

directamente ao responsável local da Holzmann.

"O que é isto?", perguntou ele num tom autoritário.

"Que estão os senhores a fazer?"

"Não é evidente?", retorquiu o austríaco, ainda a distribuir
pão

pelos deportados.

"Os desgraçados vêm esfaimados.

E já dei também ordens para irem buscar medicamentos e
lhos

entregarem.

" Apontou para a caravana.

"Não vê que alguns deles estão doentes? É

um crime o que vocês

estão a fazer a esta gente!"

O capitão interpôs-se entre Herr Zeitz e a multidão que passava, os

braços abertos para travar a entrega de alimentos.

235

"Não pode fazer isso!"

"Não posso porquê?"

"São ordens de Constantinopla! É proibida a assistência aos deportados.

Nem comida, nem água, nem remédios!

Nada!"

"Mas... mas porquê?"

"São as ordens", repetiu o oficial.

"Os Arménios são uma raça maldita e foram destinados ao extermínio.

Como se atrevem vocês a interferir no nosso trabalho?"

Herr Zeitz empurrou o capitão Súleyman para o lado e recomeçou a

entregar o pão aos deportados.

"Que disparate!", retorquiu.

"Afastede-se daqui, homem! Não vê que está a mais?"

O turco hesitou.

A sua autoridade, porém, acabara de ser posta em causa
diante dos

seus homens da maneira mais vexatória possível, coisa que
não podia

permitir.

Voltou-se por isso para os gendarmes e berrou-lhes uma
catadupa de

ordens em turco.

De imediato os polícias correram para os armênios que
tinham

recolhido comida ou água e arrancaram-lhes os produtos
das mãos,

espezinhando-os e atirando-os para longe

ou derramando os líquidos na estrada.

Os

engenheiros

insistiram

em

entregar

mais

alimentos

aos

deportados, mas todos os produtos tiveram o mesmo destino sob a

bota dos gendarmes.

Desanimados, os europeus acabaram por desistir, ficando a observar

com olhos tristes o triste desfile que se alongava penosamente pela

estrada.

"Se é assim à nossa frente", murmurou Herr Zeitz, sentindo-se

impotente para travar o que via acontecer diante dele, "imaginem

como não será longe dos nossos olhos..."

Os engenheiros da Holzmann suspenderam nesse dia o trabalho e

passaram toda a tarde a redigir relatórios a

236

propósito do que testemunharam na estrada e da importância daqueles trabalhadores e das suas famílias para o andamento das obras.

Prepararam também petições a exigir a devolução do pessoal arménio

deportado.

Na

manhã

seguinte,

um

dos

engenheiros-chefes, um

alemão

particularmente prestigiado no grupo, partiu para Constantinopla

com instruções para remeter os relatórios e as petições que levava

na mala ao director-geral da Linha de Caminhos-de-Ferro da Anatólia

em Constantinopla, ao presidente da Holzmann em Frankfurt, ao

Ministério dos Negócios Estrangeiros em Berlim, ao general von

Sanders, que comandava as forças

militares alemãs no Império Otomano, e até à Cruz Vermelha

Internacional, em Genebra.

"Não poupes esforços", ordenara-lhe Herr Zeitz.

"Bate a todas as portas a que tiveres de bater.

Vai até ao Kaiser se for necessário.

Quero este problema resolvido!"

Nenhum dos pedidos e solicitações produziu, contudo, o menor

efeito, como se percebeu por ao fim de duas semanas nem um dos

trabalhadores arménios deportados ter sido

devolvido.

Em retaliação, o responsável da Holzmann em Constantinopla deu

ordens para que fossem suspensos os trabalhos nas montanhas Amanos

e se interrompesse o tráfego na linha de bitola estreita entre

Mamure e Islahiye, essencial para a passagem de tropas e munições

em direcção à frente sul.

À luz desta medida, a esperança

recrudesceu entre os funcionários arménios que haviam ficado na estação de Baghche.

"Os Turcos vão ter mesmo de ceder", aventou Krikor enquanto tomava

chá no terraço da estação.

"Isto já dura há treze dias e, com a linha cortada até
Islahiye,

eles não têm modo de enviar reforços para a Palestina.

Parece que os Ingleses do general Allenby andam por
Jerusalém a

dar-lhes

237

cabo do canastro.

Sem nós, os Turcos não dispõem de maneira de mandar
ajuda aos seus

homens.

Eles precisam da linha para o transporte dos reforços.

"

"Parece-te?", perguntou Nisham, dividido entre a esperança
ténue e

o pessimismo mais absoluto.

"Pensas

mesmo

que

os

Turcos

nos

vão

devolver

os

nossos

trabalhadores?"

"Que remédio têm eles!", sentenciou Krikor, talvez mais empenhado

em convencer-se a si mesmo do que ao seu amigo.

"Se não o fizerem, a linha permanecerá fechada.

E o que é mais importante para eles? O

destino de uns poucos milhares de arménios ou a queda da Palestina? É evidente que eles

vão..."

A frase não chegou a ser concluída porque Krikor viu Herr Zeitz

espreitar da janela do primeiro andar, onde se situava o seu gabinete, e inclinar a cabeça para fora.

"Venham cá", ordenou o austríaco, fazendo-lhes sinal com a mão de

que fossem ter com ele.

"E tragam todo o pessoal arménio.

"

Não foi difícil arrebanhar os arménios que trabalhavam na estação

de Baghche.

Ao todo reduziam-se a oito, na verdade os únicos que restavam em

toda a extensão das montanhas Amanos.

Como o grupo estava adstrito aos

caminhos-de-ferro e não às obras

dos túneis, nenhum dos seus elementos havia ainda sido deportado.

Depois de se certificarem de que ninguém tinha ficado de fora,

galgaram as escadas e imobilizaram-se

diante do gabinete do seu superior hierárquico.

Encabeçando o grupo, como era seu dever, Nisham ajeitou o colarinho

da camisa, pigarreou e deu três toques suaves na porta.

"Entre!"

Ao ouvir a ordem emitida do outro lado, o arménio olhou de relance

para os homens atrás dele e, ganhando coragem, rodou a maçaneta e

espreitou para o interior do gabinete.

"Dá licença, Herr Zeitz?"

O responsável local da Holzmann estava sentado à sua escrivaninha,

os óculos encavalitados na ponta do nariz para ler uns documentos

que segurava nas mãos.

Fez com a cabeça sinal de que entrassem e o grupo obedeceu,

instalando-se no gabinete, todos apertados uns contra os outros.

Não que o compartimento fosse pequeno, mas o facto é que nove

peessoas seriam talvez de mais para um espaço concebido para o

trabalho de uma.

Herr Zeitz, porém, não pareceu importar-se com isso.

Dobrou os documentos com gestos

deliberados, tirou devagar os

óculos de leitura e encarou os subordinados arménios com uma expressão grave.

"Tenho infelizmente más notícias", anunciou numa voz lúgubre.

"Invocando

o

superior

interesse

nacional

e

as

suas

responsabilidades como comandante supremo das forças do Império

Otomano, o general von Sanders deu-nos ordens inequívocas para

retomarmos o transporte de tropas e munições pela linha até

Islahiye.

O nosso director-geral, embora sob

protesto e mantendo a exigência de que os nossos trabalhadores arménios nos sejam devolvidos, viu-se obrigado a ceder e remeteu-me

instruções para recomeçar as operações.

" Fez uma pausa e olhou para os homens diante dele um a um.

"Percebem o que isso significa, não é verdade?"

Os oito arménios permaneceram em silêncio, absorvendo o que lhes pareceu serem as implicações da notícia.

"Sim, senhor", disse Nisham.

"Acabou a greve.

"

O austríaco suspirou, agastado.

239

"Infelizmente é pior do que isso", considerou.

"O verdadeiro significado desta ordem é que perdemos qualquer

margem de manobra para vos proteger.

A partir de agora os Turcos sabem que podem fazer o que quiserem

aos nossos trabalhadores armênios porque o general von Sanders,

apesar de ser alemão, irá, em última instância, dar-lhes cobertura.

"

"Mas... a Holzmann não precisa dos Armênios para os trabalhos aqui

nas Amanos? Onde vão agora arranjar mão-de-obra qualificada?"

"Isso era uma desculpa que inventámos para os Turcos não tocarem em

vocês", retorqui Herr Zeitz.

"Mas eles deram-nos a volta.

" Acenou com outro dos documentos que estivera a ler.

"Esta é a guia de marcha para um milhar

de prisioneiros de guerra ingleses capturados na Mesopotâmia.

Vão-nos ser entregues na próxima semana em substituição dos nossos

armênios.

Serão estes prisioneiros que irão doravante trabalhar nas obras dos

túneis.

"

Um murmúrio de desalento percorreu o grupo.

Tornava-se evidente que a partida estava irrevogavelmente perdida.

Abalados, dois deles taparam a cara e começaram a chorar baixinho.

"Como é possível, meu Deus?", murmurou Nisham, lutando também

contra as lágrimas que lhe afluíam teimosamente aos olhos.

"Como é possível que nos tenhas abandonado?"

O ânimo do grupo quebrara-se por completo.

"E ainda há mais", acrescentou o austríaco, desviando os olhos com

embaraço.

"Nem sei como vos diga..."

A atenção dos arménios voltou-se de novo para o superior hierárquico, o olhar alarmado por vê-lo tão abatido, o medo a

alastrar e a tornar-se quase palpável.

"O que é, Herr Zeitz? Que se passa?"

240

O responsável da Holzmann voltou a respirar fundo,
ganhando ânimo

para a última parte.

"Os

Turcos

fizeram

um

recenseamento

de

todos

os

nossos

trabalhadores armênios", disse.

Apontou para os seus subordinados.

"Isto quer dizer que eles sabem da vossa existência..."

A afirmação caiu no grupo com a força da detonação de
uma carga de

dinamite.

Todos sabiam do recenseamento, claro.

Quem não vira o oficial turco a registar os nomes dos trabalhadores

no seu caderninho? Mas que aquilo teria implicações, e pelos vistos

de grande gravidade, era coisa que só então se tornou evidente.

"O senhor quer dizer...", balbuciou Nisham, "quer dizer que eles nos querem levar também?"

com a expressão pesarosa e sem coragem já para encarar os seus

homens, Herr Zeitz manteve os olhos

baixos e, com um movimento mecânico, balançou afirmativamente a cabeça e fez um gesto na

direcção do último documento que pousara sobre a mesa.

"Já pediram que vos entreguemos", revelou.

"Claro que não vamos fazer tal coisa.

Mas, meus amigos, eles não se vão deixar ficar.

Mais dia menos dia, aparecem aqui e levam-vos.

"

Neste ponto a desorientação generalizou-

se entre o grupo, com a ordem a quebrar-se e cada um a fazer a sua pergunta ou a implorar

por socorro ou por um milagre.

"Ajude-nos, Herr Zeitz!"

"Que podemos fazer?"

"Que vai ser de nós, Virgem Maria?"

Acochado por uma barragem desordenada de apelos e lamentos, o

superior hierárquico levantou-se do seu lugar e ergueu as mãos para

os calar.

Olhando-o como quem encarava um

messias, todos se silenciaram de imediato.

241

"Ando a matar a cabeça em busca de uma solução", disse o austríaco.

"Não sei é se terei tempo para a pôr em prática.

Preciso de ganhar uns dias.

Para isso, pus-me a matutar num

estratagema para o qual é

fundamental a vossa melhor colaboração.

"

"Tudo o que quiser, Herr Zeitz.

"

O superior hierárquico aproximou-se da janela e apontou para uma

estrutura montada ao lado da estação, mesmo junto à linha de

caminhos-de-ferro.

"Estão a ver ali o tanque?"

O olhar dos arménios desviou-se para a construção cilíndrica

erguida sobre um emaranhado metálico.

Era dali que se abasteciam de água as locomotivas e a própria

estação.

A estrutura erguia-se com imponência, embora pouco graciosa, e

tinha coladas a um dos lados, por sinal numa parte relativamente

protegida dos olhares da rua, umas escadas estreitas que escalavam

até ao topo.

"Sim, Herr Zeitz.

"

O responsável da Holzmann manteve o dedo indicador fixo naquela

estrutura.

"Quando virem os Turcos chegar, quero toda a gente a esconder-se

ali", disse.

"Perceberam? Toda a gente! É a vossa única hipótese.

Os tipos vão revistar tudo, mas nunca lhes passará pela cabeça

revistar o tanque.

"

Um dos arménios avaliou a estrutura e mostrou um ar pouco

convencido.

"O tanque tem água?"

"com certeza.

"

"Mas eu não sei nadar!..."

Na verdade não era o único.

Cinco dos oito, incluindo Nisham, ergueram os dedos e revelaram que nunca tinham aprendido a nadar; queriam saber como fariam para

resolver o problema.

"Então descubram umas bóias e coloquem-nas imediatamente no

tanque", sugeriu o superior hierárquico.

"Assim tudo estará a postos para quando a emergência ocorrer.

"

Discutiram a questão com algum

pormenor, até porque, ao que sabiam, não existiam bóias na estação.

Um dos arménios, por sinal um

carpinteiro, revelou no entanto que conhecia materiais que flutuavam e que iria de imediato para a

oficina tratar do assunto, pelo que o problema ficou resolvido.

Uma vez tudo clarificado, os oito fizeram uma vénia e encaminharam-se para a porta do gabinete.

"Deus lhe pague, Herr Zeitz", exclamou

Nisham à despedida, ecoando o que cada um dos seus companheiros já dissera.

"Não sei o que faríamos sem o senhor.

"

O responsável local da Holzmann, porém, parecia embaraçado.

Fez um gesto rápido com a mão, como se implorasse que se calassem,

e manteve os olhos baixos colados ao soalho do gabinete.

"Nada têm a agradecer-me", disse.

"Na verdade, deveria até apresentar a minha demissão.

O que se está a passar é intolerável.

"

"Oh não, Herr Zeitz!", contrapôs Nisham, alarmado.

"Se se demitisse, quem nos ajudaria?"

Era uma boa pergunta e isso deu alento ao austríaco, que levantou

por fim o olhar e, da porta do gabinete, encarou os seus subordinados já de costas a descerem as escadas.

"Tenham cuidado", lançou-lhes ainda.

"Eles vão aparecer quando menos esperarmos.

"

243

244

XXVI

O mais extraordinário das latrinas da Holzmann, pensou Krikor

enquanto se acocorava para se aliviar, é que eram de uma
higiene

exemplar.

Sem ser ali, onde se encontraria

semelhante maravilha em todo o

Império Otomano? com o seu rigor e disciplina tradicionais,
os

alemães e os austro-húngaros faziam questão de que elas
fossem

lavadas de hora a hora, o que tinha como resultado que ali
não

havia maus cheiros nem vestígios de sujidade.

"Um milagre", observava sempre que ali ia.

"Um fenómeno verdadeiramente extraordinário!"

Graças à sua vida no segmento abastado da sociedade
inglesa,

durante muito tempo Krikor dera por adquiridos os hábitos
de

higiene prevalecentes na upper class, pelo que o Império
Otomano

constituía para ele, nesse particular, um choque.

E as coisas pioraram até ao nível da degradação mais
abjecta

durante os três meses em que integrara a caravana da morte, altura

em que a limpeza se tornou inexistente e 245

em que se habituou a viver com pulgas e piolhos e toda a imundice

que podia haver.

Daí que, sempre que usava as latrinas da

estação de Baghche, o seu primeiro pensamento fosse para o asseio.

Era extraordinário como uma coisa que durante toda a sua vida dera

por adquirida lhe parecia agora uma conquista admirável.

De facto, não havia como passar da abundância e da opulência à

degradação mais completa para se dar o devido valor aos benefícios

do progresso.

Estava Krikor encolhido sobre o buraco da latrina a admirar a

limpeza daquele espaço quando uma

sucessão de apitos lhe dispersou os pensamentos.

Primeiro pensou que vinha aí um comboio e que estavam a ser dadas

ordens ao pessoal para se aprontar.

Decerto seria necessário descarregar mercadorias.

Depressa se apercebeu, contudo, de que não podia ser tal coisa.

"Nisham Mavian!", berrou uma voz à distância, falando em turco.

"Para aqui! Já!"

Ao ouvir estes gritos compreendeu que algo de anormal sucedia.

Alarmado, abriu a porta da latrina e esticou a cabeça para o exterior.

Vislumbrou gendarmes na estrada a rodear um punhado de civis

alinhados em fila; eram os seus colegas arménios.

Um homem bradava ordens de um lado para o outro e Krikor observou-o

com atenção; tratava-se do capitão Súleyman.

O oficial turco tinha um papel na mão, decerto a lista dos arménios

em falta, e puxava pelo braço de Nisham,

encaminhando-o para junto dos companheiros.

"Meu Deus!", exclamou Krikor, aterrado por tomar consciência de que

a hora chegara.

"Eles já vieram!"

Sem perder tempo, puxou as calças para cima e esgueirou-se das

latrinas, contornando as traseiras da estação até

246

chegar à base do tanque.

Agarrou-se às escadas e começou a escalá-

las em movimentos frenéticos, como as personagens dos filmes que se viam no

animatógrafo.

Uma vez lá em cima, espreitou para o interior do tanque e avistou

uma estrutura de madeira a boiar na água, como uma jangada;

percebeu que se tratava do trabalho feito na véspera pelo carpinteiro.

Sem perder tempo, deslizou para a superfície líquida e agarrou-se à madeira.

Já protegido dos olhares indiscretos, remou com os braços até à

borda do tanque e, pelas frinchas das tábuas que seguravam a

estrutura, espreitou o que se passava lá fora.

Os arménios mantinham-se alinhados a meio da estrada e os

engenheiros alemães e austríacos tentavam chegar até eles, mas eram

travados pelos gendarmes de espingardas em riste.

O capitão Súleyman andava para a frente e para trás com a lista na

mão, a berrar algo que àquela distância não se entendia.

Krikor contou em voz baixa o número de colegas capturados.

"Um... dois... três..."

Eram sete.

Sentiu um nó estrangular-lhe a garganta; se sete haviam sido

capturados, isso significava que apenas ele lograra escapar.

A seguir viu o capitão Súleyman entrar na estação e logo depois

esquadrinhar o espaço em redor na companhia de cinco gendarmes,

decerto à procura do oitavo arménio.

Ou seja, dele próprio.

O coração recomeçou a bater-lhe com violência, apertado pelo pavor

de que o descobrissem.

Se subissem até ao tanque, o que faria?

Mergulharia para debaixo da

jangada, cogitou.

Mas quanto tempo aguentaria ali estar sem respirar?

As buscas prolongaram-se por uma hora angustiante, ao fim da qual o

oficial turco regressou à estrada e, gesticulando

247

em profusão, deu enfim ordem de marcha aos prisioneiros.

Ouviu-se um apito e os arménios

começaram a andar, enquadrados

pelos polícias.

Krikor sentiu um alívio profundo por não ter sido descoberto, mas

ao mesmo tempo uma angústia sufocante por se saber só.

Nesse instante ergueu-se um clamor da estrada; era o punhado de

engenheiros europeus que se juntara na berma e vilipendiava os

turcos, evidentemente em protesto contra o que estava a acontecer.

Porém, os gendarmes mostraram-se

indiferentes à contestação e

seguiram caminho até desaparecerem ao fundo da estrada na direcção

de Marash.

O olhar assustado de Krikor desviou-se para as latrinas onde

providencialmente se encontrava no momento em que os gendarmes

tinham chegado.

"Salvo pela merda", murmurou, incrédulo e combalido, preparando-se

para sair dali.

"Pela merda.

"

Era o último dos arménios à solta nas montanhas Amanos.

Quando Krikor, molhado da cabeça aos pés, cruzou a porta e

calcorreou o átrio principal, os

engenheiros alemães e austro-

húngaros, de ombros descaídos e olhar pesaroso, ergueram-se devagar

e ficaram a vê-lo passar, de pé e em silêncio, como se através dele

prestassem homenagem a todos os

arménios que os Turcos haviam levado.

O ambiente no interior da estação de Baghche era de profunda

consternação.

Sem dizer uma palavra, e deixando atrás dele um rasto de pingos e

de manchas de água, Krikor subiu ao primeiro andar em passadas

desconsoladas e bateu à porta do gabinete do director.

Como não obteve resposta, rodou a maçaneta e perscrutou o interior.

Sentado à secretária, Herr Zeitz limpava os

olhos avermelhados com um lenço rendilhado quando se apercebeu de que era observado.

248

"Krikor!", exclamou com alívio ao reconhecer o intruso.

"Ah, Krikor! Finalmente!" Levantou-se do assento e, de braços

abertos, veio acolher o seu subordinado à porta.

"Mein Gott, você está bem?"

"Mais ou menos.

"

O austríaco puxou-o para o gabinete e indicou-lhe uma cadeira.

Depois foi ao armário e retirou uma toalha que ofereceu ao convidado.

"Já vi que conseguiu esconder-se no tanque", constatou.

"Ainda bem! Valha-nos isso!" Sentou-se diante de Krikor e baixou o

tom de voz.

"Presumo que tenha visto o que aconteceu..."

"Assisti a tudo.

"

O responsável da Holzmann respirou fundo.

"Como já deve ter percebido, eles vão voltar", murmurou.

"Quando se iam embora disseram que não queriam um único arménio à

solta.

O que significa que você não pode permanecer aqui.

" Abanou a cabeça, enfatizando a ideia.

"De modo nenhum.

"

"Mas... mas para onde hei-de ir?", perguntou Krikor, sentindo-se

perdido.

"Para onde poderei fugir?"

O austríaco endireitou-se e estreitou os olhos azuis, a mente mergulhada na busca de uma solução para o problema.

De repente pôs-se de pé, como se tivesse acabado de ter uma ideia,

e deu um salto até à sua secretária.

Abriu uma gaveta e, depois de remexer na papelada que se misturava

no interior, retirou um pequeno caderninho que trouxe para junto do

seu subordinado e que exibiu diante do

nariz.

"Está a ver o que isto é?", perguntou com um sorriso triunfal.

"O meu passaporte.

" Sentou-se e colou o indicador ao peito molhado do seu

interlocutor.

"Que vai passar a ser o seu passaporte.

"

249

Krikor desceu o olhar para o caderninho com o símbolo imperial

austro-húngaro impresso na capa.

"O meu passaporte como?"

O responsável local da Holzmann esboçou um sorriso.

"Este ano não planeio viajar, pelo que não preciso do passaporte",

disse.

"Vou-lho entregar para que o use para chegar a Constantinopla.

Amanhã de manhã passa por aqui um oficial do exército alemão a

caminho de uma licença.

Você acompanhá-lo-á até Constantinopla.

"

"Um oficial alemão?", admirou-se Krikor com uma sombra de medo a

nublar-lhe o olhar.

"Mas esses... esses são os piores! Não são como vocês, os civis! Há

muitas histórias de militares alemães que entregaram arménios aos

Turcos para serem executados.

"

"Este é diferente, fique descansado", assegurou-lhe Herr Zeitz,

pousando a mão no braço molhado do seu subordinado.

"Não lhe fará nada.

"

"Como pode ter a certeza?"

"Digamos que ele me deve uns favores..."

A confiança que transparecia nas palavras e no olhar do chefe de

estação tranquilizou Krikor; o facto é que também não tinha alternativa.

"Está bem, acredito em si.

" Pegou no passaporte que lhe era estendido e estudou-o.

"Se fico com este documento, como fará o senhor para se desenvencilhar? Não lhe quero criar problemas..."

Num labor frenético, o austríaco retirava já da gaveta um papel com

o selo oficial da Holzmann.

"Não se preocupe, meu caro", disse enquanto pegava numa caneta para

rabiscar a nova folha.

"Daqui a dois meses dá-lo-ei como perdido e a minha empresa tratará

de me arranjar um passaporte novo.

" Indicou o papel onde

250

escrevinhava.

"Agora estou a tratar da sua guia de marcha, indispensável para

passar os controlos de segurança.

A versão aqui contida é que está em trânsito para ir a

Constantinopla inspeccionar um

fornecimento de carris destinados à Linha de Caminhos-de-Ferro da Anatólia.

" Assinou o papel oficial, assentou-lhe o carimbo da empresa e

estendeu a guia de marcha ao subordinado.

"Aqui está!"

Krikor recolheu a guia de marcha e guardou-a num envelope.

Depois pôs-se a folhear o passaporte até se imobilizar na página

onde se encontrava o cliché com o rosto do seu chefe.

"E esta fotografia? Quando os Turcos virem a sua cara percebem logo

que não sou eu!"

Herr Zeitz pegou de novo no passaporte e estudou a sua própria

imagem.

De facto, aquilo constituía um problema.

Como se poderia contornar a questão?

Ergueu o olhar azul para o subordinado no momento em que lhe

ocorreu uma ideia.

"Tem alguma fotografia sua?"

"Eu? Claro que não.

"

"Não faz mal, o Hans trata disso", disse, esboçando no ar um gesto

vago com a mão, como se aquele problema não fosse o principal.

"Ele tem uma Voigtländer e montou uma câmara obscura atrás do

quarto onde está instalado.

Resolve-se num instante.

" Deteve o olhar, uma dúvida a assaltar-lhe o espírito.

"Você não receia ser fotografado, pois não?"

"Claro que não!", retorquiu o subordinado.

"Posso ser de origem arménia, mas não vivo na Idade Média..."

Absorto já na tarefa de arrancar a fotografia, Herr Zeitz nem se

apercebeu de que quase ofendera o subordinado.

A sua preocupação resumia-se a arrancar a imagem sem rasgar a

folha.

Depois de alguns movimentos delicados com

251

os dedos, o cliché soltou-se por fim e, o espaço já livre para receber uma nova fotografia, o passaporte voltou às mãos de Krikor.

"A partir de agora tem um novo nome", anunciou o austríaco com um

sorriso forçado.

"Chama-se Jan-Lukas Zeitz.

"

O comboio partiu da estação de Baghche às oito em ponto.

Pendurado na janela, vestido com um fato de linho claro que lhe

havia sido oferecido para a viagem, Krikor acenou na direcção de

Herr Zeitz e dos restantes engenheiros alemães e austro-húngaros

até que os arbustos e as árvores que apareceram a meio da curva

cortaram a linha de vista e o obrigaram a voltar ao seu lugar.

"Simpático este Herr Zeitz, não acha?"

A pergunta foi formulada pelo major Peter

Hammans, o oficial saxão impecavelmente fardado que o acompanhava na viagem.

O major era um homem de meia-idade, com grandes patilhas e um

espesso bigode curvado para baixo, à Bismarck,
semelhança acentuada

pelo capacete Pickelhaube lúcido que trazia pousado aos
pés.

"Sim, muito", concordou Krikor, acomodando-se no assento
diante do companheiro de viagem.

"Conhece-o há muito tempo?"

"Só desde que vim para o Império

Otomano", respondeu o alemão.

"Travámos conhecimento durante uma recepção na nossa
legação em

Constantinopla.

Descobrimos que ambos temos a paixão das borboletas.

Passámos a noite a falar sobre as nossas colecções e
acabámos por

manter o contacto.

Desde essa altura que ele arranja sempre maneira de me
obter os

melhores lugares nos comboios.

" Fez um gesto circular a indicar o vagão de primeira classe
em que

se encontravam.

"Muito conveniente, não acha?" O bigode estremeceu quando sorriu.

"Conveniente e agradável, claro.

"

252

Para o seu companheiro de viagem, a primeira classe não constituía

qualquer novidade.

Desde criança que Krikor apenas viajava em grande luxo, embora as

provações que sofrera desde Kayseri lhe tivessem oferecido uma nova

perspectiva, e apreço, por aquele requinte que até ali sempre dera

como adquirido.

"Pois eu já conheço Herr Zeitz há um ano", disse ele, procurando

fazer conversa.

"Vim aqui parar num estado lastimoso e..."

O militar ergueu a mão para o travar.

"Agradecia que não me relatasse a sua história", atalhou num tom

categorico.

"Estou a fazer um favor a Herr Zeitz, mas pode ser que isto envolva

alguma... como direi?, irregularidade.

Por isso quanto menos souber melhor.

Se a coisa der para o torto, sempre posso alegar ignorância.

" Arqueou as sobrancelhas.

"Entende a minha posição, não é verdade?"

"Perfeitamente.

"

O major Hammans recostou-se no assento, satisfeito por estarem

estabelecidas as regras do jogo.

Como bom saxão, não se achava um

grande conversador, o que de resto lhe parecia uma virtude.

Defendia a tese de que era melhor falar bem do que falar muito e

dizia com frequência que as palavras, quando vomitadas em excesso,

tendiam a desvalorizar-se.

Quem prestava atenção ao que dizia um incontinente verbal?

Inclinou-se por isso no seu lugar e recolheu a pequena mala de

couro que trazia pousada ao lado do Pickelhaube pontiagudo.

"Gosta de ler?"

"Bem... sim, claro.

Porquê?"

O oficial retirou três livros da mala e voltou-os na direcção do

companheiro de viagem.

"Escolha.

"

253

O olhar de Krikor dançou entre os três exemplares, todos eles

romances.

Um era Der Tod dês Tizian, de

Hofmannsthal, outro intitulava-se Die

Nächte der Tino von Bagdad, de Else Lasker-Schiller, e o terceiro

era Leutnant Gustl, de Arthur Schnitzler.

Desencorajado com os títulos em alemão, Krikor esboçou um gesto

negativo com a mão.

"Sabe, e embora fale a sua língua, a leitura é mais difícil, de modo que..."

"Escolha", repetiu o major Hammans, endurecendo a voz e tornando

claro que a negativa não constituía opção aceitável.

"Se não está habituado a ler em alemão,

habitue-se.

A leitura durante a viagem ajuda a credibilizar o seu disfarce.

Além

disso,

desencorajará

algum

intrometido

que

o

queira

interpelar.

"

Krikor fitou-o nos olhos; não era parvo, o alemão.

Voltou então a encarar os títulos e, com um suspiro resignado,

acabou por optar pelo romance de Else Lasker-Schiiler, por lhe

parecer que uma história passada em Bagdade poderia ser mais

interessante.

Mas no momento em que abriu o livro e se deparou com a algaraviada

em alemão que enchia a primeira página deixou de ter tanta certeza.

Quando a composição se immobilizou no apeadeiro seguinte, Krikor

levantou os olhos do livro e espreitou pela janela.

O

coração

deu-lhe

um

salto

de

susto

e

pôs-se

a

bater

desordenadamente.

Um grupo de polícias e militares turcos estava a entrar no comboio.

"Ach!", murmurou, alarmado.

"Vamos ter problemas.

" O major Hammans atirou uma miradela ao grupo e, com uma expressão

displicente, encarou de novo o seu companheiro de viagem.

254

"Não se preocupe, meu caro", disse, apontando com o polegar para

uma placa afixada junto à porta do vagão.

"Não leu o que ali está escrito?"

A atenção de Krikor desviou-se para a placa inscrita com uma frase

em caracteres árabes e outra em letras góticas.

Vagão especial para oficiais alemães

"Acha que eles não entram?"

O militar passou os dedos pelo longo bigode curvado e um brilho de

sol faiscou-lhe no olhar de cinza.

"Não se atrevem.

"

De facto, assim foi.

O grupo de soldados e gendarmes turcos desapareceu algures num

vagão traseiro sem incomodar os dois viajantes, os únicos que

ocupavam a carruagem.

O mesmo sucedeu ao longo das horas seguintes, apesar do enorme

número de militares turcos que entravam e saíam a cada paragem.

"Quem diria, hem?", sorriu Krikor.

"Eu com medo deles e eles com medo de nós..."

Cinco horas depois de terem saído de Baghche, chegaram a Adana.

O major Hammans convidou o seu

companheiro de viagem para almoçar no vagão-restaurante e no final da refeição, e uma vez que a

partida só estava marcada para daí a duas horas, lançou-lhe um

desafio.

"Que tal darmos uma voltinha pela cidade?"

Alugaram um coche e passearam pelo

centro de Adana.

Um movimento caótico animava a

povoação.

Os comerciantes enchiam os passeios e muitos militares deambulavam

por ali.

Preocupado sobretudo com não ser

desmascarado, Krikor não

255

se sentia particularmente à vontade; achava mesmo que se tinha ido

meter na boca do lobo e andava a brincar com o fogo.

O seu desconforto aumentou quando na

praça central de Adana viram os corpos de vários arménios enforcados ainda pendurados nos

postes.

"Acho que... que é melhor voltarmos.

"

O oficial alemão percebeu o problema e deu ordem ao cocheiro para

regressarem à estação.

Decididamente o seu companheiro de viagem não havia apreciado as

atracções cruas que Adana tinha a oferecer aos visitantes.

256

XXVII

O comboio tinha mudado.

Para atravessar a cordilheira das Taurus em direcção a norte, a

composição era agora diferente - e pior, na perspectiva de Krikor.

Não existia carruagem reservada aos oficiais alemães, pelo que ele

e o major Hammans tiveram de se

contentar com o vagão de primeira classe partilhado com os Turcos.

Sentaram-se junto à janela e mergulharam de novo na leitura.

Alguns oficiais turcos lançaram olhares carregados de estranheza na

direcção de Krikor; evidentemente percebiam que a sua fisionomia

não era típica de um alemão, mas a postura arrogante do major

Hammans dissuadiu qualquer veleidade e ninguém se atreveu a

interpelá-los para pedir a identificação.

Corria nessa altura a notícia de que, dias antes, um soldado alemão

abatera a tiro um oficial turco que lhe havia exigido os documentos

e esse soldado nem sequer fora detido.

O Império Otomano, perceberam todos, estava nas mãos dos Alemães,

pelo que nenhum soldado ou funcionário 257

turco sentia a menor vontade de incomodar um oficial do Reich, para

mais alguém com o porte imperial daquele imponente militar saxão.

"Dão licença?"

O tom do oficial turco que falara era quase o de quem pedia

desculpa por se atrever a incomodar os dois ilustres viajantes.

Estranhando a intrusão, o major Hammans

varreu com o olhar o vagão de primeira classe e percebeu que ia cheio; os únicos lugares

livres eram aqueles, ao lado dele próprio e de Krikor.

com uma expressão carrancuda, fez sinal ao recém-chegado de que se

podia sentar.

"Hmpf", grunhiu, mal-encarado.

O homem acomodou-se ao lado de Krikor e ficou muito hirto,

evidentemente intimidado por se ter visto forçado a procurar lugar

junto dos estrangeiros.

O comboio arrancou com quase uma hora de atraso, mas isso não

pareceu preocupar a generalidade dos viajantes, habituados à

tradicional flexibilidade dos horários no Império Otomano.

As tabelas eram meras referências, não para serem levadas à letra.

A primeira meia hora decorreu em silêncio nos assentos onde seguiam

o capitão Hammans e o seu companheiro de viagem, ambos sempre

absortos nos seus livros.

Todavia, o texto em alemão que Krikor se

esforçava por decifrar era de tal modo difícil que, com frequência, levantava o olhar e se

distraía a contemplar a paisagem que corria para lá da janela.

com regularidade o comboio ia parando em estações e apeadeiros,

onde se aglomeravam sempre pequenas multidões.

Krikor começou a reparar que se haviam operado algumas mudanças na

maneira de vestir dos Turcos.

Em vez do tradicional kaftan, muitas mulheres usavam vestidos de

traço

258

Europeu, enquanto um crescente número de homens trocava as

habituais calças largas, as shalvar, as camisas gomlek e as capas

ucetek por trajos também europeus.

Algumas combinações revelavam-se até absurdas.

Aldeãos de sandálias e shalvar cobriram-se com gabardinas e alguns

rapazes de pés descalços ostentavam casacos de fraque.

"Já viu como as pessoas andam vestidas?",

perguntou em alemão.

"Serão cristãos?"

O major Hammans atirou para o exterior um olhar vagamente

interessado e, depois de um novo grunhido indiferente, regressou à

leitura.

Tudo aquilo parecia, porém, bizarro, pelo que Krikor se manteve

pregado à janela, a matutar no que via.

Ao fim de algum tempo, e depois de mais duas paragens em que a cena

se repetiu, a curiosidade acabou por derrotar o medo e a prudência,

pelo que se voltou para o oficial turco sentado a seu lado.

"Porque anda tanta gente vestida à europeia?", perguntou no seu turco deficiente.

"São cristãos?"

A face do oficial desenhou um sorriso prestável, exibindo caninos

de ouro.

"Cristãos?",

admirou-se,

mirando

as

pessoas

que

enchiam

a

plataforma da estação onde haviam parado.

"Não, murahhasa effendi.

São muçulmanos.

"

"Mas então... como se explicam as roupas europeias que eles

vestem?"

O sorriso alargou-se.

"Ah, isso é o que pilharam aos Arménios, ef fendi.

"

O olhar de Krikor toldou-se de imediato.

Desviou a atenção da janela, invadido de um pudor súbito, como se o

simples facto de contemplar aquela gente constituísse uma ofensa à

memória das vítimas.

"Estou a ver.

"

259

Percebendo a perturbação que a informação suscitara no seu parceiro de assento, o oficial turco inclinou a cabeça.

"Para alemão, o senhor fala razoavelmente turco", observou.

"Interessa-se porventura pelo destino dos Arménios?"

O alarme soou na cabeça de Krikor.

A última coisa que lhe convinha era dar a entender as suas simpatias e sobretudo largar pistas que denunciasses a sua identidade.

"Eu?", perguntou num tom quase indignado.

"Que ideia! Claro que não! Porque me haveria de interessar por essa

gente? Só tiveram o que mereciam, esses...

esses traidores!"

O sorriso regressou ao rosto do turco, agora condimentado com um

toque de satisfação.

"Ah, folgo muito em saber que pensa assim, effendi.

" Bateu com a palma da mão no peito, impante de orgulho.

"Sabe, eu próprio sou responsável pela

morte de mais de quarenta mil arménios, sabia?"

A informação esbofeteou Krikor, que esbugalhou os olhos e encarou o

seu parceiro com uma expressão

horrorizada.

"O que?"

"É verdade", confirmou o oficial, confundindo o espanto reprovador

do seu interlocutor com admiração benigna.

Colou a mão direita à cabeça, como se fizesse continência.

"Sou o capitão Shukri.

Ao seu serviço, murahhasa effendi.

"

"Como está?", cumprimentou-o Krikor com um semblante impassível,

esforçando-se por não deixar transparecer o que pensava.

"Conte-me lá isso dos arménios que diz que matou.

Como é que um homem mata quarenta mil pessoas? Está a exagerar!"

"Juro por Alá, effendi! Na verdade até foram quarenta e duas mil

pessoas, mais coisa, menos coisa.

"

"Mas... como?"

260

O oficial turco afastou o olhar para a janela e contemplou uma

estrada que serpenteava pelas montanhas.

"Sou capitão dos gendarmes de Yozgat, effendi", explicou.

"Como tal, recebi ordens do vice-governador, Mehmet Kemal, para

escortar as caravanas de arménios e proceder à respectiva paklayalum.

"

"Paklayalumr A expressão era nova para Krikor.

"Limpeza", esclareceu o capitão Shukri.

"Usamos a palavra para referir o extermínio dessas populações.

" Desfocou os olhos, como se a sua mente viajasse pelas estradas

por onde arrastara os arménios, e fez um estalido com a língua.

"Começámos por prender todos os homens de Yozgat e levá-los para

fora da cidade, onde os matámos a golpes de machado e picareta.

Uma vez limpámos assim oito mil

arménios, tudo de uma assentada.

Depois foi a vez das mulheres e das crianças.

"

"Mataram-nas da mesma maneira?"

"Não, claro que não.

Começámos por afixar cartazes a anunciar que iriam ser deportadas e

demos-lhes três dias para se prepararem.

Depois fomos avisar as populações curdas e turcas das aldeias ao

longo da estrada, dizendo-lhes que vinham aí arménias cheias de

ouro e dinheiro, além de muitos bens e raparigas bonitas para os

haréns.

Nem imagina o entusiasmo dos aldeãos quando souberam que iam deitar

as mãos a tamanhas riquezas! De modo que, quando chegou o dia,

escoltámos as arménias para fora da cidade e deixámo-las ser

atacadas.

" Apontou para a janela.

"Daí que se veja tanta gente a misturar kaftan e shalvar com roupas

cristãs.

Vestem o que saquearam.

"

A atenção de Krikor voltou-se de novo para o exterior.

Tentou identificar mais alguém vestido com aquela mistura

261

bizarra de estilos, mas a estrada tinha desaparecido e apenas se

lobrigava o recorte serrado da cordilheira das Taurus.

Imaginou Marjan e a mãe, se calhar também a pequena Khenarig,

arrastadas por estradas remotas às mãos de

homens como este capitão Shukri que agora tanto lhe repugnava mas que se via forçado a

suportar com um sorriso e bons modos.

Onde estariam elas agora? Que destino lhes fora reservado?

Conseguiriam sobreviver?

Talvez o turco o pudesse elucidar.

"E depois?", perguntou com um ligeiro tremor na voz, o olhar ainda

fixo na paisagem por se sentir já incapaz de encarar o seu interlocutor.

"O que aconteceu a essa gente?"

"Já lhes tínhamos morto os homens e não queríamos sujar as mãos de

sangue das mulheres e das crianças, claro", disse o oficial.

"De modo que nos limitámos a levar as sobreviventes dos ataques

numa viagem interminável, sempre com o cuidado de lhes limitar o

acesso à água e aos alimentos.

Quase metade morreu assim.

Quanto às que sobreviveram, eu próprio me desloquei às aldeias

turcas e convidei as populações a

emboscarem as caravanas.

Uma vez que já não havia muitos bens entre as deportadas, disselhes que era a sua obrigação religiosa juntarem-se à jihad

decretada pelo xeque ul-Islam e matarem as arménias.

Como as balas são caras, as pessoas pegaram em tudo o que tinham à

mão e prepararam a emboscada.

Machados, foices, mocas, pás... foram com tudo.

"

"E atacaram-nas?"

"Claro", assentiu o capitão Shukri.

"Era o seu dever religioso, effendi.

Escolheram primeiro as virgens e as mais bonitas para os seus

haréns e deram cabo das restantes no meio de uma grande gritaria.

O sangue empapava a estrada.

"

O oficial calou-se e Krikor manteve o olhar nublado preso à paisagem que corria pela janela.

Pelas palavras do turco

262

vislumbrou o destino de Marjan e do resto da família e teve dificuldade em conter os soluços.

As lágrimas começaram a brotar-lhe dos olhos e a escorrer-lhe pelo

rosto.

O que lhe valia é que se mantinha voltado para o exterior e ninguém

lhe conseguira ainda ver os olhos húmidos de comoção.

Precisava de se dominar.

Pensou nesse instante nas palavras do avô Sisag à saída da casa de

Kayseri e percebeu que o velho tinha

razão.

Enquanto ele vivesse, um pouco de Marjan viveria também.

Marjan, Khenarig, Caroun, Arshalous, Hagop, o avô Sisag,
um pouco

de todos os Kinosian viveria com ele.

Mas se ele também morresse, todos morreriam por
completo e tudo

havia sido em vão.

Tinha de sobreviver.

Era uma obrigação para com Marjan e todos os outros.

E, se queria sobreviver, tornava-se imperativo que
reassumisse o

domínio das emoções.

Respirou fundo, pensou nas suas especiais
responsabilidades

enquanto sobrevivente e, tão depressa como começara,
parou de

chorar.

A pele permanecia, contudo, húmida de lágrimas, pelo que
tirou o

lenço do bolso e secou a cara.

"Que se passa, effendi?", perguntou o capitão Shukri.

"Ficou incomodado com o que lhe contei?"

Krikor encarou enfim o seu interlocutor e forçou um sorriso.

"Nós, os Austríacos, somos cristãos", afirmou.

"Custa um pouco tomar conhecimento dessas práticas.

Parece-nos errado.

"

O oficial turco abanou a cabeça.

"Limitámo-nos a cumprir o nosso dever.

"

O major Hammans, que nada entendia da conversa por ela decorrer em

turco, alçou os olhos do livro e projectou um esgar de censura na

direcção do seu companheiro de viagem, tornando evidente que

considerava o diálogo com um oficial turco um risco dispensável.

Krikor sabia que o alemão

263

tinha razão, claro, mas sentia uma necessidade imperiosa de

conhecer pormenores sobre as caravanas da morte; só assim poderia

talvez entender o que os Turcos haviam feito a Marjan, à sua

família e a tantas e tantos dos seus conterrâneos.

"O senhor é muçulmano", disse Krikor para o turco, medindo com

cuidado as suas palavras.

"Não receia que, no Dia do Juízo Final, Deus o puna por esses...

esses crimes?"

O capitão Shukri abanou a cabeça.

"De modo algum, effendi", exclamou com grande ênfase.

"Não foram crimes.

Pelo contrário, estas matanças significam que cumpri as minhas

obrigações sagradas com Deus, com o Profeta, que a paz esteja com

ele, e com o califa.

O xeque ul-Islam emitiu uma fatwa para que matássemos os Arménios,

não emitiu? O califa ratificou essa fatwa, não ratificou? Ora uma

fatwa é uma ordem sagrada, como se emanasse de Deus.

Não foi o Profeta, que a paz esteja com ele, que prometeu o Paraíso

a quem fizesse a jihad? Assim, ao matar os Arménios limitámo-nos a

cumprir as ordens de Deus.

Porque nos puniria Ele por respeitarmos as Suas ordens?" Voltou a

sacudir a cabeça.

"Não, Deus não me irá punir por nenhum crime, effendi.

Vai é premiar-me pelas minhas boas acções.

Deus é grande.

"

A lógica era circular e incontornável, sabia Krikor, pelo que desistiu de argumentar por tal via.

"Mas matar aquela gente... mulheres, crianças, bebés, isso não o

incomoda nada?", insistiu, apelando à consciência humana do seu

interlocutor.

"Vê-los morrer diante dos seus olhos a golpes de machado ou de

foice, uma coisa dessas não assombra os seus sonhos?"

Foi só nesse instante que o turco respirou fundo e, baixando a

cabeça, fechou as pálpebras, como se se preparasse para a oração.

264

"Allah boyle olumu kintseye gostermesin", sussurrou de um só

fôlego, talvez mais a falar consigo mesmo do que com o viajante que

lhe fizera a pergunta.

"Que Deus nunca mostre tais mortes a ninguém.

"

A ondulação prateada do mar de Mármara, quebrando-se em bofetadas

de espuma sobre as rochas da costa, foi o primeiro sinal de que se

aproximavam do destino.

Havia três dias que estavam no comboio, com paragens em múltiplas

estações e apeadeiros, algumas delas de várias horas, mas então a

composição já acelerava ao longo da linha

de costa numa corrida desenfreada para Constantinopla.

Ao fim de algumas horas começaram a aparecer casas, primeiro

dispersas, depois mais e mais aglomeradas, até que o comboio

abrandou sensivelmente a sua progressão.

Uma excitação miudinha tomou conta de Krikor.

O pesadelo estava à beira do fim, mas até ao último instante

poderia haver uma reviravolta.

Será que a guia de marcha da Holzmann estava em conformidade? E se

o controlo de segurança notasse alguma anomalia na fotografia

fraudulentamente inserida no passaporte?

As possibilidades de

ocorrer um problema que deitasse tudo a perder eram imensas, algo

que ele tinha especialmente presente.

"Não se preocupe", murmurou o major Hammans, intuindo a inquietação

do seu companheiro de viagem.

"Vai correr tudo bem, fique descansado.

"

A marcha do comboio abrandou ainda mais, sucedendo-se os apitos até

que a composição voltou a reduzir a velocidade, fazendo um taque-taque cada vez mais pausado nas junções dos carris.

As linhas multiplicaram-se subitamente, a composição entrou enfim

na estação e imobilizou-se com um suspiro longo e exausto, seguido

de um solavanco final.

Tinham chegado.

265

Os passageiros pegaram nas malas e começaram a sair em fila indiana

para a plataforma.

Krikor e o major Hammans apearam-se e olharam em redor.

A azáfama na Estação Haidar Paxá era enorme.

A multidão formigava junto às barreiras que bloqueavam a saída,

onde cada viajante estava a ser

inspeccionado à vez pelo controlo de segurança.

Ouviram-se de repente uns gritos e os passageiros viram soldados

turcos a pegar num civil e a arrastá-lo pela plataforma enquanto

lhe davam pontapés e o vergastavam.

"Um arménio", observou um viajante turco.

"O cão foi apanhado a fazer-se passar por árabe.

"

O incidente intensificou o nervosismo de Krikor; parecia-lhe impossível que os homens do controlo não notassem as anomalias nos seus documentos.

Sentiu uma dor aguda no estômago, de fome e de medo, mas suspirou e

resignou-se à sua sorte.

Tinha feito todos os possíveis para escapar

da armadilha montada pelos Turcos aos Arménios e, contra todas as probabilidades, havia

conseguido chegar às portas da capital otomana.

Não havia mais nada que pudesse fazer além do que tinha feito.

O seu destino estava entregue a Deus; seria Ele a decidir o que lhe

aconteceria nesse instante fatídico.

A fila avançou aos poucos, até que Krikor e o major Hammans

chegaram diante do controlo.

Vendo um oficial alemão diante dele, o militar turco fez-lhe sinal de que passasse para o posto alemão, a dois metros de distância, mas travou Krikor.

"Ele está comigo", disse o major Hammans com a sua voz de comando.

"Será controlado pelos nossos militares.

"

O turco hesitou, mas acabou por encolher os ombros e deixar Krikor

passar.

A última coisa que queria era arranjar problemas com um oficial do

Reich.

266

Os dois recém-chegados apresentaram-se diante de um capitão alemão

que fez continência ao major Hammans, mas não deixou de lhe

solicitar os documentos.

Estavam em ordem, pelo que passou para Krikor.

Folheou o passaporte e arqueou uma sobrancelha desconfiada quando

comparou a fisionomia do viajante com o nome e a nacionalidade

referenciados no documento.

"O senhor é austríaco?", estranhou.

"Pai austríaco", retorquiu Krikor, que já se preparara para aquela

dúvida, "mãe de origem grega.

"

O capitão do controlo, sempre zeloso, foi verificar a identidade da

mãe referenciada no passaporte.

"Katja Helberg não me parece um nome grego..."

"Grega não, de origem grega", sublinhou Krikor.

"A minha avó materna nasceu em Esmirna e casou com um oficial da

marinha mercante austríaca, o capitão Hermann Helberg, meu avô.

"

O oficial do controlo procurou no passaporte informações que

contradissem esta explicação, mas como nada encontrou decidiu

passar à guia de marcha da Holzmann.

Leu o texto, estudou o selo e o carimbo e pareceu-lhe tudo em

ordem, pelo que acabou por devolver os documentos ao seu proprietário.

"Pode passar, Herr Zeitz.

"

Minutos depois já os dois recém-chegados passeavam diante dos cais

marítimos de Kadikoy e de Haydar Paxá e contemplavam o Serralho do

outro lado do mar.

Fazia um sol glorioso, com apenas pequenos farrapos de nuvens a

deslizarem pelo céu azul-pálido, como tiras rasgadas nas alturas.

Apanharam o vapor para Gaiata e, diante do Bósforo congestionado de

tráfego, contemplaram as grandiosas cúpulas

267

de Hagia Sophia e da mesquita de

Suleymanye a destacar-se sobre o

casario de Constantinopla, as colunas esguias dos minaretes

enquadrando-as como guardas silenciosos.

Despediram-se com um aperto de mão no cais de Gaiata e Krikor ficou

um minuto a observar o major Peter Hammans afastar-se rumo à

vizinha estação de Sirkeci antes de ele próprio voltar as costas e

seguir à sua vida.

Depois de inquirir direcções, escalou as

ruas estreitas até ao bairro de Pêra e desaguou enfim no destino, a fachada de uma bela

residência com uma magnífica vista para o Corno de Ouro.

Quis bater à porta, mas a presença de uma sentinela plantada diante

da casa dissuadiu-o.

Além do mais, não era difícil perceber que, considerando a hora e

as responsabilidades do homem que procurava, não o encontraria

ainda ali.

Foi por isso para o outro lado da rua e

sentou-se à sombra de uma árvore.

Tinha fome, mas a sensação já não o afectava da mesma maneira, pelo

que aguardou pacientemente o evoluir dos acontecimentos.

Ao cair da noite viu um coche imobilizar-se diante da casa e reconheceu a figura que se apeou e se encaminhou para a porta.

Sem perder tempo, o coração aos saltos e a ansiedade a consumi-lo,

Krikor atravessou a rua a correr e cortou o caminho ao recém-

chegado.

"Cuidado, effendi!"

Pensando que o dono da casa ia ser agredido, a sentinela interveio

de pronto e derrubou o desconhecido, imobilizando-o no chão.

Krikor tentou libertar-se, mas estava demasiado debilitado e o

soldado turco era pesado.

"Sou eu!", gemeu.

"Krikor Sarkisian! Krikor Sarkisian!"

Passada a surpresa inicial, e ao ouvir estas palavras, o dono da

casa acocorou-se e, inspeccionando a face incrivelmente

268

ossuda do desconhecido, encarou-o de olhos arregalados e abriu a

boca, estupefacto ao reconhecer o rapaz diante dele.

"Krikor? És mesmo tu?"

"Sou eu, effendi.

Sou eu.

"

Obedecendo a uma instrução do dono da casa, a sentinela libertou a

sua presa.

Krikor levantou-se devagar e viu os braços desfraldados diante

dele, atraindo-o como uma bóia.

"Alá é grande!", exclamou o dono da casa, apertando-o com força

contra o peito.

"Alá é grande e trouxe-te de volta, Krikor!" Prolongou o abraço.

"Ah, como te procurámos!"

Foi nesse instante, e só nesse instante, que Krikor Sarkisian se

sentiu desfalecer e se entregou com abandono, sabendo-se enfim em

segurança entre os braços de Salim Bey, ministro otomano das

Finanças e velho amigo e protector do pai.

Antes de perder os sentidos, porém, a última imagem que se formou

na sua mente não foi a do turco que o salvava, mas a de Marjan, que

perdera nas estradas sem fim do calvário arménio.

269

270

Parte Dois

A arte é duradoura, A vida é breve.

HIPÓCRATES

271

272

I

O homem girou sobre os calcanhares, como um pião, deu três passos

de corrida e saltou, abrindo as pernas como se fizesse a espargata

no ar, e depois saltou mais uma e outra vez, sempre ao ritmo

infernal da música.

Um grupo de três dançarinos juntou-se a ele com movimentos

sincronizados, ora elegantes, ora marciais, correndo e pulando

enquanto a multidão aplaudia com

cadência frenética, acompanhando

as batidas e os movimentos dos homens, até que estes completaram

umas complicadas acrobacias, a música atingiu o auge e os aplausos

se tornaram caóticos diante dos bailarinos ofegantes, que,

terminada a sua actuação, se curvavam em vénias à assistência.

"Foi a dança dos Cossacos, mesdames et messieurs", exclamou o

mestre de cerimónias no momento em que saltou para o pequeno palco

no centro da sala.

"Uma deslumbrante exibição de hopak feita pelos nossos
bravos

soldados das estepes!"

O ambiente no Balalaika, o cabaret russo no coração de
Montmartre,

vibrava de energia e sensualidade.

Raparigas

273

russas seminuas circulavam entre as mesas a servir
bebidas, tabaco

e conversa fácil, enquanto Kaloust e Hendryk bebericavam
taças de

champagne e iam apreciando as beirdades que
deambulavam pelo

estabelecimento a exibir as pernas e o rego dos seios.

"Uma destas mocinhas é que vinha mesmo a calhar ao seu
rapaz",

observou o presidente da Royal Dutch Shell.

"Como anda ele? Já recuperou da sua aventura no Império
Otomano?"

Kaloust abanou a cabeça em sinal de desalento.

"Oh, não me diga nada!", suspirou.

"A guerra já acabou há cinco anos e ele percorreu a Anatólia e a

Síria à procura da rapariga por quem se embeijou.

Um martírio!"

"Ao menos apanhou-lhe a pista?"

"Até agora, quase nada.

" Assentou os cotovelos sobre a mesa e indicou um calendário a

assinalar 1923.

"Em todo este tempo, a única coisa que encontrou foi uma sobrevivente que a conhecia e que disse tê-

la visto com a mãe a

caminho de um campo de morte na Síria, um sítio horrível chamado

Ras-al-Ayn.

" Suspirou de novo.

"Não é difícil imaginar o que lhe aconteceu, não lhe parece?
O

rapaz foi para a Síria mas não descobriu mais nada... a não ser

relatos da matança de Arménios na região, claro.

Uma tristeza.

"

"E agora?"

O pai de Krikor encolheu os ombros.

"Agora nada.

Lá se convenceu de que ela morreu, coitado, e desistiu.

" Estalou a língua com desagrado.

"Anda agora na boa vida, o mandrião.

Não faz nada.

"

"Deixe-o.

Depois do que passou, é importante que descontraia.

Ajuda-o a esquecer.

"

"É o que a minha mulher me diz.

Mas isso não me agrada muito.

O rapaz tem de fazer alguma coisa na vida, que demónio!"

274

Um grupo de bailarinas bamboleava-se nesse momento no palco do

cabaret, atraindo os olhares dos dois homens e dos restantes

clientes do Balalaika.

Hendryk e Kaloust calaram-se por

momentos, contemplando os seios saltitantes e as nádegas reluzentes que animavam os olhares

masculinos.

"Ao menos vocês têm a Arménia", observou o holandês.

"Sempre é alguma coisa.

"

Kaloust abanou a cabeça.

"A Arménia não tem futuro.

"

"Ora

essa,

porquê?

O

Tratado

de

Sèvres

não

vos

deu

a

independência?"

"Qual independência? Tem estado atento ao que se passa por aqueles

lados?"

"Nem por isso, confesso.

"

"Nota-se.

Os Turcos perderam a guerra, não é verdade? Pois apesar disso

reassumiram o controlo da Anatólia, ocuparam toda a Arménia que

pertencia ao Império Otomano e fizeram uma nova matança de

arménios, mesmo nas barbas dos Aliados.

E os bolcheviques anexaram a outra parte do território arménio.

" Fez um gesto enfático com a mão.

"A minha pátria, meu caro, não passa de um sonho de poetas.

"

Pegou no copo de vodka e engoliu-o de uma vez, com a fúria de quem

queria apagar o tema da conversa.

Falar da Arménia irritava-o.

Quantos não tinham morrido em nome daquela miragem?

O som tenso de uma batida irrompeu no cabaret,
anunciando o número

seguinte com solenidade.

"Mesdames et messieurs", proclamou o mestre-de-
cerimónias ao som da

batida.

"O Balalaika tem o prazer de apresentar...

Madaaaaame Moscoooooou!"

275

Uma loura voluptuosa subiu ao palco a menear as formas
carnudas,

embalada pelos primeiros acordes de uma nova canção.

Eram já duas da manhã no cabaret russo de Paris e chegara
o momento

que atraíra Hendryk e Kaloust ao

estabelecimento.

Dizia-se entre os apreciadores parisienses dos encantos
femininos

que não havia na cidade exemplar mais extraordinário,
razão pela

qual os donos do clube nocturno a reservavam para hora
tão tardia,

na fundada convicção de que ninguém abalaria enquanto
ela não

aparecesse.

A loura tornara-se cabeça-de-cartaz do Balalaika e os
responsáveis

do cabaret não o ignoravam.

Começaram até a cultivar o mistério em

torno daquela mulher e baptizaram-na com o nome de
Madame Moscou, quase como se ela

simbolizasse a beleza selvagem da pátria perdida, a Santa
Rússia.

"Belo pedaço!", confirmou Hendryk, arrebatado pelas
formas sinuosas

da loura.

"Mas que mulheração, sim senhor!"

Soergueu uma sobrancelha.

"Será mesmo russa?"

Kaloust esboçou um sorriso discreto.

"Meu caro, aqui só há russas.

"

Como em resposta, a cantora começou um solo pungente e melancólico,

acompanhado pelos violinos e pelo piano da banda do cabaret.

Rastsvetali yabloni i grushi, Poplyli tumani nad reky Vyhodila na

bereg Katyusha Na vysokij bereg, na krutoy

"Bravo! Bravo!"

A plateia masculina irrompeu em aplausos, seduzida pela voz rouca e

sobretudo pelo corpo voluptuoso que os longos cabelos de valquíria

eslava enfeitavam como uma coroa de 276

filamentos de ouro, mas nenhum homem mostrava maior entusiasmo que

Kaloust.

De olhos arregalados, pôs-se de pé num salto e aplaudiu com vigor

entusiástico a actuação da estrela do Balalaika.

Nunca vira mulher assim e uma irresistível vontade de a conhecer

apossou-se dele

Quando a russa abandonou enfim o palco, o arménio chamou o gerente

do cabaret e inquiriu-o quanto à identidade da loura enigmática.

"É Madame Moscou, m'sieur", disse o gerente, sempre solícito mas

hermético.

"Trata-se da maior atracção do nosso estabelecimento.

"

Kaloust acenou-lhe com uma nota de cinquenta francos.

"Isso já eu sei, homem.

Mas como se chama ela?"

O homem recolheu a nota e inclinou-se para os dois clientes, um ar

de mistério a enfeitiçar-lhe o olhar.

"É a senhora Khan", confidenciou num sussurro.

"Baronesa Khan.

"

"Baronesa?"

"Os tempos estão difíceis, m'sieur", explicou o gerente com um

encolher de ombros resignado.

"Desde que os bolcheviques usurparam o poder na Santa Rússia que

nós, os russos brancos, temos de fazer pela vida..."

Kaloust lançou um olhar para a porta que conduzia aos camarins, por

onde a loura desaparecera logo a seguir à actuação, antes de voltar

a fitar o anfitrião.

"E existe alguma maneira de... enfim, de travar conhecimento com a

baronesa?"

O responsável do cabaret hesitou.

"Eu... receio que a baronesa Khan seja uma pessoa muito reservada,

m'sieur.

Lamento.

"

O cliente extraiu do interior do casaco duas notas de cem francos e

brincou com elas na ponta dos dedos.

277

"Tem a certeza?"

Os olhos do gerente saltitaram entre as notas e a porta que conduzia aos camarins.

Depois de vacilar uma última vez, dividido entre a cupidez e o

dever de proteger a estrela do seu estabelecimento, pegou nas notas

com um movimento rápido e guardou-as no bolso.

"Para si", sorriu, "a baronesa com certeza abrirá uma exceção.

"

A loura voluptuosa apareceu quinze minutos depois, guiada pelo

gerente do Balalaika e na companhia de um homem mais velho e com

farda de oficial do exército do czar.

"Baronesa Khan e marido", anunciou o responsável do cabaret ao

chegar junto à mesa, fazendo um floreado com as mãos.

"O general Atash Khan comandava o regimento de hussardos da Segunda Brigada do Primeiro Corpo de Cavalaria do Exército Imperial Russo.

"

O oficial bateu os tacões à maneira militar, e inclinou a cabeça.

"Ao vosso serviço!"

Acedendo ao convite de Kaloust, que depressa se refez do choque de

ver a loura acompanhada pelo marido, o casal recém-chegado

instalou-se à mesa dos dois homens do petróleo.

O arménio mandou vir champagne, presenteou o casal convidado com

uma terrina de caviar e ofereceu-lhe os melhores havanos enquanto o

grupo entabulava conversa.

"Chegámos a Paris, eu e a minha Slava, com uma mão à frente e outra

atrás", explicou o general Khan, pegando no copo de champagne que o

empregado acabara de encher.

"Viemos sem nada, como cães

escorraçados da nossa própria terra, sem que..."

"Da minha terra", corrigiu Slava.

"Não te esqueças que tu vieste da Pérsia.

"

O general engoliu o champagne de uma assentada e, depois de pousar

o copo e limpar os beiços com as costas da mão, ergueu um dedo como

se fizesse uma proclamação solene.

"Para onde um dia hei-de voltar! À Rússia, nunca mais! Terra de

loucos! Agora quem manda são os

tovaritch, já viram isto? Os novos governantes chamam-se tovaritch uns aos outros e aos seus lacaios,

fingindo que se tornaram todos camaradas!

Hmpf! Ainda por cima,

aqueles atrasados mentais atreveram-se a mudar o nome ao país!

Desde o ano passado que a Rússia já não existe! Agora chamam-lhe

União Soviética! Já viram uma coisa assim? União Soviética! Que

desplante!" Voltou a encher o copo de champagne e depois levantou-o, à maneira de um brinde.

"O meu destino, meus caros amigos, é a Pérsia! A minha família veio

de lá e é para lá que hei-de voltar.

" Engoliu a bebida.

"Ah, bela pinga!" Reprimiu um arroteo.

"Sabem, o meu regimento de hussardos tinha uma mão-cheia de persas,

gente que nutre por mim uma fidelidade canina e com quem mantenho

contacto assíduo.

Garanto-vos que com esses homens um dia serei xá! Xá, digo-vos eu!"

Enquanto o general acendia o seu charuto, a baronesa revirava os

olhos verdes luminosos com enfado, como se já estivesse cansada de

o ouvir dizer a mesma coisa.

"Oh! Sonhos, sonhos...", murmurou com acidez.

"A ti basta-te beber uns copos e dá-te logo para a parvalheira.

"

O general Khan desferiu uma palmada na mesa com estrondo, como se

tivesse sofrido um súbito ataque de fúria.

"Blin, não acreditas, mulher? Não acreditas no teu homem?"

"Se vais para xá, o que estou eu a fazer nesta espelunca?", quis

ela saber, indicando o cabaret com um gesto largo.

"A estagiar para imperatriz da Pérsia?" Fez um estalido impaciente

com a língua.

"Não brinques comigo..."

279

A tensão no casal era palpável, o que não escapou à atenção de

Kaloust.

Tornava-se evidente que a baronesa se sentia desiludida com o rumo

que a sua vida havia tomado e parecia responsabilizar o general por

tudo o que lhe sucedera.

O arménio encheu-a por isso de atenções, a que de início ela

correspondeu apenas com o evidente intuito de irritar o mando, mas

Kaloust acabou por lhe intuir a fraqueza pelo luxo.

Afinal não tinha casado com um homem muito mais velho? Pareceu-lhe

evidente que fora atraída pela posição social que ele ocupava no

apogeu da sua carreira militar à frente dos hussardos, e o arménio

percebeu que havia ali qualquer coisa que podia explorar.

Encomendou por isso mais champagne e caviar, que pagou de pronto

com uma nota que extraiu de um grosso maço de francos.

A intuição foi confirmada pela reacção de Slava quando viu todo

aquele dinheiro.

com o interesse aguçado e um brilho cúpido a cintilar-lhe no olhar

marinho, a russa inclinou-se para o seu admirador abastado.

"Já vi que o cavalheiro é um homem bem-sucedido", observou a loura, aveludando de repente a voz.

"O que faz na vida?"

"Lido com petróleo, minha senhora.

Faço fortunas incalculáveis!"

Slava ronronou como uma gata.

"Ah, um homem destes é que me fazia falta...", sussurrou.

Lançou um olhar ressentido na direcção do marido, que trocava umas

palavras com Van Tiggelen.

"Não é como o pobre tonto do Atash, que agora vive à custa das

minhas actuações neste cabaret indigente.

Eu, que já frequentei a corte do czar, veja

lá!"

"Eu ouvi isso, mulher!", protestou o general, intrometendo-se

inopinadamente na conversa.

"Sabes bem que tenho planos para te providenciar sustento!"

280

"Pff, que planos?", ciciou a russa com desdém.

"Estás a falar desse teu projecto louco de te tornares xá? Ou das

negociatas que andas para aí a congeminar com os pulhas dos

bolcheviques?"

"Não são negociatas! É arte! É preciso salvar a arte das garras

daqueles ignorantes!"

A palavra arte soou a Kaloust como uma campainha, despertando-lhe a

curiosidade e o interesse.

"O senhor negoceia em arte?"

O general Khan esboçou um gesto irritado com a mão, como se não

quisesse entrar no assunto.

"São cá umas coisas minhas..."

O arménio não se deixou desencorajar; a sua intuição dizia-lhe que

poderia haver ali algo de valioso a explorar.

Não faltavam nobres russos arruinados em Paris a vender verdadeiras

preciosidades.

"Sabe que sou um apaixonado por objectos de arte?", perguntou.

"Devo dizer que o senhor me é simpático e teria muito gosto em

ajudá-lo.

Sei que os tempos estão difíceis para quem se viu forçado a escapar

da revolução bolchevique e temos de ser uns para os outros, não é

verdade?" Lançou-lhe um olhar melífluo, assim como quem estende a

rede para ver se lhe cai algum peixe.

"Se o senhor negocia em arte, quem sabe se possuirá alguma coisa

que me interesse..."

O persa abanou a cabeça.

"Oiça, estamos a falar de grande arte", disse num tom sobranceiro.

"Peças de grande valor que só estão ao alcance dos mais ricos,

entende? Não que duvide da sua

capacidade financeira, caro senhor, mas, sejamos francos, não me parece que

disponha dos meios suficientes para adquirir os tesouros em causa.

"

A conversa tornava-se definitivamente interessante.

281

"Acha que não?", sorriu Kaloust.

"Pois desafio-o a testar-me.

De que tesouros está o senhor a falar?"

"Estou a falar da creme de la creme.

Estou a falar de obras só ao alcance de um Rothschild, percebe?"

Um sorriso sibilino formou-se no rosto do arménio.

"Meu caro general, eu sou dono de um Degas e de um Renoir.

Entre outras pequenas coisas que adornam a minha singela colecção.

Se houver por aí peças do mesmo calibre, pode ser que me interesse.

Quem sabe?"

O olhar do general, até aí carregado de sobrançeria, focou-se em

Kaloust, perscrutando-o com súbito interesse; quem possuía obras

daqueles dois artistas tinha de facto de ser

alguém com grandes recursos.

"A sério?"

O arménio manteve o sorriso enigmático.

"Não tenho ar de brincalhão, pois não?", retorquiu.

"De que peças de arte está o senhor general a falar?"

O antigo comandante dos hussardos ficou momentaneamente pensativo,

como se examinasse o seu interlocutor.

O general Khan considerava-se um

excelente avaliador de homens,

pelo que levou apenas um instante a convencer-se de que valia a

pena correr o risco.

Quando tomou a decisão, espreitou em volta, para se certificar de

que não havia ouvidos indiscretos por perto, e, adoptando uma

expressão conspirativa, arrastou a cadeira para se aproximar de

Kaloust e inclinou-se para ele como se lhe quisesse segredar ao

ouvido.

"Estou a falar dos maiores tesouros da Rússia", sussurrou no tom de

quem partilha um segredo.

"Tenho contactos que permitem intermediar compras fantásticas.

"

"Sim, mas compras de quê?"

Novo olhar desconfiado do oficial imperial em seu redor.

Ninguém no Balalaika, porém, parecia prestar-lhes a menor

atenção.

Um grupo de bailarinas saltitava no palco do cabaret e os clientes

quase as devoravam com o olhar.

A menos que Kaloust fosse indiscreto, coisa que não parecia ser, o

segredo manter-se-ia seguro.

Como se ganhasse coragem, o general Khan suspirou e soprou enfim a informação.

"Do espólio do Hermitage.

"

283

284

II

O museu de Petrogrado, a antiga Sampetersburgo, tornou-se uma

obsessão para Kaloust.

O nome da célebre instituição russa martelava-lhe na cabeça sem

cessar desde que escutara as palavras do general Khan, como se nada

mais interessasse na vida que os tesouros guardados no Hermitage.

O assunto levou-o a procurar de novo o conselho do maior entendido

em arte do seu tempo, o seu amigo curador da National Gallery.

"O Hermitage?", questionou-o Kaloust

com a perplexidade estampada na face.

"Acha mesmo que será possível adquirir peças do Hermitage?"

Sir Kenneth Bark era um frequentador habitual das festas londrinas

no número 38 de Hyde Park Gardens e foi na primeira oportunidade

que o arménio o arrastou para o seu escritório com o intuito de o

ouvir sobre o assunto.

Havia já alguns anos que o curador da National Gallery se tornara o

conselheiro da sua colecção de arte,

guiando Kaloust pelos meandros complexos dos meios artísticos, pelo que lhe

pareceu imprescindível consultá-lo sobre a grande questão do

momento.

"Não sei se uma coisa dessas será possível", retorquiu o *connaisseur* inglês, acomodando-se na *chaise longue* junto à janela.

"Mas se for..., que golpada!"

A ferver de entusiasmo, Kaloust foi preparar um whisky de malte que

sabia ser do agrado do seu conselheiro.

"Deve

haver

aqui

algum

truque",

alvitrou

com

mal

contido

entusiasmo, de costas para o visitante enquanto enchia o copo.

"Os bolcheviques não podem ser loucos ao ponto de se desfazerem dos

tesouros do Hermitage!"

Sir Kenneth encolheu os ombros.

"Sabe, essa gente vê a arte de uma forma diferente.

"

A bebida já preparada, o anfitrião aproximou-se do convidado,

estendeu-lhe o whisky e instalou-se no seu sofá.

"Oh, que parvoíce! Como se pode ter uma visão diferente da arte?"

"Bem... nem todos a encaram da mesma maneira.

"

"Ora! A arte é a arte!"

Fazendo uma pausa deliberada, o curador da National Gallery provou

um trago de whisky e, ao pousar o copo na mesinha diante dele,

decidiu que chegara o momento de

desfazer as ilusões que o amigo

alimentava sobre essa questão.

"Acha que sim?", perguntou em tom retórico.

"Então diga-me: o que é a arte?"

"Foi o próprio Sir Kenneth que o explicou uma vez.

A arte é a forma que o homem encontrou para criar a beleza.

"

O inglês cruzou a perna.

"Essa definição está correcta", disse.

"com excepção da palavra beleza, claro.

A arte não serve necessariamente para criar a beleza.

"

A observação surpreendeu Kaloust.

286

"Que disparate é esse? Se não serve para criar a beleza, serve para

quê? Acaso é possível conceber a arte sem a beleza? As duas coisas

estão intrínsecamente associadas.

"

O visitante deitou a mão ao bolso interior do casaco e retirou um

pequeno rectângulo de papel; tratava-se de uma fotografia.

"Nos últimos tempos ando sempre com isto no bolso para não esquecer

as estranhas e invisíveis fronteiras do meu trabalho", disse, estendendo a imagem ao arménio.

"Ora dê uma espreitadela e diga-me o que é.

"

Kaloust pegou no cliché e, ao reconhecer o objecto fotografado,

esboçou um esgar enojado.

"Um

urinol?!",

exclamou,

devolvendo

de

imediatamente

o

pequeno

rectângulo como se ele pudesse estar conspurcado de urina.

"Para que anda o senhor com uma porcaria dessas no bolso?"

Sir Kenneth pegou na fotografia e ergueu-a ao nível dos olhos,

exibindo-a para enfatizar a sua importância.

"Isto chama-se La Fontaine", anunciou.

"Foi exposto numa galeria nova-iorquina por um tal R.

Mutt, que mais tarde veio a saber-se ser, nem mais nem menos, que

um pseudónimo do artista francês Mareei Duchamp.

" Forçou um sorriso.

"Ou seja, isto é uma obra de arte.

"

O arménio abriu a boca, atónito.

"O quê?"

"Duchamp pegou num urinol e, perto do final da guerra, apresentou-o

para exposição na Society for Independent Artist's Exhibition, em

Nova Iorque, como se fosse uma obra de arte.

Os responsáveis dessa exposição

recusaram-no, alegando não se

tratar de um verdadeiro trabalho artístico, mas logo a seguir
uma

revista criticou a decisão, alegando que o urinol era arte
porque o

artista assim o decidiu.

O curioso é que essa interpretação se tornou consensual.

287

La Fontaine foi imediatamente aceite enquanto objecto
artístico

numa importante galeria de Nova Iorque com a designação
Madonna

of the Bathroom.

"Acenou com a fotografia.

"Pode não acreditar, meu caro Sarkisian, mas este urinol é
mesmo

uma obra de arte.

"

Kaloust sacudiu a cabeça enfaticamente.

"Não, não!", exclamou.

"Uma coisa dessas não pode ser! Se um urinol é
transformado em

arte, então... então qualquer coisa é arte!

Um lavatório, uns rabiscos idiotas de uma criança, até um pedaço de esterco! Isso não

é possível!"

"O senhor tem de perceber que o conceito de arte mudou", argumentou

Sir Kenneth.

"Esta guerra foi demasiado terrível.

O pesadelo das trincheiras, as grandes matanças em Ypres e Verdun,

até o extermínio dos Arménios no Império Otomano, tudo isso pôs em

causa o conceito de beleza.

Os artistas começaram a achar que não faz sentido criar coisas

belas num mundo que permite horrores destes.

Foi por isso que a arte mudou.

Muitos artistas deixaram de procurar o belo, preferem criar o feio

porque o acham mais verdadeiro.

Depois desta guerra, meu caro amigo, nada voltará a ser como

dantes.

Nem a arte.

"

A perplexidade do arménio era total.

"Criar o feio? Mas que tolice vem a ser essa?! A arte implica criação de beleza!"

"Implicava", corrigiu o curador da National Gallery.

"Se for a ver bem, mais do que à criação da beleza, a arte dedica-se sobretudo a imitar o real.

Repare, a acreditar em Platão, Sócrates disse que a arte é mimesis,

ou imitação.

Encarava assim a arte como uma espécie de espelho da realidade.

Esta definição é mais verdadeira do que à primeira vista possa

parecer.

"

288

"Não vejo porquê.

Se tudo o que se quer é uma cópia exacta, basta uma fotografia das

coisas.

" Abanou a cabeça.

"Não, Sir Kenneth, a arte não é a imitação do real.

É antes a introdução de beleza na recriação
do real.

"

O visitante manteve a sua posição.

"Errado", insistiu.

"Sabe, a chave da interpretação da definição de Sócrates
foi-nos

dada por Shakespeare.

Em Hamlet o grande poeta explicou-nos que os espelhos
não se

limitam

a

reflectir

a

realidade,

mas

servem

sobretudo

de

instrumentos de revelação da realidade.

Quando Narciso se apaixonou por si mesmo no momento em que se viu

no reflexo de um rio, não sabia que a imagem reflectida pelas águas

era dele próprio.

Essa revelação surgiu a seguir.

Ou seja, a arte é um espelho no sentido em que nos revela a nós

próprios ou nos revela o mundo à nossa volta de uma maneira que o

olhar directo não consegue fazer.

"

Kaloust lançou um gesto na direcção da fotografia de La Fontaine

que bailava entre os dedos do seu interlocutor.

"E em que medida isso faz desse... dessa nojeira uma obra de arte?"

"A arte revela-nos o real", repetiu Sir

Kenneth.

"Ao fazer do urinol uma obra de arte, Duchamp revelou-nos a

fealdade do real.

O mundo que aceitou o matadouro desta guerra só pode ser feio, e

por isso só pode ser representado enquanto um lugar feio.

Nesse sentido, o urinol de Duchamp é uma metáfora do nosso mundo.

Ao contemplar o urinol, vemos algo de nós próprios reflectido nele,

algo horroroso e imundo e revoltante.

La Fontaine diz-nos que a realidade está ao

nível da urina.

"

O anfitrião remexeu-se no sofá, inquieto e incomodado com esta

forma nova de ver a arte.

"Oiça, Sir Kenneth, isso não pode ser uma obra de arte", replicou,

indicando de novo a fotografia do urinol.

"Se fosse,

289

o que distinguiria esse urinol de Duchamp de um urinol qualquer que

encontramos num quarto de banho

público? Eles são exactamente iguais!"

O curador da National Gallery arqueou as sobrancelhas.

"A intenção", proclamou.

"É isso o que separa a arte da realidade.

A intenção.

"

O arménio pestanejou, visivelmente confuso.

"Desculpe, não percebo.

"

"Um urinol num quarto de banho público não é uma obra de arte

porque a intenção de o expor não é artística.

Já o urinol de Duchamp é uma obra de arte porque está concebido

como veículo artístico, um objecto que exprime uma ideia.

Os dois urinóis são exactamente iguais, a diferença está na intenção da sua exposição.

Não se esqueça de que a revista argumentou que o urinol é arte porque o artista assim o decidiu.

É como se a arte se definisse enquanto arte e o assinalasse por

convenções que lhe são exteriores.

"

Kaloust arregalou os olhos, baralhado.

"Que convenções? Está a falar de quê?"

O curador da National Gallery manteve o olhar preso no seu interlocutor e percebeu que a sua mensagem ainda não tinha sido

entendida.

"Imagine, meu caro Sarkisian, que via um homem de gatas a ladrar

durante dez minutos.

O que pensaria dele?"

"Que era doido, claro.

Doido varrido.

"

"Se o homem estivesse num palco a ladrar durante uma peça em que

todos os personagens são actores a fazer de cães, acharia mesmo que

ele era doido?"

"Bem... claro que não.

Aí estaria a representar.

"

"Então qual a diferença entre um homem a ladrar na rua e um homem a

ladrar num palco? A intenção.

E como nos apercebemos de que as

intenções num caso e no outro são diferentes?

290

Pelo contexto, é evidente.

Ou seja, por convenções externas ao homem.

Neste caso, a convenção que nos indica estarmos perante uma obra de

arte e não perante o real é o palco.

"

"Está bem, isso é assim no teatro", contrapôs Kaloust.

"Mas uma coisa dessas não é válida nas outras formas de arte, como

é evidente.

"

"Acha que não?" Ergueu a fotografia de La Fontaine.

"Então o que é isto? Por que razão o urinol de Duchamp é um objecto

de arte e um urinol num quarto de banho público não? Por causa do

contexto, claro.

" Inclinou a cabeça e estreitou as pálpebras.

"E um homicídio? Acha que é uma obra de arte?"

"Um homicídio? Uma obra de arte? Que ideia tão disparatada!"

"Será mesmo?" Apontou para a janela.

"Se alguém matar à machadada uma pessoa ali em Hyde Park, isso é um crime hediondo.

Mas se a personagem principal de

Dostoiévski matar uma velhota à

machadada em Crime e Castigo, isso é

arte.

Qual a diferença entre os dois homicídios?

O contexto, mais uma

vez.

As convenções externas, como o palco onde o homem ladra,
a

exposição onde o urinol é colocado ou as páginas do romance onde é

descrito o homicídio da velhota, é que nos indicam que estamos

perante arte, não perante a realidade em si.

A arte é a imitação da realidade enquanto veículo de significação

que nos revela algo sobre a realidade.

O prazer que fruímos na arte radica em sabermos que aquela

representação não é o real, embora o possa imitar bem.

Na verdade, quanto melhor imitar a realidade, num sentido literal

ou figurado, melhor ainda é a arte.

Não preferimos um actor que pareça natural a um actor que soe

forçado? O que procuramos na arte é pois o simulacro, o 'faz de

conta que', a ilusão de que estamos perante o real embora saibamos

que não estamos.

"

"Mas não acha importante que essa ilusão implique uma estética, uma

qualquer espécie de beleza?"

"Eu acho, mas isso é a minha opinião pessoal.

O facto é que a beleza não é uma condição indispensável da arte.

A partir do momento em que Duchamp fez de um urinol um objecto

artístico, a arte deixou de se preocupar com a beleza.

"

"Oh, não diga isso!", protestou Kaloust.

"Está a generalizar a partir de um caso isolado.

"

"Engana-se.

Já ouviu falar de Picasso?"

"É um desses vanguardistas, não é?"

"Picasso é um artista que criou um movimento novo que se está a

designar cubismo.

A ideia é fazer uma arte que deixe de se preocupar com a mimesis da

realidade física e passe a concentrar-se na

mimesis do que está por detrás dessa realidade.

Por exemplo, Picasso fez um quadro sobre umas prostitutas, que

designou *Lês Demoiselles d'Avignon*, e desenhou o rosto de uma delas

todo deformado.

Isto porquê? Porque quis fazer a mimesis da sua alma, não da sua

face aparente.

A prostituta pode ser bela por fora, mas está podre por dentro.

"

"E então? Onde quer chegar com isso?"

"Não percebe? Esta ideia de retirar a beleza à arte está a espalhar-se pelos mais variados géneros artísticos.

Começou na escultura com Duchamp, mas a pintura apresenta-nos agora

quadros incompreensíveis, feios até, com as cores minimizadas e as

formas obscurecidas, o rosto de uma mulher bela transformado por

Picasso numa amálgama disforme.

Na música temos este Stravinsky que se pôs a compor obras

inestéticas, com pouca harmonia e fraca melodia, como *Lê Sacre du*

printemps, que é absolutamente

desagradável ao ouvido.

Nas letras, romancistas como estes novos autores, este Joyce e esta

Woolf, estão já a escrever obras ilegíveis, romances em que não há

intriga e nada se passa durante

292

páginas e páginas a não ser um arrazoado impenetrável de texto.

A ideia que orienta os artistas deixou de ser o belo e passou a ser

o horrível.

Estes criadores modernos dizem que querem libertar a arte dos

grilhões da estética e que a arte se define por não ter fronteiras

nem definição.

Se se acha que a beleza faz parte da arte, então destrua-se a

beleza! É arte tudo o que o artista quiser.

Tudo.

Mesmo um urinol.

"

Kaloust esboçou um esgar horrorizado.

"Onde vai isto parar, meu Deus? O que vai ser da arte?"

O curador da National Gallery suspirou e, recostando-se na chaise

longue, deixou descair os ombros.

"O horror da guerra destruiu a beleza na arte, meu caro Sarkisian.

Receio que terão de passar muitos anos para que os artistas se

voltem a preocupar com criar o que é belo.

"

Fez-se silêncio no escritório.

Kaloust sentia-se estarecido com o que acabara de escutar, ele que

desde a infância vivia para a estética e não concebia a vida sem a

beleza.

Para uma pessoa assim, não era fácil digerir estas novidades que

punham em causa tudo aquilo em que acreditava enquanto esteta e

amante do que era belo.

"Então o que faço com as obras do Hermitage?", acabou por perguntar, quase receando a resposta.

"Ignoro-as? Digo aos Russos que elas são belas e por isso não as

quero?"

O curador fitou-o com intensidade, como se quisesse ver Kaloust

para além dos seus olhos negros.

"Tudo depende do que desejar fazer da sua colecção", disse.

"Tenciona apostar em arte bela ou em arte moderna?"

"Se entende por arte moderna esse Picasso e essas correntes

modernas que cultivam o feio, não obrigado.

Prefiro a arte bela.

"

Sir Kenneth Bark apoiou as mãos nas

almofadas da chaise longue e ergueu-se devagar.

293

"Então conte comigo", disse com evidente satisfação.

"Ajudá-lo-ei a identificar as peças mais belas da colecção do Hermitage.

"

A luz trémula das velas e as notas melodiosas que deslizavam dos

dedos do pianista junto à janela criavam a atmosfera perfeita.

O luxo do restaurante do Hotel Ritz impressionava qualquer pessoa,

sabia Kaloust, mas nenhuma tanto quanto a mulher que se encontrava

diante dele.

Fitou-a, embevecido.

Tinha cabelos de ouro, o olhar doce dos anjos, um pescoço altivo e

pose de aristocrata.

Uma obra de arte em carne e osso.

Mergulhou os olhos negros nos verdes dela e suspirou.

Ou muito se enganava, ou tinha-se perdido de amores.

"Este hotel faz-me lembrar os palacetes de Sampetersburgo",

sussurrou Slava com melancolia.

"Como tenho saudades dessas grandes noites de gala..."

"Não há razão nenhuma para o esplendor não regressar à sua vida,

minha cara", argumentou o arménio, a voz enrouquecida de paixão.

"Comigo a seu lado, o mundo voltará a ser seu..."

A baronesa que Kaloust convidara para jantar fez beicinho.

"Oh, não diga isso!", repreendeu-o.

"O senhor tenta-me, mas o facto é que é casado.

"

"Também a Slava o é.

"

"Não por muito mais tempo", apressou-se ela a esclarecer.

"Mas duvido que o senhor se separe da sua mulher.

"

"Por si, faço tudo.

"

A russa soltou uma gargalhada discreta e

com um gesto distraído afastou os cabelos dourados.

"Ah, os homens...", exclamou, deixando a última sílaba prolongar-se.

"Prometem tudo mas não cumprem nada.

"

"Não acredita em mim?"

294

Ela lançou-lhe uma expressão de desafio, a luz a cintilar-lhe nos

olhos de gata.

"Separe-se primeiro dela e depois venha conversar comigo.

Acredito em actos, não em palavras.

"

"Oh, não seja assim! A relação que tenho com a minha mulher é muito

distante, creia-me.

Não foi um casamento de amor, mas de interesses.

Somos bons amigos, nada mais.

"

"Isso é o que todos os homens dizem às amantes quando não querem

largar as mulheres.

Já lhe expliquei que só acredito em actos.

Se me deseja deveras, separe-se da sua mulher.

"

"Fá-lo-ei!", prometeu ele com total convicção.

"Mas, bem vê, é um assunto delicado.

Leva tempo e tem de ser tratado com pinças.

"

A baronesa recostou-se no seu assento e percorreu o restaurante com

os olhos, fascinada com o luxo que a cercava.

A elegância clássica e o ambiente selecto e requintado do Ritz

estavam muito acima daquilo a que se habituara desde que fugira da

Rússia e viera viver para Paris.

"O senhor vive mesmo neste hotel?"

"Há anos.

" O olhar acendeu-se-lhe diante da oportunidade; ainda bem que na

semana anterior mandara embora a belle du jour.

"Quer... quer espreitar a minha suíte?"

Ela estreitou as pálpebras e fitou-o com uma expressão severa de

desagrado.

"Não seja inconveniente", repreendeu-o.

"Por quem me toma?"

Apanhado em falta e percebendo que tinha ido longe de mais, Kaloust

baixou a cabeça em penitência.

"Peço desculpa, a sua beleza deixa-me perdido e... e já nem sei o

que digo.

Perdoe-me.

"

Uma vez o pretendente disciplinado, o olhar de Slava voltou a

amaciar e a atenção dela regressou à decoração do restaurante.

295

"O senhor coleciona mesmo quadros?"

"É verdade, e não são apenas quadros.

A minha primeira colecção foi de

numismática.

Ainda a tenho.

Nasceu do primeiro negócio que fiz, quando era criança, com um

medjdeh otomano.

Mas disponho também de uma colecção de tapetes orientais e outra de

porcelanas da China.

Isso, claro, sem falar nas minhas colecções de cerâmicas do Médio

Oriente, de pratas, de móveis franceses setecentistas e de manuscritos antigos europeus e persas.

"

"Blin!", exclamou ela, impressionada.

"Tudo isso deve custar uma verdadeira fortuna..."

"Oh, nem imagina.

Felizmente os negócios correm-me bem e possuo amplos meios para

financiar esta minha paixão.

Sabe, os meus objectos de arte são os meus meninos.

Os meus enfants!"

"Já vi que tem colecções muito variadas.

De qual gosta mais?"

"De todas, claro.

Mas reconheço que a pintura e a escultura são as meninas dos meus

olhos.

Seja de que forma for, contudo, o que

verdadeiramente me apaixona na vida é a beleza e a harmonia.

"

A russa fingiu-se ofendida.

"Pensei que era eu..."

"Oh, mas com certeza!", apressou-se o arménio a rectificar.

"A arte precisa de quem lhe dê alma, senão é oca, não tem sentido.

Sendo a mais bela criação que Deus gerou na Terra, a baronesa seria

a alma da minha colecção.

"

Ela riu-se, exibindo uma fileira perfeita de dentes brancos.

"Já percebi, quer coleccionar-me.

"

"E porque não? Uma mulher bonita é, de certo modo, uma obra de arte

e a baronesa é a mais bela de todas.

Se se entregasse a mim, o meu trabalho seria o de a esculpir e de a

trabalhar, de cuidar de si, de a encher de diamantes e de vestidos,

de levá-la

296

a Monte Carlo e a Biarritz, de a tornar uma peça única, uma beleza

sem igual.

"

Slava inclinou-se sobre a mesa, os cabelos loiros a refulgirem em

contraluz, os lábios grossos a

entreabrirem-se com sensualidade.

"Hmm... já vi que a vida consigo seria interessante", murmurou num

miado carregado de promessas.

"Diga-me, o que é mais importante para si? As mulheres ou a arte?"

"A baronesa.

"

"Oh, vá lá.

Pelo que lhe ouvi no Balalaika, mais do que de mulheres o senhor

anda à procura de peças para aumentar essas suas colecções..."

"Está a referir-se ao Hermitage? Sim, é verdade.

Estou interessado no que o seu marido me disse.

Já tenho aliás na minha posse um relatório sobre as principais

obras do museu.

" Fez um ar pensativo.

"Devo dizer que acho incrível que os bolcheviques se queiram

desfazer dos maiores tesouros artísticos da Rússia.

É mesmo verdade?"

"Parece que sim.

"

"São loucos!", exclamou Kaloust.

"Doidos varridos!" Abanou a cabeça.

"E o seu marido? Representa de facto as autoridades soviéticas ou

aquilo era conversa?"

A russa encolheu os ombros.

"Sei lá", disse, bebericando o vinho.

"Para falar com franqueza, não me quero meter nesse assunto.

Qualquer negócio com os bolcheviques me deixa enojada.

Prefiro ignorar.

"

O jantar abeirava-se do fim e já haviam ingerido uma quantidade

apreciável de Château Margaux, o melhor vinho que a França

produzira nesse ano de colheita vintage.

Kaloust percebeu que tinha chegado o momento de fazer xeque-mate no

jogo da sedução.

Meteu a mão ao bolso e retirou uma pequena caixa embrulhada num

laço dourado.

"É para si..."

Slava arregalou os olhos numa expressão de surpresa e, com risinhos

de expectativa, desfez o embrulho e ficou com uma caixa da Cartier

nas mãos.

Abriu-a prontamente, revelando um anel ornado por uma pedra

preciosa incrivelmente brilhante.

"Meu Deus!", exclamou com um gritinho.

"Um diamante!"

"Para si só o melhor.

"

Levantando-se com um salto excitado, a baronesa contornou a mesa e

abraçou Kaloust.

"Oh, meu pequerrucho, meu Kaloustik!", disse, beijando-o na testa.

"Moi dorogoi! És o mais querido dos queridos, uma coisa verdadeiramente fofa, uma doçura de homem! Spassiba, spassiba!"

Quando ela o largou, o arménio tinha a testa esborratada de

encarnado e as faces tão coradas quanto a cor do batom dela.

"Decerto mereço uma recompensa..."

Depois de lhe dar um último beijo, este na ponta do nariz, a russa

regressou ao seu lugar e, já com o diamante a cintilar-lhe no dedo

delgado, atirou-lhe um sorriso a lembrar-lhe as regras do jogo.

"Só se te separares da tua mulher, meu querido Kaloustikezinho..."

298

III

O ambiente quente e acolhedor no

Pharamond, recortado pelas sombras fugidias e pelo halo amarelado dos candeeiros à meia-luz, pareceu

abraçá-lo quando entrou com o guarda-chuva molhado.

Um aroma a guisado e a cogumelos fritos flutuava no ar por entre um

murmúrio suave de conversas que se cruzavam em voz tranquila.

Depois de um curto passeio à chuva por Lês Halles, Kaloust abrigou-

se com alívio no restaurante onde marcara o jantar.

Entregou a gabardina ao empregado e esquadrinhou as mesas com o

olhar até reconhecer o homem que, ao canto, se levantou e lhe

estendeu a mão para o cumprimentar.

"Grandes mudanças no negócio do petróleo, hem?", observou Emanuel Nobel quando se sentaram ambos.

"É impressionante como a guerra mudou tudo.

"

Olhando para o seu interlocutor, o arménio

não pôde deixar de ficar impressionado com as mudanças que nele se haviam operado desde que

o conhecera em Baku, muitos

299

anos antes.

A face longa e a testa alta eram as mesmas, mas a barba e o cabelo

tinham-se tornado grisalhos e a pele perdera frescura.

Será que também ele, Kaloust, envelhecera dessa forma? Não que

Emanuel parecesse abatido; não o estava.

Na verdade, continuava vigoroso e dinâmico, o olhar inteligente e

vivo, o sorriso encantador.

Mas a passagem do tempo deixara-lhe marcas indeléveis no rosto e

fragilizara-lhe o corpo.

O arménio não pôde deixar de perguntar a si mesmo se o sueco também

acharia que o homem que se encontrava diante dele envelhecera.

Sem dúvida que sim, embora no seu interior Kaloust achasse que

permanecia exactamente a mesma pessoa.

"Na vida", observou ele com uma pitada

de melancolia, "tudo muda, meu caro Nobel.

"

"É verdade, e nem sempre para pior", assentiu Emanuel.

"É aliás o seu caso.

Devo, de resto, tirar-lhe o chapéu.

A forma como o senhor reabilitou a Turkish Petroleum company depois

da guerra foi verdadeiramente notável.

Notável, digo-lhe eu!" Ajeitou o guardanapo no regaço e inclinou-se para o seu interlocutor.

"Como o fez?"

Kaloust baixou os olhos, simulando modéstia.

"Oh, não foi nada de especial.

Tratou-se meramente de acomodar os interesses das várias partes e

de fazer ver a todos que é melhor cooperarmos do que destruirmo-nos mutuamente.

Isso conseguiu-se graças a um exercício de arquitectura artística

da minha parte, de modo a conciliar as petrolíferas e pô-las a

trabalhar no mesmo sentido.

Coisa simples, como vê.

"

Esta última observação foi expressa com ironia e arrancou uma

gargalhada bem-disposta a Emanuel.

"Uma coisa dessas é tudo menos simples", exclamou.

"O senhor conseguiu meter a França na Turkish, à custa das

300

acções alemãs, e também o conglomerado americano, à custa das

acções da Anglo-Persian.

Esteve por trás do Tratado de São Remo, que fez a divisão dos

interesses petrolíferos mundiais no pós-guerra.

Como se isso não bastasse, manteve intacta a sua fatia de cinco por

cento e, a cereja em cima do bolo, logrou impor a todos esses

tubarões a cláusula de cooperação e partilha de descobertas

petrolíferas.

É obra!"

"Bem, não foi assim nada de tão extraordinário", insistiu o anfitrião.

"Além do mais, essa cláusula limita-se a defender os interesses de

toda a gente, não é verdade?"

"Não

é

algo

de

extraordinário?",

exclamou

o

sueco,

quase

escandalizado.

"Não se faça modesto, meu caro! O senhor sabe tão bem como eu que a

última coisa em que as petrolíferas pensam é em cooperar com as

concorrentes! Todas querem destruir as outras e vivem obcecadas com

esse objectivo.

Conseguir fazê-las subscrever uma cláusula de cooperação que as

obriga a partilhar com as restantes qualquer descoberta que façam

no território otomano é uma proeza que só

quem anda neste meio é capaz de compreender!"

"Já não é território otomano", corrigiu Kaloust.

"Agora aquilo chama-se Turquia.

"

"O que quer que seja.

Mas o que interessa é verdadeiramente a Mesopotâmia, não é

verdade?"

"Continua desactualizado, meu caro Nobel.

A Mesopotâmia também mudou de nome.

Agora é Iraque e acabou de se tornar independente.

"

Emanuel Nobel encolheu os ombros.

"Eu sei, mas ainda não me habituei aos novos nomes, o que quer que

lhe faça?" Ajeitou o guardanapo no regaço.

"De qualquer modo, vocês estão perante um problema incómodo, não

lhe parece? A Turkish Petroleum Company tem

301

uma concessão petrolífera sobre o território da Turquia ou sobre o

território da Mesop... uh... do Iraque?"

"A concessão que conseguimos do grão-vizir em 1914 é sobre todo o

território que pertenceu ao Império Otomano", esclareceu Kaloust.

"É evidente que, com a guerra, tudo mudou.

Mas a concessão é a mesma.

Como ela se refere ao antigo território otomano,
forçosamente

inclui a Turquia... e o Iraque, claro.

" Baixou a voz.

"De resto, supomos que, a existir, o essencial do petróleo se
encontre na antiga Mesopotâmia, pelo que nada faria
sentido se a

concessão não contemplasse o Iraque.

"

"Pois, mas é preciso que o novo governo do Iraque esteja de
acordo.

Os Iraquianos confirmaram essa

concessão?"

Passando os dedos pelo bigode aparado com cuidado
meticuloso,

Kaloust balançou a cabeça com suavidade.

"Acabaram de o fazer.

" Soergueu uma sobrancelha.

"Mas só depois de eu ter mandado entregar quarenta mil
libras

esterlinas ao rei Faisal, claro.

"

Nobel não ficou chocado.

Conhecia demasiado bem como se formavam os processos de decisão para ficar surpreendido.

"Ah, bom", anuiu com um sorriso entendedor.

"Então só falta descobrir o petróleo, não é?"

Os dois homens ficaram mais algum tempo a discutir as mudanças

operadas no mundo do petróleo, e em particular as consequências da

revolução bolchevique, da desintegração do Império Otomano após a

Grande Guerra e do posicionamento dos Franceses e dos Americanos na

Turkish Petroleum Company, onde já se encontravam Kaloust, a AngloPersian e a Royal Dutch Shell.

Era um tema que os apaixonava a ambos, mas foi na altura em que

chegaram à sobremesa que o arménio levantou a verdadeira questão

que o levava a convidar o magnata sueco

para jantar.

302

"Noutro dia cruzei-me com um tipo que se apresentou como sendo o

general Khan, comandante de um

regimento de hussardos no tempo do czar", disse.

"Sabe quem é?"

Emanuel sorriu.

"O general Khan? Então não sei? Era famoso por causa da mulher, uma

tal... Ai, como se chama ela?"

"Slava.

"

"Essa mesmo, a Slava!", exclamou com uma expressão levemente

sonhadora, o olhar de repente desfocado pela nostalgia.

"Caramba, que mulherão! Se

percorrêssemos as estepes de uma ponta à outra, não encontraríamos animal mais sensual do que aquele.

Chamávamos-lhe A Dinamite, tão

explosiva era aquela rapariga.

Onde ela entrasse... todos os homens se viravam para a ver.
Provocou muitos suspiros de desejo, essa
Slava.

" Voltou a concentrar a atenção no seu interlocutor.

"Conheceu-a também?"

"Conheci-a, pois.

Está cá em Paris.

"

"A sério?"

"Ela e o marido.

"

"E continua bela?"

"Uma princesa", confirmou Kaloust com
um brilho nos olhos.

"Mas fale-me sobre ele.

Quem é esse tipo?"

"Toda a gente na Rússia conhecia o general Khan à custa da
mulher.

Parece que o general é oriundo de uma família com sangue
real na

Pérsia.

Conta-se que o general ficou embeijado quando a conheceu em

Volgogrado e derreteu rios de rublos com ela.

" Esboçou um esgar trocista.

"Foi o que bastou para a moça se apaixonar.

O facto é que, passados uns tempos, apareceram os dois casados.

"

O arménio pegou no seu garfo e começou a brincar com ele enquanto

ponderava a informação que acabara de 303

receber.

Já no Balalaika intuía que Slava gostava do grande luxo e isso, em

boa verdade, convinha-lhe; o que não lhe agradava era o tom

zombeteiro do seu interlocutor.

Decidiu por isso mudar o tema da conversa para o que realmente ali

o levaria.

"Acha possível que o general Khan, sendo uma figura do regime do

czar, faça negócios com os bolcheviques?"

Emanuel Nobel sorriu.

"O general Khan sempre foi um homem habilidoso e pragmático",

disse.

"O sangue persa de negociador de bazar está-lhe no sangue, não há

nada a fazer.

Uma coisa dessas não me admiraria nada.

" Carregou a sobrancelha, como se tivesse acabado de se lembrar de

alguma coisa.

"Aliás, ouvi dizer que os bolcheviques mantinham contactos com

alguns eLivross do antigo regime para negócios de interesse mútuo.

" Fitou inquisitivamente o seu interlocutor.

"Porquê? O general propôs-lhe algum negócio?"

A pergunta fez o anfitrião vacilar.

O que deveria revelar? Por um lado, tinha por hábito manter estes

assuntos numa área restrita, mas na verdade o negócio em questão

não envolvia matérias de interesse para o magnata sueco.

"Sim, propôs-me um negócio de arte e antiguidades em que ele se diz

intermediário dos bolcheviques", acabou por admitir, embora sem

entrar em pormenores.

"Preciso de saber se isso é verdade ou se estou a lidar com um

burlão.

"

"O general Khan é um indivíduo ambicioso e tem desígnios sobre o trono da Pérsia.

Se fosse a si tratava-o sempre com o maior respeito, nunca se sabe

onde poderá chegar.

"

"Sim, mas representa os bolcheviques?"

Emanuel recostou-se na cadeira e reflectiu por um momento.

Depois meteu a mão ao bolso interior do fraque e retirou um pequeno

caderno com endereços.

"O tipo que representa os interesses soviéticos em Paris chama-se

Sergei Ivanov", disse, apontando para umas linhas rabiscadas no

interior do caderninho.

"É o representante em Paris do Antikvariat, o organismo russo que compra e vende antiguidades.

Está aqui a morada.

Sugiro-lhe que vá falar com ele e esclareça o assunto.

"

O contacto indicado por Emanuel Nobel era um homem novo, de olhar

fixo, quase fanático, que mediu Kaloust com uma expressão

reprovadora, claramente desagradado com o elegante corte Savile Row

do fato príncipe de Gales do arménio.

Encontraram-se num café dos Champs Elisées e Ivanov limitou-se a

pedir uma água.

"Um verdadeiro socialista cultiva a frugalidade", sentenciou,

lançando um olhar de censura para a tisana

e o croissant

encomendados pelo seu interlocutor.

"O luxo não passa de um escarro que o grande capital lança na face

do proletariado!"

A

observação

fez

Kaloust

soerguer

o

sobrolho,

mas

optou

prudently por não tecer comentários; era um bom negociador e

sabia que não devia contrariar a outra parte.

Além do mais, a observação do russo permitia lê-lo melhor.

A pose e as palavras mostravam-lhe um socialista agressivo e

intolerante, situação que podia explorar em seu favor.

"A revolução custa dinheiro", disse sibilinamente, apadrinhando com

astúcia a terminologia dos bolcheviques.

"Consta que o vosso politburo admite usar a arte burguesa para

ajudar a financiar a luta do proletariado.

" Cravou a atenção no russo.

"Estarei porventura mal informado?"

Ivanov lançou um olhar pouco à vontade em redor do café e suspirou.

305

"Infelizmente não", admitiu com uma amargura que depressa se tornou

venenosa.

"Estamos conscientes de que os abutres

capitalistas andam de olho nas nossas riquezas.

A arte burguesa é uma delas.

Gostaríamos de a manter na nossa posse, claro, quanto mais não seja

para não dar aos imperialistas a satisfação de se apropriarem do

que é nosso, mas temos de encarar as coisas como elas são.

O operariado e o campesinato estão exangues, sugados da sua riqueza

por anos de incúria e vitimados pela exploração mais desavergonhada

e impiedosa do czar e dos seus esbirros,

pelo que alguns sacrifícios são, receio bem, inevitáveis.

No esforço titânico de satisfazer as necessidades mais urgentes do

proletariado, de consolidar as justas conquistas da revolução de

Outubro e de prosseguir a luta contra as forças reaccionárias e

imperialistas da tirania, o nosso povo está disposto a tudo.

"

O russo calou-se, como se fosse

fisicamente doloroso levar o

raciocínio até ao fim.

Kaloust percebeu que a expressão "abutres capitalistas" se tratava

de uma referência indirecta a ele próprio, mas optou por ignorar o

insulto.

O mais importante era certificar-se de que as portas estavam

abertas para o negócio e mantê-las assim.

"Quer o senhor dizer que... que as obras artísticas da Rússia estão

de facto no mercado?"

O arménio suspendeu a respiração na expectativa da resposta e viu

os olhos de Ivanov desviarem-se para os

lados, reflectindo o incómodo que o tema lhe suscitava.

"Esse assunto não é daqueles sobre os quais me posso pronunciar.

"

A declaração desencadeou um tumulto no peito de Kaloust.

O mais interessante na afirmação que acabara de ouvir era que ela

não negava a pergunta.

Tratava-se de uma simples esquiva e, enquanto tal, constituía de

certo modo uma

306

confirmação.

Por incrível que parecesse, as grandes obras dos museus russos

encontravam-se realmente à venda.

Apesar da ansiedade que dele se apossou, Kaloust manteve o

semblante fechado, como um jogador de póquer a esconder o jogo no

momento mais decisivo.

"E quem o pode fazer?"

O russo esboçou um gesto vago no ar.

"Temos pessoas que lidam com esses assuntos", limitou-se a dizer.

"Digamos que foram criados canais próprios.

"

Fez-se um breve silêncio à mesa.

Kaloust aguardou que Ivanov dissesse mais alguma coisa, mas o russo

selou os lábios e o arménio percebeu que teria de ser ele a explorar o terreno.

"O general Khan é um desses canais?"

Ivanov fitou-o e, com evidente embaraço, fez com a cabeça um

movimento ligeiro de assentimento.

"Encarregámos os nossos intermediários, lacaios do antigo regime

com ligações ao grande capital, de organizarem uma sessão especial

de venda", esclareceu, pronunciando as expressões "antigo regime" e

"grande capital" como se cuspisse.

"Um leilão internacional.

"

O visitante abriu a boca de estupefacção.

"Um... um leilão?!"

O russo parecia embaraçado e voltou a desviar o olhar.

"São ordens de Moscovo.

"

"Mas... mas isso é uma loucura! O senhor já viu a imagem que o

regime bolchevique vai dar de si mesmo?

Já estou a imaginar os

títulos dos jornais ocidentais.

" Fez um gesto no ar, como se tivesse diante dele o The Times ou o

Lê Figaro.

"'Cultura russa a saque!' Ou: 'Bolcheviques põem tesouros nacionais

à venda!' Ou: 'Comunistas vendem alma da Rússia ao capitalismo!'"

Voltou a encarar o seu interlocutor.

"E se ainda por cima um milionário americano vos

307

compra as melhores peças e se põe a expô-

las por toda a parte,

dizendo que as salvou das garras dos bolcheviques? Está a ver o

ridículo?"

Ivanov manteve o olhar baixo, como se o peso daquelas manchetes

imaginárias o vergasse de vergonha.

"Eu sei, eu sei! É terrível! Mas... o que podemos fazer? Precisamos

de fundos para recuperar o nosso país e salvar as justas conquistas

da revolução! Há que fazer sacrifícios!

Que alternativas temos

nós?"

A questão parecia dilacerar o russo, dividido entre a necessidade

de obedecer às ordens superiores e o embaraço de organizar a

alienação do património artístico do país.

Kaloust apercebeu-se de que o mesmo dilema dividia decerto os

próprios governantes que haviam dado tal ordem, também eles

conscientes da imagem que iriam dar de si mesmos quando o leilão

fosse publicitado.

A percepção das várias vertentes do problema deu-lhe de repente uma

ideia.

Arregalou os olhos como se os acendesse, encandeado pela fantástica

oportunidade que se delineava na sua mente.

"O primeiro conselho que tenho a dar-vos é que não vendam os vossos

tesouros artísticos", recomendou.

"A arte é a alma de um povo e se a venderem é como se tivessem

vendido a vossa alma.

Não façam isso.

"

"Os tempos são de sacrifícios, receio bem..."

"Se assim é, recomendo-vos que ponham no leilão apenas peças

secundárias", sugeriu numa voz baixa mas tensa, mal contendo a

excitação.

"Assim não atrairão tanta publicidade.

"

A sugestão extraiu um esgar de estranheza a Ivanov.

"Peças secundárias? Mas essas valem pouco!"

Kaloust fitou-o com intensidade, deixando entender que o segredo da

sua proposta residia no pormenor seguinte.

308

"Vendam-me directamente as melhores obras de arte", acrescentou, desferindo assim a estocada.

"Ninguém saberá de nada.

Não haverá notícias de jornais nem manchetes
embaraçosas nem nada

que se pareça.

Nenhum milionário americano se rirá de vocês e a honra da
revolução

bolchevique ficará salvaguardada.

" Arqueou as espessas sobrancelhas.

"Que lhe parece?"

O

cenário

traçado

pelo

arménio

pareceu

interessar

o

seu

interlocutor, cujo semblante se iluminou.

"Vender-lhe a si?"

"Sim, ninguém saberia de nada.

Uma simples transacção directa.

Uma coisa discreta, longe do olhar público.

" Inclinou-se para a frente.

"Que acha da ideia? Não é perfeita?"

A agressividade e a acidez do russo evaporaram-se por completo,

substituídas por uma excitação pensativa enquanto ponderava as

inesperadas possibilidades que a proposta abria.

"Terei de consultar Moscovo, claro", disse pausadamente, como se

raciocinasse no intervalo de cada duas palavras.

"De qualquer modo, nunca poderei ser eu, ou qualquer elemento

ligado à revolução, a lidar directamente com o assunto.

Para isso temos o general Kh... perdão, os canais adequados para a

transacção.

"

"Quer dizer que... que a minha sugestão tem pernas para andar?"

Um sorriso sibilino perpassou no olhar azul de Sergei Ivanov.

Em vez de responder, todavia, desviou a atenção para o croissant

que Kaloust mantinha intocado no prato e, passando a língua pelos

lábios, abriu as mãos em rendição aos doces prazeres cultivados

pela burguesia exploradora da classe proletária.

"Afinal sempre era capaz de comer um desses..."

309

310

IV

O pequeno hotel junto à Gare d'Austerlitz tinha um aspecto miserável.

Sombrio, sujo, decadente, a madeira gasta, os tapetes roçados, os

candelabros a funcionarem à meia-luz.

Kaloust espreitou com nojo as nódoas que conspurcavam o soalho e

perguntou a si mesmo se não deveria dar meia-volta e escapar-se

dali.

Que espelunca! Seria possível fazer um negócio de tal dimensão num

pardieiro daqueles? Duvidou por

momentos, mas depressa se lembrou que Ivanov havia certificado os poderes do intermediário e obrigou-se a seguir em frente.

O corredor do segundo andar cheirava a

bafo, pelo que susteve a respiração e aligeirou o passo.

Caminhou até meio do corredor e parou na porta 7, o último algarismo já descaído, transformado em L.

Deu dois toques apressados e sentiu movimento do outro lado.

A porta abriu-se e deparou-se com o general Khan em ceroulas e

camisola interior, a barba por fazer e o cabelo desgrenhado, tufos

peludos a

311

espreitarem por baixo das bordas da camisa esburacada, os pêlos do

peito em cima e os da barriga em baixo.

O arménio vacilou, desconcertado com a maneira desconchavada como o

seu interlocutor se apresentara diante dele.

"Quer que venha noutra altura?"

O general ajeitou a camisola interior e puxou as ceroulas para

esconder a barriga, recuando um passo de modo a deixá-lo passar.

"Não, não! Entre, faça o favor.

"

Kaloust voltou a hesitar, aterrado com o aspecto decadente de tudo

o que o rodeava, mas obedeceu e penetrou no quarto.

O soalho rangia a cada passo e o

compartimento exalava o fedor

ácido do tabaco barato misturado com transpiração.

A mobília era de madeira rústica de baixa qualidade, havia pedaços

de comida e garrafas vazias por toda a parte e a cama estava por

fazer, os lençóis revoltos com as extremidades a desmaiarem para o

chão.

Seria possível que Slava também vivesse ali?

"Se quiser falamos mais logo", voltou a sugerir o visitante, incomodado com a desarrumação e a sujidade.

"Ou então vamos para outro sítio.

Vi lá em baixo uma confeitaria que..."

"Aqui está bem", atalhou o antigo comandante dos hussardos com uma

expressão de mal disfarçada tristeza.

"Dadas as sensibilidades dos meus mandatários, penso que seria

aconselhável tratarmos deste assunto num local discreto.

Eu sei que o meu quarto não se encontra nas melhores condições e eu

próprio não estou em forma... são, enfim, uns problemazitos na

minha vida, mas de qualquer modo parece-me aconselhável mantermo-

nos abrigados de olhares indiscretos.

"

Perscrutando o quarto com repugnância, o único sinal que o visitante notou da vistosa mulher do seu interlocutor foi um soutien negro pendurado na maçaneta da janela.

312

A visão arrancou-lhe um suspiro de desejo.

Ah, quando Slava fosse sua oferecer-lhe-ia soutiens de ouro!

Respirou fundo e varreu a sua apaixonada da mente.

Tinha de se concentrar no negócio!

Estudando de novo o espaço,

percebeu que por toda a parte reinava uma desarrumação masculina.

Esgueirando-se pelo quarto para evitar tocar em qualquer coisa que

o enojasse, acabou por se instalar numa cadeira ao lado da janela,

mesmo junto ao soutien abandonado, enquanto o general Khan se

acomodava na borda da cama desfeita.

"Como queira", disse Kaloust com um misto de resignação e impaciência.

"Penso que é melhor irmos direitos ao assunto.

Vim aqui na sequência da nossa conversa no Balalaika e depois de

ter recebido confirmação das autoridades bolcheviques, e em

particular do representante do Antikvariat, de que era consigo que

deveria tratar das obras de arte em causa.

" Pigarreou.

"Gostaria, claro, de perceber primeiro do que estamos exatamente a

falar..."

"Como lhe disse, são os tesouros do Hermitage.

"

"Sim, mas que tesouros? Como sabe, o Hermitage é enorme e..."

O anfitrião inclinou-se na borda da cama, como se quisesse partilhar um grande segredo.

"O melhor", soprou.

"La creme de la creme.

"

O arménio hesitou.

"O melhor, o quê?"

O general Khan soltou uma gargalhada sem humor.

"A Santa Rússia está a saque, meu caro Sarkisian!", exclamou.

"Os bolcheviques não têm dinheiro e ninguém confia neles nem lhes

empresta nada.

Os tipos andam de tal modo aflitos que decidiram pôr à venda a arte

que encontraram nos palácios do czar, nas mansões dos nobres e até

nas catedrais.

No meio disto tudo estão os tesouros dos nossos museus,

313

incluindo o Hermitage.

" Abanou a cabeça reprovadamente.

"É uma desgraça! Uma desgraça!"

O arménio afagou a barba.

"Estou a ver", disse.

"E qual é afinal o seu papel no meio disto tudo? Não que me diga

respeito, claro, mas no fim de contas o senhor era um oficial do

czar e aparece aqui como a fachada dos bolcheviques.

Há-de concordar que... enfim..."

O general suspirou pesadamente.

"É a vida!", desabafou com resignação.

Fez um gesto enérgico a indicar o espaço em redor.

"Olhe para isto, olhe onde vim parar! Eu, que frequentei a corte do

czar e os mais belos palácios de

Sampetersburgo, de Moscovo e do Cáucaso! Eu, que comandeí um regimento de hussardos contra os

Otomanos! Eu, em cujas veias corre o nobre sangue real da Pérsia!

Veja onde estou agora! Numa espelunca miserável no meio de um

bairro operário de Paris!" Baixou os ombros em desânimo.

"Que posso fazer senão viver com o que me dão? Se os bolcheviques

me pedem que seja intermediário num negócio e me oferecem uma

comissão de mil francos por cada venda, o

que acha que devo fazer?

Armar-me em grande senhor, recusar a proposta e continuar nesta

miséria? Era bonito, não era? Um grande gesto, sem dúvida.

Mas a vida não é assim.

Oiça, tenho contas para pagar e uma mulher para sustentar.

" Baixou os olhos e a voz, como se perdesse energia.

"A minha Slava não é uma mulher qualquer, como já deve ter

reparado.

Ela está habituada, exige mesmo, um certo

padrão de vida e, como as coisas andam, não sei se aguentará esta..."

"com certeza", cortou Kaloust, sem vontade de deambular pelos

podres da vida do seu interlocutor e desejoso de redireccionar a

conversa para o que considerava realmente importante.

"Mas vamos ao que interessa.

" Afinou a voz.

"O

314

senhor Ivanov fez-me chegar um recado a

dizer que Moscovo tinha dado novas instruções e que me deveria dirigir aos canais

apropriados.

" Simulou um sorriso.

"Segundo me foi dado a entender, o senhor é de facto um canal

apropriado.

"

Recuperando o vigor, o general Khan fez uma careta.

"Estes bolcheviques são ridículos!", exclamou.

"Precisam do dinheiro, mas têm vergonha de o arranjar.

O que fazem então? Procuram

intermediários.

Põem os outros a fazer o trabalho sujo e acham que assim se mantêm

puros e impolutos, como se o cérebro nada tivesse a ver com o que a

mão faz.

" Abanou a cabeça.

"Que idiotas!"

"Como deve calcular, não estou em posição de classificar os procedimentos das pessoas com quem

quero fazer negócio..."

"Bem sei, bem sei!", assentiu o antigo comandante dos hussardos.

"Isto sou apenas eu a desabafar!" Mudou subitamente de tom.

"Mas tem razão, caro Sarkisian.

Vamos é ao que interessa.

"

"Isso.

"

O general Khan respirou fundo, como se ganhasse balanço para a negociação.

"Moscovo deu-me ordens no sentido de tratar directamente consigo da venda das peças mais importantes do Hermitage", anunciou.

"O que lhe interessa adquirir?"

Nas semanas anteriores, Kaloust estudara com grande cuidado e

minúcia o espólio do grande museu de Petrogrado, sobretudo com base

nos conselhos informados de Sir Kenneth Bark, mas também de outros

peritos que já haviam feito avaliações no Hermitage e que conheciam

tudo o que lá se encontrava.

O arménio tinha todavia plena consciência de que deveria proceder

com enorme cautela, não podendo mostrar demasiado interesse em

qualquer peça em particular,

315

sob pena de inflacionar os preços.

Estava por isso fora de questão ser ele a dar o primeiro passo.

"Oh, não sei", retorquiu com fingida despreocupação.

"O que tem para mim? Alguma coisa de especial?"

O eLivros riu-se sem vontade.

"Tudo o que existe no catálogo é especial.

"

"Dê-me um exemplo.

"

O anfitrião inclinou-se da borda da cama e abriu uma gaveta da

mesa-de-cabeceira, de onde tirou um papel timbrado a vermelho com a

foice e o martelo, a cor e os símbolos da União Soviética.

Pousou o papel sobre a cama e passou os olhos sobre o seu conteúdo.

"Olhe, Houdon", disse.

Levantou a atenção para o seu visitante.

"Conhece?"

O nome quase deixou Kaloust sem
respiração.

Quantas vezes nos últimos tempos Sir Kenneth Bark não lhe
havia

falado de Houdon? Era a jóia do

Hermitage.

Houdon fora um artista protegido de Catarina, a Grande.

Devido a uma procura inusitada, as suas obras em estilo
rococó

havam-se valorizado imenso desde o final da guerra e
valiam no

mercado umas cinquenta mil libras.

Sir Kenneth era de opinião que elas não parariam de se
valorizar.

O arménio contraiu o canto dos lábios e assumiu um
semblante

pensativo.

"Tenho ideia de já ter ouvido falar..."

"Há uma escultura dele, chamada Diana, que faz parte do
pacote do

Hermitage.

Está interessado?"

Interessado? Diana, sabia Kaloust, era simplesmente o melhor

trabalho de Houdon, uma verdadeira obra-prima.

Mas não deu sinais de interesse.

Em vez disso, fez uma careta e fingiu-se superficialmente curioso.

"Quanto pedem por ele?"

316

"Um Houdon custa agora no mercado cinquenta mil libras..."

"Quanto?", explodiu o potencial comprador com ar escandalizado.

"Isso é uma loucura!"

"É o valor que o Hermitage atribui à Diana.

"

Kaloust fez um movimento enfático com a mão.

"Nem pensar! Isso é um assalto!" Pousou os olhos na lista, convidando-o a continuar.

"E que mais tem aí?"

O general consultou de novo o catálogo.

"Tenho uma baixela de prata de Germain, do século XVII.

Vale cem mil libras.

"

O visitante abanou vigorosamente a cabeça com uma expressão desaprovadora.

"Pfff! Que exagero de preço!"

"Temos ainda um toucador de Maria Antonieta.

Outras cem mil libras.

E um mobiliário francês do actor Talmar, quarenta mil libras.

"

"E pinturas?"

O general virou a página.

"A pintura está deste lado", indicou.

"O melhor que temos é um auto-retrato e o Palas Atena, ambos de

Rembrandt, e o Retrato de Hélène

Fourment, de Rubens.

Há ainda A Anunciação, de Bout, e as Árvores Caídas em Versalhes,

de Robert.

Os dois primeiros custam cinquenta mil libras, os outros dois são

vinte mil.

" Estendeu as folhas ao seu interlocutor.

"Veja lá se da lista consta mais alguma coisa de interesse para si.

"

com os dedos a tremerem perante a possibilidade de adquirir dois

Rembrandts e um Rubens, o coleccionador arménio pegou nas folhas e

estudou as obras aí catalogadas.

Como já conhecia de cor o catálogo do Hermitage, levou menos de

cinco minutos a digerir toda a informação e a devolver a lista ao

intermediário do negócio.

317

"De facto, as melhores peças são as que me indicou.

" O general Khan sorriu pela primeira vez

desde o início do encontro.

"Ah, está a ver? E então?" "O problema são os preços.

"

O antigo comandante dos hussardos pousou com vigor o dedo na faixa

direita da lista, onde estavam marcados os valores das obras.

"Estes preços são os do mercado.

"

"Talvez sim, mas numa situação de leilão.

E nós não estamos num leilão, pois não?

Uma venda discreta, longe dos olhares do mundo, implica preços mais moderados.

" O general sacudiu a cabeça.

"Não me venha com essa conversa", disse.

"Estas peças valem o que está aqui indicado.

Consulte qualquer perito e logo verá que este é o preço justo.

"

A resposta do intermediário levou Kaloust a recostar-se na sua

cadeira, subitamente confortável.

A negociação era o seu terreno de eleição, o compromisso a sua

arte.

Se conseguira juntar petrolíferas inimigas e pô-las a colaborar na

Turkish Petroleum Company, não seria capaz de passar a perna a uns

negociantes amadores como os

bolcheviques? Era o que mais faltava!

Ele, o homem que aprendera a arte do seu ofício na selva do bazar

de Constantinopla, contra uns palermas fanatizados que viviam em

Moscovo no mundo da fantasia? Os

bolcheviques não tinham hipótese!

Esfregou as mãos e enrodilhou os dedos enquanto ultimava o plano

que andava havia algum tempo a

congeminar.

Certos pormenores teriam de ser

trabalhados, claro, mas uma

determinada parte da conversa com o general Khan revelara-lhe a

chave que iria decidir os valores do negócio.

318

"O senhor general mencionou há pouco que recebe uma comissão por

estas transacções..."

Deixou a frase em suspenso, como se pedisse ao seu interlocutor que

a confirmasse e completasse.

"Mil francos por cada venda", esclareceu o intermediário num tom

desconfiado e até um tudo-nada agressivo, na defensiva por não ver

a pertinência da questão nem perceber onde queria o arménio chegar.

"Porquê? Isso incomoda-o?"

"De facto, incomoda.

"

"Ora essa!", irritou-se o general, levantando a voz.

"Porque se há-de incomodar? Estou a fazer o meu trabalho de uma

forma honesta e mereço ganhar a minha parte.

Ou acha que ando aqui a esforçar-me por caridade para com os

bolcheviques?" Revirou os olhos, agastado.

"Ele há cada uma!"

Kaloust

manteve

o

semblante

imobilizado

numa

expressão

inescrutável, esfíngica, como fazia sempre que as emoções se

apossavam das pessoas à sua volta.

A faceta de negociante dissimulado atingia nestes instantes a

expressão máxima.

"Incomoda-me só lhe darem mil francos por cada venda", murmurou com serenidade.

"Mil francos não passam de uma esmola.

Uma esmola, digo-lhe eu! O senhor general merece muito mais do que

isso.

Muito, muito mais!"

A declaração apanhou o general Khan de surpresa.

Onde julgara haver uma censura

encontrava afinal solidariedade.

Desconcertado,

o

intermediário

sentiu

de

repente

os

olhos

humedecerem e ficou surpreendido com a sua própria vulnerabilidade

emocional.

Tentou de imediato assumir o domínio das emoções, mas não

conseguiu.

A verdade é que as palavras do seu interlocutor o haviam tocado de

uma maneira estranha, comovendo-o para

além do que poderia imaginar.

"Eu... eu...", balbuciou, o queixo a tremer,

"enfim, tenho de me

sujeitar.

"Virou a cara para esconder a súbita 319

erupção emocional que lhe marejava os olhos.

"A vida está difícil, a minha mulher... tive de aceitar o pouco que

me deram e... e..."

O momento, percebeu o coleccionador

arménio, era perfeito para jogar a cartada decisiva.

Kaloust inclinou-se para a frente e assumiu uma postura protectora,

quase paternal.

"O senhor general merece muito mais do que isso", repetiu num tom

suave, a voz aveludada, quase doce.

"Para começar merece respeito.

E o respeito, quanto a mim, paga-se.

Quem lhe dá mil francos por peça está a desrespeitá-lo, a tratá-lo

como um servo, como se a dignidade se

comprasse.

Mas isso é algo que não permitirei.

" Endireitou-se e franziu o sobrolho, como se ponderasse um valor

justo.

"Dou-lhe... olhe, dou-lhe cinco mil libras.

"

O seu interlocutor, que tinha ainda a face voltada de lado para

ocultar a comoção, encarou-o prontamente com uma expressão

interrogativa.

"Perdão?"

"Dou-lhe cinco mil libras de comissão por cada peça que o senhor

general me venda", indicou Kaloust.

"É um valor justo, não lhe parece?"

O general Khan sacudiu a cabeça, como se tentasse recompor o

cérebro.

"O senhor paga-me para lhe vender uma peça de arte?"

"com certeza", assentiu o arménio.

"Dou-lhe cinco mil libras por cada peça que me venda ao preço que

eu quero.

"

Não era preciso ser muito dotado nos negócios para perceber que o

ponto crucial da proposta se encontrava no final da frase.

Ao preço que eu quero.

O prémio era sem dúvida elevado, mas a que preço?

3

"Que quer dizer com isso?"

A atenção de Kaloust desviou-se para o catálogo do Hermitage, que

permanecia aberto sobre a cama.

"Consiga-me um bom preço para essas peças e eu porei fim às suas

dificuldades financeiras", propôs.

"É uma proposta mutuamente vantajosa, não lhe parece? O senhor

ajuda-me a comprar barato, eu ajudo-o a sair da situação difícil em

que se encontra.

" Cruzou os braços, como se o desafiasse.

"Que me diz?"

O intermediário passou as mãos pelo cabelo desganhado, deixando

ver os pêlos que lhe saíam dos sovacos.

"O que entende por comprar barato?"

"Metade do preço.

Convença os bolcheviques de que é este o custo da discricção.

"

O general Khan pegou no catálogo e passou os olhos pelos nomes das

melhores peças e respectivo preço.

Fez contas, avaliou a relação de forças em Moscovo entre a necessidade de vender bem e a vergonha de o fazer na praça pública,

pesou os argumentos que tinha para apresentar e previu os obstáculos que lhe seriam levantados.

"O senhor quer adquirir ouro ao preço do latão", observou com uma

voz arrastada.

"Eles não vão nisso.

"

O arménio não desarmou.

"Tenho um brinde adicional.

Sei que os bolcheviques estão com dificuldades em vender o petróleo de Baku devido ao boicote ocidental.

Diga-lhes que arranjarei uma maneira de furar esse boicote.

"

"Isso já me parece mais interessante", assentiu o general Khan.

"Para que eu colabore numa coisa dessa magnitude, no entanto, tenho

condições adicionais a apresentar-lhe.

"

Kaloust não tinha ilusões.

No seu mundo, condições adicionais significava mais dinheiro por

baixo da mesa.

321

"Diga lá.

"

O oficial desviou o olhar escuro para a janela e contemplou a rua

sombria antes de voltar a encarar o seu interlocutor.

"Quero apoio para os meus projectos na Pérsia.

"

A exigência era inesperada.

"Que tipo de apoio?"

"Estive a investigá-lo e sei que o senhor dispõe de bons contactos

no Foreign Office e na banca britânica", disse.

"Preciso que me abra portas.

Ponha-me à conversa com essa gente e eu viabilizo-lhe o negócio do

Hermitage nos termos que me apresentou.

"

Não se tratava de um pedido de

financiamento, apenas de

apresentação aos meios financeiros e políticos.

Nessas condições, o que tinha Kaloust a perder?

"De acordo.

"

Os dois homens abriram os rostos num sorriso rasgado.

Puseram-se ambos de pé num salto e estenderam as mãos peludas na

direcção um do outro.

"Parabéns, senhor Sarkisian!", exclamou o general Khan com mal

contida euforia, o valor total da sua nova comissão bem presente no

espírito.

"Os maiores tesouros do Hermitage são seus!"

As palavras adejaram aos ouvidos de Kaloust, leves e melodiosas.

O arménio pestanejou, ainda sem acreditar que estava mesmo prestes

a fechar a compra.

Era verdade que nunca duvidara da sua capacidade de lá chegar, não

era ele afinal o grande negociante? Mas a magnitude do que estava

em causa tornava tudo quase irreal, como se flutuasse no ar, a

realidade tão incrível que parecia sonho.

"Tem a certeza?"

Vendo os seus problemas pessoais serem varridos por um mar de

libras, o general Khan quase dançava de alegria.

322

"No mundo da arte, meu caro Sarkisian, o senhor acabou de fazer o

negócio do século!"

A primeira pessoa com quem Kaloust falou quando abandonou o hotel e

atravessou Paris foi madame Duprés.

O arménio apareceu em êxtase no seu escritório, ainda atordoado com

a dimensão do negócio que havia

concluído naquele indigente quarto de hotel de quinta categoria, mal acreditando no que sucedera.

"Já viu o que consegui?", perguntou repetidamente, sempre com

vontade de se beliscar para se certificar de que não sonhava.

"Já viu? Já viu?"

"É extraordinário, m'sieur Sarkisian", sorriu a secretária social.

"Muitos parabéns!"

"Extraordinário? Extraordinário?", interrogou-se o patrão, como se

o adjectivo fosse insuficiente para qualificar adequadamente o

negócio.

"com os tesouros do Hermitage, tornei-me

proprietário da melhor colecção privada de arte do mundo!
A melhor do mundo, percebe?

Melhor do que Rockefeller ou Getty ou os Rothschild!
Ninguém tem

nada assim! Ninguém!"

"Parabéns!"

Excitado e irrequieto, o peito a arfar numa ânsia de
arrebatamento

e uma expressão louca de alegria a incendiar-lhe o rosto, o
arménio

olhou em redor como se procurasse algo.

"Um papel! Dê-me um papel!"

Um bloco de notas materializou-se de imediato na mão
estendida da

sempre eficiente madame Duprés.

"Voilà!"

Kaloust

sentou-se

a

uma

escrivaninha

e

pôs-se

a

rabiscar

nervosamente numa folha.

323

"Preciso de mandar um telegrama a Sir Kenneth com a notícia",

disse.

"Ele vai ficar radiante.

" Parou de repente de escrevinhar, como se novas ideias o assaltassem.

"E tenho de decidir quais as obras de que me vou desfazer.

" Virou-se para a secretária.

"Já me conhece, não conhece? Não sou um açambarcador.

Quando compro uma peça nova, vendo logo uma que já possua de

qualidade inferior.

" Ergueu o dedo.

"O princípio de uma boa colecção é a qualidade, não a quantidade!

Mas só o melhor é suficientemente bom para mim!" Voltou a atenção

para o bloco de notas, que recomeçou a rabiscar.

"Primeiro é preciso informar Sir Kenneth.

O homem anda nas nuvens com esta

operação, coitado! Se não lhe digo nada, ainda lhe dá uma síncope..."

Quando terminou a mensagem, deu-a a madame Duprés, que de imediato

saiu para ir aos correios enviar o telegrama endereçado ao director

da National Gallery.

Kaloust viu-se assim sozinho no escritório e, com surpresa, percebeu que naquele instante precisava de companhia; o momento que

estava a viver era demasiado importante para não o partilhar.

Pensou em Slava.

Aquele era um momento que gostaria de partilhar com a sua russa.

Mas, não sabia onde ela estava nesse instante.

Pensou em procurá-la no Balalaika, mas conteve-se.

Era demasiado cedo para a baronesa lá estar.

Teria de ser paciente.

O facto, porém, é que precisava de celebrar o feito com alguém que

lhe fosse próximo.

Mas quem?

Foi então que se lembrou de Hendryk.

Uma abóbada de nuvens de chumbo ensombrava a cidade com uma

tonalidade metálica, ameaçando

descarregar chuva a todo o instante, pelo que foi de gabardina que Kaloust saiu à rua e se precipitou

para o automóvel.

O motorista

324

esperava-o junto do Bentley e abriu-lhe a porta traseira antes de

se instalar ao volante.

"Igor, vamos ao Ritz.

"

Graças à sua influência junto de César Ritz, Kaloust conseguia

sempre alojar Hendryk numa das suítes do magnífico hotel na place

Vendôme; além de cómoda, esta solução era conveniente, sobretudo

nas ocasiões em que ambos precisavam de se consultar mutuamente

sobre os múltiplos negócios em que estavam envolvidos.

Enquanto percorriam as ruas de Paris sob uma penumbra cinza,

Kaloust não parava de se congratular com

o sucesso da sua operação.

Ah, Hendryk tinha de saber!, pensou.

Afinal fora com ele que tudo havia começado! Tinham ido os dois ao

Balalaika e fora ali que travaram conhecimento com Slava e com o

general Khan e que todo o negócio se começara a desenrolar.

Porque não ir ter com o amigo e celebrar com ele a maior aquisição

do século no domínio da arte?

Ao chegar à place Vendôme, o armênio saltou do carro e entrou no

hotel, atravessando o foyer luxuoso do

Ritz como se fosse o dono do estabelecimento.

la de tal modo impaciente que nem foi capaz de esperar pelo

elevador.

Escalou as escadas de dois em dois degraus até ao segundo andar e

meteu pelo corredor em passo acelerado até chegar junto da porta da

suíte.

Carregou repetidas vezes na campainha e quase rezou para que o

amigo se encontrasse nos seus aposentos.

O som de passos do outro lado tranquilizou-o e ao mesmo tempo

excitou-o ainda mais.

Ah, que surpresa Hendryk teria!

A porta abriu-se e viu o holandês a espreitá-lo com um semblante

estranhamente enigmático.

"Hendryk, nem imagina o que acabei de conseguir!", exclamou com tal animação que quase engolia as sílabas.

"Por acaso está familiarizado com..."

325

"Kaloust, agora..."

"... o magnífico espólio do Hermitage, de Petrogrado? Riquíssimo,

claro! Pois fique a saber que..."

"... não, agora não posso!"

O arménio calou-se a meio da frase e leu enfim a expressão que

banhava a face do amigo.

Era incómodo.

Hendryk estava incomodado por vê-lo ali.

Aquela reacção apanhou Kaloust

desprevenido.

Por que diabo haveria Hendryk de se sentir incomodado?

Foi nesse instante que, pela frincha da porta entreaberta, Kaloust

se apercebeu de um vulto a passar por detrás do holandês.

Tratava-se de uma mulher seminua, uma toalha branca a cobrir-lhe o

busto, ripas de cabelos louros a caírem-lhe em cascata
sobre os

ombros nus.

Passou de fugida, como um fantasma, um vulto etéreo de
ouro e pele

láctea, tão depressa que quase não passou de um borrão,
mas foi o

tempo suficiente para o arménio a

reconhecer.

Era Slava.

326

v

Como um compasso incansável, o

tiquetaque cadenciado do relógio de parede pontuava o
ritmo tranquilo da tarde no número 38 de Hyde

Park Gardens.

Nunuphar bordava junto à lareira

crepitante da sala, os fios de lã enrodilhados no regaço, mas
a inquietação nervosa do marido

roubava-lhe a concentração de que precisava para fazer
dois nós

delicados.

Cansada de o ver assim tão irrequieto a completar
pequenos círculos

sucessivos, respirou fundo e pousou o bordado na cestinha.

"Que se passa? Porque estás tão nervoso?"

Kaloust estacou a meio da sala,

interrompendo a sua deambulação

meditativa.

Ainda não recuperara do episódio com Slava, a traição fora
uma

punhalada profunda, mas nesse momento

as suas preocupações eram outras.

"Não estou nervoso.

"

"Ora, ora!", sorriu a mulher.

"Já te conheço há muitos anos.

Vá, diz lá o que te apoquentas..."

327

Embora cultivasse uma vida amorosa separada da mulher e
limitasse a

sua actividade afectiva e "terapêutica" às suítes dos Ritz de
Paris

ou de Londres ou ao devaneio louco com a baronesa russa, Kaloust

mantinha com Nunuphar uma relação de respeito conjugal.

Visitava-a amiúde, como um filho que vai ver a mãe e com quem por

vezes desabafa ou a quem pede conselho.

"Lembras-te daquela grande compra que fiz das obras do Hermitage?", disse, abrindo-se enfim.

"O general Khan foi levantá-las em Berlim.

Parece que os bolcheviques enfrentaram a resistência do curador do

Hermitage e, para o fingir, puseram os quadros e as pratas numa

exposição itinerante até os desviarem para a Alemanha.

O general já me telegrafou a dizer que chegou tudo em ordem.

"

"Então qual é o problema?"

"É a Diana de Houdon", indicou, roendo a unha do indicador direito.

"Parece que a escultura é muito frágil.

Para evitar que se quebre, eles vão mandá-

la de navio de Petrogrado

até ao delta do Sena e depois rio acima até
Paris.

Tenho medo que a coisa não corra bem e a Diana se estrague.

O general Khan já a pagou em meu nome e, se houver problemas, sou

eu quem aguenta com o prejuízo!"

Nunuphar sorriu e voltou a pegar no bordado.

"Ah, que tonto! Não vai haver problema.

" Fez um gesto em redor, indicando as paredes cobertas de quadros e

as estatuetas e os tapetes persas que enchiam a sala.

"Mas onde vamos nós pôr todas essas

peças de arte? Não achas que já temos tralha a mais?"

O marido passeou os olhos pelas obras que ornamentavam a sala.

"Sim, tens razão", assentiu.

"Sabes o que te digo? Precisamos de construir uma mansão.

Estou a pensar numa coisa em grande, um sítio majestoso onde possa

guardar os meus filhinhos.

"

Kaloust recomeçou a caminhar em círculos nervosos pelo meio da sala, mergulhado no seu mundo.

A mulher ficou um longo momento a fitá-

lo, estudando-lhe a

fisionomia.

"É só isso que te apoquenta?"

Ele deteve-se de novo e esboçou uma careta.

"É também o próprio general Khan.

" Fez uma pausa e respirou fundo, como se avaliasse o que poderia

dizer.

"O homem quer ser xá da Pérsia, vê lá tu!

E exige que eu o apoie nessa aventura.

"

A mulher imobilizou-se de súbito.

"Que o apoies como? O que quer ele de ti?"

"O tipo precisa de dinheiro para financiar um esquema qualquer que

tem em mente para tomar o poder na Pérsia.

Ora eu posso abrir-lhe as portas da alta finança, é verdade.

Além do mais, quer o apoio do Foreign Office.

" Pôs as mãos à cintura.

"A questão é esta: ajudo-o ou não?"

"Esse general tem alguma hipótese de ser bem sucedido?"

O homem da casa passou dois dedos pensativos pelo bigode,

ponderando cuidadosamente a questão.

"Acho que sim", acabou por dizer.

"Parece que dispõe de bons contactos no exército persa, e em

particular nos regimentos cossacos.

" Balançou afirmativamente a cabeça.

"E, para ser sincero, a gratidão do futuro

xá da Pérsia poderia ser-me muito útil.

"

"Então tens aí a tua resposta.

"

A mulher retomou o trabalho no ponto em que o havia deixado e

Kaloust sentou-se por fim no seu sofá, os olhos presos aos complexos motivos geométricos do

magnífico tapete persa que ocupava o centro da sala mas a atenção a divagar pelo convés imaginário do

navio que trazia a Diana e pelos corredores da alta finança que

teria de percorrer para ajudar o general.

329

Os pensamentos foram interrompidos pelo som de uma chave a rodar na

fechadura e da porta da rua a abrir-se.

O casal virou a atenção para o átrio e viu Krikor a cruzar a entrada.

"Olá!", saudou ele ao entrar na sala, os olhos baixos e as mãos

atrás das costas numa postura

intrigantemente tímida.

"Sabem, tenho uma novidade para vos dar.

"

Vinha com um sorriso nos lábios e um brilho especial no olhar;

havia já muito tempo que os pais não lhe surpreendiam um lampejo de

felicidade como nesse instante.

Vendo a expressão que lhe esbraseava a face, era evidente que a

novidade só podia ser agradável.

"Então? Que se passa?"

Krikor ergueu os olhos castanhos e encarou os pais.

"Conheci uma rapariga.

"

O anúncio levou Kaloust e Nunuphar a trocarem um olhar, fugaz mas

carregado de alívio.

O pesadelo terminara, pensaram ambos nesse instante, conscientes do

verdadeiro significado da novidade.

O filho havia enfim aceitado a perda da rapariga de Kayseri e

decidira seguir em frente na vida.

"Ah, rapaz!", exclamou o pai com entusiasmo.

"Até que enfim! Traz-nos cá essa moça!

Trá-la para a conhecermos!"

O empregado serviu a sopa no silêncio mais profundo, apenas

pontuado pelo incessante tilintar dos talheres nos
requintados

pratos em porcelana de Sèvres.

Os olhos penetrantes de Kaloust

estudavam de esguelha a figura

delgada e morena da rapariga sentada à sua direita,
detendo-se em

particular no pequeno crucifixo de prata que lhe ornava o
pescoço

alto.

"Desculpe, pode repetir-me o seu nome?"

A rapariga desviou para o anfitrião a sua atenção e esboçou
um

sorriso sibilino.

330

"Maria Silvia Fernández del Escorial y Begofia Martínez de
Asunción

González y Prieto", disse de rajada, sem pausas, como se
fosse tudo

uma única palavra.

"También conhecida por Galega Atrevida.

"

"A sério? Porquê?"

A espanhola passou a língua pelos lábios, a malícia a brilhar-lhe

nos olhos.

"Porque sou galega e porque sou atrevida.

"

Seguiu-se um silêncio incómodo, apenas interrompido por gargalhadas

mal reprimidas de Krikor, aparentemente divertido com a namorada

mas esforçando-se por manter a

compostura.

Na incerteza sobre se a rapariga estaria a fazer pouco dele ou se

era mesmo assim, um encabulado Kaloust

viu-se por momentos sem saber o que fazer ou dizer.

Acabou por decidir que, na dúvida, o melhor era ignorar a

observação da espanhola e as risadinhas impertinentes do filho.

"Então onde se conheceram vocês?", perguntou Nunuphar, tentando

compor as coisas.

"Foi cá em Londres?"

"No Victory Ball", retorquiu o filho, lançando um olhar sorridente

para a espanhola.

"Num baile de máscaras.

"

"Ele chamou-me a atenção com o seu traje de rajá", disse Maria

Silvia com uma risada.

"Tinha um turbante enorme na cabeça e grandes calças vermelhas de

seda, mais umas adagas e uma pistola e sapatos com as pontas

voltadas para cima.

El Krikino estava divertidíssimo, haviam de o ver!"

Kaloust soergueu o sobrolho.

"El... quê?"

"El Krikino", repetiu ela.

"É como doravante o seu filho vai passar a ser chamado.

Não acha encantador?"

Os pais manifestamente não eram da mesma opinião; onde já se vira

espanholar um nome arménio? Após um novo

331

silêncio prolongado, sempre marcado pelo tilintar dos talheres nas

porcelanas e por uma ou outra colherada mais ruidosa de sopa, o

anfitrião lançou uma espreitadela perscrutante para o chão e

encarou a mulher.

"Este tapete está a ficar velho", constatou.

"Um dia destes temos de o substituir.

"

Antes que Nunuphar dissesse alguma coisa, porém, Maria Silvia

meteu-se na conversa.

"Este tapete?", ciciou ela com a ponta da língua, expressando-se

num inglês afectado por um cerrado sotaque espanhol.

"Oh, gosto tanto dele!" Inclinou-se na cadeira e passou a palma da

mão pelo pêlo.

"É tão macio!" Endireitou-se e fitou o dono da casa.

"Sabe, é o ideal para uma rapariga como eu.

"

"Deveras?", surpreendeu-se Kaloust.

"Porquê?"

A espanhola atirou um olhar lascivo na direcção de Krikor, que

nesse instante metia uma colher de sopa na boca.

"Porque é perfeito para me ajoelhar!"

Numa reacção quase automática, o

namorado cuspiu a sopa e,

enrubescido, espreitou os pais a medo ainda antes de se limpar.

Kaloust e Nunuphar pareciam em estado de choque, duas estátuas

sentadas à mesa, ambos lívidos, os olhos fixos em Maria Silvia a

tentar extrair outro sentido que não aquele em que pensavam.

Por mais que se esforçassem, contudo, só havia uma interpretação

possível de tal frase.

Olharam para Krikor e por fim um para o outro, sem saberem o que

dizer, o que fazer, como reagir.

Sem guião previsto para uma situação daquelas, o dono da casa

desviou a conversa para a estética, uma área em que se sentia à

vontade.

Teceu uns comentários sobre Mareei Duchamp e a loucura que a sua La

Fontaine trouxera ao mundo da arte e, sem mais nada para acrescentar, acabou por baixar a cabeça e retomou a

332

sopa num silêncio que não voltou a ser quebrado até ao final da

refeição.

"Estás louco?"

A pergunta foi lançada com mal contida fúria depois de Krikor

regressar a casa.

Terminado o jantar, e receando novas observações provocantes de

Maria Silvia que chocassem os pais, o rapaz havia levado a namorada

ao hotel onde estava hospedada.

Kaloust e Nunuphar mantiveram um silêncio glacial enquanto a

espanhola se encontrava debaixo do seu tecto, mas, agora que o

filho voltara e estavam a sós, o chefe da família explodiu por fim.

Nada que Krikor não tivesse previsto ao cruzar a porta.

"Ela é assim, o que querem?", justificou-se ele com um encolher de

ombros resignado.

"Adora provocar e chocar as pessoas.

Não o faz por mal, acreditem.

É porque isso está na natureza dela, não consegue resistir à tentação.

"

"Só podes estar louco em andar com uma rapariga destas!"

"Gosto dela, o que posso fazer? Diverte-me.

"

"A moça é doida!", vociferou o pai, a cara cada vez mais vermelha

de irritação com o que lhe parecia a completa cegueira do rapaz.

"Doida varrida! Onde já se viu uma rapariga de boas famílias fazer

comentários daqueles?! Ela não tem tino?

Não tem sentido de

decência?" Fez um gesto em direcção à sala de jantar.

"Se é assim desavergonhada à nossa frente, imagine-se como não será

quando anda à solta!"

O filho fez um gesto apaziguador.

"Vamos lá, não vale a pena exagerar", disse num tom sereno.

"Digamos que a Maria Silvia gosta de pisar o risco, de testar as

peessoas.

Mas asseguro-vos que, tirando isso, é uma

pessoa com uma educação impecável.

Excêntrica, é certo.

Mas impecável.

"

333

"Uma educação impecável?", duvidou Kaloust com um esgar céptico.

"Que tipo de rapariga achas tu que frequenta o Victory Ball?
As

meninas de alta sociedade?"

"Claro que sim.

O Victory Ball é no Albert Hall, o que pensa o pai?" Exibiu
todos

os dedos da mão.

"Pagam-se cinco libras para entrar.

Cinco libras.

Só esse preço constitui uma garantia de que o Victory Ball
apenas é

frequentado pelas classes mais abastadas.

"

"Dinheiro não significa educação nem estatuto social",
argumentou o chefe da família.

"As cortesãs têm dinheiro e... e não são

peçoas que se apresente aos pais, não te parece? De onde
achas que veio essa rapariga? De

um prostíbulo de Madrid? De um bordel de Barcelona? De
um esgoto de

Sevilha?"

Enervado com a insinuação, Krikor carregou as
sobancelhas.

"O pai dela, para sua informação, é um dos homens mais ricos de

Espanha!", exclamou.

"O senhor Prieto possui gigantescas plantações de tabaco em Cuba e é

dono de uma das mais importantes marcas

de charutos do mundo!"

"Se assim é, o que está essa gente a fazer em Londres? A tratar das

plantações?"

"A mãe da Maria Silvia veio receber uns tratamentos no hospital de

St Thomas e a filha acompanhou-a.

Estão as duas, mais uma criada, alojadas no Hotel Curzon.

Satisfeito?"

Kaloust fez uma careta.

"Essa história parece-me mal contada", disse.

"Pregaram-te uma peta qualquer e tu engoliste-a.

Provavelmente essa espanhola viu que vinhas de uma família com

posses e quer o seu quinhão.

"

"Oh, lá está o pai!..."

"Não é 'lá está o pai', não! Há por este mundo muitas oportunistas,

o que pensas tu? O que não falta por aí são 334

mulheres à caça de homens endinheirados!

Escolhem um anjinho,

seduzem-no com artes de cortesãs e... já está! Foste caçado! Basta

ver a russa que enfeitiçou o Hendryk!"

"Que absurdo!"

Percebendo que estava talvez demasiado empolgado, o dono da casa

endireitou-se e assumiu a rédea das emoções.

"Mesmo que seja um absurdo e que essa espanhola venha de famílias

com posses, há outras considerações que é preciso levar em conta",

observou num registo repentinamente sereno.

"É preciso não esquecer que és nosso filho.

"

"E então?"

Kaloust desviou o olhar para Nunuphar, como se a convidasse a

encarregar-se da questão.

A mulher percebeu que tinha de o ajudar e envolveu-se na conversa.

"O que o teu pai quer dizer é que um filho é, por definição, uma

espécie de herdeiro da dinastia", explicou ela.

"Cabe-te a ti assegurar a respeitabilidade do nome Sarkisian.

Isso significa que o teu casamento é muito mais do que a simples

união de duas pessoas apaixonadas.

É uma união de... de dinastias, percebes?"

O filho abriu a boca de estupefacção.

"Estão a insinuar um casamento de conveniência?"

"Chama-lhe o que quiseres", disse a mãe.

"Mas os casamentos das classes altas não obedecem aos critérios do

povinho.

Há muitas coisas em jogo e..."

"Isso são ideias ultrapassadas, que já só

existem na Arménia e no Oriente", atalhou Krikor, agitando o indicador com indignação.

"Comigo não vai ser assim! Nem pensem nisso!"

Vendo o filho entrincheirar-se numa posição que lhe parecia irracional, Kaloust voltou a intervir.

"Um bom filho faz o que tem a fazer para defender a família!",

sentenciou.

"Nós é que vamos escolher a tua 335

noiva! Será arménia e de uma família abastada, como convém a

peessoas da nossa condição.

" Apontou para a porta de saída.

"Que te divirtas com a tua católica desmiolada é lá contigo e com a

honra dela, que pelo que vimos não deve ser muita.

Mas, quando chegar a hora, apresentar-te-emos a moça certa!"

Krikor fitou o pai e depois a mãe.

Percebeu que ambos pensavam da mesma forma e que a divergência com

eles neste ponto era irreconciliável.

Viviam em mundos diferentes.

com movimentos enérgicos, fez meia volta e dirigiu-se às escadas

para recolher ao quarto.

Quando ia a meio da escadaria, porém, parou e encarou os pais com

uma expressão determinada no rosto.

"vou casar com a Maria Silvia!", exclamou.

"Quer vocês queiram quer não!"

Trepou as escadas em passo rápido.

Uma vez no primeiro andar enfiou-se no quarto e fechou a porta com

violência, como se o estrondo que se seguiu fosse a sua última e

mais significativa palavra.

336

VI

O aparecimento de Philip Blake nas instalações de St Helen's Place

suscitou a estranheza de Kaloust; era a primeira vez que o amigo do

Foreign Office ia ter com ele ao seu escritório, o que o deixou

algo desconfiado.

A que se deveria tão inusitada visita? Viu-o pendurar a gabardina

no cacifo e percorrer o espaço com o olhar, como se o estudasse,

antes de se dirigir ao gabinete.

"What ho, Sarkisian!", saudou o inglês com o seu sotaque afectado

de upper class, mal cruzou a porta.

"Como vai isso, you devilsb beast?"

O anfitrião levantou-se para cumprimentar o amigo e puxou-o para o

sofá ao pé da janela, onde lhe serviu um Scotch on the rocks que

Blake saboreou com evidente prazer.

"O que o traz por cá, meu caro?", perguntou Kaloust com genuína

curiosidade.

"Devo confessar que vê-lo aqui é uma grata surpresa.

Pensei que estivesse sempre muito ocupado lá em Whitehall e não

tivesse tempo de visitar

os velhos amigos..." Inclinou a cabeça.

«Não me diga que é por causa do general Khan.

Já falou com ele, como lhe pedi?"

"com certeza que sim, old boy", assentiu Blake.

"O tipo é ambicioso e não me pareceu parvo nenhum.

Reuni-me com ele na semana passada e, by Jove!, percebi que temos

homem.

Se o conseguirmos pôr a mandar na Pérsia creio que poderemos travar

a influência bolchevique no país.

Esse general Khan ainda nos vai ser muito útil.

"

"Folgo em sabê-lo!", exclamou Kaloust'com evidente satisfação,

embora de imediato tenha desfeito o

sorriso.

"Mas não foi essa questão que o trouxe cá, pois não?"

Blake passeou os dedos pelo bigode louro, dando a impressão de

esconder uma surpresa.

Depois meteu a mão no bolso interior do blazer e sacou um envelope

que ostentou irrequietamente na ponta dos dedos.

"Vim por causa disto.

"

A atenção de Kaloust assentou no

sobrescrito.

Apercebeu-se com inquietação de que o envelope trazia impresso ao

canto as insígnias do governo de Sua Majestade, o que o

sobressaltou.

"Que se passa? Aconteceu alguma coisa?"

Ainda pensou que se trataria de algo muito grave, no fim de contas

Blake atravessara a cidade para o visitar pela primeira vez no

escritório e uma coisa dessas parecia-lhe suspeita, mas o semblante

sorridente do amigo descansou-o.

"Good heavens, Sarkisian!", exclamou

com uma expressão teatral.

"Ainda não sabe?"

"Não sei o quê? O que há para saber?"

com um floreado habilidoso, como um ilusionista a meio de um número

surpreendente e maravilhoso, o inglês abriu o envelope e retirou

uma folha do interior.

338

"Isto é um despacho do chargé d'affaires britânico em Bagdade",

anunciou com solenidade pomposa.

"Chegou esta manhã ao Foreign Office

com a designação de urgente.

"

"Mostre lá.

"

com a curiosidade aguçada, o arménio estendeu a mão para pegar no

telegrama, mas Blake recuou com o braço e impediu-o de chegar à

folha.

"Tenha calma, old chap!", soltou o inglês.

"Isto é um telegrama do governo de Sua Majestade, não o posso

entregar a qualquer pessoa.

" Fez uma expressão condescendente.

"Mas tanto quanto sei nada me impede de o folhear à minha vontade.

Se numa espreitadela indiscreta lhe surpreender o conteúdo contra a

minha vontade..."

Kaloust percebeu o amigo.

"Ah, está bem.

"

Blake pegou no telegrama e, fingindo-se distraído, virou-o na

direcção do arménio.

URGENTE STOP

ANGLO-PERSIAN LOCALIZOU POÇO

PERTO KIRKUK STOP

JACTOS PETRÓLEO ATINGEM 50

METROS ALTURA STOP

PETRÓLEO AMEAÇA SUBMERGIR

KIRKUK

E OUTRAS POVOAÇÕES STOP

MAIOR DESCOBERTA PETRÓLEO

PLANETA STOP

"Sarkisian, old boy", disse Blake com um semblante impassível,

quase sobranceiro, como se se tivesse limitado a comunicar o

resultado de um qualquer test match de cricket, "está à beira de se

tornar um homem obscenamente rico.

"

com os olhos ainda pregados no telegrama, como se lesse e não

acreditasse, Kaloust não era capaz de pronunciar uma palavra que

fosse, estrangulado por um turbilhão de sentimentos.

339

Não pensava nesse instante nos rios de dinheiro que iria ganhar,

mas no relatório que muitos anos antes escrevera para o sultão a

predizer que a Mesopotâmia assentava

sobre um mar de petróleo.

Caramba, acertara em cheio!

Foi num estado de excitação febril que o arménio cruzou a esquina

de Haymarket e entrou em passo apressado no Hotel Carlton.

Era raro atrasar-se para um encontro com Hendryk van Tiggelen, mas

desde que Philip Blake lhe dera a notícia que perdera a noção do

tempo.

Passara as últimas horas a enviar telegramas e a fazer telefonemas

até conseguir finalmente a confirmação da

notícia.

Desde então que se sentia arrastado por um vórtice de emoções.

Ao entrar no restaurante do hotel procurou o lugar habitual no

canto, junto à janela, e viu o holandês sentado à sua espera.

Ainda não engolira a traição com Slava, mas a bem dos negócios

decidira passar à frente e suportar o insuportável.

com um sorriso, se preciso fosse.

"Já sabe da grande novidade?", atirou-lhe ao aproximar-se da mesa.

"Os

prospectores

da

Anglo-Persian

fizeram

uma

descoberta

importantíssima! É perto de Kirkuk, justamente no sítio para onde

chamei a atenção do sultão! Espantoso, não é?"

"Já me informaram", devolveu Hendryk com o rosto fechado.

"Embora desconheça ainda os pormenores.

"

Kaloust acomodou-se no seu lugar habitual e pediu um vinho do

Porto; sentia-se excessivamente agitado e precisava de algo que o

acalmasse.

"Chama-se Baba Gurgur", anunciou, transmitindo a informação que os

seus contactos lhe haviam dado.

"Parece que o petróleo é tanto que inundou quilómetros e quilómetros

340

quadrados de terreno e ameaça várias aldeias e a própria cidade de

Kirkuk.

As minhas fontes dizem que o jacto está totalmente descontrolado e

nestas primeiras vinte e quatro horas libertou, oiça bem!, o equivalente a uns cem mil barris.

"

"O quê?"

"Cem mil barris num único dia! Está a ver o oceano que se esconde

por baixo daquelas terras?"

O holandês entreabriu a boca, estupefacto.

"Meu Deus!", exclamou.

"Cem mil?! Isso é... é uma enormidade!"

"Pois é, pois é!"

Logo que o empregado encheu o pequeno cálice de vinho do Porto,

Kaloust engoliu-o de uma assentada.

Só o pousou na mesa quando se esvaziou e, com o ardor do álcool a

queimar-lhe as entranhas, soprou um bafo quente e sentiu-se

serenar.

Fitou o seu interlocutor e foi só nesse instante que notou que ele,

passado um primeiro momento de euforia, recuperara o semblante

carregado.

"Então? Que cara é essa?"

"Oiça,

esta

descoberta

precipita

tudo",

observou

Hendryk

pausadamente, como se medisse cada palavra.

"Até aqui a existência de petróleo na Mesopotâmia era..."

"Iraque", emendou o arménio, sempre preocupado com o rigor dos

pormenores.

"A Mesopotâmia mudou de nome, como sabe.

É agora um país independente.

"

"Pois, Iraque", assentiu o presidente da Royal Dutch Shell.

"Dizia eu que o petróleo do Iraque era até aqui uma mera abstracção.

Toda a gente achava que existia, mas ninguém lhe tinha ainda posto

os olhos em cima.

" Arregalou as sobrancelhas.

"Mas agora que foi descoberto, e pelos vistos em grande quantidade,

as coisas vão mudar.

Todos vão querer apropriar-se desses campos.

"

"O que quer dizer com isso? A Turkish Petroleum Company detém o

exclusivo da concessão do petróleo iraquiano.

Só nós, os que integramos a Turkish, é que podemos apropriar-nos

deste petróleo!"

"Eu sei", disse Hendryk.

"Mas já me chegaram esta manhã uns zunzuns de que os Americanos se

preparam para dar uma golpada.

com esta descoberta, os tipos querem abocanhar todo o petróleo

iraquiano e deixar-nos de fora.

"

Apesar de estar já habituado aos golpes e contragolpes tradicionais

no traiçoeiro mundo do petróleo, a revelação deixou Kaloust abismado.

"O quê? Mas eles... mas eles..."

"Estamos já a marcar uma reunião geral com todos os accionistas da

Turkish para discutir o assunto com os Americanos.

" Apontou para o seu velho parceiro de negócios.

"É imperativo que também esteja lá.

"

"C'os demónios!", exclamou o arménio, cerrando os punhos de

irritação.

"Como é possível que estes idiotas ainda não tenham entendido que

têm mais a ganhar com a cooperação do que com a lei da selva? Será

que eles..."

"Só preciso de esclarecer uma coisa", cortou Hendryk, mal disfarçando a impaciência.

"Você estará lá?"

"Claro que estarei! Alguém tem de pôr esses yankees na ordem!"

Kaloust ganhou fôlego para uma longa invectiva contra a Near East

Development

Company,

a

companhia

criada

pelo

conjunto

das

petrolíferas americanas para as representar na Turkish
Petroleum

Company, mas deteve-se ao perceber que o seu interlocutor
mantinha

o rosto pesado.

Pelos vistos o holandês não havia ainda descarregado tudo.

O arménio calou-se e aguardou que Hendryk dissesse o que
tinha

ainda a dizer.

342

"Há também o problema dos impostos que teremos de
pagar pela

exploração do petróleo iraquiano", indicou o presidente da
Royal

Dutch Shell num tom lúgubre.

"É uma exorbitância, como sabe.

"

A referência aos impostos provocou um longo suspiro a Kaloust.

Havia já muito tempo que fazia contas ao problema.

Uma das razões que determinaram que passasse grande parte do seu

tempo em Paris, e em particular no Ritz, tinha justamente a ver com

a fuga aos impostos.

Ao viver em Paris podia alegar junto das autoridades britânicas que

não residia na Grã-Bretanha, pelo que não tinha de pagar impostos à

administração de Sua Majestade, e ao morar num hotel podia invocar

junto das autoridades francesas que não era um residente em França,

mas um viajante, o que o livrava também do pagamento de impostos

neste país.

Ninguém, pois, era mais astuto que Kaloust no que aos esquemas para

fugir aos impostos dizia respeito.

Mas, como em tudo na vida, havia limites.

"Pois é, os impostos", murmurou sombriamente.

"Tenho andado a matar a cabeça com formas de lhes fugir, mas no

caso do petróleo que vamos extrair não estou a ver grandes hipóteses..."

Hendryk ergueu o indicador.

"Há uma maneira.

"

A revelação provocou uma cintilação de esperança no rosto do

arménio.

"A sério? Como?"

O homem da Royal Dutch Shell

tamborilou os dedos pela mesa, como se vacilasse.

Mas de imediato imobilizou a mão e inclinou-se para Kaloust com uma

expressão de conspirador.

"A Turkish Petroleum Company terá de pagar os dividendos em

géneros.

Isto é, em petróleo.

"

343

A solução suscitou um esgar de incompreensão no arménio.

"Em petróleo? O que quer dizer com isso?"

"Se os dividendos dos accionistas forem pagos em dinheiro, o fisco

fica-nos logo com uma parte", disse Hendryk.

"Mas isso não acontecerá se o pagamento for em petróleo.

Portanto, decidimos que a Turkish distribuirá os dividendos em

petróleo.

"

"Decidimos? Que eu saiba não decidi nada.

"

"Decidimos nós, os outros accionistas da Turkish.

A Royal Dutch Shell, a Anglo-Persian, os Americanos e os Franceses.

Tivemos uma reunião e ficou decidido que..."

Estarrecido, Kaloust interrompeu-o a meio da frase.

"Tiveram uma reunião?", indignou-se, levantando ligeiramente a voz.

"Sem me dizer nada? E tomaram uma decisão sem me consultar?"

"Sabíamos que não iria concordar e..."

"Pois pode ter a certeza absoluta de que não iria concordar!",

atalhou de novo, as faces a enrubescerem de cólera em crescendo.

"Não iria nem irei! Essa solução está totalmente fora de causa!"

Fez um gesto peremptório com a mão.

"Nem pensar! Era o que mais faltava!"

"Já está decidido.

"

"Então decide-se agora o contrário!"

"Mas, Sarkisian, não vê que esta é a nossa única possibilidade de

fugir aos impostos?"

O dedo de Kaloust agitava-se

negativamente no ar.

"Não o vão fazer às minhas custas! Isso não!"

"Temos de pagar os dividendos em petróleo", insistiu Hendryk.

"Não há outro modo.

Caso contrário, o fisco leva-nos uma fatia brutal.

Isso é inaceitável.

"

"E o pagamento em petróleo também é inaceitável.

O que quer você que eu faça com ele, diga-me? Sabe muito bem que

não tenho onde guardá-lo nem onde refiná-

lo.

Não sou

344

uma petrolífera! A Turkish não me pode pagar em petróleo, está fora

de questão! Isso não faz o menor sentido!"

O holandês respirou fundo.

Sabia que tinha de ser paciente e que o seu amigo ainda se sentia

melindrado por lhe ter passado a perna e ficado com Slava, mas

aquela decisão era de negócios e estava tomada.

Quanto mais depressa o casmurro que tinha diante dele entendesse

isso melhor.

"Oiça, Sarkisian", disse no tom mais pedagógico de que foi capaz.

"As petrolíferas não podem ficar reféns de si nem de você não ter

capacidade para comercializar petróleo.

Isso é um problema seu.

Como negociante de petróleo, tem obrigação de o saber.

"

Kaloust endireitou-se, as faces

avermelhadas e uma expressão

injectada de indignação, e cravou o olhar exaltado no seu interlocutor.

A traição com Slava doía-lhe e tudo servia de pretexto para implicar com o amigo.

"Como me chamou?"

Pressentindo uma explosão de fúria, o presidente da Royal Dutch

Shell hesitou.

"Perdão? Chamei-lhe alguma coisa?"

O armênio começou a tremer com
violência, como se tivesse sido alvo do pior dos insultos.

"Chamou sim! Chamou! O senhor disse que eu era um
negociante de
quê?"

"Bem... sim, um negociante de petróleo.

Não é?"

Foi como se Hendryk tivesse lançado o
dito líquido numa fogueira já ateadada.

Kaloust desferiu um murro inesperado na mesa e ergueu-se
de um

salto, o corpo em fúria, a cara incendiada de raiva, a voz
descontrolada e os gestos destruidores.

"Como se atreve?", berrou, já totalmente fora de si, o
indicador

pregado à cara do holandês.

"Como pode chamar-me isso? Negociante de petróleo, eu?
Eu? Não lhe

admito,

345

ouviu? Não lhe admito! Não me volte a chamar tal coisa!
Você, mais

do que qualquer outra pessoa, devia saber que não me pode chamar

isso! Não a mim! Nunca mais me chame uma coisa dessas, entendeu?

Nunca mais!"

Um silêncio absoluto abateu-se sobre o restaurante do Carlton.

Os rostos em todas as mesas voltaram-se para aquele canto e um

empregado que empurrava um carrinho com doces ficou pregado ao

chão, sem saber o que fazer.

Iriam os dois clientes envolver-se à pancada? Vendo Kaloust

totalmente fora de si, o que contrastava com a sua postura habitual

de discrição absoluta, o empregado ficou em crer que sim.

Apenas o horror no rosto do desconcertado Hendryk mostrava que as

palavras agressivas não se transformariam em actos, uma vez que

eram precisos dois homens furiosos para o pugilato e ali apenas se

via um disposto a tal, por sinal o mais

pequenino.

"Mas... mas... Sarkisian", balbuciou o holandês, ainda sem perceber

a causa daquela tempestade.

"Não quis ofendê-lo.

Se não lhe posso chamar negociante de petróleo, chamo-lhe o quê?"

Tão depressa como começara, o tremor do corpo de Kaloust parou.

Mas não a tensão.

"Arquitecto!", rugiu.

"Eu sou um arquitecto!" Hendryk fez um esgar de estupefacção, na

dúvida sobre se o louco seria o arménio ou ele próprio.

"Arquitecto?", admirou-se.

"Desde quando?" "Desde que projecto negócios como obras de arte", retorquiu, sempre em tom exaltado.

"Há artistas que fazem bonitas pinturas ou concebem belos edifícios

ou esculpem magníficas estátuas.

Eu crio esta e aquela empresa, percebeu?

Sou um criador, um

artista.

E sabe qual é a minha obra-prima? É a Turkish! A Turkish é a obra

de uma vida! Criei-a com génio, manobrei os Otomanos, manobrei os

346

Britânicos, manobrei os Alemães,

encaixei-o a si e à Royal Dutch

Shell, neutralizei e encaixei a AngloPersian, encaixei os

Franceses, neutralizei e encaixei os Americanos! A Turkish é uma

obra-prima de arquitectura empresarial e o artista que tudo concebeu fui eu, ouviu? Eu e mais ninguém! E o que fazem vocês?

Juntam-se todos numas reuniões às

escondidas para congeminar uma maneira de me darem um pontapé no rabo!" Bateu com o punho no

peito.

"A mim, o criador!" Arrancou o guardanapo do pescoço e atirou-o ao chão, preparando-se para sair dali.

"Mas estão muito enganados, ouviram?

Muito enganados! Eu já vos

mostro!"

"Que quer dizer com isso?", empertigou-se Hendryk.

"O facto é que você tem cinco por cento dos votos e as petrolíferas

todas juntas dispõem de noventa e cinco por cento.

Não há nada que possa fazer!"

Kaloust lançou-lhe um olhar venenoso e, pela primeira vez, baixou o

nível da voz.

"Acha que não?", perguntou num tom sibilino.

"Acha que os tribunais não se interessarão por conhecer as vossas

manigâncias para fugir ao fisco?"

O holandês estreitou as pálpebras; a paciência cruzara o limite e

agora era ele que começava a ferver de

irritação.

"Você não se atreveria..."

Kaloust aproximou-se um passo e fitou-o nos olhos, como se o

desafiasse.

"Acha que não?"

Sentindo o repto, Hendryk levantou-se também da mesa e pôs-se de

mãos nas ancas em frente do adversário, impondo a sua estatura como

um Gulliver diante de um anão lilliputiano.

"Considerando as suas simpatias bolcheviques", rosnou, "não me

admiraria nada!"

347

Apesar de não se sentir intimidado, Kaloust estranhou a observação;

além de despropositada, a referência aos bolcheviques pareceu-lhe

carregada de insinuações.

"Do que está você para aí a falar?"

Os lábios do homem da Royal Dutch Shell curvaram-se num estranho

sorriso.

"Ficou incomodado com a minha referência às suas simpatias

bolcheviques? No entanto, é isso o que você é.

Um simpatizante dos bolcheviques.

"

"Não diga disparates!"

Hendryk inclinou-se para a frente.

"Desmente que anda a fazer negócios com os bolcheviques?",

perguntou num tom venenoso.

"Desmente que anda a financiar a revolução daqueles estafermos em

troca de um punhado de quadros?

Desmente que anda a saquear as

riquezas da Santa Rússia em troca de uns tostões para aquela

cambada de malandrões e rufias?"

"Negócios são negócios", retorquiu o arménio com irritação.

"Quem é você para me vir com lições de moral? Logo o senhor, que

anda enrolado com uma mulher casada e vem para aqui armado em

moralista!"

A resposta do seu pequeno interlocutor deixou o holandês à beira de

uma apoplexia.

Deu um passo em frente, como se quisesse

esmagar Kaloust, mas conteve-se e transferiu toda a fúria para o rosto alterado e

enrubescido.

"Como se atreve a meter a Slava nesta conversa?!", vociferou.

"O que lhe dá o direito, você que lhe andou a arrastar a asa?"

"Talvez me tenha interessado por ela", admitiu o arménio.

"Mas era incapaz de trair uma amizade por um rabo de saia, ouviu? E

foi isso o que o senhor fez! Apunhalou-me pelas costas por causa de

uma mulher e quer agora fazer-me o mesmo nos negócios! Pois fique

sabendo que não lho consentirei!"

348

"Quero lá saber do seu consentimento!", cortou o presidente da

Royal Dutch Shell com acidez.

"Sou dono da maior petrolífera do planeta e faço o que muito bem

entender! Se vejo uma oportunidade de fazer dinheiro, agarro-a.

E se gosto de uma mulher, tomo-a!"

Fazendo um compasso de espera para recuperar o sangue frio, Kaloust

estreitou as pálpebras e fitou Van Tiggelen como se lhe dissecasse

a alma.

Quando por fim respondeu, o seu tom era glacial.

"Espero que tenha bom proveito com a sua puta.

"

O insulto era mais do que Hendryk se sentia capaz de suportar.

Ergueu a mão para esbofetear Kaloust, mas conteve-se a tempo e

baixou-a a custo.

Olhou em redor e viu os comensais do

Carlton especados a fitá-los com expressões de reprovação.

Não havia nada que os Ingleses mais detestassem do que alguém a

"fazer uma cena".

com movimentos despeitados, o presidente da Royal Dutch Shell pegou

nas suas coisas e abalou.

A meio da sala virou-se para trás e, agitando o punho, lançou um

olhar carregado de fúria na direcção de Kaloust.

"Há-de pagá-las!"

349

350

VII

O manto fosco do nevoeiro que se abatia sobre o Croydon Aerodrome

ameaçava cancelar o voo e até fechar a pista.

Embora devagar, a visibilidade diminuía inexoravelmente, mas o

comandante da Imperial Airways, depois de sair para inspeccionar as

condições meteorológicas, entrou no grande salão do terminal e fez

sinal ao grupo que o esperava.

"Os senhores são os passageiros para Ostende, não é verdade?",

perguntou aos quatro viajantes que aguardavam uma decisão.

"Todos a bordo! Vamos aproveitar enquanto há tempo!"

De olhos mergulhados no The Times, que noticiava um golpe bem

sucedido em Teerão e a ascensão ao trono do pavão de um tal general

Khan, Kaloust levou uns instantes a digerir as palavras do comandante.

Por momentos a notícia do triunfo do seu protegido deixou-o tonto de alegria; que perspectivas extraordinárias se lhe abriam! À luz destes

351

acontecimentos, ainda bem que fora Van Tiggelen a apanhar Slava.

Isso significava que o novo xá ficaria indisposto com a Royal Dutch

Shell, deixando-o a ele, Kaloust, em posição privilegiada.

Contudo, depressa a prioridade da ordem do comandante da Imperial

Airways se impôs na sua mente.

Iam partir.

Na verdadeurgia seguir para Ostende, mas naquelas condições? Os

elementos da comitiva encabeçada pelo arménio entreolharam-se com

apreensão;

estavam

ali

madame

Duprés

nas

suas

funções

de

secretariado, o jovem advogado Robert Cook, que o auxiliava no

escritório, e Krikor, que queria manter longe da espanhola desmiolada.

A melhor maneira de o fazer, concluía, era atrair o filho para os

negócios da família.

De resto, estava mais que na altura de o rapaz se iniciar a sério

na actividade profissional.

"Vamos a isto!"

Os passageiros do voo, um charter alugado por Kaloust para os levar

até Ostende, pegaram nas malas de mão e, resignados, formaram fila

até à porta.

Encabeçando a comitiva, Kaloust saiu para a pista em direcção ao

avião, o jornal a balouçar na mão, a alma dilacerada pela dúvida.

Deveriam seguir caminho? Ou seria mais sensato fazer meia volta?

Por um lado era impensável que não chegassem a Ostende nesse dia,

decerto um dos mais importantes da sua vida profissional, mas por

outro não podia ignorar o nevoeiro.

Se viajar de avião o deixava sempre nervoso, o que dizer de um voo

em tais condições meteorológicas?

Fazia frio no exterior e o punhado de passageiros caminhava num

silêncio lúgubre ao longo da pista.

Era necessário sair de Inglaterra para evitar os impostos caso

houvesse um acordo entre os accionistas da Turkish Petroleum

Company.

Que podia Kaloust fazer? Conformado, lançou um olhar em

352

redor.

Vários aparelhos da Imperial Airways permaneciam

estacionados na placa, como aves

gigantescas adormecidas na
neblina.

O arménio sentiu um profundo calafrio percorrê-lo quando
se

aproximou do avião que alugara para a viagem.

Tratava-se de um Handley Page de duas

asas, uma em cima da outra, e três motores, um de cada
lado, entre as asas, e o terceiro no

nariz.

Que frágil lhe parecia a engenhoca! O

comandante estava já

instalado no cockpit, um cubículo aberto ao ar livre na parte
dianteira do avião, e o pequeno

passageiro, no auge do nervosismo, não resistiu ao impulso

de lhe lançar uma pergunta no instante em que assentou os
pés

trémulos nas escadinhas e tomou balanço

para entrar

naquela máquina dos infernos.

"Senhor comandante, vamos seguros?"

O oficial da Imperial Airways virou a cabeça para trás e sorriu, o

polegar a indicar as hélices no nariz do aparelho.

"Isto é um motor Rolls-Royce, senhor Sarkisian", anunciou, como se a informação dissesse tudo.

"Mantenha um stiff upper lip e verá que chegaremos sãos e salvos ao

nosso destino.

" Kaloust corou, embaraçado por ter dado parte de fraco, e entrou

obedientemente no engenho voador, sentindo-se

talvez um cordeiro a alinhar-se para a matança.

O interior lembrou-lhe um caixão e teve vontade de fugir dali, mas

controlou os nervos e instalou-se no seu lugar.

Havia catorze assentos em sete pares, separados pelo corredor

central.

Krikor sentou-se ao seu lado e madame

Duprés e Robert Cook atrás; os restantes lugares ficaram vazios, no fim de contas

tratava-se de um charter privado.

Enquanto

tudo

permaneceu

tranquilo,

os

quatro

passageiros

conversaram aos repêlões num murmúrio

fingidamente

despreocupado, por vezes soltando uma risada nervosa, o

medo traído pelos mal disfarçados esgares intimidados.

De

353

repente ouviu-se um ronco, a aeronave começou a estremecer e todos

se calaram.

O arménio empalideceu e, lutando contra o pânico que dele se

apossava, esboçou o sinal da cruz e murmurou uma oração com lábios

trémulos.

Instantes depois já rolavam pela pista de Croydon.

Sentiram o Handley Page ganhar

velocidade, os motores a rugirem

loucamente, o avião a sacudir-se com violência, os estômagos às

voltas e os corações num batuque

desenfreado.

O aparelho deu um salto e voltou ao solo com um estrondo surdo,

depois deu um novo salto e pareceu flutuar, deu a impressão de que

ia tocar de novo na pista mas aguentou e

elevou-se de novo.

Voavam já.

Apesar da aflição e das ave-marias que entoava sem cessar, Kaloust

ainda logrou lançar uma espreitadela pela janela e ver o casario de

Londres espriar-se lá em baixo até desaparecer sob os tufos

acinzentados que deslizavam rasteiros, como se as nuvens quisessem

esconder a cidade.

Apesar dos receios, afinal naturais em todas as viagens de avião, o

voo para Ostende foi de uma tranquilidade

surpreendente.

É certo que os copos a transbordar de Scotch e de Bordeaux Villages

distribuídos pela hospedeira ajudaram os quatro passageiros a

dominar os nervos, mais ainda quando uma tela baixou no corredor do

aparelho e começou a ser projectado The Lost World, uma fita

americana animada por dinossauros temíveis e grande êxito das salas de cinema londrinas uns anos antes.

Kaloust, porém, ocupava-se por esta altura com a análise das

consequências do triunfo do general Khan na Pérsia.

Era claro que o petróleo persa continuaria a ser um exclusivo da

Anglo-Persian, até porque o general tinha chegado ao trono graças à

ajuda das autoridades britânicas, que protegiam a

empresa de William D'Arcy, mas talvez pudesse vir a colher frutos

de outra maneira.

Pegou numa caneta e começou a anotar no seu bloco de apontamentos

alguns conselhos que daria ao novo xá sobre a gestão do petróleo

persa.

Teria de lhe mostrar como a Anglo-Persian manipulava as receitas da

sua concessão com artifícios

contabilísticos que empolavam as

despesas e encolhiam as receitas, de modo a reduzir a fatia que

cabia à Pérsia.

E, claro, chamaria a atenção para os preços de saldo a que o

petróleo persa era vendido à armada britânica.

Os seus rivais iriam ter vida difícil...

Chegaram a Ostende umas horas depois e dirigiram-se ao Royal Palace

Hotel, local escolhido para a conferência e onde, logo à chegada,

verificaram que o champagne jorrava sem limites.

Apesar de contarem partir nesse mesmo dia, as comitivas tinham

reservado quartos no hotel, pelo que Kaloust se recolheu à sua

suíte.

"Venha buscar-me daqui a uma hora", recomendou a madame Duprés

antes de fechar a porta.

Instalou-se na suíte e mudou de roupa.

Como lhe sobrou algum tempo, saiu à varanda e, com um copo de Porto

na mão, sentou-se numa cadeira de ferro e ficou a contemplar a

praia, cobrindo com os olhos o mar de tendas coloridas que se

estendiam pelo areal e as águas revoltas do mar do Norte que

lambiam a orla em ondas sucessivas.

Ainda pensou no general Khan, mas decidiu afastar o assunto da

mente e, acossado pela impaciência,

levantou-se e foi à pasta buscar as plantas do palacete.

Estendeu-as sobre a mesa da varanda.

Havia adquirido três casas que faziam esquina entre três ruas em

Paris.

A ideia era deitá-las abaixo e no seu lugar erguer uma mansão na

355

avenue d'Iena, muito perto do Arco do Triunfo.

Suspirou de melancolia ao pousar os olhos nas linhas harmoniosas

que rasgavam as plantas com arrojo.

Ah, que casarão!, pensou com irreprimível vaidade.

Os seus "filhinhos", como insistentemente apelidava as peças de

arte que ia acumulando, teriam finalmente um poiso que os juntasse

a todos sob o mesmo tecto.

Um lar!

A divagação foi interrompida pela sineta da porta; era madame

Duprés que o chamava.

Guardou a planta da mansão e desceu com a sua secretária para o

salão, onde ambos se juntaram a Krikor e a Cook.

Os quatro fundiram-se então com os elementos das diversas comitivas, distribuindo cumprimentos e sorrisos à esquerda e à direita.

Conversaram animadamente com Jean-Marc Hertault, o velho senador

que se tornara amigo dos Sarkisian e que presidia agora à Compagnie

Française dês Pétroles; o francês mostrava-se especialmente arguto

nas observações que ia tecendo sobre os rivais que deambulavam em redor.

"Olhem para o D'Arcy", disse em tom zombeteiro.

"Parece um peru engalanado, lê pauvre!"

"Não o goze", aconselhou Kaloust.

"O golpe na Pérsia é favorável aos interesses britânicos.

Ele vai sair a ganhar.

"

"Ah, mon ami, mas ouvi dizer que o novo xá lhe é próximo..."

O arménio fez um gesto vago com a mão.

"Boatos sem fundamento..."

Trocaram uma saudação com William D'Arcy, o presidente da AngloPersian, que os cumprimentou com calor inusitado.

"Chere Sarkisian, meu caro amigo!"

Caro amigo? Não havia dúvida, os novos ventos que sopravam na

Pérsia a favor de Kaloust haviam

amansado D'Arcy.

356

Mas não seria isso que o impediria de informar o xá sobre a forma

como a Anglo-Persian se aproveitava da

concessão no país e abusava da ingenuidade dos seus anfitriões.

Já Hendryk van Tiggelen se mostrou mais frio.

Além de uma equipa de advogados, o presidente da Royal Dutch Shell

viera acompanhado da sua Slava, cujos cabelos de ouro dominavam as

atenções masculinas.

Kaloust sentiu um baque ao vê-la; estava mais bela do que nunca.

Apesar do esforço para a ignorar, não conseguiu descolar os olhos

dela.

A russa separara-se definitivamente do general Khan e o arménio

perguntou a si mesmo se estaria

arrependida de o ter trocado por

Van Tiggelen, agora que o ex-marido se tornara xá da Pérsia.

Talvez por isso, e para mais sendo homem que jamais esquecia uma

afronta, Hendryk fez gala em ignorar a comitiva do arménio, limitando-se a cumprimentar os franceses.

"Alorsf", admirou-se o senador Hertault.

"Que se passa? Vocês já não são amigos?"

"Não se preocupe", limitou-se Kaloust a dizer.

"É apenas um arrufo.

"

"Pois o seu ex-amigo anda pelos vistos bem rodeado", observou o

francês enquanto apreciava as formas esculturais de Slava.

"Mon Dieu, que deusa!"

"Que puta!, quer o senhor dizer", corrigiu-o o arménio.

"Estão bem um para o outro.

Não sei se sabe, mas esta mulher era casada com o novo xá da..."

Oh, lá lá!", interrompeu-o Hertault, fazendo sinal para a porta.

"Voilà lês américains!"

Os presentes calaram-se quase em

simultâneo e desviaram o olhar

curioso e fascinado para os homens engravatados que nesse instante

entraram no salão.

Apesar dos sorrisos cordiais e dos interesses comuns na Turkish

Petroleum Company, a verdade é que todos eram inimigos de todos e

ninguém se

357

revelara mais inimigo que os Americanos; não tinham eles andado

décadas a torpedear a concorrência europeia com barragens de preços

ruinosos que quase os tinham levado a todos à falência?

"O Rockefeller?", perguntou Krikor, perscrutando os recém-chegados.

"Qual deles é o Rockefeller?"

O senador Hertault soltou uma gargalhada.

"Rockefeller? Não, mon Dieu, nem pensar!"

Esta conferência pode vir

a tornar-se a mais importante reunião da história do petróleo, mas

nem isso o demove.

O grande homem não se mistura com a arraia-miúda!"

Kaloust interveio.

"Tenha dó", disse.

"Não se esqueça de que Rockefeller tem quase noventa anos..."

Hertault apontou para um dos americanos, que parecia chefiar o

grupo que acabara de entrar.

"Tem razão.

Regardez! Em vez do velho veio o senhor Walter Peagle.

"

O executivo da Jersey Standard, uma das sucessoras da Standard Oil»

era um homenzarrão alto e volumoso, decerto com mais de cem quilos,

e dominava a sala com o seu corpanzil.

Cumprimentou os presentes com um

efusivo "Howdy!" ? Dava a

impressão de ser o próprio presidente Coolidge.

Depois de trocar palavras de circunstância com os chefes de todas

as delegações, incluindo o pequeno Kaloust, o gigante americano

esfregou as mãos de impaciência.

"Polks, e que tal se começássemos?", desafiou-os no seu estilo

expansivo e terra-a-terra.

"Disseram-me que a sala de conferências já está a postos..."

A iniciativa foi acolhida com um

murmúrio de assentimento no salão.

Kaloust bebericou um trago do seu copo de champagne, no qual até

então evitara tocar para manter a 358

mente limpa e ágil, e fez sinal aos elementos do seu grupo para que

o seguissem.

"É hora.

"

Além das resmas de papéis e das canetas e lápis, os únicos objectos

assentes sobre a longa mesa oval da sala de conferências do Royal

Palace Hotel eram os copos e os jarros de água.

As cadeiras arrastavam-se numa cacofonia de sons e os membros das

diversas delegações falavam em voz baixa entre eles, talvez

intimidados com a importância do

acontecimento, quem sabe se preocupados com os ouvidos indiscretos dos adversários.

Kaloust acomodou-se junto a uma das pontas da mesa, com Krikor à

direita e Cook à esquerda.

Diante dele sentava-se a comitiva da Anglo-Persian, com D'Arcy no

meio.

À direita tinha os franceses e à esquerda encontravam-se primeiro

os elementos da Royal Dutch Shell e depois os americanos, de longe

o maior grupo, uma vez que juntava

executivos de várias petrolíferas, a Jersey Standard, a Socony, a Gulf Oil, a PanAmerican Petroleum e a Atlantic Refining, todas integrantes da Near

East Development Company, o consórcio de tubarões criado para

representar os interesses americanos na Turkish Petroleum Company.

Um som tilintante percorreu a sala; era William D'Arcy que batia

com uma colher num copo, como se

tocasse um sino para chamar as

atenções.

Um silêncio expectante abateu-se sobre a mesa.

"Gentlemens, agradeço a vossa presença nesta reunião", começou o

inglês por dizer.

"Conforme é do conhecimento de todos, os prospectores da AngloPersian detectaram no sítio designado Baba Gurgur, a noroeste de

Kirkuk, o maior campo petrolífero jamais encontrado no

planeta.

Esta

359

descoberta torna imperativo que nos entendamos, uma vez que

integramos a Turkish Petroleum Company, cujos estatutos incluem uma

cláusula selfdenying, inserida por insistência do senhor Sarkisian,

que nos obriga a partilhar a exploração do campo com os restantes

membros do consórcio.

"

"Ou seja", lembrou Kaloust, "qualquer petróleo descoberto por uma

das partes pertence a todos os membros da Turkish Petroleum Company

e a distribuição dos lucros é feita consoante a percentagem que

cada parte detém do consórcio.

"

"Assim é", reconheceu D'Arcy num tom resignado.

"O que significa que, apesar de ter sido a minha Anglo-Persian a

fazer a descoberta, o campo de Baba Gurgur pertence a todos.

"

A afirmação suscitou um leve sorriso a Kaloust; tanta mansidão era

a confirmação de que D'Arcy devia estar

informado das relações especiais que ele tinha com o novo xá.

O controlo do comportamento da AngloPersian na Turkish Petroleum

Company, pressentiu, seria a maior vantagem que colheria da mudança

de poder em Teerão.

Walter Peagle fez uma careta de

desagrado.

"Não sei se concorde com os termos do acordo em vigor", disse o

americano.

"Parece-me que ele é contrário ao espírito de livre iniciativa que

orienta o mundo dos negócios na América.

Acho que temos de ter uma política de porta aberta.

Ou seja, liberdade total e igualdade de oportunidades.

Cada um pode fazer prospecções onde entender e ficar com os lucros

do que descobrir.

É assim que um mercado saudável

funciona!"

A intervenção do homem da Standard Jersey arrancou um gesto subtil

de aprovação a D'Arcy.

"Parece-me bem", concordou o inglês.

"A Anglo-Persian descobriu o campo de Baba Gurgur, a Anglo-Persian

deve

360

ficar com os proveitos da descoberta! São de facto essas as regras

de um mercado livre.

"

"E nós podemos fazer prospecções onde muito bem entendermos",

apressou-se Peagle a acrescentar.

"Os nossos técnicos, aliás, dizem que a Mesopotâmia tem condições

incríveis e que decerto haverá muitos outros campos petrolíferos

por descobrir, uma vez que..."

O presidente da Anglo-Persian levantou a mão.

"Calma aí!", exclamou.

"Não se entra na Mesopotâmia como quem vai dar um passeio ali a

Piccadilly.

" Hesitou e corrigiu-se.

"Ou, no vosso caso, a Times Square..."

"É a livre iniciativa", insistiu o americano.

"Temos de ter uma política de porta aberta.

"

"Por decisão da Sociedade das Nações, a Mesopotâmia é um protectorado britânico, como estou certo que é do seu conhecimento.

E nos protectorados britânicos mandam os Britânicos!"

"Ora essa!", protestou Peagle.

"Tenho a vaga ideia de que a América também ganhou a guerra! Vocês

não nos podem tratar como se não

tivéssemos quaisquer direitos!"

O americano e o britânico engalfinharam-se numa troca de argumentos

sobre quem tinha direito a quê, e a discussão só foi interrompida

quando Kaloust bateu com uma colher no seu copo de água, a exemplo

do que o próprio D'Arcy havia feito no início da reunião, e impôs o

silêncio.

"Os senhores esquecem-se de que neste momento só existe uma

entidade em todo o planeta que possui os direitos legais para

explorar as riquezas minerais na região do Iraque, a antiga

Mesopotâmia", disse num registo sereno, a

face impassível.

"A Turkish Petroleum Company.

"

Peagle desferiu um murro irritado na mesa.

361

"Fuck a Turkish Petroleum Company!", vociferou.

"A economia mundial não avança com monopólios! Só uma política de

porta aberta é aceitável!"

"Tem graça ouvir um homem da Standard Jersey queixar-se dos

monopólios", observou o arménio,

imperturbável.

"Não foi a Standard Oil que andou anos e anos a sabotar a concorrência e a praticar uma política de monopólio?"

"Isso não é para aqui chamado!"

O rosto de Kaloust contraiu-se no esboço de um sorriso.

"Talvez", concedeu.

"Mas, voltando à questão que nos juntou nesta reunião, permito-me

repetir que apenas a Turkish Petroleum Company tem a concessão para

explorar as riquezas minerais do território

correspondente ao antigo Império Otomano, concessão confirmada na Mesopotâmia pelo

novo governo do Iraque.

"

"E eu também repito", contra-atacou Peagle, os olhos frios cravados

no arménio, "que cada um deve fazer prospecções onde quiser.

" Deu uma palmada na mesa para enfatizar a ideia.

"Porta aberta!"

Em vez de responder de imediato, Kaloust respeitou uma pausa e

passeou o olhar pela mesa, encarando um a um os chefes de cada

delegação até se deter novamente no executivo da Standard Jersey.

"Então ninguém tem uma concessão.

"

Fez-se o silêncio mais absoluto na sala de conferências.

A declaração do arménio, apesar de proferida quase num sussurro,

constituiu uma bofetada que despertou os presentes para a realidade.

Cada um ficou a digerir o significado profundo do que acabara de ser dito.

Bem ou mal, a concessão da exploração petrolífera no território

correspondente ao antigo Império

Otomano fora entregue à Turkish

Petroleum Company.

Se uma empresa actuasse ao arrefio do conglomerado,

362

a concessão não seria válida.

Como era possível que uma evidência tão elementar lhes tivesse

escapado?

Incapaz de argumentar contra o óbvio e sentindo-se encostado à

parede, Walter Peagle respirou fundo e deixou descair os ombros

numa postura de desânimo; também ele tomara enfim consciência de

que não dispunha isoladamente da

concessão.

"O senhor Sarkisian", disse com frustração, "é um homem impossível numa situação impossível.

"

Kaloust manteve-se impávido.

"Lamento, mas esta é a realidade", limitou-se a afirmar.

"Só a Turkish Petroleum Company tem a concessão petrolífera dos

territórios do antigo Império Otomano.

Enquanto isto não for compreendido por todos, não iremos a lado

nenhum.

Não podemos embarcar no aventureirismo da porta aberta porque a

porta está fechada e reabri-la levaria a anos e anos de discussões,

com todos a lutarem contra todos, mais promessas e contrapromessas

do governo iraquiano, acções de lobbying que custariam fortunas em

subornos... eu sei lá! Esse caminho leva-nos de regresso à estaca

zero.

" Deixou que a ideia assentasse naquelas mentes casmurras.

"Assim, em vez de nos guerrearmos uns aos outros, sugiro que

cooperemos.

É o único caminho possível.

"

Peagle voltou-se para os membros da sua vasta comitiva e consultou

os executivos das outras companhias americanas.

Os homens da Socony e da Gulf Oil pareciam particularmente agitados e do burburinho ininteligível que entre eles se gerou escapava-se

uma ou outra palavra que as restantes delegações conseguiram

captar,

como

"impossível!",

"inaceitável!"

e

outros

termos

igualmente veementes.

A altercação prolongou-se por cinco minutos, ao fim dos quais os

americanos pareceram ter-se posto de acordo quanto à posição comum.

Peagle reassumiu a palavra.

363

"Lamento, folks, mas não podemos aceitar", disse, abanando a

cabeça.

"Consideramos imperativo insistir na política de porta aberta.

"

Os membros das várias delegações reviraram os olhos, exasperados.

Apenas Kaloust se manteve impassível.

"Não vêem que a porta aberta fará com que o processo se arraste

durante anos, talvez décadas? A realidade é que a concessão

petrolífera do Iraque está entregue à Turkish Petroleum Company e

não há nada que vocês possam fazer para inverter esse facto.

Só em conjunto dispomos de uma concessão.

Isoladamente, ninguém tem legalmente direito a nada.

"

Os americanos voltaram a abanar a cabeça.

"O problema não é a Mesopotâmia", explicou Peagle.

"Nós estamos também a negociar concessões no Kuwait e no Bahrain.

Se aceitarmos que a Turkish Petroleum Company é o detentor

exclusivo do petróleo encontrado em todo o território do antigo

Império Otomano, perdemos tudo isso.

Não podemos aceitar uma coisa dessas!"

A verdadeira causa da objecção da delegação americana tornara-se

enfim clara.

Kaloust avaliou por momentos a situação e, enquanto crescia um novo

burburinho entre as várias delegações, fez sinal ao empregado do

hotel que permanecia junto à porta da sala.

O empregado aproximou-se e inclinou-se para o arménio.

"O hotel tem algum mapa?"

"Um mapa, senhor?", admirou-se o homem.

"Mas... com certeza.

Temos vários.

"

"Então arranje-me um que mostre a Turquia e o Médio Oriente",

pediu.

"E já agora traga também um expositor onde eu o possa assentar para

que todos o vejam.

"

O empregado abandonou a sala em passo rápido e regressou uns

minutos depois com uma grande folha

colorida

364

e um expositor sustentado num tripé.

Instalou o expositor junto à mesa oval e assentou nele o mapa.

com movimentos deliberados, Kaloust levantou-se e pediu uma caneta

aos elementos da sua comitiva.

Krikor entregou-lhe um lápis vermelho.

Nesse instante o burburinho morreu e fez-se um silêncio intrigado

na sala, com os delegados a observarem o armênio enquanto ele

desenhava uma linha vermelha grossa na superfície do mapa.

"Este é o Império Otomano que conheci em 1914", disse quando

acabou.

"E tenho obrigação de saber, uma vez que nasci lá, vivi lá e trabalhei lá.

" Fez um gesto vago com a mão que segurava ainda o lápis vermelho.

"Se alguém souber mais, faça o favor.

"

Os Americanos perscrutaram o mapa.

A linha vermelha contornava a Turquia, a Arábia e a Mesopotâmia.

O Bahrain ficava no interior da linha, mas o Kuwait não.

O Kuwait não.

Isso significava que as petrolíferas ficavam com as mãos livres

para operar individualmente no Kuwait, cujos campos se revelavam

muito promissores.

Os membros da delegação americana entreolharam-se e os homens da

Socony e da Gulf Oil trocaram impressões e sussurraram palavras

ininteligíveis a Peagle.

O homem da Standard Jersey assentiu e virou-se então para as

restantes delegações.

"Nestas condições", declarou em tom solene, "a porta aberta está fechada.

"

Um murmúrio de alívio percorreu a sala.

Após mil peripécias e anos e anos de avanços e recuos, acabara

finalmente de se chegar a um acordo.

Os vários delegados levantaram-se e

apertaram as mãos.

William D'Arcy chegou mesmo a chamar o empregado e a pedir

champagne, mas foi travado pelo

presidente da Royal Dutch Shell.

Até ali, Hendryk van Tiggelen

365

havia acompanhado a discussão em

silêncio, deixando para Kaloust as despesas da defesa da posição que mais lhe convinha.

O arménio tinha acabado de enterrar a porta aberta, como Hendryk

desejava.

Chegara agora a hora de enterrar o arménio.

"Meus senhores", exclamou o holandês, erguendo a voz acima do

burburinho que nessa altura enchia a sala.

"Lamento ter de vos lembrar de que há ainda uma questão que

permanece em aberto.

"

Um silêncio surpreendido abateu-se sobre a mesa.

"Que se passa?"

"Estou a referir-me à forma como os dividendos serão distribuídos

aos accionistas.

Conforme estarão recordados, tínhamos decidido fazer os pagamentos

em petróleo.

" Lançou um esgar provocador na direcção de Kaloust.

"É a melhor forma de evitarmos os impostos e estou certo de que

ninguém se oporá.

"

Os olhares dos presentes convergiram para o pequeno arménio, como

se aguardassem uma reacção.

Sentindo-se o centro das atenções, no fim de contas aquela ideia

punha-o em causa, o visado pegou no copo pousado diante dele e

bebeu um gole de água.

Depois pousou-o com suavidade e

suspirou.

"Esse assunto já está entregue aos meus advogados", disse

laconicamente.

"Caberá à justiça pronunciar-se sobre quaisquer estratégias

inventados para negar aos pequenos accionistas os seus legítimos

direitos.

" Fez uma pausa carregada de insinuações.

"E, já agora, será interessante saber o que pensam os tribunais

destes truques para fugir ao fisco..."

"O senhor não se atreveria!"

Kaloust atirou ao holandês um olhar de desafio.

"Então espere pela notificação do tribunal", avisou num tom sibilino.

"Creio ser absolutamente ilegal obrigar um 366

accionista de uma empresa a receber em géneros contra a sua

vontade.

Se um pequeno accionista da Ford não recebe os seus dividendos

anuais em pneus ou volantes ou travões, porque tenho eu de receber

os meus dividendos em petróleo? Não faz sentido! Os senhores sabem

muito bem que não disponho de meios para refinar e distribuir

petróleo.

O que querem que eu faça ao petróleo que me depositarem à porta de

casa? Sou apenas um pequeno accionista da Turkish Petroleum

Company, não sou uma petrolífera! Ou os senhores revogam essa

decisão absurda, ou os tribunais terão de intervir e repor a legalidade.

"

As palavras do arménio desencadearam um tumulto na sala, com os

elementos das várias delegações a protestarem ruidosamente.

O mais agitado era Walter Peagle.

O americano abanava a cabeça e suspirava

sem parar, como um touro diante da capa vermelha, o rosto colorido de indignação.

"O senhor Sarkisian está a tornar as coisas muito difíceis",

queixou-se o homem da Standard Jersey.

"Muito difíceis mesmo! Os tribunais não têm nada que meter o nariz

nos nossos assuntos!"

"Então paguem-me em dinheiro.

"

"Mas o senhor não vê que o estado nos ficará com uma grossa fatia

se os dividendos forem distribuídos em dinheiro? É um absurdo!"

"E o senhor Peagle não vê que não tenho uso a dar aos milhares de

barris de petróleo que me venham a depositar à porta de casa? O que

quer que lhes faça?"

"Não temos culpa de que o senhor não disponha de estruturas de

refinação, armazenamento e distribuição.

Esse problema é seu!"

"Ora essa! Desde quando é que os dividendos de uma empresa são

pagos em géneros?"

367

Os elementos das diversas delegações entreolharam-se, embaraçados.

A situação chegara a um impasse e o pequeno arménio revelava-se

intratável.

No entanto, a ideia de pagarem em dinheiro e verem o fisco ficar

com uma parte dos lucros parecia-lhes insuportável.

Cada um sentia que entregar de mão beijada tanto dinheiro ao estado

era inaceitável, sobretudo tendo em conta que existia uma maneira

simples de contornar o problema, o pagamento em géneros.

Porém, todos tinham também consciência de que essa solução era

pouco ortodoxa e provavelmente não prevaleceria em tribunal, o que

seria catastrófico.

Como convencer Kaloust?

Após uma pausa desconfortável, o chefe da delegação francesa, até

aí em silêncio absoluto, pigarreou e inclinou-se sobre a mesa.

"Se me permitem, tenho uma solução a propor", disse o senador Jean-

Marc Hertault.

"Sugiro que m'sieur Sarkisian receba o petróleo que lhe cabe em

dividendos e o venda de imediato à Compagnie Française
dês

Pétroles.

"

A ideia extraiu um esgar de Kaloust.

"A que preço?"

"Ao preço de mercado na altura da venda, bien sur.

"

O arménio virou-se para Robert Cook e
para o filho, como se os consultasse.

Não vendo inconvenientes, os dois acenaram
afirmativamente com a

cabeça.

Kaloust estreitou os olhos e ponderou a proposta,
procurando falhas

ou armadilhas, mas levou apenas alguns segundos a dar a
resposta.

"De acordo.

"

Um suspiro de alívio percorreu a sala de conferências e os
sorrisos

saltaram como espuma de champagne ao longo da grande mesa oval,

pre anunciando a chegada das garrafas de Dom Pérignon.

Os advogados receberam ordens para transpor o acordado para o papel

e o taque-taque-taque acelerado das 368

máquinas de dactilografar irrompeu de imediato em vários pontos da

mesa.

Enquanto o texto era formalizado, os delegados juntaram-se no salão

nobre do hotel para celebrar o

acontecimento.

O champagne jorrava para os copos e os negociadores desfaziavam-se em

gargalhadas nervosas.

Não era caso para menos.

O Acordo da Linha Vermelha cristalizava o mais importante entendimento da história do petróleo.

"Sarkisian, mon vieux", ronronou Jean-Marc Hertault, "está de parabéns!"

O arménio mantinha a atenção centrada nas celebrações que enchiam o

salão.

Hendryk e Peagle abraçavam-se como se fossem velhos amigos e D'Arcy

confraternizava com Krikor.

"Olhe para eles", disse.

"Os homens do petróleo são como gatos.

Quando os escutamos, nunca sabemos se estão a lutar uns contra os

outros ou a fazer amor..."

O presidente da Compagnie Française des Pétroles riu-se, divertido

com a analogia.

"Acho que agora estão a fazer amor!",

observou.

"A amizade acaba sempre por ganhar, não lhe parece?"

Kaloust fitou o seu interlocutor.

Era verdade que o senador Hertault o ajudara em momentos decisivos,

incluindo aquele, mas não podia esquecer que o francês havia

conspirado com os outros accionistas para que a distribuição de

dividendos fosse feita em petróleo, não em dinheiro.

Isto para não falar em Hendryk, que pelos vistos, e por causa de

uma briga estúpida algumas semanas antes, apagara de uma assentada

os anos de colaboração e até amizade que os haviam unido no

percurso até àquele instante de

consagração.

Ou então D'Arcy, até ali um adversário de morte e que já lhe

chamava "velho amigo" apenas porque Kaloust era próximo do novo xá

da Pérsia.

369

"Neste negócio, senador Hertault", observou o arménio com acidez,

"as amizades são tão escorregadias como o petróleo.

"

O francês percebeu que a estocada também lhe era dirigida, mas

aguentou-a com galhardia.

Colou o copo de champagne à boca e provou um trago.

Depois pousou os olhos no seu pequeno interlocutor.

"Este momento não é próprio para amarguras, mon vieu", disse com um sorriso nos lábios.

"Celebre! Este acordo fez de si uma coisa de que mais ninguém se pode gabar.

"

"Não me diga? O quê?"

O senador bebeu mais um gole de

champagne e, quando acabou, ergueu o copo bem alto, acima da cabeça do seu velho parceiro, como se o

homenageasse.

"Tornou-se o homem mais rico à face da Terra.

"

370

VIII

O vasto átrio coberto de mármore italianos e de um enorme tapete

persa abria-se para uma magnífica escadaria, vasta e reluzente,

curvada para a esquerda com um corrimão de ferro forjado e aos pés

da qual assentava uma estátua de fêmea em pedra polida branca, tão

alva e brilhante que parecia esculpida em marfim.

Tratava-se de um dos maiores tesouros da colecção.

"Ah, a Diana de Houdon!", exclamou Sir

Kenneth Bark, o primeiro a chegar, contemplando a escultura com uma taça de champagne na mão.

"Está de parabéns, meu caro Sarkisian! É

uma jóia, não há dúvida!

Ainda me custa a crer que o Hermitage a tenha vendido.

"

O anfitrião ronronou de prazer.

"Já me ofereceram um milhão de dólares por ela, sabia? Mas não

vendo.

O lugar da Diana é aqui.

"

A construção da mansão na avenue d'Iena, número 51, levava dois

anos e meio e a decoração mais cinco meses,

371

mas a obra chegara enfim ao seu termo.

Para comemorar o feito, Kaloust organizou uma recepção elegante,

embora restrita, para a qual convidou apenas o curador da National

Gallery e seu conselheiro para a aquisição de obras de arte, Sir

Kenneth Bark, e ainda o ministro

plenipotenciário da Pérsia em Paris, Reza Mossaed.

Além do próprio filho, claro.

A sineta da porta tilintou e Nunuphar correu de imediato.

"Deve ser sua excelência!"

Tratava-se de facto do ministro Mossaed, um homem baixo e pálido

com quem Kaloust se reunia sempre que o governo persa precisava de

conselhos para uma negociação relativa às concessões petrolíferas.

Apesar de ser muçulmano, o diplomata não era imune ao charme

sedutor do champagne e foi a bebericar uma taça que se deixou

conduzir pelo anfitrião pelos labirintos da mansão.

"Não há dúvida", exclamou o persa repetidamente.

"Este casarão é digno do homem mais rico do mundo!"

"Não diga isso, senhor ministro", retorquiu Kaloust com fingido

embaraço.

"Não passa de um modesto tugúrio..."

"Pois deve sair-lhe caro, o seu tugúrio", ironizou Sir Kenneth Bark.

"Imagino os impostos que não terá agora de pagar, logo o senhor que

foge do fisco como o Diabo da cruz! Não era por isso que vivia num

hotel? Como vai agora alegar que está apenas de passagem se já tem

residência fixa?"

"Mas, meu caro, eu não vou pagar imposto nenhum.

"

"Ai não?" Indicou o espaço da mansão em redor.

"Então e isto?"

O dono da casa apontou para a estátua de Diana e para os quadros

que decoravam o átrio.

"Não vê todas estas obras de arte?", perguntou.

"O edifício está declarado como museu.

" Soergueu uma sobancelha.

"Como sabe, os museus estão isentos de impostos..."

372

As gargalhadas ecoaram pela mansão.

"Ah, meu caro! Não perdoa uma..."

Faltava ainda Krikor.

Enquanto aguardavam a sua chegada, os anfitriões levaram os

convidados a visitar alguns dos mais de cem quartos da mansão.

As atenções centraram-se em particular nas salas de recepção que

havam sido transformadas em galerias, com luzes a incidirem nos

quadros e a temperatura e a humidade ambiente preservadas por ar

condicionado, pormenor que a todos maravilhou.

"Oh, c'est magnifique!", exclamou o ministro Mossaed quando se

deparou com um Rubens sob um foco de luz.

"Estas peças são dignas do Louvre!"

Os visitantes contemplaram o Retrato de Hélène Fourment, em cetim

negro e com uma pluma nos braços, saído do pincel de Rubens e que

se encontrava pregado na parede diante deles.

"com franqueza, senhor Sarkisian", atalhou Sir Kenneth Bark.

"Tesouros destes não deviam estar assim escondidos.

O senhor devia abrir as suas portas a

visitantes.

Conheço, aliás, uma mão-cheia de amantes de arte que decerto

gostariam de apreciar estas belezas.

"

O rosto de Kaloust refulgia de orgulho.

"Sabe, meu caro amigo", acabou por responder, baixando o olhar com

falsa modéstia.

"Eu sou um oriental e nós, os orientais, não temos por hábito tirar

o véu das mulheres do nosso harém para as exibir à cobiça alheia.

"

A observação provocou novas gargalhadas,

"Bem visto", disse o ministro persa, os olhos regressando ao Retrato de Hélène Fourment.

"Mas diga-me uma coisa: o que lhe garante que esta pintura é mesmo

de Rubens?"

O anfitrião trocou um olhar de cumplicidade com o curador da National Gallery.

373

"Sir Kenneth fez ele próprio a peritagem", revelou Kaloust.

"E

contratei

dois

outros

especialistas

que

confirmaram

a

autenticidade da obra logo que ela chegou do Hermitage.

Fique pois descansado.

Este quadro é de facto de Rubens.

"

Mas Reza Mossaed não largou a sua hipótese.

"E se, mesmo assim, se viesse a descobrir que esta pintura é uma

falsificação?" Baixou o tom de voz, como se fizesse um aparte.

"Estou apenas a levantar uma possibilidade académica, claro.

" Retomou o tom normal.

"Nessas circunstâncias, ainda gostaria do quadro?"

O arménio afagou a sua barba, os olhos

pensativos a perderem-se na pluma branca pintada na tela.

"Se fosse uma falsificação? Nesse caso a obra perderia valor, é

evidente.

"

"Mas continuaria a gostar dela?"

"com certeza que não.

"

"No entanto, é o mesmíssimo quadro", constatou o persa.

"O que o senhor me está então a dizer é que a beleza do quadro

depende da sua assinatura.

Não acha isso um pouco excessivo?"

O olhar de Kaloust regressou a Sir Kenneth, mas desta feita com a

urgência e o pânico de quem implorava socorro.

"Nesse caso a beleza do quadro não depende da assinatura", corrigiu o curador da National Gallery, vindo em auxílio do anfitrião.

"Depende da autenticidade.

"

"Sim, mas a questão mantém-se", insistiu o ministro Mossaed.

"Autêntico ou não, o quadro é exactamente o mesmo.

O que faz com que num caso seja belo e no outro não? A pintura é a

mesma..."

"O senhor está a suscitar uma questão interessante e muito pertinente", observou o inglês.

Voltou-se para Kaloust.

"Lembra-se, mister Sarkisian, de uma vez lhe ter dito que existe

uma relação íntima entre a beleza e a bondade?"

374

"Então não lembro? É a história de o vulcão que me ameaça ser

horrível e de o vulcão visto à distância ser belo.

"

"Esse exemplo mostra a ligação entre a beleza e a bondade",

confirmou Sir Kenneth.

"O que na altura não lhe disse é que a beleza também se relaciona

com a verdade.

Digamos que forma um triângulo com a bondade e a verdade.

Ora a pergunta de sua excelência remete-

nos directamente para essa questão da verdade.

Por que razão um quadro genuíno é belo, mas uma falsificação não é?

A resposta é de uma simplicidade

desconcertante: o genuíno é

verdadeiro e o falso é mentiroso.

Ou seja, a beleza é intrínsecamente verdadeira, mesmo que a sua

verdade seja apenas metafórica.

Oliver Twist, de Charles Dickens, é um romance belo porque nos

revela a verdade sobre os meninos de rua de Londres e O Processo de

Kafka também é um livro belo porque nos expõe uma verdade profunda

sobre o exercício da justiça quando os direitos das pessoas não são

respeitados.

A Pietà de Miguel Angelo é uma escultura de grande beleza porque

nos apresenta com verdade a dor de uma mãe diante da morte do filho

e o Requiem de Mozart é uma música bela porque exprime a verdade da

tragédia da morte.

"

Kaloust desviou a atenção para o ministro plenipotenciário da Pérsia.

"É... é isso", disse, fazendo suas as palavras do seu conselheiro

de arte.

"Este Rubens é belo porque é genuíno.

Se fosse falso, estaríamos perante uma mentira.

A beleza do Retrato de Hélène Fourment está na sua verdade.

"

"É por efeito da verdade que a arte se associa ao bem", sublinhou

Sir Kenneth.

"É como se beleza, bondade e verdade fossem os três vértices do

mesmo triângulo.

"

O anfitrião arrastou os convidados até ao primeiro andar e mostrou-lhes a sua suíte, decorada com opulência e à qual

estava associado um quarto de banho concebido com mão de artista.

"Sabe quem me faz lembrar este estilo?", perguntou o curador da

National Gallery, a cujo olhar conhecedor nenhum pormenor escapava.

"Lalique.

"

O arménio sorriu como se irradiasse luz.

"Pois foi mesmo Lalique quem o criou.

"

"A sério?"

"Sarah Bernhardt apresentou-mo durante uma recepção organizada há

uns tempos por Nunuphar e... voilà!"

A suíte abria-se para um vasto terraço pavimentado com mosaicos

italianos e decorado com uma sebe de teixo que projectava uma

grande sombra num longo lago rectangular pontuado por repuxos de

água.

Imponentes colunas de mármore

sustentavam uma estrutura de jardins suspensos e, um pouco à frente, quase como se fizesse parte do

perímetro da mansão, erguia-se o Arco do Triunfo.

Parecia que Versalhes havia sido

transferida para o centro de

Paris.

Um chilrear incessante chamou a atenção dos convidados, que

enxergaram ao fundo do terraço um espaço coberto por grades

concêntricas.

"Tem aqui um aviário?"

Os olhos de Kaloust cintilaram em resposta.

Conduziu-os até à estrutura e no seu interior viram faisões,

pavões, pelicanos, periquitos e outras aves, numa orgia de cores e

de pipilares musicais.

O dono da casa abriu a porta da gaiola e

retirou dois pavões ricamente emplumados, que largou no terraço perante o espanto dos

convidados.

"O pavão é o símbolo do trono do xá da Pérsia, como sabem", disse o dono da casa.

"Então, em homenagem a sua alteza, vamos esta tarde deixar os meus

dois pavões em liberdade.

" Contemplou-os à solta.

"Que maravilha, hem?"

376

As aves cirandaram por momentos pelo terraço a ziguezaguear entre

os presentes, mas, talvez enervadas pela concentração de tanta

gente num espaço tão exíguo, sacudiram as asas e deram um salto

sobre a sebe, projectando-se no ar enquanto extraíam sucessivos

"oh!" alarmados dos visitantes.

Inclinaram-se todos sobre a sebe e viram os pavões planar sobre a

rua até pousarem.

Quase como se não passassem de meros peões, os pássaros puseram-se

a calcorrear a avenue d'Iena e a depenicar o que encontravam

perante a surpresa dos parisienses que por ali passavam.

"Oh, não!", exclamou Kaloust.

Virou-se aflito na direcção do mordomo, que os acompanhava com o

seu ar sempre solícito.

"Gilbert, faz qualquer coisa!" Apontou para a rua.

"Vai lá buscá-los, que diabo! Chama a polícia! Convoca os bombeiros! Mexe-te, homem!"

com ar atarantado, o mordomo deu meia

volta e desapareceu no interior da mansão.

O grupo ficou no terraço a ver os pavões a cirandarem pela avenue

d'Iena, Gilbert espavorido lá em baixo a correr atrás deles, os

gendarmes a surgirem de seguida para ajudar a capturar as aves,

estas a esvoaçarem para aqui e para ali.

Depois foram chamados outros

funcionários da mansão para reforçarem o cerco; a certa altura já corriam também por ali o concierge, os

quatro criados e a telefonista.

O pandemónio instalara-se na rua mas depressa se transferiu para a

rotunda da Étoile, ali a dois passos, para onde os pássaros fugiram, arrastando com eles a maior parte dos perseguidores.

A grande sala de jantar, no rés-do-chão, era a divisão em torno da

qual a mansão havia na realidade sido concebida.

Apreciaram a decoração requintada, afinal brilhavam nas paredes as

tapeçarias em ouro e prata feitas no século XVI

377

em Ferrara para o cardeal Mantua, mas a fome começava a apertar.

Na verdade tinha sido a vontade de comer que os arrancara ao

terraço, de onde seguiram com

sentimentos contraditórios parte do espectáculo da apanha dos pavões que haviam fugido para a Étoile,

os convidados divertidos e o anfitrião em cuidados.

"Que aborrecimento!", resmungou Kaloust.

"Querem lá ver que ainda perco os meus

ricos pavões?" Espreitou o relógio da sala e fez um estalo de impaciência com a língua.

"Ah, este Krikor! Já está quase uma hora atrasado!"

"Pois, é melhor irmos começando", disse Nunuphar, batendo palmas em

direcção aos empregados.

"Sirvam o almoço!"

Sentaram-se à longa mesa de mogno da sala, já com o concierge e

dois criados de regresso ao interior do casarão com notícias de que

um dos pavões se empoleirara no alto do

Arco do Triunfo.

O feito do animal suscitou admiração e foi a comentar o assunto que

começou a ser servido o primeiro dos quatro pratos do almoço, uma

entrada de faisão com castanhas e ameixas que prometia.

"O faisão", gracejou Sir Kenneth Bark,

"não é do seu aviário, pois

não?"

A observação desencadeou uma

gargalhada geral.

"Nesta casa", esclareceu Nunuphar, "não temos o hábito de comer os

residentes.

"

A anfitriã envolveu-se em animada conversa com o curador da

National Gallery, a quem pediu opinião sobre umas jóias que adquirira dias antes na Cartier, enquanto Kaloust dedicava a sua

atenção ao ministro Mossaed.

"Então como estão a decorrer as negociações com a AngloPersian?", quis saber.

"O D'Arcy tem-se portado bem?"

O diplomata riu-se.

378

"Oh, senhor Sarkisian, tem sido divertidíssimo! Graças aos seus bem informados conselhos, sua alteza imperial anulou a concessão de

1901 e negociou uma nova.

A Anglo-Persian teve mesmo o

descaramento de apresentar apenas trezentos mil dólares como lucros de 1931, veja só!"

"Eu avisei-vos, não avisei? Quando vi essas contas do ano passado

percebi logo que os tipos andavam a

disfarçar os lucros para vos pagar o menos possível.

"

"Sua Majestade ficou possesso, como deve calcular! De modo que a

concessão foi anulada, como o senhor teve a bondade de nos sugerir,

e renegociámo-la com uma percentagem mais interessante.

Eles ameaçaram com os tribunais e a Sociedade das Nações e mais não

sei o quê, mas lá acabaram por se conformar.

"

"E a área de concessão?"

"Reduzimo-la a um quinto, também como o senhor nos havia

aconselhado.

Ficamos agora com quatro quintos

disponíveis para exploração por

outras empresas.

Tem alguma sugestão?"

"Talvez.

Depois digo-lhe.

"

O ministro persa bebericou um trago de vinho tinto.

"O que acha o senhor Sarkisian da mudança de poder na Alemanha?", perguntou depois de pousar o copo.

"Que lhe parece este senhor Hitler?"

A mudança do rumo da conversa intrigou o anfitrião, que se pôs de

imediatamente a tentar destrinçar o motivo da pergunta.

"Desde os meus tempos em Constantinopla que desconfio dos Alemães",

retorquiu Kaloust.

"São uns brutalizados sem escrúpulos, eficientes como máquinas mas

frios como glaciares, como se não

tivessem sentimentos.

Basta, aliás, ver como os militares do Kaiser colaboraram

passivamente com os Turcos no extermínio dos meus conterrâneos

arménios durante a Grande Guerra.

Gente sem coração, digo-lhe

eu!" Inclinou-se na direcção do seu convidado.

"Não me diga que sua alteza, o xá, está a considerar a possibilidade de entregar a essa gente algumas áreas da concessão

que retirou à Anglo-Persian..."

O diplomata sorriu com embaraço.

"Como sempre, o senhor é muito perspicaz", afirmou.

"Mas é apenas uma possibilidade.

Sua Alteza gostaria de conhecer a sua opinião em relação ao senhor

Hitler.

"

O dono da casa endireitou-se e reflectiu sobre a questão.

"Não se metam nisso", acabou por aconselhar.

"A julgar pelas declarações que tem produzido desde que assumiu a

chancelaria, o senhor Hitler é um aventureiro militarista que não

augura nada de bom.

A retórica que agora vem de Berlim lembra-me um pouco o discurso

dos Alemães antes da Grande Guerra.

É curioso que na altura o senhor Churchill era o Lorde do Almirantado e, não o esqueço, disse então que uma guerra com a

Alemanha era inevitável.

O que aconteceu? Houve guerra.

Agora o mesmo senhor Churchill está a alertar para a possibilidade

de o senhor Hitler conduzir a Alemanha no mesmo sentido.

Se ele acertou na primeira previsão, quem sabe se não acertará na

segunda?"

O ministro plenipotenciário da Pérsia esboçou uma careta céptica.

"Não bastou a Grande Guerra? Acha que haverá um novo conflito na

Europa?"

"Ou o senhor Hitler muda ou isso, receio bem, tornar-se-á inevitável.

"

Os empregados retiraram da mesa as entradas de faisão e começaram a

servir os pratos seguintes.

No entanto, o ministro Mossaed quase nem deu pela mudança, de tal

modo se encontrava absorto pela

importante questão que discutia

nesse momento.

380

"Se não fosse o senhor a dizê-lo, eu não acreditaria", afirmou.

"Na sua opinião, em que medida uma guerra na Europa poderá afectar

a Pérsia?"

Kaloust abriu os braços, como se a resposta fosse óbvia.

"O petróleo, claro.

Não se esqueça de que os Alemães não dispõem de acesso directo a

campos de petróleo.

Foram expulsos da Mesopotâmia depois da Grande Guerra e dependem do

que nós lhes vendermos.

Se quiserem crescer como império, têm de controlar algumas fontes

de petróleo.

"

"Então decerto nos pagarão bem o acesso às nossas concessões..."

"Sem dúvida que sim", admitiu o arménio.

"Mas, a longo prazo, será isso do interesse da Pérsia? Não se

esqueça que o seu país tem a Índia britânica como vizinha.

Se houver guerra na Europa e vocês estiverem a abastecer a Alemanha

de petróleo, os Britânicos terão de invadir a Pérsia para lhes cortar a fonte de combustíveis.

Os Alemães contra-atacarão e o vosso país transformar-se-á num

enorme campo de batalha.

" Apontou o dedo ao seu interlocutor, como se o avisasse.

"Têm a certeza de que é isso que querem?"

O diplomata fitava-o, horrorizado.

"Acha que uma coisa dessas pode acontecer?"

O anfitrião cravou os olhos negros no persa para sublinhar as suas

palavras.

"Não se metam com os Alemães", aconselhou com convicção.

"De uma sementeira dessas não virão decerto boas colheitas.

"

O ministro Mossaed remeteu-se momentaneamente ao silêncio, a digerir o que acabara de escutar.

Habitudara-se a confiar naquele pequeno arménio que o xá tanto

apreciava, pelo que estas palavras o deixaram abalado.

Ao fim de uns instantes, todavia, recompôs-se.

Meteu a mão ao bolso do fraque e voltou a encarar o anfitrião.

381

"Sabe que eu e Sua Alteza prezamos muito as suas opiniões", disse,

elevando a voz e retirando do bolso um envelope decorado ao canto

com o selo dourado do trono do pavão.

"Assim, e em conformidade com esta missiva que me foi remetida por

sua majestade, venho oferecer-lhe a cidadania persa e convidá-lo

para conselheiro económico da nossa legação, e sobretudo da casa

real.

"

Fez-se silêncio à mesa, imposto pelo momento inesperadamente

solene.

O diplomata ergueu-se do seu lugar e, com uma vénia adequada,

entregou o sobrescrito ao dono da casa.

Também de pé, Kaloust devolveu a vénia e abriu o envelope.

Leu a carta que lhe era endereçada pelo xá a apresentar formalmente

o convite.

Depois dobrou a missiva e, hirto, fez nova vénia.

"Comunique a sua majestade, o xá, o

quanto me sinto honrado pela confiança que em mim deposita e diga-lhe que me esforçarei por me

mostrar à altura de tão elevada

responsabilidade.

"

Nunuphar e os dois convidados aplaudiram e Kaloust, para celebrar a

ocasião, ordenou que se servisse mais champagne.

Os criados correram de imediato para a cozinha mas, no momento em

que voltavam com as garrafas de Dom Pérignon nas mãos, tocou a

sineta da porta.

"Deve ser o Krikor", exclamou o anfitrião.

"Até que enfim!"

Uma vez que o mordomo ainda não tinha regressado da caça aos

pavões, teve de ser o criado a abrir a porta.

Ouviram-se então vozes no átrio e Krikor apareceu na sala de

jantar.

Atrás dele vinha uma figura de saias cuja silhueta o pai reconheceu

com indisfarçável desagrado.

"Desculpem o atraso", saudou Krikor num

tom jovial.

"A Maria Silvia demorou-se com a toilette.

Já sabem como são as mulheres, não é verdade? Primeiro que se

despachem..."

382

Os dois recém-chegados cumprimentaram os convidados e o casal

Sarkisian.

Kaloust indicou-lhes os seus lugares à mesa mas, antes de se

sentarem, Krikor puxou Maria Silvia .

pelo braço e encarou os pais.

"Antes do mais, queria fazer um anúncio", disse o rapaz com solenidade, voltando a face para a namorada.

"Esta manhã pedi a mão da Maria Silvia em casamento.

" Voltou para os pais um sorriso gaiato.

"Tenho o prazer de vos anunciar que ela aceitou.

"

Um silêncio absoluto acolheu estas palavras do noivo.

Atónito com o que acabava de escutar, Kaloust abriu e fechou a boca

sem emitir um som, parecia um peixe encarcerado num aquário, e só

se libertou do estado catatónico em que por momentos mergulhou

quando ouviu um grito e sentiu algo suceder ao seu lado.

Virou-se atarantado e apercebeu-se de que alguém caíra no chão.

Era Nunuphar que desmaiara.

383

384

IX

A nesga de sol espreitou pela janela e pousou sobre os recibos que

se apinhavam no canto da secretária como se os quisesse iluminar.

Depois de tomar o café turco que se tornara um hábito logo que

chegava ao escritório de St Helen's Place, Kaloust pousou os olhos

no monte de papéis, ganhando ânimo para os inspeccionar.

Devido à sua natureza desconfiada, o arménio gostava de verificar

todos os detalhes de qualquer transacção e assegurar-se de que

ninguém o enganava.

A inspecção das despesas do escritório era

por isso um ritual de que não prescindia logo que ali chegava.

O problema é que nessa manhã não se sentia com forças para nada.

Apesar da firme oposição que erguera àquele casamento disparatado,

o facto é que o filho acabara mesmo por dar o nó com a espanhola

desmiolada.

A cerimónia decorrera três semanas antes no Gabinete de Registos de

Prince's Row e a única testemunha tinha sido, ao que parece, a mãe

da idiota.

Até o pai dela, que pelos vistos possuía um 385

mínimo de bom senso e se opunha a um casamento fora do catolicismo,

se havia recusado a estar presente.

Sentado à secretária, Kaloust abanou a cabeça.

Como era possível que Krikor tivesse ido avante com um projecto

daqueles? Casar com uma católica? Onde diabo tinha o filho a

cabeça?

Esticou o pescoço e viu Krikor sentado no seu lugar a verificar

contratos.

A lua-de-mel em Deauville havia durado duas semanas e o rapaz

voltara enfim ao serviço.

Avaliou-lhe o rosto concentrado na tarefa em mãos.

O filho parecia-lhe definitivamente recuperado das provações que

passara às mãos dos Turcos, embora Nunuphar lhe tivesse dito que

ele continuava a ter pesadelos relacionados com as estradas por

onde passara e onde vira a matança e com a rapariga arménia por

quem se enamorara e que por lá morrerá.

E isto apesar de já se terem passado mais de quinze anos! Coitado,

a experiência devia ter sido terrível...

O pensamento amoleceu por momentos a irritação de Kaloust.

No fim de contas o rapaz sofrera

terrivelmente.

Mas depressa lhe ocorreu a imagem da sua nora desmiolada e a fúria

regressou com força redobrada.

Ah, como era possível o seu Krikor ter casado com criatura tão

detestável? Já não havia respeito? Que

tempos! Onde já se vira os filhos atreverem-se a desobedecer aos pais? Não havia dúvidas, os

valores andavam de pernas para o ar e o mundo parecia enlouquecer!

Agastado com o assunto, estendeu a mão e pegou nos recibos.

Analisou o primeiro e depois o segundo e o terceiro; eram as despesas do escritório dos últimos dias, designadamente com um

trabalho de manutenção do soalho, uma compra de papel e gastos com

o envio de uma encomenda pelo correio.

Estudou os recibos um a um, até parar numa folha que o intrigou.

Tratava-se de uma factura do The George, um pub

386

ali perto.

Dizia "Almoço do senhor Krikor" e referia-se a uma despesa de

dezoito xelins e seis pence.

"Ah, o malandro!"

Noutras ocasiões talvez deixasse uma coisa daquelas passar.

Mas não nesse dia, não depois de o filho o ter desrespeitado, não

depois de ele ter contraído um matrimónio que desaprovava e de lhe

ter dado uma nora que evidentemente não era boa da cabeça! Ah, uma

coisa daquelas não passaria impune!

com o sangue em ebulição, Kaloust ergueu-se do seu lugar e, em

passos rápidos e bruscos, cruzou a porta e foi ter com o filho, a

factura do The George a dançar-lhe entre os dedos.

"Que foi?", perguntou Krikor quando o viu plantar-se diante dele a

fitá-lo com uma expressão furibunda.

"Passa-se alguma coisa?"

O pai estendeu-lhe a factura com um gesto irritado.

"Que é isto?"

Krikor pegou no papel e leu-o várias vezes para tentar perceber o

que estaria ali que suscitasse tantos nervos.

"Isto foi uma galinha com espargos em geleia que noutra dia

encomendei ao pub", disse.

"Tive de verificar os pagamentos que nos são devidos pela nossa

quota na Turkish Petroleum Company e, como era coisa de responsabilidade, achei melhor não sair para almoçar.

" Ergueu os olhos e devolveu a factura.

"Porquê?"

A explicação não convenceu o pai, que manteve o cenho carregado

numa expressão acusatória.

"Não tens vergonha de remeter para o escritório as tuas despesas de

alimentação?", rugiu.

"O dinheiro que te dou não chega?"

O filho fitou-o com incredulidade, como se as palavras que acabava

de ouvir não fizessem sentido.

387

"Eu estava a verificar os pagamentos e não tive tempo de ir comer

lá fora.

"

"E porque não pagaste do teu bolso?", insistiu Kaloust, determinado

a levar o assunto até ao fim.

"O que andas a fazer ao dinheiro que te dou? A esbanjá-lo, não é?"

"Qual dinheiro? Eu nem recebo salário para trabalhar para si!"

"Mas eu cubro-te todas as despesas! Quem é que pagou a tua lua-de-mel em Deauville? Fui eu!" Indicou a janela.

"Quem é que pagou o Hispano Suiza que tens estacionado lá fora? Fui

eu!" Apontou-lhe para o fato que trazia vestido.

"Quem te pagou esse fato Savile Row do Gieves & Hawkes? Fui eu! Eu

paguei tudo!"

O tom acusatório irritou Krikor, que começou a sentir a indignação

crescer-lhe no peito.

"Ainda bem que fala nisso porque acho que está na altura de me

começar a pagar um salário!", retorquiu.

"Não quero a sua caridade, quero apenas que me pague pelo trabalho

que faço para si aqui no escritório.

"

"Ora essa!", exclamou Kaloust, fingindo espanto.

"Acaso alguma vez te faltou alguma coisa?

Visto-te, alimento-te,

educo-te.

Até a porcaria da tua lua-de-mel eu paguei!"

"Pois está na hora de começar a deixar de me dar esmolas! Não as

quero! É humilhante andar sempre a pedir-lhe as coisas de que

preciso! Sou adulto, tenho já quarenta anos, casei-me, trabalho

aqui com afinco e mereço receber um salário.

Viver da sua caridade não é coisa que me interesse!"

"O que queres dizer com isso?"

Krikor cruzou os braços e cravou no pai o olhar determinado; não

havia planeado ter esta conversa nesse

instante, mas quem escolhera a oportunidade fora o pai e não estava disposto a deixá-la escapar-se, sobretudo à luz do pretexto

388

mesquinho a que ele recorrera para vir ali implicar com as suas

despesas.

"Ainda não entendeu? Quero que me pague um salário.

"

Kaloust bateu com o indicador nas têmporas.

"Tem juízo, rapaz! Nunca te faltou nada nem é agora que vai começar

a faltar.

"

O filho apontou-lhe um dedo acusador.

"O que o pai quer é controlar-me as despesas e ter-me dependente de

si", exclamou.

"Mas isto vai acabar e é agora.

Já não sou nenhuma criança! Exijo um salário pelo meu trabalho!"

"Nem pensar!"

Ficaram os dois a fitar-se por um longo

momento, como se estivessem a medir-se em duelo.

O impasse acabou por ser bruscamente interrompido por Krikor, que

se ergueu num ímpeto e foi buscar o casaco que estava pendurado no

cabide junto à janela.

Vestiu-o enquanto se dirigia à porta, que abriu com rispidez.

Antes de sair, porém, voltou-se para trás e encarou o pai com um

esgar de desafio.

"Isto não vai ficar por aqui!"

E bateu com a porta.

Um frémito de excitação perpassava pela pequena multidão que se

acotovelava na sala do trono, as conversas sussurradas e apenas

interrompidas pelas gargalhadas nervosas das mulheres e pelas

tosses secas.

Todos os homens se apresentavam de uniforme, classificação em que

se poderiam incluir os trajes coloridos dos marajás indianos, à

excepção do embaixador americano e respectiva comitiva, estes de

fraque e gravata negros.

O único elemento verdadeiramente

universal naquele espaço eram as

luvas brancas, consideradas de rigueur na corte.

389

Fascinado com a fauna multicolorida concentrada no salão, Kaloust

estudou as mulheres.

Traziam longos tecidos sobre os ombros e com as pontas anichadas

nos braços, mas o mais curioso eram as três penas e as tiaras que

lhes enfeitavam as cabeças.

Não pôde nesse instante deixar de admirar Nunuphar pelo facto de se

manter tão actualizada quanto aos ornamentos adequados para essas

ocasiões.

Ao saírem de casa havia criticado toda aquela parafernália que ela

trazia aos ombros e empinada sobre o cabelo, mas nesse momento

percebeu que os ornamentos não eram afinal um mero capricho da

mulher, mas a moda da corte.

"Não se esqueça do protocolo, senhor Sarkisian", soprou-lhe uma voz

à esquerda.

"Quando estiver diante de suas altezas reais, ao fazer a vénia tem

de se dobrar só a partir do terceiro botão.

É um imperativo do protocolo aqui em Buckingham.

"

Virou-se e encarou o homem que falara.

Tratava-se de Reza Mossaed, o ministro plenipotenciário e chefe da

delegação diplomática que o casal Sarkisian integrava
nessa

ocasião.

"O... o terceiro botão?"

"Sim.

Tem de fazer a vénia do terceiro botão do seu uniforme para
cima.

A parte de baixo fica erecta.

"

A informação deixou Kaloust

momentaneamente em pânico.

Só agora é que lhe diziam uma coisa dessas? Afastou-se
dois passos

e viu um espelho numa parede.

Alinhou-se diante dele e curvou

ligeiramente o tronco numa vénia.

Todo o uniforme se dobrou.

Não podia ser.

Na segunda tentativa inclinou apenas a cabeça e o pescoço;
apenas o

primeiro botão se dobrou, não o terceiro.

"Arre! Está difícil!"

Mordeu o lábio inferior e procurou concentrar-se.

Precisava de chegar ao terceiro botão, que diabo! Seria assim tão

complicado? Curvou a cabeça e o peito, mas desse modo

390

toda a fileira de botões se dobrou.

Ah, não conseguira! Lançou um olhar desesperado ao diplomata persa,

como se pedisse socorro.

"Dobre o tronco só a partir do terceiro botão", repetiu à distância

o ministro plenipotenciário, encorajando-o a prosseguir.

"O terceiro botão, ouviu?" Fez um gesto rápido com a mão.

"Exercite! Vá, exercite!"

O arménio voltou a contemplar-se ao espelho e retomou as tentativas, mas por mais que se esforçasse

a coisa não estava a sair bem.

Aquilo devia ter uma técnica especial, concluiu.

Como a poderia desenvolver em apenas alguns minutos? No fim de

contas, a qualquer momento...

"Minhas senhoras e meus senhores", troou uma voz, "Sua majestade o

rei!"

O anúncio apanhou Kaloust de surpresa.

Já? Deu três saltos e pôs-se ao lado da mulher, no meio da sua

delegação.

A expectativa era muito grande, uma vez que se tratava da primeira

aparição do novo rei diante do corpo diplomático acreditado em

Londres.

Viu o camareiro-mor aparecer na

companhia de outros três oficiais, todos com bastões brancos nas mãos e a caminharem de costas.

Logo a seguir surgiu a figura jovem do rei Eduardo VIII, para quem

convergiram os olhares fascinados.

O seu pai, o rei Jorge V, tinha falecido

meses antes, e sobre este novo monarca corriam rumores de que tencionava casar-se com uma

americana divorciada.

Seria verdade? E poderia uma coisa dessas ser tolerada?

As delegações estrangeiras formaram duas alas ao longo da passagem

e todos os diplomatas e mulheres se curvaram numa vénia, as penas

brancas nas cabeças a baixarem como espigas dobradas pelo vento num

campo de trigo.

O novo monarca passou, acenando à

esquerda e à direita, e atrás 391

dele

vinha

o

resto

da

família

e

da

corte,

os

sorrisos

constrangidos, as expressões graves, os movimentos afectados.

O rei sentou-se no trono e a família real posicionou-se de pé no

estrado, como se fosse a guarda de honra.

"Sua excelência, o embaixador dos Estados Unidos da América, senhor David Samuelson.

"

O corpo diplomático começou então a desfilar diante do trono.

O primeiro foi o embaixador americano, cujo nome foi anunciado com

pompa e que fez uma vénia diante do monarca antes de apresentar em

voz alta os membros da sua comitiva.

Havia apenas um punhado de

embaixadores, pelo que logo se passou para os ministros plenipotenciários.

À medida que os elementos de cada missão diplomática iam desfilando e fazendo vénias, Kaloust estudava analisando com especial atenção

a maneira como conseguiam dobrar-se a partir do terceiro botão, mas

uma vez que estavam de costas não se pôde certificar do sucesso de

nenhum deles.

Isso não o impediu de retomar
discretamente os exercícios.

Tentou durante vinte minutos fazer o movimento correcto e
respondeu

a cada falhanço com uma praga furiosa em voz baixa e em
arménio, de

modo a assegurar-se de que ninguém o entendia.

"Sua excelência, o ministro

plenipotenciário do Irão", anunciou por fim o camareiro-mor,
"senhor Reza

Mossaed.

"

Só no momento em que ouviu o nome do seu ministro é que
Kaloust

percebeu que chegara a sua vez; ainda não se habituara à
mudança do

nome da Pérsia para Irão, decidida no ano anterior pelo xá.

Parecia que o mundo havia sido varrido por uma epidemia
de mudança

de nomes.

A delegação iraniana alinhou-se diante do trono e o arménio
quase

teve de correr para se pôr ao lado de

Nunuphar.

Viu o chefe da sua comitiva fazer a vénia ao monarca, o rei acenar

sem

392

conseguir disfarçar o ar entediado, e a seguir apresentar, um a um,

os elementos da comitiva.

"Senhor Kaloust Sarkisian e esposa", disse então o ministro iraniano, "conselheiro económico.

"

O casal baixou-se, com Nunuphar a

levantar as saias pelos lados e a dobrar os joelhos, enquanto o marido fazia a vénia protocolar.

O problema é que Kaloust se esforçou tanto por se dobrar a partir

do terceiro botão que se desequilibrou e quase caiu para o lado,

desencadeando um breve bruá entre os presentes.

Perguntaram-lhe se se sentia bem, corou de embaraço e assinalou que

sim, retirou-se a caminhar para trás e, a face a arder de vergonha,

quase se escondeu por detrás dos

elementos da sua delegação.

Que figura!

"Que te aconteceu?", perguntou-lhe Nunuphar num murmúrio.

"Estás bem?"

"Tentei dobrar-me pelo terceiro botão e...

e..."

A mulher respirou fundo e abanou a cabeça com uma expressão

reprovadora.

"Às vezes és mesmo pateta, homem!", repreendeu-o.

"Não vêes que isso era uma peta do ministro?"

O olhar surpreendido de Kaloust desviou-se para o diplomata

iraniano, que se retirara já do espaço diante do trono e que o

fitava com uma indisfarçável expressão de troça, evidentemente

satisfeito com o sucesso da sua partidinha.

Ah, fora apanhado!

Após a procissão real que encerrou a cerimónia de apresentação de

cumprimentos, o corpo diplomático foi dividido em dois grupos.

O ministro plenipotenciário iraniano seguiu com os restantes embaixadores e chefes de legação para um banquete com o rei e a

família real, enquanto os membros das delegações se concentraram

noutro salão do Palácio de Buckingham para o almoço.

393

A atmosfera era de opulência, com a mesa decorada por vistosos

candelabros de cristal, os pratos de ouro, os talheres de prata e

os empregados a circular em de fraque, como lordes.

Todo aquele esplendor era uma boa ideia,

achou Kaloust; se calhar devia fazer o mesmo na sua mansão em Paris, sempre iria dar um ar

chique às recepções de Nunuphar.

A comida nas travessas da sala de banquetes revelou-se abundante e

variada e as garrafas de champagne estavam por toda a parte, embora

sem as tarjetas a indicar a marca.

Movido pela curiosidade quanto à origem da bebida, se Veuve

Clicquot se Moét et Chandon, o arménio questionou um empregado

sobre o assunto e foi informado de que não

se considerava

apropriado

que

a

família

real

se

associasse,

mesmo

que

indirectamente, a uma determinada marca.

Escutando as conversas que se cruzavam ao almoço, Kaloust

rapidamente se apercebeu de que o tema que a todos preocupava era o

que se passava na Alemanha.

"Estas leis contra os judeus parecem-me pouco cristãs", observou um

adido americano ao seu lado esquerdo enquanto trincava uma empada.

"Não há nada que se possa fazer para travar esse senhor Hitler?"

"São assuntos internos da Alemanha, receio bem", retorquiu um

oficial inglês ligado à casa real e que se

acomodara à direita.

"Penso que não nos devemos meter neles.

"

"Mas esse homem precisa de ser controlado, goddam it!", insistiu o americano.

"Começou a armar o país, repudiou o Tratado de Versalhes, ocupou as

zonas desmilitarizadas do Reno, fez agora uma aliança com

Mussolini, anda a piscar o olho aos Japas e ainda se pôs a

vociferar contra os Checoslovacos.

" Baixou a voz, como se partilhasse um segredo.

"Diz-se até que se prepara para enviar unidades militares para

ajudar os revoltosos em Espanha.

"

394

"Ora aí está uma boa notícia!", devolveu o inglês.

"É uma excelente maneira de suster o expansionismo dos bolcheviques

sem que sujemos as mãos.

Aliás, o governo de sua majestade já pediu discretamente aos

Portugueses, nossos aliados, que colaborem com os Alemães e ajudem os revoltosos espanhóis no que for preciso.

A prioridade é travar Estaline.

Já viu o que seria termos de lidar com uma Espanha vermelha?"

O americano calou-se por momentos, como se digerisse a estratégia

britânica.

"Temos de facto de enfrentar os bolcheviques", admitiu.

"Isso é inquestionável.

Interrogo-me, no entanto, se devemos deixar essa tarefa para o

senhor Hitler.

"

"Não o incumbimos da missão.

Mas se ele quiser travar Estaline em Espanha, porque haveremos de

nos opor?"

Sentindo que o inglês tinha a mente fechada quanto ao assunto, e

precisando de encontrar um aliado naquela conversa, o americano

desviou o olhar para Kaloust.

"O senhor é persa, não é verdade? Que pensa a Pérsia disto?"

O arménio sorriu; ora aí estava outra pessoa que não se habituara

ainda ao novo nome da Pérsia.

"Sou britânico, mas trabalho de facto para a legação iraniana e até

adquiri recentemente a respectiva nacionalidade", esclareceu.

"De qualquer modo sou suspeito nessa matéria porque tenho origem

arménia e sofro de uma desconfiança natural em relação aos Alemães.

Acho que eles nos andam a testar e nós, francamente, estamos a

mostrar pouca firmeza.

Isso dá-lhes confiança para se tornarem mais arrojadados, não lhe

parece? Nestas condições, temo que o pior se torne inevitável.

"

O oficial inglês esboçou uma careta.

395

"Explique-me o que entende por pior.

"

"Estou a falar de uma guerra europeia, claro.

Não é o que nestes dias está na mente de toda a gente?"

O homem da casa real riu-se com sobranceira.

"Good Lord, onde isso já vai! Uma guerra?

Francamente! Acha mesmo

que vamos desencadear uma guerra por causa da ocupação alemã da

zona desmilitarizada do Reno ou por o senhor Hitler denunciar o

Tratado de Versalhes, que aliás é iníquo para os Alemães e nunca

devia ter sido formulado nos termos em que foi? O secretário dos

Negócios Estrangeiros, o senhor Éden, está a protestar, claro, mas

daí a declararmos guerra... Repare, se as hostilidades eclodissem o

que aconteceria? A França faria guerra à Alemanha.

Como a União Soviética assinou no ano passado uma aliança com a

França, o Exército Vermelho invadiria a Alemanha.

Derrotada, a Alemanha tornar-se-ia então um país bolchevique.

Acha que uma coisa dessas é tolerável?

Acha?" Sacudiu enfaticamente a cabeça.

"Não, ninguém se vai meter numa aventura

dessas, meu caro senhor!

Nem pensar! A nossa estratégia passa antes por conter o senhor

Hitler e limitar os danos.

"

"Pois não é assim que pensa o senhor Churchill, que já considerou o senhor Hitler uma ameaça à paz mundial e disse que..."

"O senhor Churchill está, receio bem, gágá.

O mundo mudou muito e o pobre diabo não tem a noção de como são

complexas as coisas hoje em dia.

"

A tensão europeia dominava as conversas e foi ainda com todos a

opinarem sobre o assunto que os

preocupava que terminou o banquete e as diversas delegações diplomáticas abandonaram o Palácio de

Buckingham.

O casal Sarkisian

396

despediu-se do ministro plenipotenciário iraniano e dos restantes

elementos da delegação e seguiu no seu Rolls-Royce a caminho de

casa.

De olhos perdidos nos passeios e o corpo a distender-se,
Kaloust

pensou que a manhã havia sido longa e cansativa, pelo que
precisava

de algo especial para se descontraír.

Mas o quê? Na verdade não era necessária grande
imaginação para

saber o que tinha de fazer.

Decidiu que iria de seguida ao Ritz para procurar diversão
na cama

com a sua sweetheart do momento, uma rapariguinha loira
e

curvilínea que tinha descoberto no ano

anterior durante um passeio no pontão de Brighton.

Ah, uma sessão terapêutica com Rebecca far-lhe-ia imenso
bem!

O automóvel estacionou diante do número 38 de Hyde Park
Gardens e

Nunuphar saiu.

Quando se preparava para ordenar ao motorista que
prosseguisse até

Piccadilly, porém, Kaloust apercebeu-se da inadvertida
presença do

mordomo junto à janela da viatura.

Baixou a janela para saber o que se passava e Humphrey estendeu-lhe

uma bandeja de prata com um envelope.

"É para si, sir", anunciou o homem no típico tom afectado do butler

inglês.

"Acabou de nos ser entregue por um funcionário judicial.

"

Kaloust pegou no envelope e abriu-o.

Desdobrou o ofício que se encontrava no interior e passou a atenção

pelo arrazoado legal até se deter no que realmente interessava.

Foi nesse momento que arregalou os olhos estupefactos.

"Nunuphar!", berrou.

"Nunuphar, anda cá!"

A mulher, que havia entretanto cruzado a porta de casa e desfizera

já a tiara que levara sobre a cabeça, voltou para trás e abeirou-se

do Rolls-Royce.

"Que se passa? Aconteceu alguma coisa?"

397

"É o nosso filho!"

"O quê? Que foi? Ele está bem?"

com uma expressão atónita, Kaloust acenou com a folha ornamentada

pelos símbolos da justiça de sua majestade.

"Processou-nos.

"

398

x

As notícias da invasão alemã da Polónia enchiam a primeira página

dos jornais que Kaloust folheava no banco traseiro do seu RollsRoyce.

Como era habitual, comprara os matutinos durante o constitucional

que fizera por Hyde Park pouco depois de

acordar, mas não os lera de imediato; tinha decidido fazê-lo na primeira oportunidade,

talvez quando estivesse no automóvel a caminho do tribunal.

Pois era o que sucedia nesse momento, mas o facto é que não se

sentia com disposição para se ocupar com aquelas desgraças; trazia

a mente demasiado preenchida por uma preocupação muito mais

imediatamente.

Consultou o relógio e suspirou de impaciência; eram quase nove da

manhã.

Girou a cabeça e encarou o homem de cabelos grisalhos sentado ao

seu lado; conhecia-o havia já muitos anos mas era a primeira vez

que reparava que ele envelhecera, o cabelo louro havia-se tornado

branco e as rugas sulcavam-lhe os cantos dos olhos como rios secos.

399

"Diga-me, Sir Philip, quanto tempo acha que vai durar este maldito

juízo?"

Era estranho chamar-lhe Sir, mas o velho

amigo fora recentemente condecorado cavaleiro pelos seus serviços no Foreign Office e tinha

direito ao tratamento.

A alegria pelo knighthood, no entanto, fora mitigada pela evolução

dos acontecimentos na Europa e em parte alguma do rosto a angústia

que o sufocava era tão evidente como nos olhos, duas bolas de um

azul-pálido fixadas nos cabeçalhos dos jornais que Kaloust pousara

no regaço.

Ao perceber que fora interpelado, Sir

Philip Blake estremeceu como se regressasse à realidade.

"Ha?" Hesitou, recuperando a concentração.

"Depende, não sei.

Talvez umas horas, I daresay.

Provavelmente o dia inteiro, old boy.

"

"E quantos dias?"

"Nunca menos de dois.

" Fez um cálculo mental.

"Se calhar a semana inteira, quem sabe?"

Tudo muito vago, achou Kaloust, esforçando-se por conter a

impaciência.

Ergueu o The Times e indicou a notícia da invasão alemã na primeira

página.

"Já viu isto?"

O amigo respirou fundo, claramente abatido pela evolução dos

acontecimentos na Europa Central.

"Quem não viu?", perguntou.

"Good heavens! Nunca pensei que a coisa chegasse a este ponto.

Nunca pensei.

" Abanou a cabeça como se ainda tivesse dificuldade em digerir as

notícias.

"E os meus netos... os meus três rapazes vão decerto ser chamados

ao serviço militar.

Blast it! É uma bloody disgrace!"

Fez-se silêncio no banco traseiro do automóvel.

A manhã nascera sombria e o céu de chumbo deslizava baixo,

400

ameaçador e pesado; provavelmente ia chover.

Olhando pela janela do carro, Kaloust apercebeu-se de que todas as

pessoas que enchiam os passeios das ruas de Londres traziam jornais

nas mãos e mais de metade liam-nos enquanto caminhavam; outras

juntavam-se em torno de rádios ou conversavam com semblantes

carregados em pequenos grupos junto às bancas com os matutinos.

Duas guerras contra a Alemanha no espaço de pouco mais de vinte

anos, reflectiu com amargura, era de facto demasiado.

Virou-se e pôs a mão no ombro do amigo, procurando consolá-lo.

"Deixe estar que também vamos ganhar esta.

"

Sir Philip Blake encarou-o com um esgar banhado de cepticismo e

descrença.

"I say, o que o leva a dizer isso?"

O arménio sorriu sem vontade.

"O petróleo, o que mais haveria de ser?", observou.

"A Inglaterra e a França estão devidamente abastecidas pelos campos

petrolíferos do Iraque, como sabe.

A concessão que obtivemos nos tempos do Império Otomano é preciosa.

E o que têm os Alemães?" Abriu as palmas das mãos, mostrando-as

vazias.

"Nada.

Como é que o senhor Hitler irá alimentar os seus tanques e os seus

aviões quando se lhe acabar o

combustível?"

O inglês não se mostrava inteiramente

convencido.

"Se calhar é justamente por isso que temos guerra, old chap",

observou.

"Não me admiraria nada que esta invasão da Polónia fosse o prelúdio

de uma invasão da União Soviética.

Repare que os Alemães ficarão agora com acesso directo à fronteira

rusa.

Os tolos dos bolcheviques assinaram aquele acordo de não agressão

com os nazis, mas vai ver que um dos próximos passos de Hitler será

entrar por ali dentro e tomar os poços petrolíferos do Cáucaso.

" Sacudiu a mão

401

como se se tivesse queimado.

"Good Lord! Se ele conseguir um golpe desses..."

A observação colheu o assentimento de Kaloust; se havia coisa que

Sir Philip Blake conhecia em profundidade eram os meandros da

política internacional, fruto da sua longa experiência no Foreign

Office.

"Tem razão", admitiu.

com o olhar fixo no vazio, como se a sua atenção estivesse longe

dali, perguntou: "Acha mesmo que os Alemães vão vioiar ?
acora? -

"Se esses chaps violaram o Tratado de Versalhes e se violaram o

Acordo de Munique, old boy, o que os impedirá de violar o
Tratado

de Moscovo quando lhes convier? Receio bem que o senhor
Estaline

esteja algo iludido quanto à verdadeira natureza das
intenções do

senhor Hitler.

" Passou as pontas dos dedos pelo bigode grisalho, um
lampejo a

iluminar-lhe os olhos azuis.

"Watt and see.

"

O automóvel immobilizou-se junto ao passeio e os ocupantes
perceberam que tinham chegado.

Lá fora estendia-se uma escadaria que conduzia a um
edifício

majestoso e austero de traça neoclássica, com grandes
colunas e

frontispício triangular O tribunal.

O processo intentado pelo filho durava já havia três anos e Kaloust

recordava ainda a fúria que sentira quando recebeu a notificação

judicial.

Andou vários dias pelos corredores de casa e até do Ritz a jurar

que ia destruir Krikor, ia deserdá-lo, esmagá-lo e levá-lo à miséria e mais não sabia o quê, mas Nunuphar conseguiu por fim

acalmar os ânimos e evitou mesmo que despedisse o rapaz.

Não tinha sido fácil engolir a afronta, mas,

que demónio!, ele era o seu único filho! Que havia de fazer?

402

Ganhar o processo, claro.

Se não podia destruir Krikor, se nem sequer lhe era permitido

despedi-lo, só lhe restava a última opção.

Enfrentá-lo em tribunal e derrotá-lo com a lei do seu lado.

O facto de ter consigo um dos mais prestigiados causídicos do Reino

Unido também ajudava.

Sir Philip Blake era um homem de estado

que fizera carreira no Foreign Office, mas a sua principal fonte de rendimentos provinha

de um célebre escritório de advogados na City, o Blake & Hawthorne.

Como tinha uma vida política muito intensa, Sir Philip entregava

habitualmente a condução dos processos a advogados que contratava,

mas aquele caso era especial, uma vez que envolvia Kaloust.

Tratando-se do seu amigo e protegido, além do seu cliente mais

rico, o inglês decidira assumir ele próprio

a condução do processo.

Graças a sucessivos artifícios legais, Sir Philip Blake havia

conseguido prolongar a fase preliminar do processo de tal modo que

só trinta e seis meses depois é que ele chegava à barra do

tribunal.

Kaloust havia apostado no arrastamento do caso na esperança de que

Krikor repensasse a sua atitude e retirasse a acção, mas o rapaz

persistira até ao fim.

Isso, pareceu-lhe, era miserável.

Miserável e, porque não dizê-lo?, digno de admiração.

"Tem tomates", murmurou.

"Sempre teve.

"

Estavam já ambos sentados dentro da sala de audiências.

A seu lado o advogado remexia nos papéis que tirara da pasta,

preparando-se para a primeira sessão.

"Perdão?"

"Nada, nada.

Era apenas eu a tagarelar com os meus

botões.

"

Inclinou-se e espreitou a bancada dos queixosos.

Sentado no outro lado da sala de

audiências, Krikor conferenciava

em

403

voz baixa com o seu advogado, acertando decerto os últimos

pormenores do caso.

Parecia confiante e senhor de si, o que inspirava novos sentimentos

contraditórios ao pai.

Por um lado, Kaloust sentia-se agradado por ver a segurança do

filho, homem feito e assertivo, sem medo de enfrentar ninguém para

fazer valer a sua posição.

Sobrevivera às marchas da morte e, talvez por isso, tornara-se um

colosso, frio e firme.

Mas por outro lado essas qualidades não lhe pareciam convenientes

para o êxito da sua defesa.

Que trunfos guardaria o rapaz na manga?

com excepção dos queixosos e dos réus, os lugares da sala do

tribunal estavam vazios.

A imprensa manifestara muito interesse em assistir ao julgamento,

no fim de contas o caso envolvia aquele que era nesse momento o

homem mais rico do mundo e do qual pouco se conhecia, mas Kaloust

detestava a publicidade e até ali lograra escapar às objectivas dos

fotógrafos de Fleet Street.

Pedira por isso que o julgamento

decorresse à porta fechada.

Sabia que havia poucas possibilidades de o juiz concordar, mas

Krikor, sensível às preocupações do pai, tinha aceitado o pedido.

com ambas as partes a solicitarem discricção, e tratando-se de um

processo que não envolvia um crime público, o tribunal não teve

outro remédio que não fosse aceder.

A porta do fundo abriu-se nesse instante e um funcionário judicial

franqueou-a e pôs-se em sentido, quase como um soldado em parada.

"All rise!", entoou em voz alta.

"O honorável juiz Lawrence Aylesbury vai presidir à sessão!"

Os litigantes puseram-se de pé e entrou na sala de audiências um

homem de beca judiciária negra e peruca branca ao estilo

setecentista, com caracóis horizontais que desciam até aos ombros;

parecia uma personagem anacrónica, 404

saída dos tempos de D'Artagnan e dos três mosqueteiros.

O juiz instalou-se no seu lugar, uma cadeira alta e dominadora,

pegou numa resma de folhas e ajeitou os óculos.

"Vamos portanto julgar o processo cível número 90747/39, intentado

pelo senhor Krikor Sarkisian contra o senhor Kaloust Sarkisian

sobre remunerações e outras

compensações laborais.

" Pegou num pequeno martelo e bateu com ele na mesa.

"Está iniciada a sessão!"

O julgamento prolongou-se o dia inteiro, com uma curta pausa para o

almoço, servido numa sala privada, e culminou na apresentação de uma moção por parte dos queixosos a solicitar um conjunto de documentos considerados cruciais para determinar o valor de uma eventual indemnização e mensalidade salarial.

O advogado de defesa protestou nos termos mais enérgicos, como lhe competia, mas o juiz Aylesbury abanou a cabeça perante tais objecções.

"Nada posso fazer, Sir Philip", disse.

"Como muito bem sabe, cada uma das partes em litigação tem pleno direito de acesso aos documentos na posse da outra parte que considere imprescindíveis para o seu caso.

"

"Mas, my Lord, estou certo de que não ignorará a dimensão documental em causa nesta moção!"

O juiz pegou no martelo.

"Estou ciente de tudo, e sobretudo da lei.

A defesa tem uma semana para satisfazer o pedido dos queixosos.

" Bateu com o martelo na mesa.

"Está suspensa a sessão!"

Os presentes arrumaram os papéis e Kaloust, apesar da fadiga que

lhe entorpecia o raciocínio, reparou que o seu advogado estava com

um semblante particularmente sisudo, como se a sentença tivesse

acabado de ser proferida e não lhes 405

fosse favorável.

Achou a reacção estranha, mas apercebeu-se de que o filho e o

respectivo advogado se aproximavam e voltou para eles a sua

atenção.

As duas partes em litígio

cumprimentaram-se com cordialidade e saíram juntas do tribunal, como era adequado a gentlemen da sua

condição.

Só se separaram ao chegar à escadaria exterior, momento em que cada

par foi para seu lado.

Quando iam a meio dos degraus e a uma distância que os punha enfim

ao abrigo de ouvidos indiscretos, Kaloust chegou-se a Sir Philip

Blake.

"Que raio se passou ali dentro?", segredou-lhe ao ouvido por medida

adicional de segurança.

"Porque está tão aborrecido?"

O advogado mal continha a irritação.

"Good heavens, Sarkisian, não viu o golpe baixo?", perguntou.

"Não percebeu o verdadeiro alcance da moção do seu filho? Blast it!

Isto foi um low upper cut da pior espécie!

Kaloust fez um esforço de memória, tentando descortinar o que havia

de tão significativo no pedido a que o juiz dera provimento apesar

das insistentes objecções de Sir Philip.

"Bem, ele quer ter acesso aos documentos que permitem avaliar o

montante de uma eventual indemnização.

Em que medida uma coisa dessas o pode beneficiar?"

"Em termos de mérito de causa, nada.

" Lançou um olhar carregado de subentendidos.

"Mas não é isso o que está

verdadeiramente em questão, pois não?"

"Não?", admirou-se o cliente, ainda sem nada perceber.

"Então é o quê?"

"São os documentos, old chap", devolveu o inglês.

"Já reparou na..."

Um punhado de homens de chapéu e

máquinas fotográficas cortou-lhes o caminho, impedindo-os de chegar ao carro.

406

Kaloust

apercebeu-se,

horrorizado,

de

que

uma

matilha

de

jornalistas o emboscara.

Não tinha escapatória possível; ao fim de tantos anos a ludibriar

as máquinas fotográficas, fora enfim apanhado.

"Senhor Sarkisian?", perguntou um dos fotógrafos.

"Qual dos senhores é o senhor Sarkisian?"

Os dois homens imobilizaram-se num degrau, sem saber como proceder.

O advogado ergueu a cana, preparando-se para correr com os

jornalistas à bengalada, mas o cliente travou-o.

"Ah, como eu gostava de ser o senhor Sarkisian", exclamou Kaloust com um suspiro resignado.

"Infelizmente não passo de um pobre contabilista a quem a miséria

está a bater à porta..."

Os fotógrafos baixaram as câmaras, decepcionados.

"Não é o senhor Sarkisian?"

"Era bom, era!"

Os jornalistas viraram costas e afastaram-se, irritados por terem

perdido o seu tempo.

Voltaram a instalar-se no passeio e vasculharam a escadaria com o

olhar, em busca do verdadeiro Sarkisian.

"Bloody hell!", praguejou um deles.

"O diabo do homem é invisível!"

Ainda pregado ao degrau onde se

imobilizara, Kaloust abriu os

braços em contestação.

"Então?", protestou.

"Ninguém me tira uma fotografia?"

Os fotógrafos atiraram-lhe um esgar de desprezo, como se ele não

passasse de uma minhoca, e não se dignaram responder.

Como

poderia

passar

pela

cabeça

de

um

contabilistazeco

insignificante aparecer nos jornais? Daí em diante ninguém
lhe

prestou a menor atenção, nem nenhum dos jornalistas
reparou que os

dois homens engravatados que haviam 407

interpelado momentos antes, um deles alegadamente na
miséria,

tinham retomado o caminho e entrado num enorme
automóvel

negro que os esperava.

Um Rolls-Royce, ainda por cima.

A limusina ia a meio de King's Way quando Kaloust retomou
a

conversa no ponto em que ela havia sido interrompida pela
inoportuna aparição dos homens dos jornais.

"Ainda não me explicou o que tanto o apoquentou na moção
submetida

pelo meu filho..."

O amigo inglês encarava-o com uma expressão de
admiração,

claramente ainda impressionado com a reacção de Kaloust
diante do

assédio da imprensa, e em particular o sang frio de que
dera

mostras ao improvisar a fuga.

De imediato, porém, retomou a postura que se esperava de
um

causídico de quem dependia o destino do cliente.

"O seu filho pediu toda a documentação referente à sua
actividade

profissional, I'm afraid.

"

"Sim, toda a documentação pertinente para o processo",
confirmou o

arménio.

"E então?"

Sir Philip Blake afinou a voz e ergueu o indicador, como se
fizesse

uma ressalva.

"Atenção, ele não se limitou a pedir a documentação
pertinente, old

boy", sublinhou.

"Ele considerou que toda a documentação da sua actividade é

pertinente.

Toda.

"

O esclarecimento perturbou Kaloust.

"Toda como?"

O advogado olhou-o fixamente.

"Quantos documentos tem o senhor referentes à sua actividade desde que começou a trabalhar?", perguntou.

"Estou a referir-me a contratos, actas, ofícios, telegramas... até

recibos e facturas.

Tudo.

Somada toda a papelada desde que iniciou 408

actividade profissional em Constantinopla, estamos a falar de

quantos documentos?"

"Bem, se isso até incluir recibos e facturas

desde os tempos em que eu vivia no Império Otomano, acho que é uma coisa na ordem de...

sei lá, de... de um milhão de papéis.

" Soltou uma gargalhada.

"É impossível, claro!"

A risada prolongou-se um instante, mas morreu quando Kaloust

percebeu que Sir Philip o fitava sem juntar as suas gargalhadas às

dele.

"Um milhão?", interrogou-se o advogado inglês.

Revirou os olhos, contrariado.

"Good Lord, Sarkisian!"

O cliente engoliu em seco e alteou as sobrancelhas à medida que ia

caindo em si.

"O senhor... está a brincar, não está?", titubeou, crescentemente

espantado.

"Não está a insinuar que... que temos de apresentar em tribunal um

milhão de documentos, pois não?"

O amigo acenou afirmativamente.

"Right ho", confirmou.

"Infelizmente é isso mesmo o que está em causa com esta moção.

Percebe agora a minha irritação?"

Kaloust arregalou os olhos, atónito com a enormidade do que lhe

estava a ser dito.

"Um milhão de papéis?"

Novo aceno afirmativo de Sir Philip.

"O juiz deu-nos uma semana para apresentarmos toda essa papelada em tribunal.

"

A revelação deixou o arménio boquiaberto.

Atónito com a tarefa de que só então tomava consciência plena,

deixou descair os ombros e encostou-se ao assento do automóvel, o

olhar perdido nos passeios, nas fachadas e nas montras por onde

passavam.

Curiosamente as ruas estavam desertas, o que não era normal àquela

hora, mas a estupefacção impediu-o de estranhar.

Permaneceu longos segundos em silêncio, a digerir a magnitude do

problema, os olhos fixos no exterior sem o ver, a mente a girar em

torno da tarefa ciclópica que tinha pela frente e do apertado prazo

que lhe fora dado para a completar.

Dispunha de apenas uma semana para apresentar um milhão de papéis

ao tribunal.

Um milhão de documentos.

Uma semana.

Um milhão.

"Estou tramado!"

Manteve o semblante consternado por um

minuto, mas não passou disso.

Um sorriso inesperado começou a formar-se no seu rosto e depressa

degenerou em gargalhadas, tão ruidosas e contagiantes que deixaram

o advogado perturbado e sem saber o que dizer ou fazer.

As lágrimas corriam pela cara do arménio, que ria sem cessar, como

se tudo aquilo não passasse afinal de uma boa piada.

"Folgo em saber que uma coisa destas o faz rir, old chap", observou

Sir Philip com uma ponta de irritação, mal contendo a vontade de

repreender o amigo em termos mais vigorosos.

"Vamos passar uma semana inteira a juntar um milhão de papéis e o

senhor... o senhor acha graça! Jolly good!"

com as costas das mãos, Kaloust limpou as lágrimas que lhe escorriam pelas faces e dominou enfim o ataque de riso.

"Não acha que o meu rapaz é esperto?", perguntou com manifesta boa

disposição quando recuperou a

compostura.

"Não concorda que foi uma magnífica ideia?"

O advogado fez um estalo de impaciência com a língua.

"I say, julguei que o senhor queria enfrentar o seu filho", observou com secura.

"Mas afinal, e pelos vistos, prefere elogiá-lo.

"

"Ele está a ficar duro", observou o arménio.

"Só faz uma coisa destas quem tem dentes de aço, não lhe parece?"

Temos homem, Sir Philip! Temos homem!"

410

Sir Philip Blake não respondeu de imediato, preferindo dar tempo ao cliente para amadurecer o problema.

Estava seguro de que, uma vez as

consequências da moção devidamente ponderadas, Kaloust não sentiria tanta vontade de rir.

Era só uma questão de o ver a revolver a casa e o escritório e os

bancos em busca de todos os documentos

requeridos na moção.

Aí é que se ia ver quem se riria.

"O que tenciona fazer?"

Kaloust esboçou um gesto vago com as mãos.

"Temos de desistir, não é verdade?"

"Desistir?"

"Vê alternativa?"

A decisão da reconciliação estava já tomada quando chegaram a casa.

Ao longo do resto do trajecto o arménio instruiu o advogado no

sentido de contactar o filho para que

chegassem a um acordo satisfatório para ambas as partes, o que naturalmente passava pelo

estabelecimento de uma remuneração condigna pelo trabalho no

escritório e um prémio pela retirada do processo em tribunal.

"O raio da galinha com espargos em geleia saiu-me cara..."

Quando chegaram ao destino, Kaloust convidou Sir Philip para um

cálice de vinho do Porto; havia que assinalar a ocasião.

Ao entrar em casa, contudo, o arménio

deparou-se com Nunuphar a sacudir um leque em estado de grande excitação, afogueada e aos

gritinhos histéricos, tão transtornada que sentia dificuldade em se

exprimir.

"Ouviste o...? Ouviste o...? Ai meu Deus!

Ai Jesus! Ouviste o...?"

"Que foi?", quis saber.

"Que se passa?"

A mulher mal conseguia falar.

Limitava-se a apontar para o aparelho de radiofonia que dominava a

sala de estar.

411

"Foi o Chamberlain", disse por fim.

"Não ouviste? Não ouviste? Ah, o Chamberlain..."

Os dois recém-chegados desviaram o olhar para a telefonia.

"O quê? Aconteceu alguma coisa ao primeiro-ministro?"

Nunuphar agitava o leque junto ao rosto, como se precisasse do ar

que ele lhe projectava em vagas

sucessivas.

"Ai meu Deus! Ai minha Nossa Senhora!"

"Que foi, mulher?"

A dona da casa sentou-se no sofá, tentando acalmar os nervos, o

leque a dar a dar, e voltou a indicar o aparelho de radiofonia.

"Foi o Chamberlain... o primeiro-ministro", repetiu, esforçando-se por dominar os nervos.

"Acabou de falar na telefonia, não ouviram? As ruas ficaram desertas, o país inteiro parou e... e vocês não ouviram?" Pôs as

mãos na cabeça.

"Ai meu Deus! E agora? Virgem

Santíssima!"

Kaloust e Sir Philip entreolharam-se sem entender nada.

"O Chamberlain? Ele falou na rádio?"

Nunuphar fez um sim enfático com a cabeça, sufocada pelo pânico,

aterrada com o abismo que se abria aos pés do mundo.

"Estamos em guerra com a Alemanha.

"

412

XI

Estava ainda escuro quando Kaloust,

atormentado pelas insónias, vestiu o robe e passou pela cozinha antes de se instalar no terraço

da sua mansão na avenue d'Iéna com uma chávena de café quente na

mão.

Uma brisa nocturna soprava por Paris, mas corria já o mês de Junho

e mesmo as nortadas eram amenas.

As aves na gaiola agitavam-se

intermitentemente, embora no

essencial permanecessem quietas, ainda envoltas no torpor do sono.

A urbe estava mergulhada na mais

completa escuridão, com os candeeiros públicos apagados e as janelas dos edifícios revestidas

por cartões sombrios que travavam a passagem de luz interior.

Dois focos irromperam da treva, ao longe, para logo se desviarem;

era um automóvel que contornava o Arco do Triunfo e se afastava.

A escuridão absoluta depressa voltou, como se a cidade tivesse sido

abandonada.

Que triste lhe parecia Paris! Bebericou o café e pensou na trovoadá

distante dos últimos dias.

Agora silenciara-se, sinal de que os 413

canhões alemães haviam deixado de abrir fogo; até os aviões

inimigos, que antes se afadigavam a cruzar o firmamento numa fúria

de morte, tinham desaparecido.

Depois do pânico que levara milhões de parisienses a acorrerem num

tropel às gares de caminhos-de-ferro e às estradas, numa ânsia

louca de fugirem ao boche, Paris foi declarada cidade aberta, os

Alemães suspenderam os bombardeamentos e a população,

resignada e

derrotada, regressou cabisbaixa a casa.

O clarão da alvorada despontou para os lados da Opera, pintando o

céu de um pastel azul-petróleo que arroxeara no horizonte.

Sentado na borda do terraço, e

beneficiando do bafo de luz matinal que espreitava sobre o casario adormecido, o arménio voltou a sua

atenção para PÉtoile, a praça que a pequena distância abraçava o

Arco do Triunfo.

Não se via vivalma.

Ao fim de alguns minutos, porém,

apercebeu-se de um varredor

solitário que apareceu com a alvorada e, diligente, se pôs a escorraçar as folhas secas caídas nos passeios e sobre o asfalto.

Um zumbido.

O som rasgou o silêncio da madrugada.

Vinha da esquerda e cresceu até se transformar num ronco e

materializar-se com aparato em duas figuras em verde-azeitona,

ambas sobre rodas e cobertas de pó, que irromperam na Place de

l'Étoile pela avenue Kleber.

Eram motociclistas alemães.

Os dois soldados com espingardas traçadas nas costas dobraram a

esquina e aproximaram-se do varredor para lhe pedir direcções.

Ao ver o inimigo dirigir-se a ele, o homem largou a vassoura e

desatou a fugir num pânico desenfreado.

Os alemães encolheram os ombros e, com um rugido profundo das

motos, arrancaram e meteram pelos

Champs Elisées.

A vassoura ficou abandonada no passeio, abraçada pelas folhas que a

brisa sacudia aos repêlões, como se dançassem o requiem que um

vento funesto soprava pela cidade.

414

A visão deixou Kaloust agitado.

"Deus nos proteja!", murmurou, levantando-se da cadeira.

"Os Alemães chegaram!"

com o início da guerra, e apesar dos riscos, Kaloust havia decidido

instalar-se em Paris.

Na verdade, contudo, gozava de

imunidade, devido ao estatuto

diplomático que a sua ligação à legação iraniana lhe conferia.

Como o Irão era um país neutral que os Alemães desejavam atrair à

sua esfera de influência, sabia que dificilmente seria incomodado

pelos invasores.

O problema é que, com a aproximação do inimigo e a declaração de

Paris como cidade aberta, o governo francês se transferira para

Bordéus e a legação iraniana, como de resto as restantes representações diplomáticas em França, acompanhara-o.

Para quê ficarem em Paris se a cidade deixara de ser a capital? O

arménio tencionava seguir-lhes os passos, mas primeiro precisava de

se assegurar de que os Alemães não tocariam na sua mansão.

Por isso ficara.

Atormentado pela visão dos dois

motociclistas alemães, desceu ao

quarto e foi-se vestir.

Ainda bem que a família fora poupada àquela terrível
provação!

Nunuphar tinha seguido já para Bordéus, sob a protecção
diplomática

iraniana e integrada na comitiva do senador Jean-Marc
Hertault, e

Krikor ficara em Londres, para onde tinham sido remetidas
as mais

importantes peças da colecção de arte que Kaloust juntava
desde a

sua primeira compra no bazar de

Constantinopla.

Mas alguém tinha de garantir que a mansão de Paris
permaneceria

intacta; abandoná-la aos hunos não parecia boa ideia.

Bateram à porta do quarto.

O dono da casa foi ver quem era e deparou-se com Gilbert.

O mordomo exibia uma face

fantasmagoricamente pálida e o olhar esgazeado.

415

"M'sieur Sarkisian, já viu o que se passa lá fora?" Foram até
à

sala e convergiram para a janela, para lá da qual se erguia uma

sinfonia de rancos.

Ao fundo da rua, na place de l'Étoile, Kaloust avistou uma coluna

de automóveis e camiões verde-azeitona.

À frente seguia um torpedo de capota recolhida, coberto de pó e

lama, com grossos pneumáticos nas rodas.

Ao lado do motorista sentava-se um oficial e atrás dois soldados.

Um dos camiões deteve-se na berma do passeio e da carga saltou um

soldado com uma bandeirola; o homem foi posicionar-se à entrada dos

Champs Elisées para dirigir o tráfego militar.

Atrás

das

primeiras

viaturas

surgiram

colunas

militares

ininterruptas.

Carros abertos com oficiais, tanques, peças de artilharia, camiões

carregados de infantaria ou munições, carros com metralhadoras, e

ainda enxames de motos e side-cars, tudo e todos cobertos de pó e

lama num contraste com a ordem e a disciplina com que se processava

a entrada na cidade.

Era uma visão desconcertante, os homens da Wehrmacht a desfilarem

por Paris, e Kaloust tudo contemplou com a mão diante da boca,

pasmado e chocado.

Nos passeios viu aglomerarem-se

pequenos grupos de parisienses

igualmente abalados, a trocarem

comentários em voz baixa e a

observarem o inimigo de olhar sombrio e coração humilhado.

"Meu Deus!", exclamou o dono da casa.

"É o fim!" O mordomo baixou a cabeça, lutando contra as lágrimas

que as pálpebras trémulas não conseguiam conter.

"Oui, m'sieur.

"

Recostando-se na cadeira, Kaloust releu a carta que acabara de

redigir endereçada ao xá.

O

documento

tecia

considerações

subtis

sobre

os

desafios

geoestratégicos que se punham ao Irão 416

no delicado xadrez dos interesses mundiais do petróleo agora que a

guerra alastrava pela Europa e pela Ásia,

alertando para perigos e apontando caminhos.

Satisfeito com o texto, o arménio respirou fundo e pegou na caneta.

Quando ia pousar a ponta de aparo no papel para rabiscar o seu

nome, porém, a porta do gabinete abriu-se com brusquidão.

"Os alemães!", exclamou Gilbert, o alarme a incendiar-lhe o olhar.

"Os alemães!"

O anfitrião encarou o mordomo, perplexo.

"Então, Gilbert?", atirou-lhe num tom de repreensão.

"Que modos são esses? Desde quando é que nesta casa se entra assim

no meu gabinete, sem sequer bater à..."

"Raus!", gritou uma voz gutural do corredor.

"Todos para a rua!"

Kaloust interrompeu a admoestação, sem perceber o que se passava.

Gilbert atirou-lhe um esgar carregado de pânico.

"É justamente o que eu lhe tentava explicar, m'sieur! Os alemães!

Eles... eles estão a entrar em casa! Eles..."

O vulto cinzento de um militar germânico,

de calças de montar, águia Hakenkreuz ao peito e boné de oficial, apareceu à porta,

afastando o mordomo.

"Heil Hitler!", berrou o oficial, estendendo o braço em saudação

romana.

"Sou o capitão Ritter e, em nome do Reich, venho requisitar esta

mansão.

Os senhores têm trinta minutos para se retirarem!"

O dono da casa ficou um longo instante em silêncio, a apreender o

que acabara de escutar.

Depois fechou o rosto, levantou-se devagar da cadeira, abriu uma

gaveta da secretária, extraiu um

documento do interior e, com

passos lentos mas firmes, aproximou-se do intruso.

"com que autoridade vêm os senhores aqui incomodar-me?"

417

Como se esperasse a pergunta, o oficial retirou do bolso do casaco

um documento que estendeu na direcção do seu interlocutor.

"A sua casa foi requisitada pela Kommandantur du GrossParis", anunciou com sobranceria.

"Aqui está a requisição.

" Indicou um rabisco no fundo da folha.

"Como pode constatar, encontra-se assinada pelo próprio general Von Choltitz.

"

Kaloust deitou um olhar ao documento escrito em alemão, mas não se

dignou pegar nele.

Em vez disso, mostrou ao oficial o papel

que retirara da sua secretária.

"E isto é um documento a atestar que o senhor acabou de invadir um

novo país", retorquiu em tom seco.

"Como poderá verificar, senhor capitão, esta propriedade encontra-se sob protecção da legação diplomática iraniana, pelo que, para

efeitos legais, deve ser considerada solo do Irão.

"

O alemão arregalou os olhos e pousou-os na folha,
apanhado de

surpresa pela resposta.

"Aber... aber..."

"Já viu que está a sujar o meu mármore com as suas
botifarras?"

A atenção do capitão desceu para as botas.

"Was?"

Sem lhe dar tempo para replicar, o dono da casa levantou o
braço e,

com um gesto imperial, apontou para a entrada da mansão,
para lá da

qual se viam soldados da Wehrmacht a comportarem-se
como se fossem

os donos da propriedade.

"Feche a porta ao sair, se faz favor.

"

A rue de Rivoli estava transformada numa parada militar,
com

soldados alemães formados a meio da via e enormes
bandeiras nazis,

vermelhas com a suástica no meio, a esvoaçarem na
elegante fachada

do Hotel Meurice.

Depois de passar

418

por dois controlos, a limusina negra com a bandeira iraniana foi

autorizada a estacionar ao lado de uma fila de automóveis
parqueados junto às Tulherias.

Um oficial de farda verde-azeitona aproximou-se em passo rápido e,

estendendo o braço, fez a saudação romana dos nazis ao pequeno

homem que saía da porta traseira da viatura.

"Herr Sarkisian, da legação do Irão?", perguntou o militar num

francês colorido por um forte sotaque alemão.

"Heil Hitler!" Baixou o braço.

"Sou o capitão Grass.

Tenho ordens para o acompanhar até à Kommandantur.

" com um gesto indicou o edifício decorado com as bandeiras.

"Par ici, s'il vous plait.

"

O Hotel Meurice havia sido transformado na sede da Kommandantur du

Gross-Paris, a administração militar de ocupação de Paris e arredores.

Além dos militares alemães que

enxameavam o átrio, os salões e os

corredores, por todo o interior do edifício multiplicavam-se as

placas com indicações em língua

germânica escritas em caracteres

góticos, orientando os funcionários da Militärbefehlshaber in

Frankreich, a administração militar alemã em França.

As pessoas quase falavam por murmúrios, mas quando foi conduzido

para o salão principal Kaloust começou a ouvir gargalhadas por

entre o som de violinos numa melodia que julgou reconhecer.

"Strauss?"

O capitão Grass abanou a cabeça e arreganhou os dentes.

"Wagner.

"

Foram dar ao grande salão do edifício, uma divisão ricamente

decorada ao estilo Luís XVI, como de resto todo o Lê Meurice.

Decorria ali a recepção organizada pelas autoridades ocupantes em

honra dos elementos da alta sociedade francesa e do corpo diplomático que haviam permanecido na

419

cidade.

O salão era ornamentado com candelabros de cristal, as paredes

cobertas de espelhos antigos biselados e rasgadas por grandes

janelas enquadradas por mármore raros.

O ambiente estava impregnado de uma estranha mistura de tensão e

descontracção.

Viam-se oficiais alemães a conversar e a rir-se com copos de

champagne

nas

mãos,

confraternizando

com

casais

franceses

provenientes dos estratos elevados da sociedade parisiense, em

particular banqueiros e um punhado de políticos.

O recém-chegado identificou junto aos músicos a figura esguia de

Coco Chanel, em cujas boutiques da rue

Cambon, de Deauville ou de Biarritz frequentemente Nunuphar se abastecia; como de costume, a

estilista apresentava-se elegantíssima num característico vestido

negro simples, enquanto sorria a dois oficiais alemães com quem

conversava.

Percorrendo a sala com o olhar, Kaloust reconheceu ainda alguns

diplomatas que por um ou outro motivo haviam permanecido em Paris,

ali o barão Johan Frisk, adido comercial da legação sueca, acolá o

signore Romano Petri, embaixador de Itália.

O oficial que acompanhava Kaloust levou-o para uma ala do salão

onde se concentrava a maior parte dos oficiais alemães e onde se

fazia fila para os cumprimentar.

O arménio sentiu-se pouco à vontade entre tantas fardas; era como

se o tivessem arrastado para um covil de lobos.

Trancou as emoções no rosto e aguardou na fila a oportunidade de

cumprimentar a principal figura na sala, o

comandante militar alemão de Paris, general Dietrich von Choltitz.

Quando chegou a vez do arménio, o capitão Grass segredou ao general a identidade do convidado.

"Ach

so,

o

homem

do

petróleo!",

exclamou

o

comandante,

cumprimentando Kaloust com um sorriso forçado.

"Têm-me falado muito de si..."

4

Um arrepio percorreu o corpo do

convidado.

"Espero que bem.

"

O general Choltitz soltou uma gargalhada.

"Isso já não lhe posso garantir!" Fez sinal para as pessoas na fila

atrás do arménio e baixou a voz, como se segredasse.

"Falamos daqui a um bocadinho, pode ser?"

Quando se afastou e mergulhou entre os convidados, o arménio

interrogou-se sobre o sentido das palavras do comandante militar

alemão.

O general conhecia-o, isso parecia-lhe evidente; não lhe chamara "o homem do petróleo"? Em bom rigor tal

coisa não deveria ser surpreendente, afinal Kaloust era o homem mais rico do mundo.

Como poderiam os Alemães ignorar esse facto quando o convidaram

para a recepção no Lê Meurice? Se convidassem o recentemente

falecido Rockefeller ou um Nobel, porventura ignorariam de quem se

tratava? Então por que motivo não haveriam de saber quem era

Kaloust Sarkisian? É certo que ele desenvolvia esforços de tal modo

titânicos para passar despercebido que nem

a imprensa alguma vez lhe conseguira captar um cliché;

conseguira dar ao grande público a impressão de que o seu nome aludia a um fantasma, imaterial e

fugidio, um apelido sem rosto.

Os outros magnatas não logravam passar tão despercebidos; daí que,

apesar de menos abastados, tivessem maior visibilidade pública.

Trocou umas palavras breves com Coco Chanel, a quem elogiou o

vestido e prometeu uma visita para adquirir um perfume para a sua

belle du jour, e pôs-se à conversa com o barão Frisk, velho

parceiro de almoços no Ritz na companhia de Emanuel Nobel, o amigo

que conhecera muitos anos antes quando visitara Baku.

A conversa era banal, só um louco falava de política no meio de

tantos homens com a farda alemã, e nem sequer Kaloust prestava

atenção

421

às frivolidades que jorravam da sua própria boca.

Pairava sobre o tempo ou sobre assuntos mundanos, mas a mente

discorria em silêncio em torno das palavras do comandante militar

alemão.

O general Choltitz dissera que pretendia falar com ele "mais tarde".

O que lhe quereria? Seria um assunto desagradável? A questão

suscitava-lhe desconforto.

Os Alemães em geral deixavam-no inquieto; fora assim no tempo em que disputara com eles as concessões petrolíferas do Império Otomano, era assim agora.

Além do mais, não podia esquecer o que Krikor e outros sobreviventes lhe tinham relatado sobre o comportamento dos militares alemães durante a matança dos Arménios na Grande Guerra.

Como podia qualquer cristão permanecer indiferente à perseguição de

outros cristãos pelos muçulmanos? E o que dizer desta nova guerra

que os Alemães tinham imposto à Europa?

O que estavam estes

bárbaros a fazer em Paris? com que direito dispunham eles da sorte

dos outros?

"Herr Sarkisian?", interpelou-o uma voz com sotaque gutural.

"Herr Kommandant quer falar consigo.

"

Virou-se e viu o capitão Grass fazer sinal para que o acompanhasse.

Despediu-se do barão Frisk e seguiu o oficial para fora do salão.

Detiveram-se ao fundo de um corredor, Grass bateu a uma porta, uma

voz mandou entrar e o alemão fez-lhe sinal

para avançar.

"Bitte.

"

O arménio deu dois passos e penetrou num compartimento enorme,

evidentemente uma sala que fora

transformada em gabinete.

Enxergou o general Choltitz imóvel junto à janela, o perfil

iluminado por uma linha de luz desenhada pelo sol, a fachada

imponente do Louvre plantada ao fundo como se

422

o grande museu permanecesse indiferente às marés conturbadas da

história.

Após um breve compasso de espera, o general rodou nos calcanhares,

à maneira militar, e encarou-o.

"Ach, Herr Sarkisian!", exclamou com um esgar teatral.

"Wunderbar!" Fez sinal para a cadeira instalada diante da secretária.

"Sente-se! Por favor, sente-se!"

O arménio acomodou-se e aguardou que o anfitrião também ocupasse o

seu lugar.

O alemão extraiu do bolso uma caixa de havanos e estendeu-a na

direcção do visitante, convidando-o a pegar num charuto.

"Não fumo, obrigado.

"

O general pôs um charuto na boca e acendeu-o com um isqueiro

prateado.

Uma nuvem roxa ondulou devagar diante do seu rosto duro; parecia um

espectro a saracotear para cima até se desfazer no vazio, como se o

próprio ar o engolisse.

"Temos um amigo comum", anunciou o alemão, os olhos azuis a

dissecarem friamente o seu interlocutor.

"Herr Hendryk van Tiggelen.

Creio que o nome lhe diz alguma coisa..."

Kaloust sentiu ganas de engolir em seco, mas conteve-se.

Desde que casara com Slava, Hendryk tornara-se visceralmente

antibolchevique.

A ascensão de Hitler na Alemanha, e em particular a sua retórica

antibolchevique, aproximara perigosamente o holandês dos nazis.

O problema é que Hendryk era agora seu inimigo pessoal; o que quer

que tivesse dito aos seus amigos alemães não fora decerto coisa

boa.

"Conheço-o bem.

"

O general Choltitz sorriu, talvez satisfeito com o desconforto que

a referência ao presidente da Royal Dutch Shell tinha suscitado no

seu convidado.

Nada melhor do que o medo para pôr um homem no devido lugar.

423

"Pois o nosso amigo comum revelou-me que o senhor tem desenvolvido

relações com os bolcheviques", disse num tom carregado de insinuações.

"Relações estreitas, ao que parece.

"

"Sou um homem de negócios e relaciono-me com toda a gente",

apressou-se Kaloust a esclarecer.

"De resto, até vocês fizeram recentemente o mesmo.

O que foi o recente Pacto Molotov-Ribbentrop senão um negócio

desses?"

O comandante militar de Paris balançou afirmativamente a cabeça.

"Ach, Herr Sarkisian!", exclamou.

"O senhor é muito forte, não há dúvida! De facto, também nós

fazemos negócios com essa gente.

" Aspirou o seu havano e exalou uma abundante baforada.

"E também podemos fazer negócio

consigo.

"

A conversa entrava no seu ponto fulcral, percebeu o visitante.

Teria de ser cuidadoso e mexer-se com prudência num terreno cujas

regras não dominava na totalidade.

"Terei muito prazer em fazer negócio consigo, general.

Em que lhe posso ser útil?"

O alemão pousou o charuto no cinzeiro, preocupado com evitar

distracções que o desconcentrassem numa conversa tão delicada.

"O que nos preocupa é o petróleo, claro", disse sem subterfúgios.

"Como sabe, o Reich não dispõe de campos petrolíferos e depende de

importações que, com a eclosão da guerra, nos foram cortadas na sua

maioria.

Felizmente, e para além da nossa aposta na gasolina sintética,

temos ainda o petróleo da Roménia, mas não escondo que esta

dependência de uma única fonte de abastecimento nos parece assaz

perigosa.

O Reich precisa de acesso directo a fontes de abastecimento

petrolífero mais variadas.

"

424

Kaloust percebia muito bem para onde a conversa o conduzia e

decidiu lançar um contra-ataque decisivo; urgia depositar veneno

onde ele mais pudesse fazer efeito.

"Os senhores são amigos de Hendryk van Tiggelen", lembrou com

malícia.

"Ele é o presidente da Royal Dutch Shell, neste momento a maior

petrolífera do planeta.

Está em excelente posição de vos ajudar, não é verdade?"

O general remexeu-se na sua cadeira, visivelmente desconfortável

com a questão.

"Os camiões da Shell andam a transportar petróleo da Roménia até à

Alemanha.

"

O arménio esboçou uma careta.

"Só isso? Pensava que ele era vosso amigo..."

O olhar do alemão pousou no charuto assente sobre o cinzeiro,

contemplando o fio de fumo que se contorcia no ar como uma serpente encantada.

"Deve entender que Herr Van Tiggelen não pode fazer grande coisa",

admitiu.

"A Royal Dutch Shell é uma empresa britânica.

Compreendemos as dificuldades que ele enfrenta e que o impedem de

nos auxiliar da forma que decerto gostaria.

" Cravou os olhos no seu interlocutor.

"Mas o senhor está numa posição diferente.

Creio que nos poderá ser muito útil.

"

O arménio abanou a cabeça.

"Receio bem que os meus poderes sejam mais limitados do que os do

senhor Van Tiggelen", disse.

"A minha participação na Turkish Petroleum Company reduz-se aos

dividendos referentes a cinco por cento

dos lucros.

Não tenho campos que sejam meus, não disponho de poços próprios,

não possuo tanques de armazenamento nem refinarias.

Não vejo bem como possa fazer chegar abastecimentos à Alemanha.

"

425

Os dedos do general Choltitz remexeram-se ao longo da madeira da

secretária, como se eles próprios estivessem a reflectir no assunto.

"Mas o senhor é um diplomata iraniano..."

Foi nesse instante que Kaloust percebeu que não era a Turkish

Petroleum Company que interessava aos Alemães.

Era o petróleo do Irão.

"Posso dar uma palavrinha a sua alteza, o xá, a vosso favor",

disse, esforçando-se por fingir sinceridade.

"Mas não escondo que será difícil.

Como sabe, os Britânicos e os Americanos dispõem das concessões

iranianas.

Se o Irão cedesse direitos à Alemanha sujeitava-se a ser invadido

pelos Ingleses que se concentram na vizinha Índia.

Não creio que sua majestade, o xá, se queira sujeitar a uma coisa

dessas.

"

O alemão sorriu.

"Se calhar os nossos aliados amarelos, os Japoneses, irão um dia

destes tratar da saúde dos Britânicos na Ásia.

" Encolheu os ombros.

"Quem sabe se os Ingleses não ficam kapput?"

Kaloust passou a palma da mão pela barba, ponderando esta

observação.

Os Japoneses estavam de facto muito agressivos na Ásia, com a

invasão da Manchúria e a iminente ocupação da Indochina francesa.

Corria que, se isso se concretizasse, os Estados Unidos e a Grã-

Bretanha iriam declarar um embargo petrolífero retaliatório contra

o Japão, o que poria as duas partes em rota

de colisão.

Será que o general Choltitz estava apenas a conjecturar uma

possibilidade ou saberia alguma coisa de concreto?

"Então esperemos por esse dia", acabou o visitante por dizer,

contornando habilidosamente o problema.

"Se os Britânicos forem neutralizados na Ásia, não vejo motivos

para sua alteza, o xá, não fazer negócio com a Alemanha.

com

426

certeza que o irei encorajar nesse sentido, pode o senhor ficar

descansado.

"

O alemão perscrutou-o inquisitivamente, como se lhe tentasse

dissecar a mente.

"Ach! Nós próprios temos falado com o xá e ele tem mostrado

simpatia para conosco.

Mas sabemos que sua majestade o tem em grande conta e queremos ter

a certeza de que o senhor não nos vai criar problemas.

"

O arménio abriu os braços.

"Estou aqui convosco, não estou? Poderia ter fugido de Paris, mas

não o fiz para vos mostrar as minhas boas intenções.

O problema é que o Irão é um país neutral e, apesar da simpatia do

xá pela Alemanha, a verdade é que não tem razões para violar essa

neutralidade.

No momento em que estiver em condições de ajudar, fá-lo-á decerto.

"

Ou seja, pensou Kaloust, nunca.

Intuindo a duplicidade do seu interlocutor, o general Choltitz

esmagou o charuto no cinzeiro e, com um gesto decidido, ergueu-se

do seu lugar, dando a reunião por terminada; parecia-lhe evidente

que, sem uma evolução decisiva no teatro de operações, nada de útil

extrairia de Kaloust.

Trocou com o arménio algumas palavras de circunstância e, já com

uma ponta de impaciência a transparecer, acompanhou-o até ao

corredor.

Antes de chegar à porta, todavia, foi travado pelo seu convidado,

que se deteve diante dele.

"Tenho uma questão a apresentar-lhe, se me permite", disse o

visitante, como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer.

"As autoridades de ocupação requisitaram quase todas as casas da

rua onde eu vivo, a avenue d'Iena, e já por duas vezes tentaram

entrar na minha residência.

"

"Assim é, de facto.

Precisamos de alojar as nossas altas patentes e nem todos querem

ficar instalados em hotéis.

427

Mas fui informado de que a sua mansão está abrangida pelo estatuto

diplomático.

"

"Assim é, de facto.

Acontece que vou em breve juntar-me ao resto da missão diplomática

do Irão que está creditada junto do

governo francês e... enfim, há sempre o risco de a situação internacional evoluir num sentido

desagradável.

Imagine que o Irão se incompatibiliza com a Alemanha..."

O general soergueu o sobrolho.

"O que está a insinuar?"

"É uma mera hipótese académica, claro.

Mas temos de considerar todas as

possibilidades.

Numa tal situação, a casa perderia a imunidade diplomática.

Assim sendo, eu estaria na disposição de....

digamos, de oferecer um... um prémio, está a ver?"

"Um prémio?"

"Sim, um prémio.

Ou, se preferir, chamemos-lhe uma... como direi?, uma... garantia.

Sim, uma garantia de que a mansão não será requisitada nem o seu

recheio tocado.

Não sei se me entende.

"

Os dados estavam lançados.

Kaloust fitou o seu interlocutor com intensidade, medindo-lhe a

reação; chegara o momento da verdade.

Viu o general olhar em redor,

evidentemente a certificar-se de que ninguém os escutava; estavam a sós no gabinete, mas nunca se sabia.

"E... em que consiste tal garantia?"

Foi nesse instante que percebeu que tinha ganho a aposta.

O anfitrião havia engolido o isco que lhe lançara; bastava puxá-lo

com habilidade.

Meteu a mão ao bolso do casaco e tirou

três folhas de papel com um logotipo no topo e um texto dactilografado em alemão.

"Um milhão de francos suíços depositados nesta conta em Zurique",

revelou.

"O presidente do banco é um amigo 428

meu com ordens para, no final da

ocupação alemã de Paris, entregar a uma pessoa da minha
escolha o valor em causa depois de se

certificar de que a mansão e o seu recheio não foram
tocados.

"

Os olhos do comandante militar de Paris saltitaram entre o

documento e o rosto do seu interlocutor, como se
avaliassem a

proposta.

Pegou por fim nas folhas do banco suíço e estendeu a mão
ao

visitante, despedindo-se com um sorriso.

"vou analisar o assunto, Herr Sarkisian, e dar-lhe-ei notícias
em

tempo oportuno", anunciou.

"Mas creio que o senhor pode estar tranquilo quanto às
nossas

intenções.

Somos alemães, não somos selvagens.

Saberemos respeitar escrupulosamente a propriedade privada das

peessoas de bem, como é sem dúvida o seu caso.

" Estendeu o braço na saudação romana.

"Heil Hitler!"

Quando a porta se fechou atrás dele e começou a percorrer o

corredor do Lê Meurice no encalço do capitão Grass, Kaloust sabia

que podia partir de Paris tranquilo; não tinha de se preocupar mais

com os seus bens na cidade.

A mansão estava segura.

429

430

XII

A vasta barriga do Short S23 Empire embateu na água e todo o avião

estremeceu.

Espreitando pela janela, Krikor viu a espuma escorregar pelo vidro

como baba fugidia; o aparelho parecia prestes a afundar-se e ele

teve de dominar um acesso de pânico.

Os motores rugiram com intensidade; dava a impressão de que lutavam

para evitar o pior, e na verdade

esforçavam-se por estabilizar o

hidroavião.

O Empire começou a flutuar e, logo que os motores se calaram e as

hélices se imobilizaram, um suspiro de alívio percorreu os passageiros.

A viagem com partida de Bournemouth durara nove horas, sob ameaça

de intercepção pelos temíveis

Messerschmitt da Luftwaffe quando

passaram ao largo da costa francesa, mas tinham chegado sãos e

salvos ao destino.

"Senhores passageiros, amamos em Lisboa", anunciou a voz da

hospedeira pelo intercomunicador.

"Vamos agora dar início aos

procedimentos de desembarque.

Obrigada

431

por terem voado na British Overseas Airways Corporation e esperamos

vê-los em breve de novo entre nós.

Cheerio.

"

Minutos depois a porta para o exterior abriu-se e o casco foi lambido por pequenas ondas, que

chapinhavam junto à abertura e

salpicavam o interior do avião.

Uma lancha com a bandeira portuguesa deslizou até junto da saída do

Empire.

com gestos cautelosos e agarrando-se aos tripulantes ingleses e aos

marinheiros portugueses, Krikor cruzou uma pequena plataforma e

instalou-se num lugar à proa da embarcação.

Percorreu o horizonte com olhos curiosos e a primeira coisa que

percebeu foi que havia outros hidroaviões a balouçar na
bacia do

Tejo.

A sua atenção fixou-se sobretudo num imponente Boeing B-
314 Clipper

com as cores da PanAmerican pintadas nas asas; o aparelho era de

tal modo gigantesco que, sabia, até dispunha de espaço para sala de

jantar.

Como Lisboa ficava na ponta ocidental da Europa e Portugal não

estava em guerra, a cidade tornara-se o destino europeu dos voos

transatlânticos com a América, o que explicava a presença naquelas

águas do magnífico gigante dos ares.

A lancha afastou-se do Empire e o olhar do passageiro desviou-se

para o horizonte.

O casario pitoresco da capital portuguesa recortava-se em fundo, os

edifícios brancos com telhados vermelhos reflectidos no espelho de

água ondulante, as gaivotas a grasnarem num coro desordenado e

melancólico.

Um odor picante a maresia enchia o ar suave e um sol brando

acariciava com doçura as faces pálidas dos recém-chegados.

Contemplando o enorme estuário, com a cidade a erguer-se em

sucessivos

promontórios,

Krikor

não

deixou

de

se

sentir

surpreendido.

Nunca o adivinharia, mas

432

Lisboa parecia-se estranhamente com a velha Constantinopla e o Tejo

dava-se ares de Bósforo; em vez dos minaretes das mesquitas, porém,

a silhueta da cidade era dominada pelos campanários das igrejas.

"Ah!", murmurou.

"O pai gostaria de ver isto!"

Ao chegar ao cais de Cabo Ruivo, e depois de despachadas as

formalidades alfandegárias no

recentemente inaugurado aeroporto marítimo, foi interpelado por um homem com uns cinquenta anos, de chapéu e rosto oval, com um maço de cigarros Swan na mão.

"Pardon, m'sieur", disse o homem, evidentemente um francês.

"Tem lume?"

O recém-chegado reconheceu o maço.

"Acabei de chegar no hidroavião", respondeu.

"Voei como uma pena.

"

O maço Swan e a expressão "voei como uma pena" eram as palavras de código combinadas para ser identificado e identificar o seu

contacto em Lisboa.

O homem sorriu e levantou o chapéu para o cumprimentar, descobrindo

a cabeça calva.

"Chamo-me Jean Monnet e recebi uma comunicação telegráfica do Tio

para o ajudar.

" Virou as costas e fez-lhe sinal.

"Queira acompanhar-me, por favor.

"

O viajante seguiu o seu anfitrião, admirando a eficiência do pessoal de Bletchley Park.

Sir Philip Blake, o velho amigo do pai, havia-o apresentado ao Tio,

o nome de código de um chefe de secção dos serviços de espionagem

britânicos da Estação X, em Bletchley Park.

Depois de algumas conversas e umas semanas de treino, Krikor fora

apressadamente recrutado para uma missão secreta em Vichy.

Como o pai saíra de Paris e se transferira para a nova capital

francesa,

433

devido às suas obrigações junto da legação iraniana, isso

constituía o pretexto perfeito para a viagem; os Alemães não

desconfiariam dele e urgia aproveitar a oportunidade.

Ao sair do Aeroporto Marítimo de Cabo Ruivo atrás do seu guia,

Krikor foi-se apercebendo de uma frota de RollsRoyce e Mercedes

negros e poeirentos, carros de luxo cujo brilho se apagara sob um

espesso manto de pó, estacionados ao longo da rua com um certo ar

abandonado, como se tivessem sido esquecidos pelos donos.

"Os Portugueses deixam assim os RollsRoyce?", admirou-se.

"Caramba, devem ser abastados!"

O francês soltou uma gargalhada.

"Estes carros pertencem a judeus ricos", explicou.

"Atravessaram a Europa a fugir dos Alemães e vieram para Lisboa com

a ideia de irem para a América.

Largaram os carros por aí e foram a correr apanhar o Clipper.

'''

"O Clipper voa para a América carregado de milionários judeus?"

"Milionários, mas não só.

Artistas e intelectuais também.

Ainda no outro dia vim aqui trazer o Chagall o Mareei Duchamp...

sabe, aquele do urinol que..."

Krikor revirou os olhos; quantas vezes o pai não lhe falara naquele

nome ao jantar, e nem sempre de forma apreciativa?

"Então não sei?"

Instalaram-se num Renault e Monnet levou o recém-chegado pelo

centro de Lisboa, de modo a mostrar-lhe a cidade.

Na grande praça central, o Rossio, Krikor avistou uma multidão

ociosa; era um mar de gente carregada de malas e trouxas, a

consumir cafés e cigarros nervosos, uns nas esplanadas, outros

sentados sobre as malas, as

434

expressões

angustiadas,

os

olhares

perdidos,

as

posturas

derrotadas.

"São portugueses?"

"Judeus, mas neste caso a arraia-miúda.

Chegam aos milhares, lês pauvres, e concentram-se aqui à espera de

uma oportunidade para atravessar o Atlântico.

"

"No Clipper?"

O francês soltou uma gargalhada seca, sem humor.

"Qual Clipper! Isso é para ricos e artistas, mon cher!" Fez um

gesto pela janela do automóvel.

"Estes são uns desgraçados.

Vieram de comboio com vistos para quinze dias, comem na Cozinha

Económica Israelita e rezam para que um barco qualquer os leve para

a América antes que os vistos caduquem.

" Suspirou.

"Isto é uma desgraça.

Portugal é praticamente o único país da Europa que lhes dá acolhimento.

É inacreditável.

"

Depois de cruzar o Rossio, o carro meteu pelos Restauradores e

subiu a pacata Avenida da Liberdade.

Viam-se ainda alguns refugiados, uns sentados nos bancos públicos e

outros a deslizarem pelos passeios como fantasmas tristes, a

arrastarem malas ou a segurarem em crianças.

Os ocupantes do Renault contemplaram-nos num silêncio impotente.

Ao recém-chegado, a imagem trazia-lhe reminiscências do que vira em

1915 no Império Otomano.

"Coitados", murmurou por fim.

"Parecem os Arménios a fugir dos Turcos..."

Jean Monnet mantinha igualmente os olhos cravados nos refugiados

judeus.

"Quando esta guerra acabar", disse,

"teremos de reconstruir a

Europa de uma maneira diferente para que coisas destas não se

repitam.

"

"Sonhos", observou Krikor.

"A Europa não tem emenda.

"

435

Sentado ao lado do chauffeur, Monnet virou-se para trás e fitou

intensamente o recém-chegado.

Parecia que fazia uma promessa solene.

"On verra, mon cher.

"

Apesar de Krikor ter permanecido apenas vinte e quatro horas em

Lisboa, a cidade começou por deixar nele uma viva impressão.

Ao contrário do que se passava no resto da Europa, a capital portuguesa parecia uma cidade ordeira e tranquila.

Luxo dos luxos que surpreendeu o

visitante, dispunha até de

iluminação nocturna, um feito num continente mergulhado na treva da guerra com receio dos bombardeamentos nocturnos.

Instalou-se no Hotel Aviz, recomendado por Monnet e cujas instalações e serviços o deixaram favoravelmente impressionado.

"Não é o Ritz, claro", observou o recém-chegado ao jantar enquanto

esperavam pelos pratos que haviam encomendado, "mas parece muito satisfatório.

"

Jean Monnet sorriu e indicou com um movimento discreto dois homens

sentados à conversa a uma mesa à janela, um louro e pálido e o

outro moreno.

"Aqueles são o Fõrster e o Omerti, os chefes dos espiões alemães e

italianos aqui em Lisboa", sussurrou.

"Tenha cuidado com o que diz, isto é um antro de espionagem.

"

O maître d'hotel apareceu nesse instante com a travessa fumegante.

Depositou diante dos fregueses dois pratos de pargo aux champignons

que Monnet havia previamente gabado.

"O pintainho saiu do ninho", disse o chefe de serviço de repente,

lançando um olhar carregado de suspeita na direcção de Krikor.

"Acha que já pode voar?"

O francês sorriu.

436

"O meu amigo é de confiança, Rapetti", disse.

"Conte lá o que soube.

"

"Ouvi uma conversa daqueles dois", soprou o empregado do Aviz com

uma expressão comprometida, espreitando o alemão e o italiano para

se certificar de que não o viam aos segredinhos.

"Parece que marcaram um jantar aqui no Aviz com o duque de Windsor.

"

"O duque de Windsor, Rapetti? Ouviste bem?"

"Sim, senhor.

O duque de Windsor.

" Fez sinal com a cabeça, indicando Förster e Omerti.

"Do que percebi, vão fazer-lhe uma proposta qualquer.

Estão a conversar em italiano e deu-me a impressão de que lhe

querem prometer o trono de Inglaterra para quando a Alemanha ganhar

a guerra.

"

Voilà!

O francês deitou a mão ao bolso e extraiu da carteira uma nota de

vinte escudos, que o empregado guardou com um movimento furtivo.

Krikor quis interrogar o seu cicerone sobre o que acabava de testemunhar, mas Monnet fez um gesto para o silenciar e limitaram-se a comentar a gastronomia local e pormenores da vida em Lisboa

desde que a guerra eclodira na Europa.

A seguir ao jantar, e depois de constatarem que o empregado

conversava em tom conspirativo com Fõrster e Omerti, subiram ao

quarto reservado para Krikor.

Quando a porta se fechou, o arménio não se conteve.

"Que diabo aconteceu lá em..."

O seu guia colou o indicador aos lábios.

"Chiu!"

Monnet dirigiu-se à janela e abriu-a, deixando entrar o som do

trânsito que circulava diante do hotel.

Ouvia-se o roncar dos motores e a ocasional buzina dela.

437

"Que está a fazer?", quis saber Krikor.

"Quer matar-me de frio ou quê?"

O francês sentou-se na borda da janela, as costas voltadas

para a rua.

"É mais seguro assim", disse.

"Se houver microfones escondidos no quarto, o barulho do tráfego

abafará a conversa.

" Fez sinal para o chão, indicando o piso inferior.

"O maitre d'hotel dá informações a toda a gente e recebe dinheiro de todos.

Conta-nos o que ouviu os alemães dizerem e depois vai-lhes contar o

que nos ouviu dizer.

Todos os dias apresenta um relatório à polícia portuguesa, a nós,

aos americanos, aos alemães e aos italianos sobre quem se encontrou com quem e o que lhes ouviu dizer.

Um perigo.

"

Krikor arregalou os olhos.

"Caramba!", exclamou.

"Acha que ele inventou aquela conversa do duque de Windsor?"

"Não.

O tipo recebe de toda a gente, todos o sabem, mas a informação é

fidedigna.

"

"Bem, se assim é, estamos perante um escândalo.

Já viu? Os alemães a conversarem com o duque de Windsor?"

"Não se preocupe com esse assunto, vou comunicar o caso ao Tio.

" Retirou uma folha do bolso e estendeu-a ao seu protegido.

"Memorize o nome e o endereço que aqui estão e queime a folha.

"

"O que é isto?"

com um salto curto, Monnet abandonou a borda da janela e dirigiu-se

à porta do quarto para sair.

"É o seu contacto em Vichy.

"

Após um passeio na manhã seguinte pelo Estoril e por Cascais,

Krikor apresentou-se com a sua mala no recentemente construído

aeroporto da Portela.

O que mais o chocou quando

438

espreitou a pista foi ver um avião alemão ao lado de um aparelho

britânico, as respectivas tripulações a cruzarem-se sem se começarem a matar.

Tanta normalidade parecia anormal!

Depois do check-in, despediu-se de Monnet e foi para a zona de

embarque.

Apanhou um voo da companhia aérea portuguesa com destino a Roma e

paragens em Madrid, Barcelona e na Córsega.

A Aero-Portuguesa era a única

transportadora aérea de um país

neutral autorizada a voar para os países beligerantes, o que lhe

conferia enorme prestígio nas capitais europeias.

Saiu do Junkers B-52 da Aero-Portuguesa na cidade catalã e, como

convinha a um Sarkisian, instalou-se no

Ritz.

O contraste com a tranquilidade de Lisboa não podia ser maior.

Deparou-se em Espanha com uma situação caótica.

A economia estava mergulhada no caos e uma legião de desempregados

em trajos imundos enchia as ruas.

Ninguém falava inglês ou francês e Krikor foi-se desembaraçando num

castelhano rudimentar, cortesia do que Maria Silvia lhe ia

ensinando em casa; as coisas não iam bem com a mulher, as loucuras

dela deixavam-no a ele próprio louco, mas ao menos começara a

aprender a língua.

Inquiriu junto do gerente do Ritz qual a melhor forma de entrar em

França, mas o homem abanou a cabeça.

"A fronteira está cerrada", comunicou-lhe o gerente.

"O mejor é aguardar.

"

Permaneceu alguns dias em Barcelona à espera de uma oportunidade

para seguir viagem, embora as condições de vida que encontrou o

tenham deixado exasperado.

O próprio Ritz, supostamente um hotel de grande luxo, se apresentava degradado para além do aceitável, com a carpete suja e

alguns móveis riscados.

Ocupou a suíte presidencial, ou não fosse ele quem era, mas

descobriu que o soalho estava manchado de tinta e as paredes tinham

traços de gordura.

439

Além disso, a comida no restaurante do hotel revelou-se pavorosa,

só havia sopa e vegetais, e depressa descobriu que na cidade era

ainda pior.

A baixa qualidade da comida no Ritz não parecia grave para quem

tinha

sobrevivido

às

marchas

da

morte

arménias,

mas

era

catastrófica para os elevados padrões da cadeia de hotéis que o pai

ajudara a fundar.

Ao terceiro dia, contudo, o empregado do restaurante do Ritz

aproximou-se dele com um sorriso.

"Tenho buenas notícias para si, senhor", anunciou o espanhol.

"Muy buenas!" Inclinou-se para o cliente como se quisesse partilhar

um segredo.

"Hoje temos carne!"

"Verdad?"

O rosto do empregado refulgia de orgulho.

"Si, senhor.

Excelente carne!" Voltou a inclinar-se, obsequioso.

"Vai um bifezinho?"

Krikor esfregou as mãos uma na outra, a saliva já a encher-lhe a

boca esfaimada.

"com certeza! Venha ele!" Imitou um trejeito que aprendera com a

mulher.

"Venga, venga!"

O homem reapareceu vinte minutos mais tarde na companhia de outros

dois ajudantes; traziam uma travessa coberta por uma tampa de prata

e aquecida pela chama branda de um fogão portátil.

O empregado levantou a tampa com um floreado, como se a travessa

contivesse caviar ou ouro, e exibiu um pedaço de carne de aspecto

apetitoso, acompanhado por batatas assadas e umas folhas de alface.

À luz do que tinha metido na boca nos

últimos dias, tratava-se de uma refeição opípara.

Sem perder tempo, depositou o bife no prato e cortou uma fatia.

"Hmm...", murmurou, saboreando a carne num deleite de olhos

cerrados.

"Ah, divinal!"

As pupilas dos empregados brilhavam de contentamento.

440

"Gracias, senhor.

Gracias, gracias!"

A carne tinha um ligeiro travo adocicado, diferente da que

habitualmente comia em Inglaterra, mas era sem dúvida tenra e

saborosa.

Devorou-a em alguns minutos e, quando acabou, fez de novo sinal ao

empregado.

"Onde arranjam este bife? É touro ou quê?"

O homem arregalou os olhos, horrorizado.

"Touro? No, senhor! No, no! Touro é muito duro.

Nós respeitamos os clientes, nunca

daríamos touro a ninguém! Ní

hablar!" Pousou os olhos no prato vazio.

"Isso é um caballito.

"

"Um quê?"

"Um caballito, senhor.

Um belo cavalo.

"

Cansou-se de esperar em Barcelona e, depois de se aconselhar no

consulado alemão, apanhou um comboio até à fronteira francesa.

As composições iam carregadas de gente.

Krikor não conseguia imaginar o que atraía os Espanhóis a um país

que acabara de ser ocupado.

A linha férrea terminou a poucos

quilómetros de Gerona, obrigando

os passageiros a pegarem nas malas e a fazerem a caminhada até à

cidade, onde a maior parte ficou.

O arménio conseguiu alugar em Gerona um táxi com aspecto decrépito

e preço exorbitante e seguiu para a fronteira de Port Bou.

Preparou-se

para

uma

árdua

negociação

com

as

autoridades

fronteiriças francesas, mas as portas abriram-se logo que mostrou o

passaporte diplomático iraniano que o pai lhe arranjava antes ainda

de a guerra começar.

A França era um país em movimento.

A ordem de desmobilização do exército francês tinha acabado de ser

dada e as estradas enchiam-se de gente a pé de um lado para o

outro; viam-se civis com trouxas e carroças e soldados franceses

de uniforme mas com os botões e símbolos de patentes arrancados.

Os refugiados do Norte que tinham fugido do avanço alemão queriam

regressar a casa, enquanto muitas pessoas que se encontravam na

zona ocupada tentavam deslocar-se para sul.

O serviço ferroviário parecia desregulado, mas ia funcionando.

Depois de uma espera de três horas na estação de Port Bou, Krikor

conseguiu apanhar um comboio para Perpignan, de onde obteve uma

ligação em direcção a Montpellier.

Desde que entrara em França que evitava abrir a boca, com receio de

que o seu sotaque britânico o denunciasse, mas não lhe foi possível

manter o silêncio nesta última viagem.

Ocupou um assento num pequeno compartimento onde se apertavam três outros passageiros, dois soldados desmobilizados e uma matrona

francesa que fazia tricot e tinha aos pés um cesto de onde espreitava a ponta de um garrafão de vinho tinto.

Um homem de uniforme entrou de repente no compartimento.

"Billets, s'il vous plait!"

Era o revisor, um homenzinho baixo de bigode carregado.

Depois de inspeccionar o bilhete da francesa, pegou na passagem de Krikor.

"Qual é o seu destino?"

"Vichy.

"

"Este comboio não pára em Vichy.

"

A novidade surpreendeu o viajante.

"Oh, não me diga isso!", exclamou.

"Então como poderei lá chegar?"

Ao ouvi-lo falar, o revisor estreitou as pálpebras e fitou-o com

atenção, como se tentasse ler-lhe o rosto depois de lhe ter digerido o sotaque.

442

"M'sieur é inglês?"

Krikor corou; as suas palavras traíram-no.

O problema é que não era um espião treinado para mentir, pelo que o

Tio o tinha aconselhado em Bletchley Park a responder com a verdade

na medida do possível sempre que fosse questionado; qualquer

mentira que os seus interlocutores detectassem levantaria suspeitas

inconvenientes.

"Sou um diplomata iraniano", disse.

"Mas tenho educação inglesa e de facto venho de Londres.

"

Fez-se um silêncio profundo no

compartimento.

A revelação atraiu sobre ele a atenção de todas as pessoas que ali

se encontravam, como se os olhos fossem imanes e Krikor um magneto.

"Ah, lês anglais!", rosou por fim a matrona francesa, quebrando o

silêncio e recomeçando a mexer os dedos

nervosos no seu tricot interminável "São uns salauds, é o que são! Deixaram os nossos

rapazes morrer e fugiram para Dunquerque para salvarem os seus

ricos rabos! Hmpf! Uns cochons!" Parou de tricotar e esboçou um

gesto na direcção da janela.

"Agora até nos dão facadas nas costas!

Viram o que eles fizeram à

nossa

frota

em

Mersel-Kebir?

Viram?

Afundaram-na

toda,

os

bandidos!" Regressou com fúria ao tricot.

"Ah, lês anglais..."

"Mas, minha senhora", argumentou Krikor.

"A frota poderia cair nas mãos dos Alemães.

Isso, como compreenderá, constituía um perigo inaceitável para

Inglaterra.

"

"São salauds!", cuspiu ela, a língua a chispar veneno.

"Salauds, salauds, salauds!"

Os dois soldados franceses entreolharam-se, ponderando se deveriam

dizer alguma coisa.

"Enfim, a nossa queixa diz sobretudo respeito à forma como os

Ingleses nos abandonaram em

Dunquerque", acabou um deles por afirmar, como se o estrangeiro fosse um correio

443

de recados para Londres.

"Deixaram-nos sozinhos com os Alemães e pisgaram-se.

" Sacudiu a mão direita.

"Oh la la!, isso criou ressentimento, se criou!"

Krikor ainda admitiu argumentar, fazer ver que a batalha estava

perdida quando as forças britânicas fugiram e que foi melhor adiar

o embate final para uma oportunidade mais conveniente do que

resistir quando as circunstâncias eram tão desfavoráveis.

Pensou tudo isso numa fracção de segundo, mas calou-se.

Para quê discutir? Não seria melhor manter-se discreto? De que lhe

servia tentar convencer aquelas almas humilhadas pela derrota e que

a tentavam justificar com o falhanço de terceiros?

Vendo o estrangeiro sob fogo cerrado dos seus companheiros de

viagem, o revisor pousou-lhe a mão no ombro e esboçou um sorriso

encorajador.

"Quando regressar a Londres, mon ami, diga-lhes quanto admiramos a

resistência deles", recomendou.

Lançou um esgar de repreensão na

direcção dos passageiros

franceses.

"Diga-lhes sobretudo que a maior parte dos Franceses está com eles.

" Fitou-o de novo.

"Diz-lhes?"

"Bien sur.

"

O revisor deu meia volta e regressou ao corredor.

Antes de se afastar, porém, atirou um último olhar a Krikor.

"Saia na estação de Saint Germain-des-Fossés", recomendou.

"É a mais próxima de Vichy.

"

A atenção de Krikor desviou-se

instantaneamente para o mapa onde se assinalava o percurso da linha férrea.

Considerando o ritmo a que progrediam e as paragens que ainda

tinham pela frente, raciocinou, Saint Germain-de-Fossés ficava a

cerca de hora e meia de distância.

Da estação telefonaria

aos pais e em breve estaria com eles em Vichy.

merci.

"

444

"E se vir por lá o marechal Pétain", acrescentou o revisor após a

pausa para deixar o passageiro consultar o mapa, "dê-lhe um pontapé

no traseiro por mim!"

Piscou o olho e, afagando o bigode

farfalhudo, decerto orgulhoso pela sua vontade, mergulhou sorridente pelo corredor e desapareceu

no compartimento seguinte, o vozeirão a clamar por "billets, s'il

vous plaít!"

445

446

XIII

O vozear irrequieto das crianças ao ar livre, intercalado amiúde

por gargalhadas e gritos de brincadeira, transformou-se de repente

num coro a que se seguiu uma prolongada ovação e uma salva de

palmas.

Os três Sarkisian cirandavam pelo rés-do-chão do Hotel du Pare,

Nunuphar a espreitar a loja de Louis Vuitton, o marido e o filho à

procura de um lugar no restaurante Chantecler.

Apercebendo-se da ovação, Kaloust virou-se para a porta do hotel,

enquadrada por duas sentinelas e por uma grande bandeira francesa,

e viu passar uma figura pequena e magra;

tratava-se de um octogenário de fato escuro, gravata azul e chapéu de coco, com um

espesso bigode branco na face ossuda, rodeado por oficiais e altos

funcionários.

O arménio fez sinal a Krikor.

"Aí vai ele.

"

A atenção do filho desviou-se para os homens que atravessavam a rua

nos seus melhores fatos ou em fardas de gala.

447

"Ele, quem?"

"O Pétain, quem haveria de ser?", indicou o pai.

"É o pequenote que segue à frente.

"

Ficaram por momentos a observar o presidente francês a cruzar o

parque por entre os aplausos das crianças e a curiosidade dos

mirones, e a mergulhar numa igreja onde estava para começar a missa

das onze.

Passada a perturbação, os Sarkisian instalaram-se a uma mesa do

Chantecler e pediram um café enquanto aguardavam que Nunuphar

percorresse as lojas de luxo do Hotel du Pare.

"M'sieur Sarkisian, como está?"

Kaloust voltou-se e reconheceu o homem que se chegara à mesa e o

interpelara.

"Ah, m'sieur Da Silva!", exclamou.

"Já lhe apresentei o meu rapaz?" Voltou-se para o filho.

"Krikor, este é m'sieur Manuel Nunes da

Silva, secretário da legação portuguesa e um bom amigo aqui em Vichy.

"

Krikor levantou-se para apertar a mão do recém-chegado e arranjar-lhe um lugar à mesa.

"Que tal o portinho que lhe dei noutra dia?", perguntou o português a Kaloust logo que se acomodou.

"Estava fino?"

"Ah, uma maravilha! Uma maravilha!", exclamou o arménio, a boca de

repente a salivar com a memória do néctar que voltara a provar

ainda na noite anterior.

Inclinou-se para o seu interlocutor.

"Será que me arranja mais? A minha Nunuphar também adora o vosso

vinho do Porto e, infelizmente, a garrafa já vai quase no fim..."

"com certeza, m'sieur Sarkisian.

A mala diplomática deve chegar esta semana de Lisboa com mais umas

garrafitas para a minha adega.

Terei muito gosto em oferecer-lhe uma delas.

"

448

"Excelente.

"

O empregado trouxe os cafés e pousou-os na mesa.

Nessa altura apareceram mais três homens de fato e gravata que

Kaloust apresentou ao filho como sendo dois altos funcionários

franceses, seus vizinhos no Hotel Majestic, e um diplomata espanhol.

Todos se instalaram à mesa, alargando para seis o número de homens

ali sentados.

"Então veio de Londres?", perguntou um dos franceses, um homem

obeso chamado Vallat.

"Como está a Inglaterra a aguentar-se?"

"Para já tudo corre bem", retorquiu Krikor.

"Os Alemães andam entretidos a bombardear-nos, mas os Spitfire

estão a dar-lhes valente réplica.

O nosso lema é 'keep smiling', we can take it!"

Vallat fez um gesto com a mão.

"Fanfarronices!", sentenciou.

"A Inglaterra está derrotada e tem de o assumir de uma vez por

todas.

A guerra terminou e os Ingleses fariam bem em acabar com a

fantochada!"

"Parecem Don Quijote", atalhou o espanhol.

"Lutam contra moinhos de vento em vez de abraçarem os ventos da

história! Homem, sejam machos e

assumam que perderam!"

"Parbleu, para que serve continuarem a combater?", questionou o

segundo francês.

"Chegou a hora de baixarem as armas!"

Fez um gesto a indicar o

espaço em redor.

"Essa teimosia está a dificultar a vida a toda a gente! Mon Dieu,

será possível que não percebam que a Inglaterra está de joelhos?"

Mantendo-se imperturbável, Krikor saboreou um travo do seu café.

Depois pousou devagar a pequena chávena fumegante e, em jeito de

desafio, passeou os olhos pelos homens que o fitavam.

449

"Se a Inglaterra está batida, meus caros, ninguém ainda nos informou", observou num tom irónico.

"Acreditem ou não, nós vamos tenir lê coup!"

A ideia em França, e em Vichy em

particular, era que a resistência britânica já não fazia qualquer sentido.

Esta convicção perpassava em todas as conversas e deixava os

Sarkisian incomodados.

Beneficiando

de

uma

intervenção

da

mãe,

Krikor

conseguira

alojamento

no

sobrelotado

Hotel

dês

Ambassadeurs,

onde

se

concentrava a generalidade do corpo diplomático na cidade e onde

tinha a todo o momento de ouvir

comentários que lhe eram dirigidos sempre que alguém o identificava como

"l'homme de Londres".

Tornou-se também frequentador assíduo do Hotel Majestic, escolhido

para sede do governo do marechal Pétain e onde os pais se

conseguiram instalar a peso de ouro, juntamente com o cozinheiro, o

mordomo, o massagista, o motorista e respectivas mulheres, e ainda

madame Duprés.

O problema é que igualmente aqui as conversas iam sempre dar ao

mesmo ponto: a teimosia inglesa em adiar a derrota inevitável.

As exceções eram o embaixador

americano e o encarregado de

negócios canadiano.

O almirante Leahy, que representava os Estados Unidos junto do

governo de Vichy, revelou-se de tal modo favorável aos Britânicos

que punha diariamente o aparelho de telefonia na janela dos seus

escritórios diplomáticos e deixava-o sintonizado em altos berros na

BBC em língua francesa, cuja escuta era proibida pelo governo do

marechal Pétain.

"Um escândalo!", vociferavam os funcionários franceses que por ali passavam.

"Uma provocação!"

Preocupado com manter o equilíbrio físico e mental em tempos tão

difíceis, Kaloust fez questão de prosseguir os

450

seus hábitos pouco ortodoxos de

rejuvenescimento.

No fim de contas, argumentava com frequência, se já ia nos setenta

e um anos e continuava cheio de energia era porque as suas rotinas

apresentavam resultados.

Madame Duprés continuava a organizar-

lhe a vida, e em particular tudo o que dizia respeito à "terapia".

Para belle du four em Vichy o

multimilionário arménio descobrira uma morena voluptuosa logo na primeira semana atrás da mesa de

blackjack no Grand Casino da cidade e, como de costume, a fiel

secretária adequadamente contratara-a, preparara-a e acomodara-a no

Hotel Algerie.

É certo que o Algerie não se revelou do inteiro agrado de Kaloust,

uma vez que estava aí instalado o

Commissariat general dês questions juives, entidade criada por Pétain para "tratar da

escumalha hebraica".

A telefonia era frequentemente ligada em altos berros nos corredores do hotel, não para difundir a BBC, como fazia o embaixador americano, mas, ao que se dizia, para abafar os gritos

dos judeus torturados no interior do edifício.

Todavia, sempre que se queixava a madame Duprés da má reputação

daquelas instalações e do barulho infernal da telefonia e dos rumores sobre tortura e dava sinais de querer mudar o poiso da

morena voluptuosa, Kaloust enfrentava o mesmo argumento.

"Para onde quer o senhor ir?", perguntava-lhe a secretária com o

seu sentido prático característico.

"Para o Hotel du Lac, onde vive o marechal Pétain? Para o Hotel de

la Paix, onde se instalou o Ministério da Informação e Propaganda?

Para o Hotel dês Ambassadeurs, onde está

o seu filho e todo o corpo diplomático? Acha esses lugares suficientemente discretos?"

"Bem..."

"O inconveniente da má fama do Algerie é também uma vantagem",

lembrava-lhe ela repetidamente.

"As pessoas evitam o hotel, é verdade, mas isso parece-me vantajoso

para

451

a sua... enfim, actividade terapêutica.

Bem vê, gozará aqui da maior discrição,

n'est-ce pás?"

O argumento era imbatível.

Apesar de todas as suas reservas, e até da repugnância que o Hotel

Algerie lhe causava, acabou por

condescender.

A belle du jour permaneceu no mesmo ninho.

A rua estava deserta, adormecida pela luminosidade indolente da

tarde, como se um fino manto de neblina metálica se tivesse abatido

sobre o casario silencioso.

Depois de acender um charuto e se

certificar de que não fora seguido, Krikor abandonou a sombra acolhedora de uma noqueira e

deslizou até ao estabelecimento do outro lado do passeio.

Uma tabuleta sobre a porta indicava Café du Marais.

"Salut!", cumprimentou quando cruzou a porta do estabelecimento e

se encostou ao balcão.

"O Armand está?"

Do outro lado do balcão encontrava-se um empregado de avental a

lavar copos.

"Quem deseja saber?"

"Um dos três mosqueteiros.

"

Ao ouvir a senha, o empregado levantou a cabeça e perscrutou a face

do cliente desconhecido, procurando avaliá-lo.

"D'Artagnan não se encontra de momento.

" O nome do herói de Alexandre Dumas era a contra-senha.

"Sente-se ali ao canto", ordenou, indicando o ponto mais discreto

do café.

"Ele já vem.

"

O lugar situava-se numa esquina sombria e tinha uma porta ao lado,

provavelmente de acesso ao quintal do café.

Krikor instalou-se e pôs-se a tomar notas sobre tudo o que tinha

visto até ali na chamada Zona Livre de França.

A vida no país parecia-lhe difícil, bem diferente da folie de anos

anteriores.

Partes importantes da população haviam

452

sido deslocadas pela guerra e o

acionamento de combustíveis

dificultava os transportes.

Como homens do petróleo, porém, os Sarkisian dispunham de acesso

fácil a gasolina e granjearam uma certa popularidade entre o corpo

diplomático por distribuírem

ocasionalmente uns bidões às figuras preeminentes da comunidade estrangeira.

Tirando partido do estilo de vida do pai, Krikor permanecera uma

semana descontraída e só naquele dia,

convencido enfim de que ninguém suspeitava dele, decidira levar a cabo a missão de que o

Tio o incumbira em Bletchley Park.

"Está à minha procura?"

A pergunta apanhou Krikor desprevenido.

Deu um salto de susto na cadeira e, ainda abalado, encarou o homem

que o fitava.

"Armand?"

"Chame-me D'Artagnan", confirmou o francês.

"Quem é o senhor?"

Krikor olhou em redor, para se certificar de que ninguém os escutava.

À parte um velhote que bebericava um copo de tinto ao balcão com

olhos lacrimejantes, o café permanecia deserto.

"Um dos três mosqueteiros", disse, repetindo a senha.

"Tenho instruções para si.

"

O francês também inspeccionou o café com o olhar antes de se sentar

e encarar o visitante.

"Como vai o Tio? A perna deformada pela polio continua a dar-lhe

problemas?"

A pergunta assustou Krikor.

Ter-se-ia enganado na pessoa?

"Qual perna?", admirou-se.

"Que eu saiba o Tio não teve polio nenhuma!"

Armand descontraiu-se e esboçou um sorriso seco.

"Era uma rasteirazinha para me certificar de que você o conhece

mesmo", explicou.

"Alors, que instruções são essas?"

453

"Dizem respeito à extracção de pilotos da RAF abatidos sobre a

França", indicou Krikor.

"Temos de os retirar pela fronteira espanhola e o Tio acha que você

está em condições de o fazer.

"

"Ele conhece os meus talentos.

" Esfregou o polegar no indicador, num gesto característico.

"Quanto pagam?"

"Quarenta libras por oficial e vinte por miliciano.

Não há mensalidades, é tudo em função dos resultados.

De acordo?"

"Talvez.

"Franziu o sobrolho, preocupado com os detalhes.

"Como me farão chegar o dinheiro?"

"Não faremos.

Será aberta uma conta em Inglaterra, onde depositaremos o que lhe é

devido.

Quando a guerra acabar, terá uma bela maquia à sua espera no banco.

Que lhe parece?"

"Haverá uma décoration anglaise para mim no final da guerra?"

A pergunta apanhou Krikor de surpresa, mas reagiu de pronto.

"De certeza!"

com um gesto deliberadamente lento, o francês tirou um maço de

Gitanes do bolso e acendeu um cigarro pensativo.

Uma nuvem violácea de fumo serpenteante ergueu-se diante do seu

rosto pálido; parecia que o fio de névoa dançava com movimentos

sinuosos.

"D'accord.

"

O assentimento arrancou um suspiro de alívio a Krikor.

A missão fora bem sucedida.

"Ainda bem!", exclamou.

Bebeu um gole de cerveja e pousou a caneca, consciente de que só

lhe faltava tratar de alguns detalhes.

"Onde poderão os homens ir ter consigo?"

"A Perpignan.

Existe uma grande garagem da Citroen na route de Frades.

Eles que me procurem aí.

"

454

Levaram dez minutos a tratar dos

pormenores.

Concluído o trabalho, despediram-se e Krikor saiu de imediato à

rua, temendo ser nesse instante preso pelos gendarmes.

Mas não se via viva alma à porta do Café du Marais, apenas uma brisa

forte que sacudia as folhas secas por baixo das noqueiras,

atirando-as pelo ar como se ganhassem vida.

Tudo permanecia tranquilo.

Dominando o nervosismo, Krikor meteu as mãos nos bolsos, segurou o

chapéu sobre a cabeça para se proteger do vento e encaminhou-se em

passo rápido para o Hotel Majestic.

Ao entrar no estabelecimento onde os pais estavam alojados, paredes

meias com os funcionários do governo do marechal Pétain, Krikor

estacou no átrio para verificar as horas.

Havia um relógio pregado sobre a

recepção, mas do sítio onde se

encontrava não o via bem.

Recuou por isso três passos e parou quando sentiu o seu calcanhar

esmagar qualquer coisa atrás dele.

"Aghhh!"

Voltou-se para trás e percebeu que tinha pisado o pé de alguém.

Era um homem com farda feldgrau.

Um alemão.

Pior do que isso, o militar tinha chapéu de

oficial e calças de montar largas nas coxas, as botas negras de cano alto a reluzir de

tão impecavelmente engraxadas.

"Oh, sorry!", balbuciou Krikor em inglês, à beira do pânico.

"Foi sem querer!"

O oficial alemão saltitava ao pé-coxinho pelo átrio do hotel, um

esgar dorido a marcar-lhe o rosto.

"Ac/?, o senhor é americano?", perguntou num francês gutural logo

que se recompôs, embora fosse claro que as dores ainda o atormentavam.

"Não faz mal, foi um acidente.

Acontece.

"

455

O homem em farda feldgrau,

acompanhado pelo seu séquito, despediu-se com um toque no chapéu e afastou-se a coxear.

Krikor estava lívido de susto e, com o coração aos saltos, dirigiu-se ao elevador de ferro e meteu-se nele sem perda de tempo.

com um solavanco, o elevador começou a lenta ascensão, levando

Krikor e um outro passageiro.

"O senhor sabe quem acabou de espezinhar?", perguntou o seu companheiro de viagem, evidentemente um francês da administração de

Pétain.

"Tem alguma ideia?"

"Bem, um oficial alemão.

"

O francês passou os dedos pelo bigode revirado.

"Nem mais nem menos que o General feldtnarshall Brauchitsch, o

actual Oberbefehlshaber dês Heeres", esclareceu.

"O que o salvou, mon cher, é que ele pensou que o senhor era

americano.

Os Alemães não querem problemas com os yankees.

"

Saiu no segundo andar e dirigiu-se em passo rápido para a suíte do

pai.

A vida de agente secreto estava a dar-lhe cabo dos nervos, pensou.

Já não tinha idade para aquilo! O Tio tinha-lhe recomendado em

Bletchley Park que se esforçasse por não dar nas vistas.

E o que fizera ele? Fora pisar precisamente um dos principais

comandantes militares alemães! Haveria coisa mais desastrada?

Ao sair do elevador ouviu urros do outro lado do corredor e apercebeu-se de que vinham da suíte dos pais.

Hesitou.

Que diabo seria aquilo? Quem gritava daquela maneira? Concentrou-se

e compreendeu que era o próprio pai que bradava descontroladamente.

Que se passaria? Alguém lhe estaria a fazer mal? Os Alemães teriam

começado a incomodá-lo?

Golpeou a porta com força.

Atravessara o corredor a correr, alarmado com o barulho, e plantara-se diante da entrada da suíte.

Apesar da

456

berraria, sentiu passos a aproximarem-se do outro lado e, após um

barulho de metal a rodar na fechadura, a porta abriu-se.

Deparou-se com a mãe, o rosto pálido e os olhos preocupados.

"Ah, o teu pai está possesso!", exclamou ela ao vê-lo.

"Possesso, digo-te eu!"

"Que se passa?"

A mãe fez-lhe sinal para que entrasse.

"Foi uma carta que recebeu há meia hora.

Teve um ataque de fúria logo que a leu e desde então que não se

cala.

Credo, parece que tem o Demónio no corpo!"

Os berros não cessavam.

Passaram à sala e Krikor deu com o pai a gesticular diante da

janela, os punhos cerrados de revolta e indignação, a face enrubescida de irritação.

Tinha até traços de espuma no canto da boca.

"Bandidos!", vociferava.

"Fazerem-me isto a mim! A mim, que fiz tudo por eles! Gatunos!

Escumalha! É assim que me agradecem? É assim que me tratam?

Ladrões! Porcos!"

"Que se passa, pai?"

Kaloust parou momentaneamente de gritar e virou-se para encarar o

filho, os olhos com um brilho alucinado.

"Já viste o que me fizeram aqueles pulhas?", perguntou.

"Já viste como eles me agradecem todos os serviços que lhes

prestei?"

"Está a falar de quê?"

? O pai pegou numa folha de papel amarfanhado e exibiu-a no ar,

como um trofeu.

"Estou a falar disto! Desta vergonha que eles me mandaram! Olha

para isto! Olha só!"

com um gesto brusco, Kaloust estendeu a folha e o filho pegou nela.

Atingida pela fúria, a folha estava amassada e até rasgada em

algumas partes.

Endireitou-a e aproximou-se da janela para a ler.

O cabeçalho trazia o leão britânico e

457

o símbolo do Foreign Office.

Olhando para a última linha, reconheceu a assinatura.

"É de Sir Philip Blake.

"

"O que interessa é o conteúdo!", apressou-se o pai a dizer.

"Ora lê o que esses animais decidiram!"

Krikor afinou a voz.

"Meu

caro

amigo",

disse,
os
olhos
pregados
às
linhas
dactilografadas.

"Lamento ter de lhe comunicar que a sua fatia de cinco por cento

da Turkish Petroleum Company, bem como a fatia correspondente à

Compagnie Française dês Pétroles, foi considerada propriedade

inimiga.

""

Ergueu os olhos surpreendidos, como se pedisse ao pai que lhe

explicasse o significado daquela notícia.

"Lê o resto!"

Voltou a centrar a atenção na carta de Sir Philip Blake.

"Também o senhor foi declarado inimigo.

'Em conformidade, o curador britânico de propriedade inimiga

decretou a confiscação das suas acções.

Não posso deixar de lhe dizer quanto lamento e quanto lutei,

fazendo uso de todas as minhas forças e influências, para impedir

esta..."

"Vês?", interrompeu-o Kaloust.

"Vês? Aqueles bandidos, aqueles energúmenos declararam-me inimigo!

A mim, que sempre ajudei a Inglaterra! A mim, que lhes pus nas mãos

uma fortuna colossal! A mim, a quem tanto devem! Agora tratam-me

como escumalha, como se os tivesse

traído, como se..."

"Acalme-se, pai", atalhou Krikor.

"Qual é a sua surpresa? Uma coisa destas era previsível..."

Kaloust arregalou os olhos, incrédulo com o que acabava de escutar.

"Previsível? Era previsível que a Inglaterra me declarasse inimigo?"

Mas que... que disparate vem a ser esse?

Que estás tu a insinuar?"

458

O filho apontou para a janela, indicando o casario de Vichy que se

estendia a perder de vista.

"O pai já viu onde está a viver? Isto é a França do marechal

Pétain, que anda todo delicado com Hitler! Os Alemães ocuparam

metade do país e têm a outra metade à sua mercê.

O que significa que o pai está sujeito às pressões do inimigo.

Nestas condições, como poderia a

Inglaterra manter tudo na mesma?"

"Os Alemães podem andar por aí, mas eu mantenho-me um homem

livre!", retorquiu Kaloust.

"Como pode a Inglaterra duvidar do meu

patriotismo? Como pode a Inglaterra chamar-me inimigo? Além do mais, estão a usar tudo isto

como um pretexto para me expulsarem da Turkish Petroleum, o

verdadeiro objectivo desta manobra.

Isso é inaceitável!"

Ainda com a folha de papel na mão, Krikor acenou com ela.

"É um requisito legal!", explicou.

"Não leu o que disse Sir Philip nesta carta?"

A Inglaterra tinha de

o declarar inimigo e confiscar as suas acções para o proteger dos

actos a que os Franceses do Pétain ou os Alemães o pudessem

obrigar.

Enquanto estiver em Vichy, quer queira quer não, estará sujeito à

influência inimiga.

Mas com as suas acções da Turkish confiscadas pelo curador, o

inimigo já não terá qualquer vantagem em pressioná-lo!"

"Que disparate! A minha condição de diplomata iraniano garante a

minha protecção! Se eu não estivesse protegido, não estaria aqui!"

"Eu sei, mas a Inglaterra não tem a certeza de nada.

Lembre-se de que o xá anda a namorar os nazis..."

"Eu travo-o.

"

"Acha que a Inglaterra pode confiar na sua influência sobre o xá?

Não se esqueça de que é imperativo negar aos Alemães o acesso ao

petróleo, daí a necessidade de confiscar 459

as suas acções da Turkish Petroleum Company.

Tem de compreender essa evidência!"

"Compreender? O que há a compreender é muito simples: a Inglaterra

traiu-me!"

"A Inglaterra protegeu-se", corrigiu Krikor.

"com o pai à mercê do inimigo, que estava à espera que a Inglaterra

fizesse?"

A pergunta deixou Kaloust

momentaneamente calado.

Lançou um olhar de despeito ao filho e, com um movimento teatral,

saiu da sala e dirigiu-se ao quarto.

Parou junto da porta e voltou-se uma última vez para trás.

"Olha lá, andas a trabalhar para os serviços secretos ingleses?"

Foi a vez de Krikor ficar sem palavras, estarecido com a pergunta.

O coração começou a bater-lhe com força e o rosto empalideceu.

Seria assim tão inepto como agente secreto? Como podia o pai lê-lo

com tanta transparência? Que erro cometera? Tê-lo-ia mandado seguir até ao café onde se encontrara com D'Artagnan?

"Eu? Agente de... de Inglaterra?" Forçou uma gargalhada.

"Que disparate, pai! Onde foi buscar essa ideia?"

"Então porque te deixaram sair do país?"

Tanto quanto sei, desde que

a guerra começou que não se pode sair de Inglaterra sem mais nem

menos.

" Ergueu o dedo à maneira de um tribuno a reforçar um ponto.

"E muito menos para vir a Vichy!"

"Ora essa, deixaram-me sair porque o pai é diplomata do Irão!"

Abanando a cabeça como a mostrar que a ele não o enganavam, Kaloust

pôs a mão na borda da porta e preparou-se para encerrar a conversa.

"Pois enquanto viver nunca mais porei os pés em Inglaterra!",

sentenciou antes de bater a porta com estrondo.

C'est finit.

460

XIV

Um raio de Sol espreitou pela janela, iluminando a pele trigueira

de Reza Mossaed.

Não fazia calor, mas duas gotas de transpiração deslizaram pelas

têmporas do ministro plenipotenciário do Irão em Vichy no momento

em que encarou Kaloust no quarto do Hotel dês Ambassadeurs que as

circunstâncias haviam transformado em legação do Irão em França.

Na parede estava pregada uma fotografia do xá em uniforme de gala e

pose austera, enquanto em baixo um calendário francês sobre a

mesinha-de-cabeceira assinalava Agosto

de 1941.

"As notícias de Teerão são muito graves", murmurou Reza Mossaed,

passando as costas da mão pelas lágrimas de suor.

"Os Ingleses e os Russos invadiram o país e apresentaram um

ultimato a sua alteza, o xá.

Querem que sua alteza abdique do trono.

"

Fez-se silêncio no quarto.

Os ponteiros de um relógio de parede moviam-se em saltos precisos,

com um tiquetaque que conferia um ambiente acolhedor àquele lugar.

461

"Não se pode dizer que seja uma surpresa", observou por fim

Kaloust.

"Eu avisei que o namoro de sua majestade com os Alemães era um jogo

perigoso!"

"Pois avisou.

Mas o mal está feito.

"

Nova pausa na conversa.

"E sua majestade?", quis saber o arménio.

"Que vai fazer?"

O ministro plenipotenciário ergueu as mãos num gesto de impotência

e respirou fundo.

"Por Alá, que pode ele fazer? Os infiéis afundaram os nossos navios, abateram a nossa força aérea e até já dividiram o país em

três partes.

Eles têm a força.

"

"Sim, eu sei.

Mas o que vai sua majestade fazer?"

Novo suspiro do diplomata iraniano.

"Vai abdicar, claro.

O trono será ocupado pelo príncipe herdeiro e, se Alá quiser e isso

lhe for permitido, sua alteza irá exilar-se num país qualquer da

América do Sul.

"

O olhar de Kaloust elevou-se para a fotografia do xá fixada na

parede, atrás do seu interlocutor.

"Ajudá-lo-ei no que puder", disse.

"Apesar de estarmos em Vichy, tentarei contactar o..."

"Temos de sair de Vichy", cortou Reza Mossaed.

"A nossa presença já não será tolerada aqui.

"

A declaração extraiu uma expressão surpreendida do arménio.

"Sair de Vichy? A que propósito?"

"Quando o novo xá subir ao trono, o Irão irá juntar-se aos Aliados

e declarar guerra ao Eixo.

Isso significa que os Franceses deixarão de poder aceitar a nossa presença diplomática.

" Atirou um olhar fugidio à porta.

"Aliás, até já me mandaram esta manhã um recado discreto.

"

"Mas acha que isso também se aplica a mim?"

O ministro plenipotenciário juntou as palmas das mãos e enlaçou os

dedos.

462

"Qual é a sua nacionalidade?"

"Bem... neste momento, e como sabe, sou súbdito da Grã-Bretanha e

do Irão.

"

O rosto seco de Reza Mossaed contraiu-se no esboço do seu primeiro

sorriso desde que acordara com as notícias.

"Dois países em guerra com a Alemanha, portanto", constatou.

"Há alguma coisa que não tenha entendido?"

Não foi preciso questionar muita gente da administração francesa no

Hotel Majestic para obter a confirmação

das palavras do ministro plenipotenciário iraniano.

O seu velho amigo Jean-Marc Hertault, o senador que presidia à

compagnie

Française

dês

Pétroles,

mostrou-se

profundamente

embaraçado quando se encontraram para um café no bar do hotel.

"vou falar com o senhor ministro, mon vieux", prometeu Hertault,

visivelmente perturbado.

"Falarei com o marechal Pétain, se necessário for!" Fez um gesto de frustração.

"Mas, hélas!, a situação é a que é! A França está de joelhos, à

mercê dos Alemães.

Que podemos nós fazer se eles exigem a saída dos diplomatas de

todos os países que estão em guerra com o Eixo? Que alternativa

temos senão obedecer?"

Os contornos da situação tornaram-se claros para Kaloust.

Agradeceu ao amigo, pedindo-lhe que não se incomodasse com o seu

caso, e dirigiu-se para a suíte que mantinha reservada no Majestic,

a mente a fervilhar com as opções diante dele.

Tinha de facto de abandonar a França.

Mas para onde iria? A Inglaterra estava fora de questão, à luz da

desfeita sofrida no ano anterior.

Como se tinham aqueles miseráveis atrevido a considerá-lo inimigo e

a confiscar-lhe as acções da Turkish Petroleum Company? A dor e a

humilhação não

463

o haviam largado.

Que afronta! Ah, àquele país de ingratos é que jamais voltaria!

Uma vez recolhido à suíte expôs a situação a Nunuphar.

Alimentava esperanças de que a mulher tivesse alguma ideia, mas o

facto é que se mostrou tão desconcertada quanto ele.

"Se nos expulsam daqui", observou

Nunuphar, "temos de voltar a Inglaterra!"

O marido cortou o ar com a mão, num gesto peremptório.

"Nem pensar!", exclamou.

"A Inglaterra, nunca! O que nos fizeram não tem perdão!"

"Mas então vamos para onde? Queres voltar a Constantinopla?"

"E viver outra vez sob a bota dos Turcos, sobretudo depois de tudo

o que eles fizeram aos Arménios e ao nosso filho?" Sacudiu a

cabeça.

"Jamais!"

A mulher suspirou de frustração.

"A França expulsa-nos por causa dos Alemães, não queres a Inglaterra, recusas a Turquia..." Abriu os braços num gesto de

perplexidade.

"Para onde iremos nós, Santo Deus?"

"Ora, a Europa é vasta!"

"A Europa está em guerra, homem!", lembrou Nunuphar.

Apontou para um mapa do continente que tinham pousado sobre a

escrivaninha.

"Olha para ali e o que vês? Guerra, guerra, guerra! Para onde

poderemos nós ir de modo a escapar a este inferno?"

O mapa atraiu a atenção de Kaloust.

Aproximou-se da escrivaninha e estudou-o com atenção, analisando as

fronteiras e medindo as forças em presença.

De facto quase todo o continente estava mergulhado na guerra.

Passou o dedo pelos contornos da Europa, registando os países

envolvidos no conflito.

França, Alemanha, Áustria, Holanda, Bélgica, Itália, Polónia,

Checoslováquia, Grécia, Albânia,

Jugoslávia,

464

Bulgária, Hungria, Roménia, União Soviética, Dinamarca, Noruega,

Finlândia...

O dedo imobilizou-se sobre um país minúsculo.

"Este não tem guerra", constatou.

"É para aqui que iremos!"

Nunuphar acercou-se do marido e inclinou-se sobre o mapa para

identificar o pequeno estado em cima do qual o dedo dele assentava.

"A Suíça?"

Os dias seguintes foram passados no restaurante e no bar do Hotel

dês Ambassadeurs, onde se concentrava o corpo diplomático creditado

junto do governo da Zona Livre de França.

Pedi uma reunião com o ministro

plenipotenciário da Suíça, um

homem baixo de face arredondada que se mostrou reservado e pouco

falou.

Kaloust pensou mesmo assim que a

conversa havia corrido bem e

confiou que as coisas estavam

razoavelmente encaminhadas.

Parte das suas empresas encontrava-se sedeada na Suíça, pelo que

esse teria de ser o seu destino.

No sábado seguinte estava a vestir-se diante do espelho quando

alguém bateu à porta da suíte.

Era o senador Hertault.

"O senhor tem intenção de ir para a Suíça?"

O arménio arregalou os olhos, apanhado de surpresa pela pergunta

disparada de chofre, e sobretudo por a informação ser do conhecimento do seu amigo da Compagnie Française des Pétroles.

"De facto.

Como sabe?"

O francês fez um gesto vago com a mão, como se indicasse que a

pergunta não era pertinente.

"Posso entrar?"

"Ah, sim", exclamou Kaloust, caindo em si e percebendo a descortesia de ter deixado o visitante plantado à porta.

"Claro, faça o favor!"

465

O senador Hertault instalou-se no sofá e afinou a voz, como se

ganhasse coragem para dizer ao que ia.

"Sabe, tive agora uma informação que me foi confiada por um amigo

da Sécurité que... enfim, acho que lhe poderá interessar", revelou, baixando a voz.

"Parece

que

os

Alemães

estão

a

considerar

seriamente

a

possibilidade de invadirem a Suíça.

"

Kaloust arregalou as sobrancelhas numa expressão de choque.

"O quê?!"

O francês olhou em volta, quase assustado com a sua própria sombra.

"Chiu, mais baixo!", implorou, falando num sussurro.

"Por favor, peço-lhe a maior discrição sobre este assunto.

É matéria muito delicada, como decerto compreenderá.

"

O arménio controlou a voz para níveis mais compatíveis com a

natureza da conversa e inclinou-se para a frente, de modo a aproximar-se mais do seu amigo e falar em confidência.

"Mas porquê?", soprou.

"Para que querem os Alemães a Suíça?"

"Dizem que o senhor Hitler está enojado por existirem na Suíça

falantes de alemão que nutrem sentimentos de afinidade e lealdade

para com falantes de francês e quer acabar com isso.

"

"O homem é louco!", exclamou Kaloust, abanando a cabeça.

A seguir estreitou as pálpebras, numa expressão de perplexidade, e fitou o seu interlocutor. "O senhor tem a certeza do que está a dizer? É que já li declarações dele a garantir que a Alemanha irá sempre respeitar a soberania e a neutralidade da Suíça..."

"Tudo aldrabices para a assegurar a passividade dos Suíços durante a guerra", retorquiu o senador Hertault.

"Mas estou

466

em condições de lhe assegurar que, em privado, o senhor Hitler descreveu a Suíça como uma borbulha na cara da Europa e um inimigo mortal da nova Alemanha.

Consta que houve até conversas sobre o assunto com Mussolini, a

quem o senhor Hitler terá confidenciado que removerá a borbulha

suíça na altura própria.

"

Fez-se por momentos um silêncio pesado no quarto; apenas se

escutava o crepitar nervoso da lenha que ardia na lareira.

"Essa... essa altura já chegou?"

"Ainda não.

A minha fonte diz-me que estão de facto em marcha os preparativos

para a Operação Tannenbaum, embora a luz verde final ainda não

tenha sido dada.

Parece que os Alemães hesitam perante a possibilidade de combater

nas montanhas, até porque os Suíços têm reputação de ser ferozes.

Mas já se sabe como são os Alemães..."

Kaloust recostou-se no seu assento e desviou o olhar para as chamas

amarelas que revolteavam na lareira como bailarinas esquivas,

reflectindo no que acabara de escutar.

Na verdade não havia muito para pensar, a situação era clara.

Levantou-se devagar e cravou os olhos hipnóticos no senador.

"Tenho de repensar tudo.

"

A chegada de Krikor a Vichy, em mais uma das suas viagens suspeitas, constituiu uma oportunidade para discutir o assunto com uma pessoa em quem confiava.

Apesar de por vezes o esquecer, o filho já não era miúdo nenhum.

Tinha quarenta e cinco anos e uma experiência de vida que não podia ignorar.

Não escapara ele aos Turcos durante o genocídio arménio? Quem

vivera uma experiência dessas tinha forçosamente de dispor de uma

mente forte.

O casal Sarkisian foi esperar o filho à gare de Saint Germain-des-Fossés.

Krikor trouxe a notícia de que iniciara o

467

processo para se divorciar de Maria Silvia, o que desencadeou dos

pais uma previsível rajada de "nós bem te avisámos!" e "devias ternos dado ouvidos!" e "topei essa maluca desde o início!", pelo que

Kaloust só lhe explicou o seu problema quando se recolheram à

privacidade da suíte do Majestic.

Irritado com as recriminações que ouvira por causa do seu casamento, Krikor ouviu-o com manifesta impaciência e, já perto do

final da narrativa, não se conteve e interrompeu-o.

"Mas para que queria o pai ir para a Suíça?"

A pergunta arrancou um esgar de surpresa a Kaloust.

"Bem... a Suíça é um país neutral, não é verdade?", observou.

"Pelo menos ainda não está em guerra.

"

"Também a Holanda e a Dinamarca e a Noruega eram neutrais e não

estavam em guerra e pelos vistos não foi isso que dissuadiu os

Alemães de as invadir..."

"Eu sei, eu sei..."

"Não, a Suíça está fora de questão.

Sei que o pai tem lá empresas e que é um sítio civilizado e confortável, mas o risco é muito grande.

"

Parecia a Kaloust que entrara num beco sem saída.

Lançou a Nunuphar um olhar carregado de impotência e respirou

fundo, como se o simples acto de respirar fosse tudo o que naquelas

circunstâncias lhe era permitido.

"Pois, não sei o que faça..."

Um silêncio pesado abateu-se sobre os três.

Krikor conhecia suficientemente bem a obstinação do pai para se

atrever a sugerir que ele engolisse o orgulho e voltasse à Grã-

Bretanha.

Foi até à janela e contemplou Vichy, consciente de que, tendo em

conta a evolução dos acontecimentos, aquela era a sua última visita

à cidade durante a guerra.

Quando o pai partisse perderia o alibi para ali se deslocar ao

serviço do pessoal de Bletchley Park e deixaria de ser autorizado a

sair

468

de Inglaterra.

Era uma pena, considerando que se afeiçoara às suas viagens

recentes.

com tantas privações em Londres e em Vichy, ganhara um certo gosto

às suas passagens por Lisboa, cidade que parecia passar incólume às

agruras da guerra.

Ainda três noites antes se divertira imenso no casino que havia no

Estoril, onde assistira ao espectáculo da orquestra de jazz de

Willie Lewis e que... que...

"Já sei!"

Apanhados de surpresa, os pais deram um salto de susto e lançaram-lhe um olhar interrogativo.

"Que se passa? Já sabes o quê?"

Sem conter a excitação, Krikor dirigiu-se em passo rápido para a

escrivadinha, ergueu o mapa da Europa que ali se encontrava e,

voltando-o para os pais, apontou para o extremo mais ocidental do

continente.

"Portugal", exclamou.

"Portugal é a solução!"

O croupier levantou a cabeça e encarou com fria impassibilidade os

jogadores que cercavam a grande mesa colorida; a maior parte eram

diplomatas

ou

altos

funcionários

franceses,

muitos

deles

acompanhados de belas mulheres jovens, de face maquilhada e jóias

preciosas a cintilarem nos pescoços e nos pulsos.

Colunas esguias de fumo violáceo

serpenteavam sensualmente pelo ar, fundindo-se na nuvem difusa de tabaco e cinzas que flutuava sobre a

mesa, os dedos manicurados a brincar com os cigarros, com as fichas

ou com os copos de champagne dourado.

"Faites vos jeux!"

Uma chuva de fichas caiu sobre a mesa, espalhando-se sobre diversos

números impressos no grande quadrado.

Uma rapariga loira soltou uma gargalhada nervosa e fez-se um

silêncio expectante na mesa quando o croupier rodou a

469

roleta.

A roda rubro-negra girou veloz, a bolinha branca a saltitar caprichosamente de um lado para o outro, parecia que ia ficar numa

casa mas logo pulava para outra e outra ainda, até que a girândola

perdeu velocidade e a bola assentou enfim num número.

"Noire.

Dix-sept.

"

Levantou-se um burburinho em torno da mesa, os que tinham apostado

no negro ganharam alguma coisa, os que puseram as fichas no vermelho perderam.

Ninguém havia investido no dezassete, pelo que o grande prémio

ficou em casa.

"Ah, azar!", exclamou Kaloust com uma careta, fazendo sinal ao seu

companheiro de jogo para se afastarem da mesa da roleta.

"Hoje não é o nosso dia.

"

Dirigiram-se para o sector da sala onde se jogava baccarat e

ficaram a observar as apostas, desta vez sem meterem qualquer ficha

no jogo, como se quisessem avaliar primeiro a tendência da sorte

naquela mesa.

O companheiro de apostas do arménio acendeu um cigarro, enervado

por não perceber bem as regras do baccarat, mas sem coragem para

perguntar ou sequer o confessar.

Não era todas as noites que tinha uma oportunidade daquelas, até

porque não passava do secretário da legação portuguesa em Vichy,

peixe talvez demasiado miúdo para fazer companhia a um tubarão

daquele calibre.

"O senhor Sarkisian é muito amável em ter-me convidado a jogar no

casino", afirmou Manuel Nunes da Silva, inchado com a importância

que o magnata parecia conferir à sua recente amizade.

"Confesso que nunca tive sorte ao jogo.

Quem sabe se isso hoje não muda?"

"E ao amor? Tem tido sorte?"

O diplomata português corou.

"Ah, as francesas..."

470

"Que têm elas? Não me diga que são diferentes das portuguesas..."

Nunes da Silva riu-se.

"São mais... chiques", indicou, devorando com o olhar uma ruiva

sinuosa que massajava as costas de um velho na mesa do baccarat.

"E atrevidas.

" Sacudiu a mão direita.

" se são atrevidas!"

A observação arrancou um sorriso

conhecedor a Kaloust, pouco habituado aos jogos de sedução genuína.

As suas belles du jour eram pagas a peso de ouro, o que dispensava

o arriscado jogo da conquista e a sempre presente possibilidade do

fracasso.

O dinheiro e o trabalho prévio de madame Duprés garantiam o êxito

da sedução.

Mas se havia coisa que estava incluída no preço era decerto o

atrevimento.

"Estou certo de que existem mulheres belas no seu país", sondou o arménio.

"De resto, dizem-me que Portugal é um encanto.

O meu filho passou agora por Lisboa e conta-me maravilhas.

"

"com certeza", confirmou o diplomata.

"Não se esqueça de que Portugal ergueu o primeiro império europeu à

escala planetária.

Fala-se português nos cinco continentes.

Tudo isso está de certo modo reflectido em Lisboa.

Além do mais, lembre-se que o país até agora escapou à guerra e,

embora haja muitas dificuldades, não sofre o que a Europa está a

sofrer.

"

A conversa entrava enfim no que

verdadeiramente interessava

Kaloust.

"Acha Lisboa um sítio bom para viver?

Não acredito..."

"Neste momento? Ah, não tenha dúvida!

Não há melhor em toda a Europa!"

"Melhor que a Suíça?"

"Claro.

Já viu o clima da Suíça? Brrr... horrível!

Em Portugal a

temperatura é muito mais amena.

E a luminosidade

471

é diferente, as cores são mais vivas.

Ainda por cima temos o mar, as praias, a comida..."

"É o que me diz o meu filho.

E alojamento? Há bons hotéis em Lisboa?"

Foi nesse instante que Manuel Nunes da Silva emudeceu.

Até aí conversara distraidamente, a atenção concentrada no baccarat

e o desejo na ruiva sinuosa, a boca a discorrer pelo fio da

conversa conduzida com subtileza pelo seu interlocutor.

Esta última pergunta, no entanto, fê-lo reflectir sobre o sentido

de todo o diálogo.

Para quê tantas perguntas sobre Lisboa e

Portugal? O que queria o magnata exactamente? Porque o questionava sobre os hotéis de

Lisboa? Seria possível que...

Arregalou os olhos e fitou Kaloust com intensidade, a luz do entendimento a cintilar-lhe na íris como se lhe quisesse dissecar

os pensamentos mais profundos.

"Não me diga que o senhor está a contemplar a possibilidade de...

de..." Estreitou as pálpebras.

"Quererá porventura conhecer Portugal?"

Sentindo

o

olhar

do

seu

interlocutor

pousado

com

sôfrega

expectativa sobre ele, como um garoto de respiração suspensa na

ânsia de saber se teria a tão ansiada

friandise, Kaloust prolongou o mutismo com calculismo deliberado.

Fingiu concentrar-se no jogo de baccarat, como se o que ali se

passasse fosse afinal a coisa mais interessante do mundo, mas

acabou por balouçar afirmativamente a cabeça.

"É uma hipótese a considerar.

"

Os acontecimentos precipitaram-se no dia seguinte.

Tomando consciência da inesperada oportunidade que se abria, o

secretário da legação portuguesa foi logo pela manhã falar com o

seu ministro plenipotenciário, o

embaixador Caeiro

472

da Mota.

Como os diplomatas portugueses estavam alojados no Ambassadeurs e

Krikor também, foi fácil articularem-se para combinarem um almoço

no restaurante do Hotel du Pare com a família Sarkisian.

"Devo dizer, senhor embaixador, que tenho apreciado sobremaneira as

minhas passagens por Lisboa", declarou Krikor logo que se sentaram

à mesa do restaurante Chantecler.

"É o melhor sítio para se viver na Europa, considerando as circunstâncias.

Tenho, por isso, sido muito insistente junto do senhor meu pai no

sentido de que Portugal me parece o ninho perfeito para ele.

"

O embaixador mal continha o entusiasmo.

"Bien sûr! Bien sûr!", exclamou.

"Em Lisboa estará longe da guerra, sem dúvida.

Além disso, no país vive-se ordem e tranquilidade, paz e progresso!

Não há melhor cidade na Europa!" Hesitou e corrigiu-se de imediato,

talvez achando que não tinha sido suficientemente patriótico.

"Na Europa, não.

No mundo! Sim, não há melhor cidade no mundo!"

Mantendo um semblante impenetrável, Kaloust engoliu um trago de

água; planeava fazer-se difícil e dar a

entender que mantinha a outra opção.

"Mas a Suíça é a Suíça..."

"Ah, o que é a monótona Suíça ao pé do pitoresco Portugal?",

interrogou-se o embaixador.

"A Suíça é boa para quem gosta de apanhar frio e beber leite de

vaca.

"

A observação suscitou sorrisos à mesa.

"O clima em Portugal é

incomparavelmente melhor", sublinhou

Krikor.

"E as pessoas são mais simpáticas, sem a menor dúvida.

"

Os olhos pequenos de Kaloust

vagabundearam entre os dois diplomatas sentados diante dele.

"Como são os impostos?"

473

O embaixador fez um gesto com a mão, como a indicar que não tinha

de se preocupar com isso.

"Relativamente baixos", disse.

"E,

no

caso

dos

ricos

e

dos

estrangeiros,

praticamente

inexistentes.

O nosso regime fiscal é muito benevolente para as classes mais

abastadas.

"

A revelação pareceu animar Krikor ainda mais; era ele claramente o

mais entusiasmado com a ideia.

"Está a ver? Uma maravilha!", exclamou.

"Além do mais, lembre-se que a Suíça está rodeada de guerra.

Portugal não.

"

Sempre com um rosto inexpressivo, velho truque de negociante de

bazar, o magnata do petróleo pousou o

copo na mesa e inclinou-se para a frente, como se quisesse sublinhar a importância da sua

pergunta seguinte.

"E se os Alemães decidirem invadir Portugal?"

"Ah, que tolice!", devolveu de imediato o embaixador.

"Sejamos razoáveis! Porque o fariam?"

O arménio tirou do bolso um pequeno mapa que trouxera para a

ocasião e desdobrou-o sobre a mesa.

com a folha estendida, indicou um ponto no Sul da Península

Ibérica.

"Por causa de Gibraltar, claro", declarou.

"Se os Espanhóis se aliarem aos Alemães e invadirem Gibraltar para

controlar o acesso ao Mediterrâneo, medida que decerto está a ser

considerada com muito interesse em Madrid e em Berlim, o que farão

os Ingleses? Desembarcarão tropas na costa do seu velho aliado,

Portugal, para acudir a Gibraltar.

Isso arrastará o vosso país inevitavelmente para a guerra, não é

verdade? Provavelmente os Alemães

invadirão Portugal como medida preventiva de um ataque a Gibraltar.

"

Aquele cenário era bem conhecido nos meios diplomáticos e o

embaixador calou-se, apanhado

desprevenido pela constatação de que Kaloust estava anormalmente bem

informado.

474

Tornava-se evidente para os dois

portugueses sentados à mesa que o seu interlocutor não descurava os pormenores; se havia algo para

saber, ele pelos vistos sabia-o.

Em boa verdade tal coisa nem deveria ser surpreendente.

Não chegara ele onde chegara? Uma pessoa que conseguira acumular

tamanha riqueza só podia ser

extraordinariamente meticulosa e bem informada.

Que esperavam eles?

"Até por isso Lisboa é vantajosa", observou Krikor, vindo em socorro dos diplomatas.

"Diria mesmo, perfeita!"

O pai franziu o sobrolho.

"Perfeita como? Que queres dizer com isso?"

Inclinando-se sobre o pequeno mapa da Europa, Krikor pousou o

indicador sobre a capital portuguesa.

"Sabe o que existe em Lisboa?"

"Não.

"

O filho sorriu, muito satisfeito consigo mesmo, e arqueou as sobrancelhas.

"O Clipper para a América.

"

Os olhos de Kaloust desceram para o mapa.

"Não estou a entender..."

"Lisboa é o destino do Clipper oriundo de Nova Iorque", explicou.

"Se as coisas correrem mal, pode perfeitamente apanhar o hidroavião para a América.

O voo é seguro e em algumas horas estará são e salvo do outro lado

do Atlântico.

"

A atenção de Kaloust dançou por momentos entre o mapa e o filho

enquanto a sua mente meticulosa ia digerindo a informação.

Estudou a posição de Lisboa e contemplou o vasto oceano diante da cidade.

Depois olhou para a Suíça e analisou a sua longa fronteira com a

Alemanha de Hitler, a Itália de Mussolini e a França de Pétain.

De seguida voltou-se para a mulher.

475

"Que achas?"

Nunuphar apertou os lábios, indecisa.

"Enfim... não conheço Portugal, não me posso pronunciar", acabou por balbuciar.

"Mas o que o Krikor diz não parece disparate nenhum.

"

Também vacilante, até porque no fundo mantivera sempre em aberto a

hipótese da Suíça, Kaloust assentou os cotovelos na mesa e juntou

as palmas das mãos à boca enquanto ponderava os prós e contras.

Suíça ou Portugal? Queijo ou vinho do

Porto? Montanhas ou mar?

Carne ou peixe? Frio ou calor? Frieza ou simpatia? Alemanha ou

América? Mercedes ou Clipper? Depois dobrou o mapa, como se enfim o

assunto não lhe oferecesse mais dúvidas, e devolveu-o ao bolso.

"Está decidido", sentenciou.

"Vamos até Lisboa.

"

476

Parte Três

Exílio

Trata cada dia como se fosse uma vida.

SÉNECA

477

478

I

O grande Rolls-Royce negro, um Phantom in com o chassis lambido

pela lama e o brilho empalidecido pelo pó após tantos quilómetros a

devorar estrada, contornou a grande rotunda do Marquês do Pombal e

meteu em direcção ao Saldanha.

Atrás dele vinha um Cadillac igualmente

sujo e onde se acotovelava o resto da comitiva.

Ao chegarem a Picoas, os dois automóveis viraram para a Avenida

Fontes Pereira de Melo, cruzaram um portão alto e imobilizaram-se

diante de um palacete de três andares com uma grande águia negra

impressa na fachada.

"Chegámos!", anunciou o embaixador Caeiro da Mota.

"Belo hotel, hem?"

Abrindo a porta do Rolls-Royce, Kaloust saiu da viatura e contemplou a mansão.

Doíam-lhe as costas por ter passado tanto tempo sentado no banco

traseiro do carro, no fim de contas era já um septuagenário e a

viagem havia sido longa, mas poucas coisas o entusiasmavam tanto

como conhecer um novo hotel de luxo.

479

"É então este o famoso Aviz?"

Os paquetes do hotel, fardados a rigor, acorreram aos dois automóveis e ajudaram os motoristas a descarregar as malas.

Os três passageiros do Rolls-Royce, Kaloust, Nunuphar e o diplomata

português, aproveitaram para

desentorpecer as pernas e trocar as primeiras impressões sobre a cidade; tinham a sensação de que a

viagem fora interminável, sobretudo quando cruzaram a devastada

Espanha, mas algo no ar de Lisboa lhes parecia revigorante.

O sol que os acolhera em Portugal com um sorriso de luz e uma brisa

tépida mostrou-lhes que a Primavera, ou pelo menos a de 1942, era

de facto temperada por essas paragens.

"Que sítio tão simpático", observou madame Duprés, que viera no

Cadillac.

"Não acha, madame Sarkisian?"

Nunuphar torceu o nariz com

desconfiança.

"Será que eles têm por aqui boas lojas?", questionou-se.

"Haverá alguma boutique com os produtos de madame Chanel? A Cartier

terá por cá algum representante?" Fez uma careta.

"Hmm, não sei.

Quer-me parecer que isto não passa de uma terriola perdida nos

arrabaldes da Europa civilizada..."

Por esta altura já os restantes ocupantes do Cadillac organizavam

com os paquetes do hotel a distribuição da bagagem.

Além da inevitável madame Duprés, que apesar de ser já uma

septuagenária se dirigira à recepção para tratar dos registos e das

restantes formalidades, o segundo automóvel trouxera o cozinheiro

privativo e massagista da família, um russo
acompanhado da sua mulher francesa.

Toda a comitiva foi instalada no primeiro andar do hotel,
com a

melhor suíte do Aviz, a cinquenta e dois, também designada
D.

Filipa de Lencastre, reservada ao casal Sarkisian.

480

Quando Kaloust entrou no palacete não conteve um suspiro
de alívio.

Temera que o Aviz não estivesse

minimamente à altura dos grandes

hotéis a que se habituara pela Europa

desenvolvida, mas verificou que não havia motivo para
preocupações.

Podia não estar alojado no Ritz da Place Vendôme ou no de

Piccadilly, mas o requinte e o bom gosto pareciam-lhe
assegurados.

A própria suíte deixou-o bem

impressionado, com o quarto, a sala e o quarto de banho de
óptimas dimensões.

A decoração com a austera mobília portuguesa podia ser
um pouco

antiquada, é certo, mas até a isso achou graça.

O mais agradável era o terraço, que lhe

fazia lembrar o da mansão da avenue d'Iena, coberto por uma estrutura de estufa e sobretudo

com uma magnífica vista para o jardim.

Só lhe faltava a gaiola gigante e o Arco do Triunfo ao fundo da rua

para completar a ilusão de que regressara à sua mansão parisiense.

"Madame Duprés!", chamou logo que a gaiola lhe veio à mente.

"Madame Duprés!?"

A secretária espreitou pela porta do terraço.

"Oui, m'sieur Sarkisian?"

"Não se esqueça de mandar um telegrama ao Gilbert", recomendou,

referindo-se ao mordomo do casarão da avenue d'Iena.

"Ele que dê de comer aos pássaros, coitadinhos!"

"Muito bem, m'sieur Sarkisian.

"

"Já agora, envie também um telegrama para Londres.

O Krikor que vá visitar o Museu Britânico para verificar se as

minhas antiguidades egípcias se encontram bem.

" Hesitou, lembrando-se de outros dos seus tesouros.

"Ele que aproveite e vá igualmente à National Gallery para se

assegurar junto de Sir Kenneth de que os meus enfants, sobretudo os

Rubens e os Rembrandts, estão

devidamente

481

protegidos das bombas dos Alemães.

" Afinou a voz.

"E da humidade, claro.

"

O resto desse primeiro dia foi passado a repousar no Aviz.

A viagem havia de facto sido

desagradável, em particular a longa travessia da Espanha destroçada pela guerra civil, e a comitiva dos

Sarkisian optou por passar a primeira jornada encerrada no hotel.

A única excitação ocorreu à noite, quando a iluminação pública se

acendeu e todos acorreram às janelas para apreciar o espectáculo.

"É de pasmar!"

Foi nesse instante que Kaloust caiu em si

quanto ao ponto a que haviam descido os seus padrões de vida.

Não frequentara ele o Pêra Palace de Constantinopla, o primeiro

hotel de grande luxo do Império Otomano?

Não se hospedara ele no

Savoy de Londres, o primeiro hotel do mundo com toda a iluminação a

electricidade? Não tinha sido graças a ele que haviam sido

construídos os Ritz, a primeira cadeia de hotéis de grande luxo do

planeta? Como era possível ter ficado de tal modo embasbacado com

uma banalidade como a iluminação pública? Sim, as ruas da cidade

estavam iluminadas à noite! E depois?

Qual a admiração?

A verdade é que se desabituara já de uma visão assim.

Em parte alguma da Europa as cidades se apresentavam desse modo

iluminadas como um presépio, sem

temerem a noite, sem recearem um

raid da aviação, destacando-se do manto da treva com bravata

inaudita.

Lisboa acendera-se e fazia gala nisso,

como numa declaração.

A cidade parecia querer mostrar ao mundo que o império português

não temia a carnificina que devastava o resto da Europa.

Que jactância aquilo lhe pareceu! E que ingenuidade.

Sim, que doce ingenuidade...

482

Olhou em redor e estudou os criados portugueses que circulavam no

átrio do hotel.

Eram homens baixos.

Baixos, reflectiu, como ele próprio.

Isso fazia-lhe sentir uma estranha afinidade com eles, como se

aquela gente fosse também a sua.

Mas havia algo de surpreendente na forma aberta como sorriam, na

candura dos seus gestos, na franqueza dos seus olhares castanhos.

Não se via coisa assim no resto da Europa, apercebeu-se.

Um travo de inocência perpassava por aquelas expressões.

Inocência e ingenuidade, plácida mistura de quem vivera uma vida

inteira ao abrigo dos horrores do mundo.

Nunca haviam experimentado a bota dos Turcos, nem sentido as

grilhetas da escravidão nem o horror das perseguições e das grandes

matanças.

Vendo-os

assim,

entregues

aos

seus

afazeres,

contentes

e

mergulhados no seu pequeno mundo, não pôde deixar de pensar que os

Portugueses se assemelhavam aos

Arménios.

Era como se esta gente fosse a sua gente, Arménios em estado puro,

parecia o seu povo antes de ter sido manchado pela úlcera do

sofrimento.

"Sabem que mais?", murmurou Kaloust, os olhos regressando ao

cintilar hipnótico das lâmpadas públicas

que iluminavam a Fontes Pereira de Melo.

"Acho que vou gostar de Lisboa..."

O

pequeno-almoço

foi

servido

na

manhã

seguinte

no

enorme

restaurante do Aviz por Ivan, o chef privativo dos Sarkisian, que

já se articulava com os cozinheiros do hotel.

O diálogo entre eles não estava a ser fácil, uma vez que o russo

não falava português e o pessoal do hotel de serviço nessa manhã

mostrava-se menos à vontade com as línguas estrangeiras.

Havia vários empregados que falavam inglês ou francês, mas ainda

era cedo e, por mau planeamento dos seus

483

horários, nesse dia os que dominavam idiomas estrangeiros só

entravam ao serviço pelas dez horas.

"Como te tens entendido com esta gente, Ivan?", quis saber Kaloust.

"Linguagem gestual?"

O russo forçou um sorriso; o patrão comia habitualmente sozinho,

mas desta feita sentara-se à mesa para lhes fazer companhia.

"Os gestos ajudam", admitiu.

"Mas descobri que existem semelhanças entre o português e o

italiano.

Como m'sieur sabe, vivi dois anos na Toscana e desembarço-me em

italiano.

"

A conversa ia sendo acompanhada por Nunuphar, que mexia a sua

chávena de café.

"Se assim é, bem se podia mandar vir o pão.

Como se diz pão em português?"

"Em francês é pain e em italiano é pane.

O português também é uma língua latina,

pelo que deve ser uma palavra parecida..."

A senhora Sarkisian ergueu a mão para chamar a atenção do empregado

que passava perto da mesa.

"Garçon, pane!"

"Perdão?"

"Pane! Pane!"

"Ah, pão!" Fez um gesto a pedir à hóspede que aguardasse.

"Sim, madame.

Tout de suite!"

Tout de suite era quase todo o francês que o empregado era capaz de

pronunciar.

O rapaz desapareceu para lá da porta, na cozinha, e voltou segundos

depois com uma cesta cheia de pão.

Ao ver que se fizera entender, o rosto de Nunuphar abriu-se num

imenso sorriso luminoso.

"Estão a ver?", perguntou aos seus parceiros de mesa, o marido e

madame Duprés.

"Estão a ver? Eles já me compreendem!"

"Bravo!"

484

Nunuphar retirou um papo-seco do topo do cesto e experimentou-lhe a

superfície com a ponta dos dedos.

A farinha estalou com um ruído crocante, quebradiça e fofa.

"Este pão português tem ar de ser bom", constatou.

Passou os olhos pela mesa e fez uma careta.

"Ah, que aborrecimento! Falta-me a manteiga.

" Levantou os olhos para o empregado português, que aguardava diante dela.

"Não tem beurre?"

"Perdão?"

Era evidente que o homem não entendia francês para além do tout de

suite.

Sem desarmar, Nunuphar voltou-se para Ivan, transformado no

tradutor de serviço.

"Como se diz beurre?"

"Em italiano é burro, madame", esclareceu o russo, sempre solícito.

"Como em francês é beurre, presumo que seja semelhante em todas as

línguas latinas.

"

Convencida, Nunuphar cravou os olhos no português.

"Garçon, burro!"

"Perdão, senhora?"

"Burro! Burro para mói.

""

O empregado fez uma careta horrorizada.

"Um burro, senhora? Quer um burro?"

O olhar de Nunuphar acendeu-se; mais uma vez fora compreendida.

"Isso, isso! Um burro! Traga-me um burro!

Tout de suite!"

O português esboçou um esgar
desconcertado e hesitou, como se
tivesse
relutância
em
obedecer,
mas
perante

a

insistência

peremptória da cliente acabou por dar meia volta e afastar-se.

Nunuphar irradiava satisfação, exuberante por não haver obstáculo

que a travasse quando queria alguma coisa.

Nem a barreira da língua se interpunha entre ela e a sua vontade

férrea.

485

"Acho que me vou dar bem por aqui", sentenciou.

"A língua, como vêem, não é problema.

" Olhou em redor, admirando a decoração e o jardim para lá das

janelas.

"E o hotel é simpático, não há dúvida.

Não sei porquê, mas tem um certo ar familiar.

"

"É natural", retorquiu o marido.

"Há dez anos era um palacete de família.

Parece que pertencia ao director de um importante jornal português.

O homem morreu e a mansão ficou nas mãos da filha, que casou numa

família de estrangeiros.

Ruggerioni ou Ruggeroni, não sei bem.

Foram eles que a transformaram neste hotel.

"

Nunuphar

soergueu

a

sobrancelha,

inquieta

com

o

nome

dos

proprietários.

"Ruccaleone? São italianos? Meu Deus, deve ser um hotel afecto ao

Eixo!" Disparou o olhar alarmado em todas as direcções.

"Ouvi dizer que Lisboa está cheia de espiões e se calhar é aqui que

se hospedam os alemães e os italianos e que..."

Kaloust e madame Duprés sorriram.

"Tem calma!", atalhou o marido.

"Os Ruggeroni não são de Itália, são de Gibraltar.

Ou seja, têm nacionalidade britânica.

Disseram-me que, quando a guerra

começou, até interditaram o hotel aos hóspedes provenientes dos países do Eixo.

"

Quando

ouviu

a

explicação,

Nunuphar

suspirou

de

alívio

e

descontraiu-se.

"Ufa, ainda bem! Para covil de nazis e fascistas já me chegou o que

vivi em Vichy..."

"Não quer dizer que não ande por aí rapaziada do Eixo", ressaltou Kaloust.

"O Krikor contou-me que, na sua primeira passagem por Lisboa, viu

almoçar aqui no Aviz os chefes dos espiões alemães e italianos.

Mas o principal poiso dessa gente não é aqui, é num tal Avenida

Palace, na Baixa da cidade.

"

A referência à Baixa extraiu um olhar sonhador à mulher.

486

"Ah, a Baixa! Temos de passar hoje por lá!

Sempre quero ver se há

por aqui boutiques de jeito.

" Voltou-se para a outra mulher à mesa.

"O que acha, madame Duprés?"

"Tenho cá as minhas dúvidas", alvitrou a secretária.

"Quer-me parecer que o charme desta cidade não está nas boutiques,

mas na história, no clima, na comida, no trato gentil e na tranquilidade.

Sempre sonhei viver num sítio destes!

Acho até que me vou pôr a aprender português..."

A face de Nunuphar contraiu-se de novo numa careta.

"Ai que horror! Para que quer você aprender português, mulher? Isso serve de alguma coisa?"

"Bem, se estamos aqui a viver..."

"É só até a guerra acabar!", sentenciou Nunuphar.

"Logo que venha a paz, allez, allez!, aí vamos nós de volta para

Paris!" Voltou-se para o marido, como se buscasse confirmação.

"Não é verdade?"

"Claro", assentiu Kaloust.

"Mas para já é melhor ficarmos por aqui.

Apesar de a Europa estar em guerra, a vida continua.

Aliás, vou ver se falo hoje com o embaixador Caeiro da Mota para me arranjar um advogado em condições.

Desde que os Ingleses me declararam inimigo e me apreenderam as

acções da Turkish Petroleum Company que estou com umas ganas de

lhes dar uma lição que eles nunca mais vão..."

O empregado do Aviz reapareceu junto à mesa e interrompeu a

conversa.

"Dá licença?", perguntou.

"O burro já cá está, madame.

"

"O burro?", exclamou Nunuphar, ansiosa já pela manteiga para barrar

o pão.

"Têm o burro?"

"Sim, madame.

Já cá está.

Tout de suite.

"

"Já não era sem tempo!" Bateu com o indicador na mesa.

"Traga-o, homem.

"

O português arregalou os olhos.

487

"Para aqui, madame?" Abanou a cabeça.

"Não, não pode ser!" Apontou para a entrada do edifício.

"Na porta.

O burro está na porta.

"

A palavra porta não era difícil de entender, dada a sua semelhança

com a francesa porte.

"Na porta?", admirou-se a arménia.

"Não estou a entender..."

"O burro está na porta", insistiu o empregado, indicando de novo a

entrada.

"O burro.

Na porta.

" Inclinou-se para a frente, como se quisesse soletrar a palavra.

"Por-ta.

Bu-rro na por-ta.

"

"Traga-o cá.

"

"Não pode ser.

Está na porta, madame.

Na porta.

"

Nunuphar olhou com perplexidade para os seus
companheiros de mesa,

também eles confusos com o que queria o empregado dizer.

"Ele tem a manteiga na porta?", questionou-se ela.

"Mas que raio de disparate vem a ser este?" Voltou a
encarar o

empregado e apontou para a mesa.

"Traga-o cá tout de suite!"

"Aqui não, madame", repetiu ele em português.

"Pode fazer coco no chão e é um problema.

"

"Quot?"

No desespero de se fazer entender, o empregado contraiu a face no

esgar de quem está com cólicas e simulou que fazia força nos

intestinos.

"Uhhh!...", gemeu.

"Uhhh!..." Apontou para o chão.

"Coco.

O burro pode fazer coco no chão do restaurante.

"

Nunuphar lançou um olhar inquisitivo na direcção de Ivan, que ainda

nada entendera, e depois de Kaloust.

"O que raio está este palerma a fazer? Terá diarreia?"

"É melhor ires lá ver", aconselhou o

marido, encolhendo os ombros.

"Pode ser que neste país se tenha de comprar a manteiga na rua, sei

lá.

Há costumes tão estranhos..."

Soltando um estalido impaciente com a língua, Nunuphar levantou-se

da mesa a sussurrar impropérios contra a qualidade do serviço

naquele hotel supostamente de luxo e, embora contrariada, seguiu o

empregado em direcção à entrada.

O português abriu a porta da rua e, fazendo uma vénia triunfal,

convidou-a a espreitar para o exterior.

Lá fora, fitando-a com uma expressão indolente e imbecil, estava um

animal a ruminar palha.

Um burro, claro.

A tarde foi gasta em passeio pela cidade.

O embaixador Caeiro da Mota passou pelo Aviz para levar o casal

Sarkisian e madame Duprés e os quatro palmilharam Lisboa de

automóvel e a pé, sempre escoltados por Ivan, o cozinheiro que

também servia de motorista e guarda-costas.

A cidade tornou-se o tema dominante da conversa, com o diplomata a

gabar os seus encantos e os visitantes a emitirem sons de concordância.

Numa pausa do diálogo dentro do RollsRoyce, todavia, Kaloust

lembrou-se das suas prioridades

profissionais e pediu ao diplomata um advogado de qualidade.

"Quero alguém que seja suficientemente experiente para não se

deixar ludibriar pelos alçapões da lei e suficientemente jovem para

ser ambicioso e conquistador", indicou.

"Mas não tão experiente que isso o faça velho nem tão jovem que

isso o faça inexperiente, não sei se me entende.

"

"Entendo muito bem e garanto-lhe que terá o melhor", prometeu o

embaixador.

"O melhor!"

A promessa era encorajadora e Kaloust decidiu tirar total proveito

da boa vontade do seu guia para resolver uma outra questão que o

apoquentava.

489

"Temos também o problema do automóvel", disse, indicando o motorista com o polegar.

"Estive a pensar que o Rolls-Royce me fica proibitivamente caro.

"

"Caro? Que quer dizer com isso?"

"Quem o está a conduzir é o Ivan, como vê, mas na verdade ele não é

chauffeur, é massagista e chef.

O meu chauffeur ficou em França, não quis vir, e agora tenho de

tomar uma decisão.

Ou contrato um chauffeur novo e continuo a usar este carro, pagando

a sua manutenção e os litros de gasolina que ele me consome numa

altura em que não há muito combustível no mercado, o que representa

uma verdadeira fortuna, ou arrumo o Rolls-Royce e contrato um táxi.

"

"Espero que opte pelo Rolls-Royce.

Seria uma pena as ruas de Lisboa ficarem privadas de um carro tão

magnífico..."

"Talvez, mas se há coisa que detesto é deitar dinheiro fora", retorquiu o arménio.

"Além do mais, há sempre problemas para resolver.

São as avarias, são as folgas do chauffeur, são as dificuldades no

abastecimento de combustível... enfim, uma maçada! Prefiro na

realidade alugar um táxi, parece-me mais sensato.

Sabe se existe aí alguma empresa de confiança?"

O embaixador Caeiro da Mota coçou o queixo, pensativo.

"Conheço uma pessoa que o pode ajudar.

" Fez um gesto com a mão, como se o quisesse tranquilizar.

"Eu trato disso, deixe estar.

"

Percorreram a Avenida da Liberdade e no Rossio saíram do RollsRoyce para passearem pelo Bairro Alto.

Depois atravessaram a praça para o outro lado e escalaram as ruas

íngremes e estreitas até ao castelo.

Uma vez lá em cima, Kaloust encostou-se à muralha recentemente

reconstruída e contemplou com ar

sonhador o casario que ondulava

pelas colinas com os seus telhados vermelhos e paredes brancas, a

linha do horizonte pontuada pelos campanários das igrejas.

490

A larga bacia resplandecente do Tejo estendia-se em frente à

cidade, à esquerda, como um vasto piso de mármore espelhado por

onde os cacilheiros da Parceria dos Vapores Lisbonenses deslizavam

com preguiça de tartarugas, enquanto Almada espreitava na outra

margem.

O Sol deitava-se já num prenúncio de crepúsculo, rasgando o céu em

aguarelas vermelhas e lilases e arrancando ao arménio um suave

suspiro de nostalgia.

"Ah!", exclamou ele, quase em êxtase.

"Agora percebo por que razão o Krikor queria tanto que viéssemos

para aqui..."

A observação atraiu um olhar inquisitivo de Nunuphar.

"Não era para fugirmos à guerra?"

Ignorando a pergunta, o marido estendeu o braço e indicou a cidade

e o rio.

"Olha para isto! O que te faz lembrar?"

Nunuphar não era uma alma poética.

Mirou por isso a paisagem com uma certa indiferença e acabou por

encolher os ombros.

"Sei lá.

"

O dedo indicador de Kaloust passeou pelas colinas.

"Aqui é Pêra, ali é o Serralho.

" Apontou para o estuário.

"Este é o mar de Mármara.

" Indicou a margem sul, e em especial Almada.

"Do outro lado a parte asiática, com Scutari ali.

" Voltou o dedo para a língua de rio que descia dos lados de Alverca.

"E acolá é o Bósforo.

"

Os olhos da mulher estreitaram-se, absorvendo a cidade à luz

daquelas observações.

" Constantinopla ?"

Um sorriso subtil desenhou-se no rosto habitualmente impenetrável

do magnata arménio.

"Constantinopla", murmurou, quase comovido.

"com a vantagem de que não temos os Turcos a infernizar-nos a vida.

"

Nunuphar contemplou Lisboa devagar, a memória a viajar pela grande

cidade da sua infância e juventude, até que acenou afirmativamente.

"Tens razão, esta cidade parece Constantinopla..."

Era uma descoberta inesperada e maravilhosa.

Admirando Lisboa com uma expressão hipnotizada, Kaloust sentiu-se

transportado para a sua meninice.

Onde havia cacilheiros via o vapor que todas as manhãs atravessava

o Bósforo para o levar para o Robert College, o Bairro Alto

parecia-lhe a zona do Serralho, a estação do Rossio era o telhado

do Grande Bazar.

Os aromas da infância inebriavam-lhe os sentidos, a lembrança dos

primeiros anos submergia-o de emoção.

Havia magia naquela transfiguração da cidade, era como se o tempo

tivesse completado o grande círculo da vida e regressado enfim às

origens.

"Estamos em casa.

"

492

II

A relação do casal Sarkisian nada tinha de ortodoxa, sobretudo à

luz dos muitos anos que Kaloust e Nunuphar haviam vivido existências separadas, ele sempre alojado na suíte de um qualquer

Ritz, ela entrincheirada na mansão de Londres ou na de Paris.

Haviam-se, por isso, desabituatedo da vida conjugal e o convívio

forçado no Aviz começou ao fim de uma semana a gerar problemas.

Depois de alguns pequenos incidentes preliminares, Kaloust explodiu

de irritação por causa de uma escova cheia de cabelos que encontrara fora do lugar, ela queixou-se do que dizia serem as

preocupações mesquinhas do marido, ele começou a protestar contra a

tagarelice incessante da mulher, Nunuphar pôs-se a descrever os

hábitos rotineiros do marido como "a coisa mais entediante que Deus

alguma vez pôs à face da Terra".

Tornaram-se dois velhos rabugentos, ambos em guerra permanente um

com o outro, um implicativo e a outra implacável.

493

"Está visto!", vociferou Nunuphar após mais uma discussão matinal,

esta sobre se as cortinas da suíte deveriam estar corridas ou não.

"Não se consegue estar ao pé de ti, credo!"

Encarou-o com o olhar

incendiado de fúria mal contida.

"Olha, aqui neste hotel não fico nem mais um dia! Aliás, nem mais

um minuto!"

"Aleluia!", exclamou o marido, erguendo os braços para o céu num

gesto teatral de agradecimento.

"Finalmente vais desaparecer-me da vista!"

Graças a Deus pelo

silêncio que aí vem!" Atirou um olhar a Nunuphar, que
abriria a mala

sobre a cama e a preparava com gestos irritados.

"Irra, que chata! Pareces uma gralha, sempre a falar, a falar,
a

falar!"

Discutiram ao almoço com o embaixador

Caeiro da Mota qual o melhor hotel para Nunuphar,
alegando que ela

"não se sente bem aqui no

Aviz".

Preocupado com esta observação, o diplomata inquiriu
prontamente se haveria algum problema que pudesse
resolver ou se não estariam bem

instalados, mas o casal não quis entrar em pormenores e o

português, intuindo que o assunto era do foro doméstico,
não

insistiu.

Ponderou o caso e, enquanto comiam,

acabou por sugerir o Avenida Palace, lembrando que este
hotel estava localizado em plena Baixa,

onde se concentravam as boutiques que tanto agradavam às senhoras e

em particular a Nunuphar.

"Ah, esse não", rejeitou ela com um gesto enfático mal ouviu o nome

do Avenida.

"É o hotel dos boches, não é?"

"Sim, é lá que está hospedada a maioria dos agentes alemães, dizem

até que no quarto andar há um corredor que liga à estação do Rossio

para permitir que os espiões entrem no hotel incógnitos, mas..."

"Nem

pensar!",

exclamou

Nunuphar,

eliminando

de

vez

essa

possibilidade.

"O meu Krikor disse-me que da última

494

vez que por cá passou esteve alojado num hotel muito bom ao lado de

um casino qualquer.

Parece-lhe familiar?"

"Só pode ser o Hotel Palácio do Estoril", alvitrou o embaixador.

"Foi inaugurado há uns dez anos e está ao lado do Casino Estoril.

É de facto uma categoria.

"

"Tem boches?"

Caeiro da Mota soltou uma gargalhada,

divertido com a obsessão da sua interlocutora, sempre tão preocupada com manter-se o mais longe

possível dos nazis.

"Não, fique descansada, madame", sossegou-a.

"A clientela é civilizada.

"

Uma luz cristalina banhava o Tamariz de tonalidades suaves,

tornando mais intenso o azul do mar e mais brilhante o dourado da

areia.

Os toldos coloridos em listas vermelhas e brancas enchiam a praia e

os banhistas em maillot cobriam o areal ou chapinhavam à borda da

água, mas a atenção dos Sarkisian centrou-se sobretudo no ambiente

cosmopolita e sofisticado do Estoril.

"Oh, lá lá!", exclamou Nunuphar, visivelmente agradada com a

atmosfera de veraneio que encontrou.

"Não imaginava uma coisa destas num país tão provinciano!"

"Parece Biarritz", concordou Kaloust.

"Ou um qualquer recanto da Cote d'Azur.

"

A mulher esquadrinhou os espaços

cuidadosamente arranjados diante

da praia do Tamariz.

Viu o casino ao fundo do jardim e os hotéis que bordejavam a

alameda, mais os ocasionais Bentley e Mercedes que por ali circulavam.

As pessoas que enchiam os passeios tinham um aspecto sofisticado e

vestiam-se com requinte e elegância, algumas de laço e outras com

flores nos bolsos dos casacos.

Não se viam na rua burros nem carroças, como se avistavam com

495

frequência em Lisboa, nem sequer gente descalça ou com aspecto

indigente.

"Será que têm por aqui boutiques de Paris?"

A observação de Nunuphar arrancou um coro de gargalhadas dentro do

Rolls-Royce.

O embaixador Caeiro da Mota, que seguia à frente ao lado do

condutor, voltou-se para trás e mostrou o

rosto sorridente.

"Isso é algo para descobrir mais tarde", disse.

"Querem ver agora o Hotel Palácio?"

"com certeza.

É mesmo o melhor?"

O diplomata virou-se para a janela e pôs-se a indicar direcções.

"Temos ali o Hotel Atlântico e acolá, ao lado do Palácio, o Hotel

do Parque, mas são ambos ocupados pelos agentes alemães e presumo

que não interessem.

" O carro começou a subir a alameda do casino e Caeiro da Mota

indicou um grande edifício à direita.

"O vosso hotel é este.

"

Os Sarkisian fixaram a atenção na fachada que lhes era apontada.

Tinha uma traça alta e elegante, com um bloco central e o espaço

dianteiro aberto para o estacionamento das viaturas.

Havia ao canto um pequeno jardim de estilo francês, repleto de

formas geométricas e sebes

cuidadosamente aparadas.

Sobre o telhado do bloco central do edifício erguiam-se duas palavras em billboard, uma em cima da outra.

Palácio Hotel.

"Ah, o Krikor é que tinha razão..."

Visto da rua, o luxo do hotel de cinco estrelas não deixava dúvidas.

A visita ao interior do edifício não passou por isso de uma formalidade que todos cumpriram com adequado zelo.

Os visitantes percorreram os salões ricamente decorados a mármore,

lustres de cristal e tapeçarias e inspeccionaram a sala do brídege, forrada de madeira e aberta para o terraço.

Passearam

496

ainda pelo espaço com vista para o casino antes de regressarem ao

interior do hotel para Nunuphar formalizar a sua decisão.

"vou fazer o check-in.

"

Enquanto a mulher e madame Duprés tratavam das formalidades na

recepção, Kaloust acomodou-se ao balcão do bar e pediu um café.

Ficou a observar dois homens, obviamente ingleses, que conversavam

em voz baixa a um canto enquanto

folheavam o The Times e o The

Daily Telegraph, até que foi interrompido pelo embaixador Caeiro da

Mota.

O diplomata entrou no bar na companhia de um homem alto e

corpulento, na casa dos quarenta anos,

com gravata roxa e pose austera; num país de gente baixa, o desconhecido parecia-lhe

anormalmente alto.

"Senhor Sarkisian, quero apresentar-lhe um dos profissionais de

topo em Portugal", anunciou o embaixador, fazendo um gesto para o seu acompanhante.

"Trata-se do doutor Azevedo Passarão, que acredito lhe será muito

útil.

"

Kaloust endireitou-se e fez uma vénia com a cabeça, mas não

estendeu a mão.

"Muito prazer", disse.

"Que parte do corpo humano é a sua especialidade?"

Uma expressão desconcertada perpassou pela face do embaixador

Caeiro da Mota e do seu acompanhante.

"Perdão?"

"O senhor Passarão não é doutor?", observou o arménio.

"Ando justamente à procura de médico e gostaria de saber a sua

especialidade para ver se me pode ser útil.

"

O ar espantado dos dois portugueses transformou-se numa cachinada

algo embaraçada.

"O doutor Passarão não é médico", explicou o diplomata.

"É advogado.

"

497

Kaloust esboçou uma careta.

"É um advogado e é doutor? Mas os doutores são os médicos!"

"Assim é pela Europa", reconheceu Azevedo Passarão, quebrando o seu silêncio.

"Mas em Portugal todas as pessoas que tiram um curso superior são

chamadas doutores.

É uma idiossincrasia nacional, não se apoquente.

"

O embaixador desferiu uma palmadinha nas costas do advogado.

"O doutor Passarão é um dos melhores causídicos de Portugal",

gabou.

"Os grandes processos dos últimos dez anos neste país passaram-lhe

todos pelas mãos e tem fama de ser implacável na barra do tribunal.

" Baixou a voz.

"O inconveniente é ser pago a peso de ouro.

"

A observação foi acolhida com aparente indiferença pelo magnata

arménio.

"Noblesse oblige", sentenciou num tom monocórdico, o rosto

impassível e os olhos inescrutáveis a

luzirem como pérolas negras.

"Não me importo de pagar bem.

Desde que o trabalho assim remunerado me gere um valor superior

àquele que despendi, claro.

Não há nada mais estúpido do que deitar dinheiro à rua.

"

O embaixador retirou-se alegando que ia verificar se Nunuphar e

madame Duprés estavam a ser bem

sucedidas nas formalidades do

check-in, embora na verdade apenas quisesse deixar o advogado a sós

com o seu novo cliente.

Azevedo Passarão instalou-se ao balcão do bar, mesmo ao lado de

Kaloust, e depois de pedir um café entabulou uma conversa sobre

assuntos mundanos, perguntando ao seu interlocutor como se estava a

sentir em Portugal e observando em voz baixa, a título de curiosidade, que os dois ingleses 498

sentados no bar a ler os jornais eram os senhores Darling e Fleming, ambos espiões ingleses.

A revelação atraiu para o duo o olhar inquisitivo de Kaloust, mas o

arménio nada disse a propósito dos dois britânicos e a conversa

depressa derivou para o estado do tempo e o maravilhoso sol do

Estoril.

Claramente o advogado tencionava deixar o cliente tomar a iniciativa no instante que considerasse mais oportuno.

Não teve de esperar muito.

"Encontro-me neste momento em contencioso com o governo de sua

majestade", revelou o magnata, entrando enfim no assunto.

"Uma vez que eu estava a viver em Vichy, a Grã-Bretanha declarou-me

inimigo e confiscou-me as acções que eu detinha numa empresa

petrolífera que criei para explorar as riquezas naturais da Mesopotâmia.

Acontece que resido agora num país neutral, Portugal, e quero

iniciar uma litigação para recuperar essas acções.

Logo que aqui cheguei mandei um

telegrama para Londres a dar instruções aos meus advogados britânicos para que formalizem o

processo judicial.

Esse assunto está entregue e não será da sua esfera.

Porém, eu próprio, a minha família e colaboradores precisamos de

protecção jurídica que nos enquadre enquanto estrangeiros a viver

em Portugal.

Tenho preocupações especiais no que diz respeito ao pagamento de

impostos e preciso de conselhos

profissionais sobre como lidar com esta questão no quadro das leis em vigor neste país.

Além do mais, é necessário também tratar de quaisquer contratos que

sejam necessários neste país.

Enfim, há muita coisa na minha vida que requer mão jurídica e a sua

ajuda será com certeza preciosa enquanto eu aqui estiver".

Fez enfim uma pausa e fitou o seu interlocutor com uma expressão

interrogadora.

"Está tudo claro para si?"

"Muito claro.

"

499

"Naturalmente, gostaria de saber quanto é que isso me vai custar,

pelo que lhe solicitava que fizesse o obséquo de me esclarecer

sobre essa questão.

"

O advogado contraiu os olhos, como se fizesse um cálculo mental.

"Dez contos de réis por mês.

"

Foi a vez de Kaloust fazer contas de cabeça.

Sabia o câmbio da libra esterlina em relação ao escudo e converteu

dez mil escudos em moeda inglesa.

O resultado não o deixou inteiramente satisfeito, mas decidiu não

regatear; sabia que na vida havia certas coisas caras que acabavam

por sair baratas.

"Por esse preço", decidiu, "exijo que vá uma vez por semana ao meu

hotel a despacho comigo.

"

"Mas, senhor Sarkisian, e com o devido respeito, no meu país não

são os advogados que vão ter com os clientes.

" Apontou para o seu interlocutor.

"São os clientes que vêm ter com os advogados.

"

A observação arrancou de Kaloust um esgar sobranceiro, como se

achasse que o advogado ainda não
percebera quem tinha pela frente.

Estreitou as pálpebras e olhou com intensidade para o
português.

"Sabe uma coisa, caro Passarão?", limitou-se a perguntar
em tom

retórico.

"Não tenho dúvidas de que o seu escritório é maravilhoso,
mas não

conte que eu o vá visitar.

"

"Porquê?"

com um movimento rápido, ergueu a chávena e sorveu todo
o café que

restava.

Depois saltou do banco e pôs-se de pé, preparando-se para
ir ter

com a mulher e madame Duprés.

"Porque não sou um cliente qualquer.

"

500

III

"... de modo que essas teorias clínicas sempre me apaixonaram.

Aliás, desde os tempos de Galeno que a medicina se tem preocupado

sobretudo..."

Percebendo que o seu interlocutor falava sem fazer pausas e que não

havia modo de o interromper, Kaloust

ergueu a mão e chamou a atenção de Alberto Rapetti, o maitre d'hotel do Aviz.

"Rapetti, traga-me os meus dois morangos e a maçã, por favor.

"

"Tout de suite, signore.

"

"... com outro tipo de questões, aliás muito mais interessantes do

que aquelas de que se anda para aí a falar.

De resto, ainda noutra dia dizia eu ao senhor presidente do

Conselho que..."

O arménio encarou o homem ao lado dele.

"Doutor Coelho.

"

"... deveríamos justamente trazer aqui a Lisboa o autor daquele

magnífico artigo publicado no..."

501

"Doutor Coelho!"

Vendo-se interpelado, o visitante fez por fim uma pausa.

"Sim, m'sieur Sarkisian?"

"O que acha o senhor da ingestão diária de dois morangos e de uma

maçã no final do almoço?"

O doutor Coelho hesitou, apanhado em contrapé pela estranha

pergunta.

"Morangos? Maçã? Não vejo relevância na sua ingestão.

Além do mais os morangos têm a sua época própria, como sabe.

Ora as terapias alimentares não se compadecem com a sazonalidade.

"

"É justamente por isso que mando vir

caixas de morangos da África do Sul e maçãs de um pomar em Inglaterra em frigidaires

transportadas por aviões.

O meu médico em Paris, o doutor

Kemhadjian, recomendou-me o consumo diário de dois morangos e uma maçã como prescrição para prolongar a vida.

"

O seu interlocutor revirou os olhos.

"Ah, que disparate! O que o senhor precisa mesmo é de comprimidos

de vitaminas, digo-lhe eu.

Aliás, ainda no outro dia li um artigo do célebre doutor Racine,

não sei se conhece, tem um escritório finíssimo por detrás dos

Champs Elysées, a aconselhar o..."

"Ah, doutor Coelho!", exclamou Kaloust, pondo-se de pé com vigor.

"Receio bem que me veja forçado a dispensar a sua presença devido a um assunto de grande urgência.

Lamento muito.

"

"Mas... mas..."

O magnata fez uma vénia.

"Foi um prazer conhecê-lo.

Passe um bom resto de dia.

"

Vacilante, sem perceber bem o motivo da repentina mudança de humor

do arménio, o doutor Coelho levantou-se e, devolvendo

502

a vénia com um movimento atabalhado, retirou-se da mesa e

atravessou o salão do restaurante em passos humilhados.

A sala de jantar do Aviz era um espaço gigantesco, com o tecto

muito alto e sustentado por enormes colunas; quase parecia uma

catedral.

Todo o salão se apresentava bem

iluminado e finamente decorado, com vasos de cerâmica e dominado por uma grande escadaria, cuja

balaustrada

era

constituída

por

ferro

forjado

com

águias

incrustadas em sucessão.

Sentado a uma mesa na base da escadaria que desembocava no

restaurante, Azevedo Passarão viu o médico abalar da mesa do canto

e levantou-se.

com movimentos rápidos, cruzou o salão e abeirou-se do lugar de

canto onde o seu cliente estava instalado.

"Então?", quis saber.

"Gostou dele?"

Kaloust ajeitou o guardanapo; não apreciava as conversas às

refeições, mas por vezes tinha de abrir uma excepção.

"Um fala-barato", sentenciou.

"O homem não tem o menor interesse em ouvir o paciente.

Só quer exhibir os seus conhecimentos e fala sem cessar.

Insuportável.

"

"Mas o doutor Eduardo Coelho é o médico pessoal do próprio senhor

presidente do Conselho!", respondeu o advogado, como se o argumento

fosse arrasador e final.

"Trata-se de um dos melhores clínicos do país.

"

"Admito que o seja.

Porém, fala de mais.

Não tolero tagarelas.

Arranje-me outro, por favor.

"

Passarão abriu os braços num gesto de exasperação.

"Mas qual outro?", questionou, o corpo alto e longilíneo a contorcer-se num ponto de interrogação.

"Levei-o ao mais célebre médico que existe em Portugal, o distinto

doutor Pulido Valente, e o senhor não o quis.

"

"Esse tem a mania de que é bom e mostrou uma frieza que me

desagradou.

Não serve.

"

503

"Agora apresentei-lhe o médico do senhor presidente do Conselho, um

clínico de alto gabarito que..."

"Um fala-barato, quer antes dizer.

"

"Talvez, mas no mundo ninguém é perfeito, m'sieur Sarkisian.

Por vezes temos de nos habituar à imperfeição.

"

"Não deve estar a falar comigo.

Para mim só o melhor é suficientemente bom.

"

O jurista preparava-se para responder, mas foi interrompido por

Rapetti, que aparecera a segurar uma bandeja com um prato onde

cintilavam dois morangos e uma maçã.

"Voilà, signore Sarkisian.

A fruta.

"

O maitre d'hotel do Aviz, bolachudo e sorridente, pousou os frutos sobre a mesa.

"Passe-me a lista.

"

O maitre d'hotel mostrou uma lista e Kaloust, depois de estudar a

maçã, cortou um número que constava na folha.

Rapetti recolheu a lista e fez uma vénia.

"Grazie, signore.

"

A seguir Kaloust olhou para os morangos e esboçou uma careta de

desagrado.

"Olhe lá, ninguém me anda a roubar os morangos, pois não?"

O italiano soltou uma gargalhada nervosa.

"com certeza que não, signore Sarkisian.

Está tudo comme il faut.

"

O magnata apontou para a porta de acesso à cozinha, do outro lado

do salão do restaurante.

"Traga-me cá os pés.

"

"Qui, signore.

"

Como se tivesse acabado de receber ordens para uma missão que poria

fim à guerra, Rapetti afastou-se em passo rápido, deixando Passarão

abismado com o que acabara de ouvir.

504

O advogado viu Kaloust fixar-se no seu lugar e, muito quieto,

contemplar o salão; aquele canto era perfeito para controlar com o

olhar as pessoas que desciam a grande escadaria para irem comer ao

restaurante.

"Peço desculpa, mas o que se passou aqui?

Porque riscou o senhor

aquela lista?"

"É a relação das maçãs.

Quando elas chegam de Inglaterra, madame Duprés faz uma lista a

numerar as peças de fruta em função da sua cor, manchas e forma.

É posto o algarismo correspondente em cada maçã e, quando me trazem

uma delas, verifico o seu número e risco-o da lista, assinalando

assim que a consumi.

"

"E... e os pés que pediu?"

"Referia-me aos pés dos morangos, evidentemente.

Quero ver se eles estão lá.

"

"Mas... para quê todo esse trabalho?"

O arménio permanecia em imobilidade absoluta, quase como se fosse

feito de pedra, e apenas os dedos se mexiam num tiquetaquear

incessante em redor do prato com os dois morangos e a maçã.

"Para que não me roubem a fruta, ora essa!"

Uma avaria no Rolls-Royce tornou

premente a necessidade de resolver o problema do automóvel.

O chefe dos mecânicos na garagem do Restelo indicou que era preciso

importar uma peça de Inglaterra e que o processo levaria meses, uma

vez que a guerra dificultava a circulação de bens.

Nessas circunstâncias, o embaixador Caeiro da Mota apareceu no Aviz

num DeSoto que apresentou a Kaloust.

"Este automóvel é de uma empresa de táxis que por vezes trabalha

com o Serviço de Protocolo de Estado", explicou.

"Penso que responde às suas necessidades.

"

505

O magnata contemplou o carro.

Era

suficientemente

grande,

como

a

maioria

dos

automóveis

americanos, mas não ostentoso.

"Parece-me perfeito!", aprovou.

"O Rolls-Royce dá muita despesa e maçada, vamos mas é guardá-lo na

garagem.

" Espreitou da janela o tablier do táxi.

"Como são os pagamentos?"

Para responder à questão, o diplomata

apresentou o motorista do DeSoto, um jovem de bigode fino chamado Estêvão.

O chauffeur, genro do proprietário da companhia de táxis, beliscava

razoavelmente o francês, razão pela qual de resto tinha sido

seleccionado para o trabalho, de modo que ele próprio apresentou o

preço.

"São quatrocentos escudos até aos cem quilómetros por dia",

explicou.

"A partir dessa distância, m'sieur terá de

pagar dez escudos por cada quilómetro adicional.

"

A sobancelha de Kaloust arrebitou-se de desconfiança.

"E como sei que não me aldrabará nas contas?"

O rosto de Estêvão contraiu-se numa expressão ofendida.

"Eu não aldrabo ninguém, m'sieur!", exclamou em tom magoado.

"A nossa companhia é séria.

O estado é um dos nossos clientes, tal como algumas das famílias de

bem neste país.

Bem vê, temos uma reputação a defender.

"

"Sim, talvez", devolveu o cliente no registo de quem não estava

convencido.

"Mas, como decerto compreenderá, o seguro morreu de velho.

Gostaria de ter uma maneira de controlar diariamente a distância

percorrida pelo carro.

"

O problema foi resolvido por um

caderninho.

Estêvão comprometeu-se a registar todos os dias a quilometragem do

DeSoto, assentando o valor indicado no mostrador do tablier no

início e no fim da jornada.

Ficou combinado que o caderno ficaria guardado numa bolsa no

assento traseiro

506

do carro, de modo que o passageiro o pudesse inspeccionar sempre

que quisesse, o que lhe permitia assegurar-se de que os quilómetros

estavam correctamente registados.

Um toque no vidro chamou a atenção de Kaloust.

O magnata afastou as cortinas cinzento-pérola do DeSoto e deparou-

se com a figura esguia de Azevedo Passarão inclinada sobre a janela do automóvel.

"M'sieur Sarkisian!", interpelou-o o advogado, a voz abafada pelo

vidro.

"Deixe-me apresentar-lhe o seu novo médico.

"

Agora que a noite caíra e não havia nuvens no céu, o arménio

planeara dar um passeio até Monsanto na companhia de madame Duprés

e espreitar as estrelas no seu telescópio, actividade que o

apaixonava desde que na faculdade estudara física com Lorde Kelvin

e que também interessava à sua secretária, mas aquele assunto tinha

prioridade.

com um suspiro resignado, abriu a porta e apeou-se.

"Escute, meu caro Passarão", disse em tom

afirmativo, erguendo um dedo para enfatizar as suas palavras.

"Espero que não seja como os outros que me mostrou.

Uns pavões, uns tiranos, uns palradores!"

Ganhou balanço e a voz

tornou-se mais contundente.

"Que raio de médicos têm os senhores por cá? Onde diabo pode uma

pessoa..."

"Tenha calma, m'sieur Sarkisian", cortou com voz tranquila o homem

que se encontrava atrás do advogado.

"Não sabe que, quanto mais adrenalina se descarrega no sangue, mais

o cálcio se desgasta? Se o senhor se exalta ainda perde os dentes e

debilita os ossos.

Além do mais, a irritação fragiliza o coração.

"

Kaloust arregalou os olhos, assustado.

"Deveras?"

"Está provado cientificamente.

O

senhor

deve

procurar

manter

a

serenidade

em

todas

as

circunstâncias.

"

507

As palavras do desconhecido tiveram o condão de o acalmar de

imediatamente.

Aproveitando a pausa, Passarão identificou o médico.

"M'sieur Sarkisian, tenho a honra de lhe apresentar o doutor Fernando Fonseca, dono da maior clínica privada em Portugal.

Acabou de ficar em primeiro lugar na cátedra da Faculdade de

Medicina e tornou-se regente da disciplina de Propedêutica Médica.

É o médico perfeito para si.

"

Os olhos do magnata fixaram-se no homem de cabelo liso penteado

para trás e um bigode ralo que, apesar da pose distinta, lhe dava

um certo ar de Cantinflas, o actor mexicano que por esses dias

animava as salas de cinema.

Kaloust tirou o chapéu de coco e fez uma vénia, à otomana.

"Enchanté.

"

O médico ainda estendeu a mão, mas retirou-a ao perceber que os

costumes do seu interlocutor eram outros.

"Talvez fosse útil o senhor começar por me indicar as maleitas de

que padece", disse o doutor Fonseca.

"É sempre importante conhecermos o historial das..."

"Não sofro de nenhuma maleita", cortou o magnata.

"Gostaria apenas de saber o que pensa o doutor do consumo de dois

morangos e uma maçã ao almoço.

"

O seu interlocutor dominou de imediato um breve esgar espantado; a

pergunta poderia à primeira vista parecer despropositada, mas

percebeu o seu alcance.

Era um teste.

"Nada contra e tudo a favor.

A fruta, não sei se sabe, é o melhor amigo da saúde.

No caso das maçãs até encontra uma boa variedade ao longo do ano, a

nacional Gala entre Fevereiro e Maio, a nacional Fuji entre

Setembro e Dezembro e a Granny Smith também em Dezembro.

A fruta e o exercício físico, meu caro senhor, fazem maravilhas pelo corpo.

"

Kaloust esfregou as mãos, satisfeito com a resposta.

508

"Ah, folgo em ouvi-lo dizer isso pois é justamente o que penso",

exclamou.

"Já vi que o senhor me agrada.

Sabe, o meu avô viveu até aos cento e cinco anos e faço tenções de

o superar, se Deus me conceder essa graça.

Cumpro diariamente a minha ginástica sueca, dou passeios, tomo

banho de água gelada e respeito uma rigorosa dieta que inclui o

consumo

de

peças

de

fruta

em

quantidades

cientificamente

calculadas.

Posso ter setenta e três anos, mas disponho de uma saúde de ferro e

estou empenhado em viver muitos e bons anos.

" Esboçou uma careta.

"Gostaria, porém, que o doutor me fizesse todos os dias um check-up

de rotina porque tenho uns achaquezinhos que merecem acompanhamento

permanente.

"

"Muito bem.

Terá então de vir ao meu consultório ali na Avenida da Liberdade.

"

"Estou certo de que o seu consultório é um estabelecimento de

grande categoria, caro doutor, mas fica já o senhor informado de

que não faço tenções de o visitar.

As consultas decorrerão no meu quarto de hotel à hora do almoço.

Alguma dúvida?"

"Quer que eu venha todos os dias vê-lo ao Aviz?", admirou-se o

médico.

"Não acha que é de mais?"

"Será naturalmente remunerado de forma condigna pelo incómodo",

esclareceu Kaloust.

"Setecentos escudos por visita parece-me uma quantia generosa e

suficiente.

Espero também que seleccione

especialistas nas mais diversas áreas para me acompanharem.

Preciso

de

um

dentista,

de

um

urologista,

de

um

gastroenterologista, de um cardiologista...

enfim, de uma panóplia

dos melhores médicos que existem no país.

"

O doutor Fonseca arqueou as

sobrancelhas.

"Caramba, para quem tem uma saúde de ferro, o senhor precisa de

muitos médicos!"

509

"Até o ferro enferruja, caro doutor.

" Fez uma nova vénia.

"Foi um prazer conhecê-lo.

Vemo-nos então amanhã à uma da tarde no meu quarto.

Passe bem.

"

Estendeu a despedida a Azevedo Passarão, devolveu o chapéu de coco

à cabeça, rodou pelos calcanhares e meteu-se de novo no DeSoto,

onde madame Duprés o aguardava.

Quando fechou a porta, o chauffeur espreitou pelo retrovisor.

"Para onde vamos, m'sieur?"

O doutor Fonseca caíra-lhe no goto, mas as preocupações de saúde

eram um tormento e, agora que pensara nelas, sentia-se deprimido.

Fixou o olhar em Estêvão, que o fitava pelo pequeno espelho do

automóvel à espera de uma resposta, e libertou a irritação que de

repente se apossara dele.

"Já vi que gosta de me ver pelo retrovisor", disparou.

"Estará o senhor porventura a espiar-me?"

O chauffeur arregalou os olhos, chocado com a sugestão.

"Perdão?"

O magnata ignorou-o por momentos e acenou uma derradeira vez pela

janela para se despedir do advogado e do médico portugueses.

A seguir correu as cortinas que mandara instalar na viatura de modo

a garantir a privacidade que tanto prezava

e, depois de acariciar o telescópio deitado aos pés do assento traseiro, pousou os olhos na

nuca do chauffeur.

"Vamos ver as estrelas, rapaz!"

Impulsionado por Nunuphar, que

permanecia ágil nas ligações

sociais, Kaloust passou a frequentar as recepções diplomáticas em

Lisboa e no Estoril.

O casal Sarkisian começou a ser visto com frequência nos cocktails

das legações e estabeleceu amizade com os embaixadores dos Estados

Unidos e do Egipto, que visitava com alguma frequência.

510

Os contactos mais intensos fora do seu círculo mais próximo decorriam, porém, com portugueses.

Os mais importantes eram com o seu advogado, com quem se reunia uma

vez por semana para despachar papelada relacionada com questões

legais, e ainda com o médico.

Outra pessoa que o via todos os dias era naturalmente o chauffeur.

com o DeSoto de Estêvão sempre ao

dispor, Kaloust passou a incluir na sua rotina diária um passeio de descoberta de Lisboa e

arredores.

"Leva-me à floresta, rapaz", ordenava o cliente nos primeiros

tempos, quando ainda não conhecia bem as principais atracções.

"Leva-me ao mar e a tudo o que a natureza tem para nos oferecer

nesta terra.

"

Não era um pedido difícil de satisfazer.

Ao contrário de Ivan, que nada conhecia da região, Estêvão revelou-se um verdadeiro mapa de Portugal.

De retrovisor voltado ao contrário para evitar desconfianças, o

chauffeur levou o seu novo cliente no trilho de verdadeiras pérolas

verdes e o país pareceu desabrochar aos olhos do arménio,
como se

as estradas fossem pétalas que se abriam com pudor
relutante para

desvendar segredos nunca antes

contemplados.

com as suas paisagens intocadas, Portugal

parecia apelar ao amor de Kaloust pela natureza.

As comparações com aquilo a que estava habituado em
Inglaterra ou

França tornavam-se irresistíveis, mas sem desvantagem
para o seu

novo país de residência.

O cenário de conto de fadas de Sintra não perdia perante os
mais

pitorescos recantos do Kent e a magnífica praia do Guincho
fazia

Deauville parecer um areal ridículo; o Estoril dava-lhe a
impressão

de ter Biarritz a uns meros vinte minutos

de distância e a jovem floresta de Monsanto não ficava
atrás do bois de Boulogne em

qualidade e variedade, com as importantes vantagens de

511

ser mais pacata e possuir um recanto que Estêvão identificou com um

nome que depressa se tornou mágico.

"Montes Claros.

"

Os Montes Claros tornaram-se o lugar de eleição de Kaloust.

O chauffeur levava-o com regularidade para uma clareira de onde o

magnata, sentado por baixo de uma acácia, permanecia horas a

contemplar o estuário do Tejo em toda a sua largura por cima da

copa das árvores, com as colinas da outra margem recortadas a

cinzento acima do horizonte azul.

O motorista não percebia o que tinha aquela paisagem assim de tão

especial e foi madame Duprés quem, à terceira visita ao local, o

elucidou sobre o que se passava ali.

"Isto é exactamente igual a Constantinopla.

"

O mistério estava desfeito.

Kaloust ia para os Montes Claros sonhar com a infância.

Terminado o exame desse dia, o doutor Fonseca sentou-se à longa

escrivaninha da suíte, uma peça que o seu anfitrião tinha mandado

trazer de França, e consultou as anotações.

"Ora bem, a tensão anda nos vinte, quando há três dias era de

dezanove e meio.

Volto a recomendar-lhe que controle o temperamento.

Não se irrite, se quiser preservar o coração.

Vai tomar o Ronicol durante dez dias e depois intercala com outros

dez dias de vitamina E.

"

O médico agarrou na caneta e pôs-se a rabiscar um papel, alheio ao

paciente que se vestia junto à janela.

"Sabe o que me impressiona em Portugal?", perguntou Kaloust enquanto abotoava a camisa e prendia os olhos sonhadores num

carvalho do jardim do hotel.

"Sabe o que torna o país verdadeiramente irresistível?"

A pergunta surpreendeu o doutor Fonseca, que levantou a cabeça e

fitou o paciente, tentando perceber se com aquelas

512

palavras Kaloust se referia a algum pormenor do assunto clínico que

nesse instante tinha em mãos.

"Perdão?"

A atenção do arménio permanecia retida no carvalho.

"Quando vivia em Paris e queria ver o mar ou apreciar uma paisagem

de província, tinha de andar horas", disse.

"A costa do canal da Mancha situa-se a centenas de quilómetros de

distância.

E se queria visitar a Cote d'Azur levava um dia inteiro de viagem.

"

"Ah, sim, com certeza.

A França é enorme.

"

O magnata largou por fim os olhos da janela e encarou o seu médico, a camisa já abotoada.

"Mas aqui tudo é perto", observou.

"Metto-me na estrada e, ao fim de uns meros dez minutos, estou na

província ou na serra ou a ver o mar.

Além disso, a luminosidade é desconcertante.

O vermelho é mais vermelho, o azul mais azul, o verde mais verde.

" Suspirou com melancolia e abanou a cabeça, como se já tivesse

saudades de Lisboa.

"Paris nunca terá nada assim.

"

A manhã acordara de tal modo aprazível que, depois do pequeno-almoço e da massagem de Ivan, Kaloust optou por fazer um

constitucional.

Ainda passou pela recepção para efectuar uma reserva em nome de Sir

Philip Blake, mas depois pegou na pasta e, fazendo um sinal ao

massagista russo de que o acompanhasse, saiu à rua.

Em vez de se meter no DeSoto, que o

aguardava à porta do Aviz, contudo, fez um gesto a Estêvão e virou à direita, deixando o carro

para trás.

"Hoje vou a pé.

"

O motorista já sabia o que aquilo significava.

Saltou para o seu lugar, ligou o automóvel e seguiu o cliente em

marcha lenta, o ritmo da progressão ditado pela velocidade das

pernas

513

de Kaloust e de Ivan, que seguia no seu encalço.

A rua estava quase deserta.

Na verdade havia poucos carros em Lisboa e ver um deles rolar à

velocidade de uma carroça de bois parecia natural.

Quinze minutos mais tarde chegaram à Rotunda e o arménio começou a

subir o Parque Eduardo VII, sempre com o automóvel no encalço, até

atingir o topo do grande jardim inclinado.

Estêvão parou o carro no meio da relva,

como fazia sempre que ali iam, e tirou do porta-bagagem uma cadeirinha desmontável que

assentou debaixo de um plátano frondoso, as folhas amarelas e

alaranjadas do Outono espalhadas pela relva como um tapete colorido

a fogo.

Uma brisa fresca percorria o parque e sacudia as folhas secas,

enquanto o ar transportava as gargalhadas despreocupadas de

crianças que cabriolavam na relva não muito longe dali.

Devidamente acomodado na cadeira, e com Ivan a abanar um espanador

para afastar as moscas, Kaloust abriu a pasta e consultou as cartas

que tinha recebido de Londres.

Agora que estava a viver num país neutral havia muita coisa que

precisava de resolver e contactos que urgia reatar.

Uma das prioridades era Sir Philip Blake, o seu amigo e advogado,

que permanecia activo no Foreign Office e se tornara também

conselheiro do rei Jorge VI.

Nos últimos tempos trocara intensa correspondência com ele.

Na última missiva, e como o arménio se recusava a ir a Londres, o

inglês concordara deslocar-se a Lisboa para conversarem sobre

assuntos de interesse mútuo.

Era pois necessário dar sequência à questão.

Uma gargalhada juvenil obrigou Kaloust a levantar a cabeça.

As crianças que brincavam no parque tinham vindo fazer tropélias a

uns meros dez metros de distância; davam

cambalhotas na relva e corriam umas atrás das outras em

514

jogos da apanhada.

O arménio sentia um enorme prazer em trabalhar no Parque Eduardo

VII, tão pacato e pitoresco como Hyde Park, mas a barulheira

incomodava-o.

Fixou a atenção nos garotos e percebeu que, se quisesse recuperar a

concentração, teria de arranjar maneira de os calar.

"Pssst! Pssst!"

A criança mais próxima, um rapazinho de dez anos, viu o septuagenário chamá-lo e hesitou, sem perceber se a interpelação

lhe era dirigida.

"Eu, senhor?"

Kaloust confirmou com um movimento afirmativo da cabeça e fez com o

braço um gesto a pedir-lhe que fosse ter com ele.

"Viens ici!"

Apesar de não perceber o que o velho dissera naquela língua

estranha, o rapaz entendeu o gesto e aproximou-se com passos

cautelosos.

"O que é?"

O arménio meteu a mão ao bolso e extraiu uma moeda de cinco

escudos.

Depois apontou para todas as crianças em redor e fez "shhh" com a boca, erguendo a moeda como se a

promettesse.

Havia evidentemente algo de universal na linguagem dos gestos, uma

vez que o garoto percebeu de imediato

que, se não fizessem barulho, ganhariam a moeda de cinco escudos.

E cinco escudos, tinha perfeita

consciência, davam para muitas

guloseimas.

De olhos arregalados de entusiasmo, o rapaz foi ter com os companheiros e explicou-lhes a proposta.

com um burburinho de excitação, o grupo aproximou-se do plátano e,

sentando-se no relvado, caiu no mais absoluto silêncio.

A paz regressara ao Parque Eduardo VII.

Depois de varrer a verdura com o olhar, e sempre com Ivan a afastar

as moscas, Kaloust soltou um suspiro 515

melancólico e voltou a concentrar-se na papelada e nos problemas

que a ela diziam respeito.

A questão do confisco das acções da Turkish Petroleum Company tinha

de ser resolvida, uma vez que ele já não se encontrava em Vichy à

mercê dos Alemães e pretendia retomar o mais depressa possível a

plena posse dos seus bens.

O assunto parecia bem encaminhado, mas havia um problema que os

advogados em Londres não estavam a conseguir superar.

Tratava-se da questão das compensações.

Ouviu a risada solta de uma criança e um coro de "chiu!" a mandá-la calar-se.

Ergueu a cabeça e percebeu que os garotos que o observavam em

silêncio se haviam já encarregado de silenciar uma rapariguinha que

aparecera ali perto a puxar um papagaio.

Sorriu.

A sua guarda pretoriana juvenil era pelos vistos eficiente.

Mergulhou mais uma vez nos papéis e na questão das compensações.

Como durante dois anos Kaloust se vira privado do usufruto da sua

quota de cinco por cento, mas nesse tempo a Turkish Petroleum

Company continuara a laborar e a vender petróleo, o magnata queria

que lhe fosse paga a fatia em atraso a que se achava com direito.

O problema é que havia muito dinheiro em jogo e era preciso ainda

considerar as despesas de guerra, pelo que o Tesouro de Sua

Majestade começou a arrastar o processo.

Tornou-se gradualmente evidente que as autoridades britânicas não

tencionavam resolver o problema com a celeridade desejável e que

por isso seria preciso actuar de forma enérgica.

Nestas circunstâncias, percebera Kaloust, nada melhor que um tête-

à-tête com o seu advogado e conselheiro.

À sombra do plátano, o arménio redigiu um telegrama endereçado a

Sir

Philip

para

lhe

dar

conta

de

que,

na

sequência

da

correspondência que ambos haviam trocado, fizera nessa manhã uma

516

reserva no Aviz em seu nome para a quinta-feira da semana seguinte,

pelo que bastava o amigo adquirir o seu bilhete nos escritórios da

British Overseas Airways Corporation e voar nessa data até Lisboa.

A seguir consultou a restante
correspondência.

Duas cartas trouxeram-lhe novidades desagradáveis.

Uma era de Sir Kenneth Bark a anunciar-

lhe que tinha abandonado a National Gallery; tratava-se de
uma importante contrariedade para

Kaloust, uma vez que alimentara durante algum tempo a
ideia de

depositar os seus enfants no grande museu de Trafalgar
Square.

Paciência, teria de encontrar outra solução!

Sentia saudades dos

seus quadros e angustiava-se com o que lhes aconteceria
quando já

não os pudesse proteger.

A segunda era uma missiva de Istambul a dar-lhe conta da
morte de

Salim Bey.

Murmurou uma oração em memória do velho amigo e
protector turco da

família e redigiu uma missiva a endereçar sentidas
condolências à

família.

Mas não lhe pareceu que isso fosse suficiente para testemunhar a

sua gratidão para com o velho turco e decidiu sondar um dos filhos

sobre a possibilidade de se tornar o seu prospector artístico na

Turquia; era uma maneira airosa de saldar a sua imensa dívida para

com Salim Bey.

O trabalho da manhã estava terminado.

Arrumou a papelada na pasta e levantou-se, fazendo sinal a Estêvão

para recolher a cadeira e a Ivan para continuar a protegê-lo do sol

com a sombrinha.

As crianças silenciosas ergueram-se também, na expectativa da

recompensa.

O arménio pegou na moeda de cinco escudos e estendeu-a na direcção

do rapazinho a quem a havia prometido.

O miúdo aproximou-se com ar muito compenetrado e pegou nela.

De imediato explodiu uma algazarra e a criançada desatou a correr e

a saltar e a completar piruetas sobre o relvado e entre as árvores.

517

com um sorriso a aflorar-lhe aos lábios finos, Kaloust ficou um

instante

a

observá-los,

quase

com

inveja

daquela

vida

despreocupada.

Só quando os garotos desapareceram para lá dos arbustos é que

respirou fundo e se meteu enfim no carro.

"É para o Aviz.

"

518

IV

O Short Sunderland da BOAC amarou no Tejo junto ao Aeroporto

Marítimo de Cabo Ruivo e Sir Philip Blake apareceu no cais de

gabardina clara e guarda-chuva na mão.

Fazia um sol radioso, o céu abria-se num anil vasto e profundo e o

dia estava talvez mais quente e abafado do que o habitual na

cidade, o que tornava algo absurdas aquelas precauções, mais

adequadas para o clima londrino.

"What

ho,

Sarkisian!", cumprimentou

Sir

Philip

com

a

sua

inconfundível fleuma quando viu o amigo à espera dele no cais.

"Você está na mesma, old boy..."

Kaloust riu-se.

"Ah, Sir Philip.

Pois o meu caro amigo parece-me mais velho!"

Convergiram para o DeSoto alugado com Estêvão atrás deles a

carregar as malas.

Meteram-se no carro e atravessaram Lisboa em ritmo de passeio,

Kaloust a mostrar ao amigo as principais atracções da cidade.

519

"O seu processo para obter as compensações está bem encaminhado ", observou Sir Philip.

"Vai receber dinheiro ao longo de muito

tempo.

"

"Quanto acha que vou conseguir em vinte e três anos?"

O advogado inglês tentou fazer as contas de cabeça mas depressa

desistiu.

"Muitas centenas de milhões de libras, calculo eu.

Mas porquê vinte e três anos?"

"O meu avô viveu até aos cento e cinco", devolveu Kaloust.

"Acontece que estou em melhor forma do que ele com a minha idade,

pelo que conto viver até 1975.

"

Ao chegarem ao destino, depararam-se no átrio do Aviz com um

movimento maior que de costume.

Perante a admiração do arménio, o paquete explicou que se tratava

de uma delegação do governo espanhol que estava de visita e que

ocupara os poucos quartos livres do hotel.

Esse damn Franco anda mortinho por entrar na guerra ao lado de

Hitler", observou Sir Philip com acidez.

"Deve ter mandado os seus esbirros pedir a opinião aos Portugueses.

"

"Para que querem os Espanhóis saber a opinião dos Portugueses? Não

pensam por si próprios?"

"O nosso embaixador em Madrid diz-nos que Salazar exerce forte

ascendente sobre Franco, thank God", explicou o inglês.

"Parece que está a aconselhá-lo a não se meter em trabalhos e a

dizer-lhe que a guerra vai acabar empatada.

Espero que o convença.

"

"Como raio sabe o senhor tudo isso?"

Um sorriso sibilino desenhou-se na face do recém-chegado.

"Sarkisian, old chap", murmurou.

"Ao fim de tantos anos ainda não me conhece? As minhas funções no

Foreign

5

Office e no Palácio de Buckingham permitem-me andar a par de certas coisas..."

Enquanto Sir Philip Blake tratava na recepção do seu check-in,

Kaloust foi ao bar e pediu um whisky on the rocks, a bebida preferida do seu velho amigo.

Instalou-se numa cadeira e aguardou que o inglês arrumasse a

bagagem no quarto e fosse ter com ele, mas ao fim de meia hora

começou a achar que o atraso se tornara demasiado longo e, já

impaciente, saiu para o átrio para ver se Sir Philip se tinha perdido nos corredores do hotel.

Para sua surpresa, viu-o ainda colado ao balcão da recepção com a

mala pousada aos pés.

"Ainda aqui? Que se passa?"

Ao ver Kaloust surgir atrás dele, o homem do Foreign Office soltou

um suspiro de alívio.

"Ah, old boy, ainda bem que apareceu!", exclamou.

"Veja bem que me estão a dizer que a minha reserva foi anulada!"

"O quê?"

"É como lhe digo.

" Bufou.

"Most annoying, indeed!"

O arménio aproximou-se do balcão e cravou os olhos
surpreendidos no
empregado.

"Desculpe, deve haver engano", disse.

"Fiz a reserva em nome de Sir Philip na semana passada.

"

O empregado era um português de porte distinto, o cabelo
grisalho a

nascer-lhe nas têmeoras, e que se mostrava fluente em
francês.

"É verdade, m'sieur Sarkisian", confirmou o recepcionista.

"Acontece que recebi ordens superiores para anular essa
reserva e

para..."

"Anular? Está a brincar comigo?"

"Não, m'sieur Sarkisian.

Asseguro-lhe que estou a falar muito a sério.

Peço imensa desculpa por este mal-entendido,

mas pensei que tinham falado consigo em tempo oportuno.

Receio bem que a reserva de m'sieur Blake tenha sido anulada.

"

"Em primeiro lugar, não é m'sieur, mas Sir.

Sir Philip foi feito cavaleiro do reino pelo rei.

"

"Peço desculpa.

"

"Em segundo lugar, a que propósito foi a reserva cancelada?
Quem

deu essa ordem?"

"Foi a gerência.

"

Kaloust desferiu uma palmada impaciente e ruidosa no
balcão.

"Então chame-me a gerência, se faz favor!" Nova palmada
no balcão, para transmitir urgência.

"Imediatamente!"

Alarmado, o recepcionista retirou-se e deixou os dois
hóspedes a

sós.

O magnata pediu ao amigo que não se apoquentasse que ele resolveria

o problema, mas Sir Philip não parecia preocupado; dava até a

impressão de começar a encarar todo aquele episódio como se se

tratasse do que disse ser uma practical joke.

O inglês desviou até a conversa para outros temas, comentando os

últimos boatos que corriam em Whitehall e dizendo que iria

aproveitar a visita a Portugal para se encontrar com dois amigos no

Estoril e tratar de assuntos confidenciais.

Conhecendo-o e às suas actividades, Kaloust presumiu que os amigos

em questão eram espiões e não teceu

comentários; sabia que havia assuntos em que não se podia envolver.

Alguns minutos volvidos, o recepcionista regressou acompanhado de

um homem que o arménio reconheceu como sendo o proprietário do

hotel, um gibraltino cheio de salamaleques com quem por vezes

trocava palavras de circunstância no restaurante, à hora do jantar.

522

"Peço imensa desculpa, mister Sarkisian", disse o recém-chegado em

inglês.

"Alguém se esqueceu de o avisar, mas acontece que a reserva de Sir

Philip Blake foi cancelada por ordens superiores.

"

"Ordens superiores, senhor Ruggeroni?

Mas que eu saiba o senhor é

que é o chefe desta chafarica! Acaso haverá por aqui alguém

superior a si?"

O dono do Aviz apontou para cima.

"Deus é superior a mim", disse.

"E Salazar também.

"

A referência ao ditador que governava Portugal suscitou a estranheza de Kaloust.

"Salazar? Que quer dizer com isso?"

Ruggeroni fez um gesto a indicar o átrio do hotel.

O arménio e o inglês viraram-se para trás e viram um punhado de

homens à conversa em pequenos grupos, uns com farda militar, outros

à civil; pela maneira como se exprimiam, ciciando com a ponta da

língua, perceberam que falavam

castelhano.

"Deu hoje entrada aqui no hotel a delegação do conde de Jordana, o

ministro

espanhol

dos

Negócios

Estrangeiros",

explicou

o

proprietário.

"A comitiva é muito grande e o subchefe

do Serviço de Protocolo do Estado pediu-nos um quarto próximo da suíte do senhor ministro para

instalar a secretária dele.

Como o único..."

"Ou seja", atalhou Kaloust com veneno, "o que está em causa é a

amante do senhor ministro!"

O dono do Aviz hesitou, atrapalhado com a sugestão.

"A senhora em causa foi-me apresentada como secretária do senhor

ministro", esclareceu, cioso de manter a discrição apropriada às

suas funções.

"Acontece que o hotel está cheio e o único quarto ainda por ocupar

perto da suíte do senhor ministro era justamente aquele que estava

reservado para

523

Sir Philip.

O subchefe do protocolo insistiu na necessidade de satisfazermos os

desejos do senhor ministro, exigência reforçada por uma solicitação

da Polícia de Vigilância, a PVDE, no mesmo sentido, pelo que não

tive alternativa que não fosse ceder o quarto à senhora em causa.

"

"Mas então e Sir Philip? Fica na rua?"

com gestos tranquilos, como se seguisse um guião há muito delineado, Ruggeroni folheou um livro pousado diante dele e consultou um endereço.

"Tomei a liberdade de reservar um quarto num apartamento aqui

perto, na Duque de Loulé", disse.

"As condições são excelentes e verá que Sir Philip ficará muito bem

insta..."

"Nem pensar!", vociferou o magnata, voltando a cortar a palavra ao

seu interlocutor.

"A reserva está feita e tem de ser respeitada! Façam o favor de

devolver o quarto a Sir Philip! Isto é um hotel de cinco estrelas

ou é alguma espelunca? Onde já se viu uma coisa destas?"

O proprietário arregalou os olhos, entre surpreendido e embaraçado.

"Mas, mister Sarkisian, eu não..." i com o sangue a começar a ferver, Kaloust

desferiu uma nova palmada irritada no balcão da recepção.

"Aqui não há mas nem meio mas", disparou, a cara rubra.

"Faça o favor de respeitar a reserva!"

"Mister Sarkisian, compreenda por favor", implorou Ruggeroni.

"Não posso desrespeitar as instruções do Protocolo de Estado nem da

PVDE! Eles podem suspender-me a

licença se..."

"Não quero saber! Devolva o quarto, se faz favor!"

"Receio que, nas circunstâncias, isso seja

impossível.

Bem vê, o quarto até já foi ocupado.

Não tenho modo de dizer à senhora que nele se alojou que faça as

malas e

524

se retire, não é verdade? Estamos a falar da secretária do ministro!"

Os protestos de Kaloust subiam de tom à medida que se ia tornando

mais claro que o gerente não ia ceder às exigências do hóspede.

Sir Philip Blake ainda tentou acalmar os ânimos e dizer que não via

inconveniente em instalar-se nos aposentos que o hotel lhe oferecia, mas o seu amigo arménio nem quis ouvir falar em semelhante hipótese.

Para Kaloust a situação era simples: o hotel aceitara uma reserva,

ao fazê-lo assumira um compromisso e tinha de o cumprir; tudo o

resto eram desculpas inaceitáveis.

Mas Ruggeroni insistiu uma e outra vez na impossibilidade de

desobedecer às instruções que recebera.

"Chame a polícia!", berrou a certa altura Kaloust, já fora de si.

"A polícia! Imediatamente! Isto é um roubo e eu quero aqui a

polícia!"

Perante a insistência do hóspede, que vociferava e esbracejava e

exigia a intervenção das autoridades, o proprietário deu instruções

para que se ligasse à PVDE, que emitira as ordens.

Os homens da Polícia de Vigilância apareceram alguns minutos mais

tarde e deram com Kaloust aos berros no átrio, totalmente descontrolado e lançando perdigotos e insultos na direcção do

gerente; uma pequena multidão de

espanhóis observava a cena com

curiosidade divertida e, no meio de tudo aquilo, viram um idoso

inglês que se mostrava constrangido.

"O que se passa aqui?", quis saber o agente que respondeu à

chamada, cortando pela multidão para chegar ao balcão.

"Que algazarra vem a ser esta?"

O dono do Aviz começou a dar em português uma explicação sobre o

caso, mas foi interrompido por Kaloust em francês.

O magnata quis explicar o seu ponto de vista, a

525

palavra scandale presente em cada frase, e a confusão era tal que o

capitão ergueu a mão direita para os travar.

"Alto aí, assim ninguém se entende!", exclamou, enunciando o óbvio.

"Um de cada vez.

" Virou-se para o proprietário.

"Comecemos pelo senhor.

Faça o favor de me explicar o que se está a passar.

"

"Pois bem", recomeçou Ruggeroni.

"Como lhe dizia, nós tínhamos aqui uma..."

"M'sieur, c'est un scandale!", insistiu Kaloust em tom alterado,

sem deixar o gerente continuar a falar.

"Un véritable scandale! Imaginez-vous que mon ami est arrivé cê

matin-là et..."

O agente da PVDE, que aprendera algum francês na Escola do

Exército, voltou-se para o arménio.

"Alors, m'sieur, tenha calma e..."

"Eu não tenho de ter calma!", protestou o hóspede do hotel com

grande irritação.

"O senhor é que tem de pôr ordem nesta barafunda! Fiz uma reserva e

estou a ser roubado pelo hotel!"

"Mas, m'sieur, assim ninguém se entende e não..."

"O que há para entender? O hotel tirou-me um quarto que é meu e

entregou-o a um espanhol qualquer, ou à amante dele, o que é a

mesma coisa.

Onde é que já se viu isto? E o senhor, em vez de fazer o seu trabalho, está para aí a falar, a falar, a falar..."

O polícia enrubesceu e colou o indicador aos lábios.

"Taisez-vous!"

Era a primeira vez em muitos anos, na verdade desde a adolescência,

que alguém mandava Kaloust calar-se.

"Perdão!?", escandalizou-se o arménio,

mal acreditando no que acabara de escutar.

"O senhor mandou-me calar? A mim? A mim? Mandou-me calar a mim!?"

526

"Oui", confirmou o agente.

"Taisez-vous!"

"A mim ninguém me manda calar, ouviu?", explodiu Kaloust de novo, desta vez tendo o polícia como alvo.

"O senhor sabe quem eu sou? Faz a mínima ideia com quem se está a

meter? Sabe quem eu sou? Sabe?"

O homem da PVDE fitou o hóspede do hotel com uma expressão fria,

como se lhe tirasse as medidas; tinha já a paciência no limite e

aquilo fora a última gota.

"Sei muito bem quem tu és, sim senhor!", disse num tom subitamente

tenso.

"És um caramelo que vai de cana e é já!"

Estendeu o braço e abriu

alas entre a multidão de mirões, convidando Kaloust a segui-lo.

"Faça o favor de me acompanhar.

"

Um silêncio pesado abateu-se nesse instante sobre o átrio do hotel.

O agente falara em francês e o significado das palavras foi imediatamente apreendido pelos presentes.

O polícia estava a deter Kaloust Sarkisian.

O assombro era geral.

Recuperando da surpresa, o gerente ainda tentou intervir.

"Oiça, senhor capitão", disse Ruggeroni no tom mais sereno de que

foi capaz.

"Tudo isto é um lamentável mal-entendido que facilmente se poderá

resolver se..."

"Silêncio!"

"Mas, oiça, tenho a certeza de que..."

O agente colou-se ao balcão e inclinou-se na direcção do dono do

hotel com um gesto ameaçador.

"Caluda! Se disseres mais uma palavra que seja também vais dentro,

ouviste? Eu cá não pactuo com

desrespeitos à autoridade.

Neste país, e que eu saiba, ainda vigora a lei e a ordem.

Manda quem pode, obedece quem deve!"

Intimidado, Ruggeroni remeteu-se de imediato ao silêncio.

Por esta altura já Kaloust se tinha recomposto.

Havia muito tempo que ninguém o

afrontava como aquele polícia

527

português e, após digerir a ordem de detenção, percebeu que seria

mais avisado acalmar-se.

"Devo então presumir que estou detido?"

"Presume bem.

Acompanhe-me, se faz favor.

"

"Sendo assim, vou mandar vir o meu carro para me levar onde os

senhores entenderem.

"

O arménio rodou sobre os calcanhares e buscou os rostos de Ivan ou

de madame Duprés na multidão que os cercava no átrio do Aviz, mas

não os vislumbrou.

com um gesto enfático, o capitão indicou o carro celular estacionado diante do hotel.

"Se não se importa, o senhor virá no nosso automóvel", ordenou.

"Não é nenhum Cadillac, mas a ramona não envergonha ninguém.

Estou certo de que sobreviverá à experiência.

"

O oficial levou Kaloust para a viatura prisional e sentou-o na caixa traseira, com as janelas gradeadas.

A seguir instalou-se no lugar ao lado do condutor e a ramona

arrancou instantes depois perante o olhar atónito de Sir Philip e

do pessoal do hotel e os esgares divertidos do resto da clientela.

Custava-lhes acreditar na evidência, mas tinham acabado de

testemunhar uma coisa impensável, talvez impossível em qualquer

outra parte do mundo.

A polícia portuguesa detivera o homem mais rico do planeta.

A cela era um buraco sombrio escondido nas traseiras da sede da

PVDE, na António Maria Cardoso, com a parede substituída por grades

do chão até ao tecto.

Fazia lembrar a gaiola dos pássaros na mansão da avenue d'Iena, mas

em ponto grande.

O graduado de serviço meteu a chave na fechadura e abriu a porta.

"Sirv'ó puré", disse em português, satirizando o s'il vous plaít

francês.

"O nosso palacete está à disposição de vossa excelência.

"

528

O magnata entrou na cela e estacou, horrorizado com o que encontrou

no interior.

Sentados lado a lado num beliche estavam dois homens.

Um tinha cara de poucos amigos e o outro... o outro era negro.

Um negro! Kaloust nem queria acreditar.

Tinham-no metido numa cela com gente da pior estirpe!
Como era

aquilo possível? Aos pés deles encontrava-se um penico de aspecto

repelente e no ar pairava um fedor a fezes e urina.

"Meu Deus!", sussurrou, reprimindo um vômito.

"Que é isto?"

Sentiu ganas de se beliscar, de se certificar de que tudo aquilo

não passava de um pesadelo e em breve despertaria na sua suíte de

luxo no Aviz, mas não havia maneira de fugir à realidade.

Fora detido e encarcerado nos calabouços da Polícia de Vigilância.

Tinha de encarar os factos como eles eram e não valia a pena

iludir-se.

A única coisa que podia fazer era esperar.

Decerto que a essa hora Sir Philip já

prevenira madame Duprés e ela se pusera em campo para resolver o caso.

Provavelmente o seu advogado português fazia nesse instante

telefonemas e mexia cordelinhos.

Era uma questão de paciência.

Os seus dois parceiros de cela afastaram-se um palmo e abriram

espaço no beliche, convidando-o a sentar-se entre eles.

Kaloust hesitou, receando as verdadeiras intenções por detrás de

tanta generosidade, mas sentiu que uma recusa poderia ser entendida

como uma afronta e, como um menino obediente, acomodou-se no espaço

que lhe era indicado.

O recluso negro começou a fazer-lhe perguntas, mas o arménio

respondeu-lhe

em

francês,

indicando-lhe

assim

que

não

o

compreendia.

O homem não desarmou e, por gestos, deu-lhe a entender que queria

saber por que motivo fora ele detido.

529

"Blá, blá, blá!", retorquiu Kaloust, simulando protestos.

O companheiro de cela riu-se; havia percebido.

O negro apontou então para si próprio e simulou que rabiscava num

papel.

"Ah, escreveste coisas inconvenientes.

"

O negro apontou então para o outro recluso, um português silencioso.

Encostou os dedos à cabeça de Kaloust, simulando uma pistola, e

disse "pam!".

Um assassino.

Horrorizado, o magnata tomou consciência de que o verdadeiro

problema não era partilhar a cela com um negro revolucionário, mas

o facto de se encontrar ali também um homicida.

Estava sentado ao lado de um carnicheiro!

Sem se atrever a voltar a

cara, rodou os olhos e estudou-o de soslaio, cheio de medo,

observando-o sem dar a impressão de o estar a fazer, e apercebeu-se

com surpresa de que ele se mostrava tristonho, de ar perdido e

expressão abatida.

Podia ser um assassino, mas não tinha um ar muito ameaçador.

A espera prolongou-se e a noite caiu,
envolvendo com a sua sombra a cela silenciosa.

O negro adormecera encostado à parede e o assassino
permanecia

calado, decerto a revolver na mente o acto que ali o
trouxera.

Kaloust suspirou pela centésima vez desde que entrara na
cela.

Quando o tirariam daquele inferno?

Porque demónio estavam a levar

tanto tempo? Teria de passar a noite naquele espaço
imundo? Sentia

o ventre apertar e, com horror, percebeu que não tinha
outro

remédio que não fosse usar o penico repugnante.

Às primeiras horas da madrugada sentiu movimento no
corredor para

lá das grades.

Dormitava nessa altura, mas abriu os olhos ensonados e
apercebeu-se

de que o graduado se aproximava da cela.

Escutou o tilintar metálico das

chaves a rodarem na fechadura e, já totalmente desperto, a esperança a sorrir-lhe, viu a porta abrir-se.

"M'sieur", disse o guarda.

"Acompanhe-me.

"

O polícia conduziu-o pelo corredor e indicou-lhe uma porta à direita, um fio de luz horizontal traçado por baixo.

Lá dentro deparou-se com Azevedo

Passarão e madame Duprés sentados junto à parede no que parecia uma sala de espera.

Levantaram-se os dois de pronto, o olhar exprimindo um misto de

alegria, apreensão e expectativa, e

acolheram-no com um abraço aliviado.

"Sente-se bem?", quis ela saber.

"Trataram-no como deve ser?"

"Precisa de alguma coisa?", atirou o advogado quase ao mesmo tempo.

"Se calhar temos de apresentar queixa, este comportamento da

polícia é intolerável!"

Ainda a cair em si, o recluso balançou a cabeça.

"Estou bem.

"

O graduado mantinha a porta aberta e, impacientando-se, fez sinal

ao recluso.

"Faça o favor de me seguir", ordenou.

"O senhor director quer dar-lhe uma palavrinha.

"

Regressaram ao corredor e meteram por uma porta que conduziu ao

átrio, o magnata a imaginar o chorrilho de pedidos de desculpa que

ia ouvir.

Viram um guarda acompanhar um homem de aspecto desleixado e barba

por fazer, decerto outro recluso, antes de chegarem diante do

gabinete do chefe da esquadra.

O guia fez sinal a madame Duprés e Passarão para aguardarem à

entrada e, desviando o olhar para Kaloust, apontou-lhe a porta

entreaberta.

"Entra.

"

Ao cruzar a porta, o recluso deparou-se com um oficial de cabelo

curto e bigode grisalho.

O homem permaneceu sentado 531

atrás

da

secretária

a

escrevinhar

uns

papéis,

ignorando-o

ostensivamente.

Ao fim de um longo minuto, levantou enfim a cabeça e fitou-o com ar

de mestre de escola, como se se preparasse para um ralhete.

"Vossa excelência passou bem a noite?"

A pergunta em francês apanhou Kaloust desprevenido.

"Já conheci melhores alojamentos.

"

O director da PVDE fez um esgar com os lábios rosados.

"Imagino que sim", disse num tom neutro.

"Sabe, o senhor tem sido acolhido neste país com apreço e simpatia.

Mas quer-me parecer que não estive à altura da hospitalidade que

lhe estendemos.

Foi malcriado e descortês com os meus homens e dá-se ares de prima

donna.

Espero que esta noite na nossa companhia o tenha ajudado a perceber

que, por muito dinheiro que tenha, nem tudo está à venda.

" Apontou para a porta.

"É um homem livre.

Pode ir-se embora.

"

O ar na rua soprava fresco e húmido, no fim de contas era noite

cerrada, mas exalava uma pureza que encheu Kaloust de paz.

Que contraste com o cheirete que infestava a cela!
Estacionado na

berma da António Maria Cardoso estava o DeSoto alugado e, encostado

à viatura, o motorista português fumava distraidamente um cigarro.

Ao vê-los aparecer, Estêvão atirou-o para o chão e correu a abrir-lhes as portas.

Os três instalaram-se no automóvel e olharam uns para os outros,

sem saber o que dizer perante as
circunstâncias.

Foi Kaloust quem quebrou o silêncio constrangido.

"Estes Portugueses são totalmente loucos", observou.

"Mas ninguém os pode acusar de não terem tomates.

"

E riu-se.

532

v

A mesa do canto do restaurante, assente sobre um estrado ali

colocado para lhe elevar a posição, tornou-se o poiso habitual de

Kaloust à hora do almoço no Aviz.

Na verdade não era bem a hora do almoço, uma vez que o hóspede do

hotel impusera aos empregados e ao cozinheiro um velho hábito de

vida, o de se sentar à mesa pontualmente às três da tarde para a

refeição.

O mais carismático dos empregados, o oleoso Alberto Rapetti, que

espiava toda a gente e a toda a gente vendia segredos, aproximou-se

com uma bandeja.

"Quer ver o peixe, m'sieur Sarkisian?"

Kaloust pegou na bandeja e aproximou o nariz do exemplar; era um

robalo e ainda cheirava a mar de tão fresco.

Passou as mãos pelo peixe e com um movimento furtivo que escapou à

atenção do empregado fez um pequeno corte no canto da cauda.

Acenou afirmativamente e devolveu a bandeja.

533

"Está bom", confirmou.

"Pode mandar grelhar.

"

Rapetti afastou-se e o magnata arménio recostou-se na cadeira e

passeou os olhos pelo restaurante.

Havia já três anos que Kaloust se instalara no Aviz e certos

hábitos tornaram-se instintivos, como a necessidade de dominar o

espaço em redor.

Nesse princípio de tarde, e como acontecia

todos os dias à mesma hora, aproveitava a posição mais elevada da sua mesa para estudar

os outros fregueses no restaurante.

Não sendo gordo, a cara tornara-se abolachada e o cabelo escasso, o

que conferia um aspecto oval à cabeça e uma certa esfericidade ao

corpo.

Parecia de certo modo um Buda, capaz de permanecer absolutamente

imóvel e sem pestanejar ao longo de vários minutos - à exceção dos

dedos largos e sapudos, que não paravam

quietos e tamborilavam sem cessar.

Já do seu canto no restaurante tinha observado o deposto rei Juan,

de Espanha, com a mulher e os filhos.

O mais velho, Juan Carlos, adorava andar a cavalo e nadar, mas era

sobretudo conhecido por ser um grande traquinas; dele se dizia que

gostava de pregar partidas a toda a gente, embora Kaloust nada

tivesse testemunhado.

Havia ainda os antigos reis Umberto de Itália e Carol da Roménia,

ambos hospedados no mesmo hotel e com quem trocava por vezes

palavras

de

circunstância;

não

lhe

pareceram

pessoas

particularmente interessantes, mas era agradável partilhar o espaço

com gente de tanto pedigree.

Daquele grupo a pessoa que mais lhe despertou a atenção foi a

mulher do rei Carol, a plebeia madame Lupescu, que o casamento

transformara em princesa Helena e cuja visão lhe atiçava a libido.

Também oferecera flores à grande estrela portuguesa, Beatriz Costa,

que fazia tenções de cortejar.

Mas nenhuma mulher lhe interessou tanto como a actriz americana Ava

Gardner, que viera no Clipper e se alojara no Aviz

534

em trânsito para Inglaterra.

Enquanto a mirava, distraía-se a fantasiar sobre se ela aceitaria

ser a sua belle du jour por uma noite.

Se aceitasse, considerara, decerto exigiria uma bela maquia em

troca dos seus favores.

Mas, caramba, devia valer bem a pena!

Será que gritaria no auge?

A curiosidade de Kaloust, porém, incidia sobretudo nas faces

anónimas, embora de aparência abastada, que frequentavam o

estabelecimento.

Sabia que os rostos das figuras que realmente contavam não eram

conhecidos do grande público e sentia um desejo profundo de os

identificar a todos.

Quem sabe se um dia não lhe seriam úteis.

Havia os políticos e os monarcas no exílio, claro, mas o que de

facto importava era quem manietava os que detinham as rédeas do

poder.

Ou seja, quem verdadeiramente mandava eram os homens do dinheiro.

E esses, sabia-se de ciência certa,

passavam obrigatoriamente pelo Aviz.

Nessa tarde, contudo, apenas via dois homens loiros sentados junto

à janela a conversarem em voz baixa, ambos com expressões

conspirativas estampadas na cara; pareciam preocupados, talvez até

algo amedrontados.

Apontou o dedo ao empregado e chamou-o.

"Oui, signore Sarkisian?", disse o homem, solícito.

"Quer que lhe traga já o robalo?"

"com certeza, Rapetti.

" Indicou os dois homens loiros cujos perfis se recortavam diante

do clarão de luz na janela.

"Já agora, quem são aqueles senhores?

Nunca os vi por cá.

"

"Ah, são os senhores Kramer e von Wussow.

"

"Alemães?"

Rapetti baixou a voz.

"Pertencem à antiga Abwehr, agora
assimilada pelas SS.

" Arqueou as sobrancelhas.

"Uns tubarões.

"

"Não têm um ar muito contente..."

535

"E como haveriam de estar contentes, m'sieur' Pois se os
Aliados já

entraram na Alemanha e se há combates nas ruas de
Berlim..."

O empregado retirou-se para ir buscar o prato.

Enquanto aguardava, Kaloust permanecia

totalmente imóvel no seu lugar, como um monge recolhido
em meditação.

Apenas os olhos mexiam, colados à conversa sussurrada
dos dois

alemães.

Imaginou que estivessem a discutir a derrota iminente e a
fazer

planos para fugir.

Iriam para o Brasil ou para a Argentina?

Kaloust já ouvira rumores

de uma fuga em massa de nazis para a América do Sul e já nada o

surpreendia.

Se havia coisa que aprendera, e apesar da excepção que testemunhara

três anos antes numa esquadra portuguesa, era a não subestimar o

poder do dinheiro.

com a fortuna saqueada aos judeus, não faltariam meios àquela gente

para escapar à justiça dos vencedores.

A vida não era justa, já o sabia desde os tempos do Império Otomano.

Como sempre, os responsáveis escapariam e a arraia-miúda ficaria

para pagar a factura.

Rapetti reapareceu com uma bandeja fumegante.

"Voilà, signore Sarkisian!", exclamou o empregado com satisfação,

pousando a bandeja na mesa.

"Eis o seu robalo.

"

Num acto quase reflexo, o magnata olhou para a cauda do peixe e

arregalou as sobrancelhas, chocado.

"Este peixe não é o meu!"

O empregado mostrou-se surpreendido com a observação.

"Asseguro-lhe que é o robalo, signore Sarkisian!"

"Pode ser um robalo, mas não é o meu!"

"com certeza que é.

"

"Não é!"

A firmeza do cliente desconcertou Rapetti.

Estudou o tamanho e o formato do robalo, em busca de quaisquer

536

traços distintivos, e, como nada visse de anormal, levantou os

olhos para o magnata.

"Mas... mas como pode ter a certeza disso, signore Sarkisian?"

Kaloust apontou para a cauda do robalo e cravou os olhos furiosos

em Rapetti.

"Eu fiz uma marca aqui no rabo e este robalo não tem marca

nenhuma!", vociferou, a voz tensa de irritação.

"Os senhores estão a tentar ludibriar-me!

Mostraram-me um peixe

fresco e depois trouxeram-me outro! É um escândalo! É um..."

Rapetti engoliu em seco, visivelmente

embaraçado.

"Deve... deve haver engano", titubeou com manifesta atrapalhão.

"vou ver o que se passa!"

"... abuso! É um embuste!"

Sem dar tempo ao cliente para lhe atirar novos protestos, até

porque o calibre do arménio quando se zangava era espectáculo por

demais conhecido e temido no Aviz, Rapetti pegou na bandeja e saiu

a correr do restaurante, mergulhando na porta que dava acesso à

cozinha.

Sentado no seu lugar, Kaloust fervia de frustração.

A fuga do empregado impedira-o de dizer tudo o que pensava sobre a

aldrabice que lhe tinham querido impingir.

Mas aquilo não ficaria assim, olaré que não! O Rapetti haveria de o

ouvir, o cozinheiro também e o dono do Aviz, o senhor Ruggeroni,

esse então teria de o aturar durante pelo menos meia hora aos

gritos! Ah não! Uma coisa daquelas não passaria em branco! Olha,

olha! Quem pensava aquela gente que ele

era? Não saberiam porventura com quem estavam a lidar?

Pois se não sabiam, depressa

aprenderiam! A ele ninguém o enganava!

Ele, que aprendera todos os

truques no bazar de Constantinopla! Onde já se vira uma coisa...

"Signore Sarkisian! Signore Sarkisian!"

537

O empregado de mesa irrompeu na sala do restaurante, desaustinado e

frenético, e plantou-se diante de Kaloust, os olhos esbugalhados e

o rosto alterado.

"Que se passa, Rapetti?", quis saber.

"Que bicho te mordeu?" Tanto espalhafato só poderia significar que

algo de grave sucedera.

"Não me digas que o meu robalo desapareceu!"

O homem parecia transtornado e apontou insistentemente para a porta

da cozinha, como se uma coisa de

importância transcendente se

passasse para além dela.

"A telefonia! A telefonia! Não ouviu a telefonia?"

"Eu não, Rapetti.

" Fez um gesto a indicar a sua mesa.

"Estou aqui à espera do meu robalo, como sabes.

Que se passa? A telefonia caiu em cima do peixe?"

"Há festa em Londres! Festa da grossa!

Dizem que o Churchill, o

Roosevelt e o Estaline... eles vão todos discursar amanhã à mesma

hora na telefonia!"

"Todos ao mesmo tempo? A que propósito?"

Os olhos de Rapetti ferviam de

arrebatamento.

A excitação era tanta que atraiu até os olhares dos dois alemães,

intrigados com toda aquela perturbação, mas o empregado ignorou-os.

O homem saltitava diante da mesa de Kaloust, irrequieto e nervoso;

parecia um garoto a quem acabara de ser prometido um sorvete.

"A guerra... a guerra...", conseguiu enfim balbuciar.

"Estão a dizer que a guerra acabou!"

A agitação nas ruas de Lisboa era evidente, com uma multidão a

convergir em estado de euforia para a

legação da Grã-Bretanha para celebrar a vitória aliada.

Não se podia dizer que o fim da guerra tivesse sido uma surpresa,

até porque com a batalha de Estalinegrado já começara a tornar-se

evidente que a maré havia mudado, tendência confirmada

538

pelo desembarque na Normandia e na costa italiana, mas isso não

impediu a explosão de alegria no momento em que o termo das

hostilidades na Europa foi formalizado.

Embora profundamente magoado com a atitude tomada pelo governo

britânico de o considerar inimigo quando ele estava em Vichy,

Kaloust assinalou o fim da guerra com um copo de vinho do Porto que

saboreou na companhia de madame

Duprés, de Ivan e dos empregados do Aviz.

O ambiente era festivo, encharcado por um irreprimível sentimento

de alívio.

Ninguém sabia se as coisas voltariam ao que eram antes da guerra,

intuí-a-se até que não, mas decerto daí em diante tudo evoluiria

para melhor.

Pelas quatro da tarde, e como era hábito, Nunuphar apareceu no Aviz

para tomar café com o marido.

Desta vez apeou-se do automóvel com um sorriso rasgado na cara,

evidentemente já a par das notícias.

"Que dia extraordinário!", exclamou ela logo que se sentou à mesa.

"O ambiente no Estoril é de festa, vocês haviam de ver!"

"Aqui também ninguém anda triste",

observou o marido.

Indicou a mesa à janela, que os dois homens da antiga Abwehr tinham

acabado de deixar à pressa.

"com excepção dos alemães, claro.

Devem estar a deitar contas à vida e a ver onde se poderão esconder.

"

As três chávenas de café chegaram na bandeja de Rapetti e foram

distribuídas com um floreado, duas depositadas diante do casal e a

terceira pousada frente a madame Duprés, que permanecera no seu

lugar.

"Acho que está na altura de partirmos para Paris", sentenciou

Nunuphar.

"Estou farta desta parvónia! Aqui não se aprende nada, as boutiques

vendem coisas do século passado e esta mentalidade retrógrada e

bafienta faz-me uma grande

539

confusão!" Bufou como se libertasse anos de tensão acumulada no

corpo.

"Ufa, já era tempo de esta maldita guerra acabar! Estava a ver que

o dia nunca mais chegava!"

"Ah, sem dúvida!", concordou o marido.

"Não há nada como a grande civilização!"

Desde que viera para Portugal que também Kaloust fantasiava amiúde

com o regresso a Paris.

Os seus advogados haviam já resgatado da coroa britânica as acções

da Turkish Petroleum Company que

tinham sido confiscadas no início

do conflito e esforçavam-se por obter compensações pelas vendas de

petróleo decorridas durante a guerra.

Restava-lhe recuperar os seus queridos enfants, os quadros que

tinha espalhado pelas galerias de Inglaterra para fugir às

pilhagens de guerra, e regressar a França para reocupar a bela

mansão na avenue d'Iena.

Será que a passarada no terraço tinha sentido a sua falta?

"Além do mais", acrescentou a mulher,

"temos de ir a Londres ver o

Krikor.

"

Ao ouvir o nome da capital britânica, Kaloust deu um salto na

cadeira e corou de fúria contida.

"A Londres?", questionou num tom indignado.

"Nem pensar! Depois do que aqueles safados me fizeram?"

Nunuphar inclinou a cabeça na direcção do marido e pousou a mão

sobre a dele, para o acalmar.

"Foi a guerra, mon cher.

Agora tudo vai voltar à normalidade, graças a Deus.

"

Mas Kaloust não desarmou.

"A Inglaterra nunca mais!", sentenciou, a veia no pescoço a palpitar de irritação.

"Chamaram-me inimigo, confiscaram-me os bens e eu agora finjo que

não se passou nada!?"

"Foi a guerra, não te enerves.

Agora volta tudo ao normal, fica descansado.

"

540

A mulher tinha uma maneira de falar que o tranquilizava,
pelo que

Kaloust depressa conteve o assomo de irritação.

O casal não se dava bem no convívio permanente do dia-a-
dia, mas

Nunuphar conhecia o marido melhor do que ele se conhecia
a si mesmo

e sabia o tom e as palavras certas para o dominar sempre
que era

preciso.

Em conformidade, pôs-se a planear a

viagem para Paris e a falar sobre o que fariam quando daí a
algumas semanas chegassem à capital

francesa.

Kaloust aproveitou o embalo para

imaginar o seu primeiro jantar no restaurante do Ritz da
place Vendôme e magicar um passeio a

Deauville e uma temporada em Monte Carlo.

Falava com entusiasmo e a cada passo ia acrescentando
uma nova

ideia, uma outra fantasia, um capricho ainda mais
premente.

A certa altura, contudo, apercebeu-se de que madame Duprés

permanecia calada à mesa, vendo-os a falar sem participar na

conversa, uma sombra de certo modo triste no olhar.

A expressão de desalento que se lhe desenhara no rosto intrigou o

magnata.

"Que se passa?", quis saber.

"Porque está com essa cara de caso?

Aconteceu alguma coisa?"

A secretária suspirou.

"Não sei se isso me agrada..."

Kaloust arregalou os olhos, sem perceber a observação.

"O que não lhe agrada?"

"Voltar a França", respondeu ela com uma rispidez surpreendente.

"Ir viver para Paris, ter de andar sempre na moda, estar constantemente preocupada com a toilette, enfrentar o frio, a

chuva, os Invernos sombrios, a antipatia dos parisienses..."

"Mas... o que quer dizer com isso?", admirou-se o arménio.

"Tem de voltar a França, não é verdade?"

541

Ela atirou-lhe um olhar enigmático.

"Tenho?"

"Sim... quer dizer, suponho que sim.

Qual é a alternativa?"

A secretária fez um gesto em redor, exibindo o restaurante do Aviz

e o que estava para além das janelas.

"A alternativa é isto.

"

A observação suscitou pasmo à mesa.

O casal Sarkisian ficou a olhar para

madame Duprés como se nunca a tivesse visto, atónitos os dois com o que ela acabara de dizer,

como se tal possibilidade não passasse na verdade de uma impossibilidade, coisa de loucos, ideia de quem decerto não batia

bem da cabeça.

Nunuphar foi a primeira a reagir.

"Não pode estar a falar a sério!", exclamou, forçando uma risada.

"Quer ficar na parvónia?"

A secretária susteve o olhar zombeteiro.

"Porque não?"

"Porque... porque isto é a parvónia!

Vejamos, não há aqui nada de jeito, isto não passa de uma terra atrasada.

Não percebo esta língua de doidos, peço manteiga e trazem-me um

burro! E a vida social? Apesar da presença de todas estas famílias

reais europeias que se vieram abrigar neste país, Portugal é demasiado pequeno e confinado.

A vida aqui, ma chérie, é um inferno.

Um verdadeiro inferno!"

"Um inferno onde há paz e onde se respira ordem", apressou-se

madame Duprés a acrescentar com uma pitada de sarcasmo a apimentar-lhe a voz.

"Um inferno onde a comida é boa, o clima agradável, as pessoas

simpáticas e o ambiente acolhedor.

Sim, não há dúvida: este inferno é mesmo insuportável!"

O tom ácido da resposta da secretária emudeceu Nunuphar, que,

agastada, se voltou para o marido.

Não estava habituada a ser escarnecida

daquele modo, sobretudo por 542

uma assalariada, e esperava que Kaloust pusesse a secretária na

ordem.

No entanto, surpreendeu-lhe uma

expressão pensativa no rosto, como se o que acabara de escutar da boca da francesa o tivesse deixado a

pensar.

"Está a falar a sério?", perguntou ele por fim à secretária.

"Quer mesmo ficar cá?"

Madame Duprés assentiu com a cabeça.

"Portugal é um país muito agradável", disse ela.

"Estou aqui muito bem e até já aprendi a língua.

Além do mais, interrogo-me sobre o que encontraremos se voltarmos a

França.

Repare, o país foi humilhado, andou a colaborar com o inimigo e

acabou devastado.

Dizem-me que os cortes de energia e de água são constantes em

Paris.

Há falta de bens essenciais e parece-me que será preciso muito

tempo para nos erguermos dos escombros.

O que vou eu fazer para França?"

"Vem trabalhar comigo, como sempre.

"

A secretária encarou o patrão com intensidade; apesar das relações

profissionais, eram já na verdade velhos amigos.

"O que vai o senhor para lá fazer?"

"vou... quer dizer, vou..."

"Vai encontrar tudo feito em cacos e

haverá uma multidão de oportunistas a bater-lhe à porta e a pedir dinheiro para isto e

para aquilo, a exigir a sua colaboração para financiar milhentas

coisas, a propor-lhe os mais variados negócios, a importuná-lo de

todas as maneiras e feitios.

" Inclinou a cabeça para a frente, os olhos sempre cravados nele.

"É mesmo isso que quer?" Fez um gesto a indicar o interior do Aviz.

"A tranquilidade que aqui tem, este clima ameno, a simpatia destas

gentes... deseja assim tanto ver-se livre de tudo isto?"

A firmeza com que madame Duprés

expressou o seu pensamento e os seus desejos colheu Kaloust de surpresa.

Nunca lhe passara pela cabeça a

possibilidade de se fixar em

Portugal.

Tal

543

como acontecia com os monarcas depostos que se encontravam alojados

no Aviz, também ele fizera de Lisboa um porto de abrigo temporário

enquanto a tempestade devastava a Europa.

Mas os primeiros raios de Sol espreitavam sobre o continente e

sempre dera como certo que, quando o momento chegasse, voltaria à

sua velha vida em Paris.

A

secretária,

porém,

raciocinava

de

outra

forma

e

isso

desconcer tou-o.

A hipótese era assombrosa.

Ficar em Lisboa? Porque sim?

E porque não?

"Quer mesmo ficar cá?"

"com certeza.

"

Virou-se para a mulher.

"Que dizes tu a isto?"

"Eu?!", exclamou Nunuphar, quase escandalizada com a dúvida.

"Eu vou para Paris, claro! E quanto mais depressa melhor!"

Semicerrou os olhos, de repente

desconfiada.

"E tu? Não vens?"

Vendo-se interpelado, Kaloust hesitou.

Parecia-lhe evidente que voltaria também a Paris, sempre tivera

essa intenção, mas por alguma estranha razão madame Duprés

plantara-lhe na mente uma hipótese bizarra

e isso impedia-o de ser categórico.

Tinha de pensar, amadurecer as

possibilidades, medir o pulso à

situação, estudar as alternativas, pesar os prós e os contras.

Em suma, precisava de tempo.

"Eu também vou", decidiu.

"com certeza que vou, isso nem se discute.

"

"Ah, bom.

"

A mulher parecia aliviada e de certa forma Kaloust não a queria

decepcionar.

Mas olhando para a sombra que toldara de súbito o rosto de madame

Duprés percebeu que também não desejava apartar-se da sua velha

amiga.

Além do mais, ela tinha razão; com o clima suave, a comida saborosa

e a

544

afabilidade das pessoas, mais o mar e a floresta e o campo a dez

minutos de distância, e ainda as semelhanças com a Constantinopla

da sua infância, parecia-lhe inegável que Lisboa possuía de facto

os seus encantos.

Como poderia ignorá-lo? "vou voltar para Paris", repetiu, desta vez

arrastando as palavras.

"Mas não agora.

"

O silêncio não era necessariamente uma coisa anormal quando Kaloust

se encontrava a sós com a mulher, mas o semblante carregado de

Nunuphar nesse momento constituía sinal seguro de que havia caso.

A mulher pedira-lhe que a levasse de regresso ao Hotel Palácio do

Estoril, mas manteve-se num mutismo absoluto até entrarem na

marginal por alturas de Paço d'Arcos.

"Não acho normal que não queiras vir para Paris", disse por fim,

num tom gélido.

"Não acho nada normal.

"

"Claro que vou para Paris.

"

"Não vais nada.

"

"vou, já te disse.

Porém, acho melhor permanecer aqui mais algum tempo, até porque a

situação em França vai demorar a estabilizar.

Quando tudo voltar ao normal, regressarei.

"

Ela mergulhou de novo no silêncio e manteve-o uns minutos.

Só quando chegaram a Oeiras quebrou o mutismo.

"É tudo por causa dela, não é?"

"Quem?"

Nunuphar virou para ele os olhos furiosos; pareciam chispar relâmpagos.

"Não te faças desentendido!", vociferou.

"Estou a falar daquela mulher!"

"Madame Duprés? O que tem ela?"

"Deixaste-a há bocado fazer pouco de mim e agora... e agora ficas

com ela aqui em Lisboa.

Quero-te lembrar que estás casado comigo, não com essa fulana!"

545

"Estás com ciúmes de madame Duprés?"

Não sejas ridícula.

Não se passa nada com ela.

"

A mulher fitou-o com intensidade, como se o avisasse de que se

mentisse seria apanhado.

"E nunca se passou?"

A pergunta atrapalhou Kaloust.

O marido hesitou, na incerteza sobre o que

deveria dizer sobre o assunto.

"Quer dizer... há muito tempo, ainda não te conhecia", acabou por

confessar.

"Mas tudo isso já lá vai.

"

Nunuphar explodiu de fúria.

Soltou um grito quase selvagem que fez sobressaltar o
chauffeur de

susto, e bateu sucessivamente com a sombrinha em
Kaloust.

"Maldito!", gritou a chorar.

"Maldito sejas por assim me desrespeitares!"

O marido levantou os braços para se proteger.

"Então, Nunuphar? O que é isso?"

A mulher continuava a bater-lhe com a sombrinha.

Não o fazia com força; a violência estava nas lágrimas, na
fúria,

nas palavras, não na sombrinha que espatifava contra
Kaloust.

"vou partir para Paris e tu vais ficar com essa
desavergonhada aqui

em Lisboa! Maldito sejas por me

desgraçares e desonrares!"

"Calma, Nunuphar! Calma!"

Ela largou a sombrinha já esfarrapada e mergulhou a cara nas mãos a

chorar convulsivamente.

"Essa indecente só quer o teu dinheiro, não percebes?" disse num

gemido por entre lágrimas e soluços.

"Ela quer manter-te aqui porque sabe que em Paris te perderá! A

fulana pretende reter-te nesta parvónia porque tem consciência de

que a família nunca a aceitará e que, quando um dia desapareceres,

ficará sem nada! É isso e só isso o que essa desavergonhada tem na

cabeça.

"

546

A mulher mergulhara num pranto

inconsolável, mas ao fim de um par de minutos o choro foi substituído por um soluçar cada vez mais

intervalado.

"Ouve, Nunuphar", disse o marido, vendo-a mais calma e percebendo

que só agora a conseguiria fazer ver a razão.

"Tu conheces-me há muitos anos e sabes que não sou mentiroso.

Nada se passa com madame Duprés para além de uma amizade que conta

já muitos anos.

Mas mesmo que assim não fosse, gostaria de saber se já viste alguém

conseguir manipular-me.

Alguma vez viste isso?"

Nunuphar fungou e abanou a cabeça.

"Não.

"

Kaloust recostou-se no seu assento e

deixou o olhar vadiar pelas ondas que embatiam nas rochas com um fragor que ressoava pela

Marginal; a maresia penetrava pela frincha da janela do seu lado e

enchia o DeSoto de aroma a sal e iodo.

"Admito que madame Duprés me influenciou", disse com solenidade, como se se confessasse na igreja.

"Mas a decisão de ficar cá é minha e só minha.

Tomei-a porque, acredites ou não, gosto de aqui estar.

"

Despediram-se de Nunuphar duas semanas mais tarde na estação do

Rossio, onde ela foi apanhar o comboio para Madrid; dali seguiria

para a fronteira francesa e depois para Paris.

A mulher acenou da janela da composição em movimento, Kaloust e

madame Duprés disseram também adeus e ficaram a ver a composição

rolar sobre os carris no seu ruminar ritmado.

Quando

as

carruagens

serpentearam

pela

curva

e

por

fim

desapareceram ao longe, os dois fizeram meia volta e abandonaram a

plataforma.

"Mais uns meses e se calhar também vou", observou Kaloust.

"Paris será sempre Paris, n'est-ce pás?"

547

Ciente de que os actos eram mais relevantes do que as palavras, a secretária nada respondeu.

Ele ficara em Lisboa, não ficara? Isso parecia-lhe tudo o que realmente interessava.

E, na verdade, Kaloust sentia-se bem com a rotina diária que

estabelecera desde que tinha chegado a Portugal.

Acordava às oito da manhã, submetia-se às massagens de Ivan e fazia

ginástica sueca durante vinte minutos.

Depois do banho ia para a sala tomar o pequeno-almoço.

Era um animal de hábitos, pelo que a primeira refeição do dia se

repetia sem variações: iogurte, vegetais cozidos e compotas, tudo

pesado ao grama para respeitar as suas necessidades nutricionais

diárias, nem mais nem menos.

A seguir lia os jornais e o correio até às dez e meia.

Descansava até ao meio-dia, hora a que se vestia e ia dar um

passeio com Estêvão até ao Parque Eduardo VII ou a Montes Claros,

umas vezes só, outras acompanhado por madame Duprés e sempre com

Ivan para lhe afastar as moscas.

Rodeado pela natureza, e depois de devidamente subornadas as

crianças para manterem o silêncio, sentava-se à sombra de uma

árvore e anotava ideias ou redigia cartas relacionadas com o

negócio do petróleo

ou com as artes.

Na verdade eram as artes que lhe

ocupavam por esta altura a maior parte do tempo.

Mantinha uma legião de "olheiros"

espalhados pela Europa à cata de

oportunidades para aquisição de uma ou outra peça para as suas

várias colecções.

Recebia diariamente de todas as capitais europeias uma mão-cheia de

missivas com propostas e tinha de lhes dar andamento, respondendo

sim ou não, ou, como acontecia muitas vezes, remetendo o assunto

para o parecer técnico de um avaliador em

Londres ou Paris, de modo a assegurar-se da autenticidade e do valor de cada peça.

548

"Verificar, verificar, verificar", repetia com frequência, entoando

assim aquele que se tornara o seu lema.

"Temos de ter a certeza que ninguém nos engana.

"

A distância de Lisboa a Londres e a Paris não lhe era antipática.

Encontrava-se suficientemente afastado para não ser demasiado

importunado, mas adequadamente próximo para dar instruções que o correio aéreo fazia chegar ao destino em apenas um ou dois dias.

A capital portuguesa tornara-se assim um ninho acolhedor, a meio

caminho entre os centros de decisão europeus e a América, um

refúgio confortável a que gradualmente se afeiçoava.

A jornada de Inverno nascera carregada de melancolia; chovia lá

fora e era como se as nuvens despejassem lágrimas de tristeza.

Deixou o olhar vaguear em abandono pela paisagem para além da

janela e contemplou o céu cerrado que sufocava Lisboa, emprenhando

a cidade numa luminosidade de prata sem lustro.

Detestava a sombra e a cor que ela roubava ao dia.

Havia já mais de um ano que a guerra acabara e, como a manhã

insistia em mostrar-se desagradável, cancelara o passeio e mandara

Estêvão à Rua da Prata, onde se situavam os escritórios de Azevedo

Passarão, pedir-lhe que passasse mais cedo pelo hotel.

Quando à hora combinada o advogado chegou, fecharam-se ambos no

quarto do primeiro andar que transformara em escritório e sentaram-se a estudar o assunto que o preocupava naquele momento, a questão

dos mecanismos jurídicos previstos pela lei portuguesa para escapar

aos impostos.

O problema é que só o advogado parecia realmente interessado em

concentrar-se no problema.

com os olhos pousados no exterior e a mente a vaguear por outras

paragens, Kaloust deixou escapar um pensamento que havia algum

tempo lhe aflorava em segredo à mente.

549

"E se eu construísse ou comprasse uma casa aqui em Portugal?",

perguntou em jeito de quem explorava o caminho.

"Isso seria benéfico em termos fiscais?"

O advogado parou de escrevinhar e levantou os olhos, duvidando do

que acabava de escutar.

"Perdão?"

"Quais as vantagens fiscais de se adquirir uma casa em Portugal?"

O jurista português pestanejou, abalado pela importância da pergunta.

Aquelas palavras, tinha perfeita

consciência, representavam um

salto extraordinário na maneira de pensar do seu cliente.

Pela primeira vez ouvia-o cogitar em voz alta na possibilidade de a

sua presença no país se tornar algo mais do que uma mera passagem

episódica.

Uma coisa dessas era inaudita.

"Uma casa?", perguntou Passarão, apalpando o terreno com prudência.

"Está a pensar num negócio de imobiliário?"

"Não.

Estou a referir-me a uma casa para viver.

" Fez um movimento a exhibir o quarto onde se encontravam.

"Não posso passar a vida inteira num hotel, não é verdade?"

O advogado desabotoou o botão da gola da camisa e soltou a gravata,

como se precisasse de ar para respirar.

Não acreditando no que acabara de concluir, reviu mentalmente as

palavras de Kaloust.

Não havia dúvida, o seu cliente estava mesmo a considerar a

possibilidade de se instalar definitivamente em Portugal.

"Em que tipo de casa está a pensar?"

O magnata esboçou um gesto vago com a mão direita.

"Sei lá, um palacete", disse.

"Sabe, Sintra parece-me encantadora.

Noutro dia descobri uma propriedade mesmo no meio da serra, sobre a

vila, uma coisa chamada Quinta da Amizade.

Tem lá uma mansão degradada e poderia reabilitá-la ao estilo das

antigas igrejas arménias.

Seria magnifique, hem?"

550

"Mas para que precisa o senhor de uma casa tão grande?
Porque não

compra uma coisa mais pequena?"

Afogado em melancolia, talvez

influenciado pelo dia triste, Kaloust

exalou um longo suspiro.

"Porque tenho saudades dos meus enfants", disse.

"Está a ver, sou dono de uma das melhores colecções de
arte do

mundo e há já alguns anos que não a vejo.

Não parece normal, não acha? A arte é para ser fruída, não
para ser

esquecida.

"

O advogado recostou-se na sua cadeira e guardou a caneta
no bolso

do casaco, revelando assim a sua

disponibilidade para estudar a

hipótese com mais vagar.

O cliente levantara uma possibilidade que abria horizontes
amplos e

era preciso atenção para os explorar devidamente.

"De facto, não faz sentido essa colecção permanecer tão distante de

si", considerou.

"Porque não a traz para cá?"

"É justamente por isso que ando a pensar em construir um palacete.

" Fitou o interlocutor.

"Que vantagens é que uma coisa dessas me poderia trazer em termos

fiscais?"

Os lábios de Passarão curvaram-se num esgar céptico.

"Em boa verdade, não existe nenhuma vantagem nesse aspecto em

particular", disse.

"Teria de pagar o imposto sobre a propriedade e não estou a ver

maneira de usar isso para obter qualquer tipo de isenção fiscal.

Um imóvel é um imóvel, não é verdade?"

"Não há nada de nada?"

O advogado inspirou fundo e, de pulmões cheios, concentrou-se no

problema.

Como se poderiam extrair vantagens fiscais da construção de um

imóvel? Que soubesse, tal coisa não existia na lei portuguesa.

A não ser que conseguisse convencer o estado a conceder isenções de

impostos ao seu cliente em troca de... de...

de quê? Do petróleo?

Era evidente que Kaloust não transferiria o seu negócio para Portugal.

Que moeda de

551

troca teria então o seu cliente? Bem, havia a colecção de arte.

E se ela viesse para Portugal? Que contrapartidas se poderiam

arrancar do estado português? A ideia iluminou-se nesse instante na

mente de Azevedo Passarão com uma intensidade tal que quase o

encandeou.

Caramba, e porque não?

Fitou o cliente.

"Pode haver maneira.

"

O arménio franziu o sobrolho, na dúvida sobre se deveria ter esperança ou refugiar-se no cepticismo.

"Como?"

"Se o senhor trazer para cá a sua colecção de arte, acho que serei

capaz de convencer o estado português a conceder-lhe regalias

especiais nos impostos.

"

A observação do jurista paralisou Kaloust; surpreendera ali de

repente o gérmen de um conceito.

O arménio tornou-se uma estátua de tão imóvel; como sempre, apenas

os dedos irrequietos se movimentavam enquanto a mente fervilhava de

possibilidades perante os horizontes que inesperadamente se lhe

abriam.

"E se...? E se...?"

Vendo-o transfigurado, Passarão assustou-se.

"M'sieur Sarkisian? Sente-se bem?"

Mas o magnata nem o escutou, tão

mergulhado estava nos seus

pensamentos.

A ideia parecia-lhe demasiado extraordinária para a deixar escapar.

Não era ele que se sentia atormentado com o destino dos seus

queridos quadros? Não pensava ele amiúde no que sucederia aos seus

lindos "enfants" quando um dia já não os pudesse proteger? Não se

questionava ele com frequência sobre qual a instituição mais

adequada para os receber? Se Rockefeller o fizera, se Ford o

fizera... porque não ele? com os olhos em fogo, Kaloust hesitou um

instante, quase com medo de que o seu raciocínio sofresse de falhas

estruturais que não tivesse notado e que tudo fizessem desmoronar.

Mas não,

552

concluiu após uma rápida revisão dos principais pontos.

O esquema encaixava.

Claro que seria preciso lidar com inúmeros pormenores, havia

questões que precisavam de ser

clarificadas e outras negociadas, mas o conceito geral parecia-lhe sólido.

"Sabe como se enquadra este assunto?", perguntou.

"Através de uma instituição.

"

O advogado fez uma careta inquisitiva.

"Que tipo de instituição? Um museu?"

Uma luzinha vadia cintilou no olhar intenso do magnata.

Quanto mais pensava na ideia mais genial ela lhe parecia.

Como diabo era possível que uma coisa daquelas nunca lhe tivesse

ocorrido?

"Uma fundação.

"

553

554

VI

A noite terminara tarde no Aviz, era sempre assim no réveillon, mas

logo pela manhã já não se viam em parte alguma vestígios dos

confetti usados na festa nem das garrafas de champagne esvaziadas

às dezenas, apenas um cartaz sobre a recepção a desejar feliz 1947

aos hóspedes.

Passando pelos empregados que tinham apagado os últimos traços da

folia da passagem de ano, Azevedo Passarão atravessou o átrio e foi dar com o seu cliente a tomar sozinho o pequeno-almoço na mesa do

costume, sobre o estrado montado ao canto do grande restaurante.

"Feliz ano novo!", saudou o advogado ao aproximar-se da mesa.

"Foi boa a festa?"

"Normal", devolveu Kaloust sem grande entusiasmo.

"Aproveito para lhe desejar a maior prosperidade este ano.

"

O recém-chegado puxou de uma cadeira e sentou-se ao lado do

magnata.

Depois lançou um olhar na direcção do empregado e fez um gesto para

atrair a sua atenção.

"Faz favor!", chamou.

"Será que me pode..."

555

"Gosto de tomar as minhas refeições

sozinho", cortou Kaloust.

"Se faz tenções de comer ou de conversar agradecia que tivesse a

fineza de ir para outra mesa.

"

O advogado arregalou os olhos e abriu a boca, surpreendido com a

ordem de despejo.

"Perdão?"

"Espero que não se ofenda.

Um estudo científico revelou há uns anos que comer na companhia de

peças é prejudicial para o processo

digestivo.

Desde

então

que

tomo

as

minhas

refeições

sozinho

e

só

ocasionalmente, e por razões ponderosas, quebro nessa regra.

" Arqueou as sobrancelhas.

"Como sabe, faço questão de bater um velho recorde da minha família

e viver até aos cento e seis anos..."

Azevedo Passarão manteve os olhos incrédulos fixados no seu

cliente.

"Mas... mas em que é que o processo digestivo é prejudicado pela

presença de outras pessoas à mesa? Qual a relação entre as duas

coisas? Não entendo.

"

"É porque as outras pessoas nos obrigam a conversar.

"

"E...?"

O arménio despejou uma colher de cereais sobre o iogurte fresco que

Ivan Ihe havia preparado nessa manhã.

Eram três gramas de cereais, a quantidade exacta que o doutor

Fonseca Ihe tinha dito ser a adequada para as suas necessidades

nutricionais do dia e que o doutor Kemhadjian Ihe havia confirmado

por carta remetida de Paris.

A seguir tomaria trinta e cinco centilitros de sumo de laranja

natural, a quantidade rigorosa que lhe fora receitada pelo médico

para a primeira refeição do dia.

"Engole-se muito ar.

"

Kaloust apareceu no lobby do Aviz logo que terminou o pequeno-almoço.

O advogado conversava com madame

Duprés

556

e, com olhar analítico, avaliou o fato que o cliente trazia vestido.

Era cinzento-escuro, com listas verticais tão acentuadas que pareciam feitas a giz; não tinha o ar discreto de Savile Row, mas a

elegância exuberante da linha francesa.

"Já vi que está trajado a rigor.

" Estendeu o braço e consultou o relógio.

"Pronto para sair?"

Kaloust meteu o chapéu de coco na cabeça.

"Vamos a isso!", disse com energia.

Atirou um olhar de despedida à secretária.

"Então até logo!"

Madame Duprés acompanhou-os até à porta, viu-os entrar no DeSoto e

acenou quando o automóvel arrancou.

Passaram pelo Marquês do Pombal e viraram para o Rato para se

meterem em direcção à Assembleia

Nacional.

Sem conter o nervoso miudinho, o arménio inspeccionou o próprio

fato e sacudiu o que lhe pareceram grãos de pó sobre os ombros;

fazia questão de se apresentar

absolutamente impecável.

"Ele fala inglês?"

O advogado soergueu a sobrancelha.

"Quem? Salazar?" Sacudiu a cabeça.

"Francês.

"

"Fluente?"

"Parece que sim.

" Pousou-lhe a mão sobre o ombro e sorriu.

"Fique descansado, vai correr tudo bem.

"

Os olhos de Kaloust desviaram-se para a escadaria que conduzia ao

grande edifício que aparecera à direita, a Assembleia Nacional.

O carro chegou ao cruzamento e virou à direita, começando a subir a

rua lateral ao grande edifício do parlamento.

"Tem piada", observou o magnata.

"Já vi o czar, o Kaiser e o sultão.

Conheci vários reis ingleses, incluindo o actual, Jorge VI, e diversos presidentes de França.

Sou amigo do anterior xá do Irão, que ajudei a ascender ao trono, e

privei com os homens mais ricos do planeta, incluindo os Nobel

557

e os Rothschild.

" Riu-se de si próprio.

"No entanto, estou nervoso com este encontro.

"

"Porquê?", admirou-se Passarão.

"Não me diga que Salazar o intimida!"

O automóvel imobilizou-se diante do portão e o guarda aproximou-se

da janela do condutor.

Estêvão disse-lhe que os seus passageiros vinham

"apresentar

cumprimentos ao senhor presidente do Conselho pelo novo ano", o

guarda inquiriu os nomes e consultou a lista que lhe havia sido

fornecida nessa manhã; os nomes de Kaloust Sarkisian e Azevedo

Passarão encontravam-se de facto

registados para visita.

Depois de fixar os rostos dos dois homens

que seguiam no banco de trás do DeSoto, deu ordens aos seus homens e os portões abriram-se.

"Sabe o que é?", murmurou Kaloust no momento em que o automóvel

franqueou a entrada e penetrou no recinto do Palácio de São Bento.

"Desta vez não sei que tipo de pessoa vou encontrar.

"

A porta do palacete abriu-se e, para surpresa dos visitantes, não

era o mordomo que os aguardava junto à entrada, mas um homem seco e

austero de fato claro e gravata ultrapassada, inclinado numa

postura falsamente deferente e os olhos pequenos e escuros num

rosto familiar.

Tratava-se do próprio presidente do Conselho.

"Bonjour, m'sieur Sarkisian", saudou Salazar com um sotaque francês

aceitável, estendendo a mão.

"Soyez bienvenu! Agradeço a gentileza da sua visita e aproveito, se

me permite, para lhe desejar um feliz ano novo.

"

Recuperado do espanto momentâneo, não só pela aparição do ditador a

recebê-los à porta como pela sua
desconcertante voz aflautada,
Kaloust apertou-lhe a mão e, de
calcanhares colados, fez uma vénia curta, à maneira
otomana.

558

"O prazer é meu, excelência", disse com solenidade.

"E sou eu quem lhe deseja um bom ano.

Vim aqui para lhe apresentar respeitosos cumprimentos e
sinto-me

superiormente honrado pela fineza de tão amável recepção.

"

O anfitrião convidou os dois recém-chegados a entrarem e
conduziu-

os à sala situada à direita do corredor.

As janelas davam para o jardim do palacete, mas os vidros

permaneciam fechados; fazia frio e no firmamento
amontoavam-se

nuvens escuras a anunciar chuva.

Salazar indicou aos visitantes que se instalassem no sofá,
junto à

lareira apagada; o ar estava tão gelado que

tornava a sala
desagradável.

Encolhido no sofá, Kaloust não resistiu a lançar um olhar inquisitivo à lareira adormecida.

"O senhor presidente do Conselho não tem frio?"

"Não se pode gastar lenha", sentenciou o anfitrião.

"Temos de ser poupadinhos.

" Estudou o seu interlocutor e apercebeu-se de que tremia.

"Por Deus, está enregelado.

Já lhe resolvo isso.

" Virou-se para a porta e esticou o pescoço.

"Ó dona Idalina! Dona Idalina?! Traz aqui umas escalfetas e umas

mantas para estes senhores, se faz favor?"

"Por favor, não se incomode", apressou-se Kaloust a dizer.

"Estou bem, não vale a pena..."

"Não incomoda nada", atalhou o ditador num tom peremptório, como se

o assunto não tivesse discussão.

"Desejam tomar alguma coisa?"

Os dois visitantes entreolharam-se, sem

saber se a resposta correcta seria recusarem ou aceitarem.

"Um

café",

acabaram

ambos

por

dizer,

receando

ferir

susceptibilidades.

A ordem foi transmitida à empregada, que apareceu
entretanto com as

escalfetas e as mantas.

As escalfetas foram pousadas no chão, para os visitantes
nelas

assentarem os

559

pés, e as mantas assentes no regaço.

O

arménio

sentiu-se

ridículo

naquela

figura,

dir-se-ia

um

provinciano de uma aldeia perdida no planalto da Arménia.

Parecia-lhe até que tinha regredido aos tempos de infância e estava

instalado diante do tonir da sua casa em Trebizonda.

"Sabe, sempre tive curiosidade de o conhecer", confessou Salazar, cruzando a perna e encarando o magnata.

"Bem vê, não é costume instalar-se em Portugal o homem mais rico do

mundo, não é verdade?"

Kaloust sorriu mas, no momento em que ia responder, hesitou.

Os seus olhos haviam descido

inadvertidamente para a perna cruzada do ditador e, como um íman que se cola ao magneto inconveniente,

fixaram-se na bota dele.

Tinha a sola rota.

"Pois... uh... enfim, compreendo", titubeou, sacudindo a cabeça e

esforçando-se por retomar a concentração.

"Mas, tanto quanto me apercebi da leitura dos livros de história,

durante uns dois séculos viveram aqui em Lisboa os homens mais

abastados do planeta.

Portanto isto não é propriamente novidade por estas bandas..."

A observação arrancou um leve sorriso dos lábios finos, quase

cruéis, de Salazar.

"Outros tempos!", exclamou com um esgar fingidamente nostálgico.

"Hoje somos uma nação pobre.

" Ergueu o dedo, como se fizesse uma

ressalva.

"Pobre, mas honrada.

Aqui há uns anos os republicanos

deixaram este país numa confusão, falavam em liberdade mas puseram tudo a saque, gastos sumptuosos, a

dívida pública descontrolada, tumultos nas ruas... olhe, um fartar

de vilanagem! Felizmente consegui pôr ordem nisto.

Não foi fácil, digo-lhe já.

Teve de se dar uns valentes safanões a uns senhores que para aí

andavam com ideias de voltar ao

antigamente, mas lá chegámos a bom porto.

E a verdade é que, com pulso forte e vontade férrea,

560

este país dispõe de óptimas condições para se pôr de novo em pé.

Temos um império que cobre a Europa, a África, a Ásia e até a

Oceânia, o que não é coisa de desprezar.

" Mudou o tom de voz, tornando-o mais sombrio.

"O maior problema foram, confesso-lhe, estas guerras terríveis, a

de Espanha e esta que devastou o nosso continente.

" Pressionou os lábios e apontou para cima.

"Graças à Divina Providência, consegui manter a nação à margem do

caos.

"

"Ah, sim!", assentiu Kaloust com fervor.

Tratava-se de um ponto que lhe era caro.

"Dou-lhe os parabéns por isso, excelência!

Transformou Portugal num

porto de abrigo enquanto o mundo era abalado pela tormenta.

Esse papel ninguém lho poderá alguma vez tirar!"

"E não foi só isso! Estancámos o cancro do comunismo que nos

ameaçava de Espanha e, a cereja em cima do bolo, arranjei maneira

de convencer o Franco a não se aliar a Hitler.

" Abriu as mãos a simular uma prece.

"Deus sabe como foi difícil! Oh, se foi! O

homem é um impulsivo dos

demónios, achava que Hitler era imparável e queria a todo o custo

juntar-se a ele, mas depois da derrota

alemã em Estalinegrado lá me deu razão, graças a Deus.

" Sorriu.

"Sabe o que lhe digo? Ele devia erguer-me uma estátua, é o que é!

Se não fosse eu, o Franco tinha-se metido num sarilho dos demónios.

" Recostou-se na sua cadeira, descontraíndo-se.

"Mas já passou! Agora temos de pensar no futuro, não é verdade? com

trabalho, seriedade e fé em Deus, saberemos reerguer-nos e afirmar

de novo o papel de Portugal no mundo.

"

"Não duvido, não duvido.

"

Apercebendo-se de que o olhar do seu interlocutor deslizava intrigante e insistentemente para a sola da sua bota, Salazar

descruzou a perna direita e juntou os pés.

Estava na altura de abordar o tema que de facto lhe interessava.

561

"Não escondo que vejo com muito bons olhos a sua presença no nosso

país", disse, apontando para o interlocutor.

Rodou o indicador no ar, junto à orelha esquerda.

"Até porque me chegaram uns zunzuns de que o senhor estaria a

considerar a possibilidade de trazer para cá as suas colecções.

"

"É uma possibilidade, de facto.

"

"Dizem-me de resto que tem coisas fabulosas.

Uns Rembrandt, uns Rubens, uns

Velázquez, uns Van Dyck, uns Renoir,

uns Monet... que sei eu? Tanta coisa!"

Kaloust forçou um sorriso.

"Assim é, excelência.

Estou, com efeito, na posse de algumas peças de grande valor de que

muito me orgulho e confesso nutrir por elas algumas... como é a

palavra que vocês utilizam aqui em Portugal? Saudades, não é?" Fez um suspiro teatral.

"Voilà, j'ai saudades de mês enfants..."

"Então porque não os manda vir?"

"Oh, tenho pensado muito nisso!",

retorquiu o visitante com uma expressão de comiseração desenhada no rosto.

"Sabe, excelência, mandei a maior parte da minha colecção para

vários museus e galerias em Inglaterra e nos Estados Unidos.

Não queria os meus enfants à mercê dos Alemães em Paris, como deve

compreender.

Uns selvagens, aqueles nazis! Tive até de os subornar para não me

saquearem a casa, veja lá! Agora preciso de decidir o que fazer à

minha colecção.

Devolvo todos os meus enfants ao meu palacete na avenue d'Iena?

Mando-os para a América? Trago-os para aqui?" Abanou a cabeça e

exalou um gemido.

"Ah, a minha indecisão é grande!"

O olhar de Salazar desviou-se para o advogado, que permanecia em

silêncio ao lado do cliente.

"Estou certo de que o seu advogado o poderá ajudar.

O senhor contratou, de resto, um jurista de nomeada.

"

562

"Assim é, excelência.

"

O ditador esboçou um esgar.

"Pena é que o doutor Passarão seja um bocadinho vermelhusco..."

Vendo-se descrito desta maneira, o jurista corou, o rosto apimentado a confirmar inadvertidamente a suspeita cromática que o

ditador sobre ele acabara de lançar.

"Não sei o que quer dizer com isso, senhor

presidente do Conselho", apressou-se o advogado a responder, quebrando o seu mutismo.

"Tenho simpatia pelas democracias ocidentais, é tudo.

"

"Pois era justamente a isso a que me referia", esclareceu o

anfitrião, divertido com a atrapalhação que a sua boutade provocara

no visitante.

"Mas não se apoquente, isso não me incomoda nada.

Até porque os tempos mudaram e vamos

ter umas eleiçõezinhas por cá, como deve ser do seu conhecimento.

Estava apenas a mostrar-lhe que estou a par da sua reputação, nada

mais.

"

Kaloust viu-se na obrigação de intervir.

"Asseguro-lhe, excelência, que o senhor Passarão não tem mostrado a

menor inclinação pelos vermelhos.

"

Salazar fez um gesto com a mão, como se indicasse que passassem

adiante.

"Estou seguro que sim", disse.

"Compreenderá porém que tive de me informar sobre o seu advogado,

até porque ele tem andado a sondar o meu governo sobre o acolhimento que o estado português reservaria à eventual abertura

de uma instituição que albergasse essas suas colecções..."

O arménio anuiu com um leve movimento da cabeça.

"Uma fundação", precisou, aproveitando a mudança de direcção da

conversa para fugir à política.

"Sabe, excelência, essa ideia agrada-me, apesar de não passar de

uma

563

mera possibilidade.

O Rockefeller também abriu uma fundação na América e dizem-me que

ela tem sido excelente.

O mesmo se passa com a Fundação Ford.

Ora, pensei eu com os meus botões, porque não fazer o mesmo? Poderá

ser uma óptima maneira de perpetuar o

legado da minha vida, não é verdade? Não era Hipócrates que dizia que a arte é longa, a vida é

breve? O que acontecerá à minha arte quando a minha vida se

esgotar?"

O ditador massajou o queixo com a palma da mão, numa pose

meditativa, enquanto avaliava a ideia e as suas potencialidades.

"Uma fundação, hem?"

"Estou neste momento a adquirir uma propriedade em Sintra",

acrescentou o magnata.

O rosto contraiu-se-lhe numa careta.

"Mas a verdade é que a casa própria acarreta sempre uma quantidade

de aborrecimentos, como vossa excelência sabe.

São as burocracias, é a questão do pessoal, é o problema da manutenção... enfim, uma maçada.

A propriedade de Sintra será apenas um retiro, porque me parece

mais confortável continuar instalado no Aviz.

Sempre é mais prático e não tenho de me preocupar com nada.

" Respirou fundo.

"Por outro lado, tenho saudades dos meus enfants e gostaria de os

ter junto a mim.

Como ainda não tomei uma decisão

definitiva sobre se ficarei aqui

ou se voltarei a França, não sei ainda o que faça.

"

Vendo a conversa chegar a este ponto, Azevedo Passarão forçou a

tosse para abrir espaço à sua intervenção.

"Bem vê, senhor presidente do Conselho", disse, assumindo pose

profissional.

"Há a questão dos impostos..."

"Que quer dizer com isso?"

"O senhor Sarkisian tem interesse em permanecer no nosso país, no

qual se sente bastante bem, e está até aberto

564

à possibilidade de instituir por cá uma fundação cultural que albergue as suas colecções de arte.

Sucedee, porém, que anda meio mundo atrás do mesmo, como

compreenderá.

" Deixou fugir por momentos o olhar para o cliente, como se buscasse confirmação.

"Eu diria que a questão fiscal poderá ser decisiva.

Considerando a sua apreciável fortuna, o senhor Sarkisian mostra-se

legitimamente preocupado com a

voracidade da máquina fiscal dos

diversos países, sobretudo em períodos tão difíceis como este.

As economias europeias foram devastadas pela guerra e agora todos

se querem apropriar da máxima fatia possível do dinheiro que o

senhor Sarkisian acumulou ao longo de uma vida de trabalho.

"

O arménio revirou os olhos e suspirou.

"Ah, uma arreliação!"

"Há também o problema do imposto sucessório.

No dia em que o senhor Sarkisian... enfim, no dia em que Deus o

chame para a Sua direita, o fisco irá abocanhar uma importante

fatia da herança.

Naturalmente que uma postura de compreensão para com essa

realidade, e quando falo em compreensão estou naturalmente a

referir-me a benefícios e isenções fiscais, poderia ser decisiva

para a opção final do senhor Sarkisian.

" Voltou a desviar os olhos para o cliente.

"Não é verdade, senhor Sarkisian?"

O magnata assentiu, satisfeito por o advogado o ter poupado aos

pormenores menos agradáveis da

conversa.

"É mesmo assim como diz", confirmou.

"De resto, os americanos já me sinalizaram que me dariam isenções

fiscais se eu instalasse por lá a minha fundação, como é normal no

caso destas instituições de filantropia, pelo que gostaria de saber

qual a disposição de Portugal nesta matéria.

Uma atitude de compreensão fiscal mostraria empenho e

565

amizade da parte do estado português para comigo, coisa que, como

deverá vossa excelência compreender, não

desdenharei quando chegar o momento de tomar uma decisão final sobre o destino dos meus bens.

Será sempre a minha mulher quem

encabeçará a instituição,

evidentemente, mas a sua localização permanece em aberto.

"

Salazar voltou a cruzar a perna, exibindo de novo a Kaloust a sola

furada da bota.

"Estou a ver", disse, torcendo os lábios numa expressão meditativa.

"Claro que as nossas Finanças não diriam

que não a um reforço da sua receita, os tempos são difíceis e o estado precisa de dinheiro,

mas..."

O ditador deixou aquele "mas" prolongar-se no tempo e ficar em

suspensão, como obra à espera de ser completada.

Azevedo Passarão conteve a respiração, aguardando a conclusão do

raciocínio, mas a frase permaneceu incompleta.

Salazar parecia saborear o suspense que ele próprio criara.

"Mas... senhor presidente do Conselho..."

Os lábios finos do anfitrião curvaram-se num sorriso ténue.

"Mas... admito que outros valores se levantem.

"

Era isto, embora não apenas isto, que Kaloust e Passarão queriam

ouvir.

A frase fora completada, mas faltava a conclusão lógica.

Qual a consequência do que o seu anfitrião acabara de dizer? Ia ou

não ia facilitar as coisas? Não bastava

insinuar, era preciso concretizar.

A decisão que o magnata tinha de tomar não se compadecia com

promessas vagas ou insinuadas.

"E...?"

O sorriso ténue de Salazar rasgou-se mais e o rosto do ditador

tornou-se franco, caloroso até.

566

"De acordo", anunciou por fim, a decisão tomada.

"Podem contar com as isenções.

"

A reunião com Salazar correra tão bem que, quando o automóvel saía

já do palácio para os levar de volta ao Aviz, Kaloust inclinou-se

para Passarão e mostrou-lhe o seu mais aberto sorriso; parecia uma

criança a sonhar diante da vitrina de uma pastelaria.

"Simpático, hem?"

"Salazar? Sim, também me pareceu.

"

"E viu que ele foi receber-nos e levar-nos à porta?", observou o

arménio.

"Não há muitos ditadores que façam coisas dessas, posso garantir-lhe.

"

"Se o visitante for o homem mais rico do mundo, porque não?"

O magnata fez um gesto impaciente com a mão, desvalorizando a

observação.

"Oh, lá está você!", repreendeu-o.

"Se calhar ele é que tem razão.

O senhor é vermelhusco!"

"Pois, pois.

"

Inclinando-se, Kaloust enquadrou o rosto com o espelho retrovisor

do motorista e certificou-se de que o seu já escasso cabelo estava

bem penteado e a gravata correctamente alinhada.

"Reparou que ele tinha a sola da bota rota?"

A pergunta suscitou um esgar incrédulo do advogado.

"Está a brincar!"

O arménio riu-se.

"A sério! Não sabia que era tão forreta..."

Recostou-se no assento

e deixou o olhar distraído vagabundear pelas fachadas dos edifícios

que corriam paralelas ao carro.

"Justamente o que este país precisa.

"

567

"Hmm..." murmurou Passarão.

"Parece-me que está aí implícita a vontade de ficar por estas

bandas..."

com os olhos ainda perdidos no exterior, o

cliente optou por ignorar a observação; não se queria comprometer.

Tantas vezes quisera já voltar a Paris, prometera a si mesmo que o

faria "na próxima semana", mas fora sempre travado por madame

Duprés e por uma certa familiaridade que desenvolvera com Portugal.

Era como se o país o retivesse com braços invisíveis.

"Sabe, eu e ele temos algumas coisas em comum", disse, voltando a

Salazar.

"Uma mão de ferro para gerir o negócio, por exemplo, e uma profunda

relutância em gastar mal o dinheiro.

"

O advogado olhou-o de soslaio com ar zombeteiro.

"O senhor Sarkisian tem por hábito ir à porta receber as visitas de

sua casa?"

"Bem... não.

"

"Então não são propriamente parecidos, não é verdade?"

O magnata calou-se.

Touché!, pensou.

Mas tal não impedia que partilhasse algumas coisas com Salazar.

Isso fazia-o sentir-se mais à vontade e dava-lhe confiança para

permanecer no país.

Remexeu-se no assento do carro,

subitamente inquieto.

"Tenho de celebrar!"

"O quê? O encontro com Salazar?"

"Não foi apenas o encontro, foi o facto de a conversa ter corrido

tão bem.

Apetece-me uma celebraçãozita.

"

"Se faz questão...", exclamou o advogado, divertido com o entusiasmo do cliente.

"Quando chegarmos ao hotel irei ao bar pedir uma garrafa de

champagne.

"

"Não era bem esse tipo de celebração que eu tinha em mente.

"

"Não? Então o que era?"

568

Contornavam já o Marquês de Pombal e o olhar de Kaloust desviou-se

para a grande estátua plantada no meio da rotunda.

As pombas esvoaçavam em torno da figura do grande estadista que

reconstruíra Lisboa, os pilares melancólicos a pontuarem o ambiente bucólico daquele dia cinzento e frio de Janeiro.

"Eu cá me entendo.

"

|

569

570

VII

O automóvel immobilizou-se na esquina daquele prédio em plena

Avenida da Liberdade e, sem perder tempo, Estêvão saiu para abrir a

porta traseira aos passageiros.

Primeiro apeou-se madame Duprés e, logo atrás dela, Kaloust.

O magnata ergueu os olhos para o edifício Art déco com a porta

plantada exactamente no vértice da esquina e contemplou os néones

entre o topo da entrada e o varandim redondo do primeiro andar a

assinalarem o nome do edifício.

Odéon.

"Qual é a fita?"

A secretária apontou para um cartaz com a pintura de uma femme

fatale vestida de negro cintilante e o cabelo descaído para a frente a tapar-lhe um olho.

Por baixo, o título do filme.

"Gilda", esclareceu ela.

"com Rita Hayworth.

"

"Já começou?"

"Há quinze minutos.

"

571

O arménio assentiu, agradado por chegar tarde; não apreciava

misturar-se com a plebe e o atraso garantia-lhe que quase ninguém

lhe poria os olhos em cima.

Cruzaram a entrada e madame Duprés, que já ali tinha ido nessa

tarde para inspeccionar a sala de espectáculos e adquirir os bilhetes nos lugares mais apropriados, retirou-os da mala e entregou-os ao funcionário que controlava os ingressos.

Um pacote fardado a rigor apareceu de imediato e, com uma pequena

lanterna, conduziu-os ao segundo andar e instalou-os nos seus

assentos, dois lugares dianteiros no balcão lateral suspenso.

A acção do filme ia adiantada e madame Duprés de imediato colou ao

ecrã a sua atenção; já dominava

razoavelmente o português, mas o

facto de o som original ser preservado tornava o esforço

desnecessário.

Kaloust ainda espreitou a imagem e viu Rita Hayworth, vestida num

cetim negro reluzente que lhe dava um ar de gata selvagem, a cantar

Put tbe Blame on Mame com olhares lânguidos atirados a Glenn Ford,

mas depressa se desinteressou e começou a
passear o olhar pelo interior do Odéon.

O frontão do palco mantinha o estilo Art déco do edifício e
do

tecto em madeira caía um lustre de néones.

Não se tinha, contudo, deslocado ali para apreciar a
arquitectura

do local, e muito menos para ver o filme.

A atracção encontrava-se lá em baixo, em plena plateia.

O problema é que a sala estava muito escura e a luz
projectada pelo

grande ecrã mal dava para iluminar o rosto dos
espectadores.

Viu-se por isso forçado a aguardar o intervalo.

Quando as luzes por fim se acenderam colou os binóculos
aos olhos e

esquadrinhou a plateia, fixando a atenção aqui e ali.

com madame Duprés atenta, indicou por fim o que
desejava.

"Aquela de cabelos pelos ombros, aquela dos caracóis e... e
aquela

com o algodão doce.

"

572

No momento em que as luzes se apagaram

de novo a tarefa já estava concluída, pelo que se despediu da secretária, que queria ver o

resto do filme e cujo trabalho só começaria verdadeiramente no

final da película, e abandonou a sala.

Kaloust convergiu para a rua e para a porta aberta do DeSoto, e

minutos mais tarde estava de regresso ao Aviz.

"Voltas agora ao cinema", disse ao motorista quando abandonou o

automóvel.

"Quando o filme acabar, trazes madame

Duprés.

"

Já se sabia que Lisboa não oferecia, em termos de boutiques, as

mesmas opções, em quantidade e

qualidade, que Paris.

Mesmo assim, e recorrendo a modistas a quem entregou modelos

inseridos em exemplares de 1942 da Marie Claire que tinha trazido

de França, madame Duprés lá conseguiu vestir adequadamente a

adolescente portuguesa que acabara por seleccionar no Odéon, não

sem dificuldades.

"Ufa, estas miúdas aqui são umas católicas duras de roer", queixou-se a secretária quando Kaloust a

questionou sobre o êxito da sua

missão.

"As duas primeiras escolhas recusaram terminantemente, mesmo quando

lhes acenei com trinta contos de réis.

"

"E a terceira?"

A secretária soltou um sorriso.

"Ah, essa agarrou a oportunidade.

"

A oportunidade envolvia, além dos vestidos e dos perfumes, lições

de francês e de etiqueta.

Madame Duprés alugou um apartamento no Saldanha, convenientemente

perto do Aviz, e durante várias semanas preparou a sua pupila nos

moldes habituais em que formara as belles du jour em Paris e em

Londres, com o trabalho acrescido de ter de a pôr a falar uma

língua que o seu patrão entendesse.

573

A tarefa foi dada por concluída ao fim de dois meses, já a Primavera sorria sobre Lisboa.

No final de um almoço, e depois de ter passado a manhã no apartamento do Saldanha, a secretária sentou-se ao lado de Kaloust

e deu-lhe a notícia.

"A missão está cumprida", anunciou, como tantas vezes fizera no

passado.

"A rapariga parece-me pronta para o ajudar na sua terapia.

"

O patrão quase ronronou de prazer.

"Excelente! Excelente!", exclamou, esfregando as mãos.

"Acha mesmo que ela se encontra au point?"

"com certeza.

" Fez uma pausa e mudou o tom de voz, como se fizesse uma ressalva.

"Embora o seu domínio do francês deixe ainda algo a desejar, bien

súr.

Não se esqueça de que ainda há dois meses ela não falava uma única

palavra da língua!"

Nada que demovesse o arménio.

A transbordar de entusiasmo e quase incapaz de conter a excitação,

mandou reservar para essa noite uma mesa no Tavares, reputado como

o melhor restaurante da cidade.

A seguir pegou em madame Duprés e foram nessa mesma tarde a uma

ourivesaria da Rua do Ouro, onde, depois de auscultar a opinião da

secretária sobre os gostos da sua pupila, escolheu um colar de

rubis que mandou embrulhar no melhor papel.

"Ah, a minha portuguesinha vai derreter-se toda..."

O magnata chegou ao restaurante vinte minutos antes da hora

marcada, preocupado com assegurar-se de que estava tudo comme il

faut.

Verificou a mesa, situada na zona reservada do restaurante, e

mandou apagar as luzes eléctricas e acender as velas; no fim de

contas era fundamental criar um ambiente acolhedor e íntimo,

adequado à ocasião.

Tinha por hábito comer sozinho, mas dessa vez, em homenagem à sua

portuguesinha, iria abrir uma excepção.

Pedi uma garrafa de vinho

574

francês, um Châteaux Margaux vintage de 1940, e instalou-se no seu

lugar.

Mirou os espelhos que forravam as paredes e certificou-se de que se encontrava apresentável.

Depois pegou no *Lê Monde* que chegara essa tarde e mergulhou na

leitura.

Às oito da noite em ponto apercebeu-se de uma rapariga morena de

vestido lilás aos folhinhos a entrar na sala com os olhos castanhos

caídos e os dedos nervosos a remexerem uns nos outros.

Era uma das moças que vira na plateia, na altura com um ar indigente que traíra a sua condição humilde.

Congratulou-se a si mesmo pela

perspicácia que revelara ao

seleccioná-la; devidamente tratada parecia

ainda mais encantadora, uma verdadeira coquette.

Pousou o jornal e levantou-se de pronto.

com um floreado, puxou uma cadeira e fez sinal à recém-chegada.

"Asseyez-vous, s'il vous plait", disse, convidando-a a acomodar-se.

"Je suis enchanté!"

A moça obedeceu e sentou-se na cadeira.

"Merci.

"

A sua vozinha tímida revelava um sotaque sofrível, natural em quem

apenas aprendera francês nos últimos dois meses.

O mais complicado, sabia Kaloust, era a sua postura; tinha o corpo

tenso e os olhos sempre baixos,

evidentemente constrangida pela

situação.

Estava informado de que madame Duprés ensaiara aquele momento com

ela nas últimas semanas, fazendo

teatrinhos a simular o encontro

com o seu "protector", mas uma coisa eram os ensaios e outra a vida

real.

Teria de ser paciente e conduzir a dança com pé de mestre.

"Contou-me madame Duprés que a menina se chama Odete e tem

dezasseis anos", disse Kaloust.

"Mas não me revelou mais nada porque ela sabe que gosto de

desembrulhar os meus presentes aos bocadinhos.

" Abriu o guardanapo sobre o regaço.

"A menina ainda anda na escola?"

575

A rapariga abanou a cabeça.

"Non.

"

"Mas sabe ler..."

"Oui.

"

"Porque deixou a escola?"

"A minha mãe morreu quando nasci", murmurou num francês hesitante,

apesar de ter ensaiado várias vezes esta resposta com madame

Duprés.

"O meu pai é marinheiro e anda muito tempo no mar, pelo que fiquei

ao cuidado da minha avó.

Fiz a escola até à quarta classe e depois ela pôs-me na modista a

costurar.

É lá que trabalho agora.

"

"E gosta?"

Odete encolheu os ombros.

"Mais ou menos.

" Permaneceu um instante calada e depois acrescentou, como se

tivesse reflectido melhor na questão: "Não me queixo.

"

com um gesto discreto na direcção do empregado, o magnata mandou

servir o jantar.

Uma travessa fumegante foi colocada no meio da mesa e o recheio,

cabrito assado com batatas e cebolas, distribuído pelos pratos dos

dois comensais.

A conversa decorreu em ritmo sincopado, entre garfadas e com

Kaloust a fazer as mais diversas perguntas.

A rapariga respondia quase em monossílabos e era difícil perceber

se isso acontecia por se sentir intimidada ou por não dominar bem o

francês.

Mas quando ele mencionou o cinema onde a avistara e a questionou

sobre os seus gostos, Odete mostrou-se mais loquaz e falou com um

certo entusiasmo sobre Clark Gable, de quem evidentemente era

fervorosa admiradora.

No final do jantar Kaloust estendeu-lhe o presente com uma vénia

curta.

A portuguesa mostrou-se surpreendida

com o gesto e deliciada quando desembulhou a caixa e descobriu

576

o colar de rubis no interior.

O arménio fez questão que ela o pusesse de imediato ao pescoço e o

admirasse nos espelhos embotados nas paredes do Tavares.

"Ah, que bela!", elogiou ele.

"Que princesa!"

O colar pareceu exercer um efeito mágico em Odete, que de um

momento para o outro venceu

parcialmente a timidez e, soltando uma risada juvenil, lhe agradeceu com um beijo na face.

"Merci!"

O DeSoto acolheu-os à porta do

restaurante e, deslizando pelas ruas quase desertas de Lisboa à noite, levou-os para o Aviz.

Usando uma porta de serviço, Kaloust introduziu a sua nova belle du

jour no hotel e encaminhou-a para a suíte que ocupava no primeiro

andar.

A rapariga, que emudecera a meio da

viagem de automóvel, dava sinais de nervosismo.

"Pronto, pronto", sussurrou-lhe ele quando a começou a beijar ao

longo do pescoço.

"Vai correr tudo bem..."

O facto é que madame Duprés a preparara com cuidado para esta

ocasião e, a dado momento, quando Kaloust a começou a despir como

se ela fosse o verdadeiro presente a desembrulhar, o treino tomou

conta de Odete.

Vencendo a repulsa por tocar e ser tocada por um homem que nunca

antes vira, sessenta anos mais velho e ainda por cima longe dos

ares vistosos de um Clark Gable, usou as mãos e a boca e os seios e

todo o corpo para o massajar e acariciar e excitar.

O problema é que não estava a resultar.

A rapariga começou a ficar preocupada e, quase já fazendo da

questão um ponto de honra, renovou esforços para lhe despertar o

vigor.

Vendo que não conseguia, mudou de tática, tentou coisas novas,

recorreu a tudo o que madame Duprés lhe ensinara, e quando isso

também não resultou

577

usou o instinto e a imaginação, tentou e tentou até Kaloust soltar

um derradeiro gemido de frustração e a repelir enfim.

"Não adianta", disse ele com absoluto desalento.

"Tenho setenta e oito anos e não adianta.

"

"Vamos tentar outra vez", implorou ela.

"Outra vez!"

O arménio abanou a cabeça e puxou os lençóis, cobrindo-se até à

cabeça e assumindo a posição fetal, como se assim se protegesse da

terrível realidade que sobre ele desabara.

"Estou acabado.

"

578

VIII

O empregado ziguezagueou entre os convidados com a bandeja

equilibrada na ponta dos dedos, o líquido borbulhante dourado a

balouçar nos copos altos e esguios.

Vendo o homem passar por perto, Kaloust estendeu o braço e apanhou

um copo; estava-lhe mesmo a apetecer um trago de champagne para o

ajudar a passar a hora seguinte.

A vontade de comparecer à recepção na embaixada dos Estados Unidos

não era muita, na verdade os

acontecimentos sociais nunca haviam feito o seu género, mas sabia que tinha muito a ganhar com manter

bons contactos.

Além disso, o embaixador Baruch tornara-se seu amigo e pedira-lhe

pessoalmente que comparecesse.

Como lhe poderia recusar uma coisa tão simples?

Sentiu uma mão agarrar-lhe o cotovelo e virou-se; era o diplomata

americano que o interpelava.

"Mister Sarkisian, tenho uma coisa a dizer-lhe", murmurou Baruch.

"Uma coisa importante.

"

579

Pelo semblante carregado do amigo, o magnata percebeu que não se

tratava de mera conversa de circunstância, típica daquele tipo de

eventos sociais, mas de algo de substância.

Negócios, decerto.

"Que se passa?", perguntou.

"Aconteceu alguma coisa?"

O embaixador pôs o braço sobre os ombros do seu convidado e puxou-o para um canto discreto da sala.

"Presumo que tenha tido conhecimento do

encontro que o meu querido e falecido presidente teve com o rei dos Árabes, um tal Ibn

qualquer-coisa..."

"Está a referir-se a Abdul Aziz bin Abdul Rahman ibn Faisal ai

Saud?", questionou o arménio em tom jocoso, metralhando o nome do

líder árabe sem uma pausa.

"Sim, claro.

Roosevelt e Ibn Saud encontraram-se há três anos a bordo de um

navio americano.

Creio que foi no Grande Lago Amargo, em pleno Canal do Suez, quando

o vosso presidente regressava de lalta.

Estou a par de tudo.

"

"Então está também a par dos nossos desígnios em relação ao

território que esse Ibn... uh... Ibn não-sei-quê controla.

"

"com certeza que estou", disse, de repente muito sério.

O assunto era sensível e tocava num nervo crucial da sua área de

negócio.

"As vossas Texaco e Socal andam para lá a meter o nariz.

Mas, que eu saiba, a conversa de

Roosevelt com Ibn Saud versou

questões políticas, como a emigração judaica para a Palestina.

"

O embaixador Baruch olhou de relance para os lados, certificando-se

de que ninguém os ouvia.

"Houve uma parte confidencial da conversa", revelou tão baixo que quase sussurrava.

"Foi assinado um acordo secreto ao abrigo do qual, e em troca de

protecção e assistência militar dos Estados Unidos, o rei Ibn...

uh... enfim, o rei nos concede acesso seguro a todo o petróleo que

seja

580

encontrado no seu território.

Parece que os nossos prospectores suspeitam que as areias do

deserto da Arábia escondem importantes campos petrolíferos.

A Standard Oil Jersey e a Socony

meteram-se também ao barulho e..."

"Vocês não podem fazer isso!", cortou Kaloust, subitamente irritado.

"O Acordo da Linha Vermelha prevê que uma descoberta petrolífera

dentro

das

fronteiras

do

antigo

Império

Otomano

pertence

obrigatoriamente à Turkish Petroleum Company.

Eu próprio inseri essa cláusula selfdenying nos estatutos da empresa e desenhei essa linha vermelha numa reunião em Ostende.

Não há acordo secreto nenhum, meu caro Baruch, que possa revogar

tal realidade, como estou certo que qualquer tribunal lembrará às

vossas companhias petrolíferas.

"

O diplomata americano calou-se e fitou o seu amigo com uma

expressão comprometida, como se

soubesse alguma coisa que não podia partilhar.

Depois respirou fundo e recuou um passo, preparando-se para

regressar ao convívio com os restantes convidados.

"O presidente da Standard Oil Jersey vem cá a Lisboa na próxima

semana", anunciou de forma críptica.

"Está plenamente mandatado pelo meu governo e só lhe peço uma

coisa, mister Sarkisian.

Receba-o e fale com ele.

"

"Falar com ele? Sobre quê?"

O embaixador Baruch deu uma palmada amigável no ombro do arménio,

encorajando-o a aceitar a sugestão.

"Olhe que é do seu próprio interesse.

"

O encontro decorreu no restaurante do Aviz, hotel onde o americano,

decerto não inocentemente, também se alojara.

Eram três da tarde, hora em que o restaurante ficara já quase

deserto e estavam mais à vontade para falar.

Walter Peagle desceu a grande escadaria e avistou Kaloust no seu

canto

581

tradicional.

O estrado montado para dar altura à mesa rangeu dolorosamente

quando, com os seus mais de cem quilos de peso, o americano o

calcorreou.

"Howdy, mister Sarkisian!", saudou o enorme Peagle, estendendo a

mão sapuda ao pequeno arménio.

"Já não nos víamos desde Ostende, hem?"

Como era seu hábito, Kaloust recusou a mão mas levantou-se e fez

uma vénia.

"Foi em 1928", lembrou com a face inexpressiva.

"Na altura em que, se bem me lembro, assinámos o Acordo da Linha

Vermelha.

"

O presidente da Standard Oil Jersey recolheu a mão que o seu

interlocutor recusara e gemeu no momento em que assentou o volumoso

corpanzil numa cadeira.

Apesar dos modos dominantes, era visível que estava nervoso.

Para se acalmar, acendeu um charuto.

"Ah, há quanto tempo!", suspirou, expirando a primeira nuvem de

fumo aromático de havano.

"Pois olhe, é justamente por causa desse acordo que venho a Lisboa

falar consigo!"

O arménio pestanejou, algo surpreendido com a forma rápida como o

visitante entrara no assunto.

Sabia que os Americanos tinham o hábito de ser directos,
mas aquilo

parecia-lhe um exagero.

O seu treino de negociador estava impregnado das artes
subtis

praticadas no Grande Bazar de

Constantinopla, pelo que os modos rudes de compra e
venda característicos de Wall Street lhe

suscitavam uma certa repulsa.

Que falta de finesse!

"Veio, presumo, pôr à disposição da Turkish Petroleum
Company as

descobertas que a Socai e a Texaco estão a fazer na
Arábia",

disparou num tom sibilino.

Se era para tirar já as luvas, mostraria ao americano que
também

sabia jogar aquele jogo.

"Como não ignora, a Turkish detém a 582

exclusividade dos achados petrolíferos no território do
antigo

Império Otomano, princípio reiterado no nosso
entendimento em

Ostende.

Ora, e que eu saiba, a Arábia pertencia a esse império.

Conseqüentemente, e nos termos do Acordo da Linha Vermelha e da

cláusula self-denying que vocês

subscreveram, a descoberta de

petróleo por um dos membros da Turkish nesse território tem

obrigatoriamente de ser partilhada com os restantes membros.

"

Apanhado em contrapé por este ataque rápido, Peagle soltou uma

risada nervosa.

"Pois, mister Sarkisian, o problema é que...

enfim, o Acordo da

Linha Vermelha já não é válido.

"

Kaloust estreitou as pálpebras.

"Não me diga! Desde quando?"

"Desde que o senhor e a Compagnie Française dês Pétroles foram

declarados inimigos dos Aliados e as vossas acções na Turkish se

viram apreendidas pelo curador britânico.

"

"Lamento desapontá-lo, mas essa questão já está ultrapassada",

apressou-se o arménio a esclarecer.

"O governo de sua majestade reestabeleceu os meus direitos na

Turkish pouco depois de eu vir viver aqui para Lisboa e até já me

concedeu compensações referentes aos negócios ocorridos quando a

minha quota na empresa se encontrava suspensa.

"

"Admito que sim, mas o facto é que, na interpretação dos nossos

consultores jurídicos e do attorney general dos Estados Unidos, a

suspensão das acções, as suas e as dos Franceses, mesmo que

temporária, dissolveu automaticamente o Acordo da Linha Vermelha.

Além do mais, esse acordo viola as leis antitrust dos Estados

Unidos.

" Afinou a voz.

"Ou seja, já não há exclusividade e não somos forçados a partilhar

as nossas descobertas na Arábia com os restantes parceiros da

Turkish Petroleum Company.

"

583

O arménio agitou-se na sua cadeira, assumindo a postura de quem se

preparava para a luta.

"Isso é que era bom!"

Sentindo um tom venenoso na voz do interlocutor, Peagle levantou as

mãos para o acalmar.

"Peço-lhe, mister Sarkisian, que não dificulte as coisas", disse no tom mais razoável que lhe foi possível

usar.

"A América ganhou a guerra.

É natural que se sinta com direito aos despojos, não é verdade?"

"Ora essa!", exclamou Kaloust com um esgar contrariado.

"Se a América quer despojos, que vá aborrecer os Alemães!
Eu é que

não tenho nada a ver com isso! Que eu saiba não estive em guerra

com a América! Então porque me vêm bater à porta?"

"Não estamos a bater unicamente à sua porta.

Lembre-se que a Turkish tem outros accionistas e o senhor só dispõe

de cinco por cento da quota da empresa.

"

"Devo então presumir que já falou com os restantes accionistas?"

O volumoso americano colou o charuto à boca e libertou uma nova

baforada, que se ergueu como neblina violeta.

"A Anglo-Persian e a Royal Dutch Shell asseguraram-nos que não

levantarão obstáculos aos nossos negócios na Arábia.

"

"A troco de nada?"

"Bem... quer dizer, houve umas compensaçõezitas.

"

"Ah.

"

"Compensações que, de resto, estamos dispostos a conceder-lhe

também a si.

"

Kaloust abanou a cabeça.

"Agradeço-lhe, mas não quero", retorquiu com secura.

"A única compensação que me interessa é o respeito pelo Acordo da

Linha Vermelha.

Os senhores são livres de

584ex

plorar a Arábia... desde que me paguem cinco por cento do petróleo

que de lá retirarem, claro.

"

"Está fora de questão.

"

"Então sugiro que, em alternativa, criem uma empresa com os Árabes

e ponham a Turkish Petroleum Company como um dos accionistas.

Isso resolveria o problema.

"

"Já estamos a criar essa empresa.

Vai chamar-se Aramco, mas o rei Ibn Saud não quer britânicos lá

metidos.

" Largou uma nova nuvem de fumo e pareceu olhar para o vazio, como

se reconsiderasse o que havia acabado de dizer.

"E, mesmo que quisesse, não queremos nós.

A Aramco é um projecto americano de interesse estratégico para os

Estados Unidos.

Não vamos abrir mão dele.

"

"Isso significa que vocês ficam com o monopólio da exploração do

petróleo da Arábia", observou o arménio.

"Uma coisa dessas não viola a lei antitrust dos Estados Unidos, com

a qual o senhor estava há pouco tão preocupado? Ou vocês só aplicam

essa lei quando vos convém e esquecem-na no primeiro momento em que

vos dá jeito?"

Apanhado em flagrante contradição, o presidente da Standard Oil

Jersey corou.

"Apenas queremos liberdade e competição.

"

"Então porque só exigem essa competição no Iraque? Porque não a

praticam também na Arábia?" As perguntas eram retóricas e ficaram no ar até ser o próprio Kaloust a responder-lhes.

"Porque não vos interessa, claro.

Essa conversa da competição não passa de um pretexto para

expandirem a produção da Arábia e deliberadamente restringirem a do Iraque.

Isso não aceito!"

"Lembre-se que foi a América que ganhou a guerra, mister

Sarkisian!"

A conversa repetia-se e parecia conduzir a um beco sem saída.

Kaloust pressentia que a lógica do mais forte se impunha, mas não

desarmou.

585

"Notei que não mencionou ainda a Compagnie Française des Pétroles", observou num registo cáustico.

"Devo presumir que não tem ainda o acordo dos Franceses?"

A referência à companhia petrolífera francesa arrancou um suspiro

agastado de Walter Peagle, cujo corpanzil pareceu encher-se de

exasperação.

"Sim, eles estão a resistir", rabujou.

"Os safados não fizeram frente aos Alemães, mas opõem-se aos seus

aliados e esquecem quem os ajudou.

Fuck them!"

A imagem do senador Jean-Marc Hertault a bater o pé aos Americanos

deixou o arménio divertido.

"Está a ver?"

Descontraindo-se de repente, Peagle soltou uma gargalhada sonora e,

com gestos despreocupados, mordeu o havano e libertou mais uma

nuvem aromática.

"Não se iluda, meu caro", exclamou com aparente boa disposição,

como se nada daquilo fosse realmente relevante.

"O presidente Truman está já a apertar o general De Gaulle e a

lembrar-lhe certas realidades da vida.

" Riu-se de novo.

"Fique descansado, a resistência francesa vai desmoronar-se mais

depressa do que a Linha Maginot!"

"Então se assim é, porque veio aqui falar comigo?"

O presidente da Standard Oil Jersey tirou o

charuto da boca e esmagou a ponta no cinzeiro pousado sobre a mesa.

Depois alçou os olhos e, estreitando as pálpebras, fitou o seu

interlocutor como se quisesse dissecá-lo.

"Porque o senhor é, receio bem, de outra estirpe.

"

A visita de Walter Peagle desencadeou um correio frenético entre

Lisboa, Londres e Paris e longas reuniões no Aviz com advogados

vindos expressamente de Inglaterra para

tratar de múltiplas formalidades desencadeadas pelo

processo.

586

Kaloust usava os seus passeios pelo Parque Eduardo VII, por Montes

Claros ou pelo Guincho para escrever longas cartas a Sir Philip

Blake e ao senador Hertault, discutindo ao mais ínfimo pormenor

todos os aspectos jurídicos da questão suscitada pelos Americanos.

Tal como iam, as cartas também vinham.

Eram lidas sofregamente logo que o

carteiro dos CTT as trazia, normalmente por volta da hora do

pequeno-almoço.

O magnata passava a manhã inteira a digerir o seu conteúdo e a

maquinar as respostas, que pouco depois, a meio do passeio, vertia

em texto de carta.

Os acontecimentos precipitaram-se, todavia, ao fim de três meses.

Numa manhã chegou a meio do pequeno-almoço uma nova missiva do

presidente da Compagnie Française dês Pétroles.

Como se tornara seu hábito, Kaloust interrompeu o consumo do

iogurte, pediu licença a madame Duprés, que se sentava a seu lado,

e de imediato rasgou o sobrescrito e leu a folha dactilografada que

vinha no interior.

"C'os demónios!", vociferou quando ia ainda a meio do texto.

"Os Franceses capitularam!"

"Que aconteceu?", quis saber a secretária, imaginando já que os

Alemães tinham voltado a invadir o seu país.

"A França capitulou? Que se passa?"

O arménio sacudiu furiosamente a folha que segurava entre os dedos.

"Foi o De Gaulle!", protestou.

"Apesar das suas fanfarronadas, o maricas baixou as calças perante

os Americanos!" Sacudiu a cabeça.

"Ah, o Peagle tinha razão! Como é possível?!"

Ao perceber do que realmente se tratava, madame Duprés pareceu mais

aliviada; a França estava salva, os boches permaneciam sob a bota

dos Aliados.

587

"Ah, são coisas do petróleo..."

"Claro que é o petróleo!", insistiu Kaloust, frustrado com o que

lera e irritado com a reacção da secretária.

"Os Americanos apertaram com o De Gaulle e ofereceram-lhe um

rebuçado: o aumento da quota de mercado da Turkish.

E o imbecil aceitou! Que parvo! Troca todo o petróleo do deserto da

Arábia por um rebuçado!"

A francesa franziu o sobrolho, entendendo enfim o verdadeiro

alcance das notícias contidas naquela carta.

"Então o senhor ficou sozinho..."

"Pois claro que fiquei!", exclamou Kaloust, esforçando-se por dominar uma explosão de nervos.

"Eu, sozinho, contra a América!"

Fez-se um silêncio súbito à mesa, pasmado e estranhamente solene.

O magnata, percebera madame Duprés, era tudo o que separava a maior

superpotência do planeta de um mar quase inesgotável de petróleo.

Como poderia ele fazer frente a tão incomensurável força?
Como

opor-se a tão descomunais interesses? O

que impediria o elefante

americano de esmagar a minhoca arménia?

"E agora?", perguntou num fio de voz, intimidada já com a desproporção de forças.

"O que vai fazer?"

com um movimento rápido e inesperado, Kaloust desferiu na mesa um

murro de tal modo violento que fez saltar os pratos, tilintar os

talheres e pular os copos, provocando um susto a madame Duprés e

aos vários hóspedes que em redor

tomavam o pequeno-almoço na ilusão de que o Aviz era o hotel mais tranquilo de Lisboa.

"vou para a guerra!"

588

IX

Não foi preciso esperar muito até ser disparado o primeiro tiro.

O processo judicial foi redigido em Londres pela equipa do

escritório de advogados Blake & Hawthorne, sob supervisão directa de Sir Philip Blake, e tinha como alvos as petrolíferas americanas

que criaram a Aramco, acusando-as de violação de direitos legítimos

de concessão e da cláusula self-denying da Turkish Petroleum

Company.

Uma cópia foi remetida a Kaloust, que a leu várias vezes em

pormenor antes de dar a luz verde final.

O documento lembrava que, ao abrigo da concessão dos Otomanos a

Kaloust Sarkisian, antes ainda da Primeira Guerra Mundial, e confirmada em 1928 pelo Acordo da Linha Vermelha assinado em

Ostende, todas as descobertas de petróleo em território que pertencera ao antigo Império Otomano pertenciam contratualmente à

Turkish.

O texto sublinhava que a cláusula selfdenying obrigava os membros

da empresa a partilharem todos os seus achados nesse território com

589

os parceiros que integravam a Turkish, disposição que a Aramco

violara.

"Quero ver o que vão agora os yankees

fazer", rosou o arménio em tom de desafio no momento em que

mandou o telegrama com a ordem

para formalizar o processo.

"Se calhar vão mandar os marines invadir Lisboa!"

O processo deu entrada nos Law Courts de Londres e, como esperado,

desencadeou um vendaval.

Chegavam ao Aviz telegramas sucessivos, endereçados a Kaloust com a

informação de que o governo americano acusava a Turkish Petroleum

Company de comportamento de cartel e a

justificar a anulação do Acordo da Linha Vermelha com as leis antitrust dos Estados Unidos.

"Estes Americanos são uns cómicos", observou Kaloust, pouco

impressionado com a argumentação.

"Criaram a Aramco como um cartel e fingem que a Turkish é que é um

cartel.

" Esmagou o telegrama, transformando-o numa pequena bola disforme.

"Salauás!"

O que Kaloust não esperava foi o que descobriu quando, nos dias

seguintes, abriu os jornais que lhe trouxeram ao quarto e que

tinham sido remetidos pelos seus muitos agentes espalhados pela

Europa e pelos Estados Unidos.

As primeiras páginas estavam repletas de notícias sobre o processo

a decorrer em Londres.

Lê Monde, The Times, Lê Figaro, The New York Times, The Daily

Telegraph... todos davam grande destaque ao embate entre o homem

mais rico do mundo e o país mais

poderoso do planeta.

O attorney general americano, um tal tom Clark, vociferava contra

ele e chamava-lhe "o sinistro poder oculto do mundo da alta finança", enquanto o secretário de Estado, George Marshall, o

acusava de pôr em causa os interesses vitais da América.

Até Hendryk van Tiggelen, que

590

pelos vistos nada esquecera dos velhos rancores, aproveitara para

lhe dar uma alfinetada em nome da Royal Dutch Shell.

"Um acordo é o melhor para todos", aconselhou-o o embaixador Baruch

durante um jantar na embaixada

americana.

"Nem imagina a pressão que recebo de Washington para lhe dar a

volta.

É um horror! Querem a todo o custo que eu resolva esta questão! Eu,

Salazar, o rei Jorge VI, o general De Gaulle, o papa... eu sei lá!"

"Mas qual é o vosso problema?", quis saber Kaloust, agastado com

todo aquele circo.

"O assunto está entregue aos tribunais, não está? Vocês acreditam

que têm razão e eu acredito que tenho razão.

Então vamos ver o que os tribunais decidem.

"

O diplomata respirou fundo e olhou o amigo nos olhos, indeciso

sobre o que poderia ou não dizer a respeito do assunto; tinha

consciência de que qualquer passo em falso em matéria tão delicada

poderia custar-lhe o lugar, mas na sala

estavam apenas a sua mulher e madame Duprés, evidentemente ambas de confiança, pelo que não

resistiu.

"Sabe qual é o problema, meu caro Sarkisian?"

"Elucide-me, por favor.

"

O embaixador inclinou-se sobre a mesa e, com uma expressão

deliberadamente conspirativa, com medo de ser escutado para além da

sala de jantar e desconfiando até da própria sombra, baixou a voz.

"Washington sabe que nos tribunais vai perder.

"

A gota de água que fez transbordar o pequeno copo da paciência de

Kaloust caiu uma semana mais tarde, no momento em que o arménio

descia do seu quarto para dar o habitual passeio de final da manhã.

A meio das escadas

591

deparou-se com o chefe de mesa do restaurante, Rapetti, a interceptar-lhe o caminho.

"Ah, senhor Sarkisian!", exclamou o homem, o alarme a incendiar-lhe

os olhos.

"É melhor não sair hoje!"

A declaração foi tão inesperada que deixou o hóspede atónito.

Kaloust suspendeu a perna entre dois degraus e atirou um olhar

inquisitivo ao empregado.

"Ora essa! Qual é o problema?"

"São os jornalistas, senhor.

Quiseram entrar, mas pusemo-los na rua!"

Revirou os olhos e bufou.

"Ufa! Um inferno, só lhe digo! Nunca vi coisa assim neste hotel!"

A revelação era tão surpreendente que o arménio levou algum tempo a

compreendê-la.

"Que jornalistas?"

O empregado pegou-lhe no braço e puxou-o de volta ao primeiro

andar.

Percorreram o corredor em passo acelerado e só pararam diante de uma pequena janela que dava para a rua.

"Veja ali!"

Kaloust espreitou na direcção indicada e, diante do DeSoto preparado para o levar para o habitual giro até Monsanto, vislumbrou uma pequena multidão.

Os homens estavam concentrados no passeio do outro lado da Avenida

Fontes Pereira de Melo e de início o arménio não percebeu bem de

quem se tratava.

Fixou o grupo com mais atenção e

começou a descortinar câmaras

fotográficas

com

grandes

flashes

redondos

nas

mãos

dos

desconhecidos.

Estudando-lhes os rostos, tomou

consciência de que não se tratava de portugueses, mas de ingleses ou americanos, todos vestidos de

gabardina e chapéu à Humphrey Bogart e de olho na porta do hotel ou

no automóvel de Estêvão.

Tinham ar de matilha à caça.

592

"Meu Deus!", exclamou o magnata, caindo finalmente em si.

"Está aqui a imprensa inteira!"

Durante vários dias Kaloust permaneceu entrincheirado na sua suíte,

com medo até de descer ao restaurante para as refeições; dizia-se

que o átrio, o grande salão e o restaurante estavam infestados de

repórteres estrangeiros.

Se havia coisa que detestava era a publicidade e sempre dissera que

"a melhor coisa que o dinheiro pode comprar é a invisibilidade".

Mas havia claramente sido transposta uma fronteira e a ameaça ao

seu anonimato tornara-se muito real.

com a situação a tornar-se insustentável, Krikor apareceu em Lisboa

com uma carta de Sir Philip Blake.

A missiva dava conta de uma tentativa das petrolíferas americanas

de negociarem uma solução para o conflito

antes de o julgamento começar em Londres.

O seu advogado e velho amigo terminava a carta a solicitar-lhe

instruções.

"O pai tem de perceber que não consegue travar sozinho os Americanos", argumentou Krikor.

"É preciso solucionar este problema de uma vez por todas!"

"A solução é muito simples", retorquiu o velho magnata.

"Eles que cumpram os acordos que assinaram.

"

"Parece evidente que eles não os vão cumprir, pai.

Não é realista.

Ninguém pode esperar que, depois de terem levado o caso até este

ponto, após terem torcido o braço a colossos como a Royal Dutch

Shell, a Anglo-Persian e o De Gaulle, os tipos batam em retirada

diante de um velhote teimoso.

Estamos a falar dos Estados Unidos da América! Veja se compreende:

eles não podem ser assim humilhados por

um septuagenário! É preciso uma solução que lhes salve a face!"

"O que propões tu?"

593

"Aceite um compromisso.

" Arqueou as sobrancelhas.

"Precisamos de resolver isto.

"

Não que a ideia não tivesse já ocorrido a Kaloust.

O multimilionário do Aviz tinha perfeita consciência do imenso

poder do seu antagonista e da impossibilidade de ganhar em toda a linha, sobretudo tendo em atenção o que estava em jogo.

Mas se não podia ter uma vitória completa, porque não uma meia

vitória? Pensou na sua idade e no mar de problemas que se avizinhavam caso persistisse, lembrou-se dos jornalistas apinhados

à porta do hotel, reflectiu na ameaça que pendia sobre o seu tão

estimado anonimato, e sobretudo recorreu ao seu instinto de

negociante de bazar e artista do compromisso.

Ao fim de dois dias a amadurecer o assunto, com o Aviz sempre

cercado pela imprensa internacional, convocou enfim o filho para o

seu quarto e comunicou-lhe a decisão.

"Vais voltar amanhã a Londres com instruções para Sir Philip", anunciou-lhe num tom taciturno.

"Ele que nos arranque um bom acordo, ouviste?"

O filho soltou um longo suspiro; parecia aliviado.

"Ufa!", suspirou.

"Finalmente!"

Mas Kaloust ainda não tinha terminado.

Manteve os olhos cravados em Krikor, para se certificar de que ele

entendia bem a mensagem, e concluiu o raciocínio.

"Os Americanos que paguem... e bem!"

Os escritórios da Blake & Hawthorne deram conta às petrolíferas

americanas da disponibilidade do seu cliente para negociar o fim do

Acordo da Linha Vermelha.

As

conversações,

que

se

iniciaram

uma

semana

mais

tarde,

prolongaram-se por vários meses.

O tom foi amistoso e por vezes as conversas decorriam à hora de

jantar, com

594

Kaloust, sempre desconfiado, a dar instruções para que os seus

representantes

nunca

bebessem

mais

vinho

do

que

os

seus

adversários.

Como garantia adicional envolveu Krikor no processo, transformando-o num pombo-correio entre Londres e

Lisboa; trazia ao Aviz as

propostas dos Americanos e levava para Londres as exigências do

pai, que tinham de ser analisadas e discutidas ao pormenor.

As exigências que eram aceites pelos Americanos tinham de ser

transformadas em texto jurídico e as que não eram aceites voltavam

a Lisboa para serem reiteradas ou reformuladas.

O método revelou-se moroso e as

negociações começaram a arrastar-se penosamente.

O problema é que o processo judicial avançado pelos advogados

britânicos de Kaloust não tinha sido travado e percorria os seus

trâmites normais na justiça britânica.

Esse pormenor foi negligenciado durante algum tempo, mas quando os

Law Courts marcaram enfim uma data para o julgamento soaram as

campainhas de alarme nas sedes das diversas petrolíferas.

"Eles querem que o pai cancele imediatamente o processo", anunciou Krikor na visita seguinte ao Aviz.

"Dizem que não faz sentido estarem a ser processados enquanto

negoceiam uma solução para o problema.

Alegam que é má-fé.

"

O argumento não impressionou Kaloust.

O magnata tomava chá no terraço da sua suíte e não perdeu nem um

segundo a ponderar o ponto de vista dos Americanos.

"Essa gente julga que nasci ontem", devolveu num tom de desprezo.

"O que não faz sentido é suspender o processo enquanto não for

encontrada uma solução.

"

"Seria um gesto de boa-fé da sua parte..."

"Qual boa-fé qual carapuça! O que eles não querem é ver os tribunais a vasculhar-lhes nas contas!"

595

Percebendo que não seria fácil demover um negociador como o pai, na

dúvida até sobre se seria desejável fazê-lo, Krikor sentou-se ao

lado dele e, descontraído-se, pegou no bule para encher também uma

chávena.

"Claro que esse é o problema", reconheceu.

"A primeira sessão está marcada para o próximo mês nos Law Courts e

eles ficaram em pânico quando receberam as notificações.

Se o julgamento começar, as petrolíferas

vão ter de mostrar os seus negócios ao tribunal e a imprensa irá noticiar tudo.

" Soltou uma gargalhada baixa.

"Já viu a coisa? Se as pessoas virem os lucros fabulosos das petrolíferas e os baixos impostos que elas pagam, será um escândalo.

Sobretudo agora, com a Europa reduzida a escombros e com tanta

gente na miséria.

É isso o que verdadeiramente os preocupa.

Um escândalo desses poderá forçar os governos a taxarem pesadamente

a indústria.

Isso eles querem evitar a todo o custo..."

Se havia pessoa que detestava impostos era Kaloust.

O problema, contudo, não parecia

atormentá-lo; sabia que naquele

caso a pressão de evitar o início do julgamento jogava a seu favor.

Manteve por isso o semblante impassível e, com ar absolutamente

despreocupado, bebericou o chá.

"Está tudo nas mãos das petrolíferas",

sentenciou.

"Têm um mês para chegar a acordo comigo.

Os Americanos sabem que a situação se resolve de uma forma simples.

"

"Como?"

"Basta pagarem.

"

Pressionados pela aproximação da data do início do julgamento e

pela intransigência de Kaloust nos pontos cruciais, as petrolíferas

americanas que haviam criado a Aramco renderam-se.

Os seus advogados comunicaram a Sir Philip Blake que aceitavam as

exigências ainda pendentes e solicitaram 596

que fosse marcada o mais urgentemente possível uma reunião para

assinar os contratos, designados Stroke 54.

Era imperativo, insistiram, que tudo estivesse concluído antes da

primeira sessão em tribunal.

Questionado por telegrama sobre quando chegaria a Londres para a

cerimónia de assinatura, Kaloust retorquiu que nunca mais iria a

tal cidade e informou que tinha já reservado uma sala no Hotel Aviz

para a conclusão do negócio.

Esta resposta suscitou alguma confusão em Nova Iorque, pois, e com

excepção de Walter Peagle, ninguém alguma vez tinha ouvido falar

num hotel com tal nome e houve até um executivo da Texaco que

questionou os escritórios de Sir Philip sobre se se estaria a referir a alguma pensão de charme em

Paris, Deauville ou na Cote d'Azur, regiões a que o nome do misterioso multimilionário arménio

aparecia frequentemente associado.

A informação de que o Aviz se localizava em Lisboa, Portugal,

desencadeou a mais viva das

incredulidades.

Os

Americanos

estranharam

a

escolha,

embora

não

tivessem

verdadeiramente objecções a apresentar; iam conhecer uma cidade

nova e, olhando para o mapa, era fácil perceber que o clima devia

ser mais agradável que os de Londres ou Paris.

Os maiores obstáculos foram levantados pelo presidente da Royal

Dutch Shell, o já velho Hendryk van Tiggelen, que considerou

"inaceitável" que o forçassem a atravessar

a Europa "só porque o senhor Sarkisian se dá ares de prima dona e não quer pôr o seu rabo

merdoso em Inglaterra".

Como se tornara habitual, foi Krikor quem se encarregou de dar a má

notícia ao pai.

"O Van Tiggelen disse que não contem com ele para vir a Lisboa",

anunciou na visita seguinte ao Aviz.

A escolha do local parecia-lhe a questão menos importante de todas

e

597

não se coibiu de partilhar a sua opinião.

"Oiça, pai, depois de eles terem cedido tanto em tanta coisa, acho

que pelo menos neste ponto pode ser o senhor a ceder.

Não custa nada e até..."

"Ou se assina o acordo aqui no Aviz ou não se assina", devolveu

Kaloust com ar de quem tinha a decisão final tomada, custasse o que

custasse.

"É pegar ou largar.

"

"Mas, pai, não vê que eles já cederam demasiado?"

O velho carregou as sobrancelhas com uma expressão chocada; dir-se-ia que nunca escutara coisa mais ultrajante.

"Cederam demasiado?", questionou em tom escandalizado.

"Essa

gente

quer

destruir

uma

maravilha

da

arquitetura

empresarial, o Acordo da Linha Vermelha, que tanto trabalho me deu

e tanta arte exigiu! Além disso vão ficar com o exclusivo dos campos petrolíferos de toda a Arábia!

Achas que eles é que cederam

demasiado?" Sacudiu a cabeça.

"A assinatura far-se-á aqui em Lisboa ou não se fará.

Eles que escolham!"

Este tom peremptório era já demasiado conhecido de Krikor, pelo que

optou por não persistir.

Na verdade, porque o faria? O pai é que estava a trautear a

melodia; se os outros queriam a sua colaboração, teriam de dançar

ao seu ritmo.

Desceu à recepção e minutos depois estava a enviar um telegrama

para Londres a indicar a Sir Philip que a assinatura do acordo

Stroke 54 teria mesmo de ser feita no Aviz.

Ainda pensou em alegar que o velho

Sarkisian se sentia demasiado frágil para viajar, mas reconsiderou.

Não, não haveria desculpas.

Tudo seria feito nos termos escolhidos pelo pai.

A azáfama das últimas vinte e quatro horas nos corredores do Aviz

só acalmou quando os membros das várias delegações

598

se instalaram à volta da grande mesa plantada a meio da sala de

estar do hotel.

Walter Peagle viera em representação das petrolíferas americanas

simultaneamente ligadas à Turkish e à Aramco, enquanto o senador

Hertault representava os Franceses e William D'Arcy presidia à

delegação da AngloPersian; cada um deles tinha sentado ao seu lado

ou

atrás

vários

adjuntos

e

advogados,

que

completavam

as

respectivas comitivas.

Instalado ao canto da mesa, e emparedado por dois advogados

britânicos da Blake & Hawthorne, Krikor estudou os rostos enrugados

dos chefes de cada delegação.

Lembrava-se que todos eles haviam estado vinte anos antes em

Ostende para a negociação que culminara

no Acordo da Linha Vermelha; a idade começava a pesar-lhes e um deles, Hertault, já

precisava de uma bengala para caminhar.

Permaneciam contudo nos seus postos; eram os tubarões do negócio do

petróleo e impressionava perceber que, ao fim de tanto tempo, a

indústria continuava nas mãos dos mesmos homens.

O cheiro do dinheiro confirmava-se inebriante.

A única novidade era a presença de um director da Royal Dutch Shell

em vez de Hendryk van Tiggelen, que teimara até ao fim em não se

deslocar a Lisboa.

Um burburinho feito de conversas

murmuradas, tosse e gargalhadas

enchia a sala de estar.

Todos sabiam que o acordo tinha de ser fechado nessa noite, uma vez

que no dia seguinte começaria em Londres o julgamento da acção

intentada por Kaloust, pelo que Peagle, impaciente por resultados e

no seu estilo de cowboy impertinente, inclinou-se para Krikor com o

charuto fumegante preso entre os dentes.

"O seu pai? Quando desce?"

"Não desce", esclareceu Krikor.

"A reunião decorrerá sem ele.

"

599

com uma baforada densa, o americano retirou o havano da boca e

soergueu o sobrolho.

"Não me diga! Está doente?"

"Não.

"

"Então? Que se passa?"

Krikor encolheu os ombros, como se a questão não lhe parecesse

importante.

"Está com falta de paciência para acompanhar a reunião", limitou-se a dizer.

"Quando tivermos o texto, levá-lo-ei para aprovação final.

"

O rosto do presidente da Standard Oil Jersey ficou crispado numa

expressão atónita; não havia dúvida de que o seu adversário arménio

era um homem difícil.

Depressa, porém, recuperou do choque e esforçou-se por mostrar o

seu melhor sorriso; era a primeira vez que alguém não se reunia com

ele por "falta de paciência", justificação que lhe pareceu roçar o

insulto, mas fez questão de não dar parte de fraco e de provar que

a afronta não o incomodava.

Engoliu em seco e, encarando as pessoas sentadas à mesa, bateu com

a base do copo na madeira para chamar a atenção.

Fez-se um silêncio abrupto na sala.

"Meus senhores, penso que está na hora de começarmos a reunião",

começou por dizer.

"Temos de fechar o acordo dos documentos Stroke 54 e proponho que lidemos imediatamente com os dois pontos ainda em aberto.

Penso que o primeiro tem a ver com as datas dos pagamentos dos

royalties do senhor Sarkisian, não é verdade?"

O essencial do acordo estava de facto concluído, após vários meses

de negociações que se intensificaram consideravelmente depois de

marcada a data do julgamento.

O que iam fazer nessa reunião no Aviz era acertar os derradeiros

detalhes e formalizar o entendimento.

A negociação final não

600

ultrapassaria um par de horas,

acreditavam, e Peagle tinha já

reservado a sala de jantar e doze garrafas de Moët et Chandon para

celebrar a ocasião.

Krikor ainda manifestou alguma apreensão quanto à possibilidade de

as coisas se atrasarem, mas o americano nem queria ouvir falar

nessa hipótese.

"Piece of cake!", retorquiu Peagle com um sorriso confiante, o

charuto sempre pregado à boca.

"Fechar este acordo é uma brincadeira de crianças!"

O americano tinha razão.

A conversa nem duas horas chegou a durar e o documento ficou

finalizado antes da hora do chá.

Daria perfeitamente para o grupo recolher aos quartos e dar um

passeio por Lisboa antes de se juntar para o jantar e o champagne

final.

A boa disposição era generalizada, agora que todos se haviam

entendido e se perspectivava mais dinheiro para todas as partes.

Enquanto as restantes delegações se dispersavam, Krikor pegou nos

documentos

dactilografados

e,

conforme

ficara

previamente

combinado, subiu ao primeiro andar para os levar ao pai; era a

derradeira verificação antes da assinatura final.

Como ainda fazia sol, Kaloust instalou-se no terraço da suíte e,

com uma chávena de chá ao lado,

consumiu com minúcia cada palavra, cada frase, cada ideia do texto que tinha nas mãos.

O filho já se sentia saturado daquele

assunto, sobretudo depois da reunião com as petrolíferas para discutir exaustivamente as

entediantes questões técnicas, e preferiu descontraír-se enquanto

folheava uns exemplares da revista Flama; não entendia português,

mas as fotografias distraíam-no.

A revisão do texto do acordo levou meia hora, ao fim da qual

Kaloust realinhou a resma de folhas e a estendeu a Krikor.

601

"Não assino.

"

A declaração colheu o filho de surpresa; num primeiro instante

chegou a julgar que ouvira mal.

"Perdão?"

"Nos termos em que este acordo está redigido, não assino.

"

Foi um choque perceber que tinha ouvido bem à primeira.

Permaneceu um longo momento de boca aberta, sem saber o que dizer,

fitando o pai e incapaz de articular o que lhe ia na cabeça.

Não assinava? Não assinava?!

"Mas... mas... o que está aqui escrito já tinha merecido o seu

acordo!", exclamou por fim, exibindo as folhas dactilografadas como

se fossem a prova do que acabara de dizer.

"Este documento salvaguarda os nossos direitos de aquisição

previstos pelo Acordo da Linha Vermelha e, ainda por cima,

estabelece quotas mais elevadas para a produção no Iraque, o que

implica que vamos ganhar ainda mais dinheiro.

Além disso, concede-nos uma fortuna em compensações e entrega-nos

enormes quantidades de excedentes para além da nossa quota na

Turkish, o que significa que vamos ficar com centenas de milhares

de toneladas de petróleo adicional.

Tudo isto foram exigências suas! Como é que pode agora dizer que...

que..."

"Quero uma garantia de que a minha fatia de petróleo será vendida

nos próximos quinze anos", disse.

"E em dólares, ouviste?"

"Mas só agora é que diz isso?"

Kaloust lançou um gesto na direcção das folhas que o filho segurava

nas mãos.

"A forma como esse texto está redigido permite que eles me passem a

perna e me ponham os barris a que tenho direito à porta de casa",

explicou.

"Nessa eu não caio.

Além do mais, quem me garante que não me farão os pagamentos

em francos, por exemplo?" Abanou a cabeça com a ênfase de quem

tinha a decisão tomada.

"Não.

Quero garantias de venda a quinze anos e tudo pago em dólares.

"

"E se eles não aceitarem?"

A possibilidade suscitou um leve sorriso na face de Kaloust.

Pôs-se em pé e, com ar de quem não fazia tenções de continuar a

falar no mesmo assunto, virou as costas e encaminhou-se para a

suíte.

"Não assino.

"

O único chefe de delegação que se encontrava no hotel era o velho

senador Hertault, demasiado frágil já para dar passeios pela cidade.

William D'Arcy, Walter Peagle e o homem da Royal Dutch Shell que

viera em representação de Van Tiggelen tinham saído, pelo que foi

preciso aguardar a hora do jantar para lhes comunicar a notícia.

"Gentlemen, o meu pai não assina.

"

Sentados à mesa na sala que lhes fora reservada, os magnatas do

petróleo ficaram perplexos com o anúncio.

Passada a surpresa inicial, ergueu-se um clamor, com uns a desfazerem-se em protestos e outros a exigirem explicações.

As vozes cruzavam-se no ar e só quando o vendaval amainou é que

Krikor lhes apresentou as exigências do pai, justificando-as com as

possibilidades abertas no texto para se

torpedear o espírito do acordo.

Os representantes das petrolíferas renovaram os protestos e a

vozeria regressou, tão viva como antes, mas ao fim de algum tempo

acabaram por se conformar com a nova realidade.

"O problema é que a primeira sessão do julgamento começa já

amanhã", constatou Walter Peagle.

"Se as nossas contas chegam aos tribunais, é uma catástrofe.

A imprensa vai estar toda lá e... e... nem quero pensar nisso!"

603

"Então o que fazemos?"

Os homens do petróleo entreolharam-se e perceberam nesse instante

que não tinham alternativa.

"Se é preciso alterar a porcaria deste texto, altere-se!", resignou-se o americano.

"Metam lá as novas exigências! Temos é de pôr fim a isto o mais

depressa possível!"

Os presidentes da Anglo-Persian e da

Compagnie Française dês Pétroles concordaram, mas o representante da Royal Dutch Shell

abanou a cabeça.

"Receio não ter poderes para tal", revelou.

"Terei de remeter o assunto ao meu presidente.

"

O desânimo instalou-se à mesa.

A possibilidade de se falhar um

entendimento naquele dia era

demasiado grave para ser encarada com seriedade, uma vez que

implicaria o início do julgamento nos Law Courts, mas era essa a

situação que enfrentavam.

Walter Peagle parecia exasperado e foi Krikor quem o acalmou quando

sugeriu ao britânico da Shell que entrasse prontamente em contacto

com Van Tiggelen para obter a luz verde.

Sem perder mais tempo, o homem redigiu um longo telegrama a

explicar o problema e entregou-o na recepção com ordens de envio

imediato para Londres.

O ambiente ao jantar foi taciturno, tão

sombrio que apenas se abriu uma garrafa de Moët et Chandon e à mesa só se escutava o tilintar

metálico dos talheres no labor da refeição; ninguém falava e todos

tinham a mente bem longe dali.

O único que quebrou o mutismo geral foi o representante da Royal

Dutch Shell, que se sentiu na obrigação de esclarecer que havia

pedido a Londres a máxima urgência na resposta, garantia que em boa

verdade nem era necessária uma vez que todos sabiam que Hendryk van

Tiggelen não era louco e tinha perfeita consciência do desastre que

seria

604

a primeira sessão do julgamento ir por diante e as contas das

petrolíferas

acabarem

expostas

aos

olhares

indiscretos

dos

repórteres.

Deixaram-se ficar na sala depois da refeição, saboreando um cálice

de vinho do Porto ou um copo de whisky numa atmosfera de recolhimento.

Cruzavam-se no ar algumas conversas em voz baixa e os olhares

ansiosos desciam amiúde para os pulsos ou erguiam-se para o relógio

de parede, como se o simples acto de consultar os ponteiros fosse

suficiente para apressar o processo de

decisão em Londres.

Mas tocou a meia-noite e continuou a não haver notícias.

O desespero começou a instalar-se na sala e o fracasso delineava-se

com certeza inexorável.

Passava já da uma da manhã quando o recepcionista apareceu na sala

com uma bandeja de prata na mão.

"Telegrama para o senhor Thompson.

"

Os olhares convergiram para o pequeno envelope pousado sobre a

bandeja.

Thompson era o representante da Royal Dutch Shell.

A sala pareceu despertar e um burburinho excitado percorreu as

peessoas que nela se acomodavam.

com a ansiedade espelhada no olhar, Thompson dirigiu-se ao

recepcionista e pegou no sobrescrito.

Rasgou-o de um lado e extraiu o

telegrama, que leu com uma

expressão ávida.

Depois girou a cabeça pela sala e, com um gesto eufórico, desferiu

um murro no ar.

"Van Tiggelen concordou!"

As duas secretárias que davam apoio às delegações sentaram-se de

imediatamente a dactilografar o acordo com as novas cláusulas.

Matraqueando as teclas com os dez dedos como se tocassem piano, o

taque-taque-taque ininterrupto a encher o ar como um ronco

prolongado.

Levaram uma hora a passar todo o texto à máquina.

605

Uma vez concluído o trabalho, Krikor correu para o primeiro andar e

entregou o documento ao pai.

Kaloust gastou vinte minutos a reler o texto, dedicando especial

atenção às novas cláusulas.

O filho permaneceu plantado à beira dele, desta feita sem se deixar

distrair pela Flama, procurando ler-lhe no rosto impenetrável

qualquer centelha de luz que revelasse o que ele pensava.

Mas o velho magnata não traiu a sua inclinação a não ser no momento

em que terminou a leitura e lhe devolveu a resma de folhas.

"Aprovado.

"

Emergindo da sua auto-imposta reclusão, Kaloust desceu à sala de

estar e, depois de cumprimentar os presentes, sentou-se à mesa e

assinou por fim os documentos Stroke 54, ladeado pelo filho e por madame Duprés.

Eram três da manhã.

Os representantes das petrolíferas puseram a seguir as suas assinaturas no papel e no fim alguém gritou "hurrah!" e seguiu-se um prolongado aplauso.

"Conseguimos tornar o texto

absolutamente ininteligível", exclamou Peagle com uma risada nervosa.

"Ninguém será capaz de iniciar um processo judicial com base nestes documentos porque não há uma pessoa que seja capaz de entender o

que está aqui escrito!"

Sentindo um alívio generalizado pelo fim daquela maratona, Krikor

percebeu que se impunha uma celebração.

Foi por isso à procura dos empregados para que servissem uma

refeição e as onze garrafas de champagne que haviam sobrado.

"A esta hora, m'sieur?", admirou-se o ensonado recepcionista.

"Já cá não está ninguém! Os empregados foram para casa e não há

ninguém no serviço de restaurante nem no bar.

"

A noite acabou numa cervejaria dos Restauradores que estava aberta

toda a noite.

Não havia caviar nem lagosta, apenas sanduíches de fiambre e queijo

e presunto e chouriço,

606

que devoraram como se de uma refeição no reputado Procope

parisiense se tratasse.

No final, Walter Peagle levantou-se e, convidando os restantes

convivas a imitá-lo, ergueu a sua caneca de cerveja na direcção de

Kaloust.

"A si, mister Sarkisian, as nossas mais sinceras vénias", proclamou

já algo tocado pelo álcool.

"com este acordo, o senhor superou o próprio Rockefeller como o

homem mais rico do século!"

607

608

x

As persianas estavam corridas, bloqueando os raios de Sol que

irradiavam pela manhã.

Desde que cruzara a barreira dos oitenta anos, Kaloust sentia maior

dificuldade em acordar tarde, apesar de o

colchão macio e os lençóis de seda aveludada do Aviz o convidarem a prolongar o sono.

Quantos homens da sua idade se poderiam gabar de dormir bem?

Ouviu um toque suave na porta.

"Quem é?", perguntou, estremunhado.

Sentiu a porta abrir-se com um movimento suave e, içando a cabeça

da almofada, viu o doutor Fernando Fonseca à espreita.

"Posso?"

O olhar surpreendido de Kaloust desviou-se para o relógio na

mesinha-de-cabeceira.

Eram oito da manhã.

"A esta hora, doutor?", estranhou.

"Não tínhamos marcado à uma da tarde?"

609

O médico que todos os dias o visitava no Aviz para o check-up

entrou no quarto e, caminhando quase em bicos de pés, abeirou-se da

cama.

"Venho medir-lhe a tensão.

"

O magnata encarou-o, sem perceber o que se passava.

"Agora?"

"Sim, agora.

Estenda o braço, se faz favor.

"

Kaloust obedeceu, apesar de continuar confuso quanto aos motivos

que ditavam a alteração da rotina.

"Porquê agora? Não podia vir às onze?"

O doutor Fonseca não respondeu.

Mediu-lhe a tensão e depois pegou no estetoscópio e auscultou-lhe o

coração.

Quando se deu por satisfeito, endireitou-se e respirou fundo.

"Parece-me muito bem de saúde", disse.

"Está capaz de receber as notícias.

"

O coração de Kaloust deu um salto.

"O quê? O que se passa?"

Em vez de responder, o médico virou-se para a entrada.

A porta permanecera entreaberta, um hálito de luz a recortar-lhe os

contornos escuros.

"Está pronto.

"

Um vulto entrou no quarto e o magnata levou alguns segundos a

reconhecê-lo à meia-luz.

Era o filho.

"Krikor!", exclamou.

"Que aconteceu?"

O médico afastou-se dois passos e o filho sentou-se na borda da

cama, o rosto fechado, uma expressão pesarosa a pingar-lhe dos

olhos tristes.

"Recebi esta madrugada um telefonema de Paris e receio que as

notícias não sejam boas", murmurou com o queixo trémulo e a voz

embargada pela emoção.

"A mãe... a mãe faleceu.

"

A encenação a que assistira momentos antes, com o médico a medir-lhe a tensão e a auscultá-lo e a entrada do filho com

610

ar consternado tinham servido de aviso.

Kaloust pressentira que algo de grave acontecera, mas não imaginara, ou não quisera imaginar, que se tratava de Nunuphar.

"Mas... mas como?", balbuciou, atarantado.

"Que aconteceu?"

"Ela deu uma recepção ontem à noite e parece que se sentiu

indisposta.

Chamaram o médico e a mãe... enfim, deixou-nos esta madrugada.

"

A primeira reacção foi de absoluta

estupefacção.

Foi como se tivesse levado uma bofetada e a face ficado dormente,

os sentidos embotados e a emoção

suspensa, anestesiada pelo choque.

Mas à medida que ia caindo em si o coração parecia ir-se desfazendo.

Lembrou-se da primeira vez que vira Nunuphar, tão miúda e inocente

na casa dos seus pais em Londres, e do dia do casamento em

Constantinopla, a noiva esplendorosa no seu vestido; reviu a fuga

de ambos pela capital otomana com o filho dentro de um tapete

enrolado, recordou a imagem da mulher a animar as recepções

londrinas

e

parisienses

que

tantos

contactos

lhe

havam

proporcionado no mundo da alta finança, lembrou os conselhos que

ela lhe dera e a protecção quase maternal com que o envolvera nos

momentos mais difíceis.

Teve vergonha.

Vergonha de não lhe ter permanecido fiel, vergonha de não ter sido

o marido de que ela precisava e que merecia, vergonha por não ter

sido mais paciente e carinhoso com a mulher.

E saudade.

Ah, a saudade dos que partem e que ao

partir se tornam tão insuportavelmente imprescindíveis...

Lembrou-se da última vez que a

havia visto, três anos antes, a acenar-lhe em despedida da porta da

mansão da avenue d'Iena.

Nesse verão de 1949, quando completara oitenta anos, Kaloust tinha

regressado a Paris pela primeira vez desde a guerra; ficara uns

meses a matar saudades, mas no

611

Outono as saudades eram já de Portugal pelo que regressara a Lisboa

e ao seu Aviz.

Esmagado pela enormidade da notícia da morte da mulher, Kaloust

sentiu primeiro um nó apertar-lhe a garganta e, quase sem dar por

isso, como se uma onda inesperada o submergisse contra a sua

vontade, as lágrimas a embaciaram-lhe a visão e escorreram-lhe

quentes pela face.

Um gemido longo e profundo cresceu-lhe no peito e derramou-se pelo

corpo inteiro, na vertigem cega de quem se sabia perdido.

Nunca imaginara que a morte de Nunuphar lhe pudesse infligir

semelhante dor.

A verdura melancólica de Sintra tinha o condão de o serenar.

Sabendo-o, e precisando de se reequilibrar, uma semana depois de

ficar viúvo convidou madame Duprés para um passeio pela povoação no

sopé da serra.

O filho deslocara-se a Paris para tratar das formalidades ligadas

ao óbito e o magnata queria reflectir sobre a sua vida e o que

faria para homenagear Nunuphar como ela merecia.

Ao saírem do hotel, perto já do meio-dia, depararam-se com um

alarido no passeio do outro lado da rua, para lá dos portões.

Voltaram para ali o olhar admirado e viram um grupo de pessoas a

acenar.

Parecia que o faziam na sua direcção, mas claro que uma coisa

dessas não podia ser.

Sem saber o que pensar, Kaloust

mergulhou apressadamente no carro e

só se sentiu abrigado quando a secretária se acomodou ao lado dele

e Estêvão fechou a porta.

"Quem é esta gente?"

"Não faço a mínima ideia", devolveu madame Duprés com um trejeito

da boca.

"Nunca os tinha visto por aqui.

"

O motorista, que dera a volta pela traseira do carro e se instalou

no seu lugar ao volante, respondeu sem

olhar para o retrovisor virado para o outro lado, de modo a não ser acusado de espiar o seu

cliente.

"São turistas.

"

A informação espantou o magnata.

"E o que estão aqui a fazer? Vieram ver o Aviz?"

Estêvão sorriu.

"Vieram vê-lo a si, m'sieur Sarkisian.

"

Kaloust arregalou os olhos incrédulos.

"A mim?"

"O senhor tornou-se uma atracção de Lisboa, não sabia?", disse o chauffeur.

"Lembra-se

daquele

processo

com

os

Americanos?

A

imprensa

estrangeira fartou-se de noticiar tudo, como sabe.

Pois desde então que muitos turistas vêm aqui ao Aviz na
esperança

de o ver.

Nunca tinha reparado?"

Tudo aquilo era novidade para Kaloust e madame Duprés, e
não se

podia dizer que fosse agradável.

Ele que sempre lutara pelo anonimato e que dele gozara em
Lisboa

tornara-se uma atracção da cidade?

"Você já viu isto?", atirou para a secretária, a voz indignada.

"Os turistas vêm ver-me ao hotel?! Estará tudo louco?"

O automóvel arrancou, cruzou o portão e passou pela
multidão

sorridente que não parava de acenar.

"Do que estava à espera?", argumentou madame Duprés.

"O senhor é o homem mais rico do mundo!

Uma coisa destas acaba por

ser inevitável, não lhe parece? Sobretudo depois de toda aquela

publicidade por causa do processo... Não

se lembra que a Life o descreveu como o homem mais misterioso do nosso tempo? Uma

afirmação assim atrai as atenções.

"

O arménio abanou a cabeça.

"Ah, não! Isto não posso tolerar!"

613

"Mas o que haveremos de fazer? Quer que chame a polícia para

expulsar os turistas dali?"

"Claro que não, mas assim também não pode ser.

Se é para isto, olhe, mais vale voltar para Paris.

E o mais depressa possível!"

"Oh, não diga disparates.

"

"A sério! Estou a ser tratado como uma atracção de circo, não

percebe? Só falta atirarem-me bananas ou amendoins!"
Sacudiu mais

uma vez a cabeça.

"Não, isto não pode ser! Voltamos para Paris e é já na próxima

semana!"

O caso enervara-o, mas madame Duprés já o conhecia muito bem e, com

uma mistura de palavras doces e postura firme, que a levaram até a

ameaçar mais uma vez abandoná-lo se ele regressasse a França,

acabou por acalmá-lo.

Um cenário desses era para o arménio impensável; depois de ter

perdido a mulher, estava fora de questão perder a secretária.

A verdade é que, dez minutos mais tarde, na altura em que percorriam a marginal para o Estoril, de

onde virariam para a serra, já Kaloust esquecera o incidente dos turistas.

Madame Duprés distraíra-o com a visão do mar, do forte do Bugio no

horizonte azul e do areal dourado da praia de Carcavelos.

Quando daí a pouco mergulharam na floresta e chegaram a Sintra, o

velho arménio tinha a mente de novo ocupada pelo assunto que nos

últimos tempos verdadeiramente o

preocupava.

Os planos para o funeral de Nunuphar.

O magnata tomara a decisão de erguer um monumento grandioso em

memória da mulher.

Não sabia o quê, mas algo faria.

Escolheria o melhor arquitecto, se fosse preciso contrataria

Picasso para fazer uma escultura, encomendaria um requiem ao

próprio Sibelius, erigiria uma obra de arte 614

inesquecível em nome da mulher.

Tinha de arranjar maneira de se livrar do terrível sentimento de

culpa que lhe apunhalava a consciência.

"Sempre lhe fui fiel", murmurou com um copo de vinho de Colares na

mão.

"Sempre, sempre.

"

Foi no instante em que contemplavam a floresta para além do palácio

real de Sintra, talvez inspirado pelo ambiente bucólico que o inclinava para a nostalgia, que decidiu abordar o que lhe ia na

cabeça.

"Como disse?"

"Sabe muito bem que essas raparigas todas que tive não passaram de

terapia, não sabe?" Pousou a mão no peito.

"O que interessa é a fidelidade do coração e, a esse respeito, o

meu nunca teve dúvidas.

"

Ao perceber que o patrão se referia à mulher, a secretária hesitou,

roída de vontade de replicar.

A prudência, todavia, acabou por se impor.

"Eu sei", condescendeu.

"Eu sei.

"

O olhar de Kaloust manteve-se perdido num ponto indefinido da

floresta de pinheiros e carvalhos, mergulhando na natureza que

subia pela encosta fronteira ao palácio, os lábios molhados pelo

néctar vigoroso do vinho, uma expressão sonhadora a serenar-lhe o

rosto.

"Sabe o que vou fazer?", perguntou com voz sonhadora.

"Embalsamá-la!"

"Desculpe?"

"vou embalsamar a Nunuphar para que o seu corpo não se corrompa",

disse, o tom a agitar-se com súbito fervor.

"E vou construir-lhe o maior dos mausoléus, com mármore de Ferrara e decorações a ouro e estátuas

encomendadas aos melhores artistas.

" Esboçou com as mãos um gesto grandiloquente.

"Uma coisa em grande, um monumento onde, mais

615

tarde, eu também possa ser sepultado.

Será a nossa morada final e ficaremos aí juntos para sempre.

"

"Onde planeia fazer uma coisa dessas?"

O magnata desviou a atenção da floresta e, bebericando o Colares,

fitou madame Duprés.

"Talvez aqui em Sintra", disse.

"Já viu como Sintra é bonita?" Fez um gesto a indicar a floresta

diante deles.

"Notou esta variedade de verdes? É única no mundo.

Que melhor palco para o nosso mausoléu?"

A secretária contemplou a orgia de verdes que a neblina azulada de

Sintra tornava sombrios.

O manto cerrado de nuvens rasgou-se nesse instante e um feixe de

luz desceu para iluminar a floresta, acendendo a tonalidade das

folhas.

Era de facto um cenário de apertar o coração, impregnado de uma

melancolia bela a que o sol inesperado emprestava um brilho alegre.

"É... é extraordinário", concordou.

"O problema é que tenho a impressão de que a sua mulher não

escolheria Sintra para derradeiro poiso.

"

Kaloust assentiu com um movimento suave da cabeça.

"Tem razão", admitiu.

"Mas não me importo de erguer o mausoléu em Paris, por exemplo.

Ficaríamos no Père Lachaise, ao lado do túmulo de Oscar Wilde, ou

de Balzac, ou de Chopin.

Ou então na Arménia.

"

"Afiml em que ficamos? Sintra, Paris ou Arménia?"

Indeciso, o velho arménio mirou a floresta uma última vez e, engolindo o resto do vinho de um só trago, virou-se para regressar

ao carro e encolheu os ombros.

"Sei lá, tenho de pensar nisso.

"

O filho sentou-se com um suspiro na cadeira à beira da janela, o

rosto iluminado pelo sol que banhava o terraço.

616

Acabava de regressar a Lisboa depois de uma semana de ausência e

parecia estranhamente taciturno.

Aquela postura reservada não incomodou Kaloust, que atribuiu o

mutismo ao luto pela mãe.

Como Krikor não falava, o velho magnata preencheu o silêncio com as

suas próprias palavras.

Explicou-lhe os projectos que tinha em mente e disse que começara

já a seleccionar os arquitectos que se poderiam encarregar da obra.

A principal dúvida dizia respeito ao local onde o mausoléu seria

erguido, pelo que lhe pediu opinião.

"Sintra, Paris ou Arménia?"

Krikor começou por manifestar a maior das relutâncias em abordar o

assunto, era evidente que sentia grande desconforto com o tema da

morte e do funeral da mãe, mas a

insistência do pai fê-lo perceber que não havia modo de o evitar.

"Nice.

"

A forma lacónica e ao mesmo tempo final como respondeu à questão,

dando a impressão de que queria evitar o tema mas a decisão estava

tomada, suscitou estranheza a Kaloust.

"Nice?", admirou-se.

"Porquê Nice?"

"Foi a vontade da mãe.

"

"Como sabes isso? Falaste com ela, porventura?"

O filho emudeceu.

Como bom fisionomista, o magnata percebeu com espanto que acabava

de tocar num qualquer ponto sensível.

Estava fora de questão não esclarecer o assunto.

"A que propósito vem Nice para a conversa?", insistiu.

O filho permaneceu calado.

"Como sabes que a mãe queria ser enterrada lá? Fala, rapaz!"

Nesse ano de 1952 Krikor já não era nenhum rapaz, mas um homem de

cinquenta e seis anos que se agastava quando ouvia o pai tratá-lo

como se não passasse de um garoto.

617

Sentiu aquele "rapaz" como um insulto e, tomado por um impulso

irresistível, não se conteve.

"Sei porque foi o que ela deixou escrito numa carta!"

As sobrancelhas de Kaloust altearam-se de espanto.

"Uma carta? Ela deixou uma carta?"

"Deixou", anuiu o filho, já arrependido do que acabara de revelar.

"Escreveu que queria ser enterrada em Nice, na campa ao lado do irmão.

E pediu que fosse construída uma escola para os órfãos da Arménia.

"

O velho Sarkisian estava embasbacado com a novidade.

"Onde está essa carta?"

"Tenho-a guardada.

"

"Mostra-ma.

Quero lê-la.

"

O filho abanou negativamente a cabeça.

"Não posso.

Ela pediu expressamente que o pai não a lesse.

"

O olhar de Kaloust endureceu, os lábios contraíram-se e as suas

pupilas dilatadas pareceram chispar fogo.

"Mostra-me a carta!"

"Não posso, já lhe disse.

A mãe escreveu lá coisas desagradáveis sobre si.

Além do mais, foi muito clara a respeito de

o pai não poder ler a carta.

"

O magnata ergueu-se num salto, o corpo hirto, as mãos a tremerem de

fúria, a face enrubescida pela dor que se transformara em cólera.

Uma coisa daquelas era uma afronta, não a podia tolerar.

"Mostra-ma!"

Krikor recuou um passo, perturbado com a emoção que via crescer no

pai.

"Não vê que não posso?", perguntou, quase numa súplica.

"Seria uma traição violar as últimas vontades da mãe!"

Baixou a

cabeça.

"Isso não farei.

"

618

"Farás porque to ordeno!"

"Nunca.

Seja qual for o preço.

"

Fez-se um silêncio pesado na suíte do Aviz, feito de cólera e tensão, pai e filho de olhar preso um no outro, ferro contra ferro,

um duelo de vontades, o orgulho a enfrentar o dever, o amor

dividido pela honra.

"Mesmo que o preço seja deserdar-te?"

A pergunta foi formulada em voz baixa, quase num sopro, em

flagrante contraponto com a gritaria ocorrida ainda momentos antes.

A suavidade contida das palavras escondia um aviso velado, prenhe

de insinuações, uma ameaça, na verdade.

De olhos perdidos numa tristeza lassa, desapontado por terem

chegado àquele ponto mas incapaz de ceder ao compromisso e sentindo

que teria de levar a sua intransigência até ao amargo fim, Krikor

balançou afirmativamente a cabeça.

"Sim.

"

com um longo suspiro, Kaloust afastou-se dois passos e, com os

gestos lentos mas deliberados de quem toma uma decisão difícil e

faz uma escolha que sabe o irá destruir a si próprio, voltou-se

para o filho com um olhar de gelo e apontou para a porta do quarto.

"Vai", ordenou.

"Vai e não voltes.

"

A morte pareceu envolver Kaloust sob o seu manto denso e sombrio; o

velho arménio não a via, mas sentia-lhe o fedor a podre e percebia

que ela já o rondava, como um abutre a farejar putrefacção.

Dava sinais de se aproximar

inexoravelmente, o que se confirmou semanas depois da ruptura com Krikor.

"Chegou um telegrama de Londres", anunciou madame Duprés quando

apareceu pelas três e meia da tarde para lhe fazer companhia para o

café.

"É da Blake & Hawthorne.

"

619

Como se tratava do seu escritório de advogados em Londres, Kaloust

pensou que havia novidades relativas a

qualquer processo de aquisição de uma obra de arte.

Mas as notícias eram de outra natureza.

Sir Philip Blake, informava o telegrama, falecera na véspera e a

família e o escritório tinham muita honra em que um dos seus mais

prestigiados clientes e amigos estivesse presente nas cerimónias

fúnebres, marcadas para a Abadia de Westminster.

O magnata ficou em Lisboa.

Isso não o impediu de se deslocar à igreja do Mosteiro dos Jerónimos à hora em que decorriam as exéquias em Londres e de

acender uma vela em memória do seu velho amigo.

Apesar de se encontrar num santuário católico, ajoelhou-se diante

do altar e rezou em arménio.

Quando nessa tarde regressou ao Aviz deparou-se com a bandeira a

meia haste e grande agitação no átrio.

Viu o proprietário do hotel de faixa preta no braço a distribuir

ordens pelos empregados e interpelou-o sobre o motivo daqueles

procedimentos.

"Então não ouviu a telefonia?", admirou-se o senhor Ruggeroni.

"Morreu sua majestade.

"

"Quem? Salazar?"

O dono do Aviz pestanejou, surpreendido com o raciocínio do

hóspede.

"Por Deus, não!", exclamou.

"O rei Jorge VI.

"

No mês seguinte foi de Paris que chegou outro telegrama com mais

uma facada.

Desta feita fora Jean-Marc Hertault que falecera.

Tinha-o visto pela última vez alguns anos antes no hotel, quando da

assinatura dos documentos Stroke

54, e lembrava-se que já na altura o velho senador não lhe parecera

muito bem, o corpo curvado sobre uma bengala e o rosto pálido a

trair a degeneração irreversível.

6

Que diabo estava a acontecer? Chegara a uma idade em que, para onde

se virasse, apenas via a morte.

Onde iria aquilo acabar? Num punhado de meses tinham sido Nunuphar,

Sir Philip e o senador Hertault.

Além disso romperá com o filho e uma ruptura dessa magnitude

constituía também uma espécie de morte.

Eram demasiados golpes em tão pouco tempo.

A dúvida começou a persegui-lo e o medo a assombrá-lo.

De onde viria a facada seguinte?

A força vital que o mantinha activo pareceu esvair-se como um

encantamento que se quebra e a sua saúde deu os primeiros sinais de

se deteriorar.

O corpo perdeu energia e tinha a

impressão de que as mensagens de

Ivan já não produziam grande efeito.

Uma fadiga generalizada apossou-se de si e as costas começaram a

doer-lhe, obrigando-o a curvar-se ligeiramente para caminhar.

O doutor Fonseca prescreveu-lhe uns medicamentos para atenuar os

problemas,

mas

não

havia

remédios

que

solucionassem

o

envelhecimento.

A ginástica sueca, um hábito de toda a vida, transformou-se num

conjunto de movimentos simbólicos,

levados a cabo mais por teimosia do que por convicção, e o mesmo se passou com os constitucionais no

Parque Eduardo VII e em Monsanto, reduzidos a uns passeios de cinco minutos em passo hesitante e com o DeSoto sempre atrás.

Nem mesmo a matilha de turistas que todos os dias lhe acenavam à

distância parecia já incomodá-lo.

O magnata definhava.

621

622

XI

Uma neblina cerrada, alva e tentacular, impregnava a floresta de

uma estranha atmosfera surreal, quase mística, colando-se à encosta

como se a colina de Sintra exalasse um hálito de vapor gélido.

Uma língua de bruma descia das copas das árvores e enrodilhava-se

pelo torreão da casa, parecia que o próprio bosque reclamava como

sua a estrutura ali erguida.

Exalando um longo suspiro de satisfação, Kaloust virou a cara para

a sua secretária social.

"Ficou bela, não acha?"

Madame Duprés assentiu, sem tirar os olhos da mansão.

"É diferente de tudo o que alguma vez vi.

Recua ao século XII, disseram-me.

"

A atenção do magnata regressou à casa, construída totalmente em

pedra com um toque mourisco.

Tinha três pisos, com as janelas enquadradas por duplas colunas de mármore e protegidas por grelhas de ferro medievais.

623

"Era um antigo pavilhão de caça da Casa Real portuguesa que um rei

qualquer ampliou no século passado.

Aproveitei esse edifício e reabilitei-o à maneira das igrejas arménias do século iv.

Está a ver ali o telhado? É ao estilo bizantino.

"

"O que vai fazer com a mansão? Vem para cá viver?"

"Eu? De modo nenhum.

Estou muito bem no hotel, graças a Deus.

Aliás, já me convenci de que o Aviz é o melhor hotel do mundo,

melhor ainda do que o Ritz..."

A francesa virou-se para ele, intrigada.

"Então para que comprou esta propriedade e mandou fazer as obras?"

Kaloust meteu a mão ao bolso e extraiu um objecto prateado.

Pegou com delicadeza no braço dela e meteu-lho na palma da mão; era

metálico e frio.

Uma chave.

"É sua.

"

Madame Duprés olhou com incredulidade para a chave.

"Perdão?"

"A Quinta da Amizade é um presente meu.

Comprei-a e restaurei-a para lha oferecer.

É sua.

"

Após uma curta pausa para digerir a notícia, o rosto da francesa

iluminou-se e, num acto espontâneo, abraçou Kaloust e beijou-o.

"Merci, merci", agradeceu, as lágrimas a espreitarem-lhe do canto

das pálpebras.

"Mon petit chéri, nunca imaginei..."

Num gesto de ternura, o magnata

devolveu-lhe os beijos e deixou-se ficar abraçado, o rosto mergulhado no cabelo dela, o nariz a

sentir-lhe as fragrâncias de Chanel, os corpos colados como se

nunca se tivessem apartado desde os dias em que se conheceram em

Marselha, ambos velhos, ambos frágeis.

"És o meu suporte, o meu pilar", murmurou-lhe ele ao ouvido

enquanto a estreitava com força.

"Quem senão tu para

624

me compreender, para me apoiar, para sentir e aplacar este tumulto

que me arrebatava a alma?"

O abraço prolongou-se por alguns minutos e só se desfez quando a

curiosidade foi mais forte e quiseram ver o interior da mansão

agora reabilitada.

Franquearam a porta de mão dada e só se detiveram no quarto do

terceiro andar, onde derramaram em carícias e palavras doces a

ternura que os unia com a idade.

Kaloust perdera já o vigor masculino e madame Duprés o interesse

pela vertente física do amor, pelo que só os sentimentos contavam.

Quando por fim aplacaram a fome dos afectos, foram para a janela e

em silêncio ficaram a contemplar o Palácio de Sintra a seus pés, lá

em baixo onde as grandes chaminés brancas se erguiam como se

quisessem agarrar o céu, iluminadas pela faixa de luz que entretanto rompera por entre o manto baixo de nuvens.

Havia já muito tempo que a leitura do correio se tornara um dos

momentos altos do dia de Kaloust no Aviz.

Como de costume depois do pequeno-almoço, um empregado levou-lhe o

pacote de cartas à suíte D.

Filipa de Lencastre e o hóspede instalou-se no terraço para as

encetar.

Passou primeiro revista à correspondência do dia e a sua atenção

preendeu-se de imediato num envelope com os Arms of Dominion, um

escudo com um leão coroado de um lado e um unicórnio do outro, uma

legenda em baixo a proclamar Dieu est mon droit.

"Cos diabos!"

Era o brasão da casa real britânica.

A missiva fora remetida do Palácio de Buckingham e indicava como

origem Her Majesty's Office, ou seja,

vinha do gabinete da própria rainha.

A constatação deixou Kaloust intrigado.

O que lhe quereria a nova monarca? O pai, o rei Jorge VI, morrera

625

no início do ano e ela tinha subido ao trono alguns meses antes.

Que interesse poderia Isabel II ter nele?

Arreganhou os lábios, desconfiado, e humedeceu o sobrescrito com o

hálito, esforçando-se por abri-lo sem o rasgar.

Estava fresco no terraço, mas o sol acariciava-lhe a pele e pairava

no ar um perfume melífluo a flores.

O envelope descolou-se enfim, libertando o seu conteúdo como uma

pétala que se abre ao mundo.

Kaloust desdobrou a folha da carta e, depois de contemplar o texto

dactilografado, desceu os olhos para a assinatura.

Elizabeth R.

O nome estava sublinhado e o R

significava Regina.

Ou seja, era mesmo uma carta da rainha.

Ou, pelo menos, alguém a escrevera e a monarca assinara.

O texto começava com um Dear Mr.

Sarkisian, seguindo a fórmula habitual.

Apresentava os pêsames pelo falecimento da senhora Sarkisian e

formulava o desejo de que a missiva encontrasse o seu destinatário

bem de saúde.

Depois de algumas considerações de ordem geral, a carta mencionou a

vontade de atribuir a Kaloust um K.

B.

E.

, a sigla de Knight Commander Order of the Empire, uma das mais

prestigiadas condecorações do Império Britânico.

Parecia ser essa a razão para a carta, mas no parágrafo seguinte a

rainha acrescentava esperar que, na altura própria, ele não se

esquecesse das galerias britânicas, decerto o lugar ideal para

albergar os grandes tesouros de arte que acumulara ao longo dos

anos.

"A miúda!", vociferou Kaloust, incapaz de dominar a cólera que dele

se apossou ao ler aquelas palavras.

"Que atrevimento! Como se atreve ela a...

a..."

"Que se passa?", quis saber madame Duprés, assomando à porta.

Apesar da Quinta da Amizade, continuava a viver num quarto do Aviz

contíguo à suíte D.

Filipa de Lencastre.

"Aconteceu alguma coisa?"

626

O magnata amarrotou a carta, reduzindo-a a uma bola disforme, e

atirou-a ao chão num gesto de desprezo e fúria.

"Passa-se que esta garota, a nova rainha, resolveu escrever-me uma

carta cheia de artimanhas!"

Os olhos incrédulos da secretária, amante em segredo, desviaram-se

para a bola de papel que rolava pelo terraço e se foi imobilizar

junto de um vaso.

Abriu e fechou a boca como um peixe, parecia em estado de choque,

até conseguir por fim emitir um som.

"Aquilo é uma carta da rainha?"

perguntou, na dúvida sobre se teria ouvido bem.

"A rainha de Inglaterra?"

"Sim, é da rainha! E então? Qual é o espanto? Que eu saiba ela

também se senta na retrete para cagar, como nós todos!"

"Mas o que lhe quer a rainha?"

A francesa lançou ao patrão e amante um olhar inquisitivo, dir-se-ia de censura.

Tornara-se todavia evidente que o estatuto da monarca não o

impressionava.

"Veio oferecer-me uma condecoração.

"

Dessa vez madame Duprés não se limitou a arregalar os olhos.

Escancarou a boca também.

A sua perplexidade não conhecia limites.

"E o senhor... o senhor ficou furioso por a rainha o querer condecorar?!"

"Não percebe que a miúda me está a

comprar?", perguntou ele com despeito, quase exasperado por a secretária se deslumbrar com o

facto de a remetente ser a rainha e não ver o que a ele parecia

óbvio.

"Oferece-me uma condecoração, um qualquer título de cavaleiro que

não passa afinal de uma reles esmola, mas deixa implícito que exige

a minha colecção de arte em troca.

Ou seja, a desavergonhada está à espera da minha morte para ficar

com o que é meu! Foi por isso, e apenas

por isso, que esta flausina me escreveu a oferecer o K.

B.

E.

!

627

A garota está-se pouco marimbando para a minha saúde ou para a

morte de Nunuphar ou para os serviços que prestei a Inglaterra ou

para o que quer que seja.

O que verdadeiramente lhe interessa, a ela e à corja de

conselheiros que a rodeiam, é a minha colecção, percebe?
São os

meus enfants!"

A atenção de madame Duprés dançava entre a carta
amarrotada e o seu

patrão, quase como se estivesse dividida entre ambos.

Pareceu enfim decidir-se, porque

atravessou o terraço em passo

rápido e foi buscar a missiva jogada para perto do vaso.

Acocorou-se para pegar nela e,

obedecendo ao instinto amanuense de qualquer boa
secretária, começou a

desdobrá-la.

Uma carta daquelas não podia ser tratada como lixo; tinha
de ser

arquivada.

"O senhor enlouqueceu?", questionou.

"Diga o que disser, isto é uma carta da rainha de Inglaterra
a

oferecer-lhe uma condecoração!"

"Os Ingleses querem condecorar-me? A mim, a quem
chamaram inimigo

durante a guerra? A mim, a quem
ultrajaram apesar de todos os
serviços que lhes prestei?"

"Mas olhe que, com a condecoração, o senhor ganha o título
de

cavaleiro..."

"Sir Kaloust? Pff, que pindérico!"

"Sir Kaloust não soa nada mal.

"

O magnata levantou-se da sua cadeira e contemplou a folha
que ela

aplanava já com as mãos, na tentativa desesperada de a
salvar e

recuperar.

"Sabe o que respondo à senhora rainha de Inglaterra?",
perguntou em

tom retórico.

"Vá bugiar, madame!"

com um gesto preciso, Kaloust rodou o manípulo do velho
samovar

russo de prata batida, uma das

preciosidades da mansão da Quinta da Amizade, e despejou a água quente na

chávena.

Mergulhou nela o saquinho com folhas secas de tília e arrastou-se

para a sala em passos curtos porque as costas voltaram a doer-lhe.

Deteve-se um instante diante do espelho veneziano e inspeccionou as

narinas; sangrara abundantemente do nariz nessa manhã, como muitas

vezes lhe sucedia, mas parecia que a hemorragia estancara.

Teria de voltar a falar do assunto ao doutor Fonseca.

O médico arranjava-lhe soluções

engenhosas para mitigar o problema e Kaloust aprendera tanto a confiar nele que deixara de pedir o

parecer do velho doutor Kemhadjian.

Madame Duprés saíra para dar um passeio

pela vila de Sintra, pelo que se instalou à janela da sala e ficou a aguardá-la enquanto

bebericava o chá.

A paisagem vista dessa janela era deslumbrante e os seus olhos

passearam pela vegetação luxuriante, com a encosta
pejada de

palmeiras e enormes cedros por entre bosques de
laranjeiras e

limoeiros, as plantas mediterrânicas nas partes mais baixas,
a

flora nórdica no topo do terreno.

Magnólias gigantes coloriam a verdura, o

mesmo acontecendo com as camélias e as centúrias, e a
floresta enchia-se do chilrear

melodioso dos pássaros e do gorgolhar límpido das
múltiplas fontes

que jorravam pela serra da Lua, por onde se estendiam os
doze mil

metros quadrados da propriedade.

Ah, como aquilo lhe parecia o paraíso!

Viera ali passar o fim-de-

semana com madame Duprés, atraído pelas tonalidades de
verdes que

existiam em Sintra, na sua opinião únicas no mundo.

E depois havia as longas muralhas dentadas do Castelo dos
Mouros

mesmo por cima da mansão e, lá em baixo, os telhados
pitorescos da

vila que...

Um guincho metálico atraiu-lhe a atenção para a entrada junto ao

parque das Merendas, no sopé da encosta.

Viu um vulto níveo a cruzar a pequena porta de ferro e suspirou de

saudades; era ela que voltava.

O sorriso melancólico que se lhe

629

formou nos lábios desfez-se, contudo, quando se apercebeu de um

segundo vulto, este cinzento, do lado de fora da entrada.

Apurou o olhar e, com surpresa,

identificou a figura.

"Passarão...?"

Viu os dois despedirem-se junto à entrada e madame Duprés subir a

escadaria da encosta agarrada a um arranjo amarelo e carmesim; era

um bouquet.

Abriu a boca de estupefacção.

Que diabo vinha a ser aquilo? O seu

advogado andava a conversar com a sua secretária e amante e oferecia-lhe flores? O que se estava a

passar ali?

Inquieto, afastou-se da janela para não ser visto e foi acomodar-se

numa cadeira diante da lareira de granito da sala do rés-do-chão.

Fingiu que se interessava pelas colunas portuguesas setecentistas

que ladeavam a lareira e pelos azulejos que narravam a história

daquela propriedade, e assim permaneceu até a amante entrar na

mansão e surpreendê-lo ali.

"Salut, mon trésorV", cumprimentou-o ela com ternura.

"Já fez o seu constitucional da manhã?"

Kaloust forçou um sorriso.

"com certeza que sim.

Fui até ao limite mais alto da propriedade, junto à muralha do

Castelo dos Mouros, e contemplei a paisagem.

O mar vê-se muito nitidamente, tal como o Palácio da Pena.

"

"Ah, oui", assentiu ela, inserindo o bouquet num vaso.

"A vista é realmente magnífica.

"

"Onde arranjou essas flores?"

"Colhi-as pelo caminho.

Não são lindas?"

Mentirosa, pensou o arménio.

O doutor Fonseca suplicara-lhe

repetidamente que não se exaltasse, para proteger o coração, e Kaloust sabia que o médico tinha razão e

que teria de dominar o seu temperamento.

Porém, precisava de tirar o assunto a limpo, até porque madame

Duprés era a pessoa de quem mais

630

dependia, e em quem mais confiava neste mundo.

Seria possível que ela o traísse? A dúvida tinha de ser substituída

pela certeza.

Se havia jogo duplo por parte dela, porque o fazia? No fim de

contas a amante era velha como ele e o que os unia parecia-lhe ser

uma ternura feita de cumplicidades

amadurecidas pelo tempo, não a paixão nem a volúpia, estavam já ambos bem para lá disso.

Ou... ou seria o dinheiro? Teria Nunuphar razão? A possibilidade

perturbou-o.

Sabia melhor do que ninguém que o dinheiro fazia rodar o mundo e

transtornava as pessoas, dividindo amigos e famílias, pelo que

encarou essa hipótese com muita

seriedade.

Tudo na vida tinha a ver com sexo ou dinheiro, pensou.

Se naquela idade já não era o sexo que motivava a amante, só

restava de facto o dinheiro.

Teria de a testar.

"Estive aqui a pensar no meu testamento", disse, lançando o isco

para ver se o peixe o mordida.

"Deverei deixar o meu dinheiro ao Krikor?"

"Claro que deve deixar dinheiro ao Krikor", respondeu ela.

"Mas não se esqueça de que ele lhe foi desobediente e não cumpriu

consigo todos os seus deveres filiais.

Não o vai premiar por isso, pois não?"

"com certeza que não.

"

A francesa aproximou-se dele e passou-lhe os dedos pelo rosto, num

gesto ternurento.

"A fundação será o seu verdadeiro testamento, mon chou.

"

"Tem razão.

Os Franceses prometem-me uma galeria no Louvre para os meus enfants

e

os

Americanos

estão

a

revelar-se

muito

insistentes

e

apresentaram-me propostas fabulosas.

" Respirou fundo.

"Hesito na escolha final.

"

"Porque não... aqui em Portugal?"

"Os Portugueses abastados não dão nada a ninguém, ma chérie.

Do que me apercebi, não é hábito por aqui as pessoas

631

legarem as suas fortunas para efeitos de filantropia.

Eles nem sequer têm enquadramento legal para as isenções fiscais de

que normalmente gozam as fundações, veja lá!"

"Ah, mas o seu advogado disse-me que

isso já está tratado com Salazar.

"

Kaloust pousou a sua chávena de chá e cravou os olhos em madame

Duprés.

Em atenção às recomendações do doutor Fonseca teria de lidar

calmamente com a questão, mas o facto é que chegara a hora de se

tirarem as máscaras.

"Já vi que anda muito íntima de Passarão..."

A francesa corou e teve notoriamente de fazer um esforço para não

desviar o olhar.

"O que... o que quer dizer com isso?"

O magnata esboçou um gesto na direcção das flores que ela pusera no

vaso e endureceu a expressão do rosto.

"Quero dizer que esse bouquet não foi colhido pelo caminho, como

falsamente me disse, mas oferecido por esse tubarão!", disparou num tom ríspido e o dedo acusatório.

"Quero dizer que a senhora tem conversas com ele de que não me dá

conhecimento! Quero dizer que se estão a passar coisas nas minhas

costas!"

As pálpebras de madame Duprés tremeram e os grandes olhos verde-garrafa cintilaram; a secretária e amante estava à beira das

lágrimas.

"Eu... eu não fiz nada.

"

"O que lhe quer o Passarão?", pressionou Kaloust, aproveitando a

fragilidade emocional que lhe detectava.

"Porque anda ele a oferecer-lhe flores? O que se está a passar?"

A francesa baixou a cabeça para esconder as lágrimas que lhe

brotavam dos cantos dos olhos.

"Tenho medo.

"

A resposta deixou o arménio atónito.

632

"Medo? Medo de quê?"

"Do que me vai acontecer quando... quando o senhor já aqui não

estiver.

"

Kaloust ficou por momentos sem palavras.

Noutros tempos teria explodido ou dito para ninguém se preocupar

porque viveria até aos cento e seis anos, mas não agora, não depois

da quebra que sentira com a morte de Nunuphar e de Sir Philip e do

senador Hertault, não quando os achaques o atingiam com mais força,

quando o corpo se abatia sob uma

sensação de fadiga geral e as

dores nas costas o afectavam e sentia formigueiro no braço esquerdo

e o nariz por vezes sangrava com abundância.

Desde a morte da mulher que o sentimento de imortalidade se

volatilizara, deixando no seu lugar um travo sinistro a morte iminente.

O fim rondava-o e, por mais que não quisesse pensar nisso, sentia

que o dia mais temido se aproximava.

"Claro que lhe vou deixar alguma coisa", disse, compadecido com as

lágrimas dela.

"Não lhe dei eu esta mansão? Fique

descansada que nada lhe faltará depois da minha morte.

" Apontou pela janela da sala para o pequeno portão de ferro lá em

baixo, junto ao parque das Merendas.

"Mas gostaria que me explicasse o que se passa com o Passarão.

"

A francesa enxugou as lágrimas com um lenço que tirou da mala.

"Ele oferece-me flores e sussurra-me coisas bonitas, diz que sou

bela, que sou o anjo de Portugal e... e coisas assim.

"

"Mas o que raio lhe quer o homem? Não deve ser a sua mãe, com

certeza.

Além de ser muito mais novo do que a senhora, sei que é muito

dedicado à mulher.

"

"Está preocupado com a ideia da fundação", titubeou madame Duprés.

"Insiste que é muito importante que a traga para Portugal, pediu-me

para o convencer e... e deu a entender que, se isso acontecesse,

haveria um lugar para mim.

"

633

Não era propriamente uma surpresa para Kaloust.

Havia algum tempo que intuía as

manobras em torno de si e da sua

considerável fortuna, ouvia a todo o momento insinuações e

sugestões, percebia os movimentos que tinham origem em Salazar e

envolviam Passarão e toda uma rede de supostas influências e

contactos.

Pelos vistos a rede chegara à sua própria secretária e amante, a

pessoa em quem mais confiava.

Sentiu-se por momentos vergado pela tensão, como se toda aquela

teia o amarrasse e asfixiasse, mas libertou-se com um encolher de

ombros.

Vendo bem, nada daquilo verdadeiramente importava.

Quando decidisse, fá-lo-ia em consciência.

Dando um jeito final à algália, o doutor Fernando Fonseca recuou um

passo, acocorou-se e ficou a contemplar o

tubo e o saco que acabara de instalar.

Aguardou apenas um instante, porque de imediato viu as gotas

deslizarem pelo tubo e pingarem na bacia entre as pernas do

paciente.

"Ufa!"

Deitado na cama com os olhos fixos no tecto da suíte, Kaloust

estranhou o suspiro de alívio.

"Algum problema, doutor?"

"Final é mesmo urina o que o senhor

deita cá para fora..."

O arménio ergueu a cabeça e fitou inquisitivamente o seu médico

particular, sem entender a admiração.

"Claro que é urina.

Do que estava à espera que fosse?"

"Petróleo.

"

Soltaram ambos uma gargalhada.

"Só o senhor para me fazer rir numa situação destas", disse o

paciente.

Voltou os olhos para o tecto e o sorriso morreu-lhe nos lábios.

"Sabe uma coisa, doutor? Acho que vou falhar o grande objectivo da

minha vida.

"

O médico observava ainda a urina a correr pelo tubo.

634

"E qual é ele, pode-se saber?"

"Viver para sempre.

"

O doutor Fonseca desviou a atenção da urina e encarou o seu paciente.

"Ah, disso pode estar certo.

Esse seu objectivo está mesmo destinado ao fracasso.

"

"É uma coisa terrível, doutor", murmurou Kaloust num queixume.

"Passei a vida inteira a pensar que a imortalidade era possível.

Relacionei-me com meninas jovens para lhes extrair a vitalidade e

prolongar a minha juventude, fiz ginástica sueca e um longo passeio

todas as manhãs, tomei todos os dias banho em água gelada, até tudo

o que comia era devidamente pensado e pesado, a cada refeição só

consumia não sei quantos gramas de iogurte e de fruta e de peixe e

de tudo o mais que me prolongasse a vida.

Quis fazer da minha própria existência qualquer coisa de único...

sei lá, uma obra de arte.

" Abanou a cabeça.

"Tudo isto para quê?" Fez um gesto a indicar o seu corpo débil e

quase acabado.

"Para estar aqui deitado a vê-lo tirar-me a urina porque já nem a

maldita da minha bexiga consigo

controlar..."

O silêncio voltou por momentos à suíte.

Após certificar-se de que a algália estava correctamente aplicada,

o médico levantou-se e sentou-se à borda da cama.

"Deixe-me explicar-lhe uma coisa, senhor Sarkisian", disse, ciente

de que um médico não servia apenas para cuidar do corpo dos

pacientes e que havia males que eram da

alma.

"É preciso que o senhor saiba que não há finais felizes.

Se a vida fosse um rosto, a sua expressão seria de tristeza.

" Desenhou um arco no ar.

"Começamos cá em baixo, subimos na vida, atingimos um pico em que

estamos na plenitude das nossas

capacidades e principiamos a

descer, primeiro devagar e depois mais e mais depressa, até

terminarmos de novo cá em baixo, como a curva de uma boca triste na

cara de uma pessoa.

A vida é isso.

"

635

"Então para que aqui estamos, doutor?

Porque vivemos?"

O doutor Fonseca encolheu os ombros.

"Não tenho resposta para essa pergunta", reconheceu.

"O que importa talvez seja o que fazemos enquanto cá estamos e o

que deixamos aos que cá ficam.

Não vivemos para morrer, vivemos para
fazer algo que perdure.

Talvez o verdadeiro sentido da nossa existência esteja no
nosso

legado.

"

Ainda deitado na cama, Kaloust abanou a cabeça.

"Ah, o nosso legado", sussurrou, ecoando as últimas
palavras que

escutara.

"vou confessar-lhe uma coisa.

A minha ideia era deixar tudo o que tenho a uma fundação
e entregá-

la à minha Nunuphar.

Talvez não tenha sido um marido

exemplar, mas amava-a à minha

maneira.

Porém, ela morreu antes de mim e não sei agora o que faça
à

fundação.

Sinto-me perdido.

"

"Não me diga que vai desistir dessa ideia..."

O arménio respirou fundo.

"Claro que não", retorquiu.

"Mas agora que a minha mulher morreu, terei de mudar de planos.

Podia deixá-la ao meu filho, claro, mas incompatibilizei-me com

ele.

"

"Não tem mais ninguém em mente?"

"Não.

E há outro problema.

"

"Qual?"

"Escolher o melhor sítio para a albergar", disse Kaloust.

"A Inglaterra está fora de questão, após o que me fizeram durante a

guerra.

Bem pode esta miúda, esta rainha da treta, vir acenar-me com

condecorações e mais não sei o quê.

De mim os Ingleses nada receberão.

Assim sendo, restam-me os Estados Unidos, a França e Portugal.

Reconheço, no entanto, que estou mais inclinado para a América ou

para a França.

"

"Porquê?"

"São países organizados, onde impera a lei e onde existe uma

tradição de apoio à filantropia.

Gosto muito de Portugal,

636

mas não sei se este país estará à altura de uma fundação como a

minha.

É verdade que emprestei uns quadros ao Museu Nacional de Arte

Antiga e fiquei agradado com a forma como eles foram tratados e

valorizados.

Porém, estamos perante um país demasiado pequeno, demasiado periférico..."

"Como a sua Arménia.

"

"Sim, de certo modo.

"

O médico voltou a acocorar-se para verificar se a extracção da

urina decorria bem.

Tudo lhe pareceu normal, pelo que regressou à borda da cama.

"A decisão é sua e não o quero influenciar", disse.

"O importante é o seu legado.

A vida física tem um termo, mas o que o senhor deixar pode perdurar.

"

"Se o doutor estivesse no meu lugar, que decisão tomaria?"

"Sou português, pelo que deixaria a fundação a Portugal.

Este país talvez pareça pequeno e acanhado à primeira vista, mas

encerra uma grandeza insuspeitada.

"

"Abstenha-se da sua nacionalidade.

Se estivesse no meu lugar, o que faria?"

O doutor Fonseca cruzou os braços e, alçando uma sobrancelha,

esboçou um ar pensativo.

"Se eu fosse a si, faria esta pergunta a mim próprio: onde seria o

meu legado mais valorizado? Em países onde já existem imensos

museus de grande qualidade e muitas fundações incrivelmente

ricas... ou num país onde nada há? Quero ser um entre muitos ou

quero ser único? Qual destes três países me daria a imortalidade?"

Eram excelentes perguntas.

Kaloust cerrou as pálpebras e reflectiu nas palavras do médico,

passando em revista os vários argumentos a favor e contra cada uma

das hipóteses e consciente de que urgia tomar uma decisão.

As recentes mortes à sua volta e os crescentes problemas de saúde

de que padecia

637

tornaram dolorosamente palpável a sua

própria mortalidade.

Não era já um octogenário? O fim não devia andar muito longe e

sentia a lucidez fugir-lhe, o que o sujeitaria a todo o tipo de manipulações.

com realismo, quanto tempo mais poderia esperar viver? Cinco, dez

anos? Tinha de escolher e precisava de o fazer o mais depressa

possível.

No momento da decisão, porém, foi a última pergunta formulada pelo

doutor Fonseca, e sobretudo ela, que mais

pesou.

"Não sou de facto imortal", reconheceu ao tomar a decisão.

"Mas serei imortal em Portugal.

"

638

XII

O sol batia no terraço envidraçado anexo à suíte D.

Filipa de Lencastre quando o advogado se sentou ao lado de Kaloust

e abriu a pasta.

O magnata contemplava o jardim do Aviz

de olhar perdido para além da verdura; parecia fitar a fachada da Maternidade Alfredo da

Costa, do outro lado da rua, mas na verdade estava abstraído nos

seus pensamentos.

Ao fim de quase um minuto, estremeceu e voltou-se para o recém-chegado como se só nesse instante se tivesse apercebido da sua

presença.

"A morte da minha mulher e uma série de acontecimentos fizeram-me

ver que já não posso adiar o inadiável",

anunciou o arménio.

"Por conseguinte, acho que chegou a altura de escrever o meu

testamento.

"

Ao

ouvir

estas

palavras,

Azevedo

Passarão

endireitou-se,

subitamente tenso.

"E... e pode saber-se qual a sua decisão final?"

639

Kaloust colou o lenço ao nariz e depois analisou-o; tinha pingos de

sangue.

Sentiu o formigueiro voltar a atacar-lhe o braço esquerdo e a

fadiga invadi-lo.

"Será em Portugal, claro.

"

O advogado assobiou com alívio e

aprovação.

"Parece-me muito bem!", exclamou.

Apercebendo-se

de

que

tinha

sido

talvez

excessivamente

entusiástico, pigarreou e corrigiu-se de imediato.

"Quer dizer, o senhor está de excelente

saúde e decerto viverá ainda muito tempo.

Tem hábitos saudáveis e faz exercício diário.

Isso garante-lhe uma longa vida, sem dúvida.

" Esboçou uma expressão resignada.

"Mas, lá dizem os Portugueses, o seguro morreu de velho,
não é

verdade? Penso por isso que seria de toda a prudência
deixar

formalizadas certas disposições para evitar mais tarde
confusões e

conflitos desnecessários e desagradáveis.

"

O cliente tossiu, como se quisesse demonstrar que a sua saúde já

não estava assim tão magnífica.

"Pois, é isso", concordou.

"Em primeiro lugar, não quero deixar muito dinheiro directamente ao

meu filho.

"

O advogado alçou uma sobrancelha.

"Deveras?"

"Acho que a experiência que ele viveu durante o genocídio arménio o

deixou sem o equilíbrio necessário para gerir tanto dinheiro.

Além do mais, desrespeitou-me enquanto pai.

"

"Então o que tem em mente para ele?"

"Prefiro criar um trust, não sei se vocês em Portugal conhecem esse

conceito.

Quero toda a minha herança e os meus negócios transferidos para o

trust.

O trust será o recipiente dos meus contratos, em particular os do

mundo do petróleo, e caber-lhe-á a responsabilidade de gerir toda a

minha fortuna.

Quanto ao meu rapaz, receberá um milhão de libras, não mais.

O trust fica depois encarregado de lhe 640

atribuir mensalmente uma fatia, quase como se fosse um salário.

"

"Ah, muito bem.

"

"O essencial da fortuna, todavia, irá para a instituição de que temos falado", disse.

"A fundação.

"

Os olhos de Azevedo Passarão brilharam.

"Que terá o seu nome, claro.

Fundação Sarkisian.

"

"Precisamos de um documento das autoridades portuguesas a confirmar a isenção fiscal à fundação", sublinhou o magnata.

"Sem essa garantia nada feito, percebeu?"

"Já tivemos a promessa verbal do senhor presidente do Conselho.

Vamos agora pedir que ela seja passada para o papel.

"

"Quando o tiver na mão, quero que formalize no meu testamento a

criação da fundação em Lisboa.

Será uma instituição internacional aqui sedeadada.

Quero-a gerida pelo trust e dedicar-se-á à promoção da arte, a

paixão da minha vida.

O dinheiro do petróleo será utilizado em reinvestimentos na área do

petróleo, de modo a gerar mais dinheiro.

Já os rendimentos resultantes das minhas aplicações financeiras

irão para a fundação financiar projectos artísticos, educativos e

de saúde.

"

"E quem irá gerir o trust e a fundação?"

O olhar de Kaloust desviou-se para o horizonte.

Do terraço do Aviz vislumbravam-se as copas alinhadas das árvores

da Avenida da Liberdade, os telhados da Baixa e o rio ao fundo,

numa mistura desconcertante de verdes, vermelhos e azuis.

"Estive a pensar na minha mulher, em Sir Philip Blake ou no senador

Hertault", disse num tom amargo.

"O problema é que ela, Sir Philip e o senador faleceram e deixaram-me órfão de uma solução.

E o meu filho está fora de questão, pelas razões que lhe expliquei.

"

641

Fez-se uma pausa.

O advogado aguardou que o cliente completasse o raciocínio, mas

Kaloust calou-se, os olhos colados à paisagem urbana que se

desenhava diante deles.

"Então quem poderá assumir a chefia da fundação?"

A atenção do magnata desviou-se da cidade e cravou-se enfim no seu

interlocutor, como se a resposta fosse óbvia.

"Sir Kenneth Bark, claro.

"

A cerimónia de assinatura do testamento foi realizada dois meses

mais tarde na suíte de Kaloust no Aviz.

Azevedo Passarão tinha-lhe entregue na semana anterior o manuscrito

redigido em português e francês, para que o lesse com vagar, tarefa

a que o arménio se dedicou com afincos durante dois dias.

Três cláusulas suscitaram-lhe dúvidas, que esclareceu junto do

advogado; uma manteve-se como estava, as outras foram alteradas

para ficarem em consonância com os seus

desejos.

E acrescentou um artigo, o vigésimo, a estabelecer que o seu filho

perderia todos os direitos e regalias que o testamento lhe concedia

se o impugnasse, mesmo que o tribunal viesse a dar-lhe razão.

Apesar de decorrer em ambiente íntimo, a cerimónia revestiu-se de

uma certa formalidade, como convinha a um acontecimento daquela

natureza e importância.

Kaloust vestiu o seu melhor Savile Row e, acompanhado de madame

Duprés e de Ivan, recebeu o notário, o advogado e as duas testemunhas requeridas por lei e escolhidas por Passarão.

A todos ofereceu um cálice de vinho do Porto de boas-vindas e com

eles trocou alguns ditos espirituosos em francês.

"Se não se importa", disse por fim Azevedo Passarão quando os

cálices ficaram vazios, "seria melhor passarmos à assinatura.

"

O ambiente descontraído de imediato se

evaporou e cada um assumiu o seu papel.

No meio do silêncio mais absoluto, 642

Kaloust foi buscar o testamento, que relera uma última vez na noite

anterior, e depositou-o na escrivaninha da sala de estar da suíte.

Depois sentou-se e pegou na caneta.

Passou os olhos pelos presentes, de modo a certificar-se de que

estavam todos atentos, e começou a rubricar cada página do

manuscrito.

O ruído da ponta de aparo a deslizar sobre o papel e o farfalhar

contido das respirações eram os únicos sons audíveis na sala.

Quando chegou à última folha, o arménio voltou a erguer os olhos,

como se quisesse ganhar um derradeiro fôlego, e arqueou as

sobancelhas espessas.

Questionou-se se Sir Kenneth Bark aceitaria presidir à fundação

estando ela submetida à lei portuguesa, mas venceu a hesitação.

"Chegou a hora.

"

Debruçou-se mais uma vez sobre o texto e assinou o nome.

Uma salva de palmas dos presentes assinalou o momento.

O notário pegou então no manuscrito e no passaporte do cliente e

procedeu ao respectivo reconhecimento.

Quando deu a tarefa por concluída, um novo aplauso encheu a salinha

e Kaloust içou-se do seu lugar.

"Ivan", chamou.

"Agora o champagne!"

Uma bandeja com copos estreitos repletos de líquido borbulhante

amarelo materializou-se diante dos presentes.

Um burburinho despreocupado ergueu-se do grupo, agora descontraído

depois do longo mutismo a que se

remetera durante a assinatura do

testamento.

A certa altura, porém, Azevedo Passarão bateu com a base do copo na

madeira da escrivaninha, atraindo a si as atenções.

"Minhas senhoras e meus senhores, queria fazer um anúncio da mais

elevada importância", declarou em tom solene.

Percorreu os presentes com um olhar imperial até se deter no rosto

expectante do cliente.

"Encarregou-me sua excelência, o senhor presidente do Conselho,

António de Oliveira Salazar,

643

de comunicar a vossa excelência, distinto senhor Kaloust Sarkisian,

que a nação portuguesa, orgulhosa e

reconhecida, decidiu retribuir-lhe com a mais distinta condecoração desta pátria.

" Fez uma pausa, para acentuar a importância do anúncio.

"A Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo!"

Seguiu-se uma nova salva de palmas, a que Kaloust correspondeu com

um sorriso embaraçado.

O advogado proferiu mais algumas

palavras de circunstância, que

incluíram até uma tirada galvanizada em português de Os Lusíadas, e

por fim a cerimónia foi dada por concluída

e o grupo desceu para um almoço no restaurante do Aviz.

Depois do café, o magnata acompanhou os convidados à porta do hotel

e despediu-se deles com uma vénia, como era seu costume antigo, mas

travou Passarão pelo braço quando o advogado se virou para também

se ir embora, dizendo que precisava de lhe dar uma palavra em

privado.

"Que história é essa da condecoração?", interrogou-o logo que

ficaram a sós na suíte.

"De onde veio essa ideia?"

O advogado foi colhido de surpresa pelo tom levemente contrariado

que pressentiu nas perguntas do cliente.

"Foi o senhor presidente do Conselho, ora essa", respondeu.

"Ele está naturalmente a par deste testamento, até porque teve de

formalizar as garantias de isenção fiscal, e quis expressar-lhe o

reconhecimento de Portugal por o país ter sido escolhido para

albergar a sua magnífica fundação.

" Estreitou as pálpebras, como se tentasse

ler o seu interlocutor.

"Porquê? Prefere porventura outra condecoração? A Ordem do Infante, por exemplo?"

Kaloust abanou a cabeça com impaciência.

"Claro que não, que disparate!", esclareceu.

"Na verdade não quero condecoração nenhuma! A única coisa que quero

644

é que me deixem em paz e sossego.

O senhor sabe muito bem que odeio ajuntamentos.

"

A observação colheu Passarão de surpresa.

Esperava que o seu cliente se sentisse agradado, até lisonjeado,

mas não era isso o que manifestamente estava a suceder.

A sombra de uma suspeita passou-lhe de repente pelo espírito

inquieta.

"Não me diga que vai recusar a condecoração..."

O magnata encolheu os ombros com

indiferença.

"Qual é o problema? Já declinei uma

condecoração que os Franceses me quiseram dar e até rejeitei um K.

B.

E.

que me foi recentemente oferecido pela rainha de Inglaterra.

"

"Mas o senhor presidente do Conselho não é a rainha de Inglaterra!"

"Ainda bem para ele.

E então?"

"Não vê que a sua recusa vai ser encarada como um insulto?"

Estas palavras pareceram abalar o magnata.

Recuou um passo, como se absorvesse o impacto de um golpe violento,

e fitou o seu advogado.

"O senhor acha?"

"com certeza! Então o senhor presidente do Conselho faz-lhe um

gesto simpático e o senhor responde com um grandessíssimo manguito?

Como pensa que uma coisa dessas vai ser interpretada?"

Kaloust hesitou, avaliando o argumento.

"Então o que devo fazer?"

O rosto do advogado, até aí fechado e preocupado, abriu-se numa

gargalhada bem-humorada.

"Faça lá o sacrifício e aceite a condecoração!"

Fazia calor e um cheiro a rega fresca e a estrume enchia o jardim

do Palácio de São Bento.

Kaloust ajeitou a gravata,

645

abotoou o casaco e preparou-se para avançar.

A cerimónia tinha sido transferida para o jardim em sua honra, uma

vez que os Portugueses estavam bem a par do seu amor pela natureza,

mas interrogou-se sobre a sensatez do gesto.

No fim de contas, calor e fatos apertados eram coisas que não

combinavam bem.

"M'sieur Kaloust Sarkisian", chamou Salazar na sua voz desafinada.

"Tenha a fineza de se aproximar.

"

O arménio deu três passos e abeirou-se do anfitrião.

O ditador tinha acabado de fazer o seu

discurso, como parecia habitual em Portugal sempre pontuado por exuberantes citações de Os

Lusíadas a enaltecer a gesta lusitana pelos mares do planeta, e

retirava de um estojo a faixa escarlate com a cruz dos

Descobrimentos em cobre.

Ciente de que chegara o momento, Kaloust curvou-se.

"Excelência", murmurou.

"É uma honra!"

O ditador segurava já a condecoração; estava tão solene e cerimonioso que mais parecia um bispo a preparar-se para depositar

hóstias na boca pecaminosa de um crente.

"Por serviços relevantes prestados à pátria portuguesa", anunciou

Salazar num português pomposo e altivo,

"condecoro o senhor Kaloust

Sarkisian com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo!"

O anfitrião inseriu nesse momento a faixa pela cabeça do homenageado e assentou-a sobre os ombros, a cruz a colar-se ao

peito, uma ovação a percorrer o jardim.

Sempre a interpretar o seu papel, Kaloust endireitou-se e voltou a

agradecer com uma nova vénia na direcção de Salazar e outra voltado

para as testemunhas, antes de recuar e regressar ao seu lugar.

Uma dorzinha irrompeu-lhe na testa, como uma pequena picada dentro

da cabeça.

Sentia-se cansado e pensou que não tardaria nada estaria de volta

ao Aviz.

Não tinha paciência

646

nenhuma para aquelas cerimónias, detestava estar no meio de muita

gente, mas sabia que não podia fugir às suas responsabilidades.

O que valia era que o suplício estava já no fim.

"Vai agora falar sua excelência, o senhor director do Secretariado

Nacional de Informação, doutor José Manuel da Costa.

"

"Oh, não!"

O gemido de Kaloust era bem o sintoma da contrariedade que sentiu

ao escutar o anúncio de que haveria mais um orador, neste caso o

responsável do regime pelas actividades culturais.

Como gostavam estes Portugueses das discursatas! E quanto mais

palavrosas melhor... Atirou um olhar carregado de
ressentimento ao

homenzinho que viu avançar para junto de Salazar e, com
ansiedade,

perscrutou-lhe a resma de folhas que levava nas mãos.

O que viu deixou-o desanimado.

Eram com toda a certeza mais de uma

vintena! Se levasse minuto e meio a ler cada página, estava
ali paleio para durar meia hora.

A coisa prometia.

"Serei breve nesta singela alocução", declarou o director do

Secretariado Nacional de Informação, evidentemente a
preparar-se

para quebrar a promessa que acabara de fazer.

"Já dizia o poeta, na sua imorredora sapiência, que os
arautos de

tempos vindouros..."

O arménio revirou os olhos e preparou-se

para permanecer mais trinta minutos de pé, como uma
sentinela plantada no seu posto a

enfrentar a fúria da tempestade.

Ah, como tudo aquilo era insuportável!

Aquelas cerimónias tendiam a
tornar-se intermináveis, pontuadas por uma hemorragia
verbal
carregada de insondável prosápia.

Se ao menos ele pudesse...

"Agh!"

647

A dor na testa voltara, mas de tal modo
forte que a visão se encheu de luzinhas, como estrelas a
salpicarem os olhos e a toldarem-lhe o
discernimento.

Sentiu o chão oscilar e fugir-lhe no momento em que um
manto de
sombra densa lhe cobriu por completo a consciência.

648

Epílogo

Uma aragem quente e seca arquejou pela colina nua,
levantando uma
nuvem de areia que, como um fantasma cambaleante,
atravessou a
estrada e foi expirar do outro lado.

Peguei na garrafa de água e engoli um trago, os olhos sempre fixos

no cruzamento diante de mim.

O pano de uma tenda de beduínos numa esquina e dois camelos a

cirandarem na encosta árida de uma duna eram, além da areia e da

erva rasteira que dançava ao sabor do vento, as únicas coisas que

mexiam naquele lugar perdido no fim do mundo.

"Ela deve estar a chegar.

"

Olhei para o homem sentado ao volante do jipe.

Mehmet Bey era um turco da minha idade, homem bem nutrido e de tez

trigueira lavada de transpiração.

Conhecera-o dois dias antes no Pêra Palace de Istambul, onde nos

encontrámos depois da morte do meu pai.

Contou-me que se tratava do filho mais novo de Salim Bey, o grande

amigo e protector dos Sarkisian em Constantinopla, o antigo governante

649

otomano que me salvou quando escapei das estradas do inferno da

Anatólia e cuja verdadeira história só conheci em toda a sua plenitude quando acabei de ler O Homem de Constantinopla e Um

Milionário em Lisboa, a autobiografia em dois volumes que o meu pai

escrevera em segredo na terceira pessoa.

Depois do falecimento de Salim Bey, e em gesto de agradecimento

pela amizade e inestimável ajuda do velho amigo turco, o meu pai

contratou o seu filho, Mehmet,

encarregando-o de localizar tapetes persas que lhe interessavam para a sua colecção.

Foi justamente no decurso de uma

expedição à Síria em busca de

alguns desses tapetes que Mehmet se cruzou acidentalmente com o

paradeiro daquela que eu perdi.

Uma pequena nuvem de poeira elevou-se no horizonte, parecia um

vulcão a expelir vapor ao fundo da estrada.

O meu novo amigo turco virou para ali o olhar arguto de pisteiro e

esticou o pescoço, como se desse modo

pudesse destringir melhor o objecto distante.

"É o primeiro carro a aparecer na estrada em mais de uma hora",

observou Mehmet.

"Deve ser ela.

"

Fazia um silêncio opressivo naquele recanto amarelado do deserto

sírio, apenas quebrado pelo marulhar ocasional do vento, que ora

soprava com inesperada violência, ora esmorecia e se deixava

morrer.

Mantive o olhar colado ao ponto distante atrás do qual a nuvem de

areia se agitava e percebi que a minha longa busca chegara ao fim.

Os Turcos tinham-me condenado a

percorrer as estradas da Anatólia para morrer numa berma a caminho dos desertos da Síria.

Pois era justamente num desses desertos que eu nesse momento me

encontrava, depois de um longo desvio de trinta e nove anos que me

livrara da marcha da morte e afinal me

reconduzira ao mesmo destino, mas por outros caminhos.

650

Como estaria ela? A interrogação

acompanhava-me desde que me

encontrei com Mehmet em Istambul e com ele voltei a atravessar a

Anatólia, desta feita de comboio, até entrar na Síria e desembarcar

em Damasco.

Alugámos um jipe e ali estávamos, neste cruzamento perdido no meio

do deserto a mirar um ponto longínquo da estrada.

Sim, como estaria ela? Como sobrevivera, o que acontecera à mãe, o

que acharia de mim? Tantas perguntas, que profunda angústia, quanto

sofrimento!

O ponto da estrada cresceu, balouçando entre as ondas dançarinas de

calor rasteiro, até que se tornou uma viatura e por fim uma furgoneta.

Desci do jipe e caminhei pelo centro da estrada na direcção do

cruzamento onde o encontro fora combinado.

Senti a garganta seca e tive vontade de beber mais água, mas

lembrei-me que tinha deixado a garrafa no assento e resignei-me à

sede.

Cheguei ao centro do cruzamento e estaquei, encarando o veículo em

aproximação.

O uivo longínquo do motor cresceu sobre a terra batida até se

tornar um bramido de esforço.

Reparei então que a furgoneta era vermelha, mas a tinta quase se

escondia por baixo de camadas sucessivas

de terra, ferrugem e pó amarelado.

A viatura abrandou e, sempre a roncar, deteve-se por fim ao lado da

tenda dos beduínos.

O vulto ao volante desligou o motor e fez-se silêncio.

A paz regressou à colina, a areia ainda enfeitada pelo bafo cálido que soprava rasteiro ao longo do deserto.

O vento sacudia as minhas roupas e o pano da tenda e soprava para

longe a nuvem de poeira que o veículo recém-chegado havia levantado.

À parte isso, a imobilidade era total.

Ouvi um rangido e verifiquei que uma porta da furgoneta se abria.

Uma figura escura apeou-se da viatura.

Procurei destrinçar-lhe as feições mas apenas vislumbrei um borrão

indefinido, quase espectral.

Levei um longo instante a perceber 651

que se tratava de uma mulher; tinha o corpo coberto por um chador

negro, os olhos escondidos atrás de uma grelha.

Após uma breve hesitação, a figura avançou em passo vacilante,

cambaleando, trôpega, mas pareceu ganhar confiança e, de passada já

firme, encaminhou-se na minha direcção.

Imobilizou-se a três metros de mim.

Como não lhe conseguia ver os olhos por detrás da grelha do chador,

presumo que tenha gasto aquele longo momento a estudar-me.

"Olá, Krikor.

"

A voz foi uma bofetada saída do tempo que me atingiu onde menos

esperava, atirando-me sem piedade para um passado que tanto me

esforçara por enterrar, uma outra vida que agora regressava com

toda a força à tona, implacável e irresistível, inebriando-me com o aroma dos carvalhos que decoravam as margens do Reno, envolvendo-me

com o perfume suave dos salgueiros que descia pelo crepúsculo sobre

a casa de Kayseri, agredindo-me com o fedor ácido dos excrementos

que conspurcavam as estradas da Anatólia naquele Verão maldito em

que me perdi depois de a perder.

"Marjan..."

Ah, como era bom saborear de novo nos lábios este nome feito de

encanto e magia!

O mais incrível, contudo, era a

extraordinária sensação de a ter à minha frente, de lhe falar e de a ouvir.

Duvidei por momentos, pensei que talvez fosse um sonho, admiti até

a hipótese de se tratar de um embuste, um qualquer truque de

ilusionismo montado por este Mehmet que me dizia ser filho de Salim

Bey mas que na realidade eu nunca vira na vida.

A verdade, porém, é que escutei a mulher diante de mim e a VOZ,

tanto quanto sei, não muda.

Nem amordaçada pelo tecido áspero de um chador.

"Finalmente conseguiste escapar, Krikor", disse ela num tom meigo, em arménio.

"Sabes, não houve dia em que não pensasse em ti..."

Senti a dor esfaquear-lhe as palavras e a voz tremer-lhe na angústia ansiosa do reencontro, dilacerada por quase quarenta anos de sofrimento.

Quarenta anos! Meu Deus, ela devia somar já uns cinquenta e muitos!

Que torturas, que provações, que rosto envelhecido aquele chador

não esconderia? E seria isso realmente importante?

Abri os braços.

"Porque não me abraças?"

Ela hesitou.

Virou a cabeça para trás e espreitou a furgoneta imobilizada ao

lado da tenda dos beduínos.

O veículo permanecia quieto,

ameaçadoramente silencioso, como se por detrás do seu mutismo se escondesse uma agressão velada.

Uma hostilidade latente emanava daquela máquina imóvel.

Depois Marjan voltou a encarar-me, os olhos sempre ocultados pela

grelha negra.

"Não posso", murmurou com evidente tristeza.

"Quero, mas não posso.

"

"Porquê?"

"Porque a minha vida mudou, Krikor.

Porque a Marjan que conheceste morreu naquela estrada do inferno,

porque renasci noutra lugar, noutra tempo, noutra cultura.

O que Deus fez não podem o homem e a mulher desfazer.

"

Senti o amargo veneno da dor que aquelas

palavras encerravam e percebi que, se a queria reaver, se havia alguma possibilidade de

uma coisa dessas suceder, teria de saber o que acontecera.

Que queria ela dizer quando afirmava que havia renascido?
Renascido

como? O chador mostrava que a cultura islâmica era a
roupagem de

que se vestia agora, mas deixara ela de ser a arménia e a
cristã

que sempre fora?

653

Teria renegado a sua identidade e o seu
passado? Seria isso sequer possível?

"Conta-me", pedi-lhe.

"Conta-me o que aconteceu naquela estrada depois de eu
ter

escapado.

"

Ela inclinou a cabeça como se tivesse baixado os olhos.

"O que há para contar?"

"Tudo", exclamei.

"Diz-me para onde vocês foram, o que é feito da tua mãe,
como

conseguiste escapar.

Conta-me tudo.

"

Marjan manteve a cabeça baixa,
evidentemente dividida.

Era manifesto que se sentia dilacerada; temia despertar
velhos

demónios, mas tinha consciência de que, se havia momento
em que

precisava de o fazer, era aquele.

Foi talvez essa evidência que lhe deu a coragem que lhe
faltava

porque, ao fim de alguns segundos de indecisão, lutando
contra os

seus instintos mais profundos, endireitou-se, encheu o peito
de ar

e respirou fundo para ganhar balanço.

"Depois de te terem atirado ao rio, caminhámos até chegar
a

Aleppo", começou por revelar numa voz quase inaudível,
como se

receasse as próprias palavras ou os fantasmas que a
assombravam.

"Pensámos que nos tínhamos salvo, mas os Turcos
meteram-nos num

comboio em direcção ao deserto e

largaram-nos num sítio árido e quente, onde tudo era amarelo e não crescia qualquer vegetação.

Nessa altura avistámos um mar de tendas de todas as cores a encher

a encosta de uma colina distante.

"

"Como se chamava esse lugar?"

Um breve silêncio respondeu à pergunta, como se Marjan ainda

tivesse medo de pronunciar o nome maldito.

"Ras-al-Ayn", acabou por sussurrar, a voz a pingar horror.

"O campo da morte.

"

A mulher de chador voltou a calar-se; não conseguia ver-lhe o

rosto, mas tornara-se evidente que precisava de renovar a

654

coragem para ir mais longe.

O mutismo, contudo, prolongou-se e percebi que dificilmente

continuaría sem axuda minha.

"Era aí que matavam as persoas?"

Ela levou aínda algúns instantes a responder à minha pregunta, como

se considerase a mellor forma de describer o que viu.

"Era aí que morriam as persoas.

"

"Non é a mesma cousa?"

Marjan abanou a cabeza.

"As doenzas e a fame eran endémicas.

Cólera,

disenteria,

difteria,

tifo...

tudo

isso

tornou

a

mortalidade incrivelmente elevada.

Ficámos aí uns meses, mas unha manñá os soldados apareceram sem

aviso e levaram-nos em fila indiana pelas estradas fora.

Caminhámos durante semanas e à medida que
marchávamos iam morrendo

mais e mais pessoas.

A certa altura percebi que nos estavam a obrigar a andar
em

círculos à volta de Ras-al-Ayn com o único fito de nos
matarem de

fadiga e fome.

Certo dia, no entanto, o percurso alterou-se.

Começámos a ver braços e pernas

amputados e montes e montes de

cadáveres, todos eles com enxames de moscas à volta.

Percebemos que a hora se aproximava.

"

"Era o local das execuções..."

Marjan assentiu com um gesto de cabeça.

Neste ponto a sua voz tornara-se já monocórdica, quase
maquinal.

Percebi que se tratava de um mecanismo de defesa que
construíra

dentro de si para se proteger da loucura.

Tinha encerrado os sentimentos num compartimento perdido atrás do

coração e transformara a narrativa numa sequência de palavras

anestesiadas e proferidas de forma mecânica, decerto a única

maneira que encontrara de levar a história até ao fim.

"Levaram-nos para cima de uma colina.

Vimos lá em baixo..." A voz de Marjan falhou neste ponto.

"Oh, não consigo!"

655

Percebi que tinham chegado ao local da matança e que, se havia

ponto em que ela precisava de ajuda para narrar os acontecimentos

que testemunhara, era ali.

"Que foi que viste?"

O vulto de chador negro diante de mim baixou a cabeça e permaneceu

alguns segundos em silêncio.

Lutava consigo mesma para enfrentar os acontecimentos daquele dia.

"Não consigo descrever", murmurou com a voz a desfazer-se de dor.

"É demasiado horrível.

"

"Viste-os a matar pessoas?"

Marjan balançou afirmativamente a cabeça.

"O pior eram os gritos das crianças", gemeu.

"Os adultos estavam em choque, não sei se anestesiados se resignados, mas as crianças gritavam

desesperadas a pedir ajuda aos pais quando eram levadas para... para..."

A voz dela voltou a quebrar-se.

Devido ao chador não lhe conseguia ver o rosto, mas era evidente

que chorava em silêncio.

Quis abraçá-la e cheguei a dar um passo em frente, mas ela recuou e

olhou de relance para trás.

Percebi a mensagem.

Quem quer que estivesse na furgoneta ao lado da tenda dos beduínos

estava a observar-nos e a controlá-la.

Teria de ter mais cuidado.

"Levaram-vos lá para baixo?"

Abanou negativamente a cabeça.

"Mandaram-nos sentar enquanto...

enquanto... enfim, enquanto faziam as coisas lá em baixo.

Sabíamos que íamos a seguir e estávamos paralisadas de terror.

Foi nessa altura que me apercebi de um grupo de beduínos ali

posicionados para escolher mulheres.

Um deles veio ter comigo, deu-me um iogurte e quis levar-me.

Disse-lhe que não, que preferia morrer, mas a mamã insistiu comigo

que aquela era a única salvação.

E era.

Pus então como condição que a mamã 656

tambem viesse.

O beduíno aceitou e, com o acordo dos guardas, levou-nos dali para

fora e desapareceu.

De repente ouvi um barulho de cascos e senti puxarem-me e dei

comigo em cima de um cavalo.

Gritei pela mamã e apercebi-me de que os guardas a levavam.

Tínhamos sido traídas.

Vi-os arrastarem-na de volta ao sítio da...

da..."

O choro de Marjan tornou-se convulsivo, um longo uivo interrompido

por soluços consecutivos, a voz embargada de lágrimas, o corpo

sacudido no abandono do pranto mais profundo.

Percebi que ela tinha ido o mais longe que podia e que para além

deste ponto seria crueldade pedir-lhe que

avançasse.

Nem era de resto necessário.

O que Marjan tinha narrado até ali tornara fácil perceber o que já

não se atrevia a descrever.

Deixei-a acalmar-se e ficámos talvez dois minutos sem falar.

"Presumo",

acabei

por

dizer,

"que

tenhas

casado

com

esse

beduíno..."

Ela fez que sim com a cabeça e respirou fundo, ganhando fôlego para

retomar a narrativa.

"Levou-me para a caravana dele, obrigou-me a converter-me ao islão

e casou comigo.

Vivo com ele desde 1917 e tem-me tratado bem.

"

Fiz um sinal com os olhos, a indicar a furgoneta estacionada na

esquina do cruzamento.

"É ele que está ali?"

"Sim", confirmou Marjan, manifestamente pouco à vontade.

"E tu? Como sobreviveste?"

"Tive sorte.

Os turcos não me conseguiram afogar.

Saí vivo do rio e depois fui ajudado por austríacos e alemães, que

arranjaram maneira de me fazer chegar a

Constantinopla.

" Não sei explicar, mas nesse momento senti culpa e vergonha por me

ter salvo com tanta facilidade.

"Durante anos andei à tua procura e...

nada.

Tinhas desaparecido sem deixar rasto.

"

657

"E Khenarig? Onde está ela?"

"A tua irmã? Também a procurei, acredita.

O problema é que nunca consegui descobrir o local onde a deixámos.

É como se essa estrada nem sequer tivesse existido.

"

Calámo-nos os dois.

Tínhamos tanto para dizer, coisas que queríamos partilhar,
sentimentos que ansiávamos por expor um ao outro, mas
era como se a

furgoneta ali perto, o chador que a cobria e os quarenta
anos que

nos

separavam

tivessem

erguido

uma

barreira

invisível

e

intransponível entre nós.

Marjan soltou um suspiro longo e

profundo, carregado de melancolia e resignação.

"Foi bom ver-te.

"

Disse-o como se se despedisse.

Senti um baque no coração.

Não a queria perder, não agora que a tinha encontrado.

Nem pensar.

"Vem comigo.

"

Ela levou um momento a responder.

"Não posso.

"

"Porquê? O que te trava?" Desviei o olhar para a furgoneta atrás

dela.

"Tens medo do tipo?"

Em vez "do tipo", deveria ter dito "do teu marido", mas não fui

capaz de pronunciar a palavra; era como se o insultasse e ao mesmo

tempo fingisse assim que nada era definitivo na vida de Marjan,

mantendo aberta a possibilidade de ela voltar para mim.

O vulto à minha frente fez uma pausa.

A seguir abanou de novo a cabeça.

"Não posso.

"

"Não tenhas medo dele, eu protejo-te.

" Indiquei o jipe atrás de mim.

"O meu amigo veio armado.

Anda comigo, não tenhas medo.

O tipo não pode fazer nada.

"

"Não posso, já te disse.

"

658

A voz dela foi aqui mais peremptória e deixou-me à beira do pânico.

Sabia que a poderia levar, não havia

beduíno nenhum no mundo que me pudesse travar, mas era imprescindível que Marjan concordasse.

A firmeza com que ela falou desta última vez, contudo, deixou-me

inseguro quanto à sua real vontade.

"Porquê? O que te impede?"

Marjan atirou um novo olhar de soslaio para a furgoneta, não sei se

com receio dela se a procurar assegurar-se de que ela ainda a

esperava.

Depois voltou a encarar-me.

"Seis filhos e dois netos", declarou num tom seco, a voz despida de

emoção, a render-se à realidade.

"Se for contigo, deixo seis filhos e dois netos para trás.

Isso está fora de questão.

"

Percebi nesse instante que a tinha perdido.

Se fosse uma ou duas crianças, ainda se poderia considerar a

questão.

Mesmo sendo oito, entre adultos e crianças, não me parecia

inteiramente impossível montar uma operação que os resgatasse a

todos.

Mas a forma como ela falara, como se a decisão estivesse tomada e

fosse irreversível, mostrava que uma coisa dessas, por razões que

só Marjan conhecia, não passava da mais delirante fantasia.

Talvez ela achasse que os filhos não quereriam abandonar o pai ou

se recusariam a mudar de vida ou outra coisa qualquer.

Não sei.

O facto é que Marjan não viria comigo e quanto mais depressa eu

aceitasse essa realidade melhor para ambos.

"Não sei o que dizer", titubeei.

"Talvez adeus?"

Custava-me a despedida.

Andei quase quarenta anos à procura dela e, depois de a encontrar,

conseguiria eu contentar-me com uma conversa de uma dezena de

minutos num cruzamento perdido no meio do deserto? Seria possível

que tanta coisa

659

acabasse em tão pouco? Mas, em bom rigor, o que poderíamos fazer?

Eu queria levá-la comigo, ela não podia vir.

A realidade impunha-se, a separação era inevitável.

Não quis partir sem um abraço, um beijo, um toque, uma carícia de

despedida, um gesto que nos revelasse como seres humanos que

éramos, uma palavra que exprimisse o afecto que nos unia e que

circunstância alguma poderia quebrar.

"Custa-me dizer-te adeus..."

Tentei adivinhar-lhe a tristeza nos olhos, mas a única coisa que

via era aquela terrível grelha no chador, inexpressiva e distante,

um muro de tecido a separar-me dela.

Marjan levantou o braço e acenou devagar com a palma da mão.

"Adeus, Krikor", disse.

"Que Deus cuide de ti.

"

Virou as costas devagar e começou a caminhar de regresso à

furgoneta.

Um torvelinho de poeira cruzou a estrada à frente dela,
como se um

pião invisível para ali tivesse sido jogado; seria decerto o
destino a rir-se da minha desgraçada impotência.

Vi-a afastar-se e não pude deixar de admirar a coragem das
mulheres, tão mais fortes que os homens quando é preciso
que o
sejam.

"Marjan!", chamei.

"Marjan!"

Ela deteve-se e virou-se para mim.

"Sim, Krikor?"

A figura dela, uma mancha fugidia recortada a negro diante
do azul

do céu e do amarelo-torrado do deserto, tornava-a uma
espécie de

miragem.

Era como se Marjan não fosse Marjan, mas uma entidade
longínqua,

etérea e impessoal.

Tinha falado com ela e dela não

vislumbrara uma linha da face, uma madeixa de cabelo, o castanho

achocolatado dos olhos.

Nada.

Sem lhe contemplar a alma, sabia que Marjan nunca passaria de um

fantasma.

660

"Posso ver-te o rosto?"

Tremi quando lhe fiz o pedido, querendo e não querendo que ela

respondesse afirmativamente, mas na verdade nunca me perdoaria se

não o tivesse feito.

Não me seria possível sair dali sem ver Marjan, captar-lhe a essência, perder-me no seu olhar para me poder reencontrar.

Aquele espectro, mesmo tendo a voz dela e expressando as suas

memórias e os seus sentimentos, não me bastava.

Tinha de a ver para saber que a vira.

Ela pareceu compreender a minha angústia porque, depois de

espreitar de novo a furgoneta que a aguardava, deitou as
mãos ao

chador e, com gestos lentos e precisos, retirou o capuz que
a

cobria.

Vi-a.

Sorriu para mim, um sorriso doce a derreter-se de
melancolia

trágica.

Depois, e sempre com os mesmos gestos pausados e
tranquilos, voltar

a pôr o capuz do chador, virou-me as costas e recomeçou a
caminhar

de regresso ao destino que a vida lhe escolhera.

E eu fiquei pregado ao chão, desamparado, a respiração
suspensa, o

coração a ribombar com inopinada

violência, os olhos marejados de

lágrimas amargas de saudade, a alma esfaqueada pela
perda que sabia

ser definitiva.

Só quando a furgoneta desapareceu sob a densa nuvem de
poeira que

os seus pneus levantaram na estrada de terra batida é que fiz meia

volta e retomei o caminho de regresso ao jipe.

Na mente levava cravada a ferro em brasa a cara de Marjan, não

aquela que a minha memória fixara no tempo em 1916, mas esta nova,

na verdade velha, gasta pelos anos e

carcomida pela violência em Ras-al-Ayn e pela dureza da vida nestes desertos da Síria.

Foi precisamente nesse instante, enquanto me encaminhava para o

jipe e revia na memória o novo rosto de Marjan, que tive a epifania

da resposta à velha interrogação do meu 661

pai, aquela que ele formulou no vapor matinal para Constantinopla e

nos bancos da escola e que o perseguira a vida inteira em museus e

galerias e antiquários e florestas até a levar

enfim para o leito da morte.

O que é a beleza?

Havia muitas maneiras de responder a esta pergunta muito mais

fundamental do que nos atrevemos a pensar.

Poderia dizer, e não estaria

necessariamente errado, que a beleza é a harmonia das coisas perante os sentidos.

Ou que a beleza é uma qualidade

subjectiva intuída por qualquer ser humano.

Ou que a beleza é tudo o que provoca prazer.

Ver o rosto envelhecido de Marjan, todavia, abriu-me uma janela

para uma resposta muito mais profunda do que tais banalidades.

Não se podia dizer que, para um

desconhecido que nunca a tivesse

visto antes, Marjan fosse agora uma mulher bela.

De modo nenhum, não! Ia a caminho dos sessenta, não passava de uma

velha que vira a juventude destruída nas estradas intermináveis da

Anatólia,

na

tenda

escura

onde

os

gendarmes

a

violaram

repetidamente, no campo de morte de Ras-al-Ayn, nas areias deste

deserto quente e inóspito que me rodeava

agora, acontecimentos e lugares que a moldaram e fizeram dela o trapo que é hoje.

Para mim, contudo, Marjan continua a ser bela.

Não há rugas, não há cabelos brancos nem olhar gasto que apaguem a

chama que ainda vibra dentro de mim.

Não há dúvida de que a amo e a amarei até morrer.

Isso não deixa de me espantar.

Como é tal coisa possível se da rapariga que conheci apenas resta

uma carcaça velha e decadente? Como se

explica que eu ainda veja beleza num rosto e num corpo que o tempo e a vida deformaram?

A realidade, a profunda realidade, é que por detrás daqueles olhos

cansados e daquela face enrugada e daqueles cabelos brancos e

daquele corpo entumecido destrincei a verdadeira Marjan, a moça

alegre e bela que há quarenta anos me enfeitiçou nas margens

verdejantes do Reno, a rapariga que a estrada um dia me roubou e

que só agora me devolveu para ma roubar

de novo.

Amo-a porque amo a verdade que há nela e é ela que me faz ver a

beleza.

O que é então a beleza?

Passaste a vida inteira, pai, à procura da resposta a esta pergunta

eterna, rodeaste-te de quadros e de esculturas e de tapetes e de

mansões e de florestas, procuraste-a nos pincéis de Rembrandt e nos

bosques de Sintra, nos tapetes de Isfahan e na mansão da avenue

d'lena, e fui eu, eu e não tu, que a vim

encontrar neste cruzamento poeirento, perdido algures
numa colina árida do deserto da Síria,

vergastado pela areia que o vento teimava em acicatar
contra mim.

Vim encontrar a resposta, imagina, por debaixo de um
chador.

A beleza é a cor de que se pinta a verdade.

Nota final

Embora não se trate de biografias, O

Homem de Constantinopla e Um

Milionário em Lisboa são dois romances que se inspiram na
vida e na

obra do multimilionário arménio Calouste

Sarkis Gulbenkian, o grande arquitecto do negócio do
petróleo e renomado coleccionador

de arte, para tecer uma ficção sustentada em factos
verídicos.

Como base bibliográfica, não posso deixar de referir as
obras

Calouste Gulbenkian - Uma

Reconstituição, de Francisco Corrêa Guedes; Calouste
Gulbenkian

Coleccionador, de José de Azeredo Perdigão; Calouste Sarkis Gulbenkian

- O Homem e a sua Obra, de Astrig Tchamkerten; O Senhor Cinco por

Cento, de Ralph Hewins; The Prize, de Daniel Yergin; e Portrait in

Oil - The Autobiography of Nubar

Gulbenkian.

, de Nubar Gulbenkian.

Igualmente como fontes, destaque para Orient Express - The Life and

Times of the World's Most Famous Train, de E.

H.

Cookridge, e Fifty Years in Constantinople and Recollections of

Robert

665

College, de George Washburn.

Importantes

foram

também

La

Transcaucasie

et

la

péninsule

d'Apchéron - Souvenirs de voyage, do próprio Calouste Gulbenkian,

bem como a resenha que ditou sobre a sua

vida profissional para um dos processos judiciais em que esteve envolvido.

Ainda "Mystery Billionaire", o artigo de Robert Coughlan publicado

na Life de Janeiro de 1951; Saint-John Perse et Calouste

Gulbenkian, de Roberto Gulbenkian; Aviz

- Uma História de Lisboa,

de Jill Jolliffe; e Fernando Fonseca -

Memória de Um Médico

Ilustre, obra colectiva coordenada por Silveira Botelho e Xavier de

Brito.

As referências ao genocídio arménio resultam de consultas dos

livros Armenian Golgotha - A Memoir of the Armenian Genocide,

1915-1918, de Grigoris Balakian; The Road from Home, de David

Kherdian; Vergreen - A Survivor of the Armenian Genocide, de Mac

Derdarian; The Knock at the Door - A Journey Through the Darkness

of the Armenian Genocide, de Margaret Ajemian Ahnert; Survivors -

An Oral History of the Armenian

Genocide, de Donald Miller e Lorna

Tourian Miller; e A Shameful Act - The Armenian Genocide and the

Question of Turkish Responsibility, do historiador turco Taner Akçam.

Agradecimentos por fim a Michael

Gulbenkian, pelas informações que me deu sobre o seu tio-avô Calouste; a José Pedro Dantas Perdigão,

que me facultou o seu testemunho e ainda material sobre o seu pai,

José de Azeredo Perdigão, e sobre Calouste Gulbenkian, em particular a sua passagem por Lisboa; a

Xavier de Brito, assistente de Fernando Fonseca no tempo em que Gulbenkian era paciente do

médico português; a João Paula da Silva, filho do mordomo do Aviz,

Aníbal do Espírito Santo Silva; a Paula Colaço, da Câmara de Sintra, pelas informações sobre a Quinta da Amizade; a

666

Ali Akça e a Mehmet Celan Demirel, da Associação de Amizade

Portugal-Turquia, que me levaram pelo itinerário de Calouste

Gulbenkian no Império Otomano; a Aram Atesyan, patriarca da Igreja

Arménia na Turquia; a Guilherme Valente e toda a equipa da Gradiva;

e, claro, à Florbela, a minha primeira leitora.

E obrigado a si, amigo leitor.

Estou contente por viver aqui,

o ambiente é calmo, encantador,

e acrescentarei que ao fim de tantos anos testemunhei nestas paragens os olhares mais tocantes,

e acabei por aprender a amar este país

com muita sinceridade.

Calouste Gulbenkian Lisboa, 1950

Fim